

C R I S T I N A A G U I A R

OS TRONOS DA LUZ
~ II ~

AS ÁRVORES

SAGRADAS DE NOD





AS ÁRVORES SAGRADAS DE NOD

PRÓLOGO A Profecia Perdida

A Ilha dos Profetas era um lugar calmo e tranqüilo, quase paradisíaco. A cidadela crescera em volta do Monastério, local onde os profetas faziam seus estudos, já que se compunha de um enorme acervo de escritos antigos. Todos aqueles que desenvolviam dons de visão eram enviados para lá, desde a época dos Primeiros Tronos. Por um tempo, quando a Terra de Hedhen ainda era assolada por Atalia e pela força maligna de Babilos, aquela Ilha tornou-se abandonada e em ruínas. Mas, com a restauração dos Tronos, ela voltou a renascer. Hulda e Miriam, duas profetisas que participaram diretamente da batalha, tomaram para si a tarefa de administrar uma escola de profetas a partir dali.

Hulda sentia-se realizada com a nova função, mas contava sempre os dias para a Festa da Celebração, que substituíra a antiga Festa do Solstício. Era uma festa em que todos se reuniam na Cidade Dourada, antigamente conhecida como Salema, para relembrar com alegria a vitória dos Luminares, e o início de uma era de luz e justiça. Significava também a sua oportunidade de rever Deborah e Jael, suas filhas de coração e adoção. Vê-las fortes, belas, com os filhos e os maridos, era uma realização que superava qualquer outra já almejada por Hulda, principalmente depois de toda a luta que foi feita para que aqueles dias fossem reais. O dia tão esperado aproximava-se. Ela e Miriam faziam os preparativos para deixar tudo em ordem na Ilha. Pessoas responsáveis se encarregariam da administração na ausência delas. No momento, entretanto, elas aproveitavam a vista do mar, caminhando pelo cais e sentindo a brisa quente nos cabelos. Falavam sobre suas expectativas para a Décima Celebração e sorriam despreocupadas. Parecia um dia perfeito, mesmo com as pequenas nuvens de chuva que se formavam no horizonte.

— Senhora Hulda! Senhora Hulda! — o grito vinha de longe, mas se aproximava aos poucos.

Hulda virou-se e viu um rapaz que corria pela areia. Pela roupa, era um dos aprendizes dos escribas.

— O que houve rapaz? — ela perguntou, quando ele parou na sua frente. — Por que corre assim?

Ele tomou fôlego para falar.

— Esdras, o chefe dos escribas, mandou chamá-la com urgência.

Hulda trocou um olhar preocupado com Miriam.

— Urgência? Pensei que essa palavra não fizesse mais parte de nossa realidade — disse Miriam em tom de brincadeira.

— Tem razão, minha amiga. Mas, se ela surgiu, não deve ser ignorada.

Hulda voltou-se para o rapaz

— Volte e diga ao seu chefe que nós estamos a caminho. Não podemos correr como você.

O rapaz se foi na mesma hora, após fazer uma breve reverência às duas mulheres.

A Biblioteca funcionava em um nível abaixo do solo do Monastério. As duas profetisas desceram com muita pressa a escada que conduzia ao arquivo principal. Ali, milhares de pergaminhos antigos estavam empilhados em prateleiras e, gradualmente, sendo organizados por tema e data, pelos jovens aprendizes de Esdras. Miriam levou a mão ao nariz e tossiu por causa do cheiro antigo exalado pelos papéis. Hulda ia caminhando na frente. Ela parou diante de um aprendiz que tentava restaurar uma folha amarelada.

— Onde está Esdras?

O rapaz a olhou com respeito e apontou para o final da sala.

— Ele está trancado na Sala das Origens desde ontem à noite. Só saiu de lá para chamar um dos aprendizes.

As mulheres agradeceram e seguiram até a porta de madeira que se encontrava semi-aberta. Elas sabiam que a Sala das Origens era o local onde estavam guardados os documentos mais antigos, relacionados à primeira era dos Tronos. Os velhos sábios também diziam que todo o Monastério fora construído a partir daquela sala. Era o aposento de maior antiguidade, o primeiro a ser construído. O que Esdras poderia ter encontrado por lá?

Elas entraram.

— Esdras? — Hulda chamou o amigo, que não podia ser visto em meio a tantas prateleiras.

— Hulda, entre! — uma voz gritou lá do fundo da sala. — Estou aqui, na mesa de estudos.

Hulda e Miriam sorriram ao ver o raquítico velhinho trabalhando de maneira feroz em cima da folha de um rolo de pergaminho.

— O que há de tão urgente nessa folha, Esdras? — Hulda perguntou sorrindo.

Quando ele ergueu os olhos, ela sentiu o sorriso murchar. Algo estava errado. Havia medo nos olhos de Esdras, ou era apenas impressão sua?

— Uma Profecia — ele falou pausadamente.

Hulda e Miriam saíram da Biblioteca com o coração aos pulos. Nas mãos de Hulda estava um documento que ela nunca pensou que pudesse existir. Um documento que poderia mudar o conceito que tinham do mundo no qual viviam.

— O que vamos fazer agora? — Miriam perguntou.

— Levaremos isso conosco para a Cidade Dourada.

— Mostrará isso para os Luminares? — Miriam parou quando chegaram ao jardim do Monastério.

Hulda suspirou e apertou o rolo contra o peito.

— Não antes de mostrá-lo aos sacerdotes.

— Mas, Hulda, os Tronos são maiores do que os sacerdotes. Barak e Deborah saberão o que fazer.

Hulda balançou a cabeça.

— Não, Miriam. Eles talvez não estejam preparados para o que tem aqui.

Miriam sorriu para a amiga.

— E como, minha amada Hulda, você espera esconder isso de Deborah? Ela vai ler o seu coração como se ele estivesse escrito com tinta.

Hulda suspirou.

— Eu sei Miriam. É por isso que nós devemos partir o quanto antes.

Miriam franziu o cenho.

— O que pretende fazer?

— Em primeiro lugar, vamos tentar falar com Nathan.

Dentro do jardim do Monastério, havia uma área fechada por uma cerca viva. Hulda deu duas batidas na porta de madeira, e ela foi aberta por uma mulher idosa e sorridente. Era a responsável pela manutenção daquela parte do jardim.

— Como vai, Safira? — perguntou Miriam. — Recebeu as mudas que mandei lhe entregar?

— Oh, sim, minha senhora. Eram plantas raras. Escolhi um bom lugar para elas.

Hulda sorriu para a mulher, e seguiu o labirinto de plantas que levava até um poço em forma de cálice. Um pequeno portão de ferro era o único obstáculo para se chegar ali. Hulda retirou a chave, que trazia pendurada ao pescoço, e abriu o portão. Ela e Miriam entraram.

Os poços das visões, após a restauração, voltaram a ter a função que tinham na era dos Primeiros Tronos. O poço de Hazorah e o poço da Cidade

Dourada não eram mais os únicos a funcionar naqueles tempos de paz. Nathan havia recolhido a água do poço que ficara sob a sua guarda no deserto, e construiu um poço em Babilos. Parte dessa água foi enviada com Hulda para a Ilha dos Profetas. Dessa forma, as comunicações eram mantidas entre eles.

Hulda aproximou-se das águas paradas e elevou o seu pensamento para Babilos. Ao tocar na água, esta formou ondas até surgir, pouco a pouco, a imagem de um homem. Nathan. O sacerdote baixinho sorriu ao ver quem o havia chamado.

— "Hulda, minha amiga! O que eu posso fazer por você, que não pode esperar o nosso encontro na Cidade Dourada?"

Ela rapidamente expôs o problema para ele. Nathan ficou sério e Hulda achou que se não fosse a água teria percebido a palidez que o acometera.

— "Você tem certeza de que esse documento é confiável? Não poderia ser uma brincadeira?"

— Nathan, ele foi encontrado entre os tijolos de uma parede que fora construída em tempos antigos! Era uma parede intocada. Ele só foi descoberto, porque Esdras ordenou uma reforma para ampliar a Sala das Origens. Não há dúvidas. O material é o mesmo da Profecia que você tanto estudou.

Ele deu um longo suspiro e bateu as mãos uma na outra.

— "Venha para Babilos. Precisamos analisar o que está escrito nesse documento. Se é tão grave quanto diz, Deborah e Jael precisam se preparar para um novo golpe do destino".

— Partiremos pela manhã. Não deixe que ninguém saiba que estamos indo.

Quando a comunicação foi cortada, as duas mulheres se olharam com pesar.

— Mais uma vez, a Profecia pede um preço muito alto — disse Hulda.

— Mas quem poderia imaginar?

Sim, quem poderia imaginar uma Profecia que nem mesmo os mais altos sacerdotes de Hedhen conheciam? O que se poderia esperar dela? Quais seriam seus efeitos num mundo restaurado?

Babilos não lembrava em nada a cidade obscura e opressiva que existiu. Era agora uma cidade restaurada, cujo povo vivia em paz e prosperidade. O antigo palácio tornara-se um local de estudos para os sacerdotes. Sua cor era clara e reluzia na luz do sol. Árvores foram plantadas e flores enfeitavam o jardim no que antes era o pátio do palácio. Nathan e Otoniel o administravam de uma maneira brilhante. As prisões foram transformadas em salas para os escribas, e seus corredores escuros receberam a iluminação adequada. As

forjas, assim como ocorreu com a Montanha de Ferro, foram soterradas. O calor que emanava delas proporcionaria campos férteis para os camponeses. A Pedra do Céu foi a única coisa que permaneceu da Babilos antiga. Encravado na rocha bruta, o material era estudado pelos sacerdotes. Estes descobriram que a pedra possuía uma incrível fonte de energia, a qual, sendo usada da maneira correta, poderia servir para vários fins. Esses fins, no entanto, ainda estavam em fase de estudo. Era um material delicado para se trabalhar, e ainda suscitava algum receio ao ser manipulado. Finéias gostava de ficar junto com os escribas. Ele considerava-se novo no aprendizado da Profecia, portanto, Otoniel lhe outorgou a administração de todos os escritos que lá entrassem. Após ele liderar o julgamento que quase matou Jael, a Luminar da Estrela, a redenção era o único caminho que ele buscava. E ali, entre os escritos antigos, ele encontrou a paz que tanto precisava.

Quando a carruagem que trazia as profetisas parou em frente ao antigo palácio, que agora era chamado de Escola do Saber, Nathan foi ao encontro delas.

— Hulda! Miriam! Como me alegro com a presença de vocês — ele falou, enquanto abraçava as amigas.

— Nathan, sua cidade é impressionante! — disse Miriam. — Aquelas casas coloridas, o rio canalizado, as praças e as flores... Nada lembra o que foi Babilos um dia!

— Minha cidade? — ele ergueu as sobrancelhas com um ar divertido.

— Sim, meu amigo. Você trouxe a luz para esse lugar anteriormente tão cheio de trevas.

Ele sorriu agradecido e pegou as amigas pelos braços.

— Vamos entrar. Após um merecido descanso, teremos muito que conversar.

Hulda parou e o olhou com gravidade.

— Para dizer a verdade, eu prefiro descansar depois, meu amigo.

Dessa forma, eles se dirigiram a uma sala reservada com uma mesa comprida no centro. Otoniel os esperava lá dentro. Ele as abraçou e Hulda admirou-se do seu aspecto mais sereno. Ele não parecia mais aquele sacerdote carrancudo que discordava de tudo.

— Eu estava ansioso para vê-las — ele disse. — Nathan não me contou o assunto que as trouxe aqui.

Hulda suspirou.

— Nesse caso, sugiro que sentemos para que eu possa contar toda a história.

Hulda contou-lhes sobre a descoberta de um rolo antigo, contendo uma Profecia desconhecida para eles. Contou-lhes como se deu o processo dessa descoberta, através de uma reforma efetuada no Monastério da Ilha dos Profetas, e sobre o local em que fora encontrada.

— Tudo já foi cumprido — disse Otoniel com seu ceticismo costumeiro. — O que mais poderia haver?

Nathan olhou para Hulda.

— Você leu toda a Profecia, Hulda?

Ela balançou a cabeça afirmativamente.

— Ela tem relação com os Luminares? — Otoniel perguntou. — Tem relação com uma nova mudança na ordem já estabelecida?

Miriam segurou a respiração e tomou a palavra.

— De certa forma, os Luminares estão envolvidos. Quanto à mudança, ela é assegurada pela Profecia Perdida, não há dúvidas disso... Mas não para essa terra.

Os dois homens a olharam, extremamente confusos.

— Suas palavras são obscuras, Miriam — Otoniel respondeu. — Poderia ser mais clara?

Miriam olhou para Hulda, que assumiu novamente a explanação.

— O que Miriam está dizendo, Otoniel, é que a Profecia relaciona-se com uma terra desconhecida para nós. Uma terra localizada além do Grande Mar. Uma terra que pertenceu a Hedhen, mas foi separada dela quando os Primeiros Tronos caíram.

Os dois homens se entreolharam.

— Desconheço a existência de qualquer terra além da nossa. E você, Nathan?

— Faça minhas as suas palavras.

Otoniel virou-se para as profetisas e apoiou o queixo sobre as mãos, com os cotovelos sobre a mesa. Hulda sorriu ao observar o gesto característico do amigo.

— Se está relacionada à outra terra, por que deveríamos nos preocupar? Talvez tenha surgido na Ilha por acidente.

Hulda deu um longo suspiro.

— Ela diz claramente que a luz dos Tronos deve ser levada adiante, a fim de dissipar as trevas que se alastram. Caso contrário, elas crescerão cada vez mais, e corremos o risco de ver novamente a escuridão invadir nossa terra abençoada, caso não tomemos uma atitude.

— E se isso acontecer - prosseguiu Miriam, — envolverá uma escuridão

muito maior do que a que foi eliminada do nosso meio, pois já terá encoberto uma terra inteira quando chegar aqui.

Os quatro ficaram em silêncio por algum tempo, refletindo na dura realidade.

— Qual é o papel dos Luminares, dentro dessa "Profecia Perdida"? — Nathan perguntou

Hulda baixou os olhos e cruzou as mãos, antes de responder.

— Ela diz que no tempo certo, a Luz deverá chegar através do mar, na forma de Duas Árvores.

Otoniel balançou a cabeça, visivelmente confuso.

— Eu não compreendo. Duas Árvores? Deveremos mandar duas árvores para serem plantadas em uma terra desconhecida?

Nathan suspirou. Ele compreendeu o significado, pois estava ciente de algo que Otoniel ignorava.

— Meu amigo, essas palavras da Profecia não poderiam ser mais claras. Você sabe que Deborah e Jael tiveram seus filhos no mesmo ano. Durante a festa da Terceira Celebração, nossas meninas vieram me procurar para resolver um enigma. Ambas haviam observado que seus respectivos filhos portavam uma estranha marca nas costas. Essa marca não havia lhes chamado a atenção até aquele ano, pois até então, não era tão visível.

— Como o sinal dos Luminares? — Otoniel perguntou preocupado.

— Sim, no entanto, as marcas são idênticas e possuem a forma de folhas de oliveira. Eu prometi que estudaria o caso, mas nada encontrei que pudesse ajudá-las.

Ele apontou para o rolo velho e amarelado em cima da mesa.

— A resposta parece que estava ali o tempo todo. Não poderia ser mais claro. Pelo menos, não para mim.

Otoniel levantou-se e caminhou até a janela.

— São duas crianças, Nathan. Mal completaram dez anos.

— A Profecia especifica um momento especial para começar a se realizar — disse Hulda.

Otoniel virou-se para ela.

— Quando ambos completarem dezesseis anos, o tempo começará a ser contado — Miriam completou.

Otoniel fechou os olhos e lembrou as cenas grotescas do sacrifício de Deborah e do sofrimento pelo qual ela teve que passar, para concretizar o cumprimento da Profecia conhecida por eles.

— Diga-me, Hulda, existe uma Profecia oculta além dessa? Ou o

destino desses dois jovens está descrito de uma forma clara?

Mais uma vez, houve o silêncio. A Profecia Selada foi um peso para cada um deles, após a sua revelação pelas mãos de Deborah.

— Está tudo aqui, Otoniel — disse Hulda. — Não há nada oculto, e eu temo o momento de ter que revelar tudo aos pais.

— A Profecia exige o que eu estou pensando, então?

O silêncio que se instalou poderia ter servido como um "sim".

Capítulo 1

Sonhos

A Cidade Dourada estava em festa com os preparativos para a Décima Celebração. Mercadores, caravanas e delegações começavam a chegar e se estabelecer pelos arredores. As hospedarias já estavam cheias. Isso significava que muitos acampamentos seriam levantados ao redor da cidade. Da janela da torre, Eva olhava ansiosa em direção as colinas que marcavam o caminho de onde chegavam às caravanas. Ela aguardava ver o azul escuro das roupas quenitas. Não apenas pelo prazer de rever os tios, que eram heróis para ela, mas queria acima de qualquer coisa, rever Davi. Ela achava impossível que alguma coisa no mundo pudesse separá-los. Nem mesmo a distância era capaz de fazer isso. Ela estava sentada perto da grade e atrás dela estava o poço das visões. Ela sorriu ao pensar que os pais dependiam daquela água para se comunicar com outros lugares, enquanto ela precisava apenas fechar os olhos e elevar o seu pensamento para o primo querido. Nesse momento, ela ouviu a porta se abrir. Era Rute, uma das guerreiras mais bonitas do exército, segundo a sua opinião. A moça tinha longos cabelos avermelhados e os olhos verdes como esmeraldas. Ela aproximou-se e sentou-se na sua frente.

— Sua mãe não vai gostar de saber que está aqui — a voz de Rute era gentil.

Apesar de tudo no palácio ter sofrido uma reforma, inclusive a torre, as lembranças da morte de Atalia naquele lugar ainda estavam vivas na mente de Deborah. As janelas em volta agora tinham grades douradas. Todo o aposento era branco com pinturas de plantas decorando as paredes, mas totalmente destituído de decoração. Apenas o poço, no centro, permanecia intocável.

— Daqui eu posso ver a estrada.

Rute passou a mão pelo cabelo da menina.

— Você não quer cavalgar comigo?

Os olhos de Eva se acenderam de excitação.

— Você me levaria até as colinas?

— Claro! Só quero tirar você daqui, antes que Deborah a encontre.

Rute levantou-se e estendeu a mão para a menina. Quando elas desciam pela escada, Eva parou e olhou com seriedade para a guerreira.

— Por que minha mãe não gosta que eu venha para a torre?

— Acho que ela ainda mantém certas lembranças sobre esse lugar. Lembranças que ela quer esquecer.

Elas continuaram a descer sem tocar mais no assunto.

Deborah as encontrou no caminho para a estrebaria. Eva correu para a mãe que a ergueu no ar sem dificuldade. Eva agarrou-lhe o pescoço e lhe deu um estalado beijo.

— Depois dessa acolhida eu decidi não perguntar onde você estava - disse Deborah, rindo.

— Posso ir cavalgar com Rute, mamãe?

Deborah olhou para a moça que acompanhava a filha e sorriu. Mesmo tendo se tornado uma mulher e uma de suas melhores guerreiras, Rute ainda era sua "pequena Rute".

— É claro, minha querida. Mas não lhe dê muito trabalho, está bem?

— Não precisa se preocupar, Deborah — disse Rute. — Você me ensinou a como lidar com menininhas geniosas.

As duas riram, sabendo que Rute estava se referindo a ela mesma. Quando elas se afastaram, Deborah contornou a enorme fonte que fora colocada no meio do pátio. A água, canalizada do rio, fluía através das asas abertas de uma enorme águia de pedra. Dessa forma, a água caía na fonte em forma de chuva. Ela subiu a escadaria e foi em direção a Sala dos Tronos. Barak recebia alguns líderes de caravana que traziam presentes e, pelo semblante do marido, ela percebeu que ele parecia cansado. Após ele se despedir de um caravaneiro do oriente ela sentou-se ao seu lado, antes que entrasse a próxima delegação.

— Por que não deixa comigo, agora? — ela pôs a mão sobre a dele. — Vai acabar dormindo durante um discurso.

Ele a olhou com um brilho nos olhos. Era sempre do mesmo jeito. O amor entre eles apenas aumentava a cada dia.

— Faria isso por mim?

Ela inclinou-se e o beijou nos lábios.

— Confie na sua rainha.

— Eu irei, se me prometer uma coisa — ele falou com a voz rouca.

— O quê?

— Alvorada e Bruma estão precisando de exercícios.

Deborah sorriu.

— Eu já mandei selá-los.

Ele a olhou com surpresa.

— Acho que tivemos pensamentos iguais — ela disse. — Mas, deixemos a cavalgada para o fim do dia. Agora, você precisa dormir um pouco. Até mesmo o sol se põe para dar lugar à lua.

Era fim de tarde quando o acampamento foi montado. As tendas coloridas encheram o lugar. Era o mesmo campo onde o exército de Hazorah havia acampado antes de começar o cerco de Salema. Os Queneus viajavam para a Cidade Dourada em uma grande caravana. Davi invadiu a tenda dos pais com o olhar carrancudo e os braços cruzados. Héber sorriu ao ver o filho zangado e impaciente, exatamente como a mãe. Ele estava sozinho na tenda, terminando de polir a madeira escura para um novo arco.

— O que foi filho? Algum mosquito lhe picou?

Davi procurou não olhar muito para aquilo que o pai estava fazendo. Ele ansiava pelo dia em que teria um arco só seu.

— Por que paramos aqui? A Cidade Dourada está muito perto. Poderíamos chegar lá hoje mesmo.

Héber olhou para ele com seriedade. Ele já havia percebido que o filho não gostava de ser tratado como criança, e procurava falar com ele de homem pra homem.

— Nem todos os queneus ficarão hospedados no palácio, meu filho. Além disso, nossas tendas são muito numerosas e não encontrariam espaço no perímetro da cidade. Faremos desse lugar o nosso acampamento, e amanhã aqueles que vão ficar na Cidade Dourada seguirão viagem.

Davi abriu a boca para falar, mas Héber foi mais rápido.

— Existe também o problema dos cavalos. Sei que você entende que eles precisam descansar, não é? Tem recebido muitas lições com Jafé.

Querendo impressionar o pai, Davi foi obrigado a concordar com ele.

— É claro que eu pensei nos cavalos, pai — ele disse, sentando-se com os olhos fixos na madeira escura. — Esse arco vai ficar bonito.

— Eu sei — Héber voltou a sorrir.

— Onde está a mamãe?

Héber ficou sério.

— Na tenda de Jabez. Ele é o mais velho entre os anciãos e está doente. Só veio conosco porque queria ver a Cidade Dourada mais uma vez. Parece que ele piorou durante a viagem.

Ele notou que o rosto do filho assumiu uma máscara de compaixão.

— Gosto de Jabez. Ele sempre me chamava para sentar junto as outras crianças, e ouvir histórias da Primeira Era dos Tronos.

— Por que não vai até lá? Ele vai ficar feliz em ver você.

Davi sorriu para o pai e saiu correndo.

No caminho para a tenda do ancião, Davi encontrou a mãe que vinha na sua direção. Ele parou e ficou esperando, sentado na grama. Ela era linda, mesmo estando abatida. O garoto se orgulhava da mãe que tinha e não via vergonha por demonstrar isso em público. O desânimo no rosto dela, entretanto, o deixou vacilante. Ela sorriu ao vê-lo e sentou-se ao seu lado.

— O que o meu pequeno príncipe está fazendo aqui?

— Papai me falou de Jabez. Ele vai conseguir ver a Cidade Dourada, mãe?

Jael suspirou.

— O coração dele deseja isso, Davi. Mas o corpo responde de outra forma. Ele já está muito velho, mesmo para a bênção de longevidade que repousa sobre nós.

Davi deitou-se no colo da mãe.

— Eu gosto dele. Não queria que ele morresse.

Jael enterrou os dedos nos cabelos encaracolados do filho.

— Ele já viveu muitos anos, querido. Está pronto para ir juntar-se ao Pai-Criador, e descansar no vigor da eternidade.

O menino fungou. Ele não gostava que o vissem chorar.

— Vou sentir falta dele.

— Então, vá dizer isso pra ele.

Ele a olhou com os olhos úmidos.

— Não sei se tenho coragem, sabendo que ele vai morrer.

Jael beijou as faces molhadas do filho.

— Existe alguma coisa especial que você gostaria de dizer a ele?

Davi balançou a cabeça afirmativamente.

— Não espere até que seja tarde demais, filho. Vá, e eu ficarei aqui esperando você.

Jael viu o filho caminhar até a tenda do ancião. Os passos dele eram hesitantes, mas não pararam em nenhum momento. Ela aproveitou para enxugar os olhos. Sentia um profundo apreço por todos os anciões da tribo. Eles a receberam desde o início como substituta do avô na liderança dos Queneus. Era como se alguém da família estivesse partindo. Após algum tempo, ela viu o filho sair da tenda e correr de volta até onde ela estava. Ele ajoelhou-se diante dela, ofegante.

— Eu disse o que tinha no meu coração - ele falou. - Jabez sorriu e pegou na minha mão. Ele me agradeceu mãe.

— Posso saber o que disse pra ele?

— Eu disse que ia sentir muitas saudades, mas que ele sempre ia estar vivo aqui dentro — ele pegou no coração. — Eu o manteria vivo através dos ensinamentos que ele me deu. Eu disse também que ele não precisava se preocupar, pois eu teria sabedoria em minhas ações. Dessa forma, ele poderia descansar tranquilo junto ao Pai-Criador.

Jael emocionou-se com as palavras do filho e o abraçou.

— Você vai ser um homem sábio, meu Davi.

Ela levantou-se e o tomou pela mão.

— Agora, vamos voltar. Não gosto de deixar o seu pai sozinho por muito tempo.

Eva acordou com um beijo no rosto. Era sua mãe. Ela e o pai sempre passavam para lhe desejar boa noite antes de dormir. A menina sorriu ainda sonolenta.

— Onde está papai?

— Está lá embaixo. Sangar chegou essa noite e os dois estão conversando e relembrando suas aventuras.

— Eu vi vocês cavalgando hoje, durante a tarde.

Deborah acariciou a trança loira da filha.

— Por que não foi se juntar a nós?

— Já estava voltando e me sentia cansada.

— Então, é melhor voltar a dormir.

Eva agarrou a manga de Deborah, antes que ela se levantasse.

— Pode ficar mais um pouco?

Deborah sorriu e deitou-se ao lado dela.

— Algo a perturba, minha filha?

— Tenho tido sonhos estranhos, mamãe.

— Que tipo de sonhos?

Eva virou-se de lado para olhar a mãe nos olhos.

— Eu sonho com o mar quase todas as noites — ela falou sem piscar os olhos. — Apesar de nunca termos ido até o Litoral, eu via e ouvia as ondas batendo em um grande barco. O barulho das ondas pareciam se transformar em lamentos. Vozes chamavam o meu nome.

Nesse ponto, a menina estremeceu e aconchegou-se nos braços da mãe. Deborah a apertou, sentindo-a tremer. O sonho a assustava, mas por quê?

— Não sei o que isso pode significar Eva. Talvez não seja nada demais.

Pode ser apenas um desejo de ver o mar.

— O mar não me assusta tanto quanto as vozes. Algumas gemem e clamam, mas outras parecem raivosas. São essas as que me assustam.

Deborah suspirou.

— Talvez Salum possa ajudar a decifrar isso.

— Pode ficar comigo, mamãe? Não quero sonhar de novo. Com você aqui, eu me sinto protegida.

— É claro, minha filha.

Elas ficaram em silêncio até que Deborah sentiu a respiração da filha ficar mais profunda. Ela decidiu que falaria com Salum assim que acordasse. Antes que percebesse, porém, estava dormindo também. Quando Barak entrou para desejar boa noite para a filha, encontrou as duas abraçadas em sono profundo. Ele ficou contemplando-as durante um longo tempo. Sem querer acordá-las, ele deitou-se no espaço da cama que estava sobrando e compartilhou o seu sono com elas.

Sangar, ao sair do palácio, encontrou Noa a sua espera. Ele parou no alto da escada, admirando a esposa e desejando que um dia eles pudessem ter uma vida normal. Ele desejava tê-la por perto o tempo todo e ter muitos filhos, mas o chamado e a responsabilidade de ambos haviam tomado rumos diferentes. Sangar encontrou em Quedes um lar, e o povo da floresta o acolheu como líder sem questionar sua origem. Noa, entretanto, tinha obrigações sérias para com a Ordem de Zelofoade. Ela e Maalá compartilhavam os segredos e a história que envolvia a fundação da Ordem desde a sua origem. Um grupo de guerreiras-sacerdotisas. Esse conhecimento deveria ser passado adiante enquanto elas vivessem. Ela não podia, simplesmente, decidir deixar tudo para trás. Não era tão simples assim. Ela subiu os degraus e atirou-se nos braços dele. O marido a envolveu em um abraço apertado e a beijou apaixonadamente.

— Eu gostaria de ter o dom da visão, para senti-lo chegar - ela sussurrou.

— Podemos pedir um pouco da água do poço das visões - ele sugeriu. - A floresta de Quedes já iniciou a construção de um poço.

Ela sorriu maravilhada, pois a Ordem era responsável pelo templo e possuía um pequeno tanque com água do poço.

— Seria maravilhoso, Sangar. Poderíamos nos falar todos os dias.

— Eu sei que esse pedido não nos será negado.

Ela ficou séria de repente.

— O que foi? — Sangar perguntou.

— Não sei se vou agüentar essa situação por muito tempo. Eu amo a

Ordem, mas também amo você. Ainda quero ter filhos com você, Sangar.

— Ter você ao meu lado é o que eu mais quero no mundo, Noa. No entanto, eu não quero interferir na sua decisão. Isso também não vai me fazer duvidar do seu amor.

Ela ia falar mais alguma coisa, quando ele a beijou novamente.

— Não vamos perder tempo com decisões que ainda não tomamos. À distância não nos impede de ter filhos, minha querida. Não gostaria de tentar começar uma nova tribo esta noite?

Ela riu.

— Adoraria. Deixemos os assuntos sérios para depois.

Miriam viu Rute e Rebeca se aproximando a galope. Ela estava tentando cortar lenha, mas a dor nas costas não deixava. A mulher largou o machado e soltou um gemido. Rute percebeu e saltou do cavalo.

— Mãe, o que foi? — ela perguntou, enquanto corria até Miriam.

— Minhas costas, querida. Acho que dormi de mau jeito.

Rebeca aproximou-se e pegou o machado no chão.

— Deixe isso comigo, Miriam — ela disse. — Entre e descanse.

Rute sorriu agradecida para a amiga e ajudou a mãe a entrar em casa.

— Falarei com Deborah amanhã - disse Rute. — Ela poderá curar suas costas.

— Não perturbe a rainha com problemas bobos, Rute — Miriam sentou-se na cama.

— Por que é tão teimosa mãe? Sabe que Deborah não se importaria de vir.

— Eu sei, mas as coisas mudaram Rute. Não podemos esperar que ela tenha tempo para isso.

Rute suspirou.

— Sabia que ela pergunta pela senhora todos os dias quando me vê?

Miriam a olhou com desconfiança.

— Mãe, sabe que eu não minto. É a verdade.

Rebeca entrou e depositou uma pilha de lenha próxima à lareira.

— Obrigada, Rebeca — disse Miriam. — Vai dormir conosco?

— Não, Miriam. Gostaria muito, mas tenho que voltar para o Templo. É minha noite de vigília. Só vim porque Rute me convenceu a tomar um pouco da sua sopa.

Miriam sorriu.

— Há bastante para vocês duas. Coma o quanto quiser.

Miriam deitou-se e dormiu logo. Enquanto isso, Rute e Rebeca

sentaram-se a mesa para comer.

— Algo estranho está acontecendo, Rebeca — Rute mal havia tocado na sopa.

— O que quer dizer?

— Desde que os Luminares voltaram ao poder, toda a terra vive em prosperidade, paz, saúde. Entretanto, ultimamente têm acontecido fatos isolados que começam a gerar preocupação.

Rebeca balançou a cabeça, pensativamente.

— Entendo o que quer dizer. Houve assaltos na fronteira oriental, segundo algumas caravanas. Além disso, três cavalos nasceram mortos esse mês.

— E minha mãe, você sabe, não é a única a se queixar de falta de saúde.

Rebeca suspirou e cruzou os braços.

— Você tem alguma teoria sobre o que está acontecendo?

— É como se houvesse algum desequilíbrio na ordem.

— Uma ameaça?

Rute afastou o prato ainda cheio pela metade.

— Não ouse pronunciar que isso seria possível. Não depois de tudo o que foi feito para a restauração acontecer.

— Acho que deveríamos partilhar isso com Noa.

Rute balançou a cabeça.

— Deixe Noa fora disso. Sangar chegou hoje. Eles merecem ficar um tempo juntos sem ter nenhuma preocupação. Falaremos com Maalá, amanhã.

— Está bem, então. Pode ser que estejamos vendo coisas que não existem, afinal.

Eva acordou bem disposta. O sonho não havia voltado naquela noite e ela conseguiu dormir tranquilamente. Ela olhou para o lado e viu que a mãe não estava lá. Sua expressão passou da tranqüilidade para o desapontamento. Sua mãe, então, havia saído, deixando-a dormir sozinha, apesar do medo que estava sentindo?

— Nós passamos a noite com você, querida.

Ela virou-se para o outro lado e viu o pai, sentado numa cadeira perto da janela. Ele a olhava com um sorriso nos lábios.

— O senhor também dormiu aqui? — ela perguntou.

— Dormi, sim. Eu e sua mãe velamos pelo seu sono.

Eva sentou-se na cama e esfregou os olhos.

— Não tive pesadelos.

Ele sorriu e bateu as mãos no colo.

— Venha cá, princesa. Veja que dia lindo está fazendo.

Ela correu para o colo do pai. Barak a envolveu nos braços e cheirou os cabelos dourados da filha. Pela janela, podia-se ver o céu muito azul, cheio de nuvens que lembravam flocos de algodão.

— O sol já está alto — ela falou. — O senhor não tinha audiência hoje? Ele suspirou.

— Minha única audiência hoje é com você, Eva. Sua mãe me contou sobre os seus pesadelos.

— Para onde ela foi?

— Falar com Salum. Ela acha que ele pode ajudar a responder essas questões que envolvem os sonhos.

A menina virou-se e olhou para o pai. O homem mais bonito que ela já vira. Ele parecia sorrir com os olhos.

— O senhor tinha sonhos ruins, papai?

— Houve uma época em que eu tinha muitos sonhos assim, filha. Mas havia um motivo para isso. Existia um mundo cruel a nossa volta que nos fazia ter medo e invadia nossas mentes adormecidas. Mas agora vivemos em um mundo novo. Há paz, alegria, amor, conhecimento gratuito. O que poderia estar trazendo sonhos ruins para a sua cabecinha? É essa a pergunta que não conseguimos responder.

— Foi isso que mamãe foi perguntar a Salum?

— Isso mesmo.

Eva ficou séria e reflexiva. Barak achou que ela parecia muito com a mãe quando estava reclusa a esses momentos.

— Quer dar uma volta comigo? — ele perguntou.

— Quero! — a resposta foi imediata. — Para onde vamos?

— Que tal visitar Ana e Simeão, em Shilloh?

— Mamãe vai também?

— Ela disse que nos encontraria lá.

Eva abraçou o pescoço do pai e deu-lhe um beijo sonoro no rosto.

— Vou me arrumar, então.

— Faça isso, querida. Vou esperar você lá embaixo. E não se preocupe em comer, pois sei que Ana nos espera com um banquete!

Salum ouviu tudo o que Deborah lhe contou. Ele estava no Templo, na sala de leitura.

— Não sei o que dizer Deborah. Francamente, acho que pesadelos são coisas naturais, principalmente quando somos crianças. Há muitas novidades, e há também o desconhecido.

Deborah deu um longo suspiro.

— Os pesadelos dela são constantes, Salum. Eles se repetem e trazem imagens de lugares que Eva nunca viu. Isso não é normal.

— Acha realmente que há motivos para preocupação? O mal não tem mais lugar aqui. O que poderia acontecer?

Ela o encarou com seriedade.

— Por muito tempo eu vivi com medo do desconhecido. Ainda há um monte de coisas que eu desconheço, e que me assustam, simplesmente porque eu não encontro ninguém que me dê às respostas.

— Do que está falando? — Salum estava confuso.

— Minha filha nasceu com um sinal nas costas que eu não sei para que sirva. Ela tem pesadelos com vozes que a chamam através do mar. Isso poderia ter alguma ligação?

Salum sorriu e pôs suas mãos sobre as dela.

— Aquiete-se, Deborah. Não sofra por antecipação. Nem tudo que nos é desconhecido, é necessariamente mal.

Ela levantou-se e caminhou até a porta, voltando-se em seguida.

— Posso usar o poço das visões?

Salum a olhou com surpresa.

— Não precisa me pedir permissão para isso. Ele pertence mais a você do que a mim, apesar de estar dentro do Templo.

Salum a guiou até a sala onde ficava o poço.

Jabez morreu durante a noite. Seu rosto estava sereno, quando o encontraram pela manhã. Uma cerimônia foi feita em sua memória e Jael recitou um antigo poema quenita, que ele costumava ler para as crianças. Em seguida, seu corpo foi preparado para ser levado até a Cidade Dourada. Ele amava aquela cidade e seria lá o local do descanso de seu corpo material. Davi, apesar da ansiedade por chegar logo a Cidade Dourada, sentia a morte do velho amigo. Héber notou que o filho fazia força para não chorar e pôs a mão no seu ombro.

— Não é vergonha chorar pela morte de um amigo, filho.

O menino enxugou uma lágrima, mas manteve-se firme durante toda a cerimônia. No final, Jael juntou-se a eles e Héber a abraçou.

— Como se sente?

— Como se meu avô tivesse morrido. Eu vejo o velho Héber em cada um desses anciões. Eles me presentearam com a sua sabedoria, e a aceitação deles foi o que me deu coragem de assumir o meu lugar. Jabez era o mais velho e nunca deixou de me agradecer pelo fato de tê-lo feito líder do Conselho

Quenita. Mas também estou feliz por ele ter encontrado uma morte tranqüila.

Ela sentiu o filho pegar em sua mão.

— Eu me sinto como você, mamãe. Estou triste, mas também estou feliz, pois sei que ele está bem agora.

Ela inclinou-se e beijou a cabeça de Davi.

— Pelo menos eu sei que hoje posso lhe proporcionar alguma felicidade, querido.

Ele olhou para a mãe com ansiedade e ela sorriu.

— Hoje, antes do cair da noite, marcharemos para a Cidade Dourada.

Davi abraçou Jael com força.

— Obrigado, mãe!

Héber pôs a mão na cabeça do filho.

— Agora, que tal correr até a tenda e ver o que tem lá para você? Deixe-me aproveitar um pouco a companhia de sua mãe.

O menino saiu correndo em disparada sem olhar para trás. Jael deixou-se abraçar pelo marido, enquanto via o filho se afastar.

— Ele vai encontrar o que estou pensando?

O marido sorriu.

— Trabalhei naquele arco a noite toda.

Héber virou Jael de frente para ele.

— Acha que fiz o certo?

— Se você me assegurar de que vai ser o professor dele, eu ficarei tranqüila.

Eles caminharam até a tenda de mãos entrelaçadas.

— Deborah sabe que chegamos?

— Não.

Héber ergueu as sobrancelhas.

— Por que não disse a ela? Não conseguiu se comunicar?

Jael riu.

— Na verdade, foi um acordo feito entre Davi e eu. Nós resolvemos barrar qualquer tipo de comunicação durante o caminho, para que a surpresa fosse maior.

— A idéia foi sua ou dele?

— O que você acha? Se eu tivesse me comunicado com Deborah, ela certamente manteria segredo para Eva, caso eu lhe pedisse.

— Mesmo assim, você cedeu.

Ela deu de ombros.

— Acho que estou ficando velha e fraca. Uma pobre criatura

manipulável.

Héber a empurrou e ambos caíram na grama em meio a risadas.

— Você nunca será velha e fraca, Jael. Mesmo que seus cabelos estivessem brancos, você ainda seria a mulher forte que me conquistou.

Eles se beijaram e só pararam ao ouvir os gritos de alegria do filho, com o arco novo nas mãos.

Eva ajudava Simeão a plantar uma nova muda no jardim. Ela estava tão concentrada na tarefa que não viu a mãe chegar. Barak ajudou a esposa a desmontar, pois ela trazia uma grande sacola entre os braços. Deborah abraçou a avó, que fazia companhia a Barak.

— Trouxe novas mudas comigo — ela disse. — O jardim de Shilloh está ficando famoso, e as caravanas não deixam de trazer seus presentes.

Ana pegou a sacola que Deborah lhe deu.

— Simeão não sairá mais desse jardim, se souber disso. Vamos para dentro, meus filhos! Há bastante comida na mesa — Ana virou-se para a neta. — Seu marido não quis comer enquanto você não chegasse.

Deborah lançou um olhar de repreensão para Barak, e ele ergueu a mão.

— A culpa não foi minha — ele disse. — Eva enfiou-se naquele jardim desde a hora em que chegamos.

Ela não falou nada e ele reconheceu o olhar tenso da esposa.

— O que aconteceu, Deborah?

— Salum não tinha respostas. Eu procurei me comunicar com Hulda através do poço das visões, e me disseram que ela já saiu da Ilha dos Profetas faz uma semana.

— Ela já deveria estar aqui, então.

— Algo não está certo, Barak. Eu sinto isso.

Barak apertou a mão dela ao ver Eva e Simeão se aproximando.

— Acalme-se. Vamos aguardar a chegada de Hulda para saber o que de fato está acontecendo. Não precisamos preocupar todo mundo sem necessidade.

— Espero que não haja mesmo necessidade.

Eva soltou a mão de Simeão e correu para a mãe com a mão estendida. Deborah pegou a flor que ela lhe estendia.

— Vovô disse que as abelhas gostam dessa flor. Achei que você também gostaria dela.

Deborah sorriu e cheirou a flor.

— Essa é uma flor muito especial, Eva. Ela floresce em apenas um lugar de toda a terra de Hedhen. Você arriscaria dizer qual?

Pelo brilho nos olhos da mãe, a menina adivinhou a charada.

— Gades!

— Isso mesmo! Anda lendo meus pensamentos, mocinha?

— Bem que gostaria — Eva falou com sinceridade. — A verdade é que seus olhos brilham toda vez que pensa em Gades.

A menina olhou para o pai, que se mantinha calado, observando, e respirou fundo.

— Mas não brilham com a mesma intensidade de quando você olha para o papai.

Ela saiu correndo para dentro de casa, deixando os pais constrangidos diante de Simeão.

— Não fiquem assim — o velho falou, sorrindo. — É bom saber que sua filha percebe o amor que une vocês dois.

Barak tomou a mão da esposa e eles entraram atrás de Simeão.

Capítulo 2

As Primeiras Armas

Eunice recebeu uma mensagem estranha e resolveu compartilhar o seu conteúdo com Noa. As duas tinham sobre seus ombros o comando do exército em suas duas divisões: a militar e a sacerdotal. As duas encontraram-se no Templo. Noa levou Eunice até a sala que a Ordem costumava usar para suas reuniões. Elas sentaram-se diante de uma mesa retangular, uma de frente para a outra.

— O que tem essa mensagem de tão especial, Eunice?

— Essa mensagem representa uma união de aldeias que vivem na fronteira sul - oriental Noa. Segundo os pastores dessas aldeias, existe um movimento clandestino se formando em algum lugar do Deserto de Negger.

— Eu não sabia que esse deserto era habitado — Noa ergueu as sobrancelhas.

— E não era. Foi justamente essa mobilidade que chamou a atenção dos pastores.

Noa pegou a mensagem e a leu. O conteúdo a fez balançar a cabeça intrigada.

— Acha possível haver alguém que ainda tenha propósitos malignos nessa terra, Eunice?

— Em uma guerra sempre há sobreviventes.

Noa sorriu diante da resposta objetiva e militar de Eunice.

— Nesse caso, deverá ser verificado.

Eunice balançou a cabeça.

— Foi a essa conclusão que cheguei.

Noa a encarou.

— Está pensando em ir pessoalmente?

— Não quero preocupar Deborah e Barak com algo que não temos a certeza. Vou pedir permissão para ir ver como está a situação do povo nas fronteiras.

— Não vai adiantar Eunice. A sinceridade é a melhor escolha. Deborah não pode ser enganada.

Eunice levantou-se e caminhou pela sala, impaciente.

— Eu vi o que o mal é capaz de causar, Noa. Eu trabalhei pra ele e sei como pode ser sutil. Não quero deixar que nenhum vestígio dele seja suficiente para abalar a luz dos Tronos.

Noa balançou a cabeça.

— Sei como se sente. Mas terá que dizer a verdade, se planeja mesmo ir.

— Direi, então.

Elas ficaram em silêncio por alguns minutos. Por fim, Noa o quebrou com uma pergunta que Eunice também queria fazer.

— Por que isso está acontecendo, Eunice? Não está certo. A ordem foi restaurada e a Profecia foi cumprida. O que restou para alimentar o mal?

Eunice voltou a sentar-se e pegou nas mãos de Noa.

— Se você, que viveu para o estudo da Profecia e treina um exército de sacerdotes-guerreiros não faz idéia, como eu poderia saber? Estou assustada com tudo isso, porque algo está alterando o equilíbrio que foi conquistado. A terra de Hedhen está sob ameaça, e eu quero descobrir a fonte disso.

De volta ao palácio, Barak parou no portão para falar com um dos rapazes das cavalaria, enquanto Deborah avançava para o centro do pátio, guiando o cavalo com Eva no seu colo. Ele aproximou-se e, sorrindo, falou:

— Vamos até a estrebaria. Eu gostaria de lhes mostrar uma coisa.

Eva, que havia ido para Shilloh na garupa do pai, voltava na sela de Bruma. Ela ia sentada na frente com um ar orgulhoso. Deborah segurava as rédeas, envolvendo-a com os braços. Por duas vezes no caminho, ela deixou que Eva guiasse o cavalo. Ao chegarem à estrebaria, Barak desmontou e ajudou a filha a descer. Um rapaz surgiu e pegou os cavalos, depois de fazer uma reverência. Barak fez um gesto para que elas o seguissem até a última baia. Eva soltou uma exclamação ao ver o potrinho que tentava se firmar em pé, ao lado de uma égua vigorosa de cor castanha que permanecia deitada.

— O nascimento foi essa tarde - ele falou. - Quando entramos no pátio,

me deram a notícia.

Eva esticou a mão através do portão de madeira, na tentativa de tocar o pelo do animal.

— Ele é tão lindo, papai!

O potrinho apresentava um pelo castanho avermelhado, uniforme. A única exceção era uma mancha branca na perna dianteira direita e outra mancha, com a forma de uma gota, que se encontrava entre seus olhos.

— Na verdade, não é "ele", e sim "ela" - Barak olhou para a esposa, que sorriu com aprovação. — E é sua, minha filha.

Eva encarou os pais.

— Minha? Eu vou ter um cavalo só meu?

Deborah riu.

— Uma égua, Eva. Vocês poderão crescer juntas, como amigas.

Eva voltou a olhar para a pequena égua e sorriu ao vê-la conseguir firmar as pernas.

— Terra — ela murmurou.

A menina virou-se para os pais.

— Ela vai se chamar Terra, pois tem a cor do barro. E essa mancha em forma de gota me lembra a chuva. A água regando a terra.

— É um bonito nome — aprovou Barak.

A menina deu um longo suspiro.

— Posso ficar aqui mais um pouco? Não vou entrar na baia, prometo! Só quero ficar olhando pra ela, e tentar conversar. Precisamos nos conhecer bem.

— Tudo bem, mas não demore — disse Deborah. — Conheço você, e sei que se ficar muito tempo não vai resistir a tentação de entrar.

Quando eles entraram no palácio, Barak puxou Deborah pela mão e a levou até uma sala contígua ao hall de entrada, na qual ardia uma esplêndida lareira. Ele a fez sentar-se em uma cadeira, enquanto se agachava de frente para ela, segurando-lhe as mãos com firmeza. Deborah aguardou o que ele teria para lhe dizer.

— Eu tenho tentado parecer tranquilo diante de nossa filha, mas você não é muito boa nisso.

Deborah sorriu constrangida.

— Acha que ela percebeu alguma coisa?

— Não sei — Barak suspirou e sentou-se aos pés da esposa. — Os pensamentos de Eva, às vezes, são tão enigmáticos quanto os seus. Vocês são tão parecidas.

Deborah ficou brincando com o cabelo loiro e macio do homem que amava.

— Acha que sou enigmática com você, Barak? Por quê?

— Porque eu não consigo penetrar os seus pensamentos, Deborah. Sinto inveja de Jael, por conseguir compartilhar isso com você.

Deborah o abraçou e pousou o queixo sobre a cabeça dele.

— Perdoe-me. Nunca pensei que você pudesse se sentir assim.

Barak virou-se para ela.

— Na verdade, tenho sentido você distante e reflexiva. Talvez os tempos estejam mudando.

Ela o olhou com gravidade, tentando perceber seus pensamentos.

— Por que diz isso?

Barak fechou os olhos.

— Não pode sentir o ar pesado em nossa volta? Não sinto esse peso desde que o mal foi banido dessa terra.

Deborah soltou um suspiro de alívio.

— Então, você também sente? Não é uma impressão da minha cabeça?

Ele abriu os olhos.

— É isso que a está fazendo ficar perdida em pensamentos, não é?

— Sim, é. Quando Eva me contou sobre o sonho, aquilo me inquietou ainda mais. Há uma desordem no ar.

— O que acha que pode ser?

Deborah recostou-se na cadeira e suspirou.

— Não sei, mas não deveria estar acontecendo. Não depois de tudo o que foi feito.

Ele pegou as mãos dela entre as suas novamente e as beijou.

— Você tem razão. Não devia estar acontecendo, e não devíamos alimentar essa idéia absurda em nosso coração.

Ela sorriu e inclinou-se para beijar o marido. Nesse momento, o toque de um shofar tomou conta do ambiente. Eles se entreolharam e falaram quase ao mesmo tempo.

— Queneus!

Da janela, eles puderam ver um grupo de Queneus entrar no pátio do palácio e contornar a fonte. Jael olhou para cima e sorriu. Deborah correu em direção a porta do palácio para receber a irmã. As duas, apesar de terem o dom de se comunicar a distância, ansiavam pelo dia em que se veriam novamente. Nada substituíra os momentos em que passavam juntas, conversando, relembrando e compartilhando momentos especiais. Jael a encontrou enquanto

subia a escada e as duas se abraçaram entre risos e lágrimas.

— Por que não me disse que já havia chegado? — reclamou Deborah.

— Davi queria fazer uma surpresa para Eva e me fez prometer que não lhe diria nada.

Héber seguia atrás de Jael, subindo os degraus de dois em dois. Deborah sorriu e abraçou Héber, dando-lhe um carinhoso beijo no rosto.

— Héber, você ainda não tomou ares de rei? — ela brincou.

Héber fez uma cara ofendida.

— Ora, Deborah, eu faço o que posso! Mas você sabe que sou um espírito livre. Gosto do campo e de dormir em tendas.

— Não ligue para suas palavras, Deborah — disse Jael. — Na verdade, é um rei muito sábio. O povo de Hazorah gosta de seus conselhos.

Nesse momento, Barak surgiu no alto da escada e correu para abraçar Jael.

— Estou feliz e aliviado com sua presença aqui, minha irmã — ele acostumara-se a chamá-la de irmã desde a coroação.

— Aliviado? — ela estranhou o termo. — Por que estaria aliviado em me ver, Barak?

Ele suspirou.

— Espero que sua presença desanuvie o semblante de minha rainha.

Jael olhou para Deborah, que baixou os olhos, evitando o olhar inquiridor. Davi correu para ela, empolgado com o novo arco na mão.

— Tia Deborah, veja o que eu ganhei!

Ela sorriu ao pegar o arco leve e de madeira escura nas mãos.

— É o arco perfeito para você, Davi. Um arco de príncipe.

— Onde está Eva? Ela não ouviu o toque do shofar?

Barak assanhou o cabelo do menino.

— Acho que ela também tem algo para lhe mostrar, lá na estrebaria.

Sem pedir licença aos pais, ele saiu correndo com o arco nas mãos. Barak, então, virou-se para Héber e os dois homens sorriram, trocando um abraço. Eles tornaram-se mais do que amigos. Barak considerava Héber o irmão que nunca teve. Um irmão nascido do coração. Depois de cumprimentarem o restante da comitiva, eles entraram no palácio.

Davi entrou na estrebaria e encontrou Eva deitada na palha, em frente a uma das baias. Ela parecia estar dormindo. O menino caminhou até ela e sentou-se ao seu lado em silêncio. Ela despertou, como se houvesse sentido sua aproximação, e sentou-se esfregando os olhos.

— Olá, Eva — ele disse com um sorriso.

Ela piscou os olhos, ainda sonolenta, esticou a mão e tocou no rosto dele.

— Davi? É você, ou estou sonhando? Acho que acabei dormindo aqui.

— Eu sei. Foi por isso que você não ouviu o som do shofar. Do contrário, teria corrido ao nosso encontro.

Ela, então, ficou de pé num salto.

— Então, é verdade? Você está aqui!

Ele se levantou rindo.

— Claro que estou!

Eva abraçou o primo, visivelmente emocionada.

— Como eu senti sua falta esses dias! Achei que estava longe, em alguma viagem com seus pais. Talvez a distância estivesse impedindo de você se comunicar comigo.

— Eu quis fazer uma surpresa para você. Por isso não me comuniquei.

Eva sorriu e enxugou os olhos.

— Bem, você conseguiu o que queria.

Ele olhou para a baia e seus olhos brilharam de excitação.

— É seu?

— É minha — ela disse com orgulho. — O nome dela é Terra.

Davi aproximou-se da porta de madeira. Seus olhos brilhavam ao observar o potrinho.

— Ainda não ganhei meu cavalo, mas quando eu ganhar, nós vamos poder apostar corrida por esses campos.

Ela viu o arco na mão dele e se admirou.

— Que lindo Davi!

Ele colocou o arco na mão dela.

— O meu pai fez pra mim. Ainda não sei usá-lo, mas não vejo à hora de aprender.

— É tão leve! — Eva pegava o arco como se este fosse algo muito precioso.

— Todos os arcos quenitas são assim. Leves, mas resistentes.

A menina lhe devolveu o arco e suspirou, pois ainda sentia sua forma nas mãos.

— Onde estão meus tios?

— Com os seus pais, é claro!

Eva sorriu.

— Nesse caso, podemos ficar mais um pouco por aqui. Sente-se e me conte o que tem feito?

Ele voltou a sentar e ficou com o olhar sério.

— Eu tenho tido sonhos estranhos, Eva.

Ela também sentou, com a expressão atenta.

— Com o quê?

O menino respirou fundo e fechou os olhos.

— Com o mar.

O dia amanheceu cheio de expectativas, pois era tempo de chegar à cidade aquelas delegações, lideradas pelos velhos amigos. Deborah estava ansiosa por reencontrar Nathan e Hulda, e ter a oportunidade de ouvir seus conselhos. Barak havia levantado cedo, pois ele e Héber combinaram de ir ao encontro de Sangar, cujo acampamento se encontrava no sul da muralha da cidade. Jael também havia acordado cedo e estava passeando no pátio, conversando com Noa e Sarah. Davi ainda dormia, mas Eva já estava acordada. Ela invadiu o quarto da mãe, enquanto Deborah terminava de abotoar a túnica.

— Acordou cedo hoje! Por que será?

Eva jogou-se na cama e olhou ansiosa para a mãe.

— Eu queria treinar antes de comer alguma coisa.

O pedido surpreendeu Deborah, a ponto de ela parar o que estava fazendo.

— Treinar? Pensei que não gostasse de armas.

— Não gosto das armas, mas gosto de contar com sua presença, mamãe – havia um tom de sutil convencimento na voz da menina. - Durante o treino passamos muito tempo uma com a outra, você sabe.

Deborah analisou o rosto da filha, tentando perceber a verdadeira intenção por trás das palavras, mas não conseguiu. A mente de Eva não estava tão aberta para ela, como a das outras pessoas. Suspirando, ela sentou na cama.

— Eva, nós passamos muito tempo juntas, independente de treinos. Não sei por que motivo você decidiu fazer isso agora, mas farei sua vontade. Se quiser treinar, treinaremos.

Como resposta, a menina pulou da cama excitada.

— Ótimo! Estarei esperando na arena do palácio.

Ela saiu correndo antes que Deborah pudesse dizer uma única palavra.

A arena ficava numa construção atrás do palácio. Era um grande galpão, cheio de armas e com o piso coberto por tapetes. Ao redor, estavam dispostos bancos, como uma pequena arquibancada, pois era ali que os recrutas eram testados na Ordem para alcançar um grau maior. Quando Deborah entrou, Eva estava segurando uma longa espada, que parecia maior do que ela.

— Treinaremos, mas não com essa arma — disse Deborah ao tomar-lhe a espada.

— Por que eu tenho que treinar com espadas de madeira? - reclamou Eva.

— Porque é um treinamento, Eva.

Deborah guardou a espada em seu lugar, e pegou duas espadas de madeira, dando uma delas à filha. Elas tomaram posição, uma de frente pra outra.

— Você treinava com espadas de madeira quando tinha a minha idade?

— Treinava, sim. E pode acreditar no que digo, elas me pouparam de muitos machucados sérios.

Deborah atacou e a filha aparou o golpe no ar, em um movimento rápido e atento.

— Muito bem! — ela elogiou. — Tente me atacar, agora.

Eva observava os movimentos da mãe, da maneira que ela havia lhe ensinado. Não tinha pressa. Segundo Deborah, “ler” os movimentos do adversário a levariam ao conhecimento de suas intenções. Foi assim que, com um giro no corpo, no momento certo, a menina deu um golpe baixo, mirando as pernas. Deborah saltou para trás quando esperava um golpe alto, tropeçou e caiu de costas. Eva aproveitou a situação e apontou a espada para o peito da mãe, que estava realmente surpresa com a agilidade da filha.

— Tudo bem, você venceu — ela disse com um sorriso orgulhoso.

— Não é justo! — Eva largou a espada. — Você me deixou ganhar!

Deborah aproveitou-se do descuido da filha ao largar a espada, e jogou-se sobre ela, derrubando-a no tapete. Era necessário que Eva estivesse preparada, com a atenção sempre posta em combate e nunca com a guarda aberta. O treinamento ainda não havia terminado, afinal de contas. Eva contorceu-se, mas os braços da mãe a envolviam.

— Eu não deixei você ganhar, mas você abriu a guarda e o jogo virou para o meu lado, mocinha. Vai se render?

— E se eu não me render? — Eva esperneava embaixo da mãe.

Em resposta, Deborah começou a fazer cócegas na filha. A menina encolheu-se e começou a rir. Eva entrou na brincadeira e conseguiu derrubar a mãe mais uma vez, encontrando um espaço para também lançar-se ao ataque através das cócegas. Logo, era Eva que estava por cima.

— Pare! — Deborah gritou sem fôlego. — Eu me rendo!

Eva deitou-se ao lado da mãe, e ambas ficaram ali, rindo e exaustas pela brincadeira.

— Acho que esse treinamento não valeu — disse Eva, ofegante. — Ninguém vence um inimigo com cócegas. É injusto!

— Espero que eles nunca saibam disso. Seria uma maneira desonrosa de se perder uma batalha.

Eva virou o rosto para a mãe e sorriu.

— Eu te amo, mãe.

— Também amo você, filha — Deborah a puxou para si. — Agora me responda uma coisa: por que estamos treinando?

Eva suspirou.

— Você ficaria brava se eu pedisse a tia Jael que fizesse um arco para mim?

Deborah sentou-se, confusa. Ela poderia esperar qualquer resposta, mas aquela a surpreendeu.

— Um arco?

Eva sentou-se e cruzou as pernas. De repente, ela assumiu um ar muito adulto, como se o assunto fosse algo bastante pensado.

— Mãe, eu não gosto de armas. Não gosto de espadas e espero nunca ter que usar uma. Mas eu sei que preciso aprender a usar algum tipo de arma para me defender. Vivemos em um reino de paz, mas nunca se sabe o que pode acontecer, não é? Um arco é uma arma útil, porque não serve apenas para guerrear. É um instrumento de caça e serve para enviar mensagens e...

Deborah ergueu a mão e a filha parou de falar. O olhar da mãe era inquiridor.

— Planejou esse treino apenas para me pedir isso?

Eva baixou os olhos.

— Eu queria lhe mostrar que não sou boa com espadas, a fim de tentar convencer você.

Deborah riu.

— Eva, você é muito boa com espadas! Faz coisas que eu mesma levei muito tempo para conseguir fazer. No entanto, eu não vejo motivos para ficar zangada com você, pelo fato de preferir um arco. Bastava ter me pedido e eu teria lhe dado permissão. Não posso decidir por você algo tão pessoal. Mas, por que você quer um arco feito por Jael? Temos muitos arcos aqui.

Eva olhou firmemente para a mãe.

— Às vezes, eu sinto que o seu coração está tão próximo do de minha tia, que vocês parecem uma só pessoa. Se ela me fizesse um arco, seria como se você o fizesse.

Deborah sorriu maravilhada com o discernimento da filha. Dessa vez,

havia sinceridade e não uma tentativa de convencimento na voz de Eva.

— Vá e peça a Jael o seu arco. Tenho certeza de que não será um arco qualquer. E, você está certa quanto ao que acabou de falar. Sinta como se fosse de minhas mãos.

Eva abraçou a mãe.

— Obrigada, mãe.

Elas se levantaram e Deborah segurou o braço da filha, antes que ela saísse correndo.

— Me responda só mais uma coisa.

— O quê?

— Esse seu desejo para ter um arco tem algo a ver com o arco novo de Davi?

Eva suspirou, lembrando-se da sensação ao pegar no arco.

— De certa forma, tem. Não pense que é inveja, mãe. É só que, no momento em que eu segurei aquele arco, eu senti que havia tocado em algo mágico. Algo que eu poderia compreender. Será que você me entende?

Deborah sorriu.

— Eu entendo. Agora, vá procurar Jael, mas não vá esquecer-se de se alimentar antes.

Eva obedeceu e saiu correndo.

Jael, que estava sentada na fonte do pátio, escutava o pedido de Eva com espanto. A menina havia chegado como um vendaval e a tirado do meio de uma conversa com Sarah e Noa. E agora, ela ouvia o estranho e inusitado pedido, feito com muita gravidade em meio a muito entusiasmo.

— Você quer que eu faça um arco para você? — Jael perguntou pausadamente. — O que a sua mãe vai pensar?

— Eu já falei com ela, tia Jael. Ela deu permissão.

Jael balançou a cabeça enquanto pensava.

— Faz muito tempo que eu não faço um arco.

Eva deu um gritinho de alegria, antecipando a decisão da tia. — Então, você vai fazer?

Jael sorriu.

— É claro que vou, já que é tão importante para você que eu o faça. E digo mais: será um arco muito especial.

— Especial? — Eva arregalou os olhos, maravilhada.

Jael piscou o olho.

— Aprenda a ter paciência, como eu aprendi. Temos um mês inteiro de festa para aproveitar. Até o fim dela, você terá o seu arco.

Nesse momento, Davi surgiu na porta do palácio e Eva correu para lhe contar as novidades.

Capítulo 3

A Ordem em Desordem

Deborah encontrou Jael na estrebaria. As duas haviam combinado de fazer uma visita a Miriam naquela manhã. Rute havia dito a Deborah que a mãe não andava bem de saúde, mas evitou falar a respeito de suas suspeitas. Esse fato fez a rainha decidir ir até a casa da velha amiga, sabendo que ela jamais a procuraria no palácio. Miriam era uma mulher orgulhosa. Jael se prontificou a ir com Deborah. No caminho, os cavalos caminhavam sem pressa.

— Sua filha veio me procurar hoje — disse Jael, um pouco hesitante.

Deborah sorriu.

— Eu sei.

Jael olhou pra ela interrogativamente.

— Está tudo bem para você, se eu satisfizer o desejo dela? Não vai mesmo se importar?

— Não deve se preocupar, Jael. Eu não vou sentir ciúmes.

Jael respirou aliviada. Elas cavalgaram até chegarem ao rio, e ao limite da região montanhosa. Deborah podia sentir a impaciência de Jael, mesmo no silêncio.

— Agora, o que mais você quer perguntar? — Deborah falou resignada, sabendo que não poderia adiar por muito tempo.

— Por que acha que eu ainda tenho alguma pergunta?

Deborah riu e balançou a cabeça.

— Barak deixou-a confusa ontem, eu sei.

— Tem razão. Na realidade, a pergunta que eu tenho a fazer, é uma que eu esperava nunca ter que repetir. Qual é o problema, Deborah? O que a perturba?

— São duas perguntas.

Jael aguardou em silêncio. Em seguida, Deborah lhe contou sobre os sonhos estranhos da filha e sobre a falta de notícias de Hulda.

— Sei que sonhos são comuns, como Salum tentou me explicar, mas Eva parecia tão apavorada e angustiada... Jael, talvez não seja nada, mas existem aquelas marcas que não sabemos o que significa. Pensar nisso tem tirado a minha paz.

Como Jael não respondeu nada, Deborah virou-se para ela e percebeu que a irmã estava pálida e tinha os olhos tomados por uma súbita perturbação.

— Ei, está tudo bem? — Deborah segurou as rédeas de Solaris, obrigando-o a parar.

Jael virou-se para ela.

— Davi tem tido sonhos semelhantes — ela falou pausadamente. — Às vezes, ele tenta esconder suas noites mal dormidas, mas eu percebo o cansaço em seus olhos. Ele já pediu várias vezes a Héber que o levasse para ver o mar. Héber, assim como eu, tem medo do que pode estar à espera, no meio daquelas águas.

Deborah encarou a irmã, ambas com o olhar perdido e assustado.

— Aquela marca sempre me assustou — sussurrou Jael. — Acha que existe alguma ligação?

— Eu não sei. Tudo o que posso dizer é que estou tão apavorada quanto você. A relação entre Eva e Davi sempre foi um mistério para nós.

Jael balançou a cabeça.

— Mas tudo foi consumado, Deborah! Que ameaça poderia pairar sobre eles?

Deborah pousou a mão no braço de Jael.

— Talvez não seja uma ameaça. Ninguém falou nisso aqui. Até onde eu sei, sonhos ainda são apenas sonhos.

Jael respirou fundo. Nem sempre os sonhos se apresentaram a ela apenas como sonhos.

— Você tem razão. Talvez não seja nada.

Elas seguiram em silêncio para a casa de Miriam.

A carruagem surgiu na estrada que vinha pelo leste. Dentro dela, os dois sacerdotes e as duas profetizas viajavam em silêncio. Desde sua saída de Babilos, eles vinham tentando encontrar uma maneira de abordar o assunto da nova Profecia com os Luminares. O silêncio era reflexivo. Quando a Cidade Dourada surgiu no horizonte, Hulda suspirou e levou a mão ao coração.

— Que o Pai nos dê forças para compartilhar o que temos em mãos.

— Acha prudente contarmos logo tudo? - Otoniel perguntou.

Todos olharam para ele com perplexidade.

— Por favor, não me entendam mal. O cumprimento dessa Profecia não é imediato. A Festa da Celebração está apenas começando. É um tempo de reencontros felizes. Por que não podemos esperar até o final da festa?

Os amigos se entreolharam e Nathan se pronunciou.

— Tememos não conseguir esconder o que sabemos por muito tempo.

— Deborah perceberá na hora em que falar comigo — lamentou-se Hulda. — Tornei-me sentimental demais!

Otoniel sorriu e pousou a mão sobre a da profetisa.

— Então, deixe que ela dê o primeiro passo. Será mais fácil, assim.

Os quatro concordaram em manter silêncio até o momento oportuno. Havia prudência nas palavras de Otoniel, e eles reconheceram nelas um conselho sábio. Enquanto isso, a carruagem aproximava-se dos portões.

Miriam recebeu Deborah e Jael com uma alegria prazerosa. Para ela, as duas disseram estar de passagem, a caminho do acampamento dos Queneus. A verdade é que Rute já havia avisado Deborah que a mãe não admitiria estar doente na frente dela. Portanto, ela teria que agir com estratégia. As três sentaram-se em volta da pequena mesa onde Miriam postou três tigelas fumegantes de chá.

— Faz muito tempo que não vem por esses lados, Deborah — queixou-se Miriam.

— É verdade, Miriam. Peço que me desculpe por isso. Zípor também andou se queixando a esse respeito. Tenho direcionado minhas visitas a Shilloh e, sem querer, acabei negligenciando meus amigos.

Miriam pôs a mão sobre a dela.

— Não precisa se desculpar por isso! Você tem muitas responsabilidades, agora. É a rainha. Quanto a Shilloh, eu tenho certeza de que sua filha toma parte nas decisões. Que tipo de criança não adoraria passar o dia naquele lindo jardim, e devorando as iguarias de Ana?

Deborah sorriu enquanto analisava o rosto de Miriam. Ela podia ver a dor nos olhos da mulher.

— Soube da morte de um dos anciões de sua tribo, Jael.

Jael ergueu a cabeça, pois olhava distraída para a própria tigela.

— Sim, Miriam. Todos nós, Queneus, lamentamos a morte dele. Era um homem muito sábio e querido.

— É por isso que o seu rosto está abatido? — Miriam era uma mulher intuitiva. — Ainda sente a morte dele?

Jael olhou para Deborah. Ambas sabiam que o abatimento, na verdade, era gerado pela preocupação com os filhos. No entanto, era um assunto que só cabia a elas duas.

— Faz pouco tempo — explicou Jael com um meio sorriso. — As lembranças ainda são fortes.

Miriam respirou fundo.

— Entendo...

Jael, propositalmente, bateu a mão na tigela cheia de chá, derrubando-a aos pés de Miriam, e fazendo o líquido quente se esparramar no chão. A

mulher, por instinto, abaixou-se para pegá-la e soltou um gemido sem conseguir voltar para o lugar. Deborah, aproveitando a chance, se levantou e curvou-se ao lado dela. Miriam estava chorando no esforço para se erguer.

— Miriam, você não está bem — ela disse com uma afirmação que não dava espaço para dúvidas.

— Pedi a Rute que não lhe dissesse nada... Eu não queria aborrecê-la com meus problemas.

Deborah riu.

— Aborrecer-me? Você é minha amiga, Miriam. Aborrecer-me-ia sim, com o fato de não poder ajudar você. No entanto, eu posso e vou ajudá-la.

Deborah se ergueu e pôs as duas mãos sobre as costas curvadas de Miriam. O calor começou a se espalhar, dissipando a dor. A luz dos Luminares lhe permitia exercer aquele tipo de cura sem precisar de ervas. Jael observava calada, enquanto a irmã trabalhava. Aos poucos, Miriam foi conseguindo respirar normalmente e ir se sentando de maneira ereta. Antes de retirar as mãos, Deborah apalpou as costas da mulher.

— Parece tudo bem para mim — ela disse. — E para você?

Miriam abriu um largo sorriso.

— Eu poderia apostar corrida com minha filha! Sinto-me ótima.

Jael apanhou a tigela e a recolocou no lugar.

— Me desculpe por isso, mas se Deborah tivesse simplesmente perguntado pelo problema, você teria negado.

Miriam sorriu envergonhada.

— Tem razão, eu teria agido assim.

Deborah a olhou com seriedade.

— Você está curada, Miriam. Eu só lhe peço que não hesite mais em levar seus problemas para mim. Sei que não tenho muito tempo para fazer visitas, mas o acesso aos Tronos é gratuito para todo o povo. Você poderia ter me procurado.

— Não me deixarei levar pelo orgulho de novo, Deborah. Obrigada por ter vindo, minha amiga.

Quando voltaram para o palácio e passaram pelo portão, Jael apontou em direção à escadaria.

— Aquela não é a carruagem de Babilos?

Deborah, sem responder, saltou do cavalo e deixou que Bruma fosse sozinho para a estrebaria. Jael a imitou.

— Nathan está aqui — Deborah disse, enquanto corriam pelas escadas.

Na sala da lareira, elas encontraram os quatro descansando nas

confortáveis cadeiras ao calor do fogo. Davi estava sentado no colo de Nathan e Hulda fazia uma trança em Eva. As duas Luminares pararam surpresas, quando os sacerdotes e profetizas se levantaram diante delas.

— Hulda! — Deborah disse, correndo em direção a mulher. — Então, você estava em Babilos?

A profetisa sorriu e foi abraçar as filhas.

— Sim, eu resolvi fazer uma visita a Nathan. Tinha curiosidade para conhecer a Escola do Saber.

Jael deu um demorado abraço em Nathan. Os dois haviam passado por muita coisa juntos e aquilo serviu para unir seus corações. Otoniel, enciumado, também cobrou um abraço apertado da, agora, Rainha de Hazorah. Miriam sempre foi mais reclusa em suas afeições, mas não escapou dos abraços. Hulda, por sua vez, tentava disfarçar a ansiedade com a alegria que sentia pelo reencontro. A sensação de paz e felicidade que cobriam aquele lugar era notoriamente sentida. De repente, em meio aos abraços, quebrando aquele momento feliz e descontraído, Barak e Héber surgiram na sala com uma expressão tensa nos rostos. Sangar, Hagai e Hadassa os seguiam. Todos os olharam com expectativa.

— Sinto-me muito feliz, por ver todos vocês, meus amigos — disse Barak. — Infelizmente, vocês chegaram junto com notícias perturbadoras, as quais nós deveremos dar imediata atenção.

O olhar dele pousou no da esposa. Ela se limitou a concordar com ele com um gesto de cabeça. Eles se compreendiam.

— Eva! Davi! Eu trouxe algumas coisas curiosas de minha viagem — disse Hadassa, chamando a atenção das duas crianças assustadas. — Estão lá no galpão de mercadorias. Rute está esperando vocês.

As crianças olharam para os pais, já ansiosas para ir em frente. Toda vez que Hadassa voltava de alguma viagem, assegurava-se de trazer novidades dos cantos mais longínquos.

— Vão — disse Barak. — Teremos agora uma longa conversa de adultos que, eu tenho certeza, não vai interessar a vocês.

Os sacerdotes e as profetizas trocaram um olhar inquieto que foi percebido por Jael. Ela, entretanto, respirou com profundidade, e resolveu aguardar. Não era hora para suposições e qualquer questionamento poderia esperar. Tudo indicava que notícias ruins seriam dadas, portanto o melhor seria digerir um problema de cada vez.

Quando as crianças saíram, Hadassa voltou a falar.

— Noa e Eunice estão a caminho. Eu tomei a liberdade de mandar

chamá-las.

Deborah olhou confusa para Barak.

— O que está acontecendo?

Ele suspirou e pegou as mãos dela com força. Ela percebeu que as dele estavam frias.

— Foi a maldade, Deborah. Ela acordou novamente.

A Sala de Reuniões ficava logo abaixo da Torre e era ligada a ela por uma escada em espiral. Era uma sala circular, de paredes brancas e bancos de madeira clara que acompanhavam a parede. Cada um tomou o seu lugar. A tensão era visível em cada rosto. O ar parecia ter parado com o peso da notícia. Hadassa levantou-se e começou a falar, após um gesto de Barak para que ela tomasse a frente nos relatos.

— Eu e Hagai temos viajado muito, acompanhando as caravanas e supervisionando as fronteiras. Ao chegarmos próximo aos limites do Deserto de Negger, nos deparamos com um quadro desolador.

Ela olhou para Hagai em busca de apoio. O rapaz continuou, percebendo a troca de olhares entre Noa e Eunice.

— A fumaça das aldeias destruídas podia ser vista de longe. Foram muitas aldeias pilhadas e queimadas. As casas abandonadas apenas acentuaram o quadro de devastação. Há muito tempo não víamos nada igual.

— Pilhadas, queimadas, abandonadas... — Deborah repetiu as palavras como se as ouvisse pela primeira vez. — Estamos falando de acontecimentos em um mundo restaurado? Afinal, o que está acontecendo?

Salum deu um profundo suspiro.

— Claramente podemos perceber que algo alterou a ordem estabelecida.

— Estabelecida pela Profecia, você quer dizer, Salum - lembrou Barak.
- Será mesmo possível que algo nesse mundo tenha o poder de mudar essa ordem?

Hulda fez menção de falar, sentindo ser aquela a hora propícia para a revelação da Profecia Perdida, mas sentiu o aperto da mão de Nathan e se conteve. O pequeno sacerdote sentiu o peso do olhar desconfiado de Jael sobre eles e baixou a cabeça. Nesse momento, Noa pediu a palavra.

— Faz algum tempo que temos percebido o aumento de doenças e mortes. A Ordem de Zelofeade, em seu aspecto sacerdotal, procura cumprir um relatório mensal quanto à vida da comunidade da terra de Hedhen. Os relatórios das regiões mais distantes têm chegado até nós trazendo notícias negativas quanto a esses dois aspectos.

— Por que não nos informou a esse respeito, Noa? - Deborah falou com

um tom de repreensão.

— Os números, na realidade, não chegam a ser preocupantes, mas se levarmos em consideração as informações de hoje, acredito que seja hora de começarmos a nos preocupar. Até então, parecia-nos algo corriqueiro, pois apesar da bênção de longevidade, pessoas ainda morrem e adoecem, embora de uma maneira mais rara e natural.

Deborah a encarou em expectativa.

— Você está se referindo a essas notícias que Hadassa trouxe, ou há algo mais? Eu sinto que você sabe mais do que acabou de falar.

Noa olhou para Eunice. A amazona tomou fôlego, e Deborah fez sinal para que ela continuasse.

— Também recebemos relatórios de patrulhas quanto a situação nas fronteiras. Recentemente, chegou uma mensagem citando um suposto movimento clandestino no Deserto de Negger.

— Movimento clandestino? — Jael balançou a cabeça com incredulidade.

— Sim, Jael — Eunice continuou. — Talvez essas pessoas tenham sido as autoras das pilhagens que Hagai e Hadassa testemunharam.

Barak ergueu a mão.

— Sem especulações, Eunice. A única certeza que temos é a de que existe algo estranho acontecendo em Negger.

— Algo que está atingindo locais e pessoas — concordou Jael. — Não podemos saber o que esse movimento clandestino representa, sem antes o conhecermos de perto.

— Se esse movimento existe realmente, devemos nos perguntar qual o seu objetivo? — ponderou Deborah. — Eles são os autores das pilhagens, ou sabem o que as está causando e se escondem para se proteger?

Eunice levantou-se.

— Sei que estamos no mês da Celebração, mas eu peço permissão aos Luminares aqui presentes, para organizar uma pequena patrulha de reconhecimento.

Hadassa também se levantou. Hagai se colocou ao seu lado.

— Se a permissão for dada, nós gostaríamos de acompanhar Eunice — disse Hadassa.

Deborah a olhou com gravidade, analisando a proposta.

— Hadassa, você e Hagai acabaram de chegar.

A moça sorriu.

— Eu e Hagai já nos acostumamos ao ritmo das caravanas, Deborah.

Quanto à festa, eu gostaria muito de rever os amigos, mas a visão daquelas aldeias agonizantes ainda está bem viva dentro de nós. Além disso, conhecemos o caminho e poderemos chegar mais rápido.

Deborah não respondeu de imediato.

— E quanto aos sacerdotes? — a pergunta veio de Jael. — Vocês não têm nada a dizer?

Nathan olhou em volta, para os rostos ansiosos que se voltaram para eles, e suspirou.

— Eu me sinto um ignorante quanto ao que está acontecendo. Até onde sei tudo na Profecia foi cumprido. Não havia motivos para nenhuma mudança negativa.

Jael voltou-se para Hulda.

— Hulda? Sua visão profética lhe mostrou algo?

A profetisa olhou Jael nos olhos, tentando passar a segurança que não tinha.

— Sinto muito, filha, mas não tenho respostas para você. Concordo com Eunice e creio ser necessário averiguar de perto o que está acontecendo na nossa terra — Hulda parou para limpar a garganta. — A terra de Hedhen.

Jael franziu o cenho ao notar que Hulda deu uma ênfase especial a palavra "nossa".

"Ela está escondendo algo" — Deborah assustou-se ao ouvir a voz de Jael dentro de sua mente.

"Eu percebi, mas não convém pressioná-la agora. Na hora certa, ela vai nos contar" — foi a resposta de Deborah.

— Então, está decidido — disse Barak. - Eunice, pode formar uma patrulha que daremos nossa bênção.

Capítulo 4

Um Segredo Revelado

Rute encontrou as crianças no galpão. Hadassa a havia encontrado mais cedo e, rapidamente, lhe relatou que teria uma reunião com os Tronos. Era necessário manter as crianças afastadas e Rute se prontificou a cuidar disso. Davi e Eva estavam debruçados sobre uma pilha de objetos de decoração. Eva escolhia os enfeites que colocaria na sela de Terra, quando ela estivesse pronta para ser montada. Davi gostou dos cintos coloridos que lembravam as cores das tendas quenitas. Eram objetos que eles repartiriam entre si e fariam deles um bom uso no futuro. Rute sugeriu que pedissem a Tirza, que estava responsável pelo galpão, para que os guardasse em uma sala reservada.

— E agora, que tal um passeio pela cidade? Já existem muitos artistas animando as ruas, e muitas barracas já foram montadas na praça principal.

Zacarias estava esperando Rute no portão do palácio. O rapaz não perdia uma oportunidade de se manter ao lado da moça. Os quatro se encaminharam para a cidade em festa. As ruas estavam alegres com o colorido de tantas bandeiras que passavam de um lado para o outro. Nas janelas, podiam-se ver estandartes pendurados com o símbolo da Cidade Dourada. Este era representado pela figura de uma tocha, símbolo do Pai-Criador, sobre um fundo azul celeste. A praça, que ficava de frente para o templo, fervilhava de gente. Pessoas caminhavam de uma barraca à outra para comprar doces ou para brincar de tiro ao alvo, jogando minúsculas pedrinhas em um sino que se recusava a tocar. No meio da praça foi erguida uma tenda onde peças teatrais eram encenadas. Na arena do Anfiteatro, transformado em hipódromo, uma tenda maior estava sendo erguida para receber os artistas circenses que vinham de vários lugares para mostrar seus talentos. A Festa de Celebração realmente apagou da memória os momentos sombrios trazidos pela antiga Festa do Solstício.

— Esta cidade está se tornando pequena para tanta gente — Rute comentou.

— Há muito espaço em volta da cidade — Zacarias respondeu. — Ela bem que podia ser ampliada, para que todos pudessem ficar entre seus muros abençoados.

Rute riu alto.

—Teria que ser uma cidade bem grande! Só as tendas quenitas a encheriam pela metade.

O rapaz deu de ombros e apontou para a tenda no meio da praça. Muitas crianças corriam e sentavam buscando lugar aos pés de um pequeno palco, onde se daria a encenação de um teatro de bonecos.

— Ei, meninos, eu acho que vai começar uma peça. Olhem a quantidade de pessoas que estão indo para lá.

Eva olhou para Rute. Os olhos da menina brilhavam.

— Podemos ir? — ela perguntou com uma ansiedade infantil que Rute conhecia bem.

Davi deu um passo à frente. O peito estufado e o ar sério quase fizeram a moça rir.

— Pode deixar Rute. Eu cuido de Eva.

— Tenho certeza de que pode cuidar dela, Davi. Mas quem cuidará de você?

O menino cerrou o cenho e Zacarias tentou consertar a situação.

— Eu confio em Davi, Rute. Sei que ele fará de tudo para não sair do nosso campo de visão. Além disso, ele não vai ser tolo a ponto de perder a confiança dos pais. Estou certo, Davi?

O menino estufou o peito com orgulho.

— Claro que está! Meus pais me ensinaram a ter responsabilidade.

Eva tomou-lhe a mão, impaciente, pois já estava sendo anunciado o início da peça.

— Então, já que está decidido, vamos logo, antes que a peça termine — ela falou num tom propositadamente exagerado.

Ela saiu rebocando o garoto e Rute viu ambos se acotovelarem por entre as pessoas que estavam no local. A moça cruzou os braços e olhou feio para Zacarias.

— Acha que Jael aprovaria isso? Davi me parece bem independente para a idade que tem.

Zacarias deu de ombros.

— Ela conhece o filho que tem. Davi não é desobediente, ele só quer crescer rápido demais.

Zacarias lhe tomou o braço.

— Gostaria de um doce de nozes? É delicioso.

Rute deixou-se conduzir até a barraca que ficava próxima a tenda central. Era gostoso caminhar de braços dados com Zacarias, mas ela não podia se distrair.

Após a reunião, Hulda alegou estar cansada da viagem e foi se recolher, sem dar chance para que Jael ou Deborah a interrogassem. Nathan também foi rápido o suficiente para desaparecer escada abaixo. Jael parecia frustrada, quando Héber se chegou por trás.

— Vamos dar uma volta pela cidade. Eu gostaria de ver os cavalos novos em exposição no Anfiteatro. Joakim, Jafé e Sarah já estão lá. De que vai adiantar ficar aqui pensando em algo que ainda não compreendemos?

— Estou cansada, Héber — ela se apoiou nos braços do marido. — Você me levaria na sua garupa?

Ele a apertou e descansou o queixo em cima da cabeça dela.

— Vai ser um terrível sacrifício para mim, mas eu a levarei — ele disse com um sorriso jovial.

Quando todos saíram, Barak soltou o Cetro e puxou Deborah até a janela.

— Será que poderíamos agir como os soberanos de uma cidade festiva e

esquecer um pouco os problemas?

Como resposta, ela acariciou os cabelos dele e sorriu.

— Eu já lhe disse o quanto você é lindo?

— Essa frase poderia ser minha. — ele falou erguendo as sobrancelhas.

— Eu não o estou impedindo de dizê-la.

Ele se inclinou e a tomou nos braços. Eles deram um longo e demorado beijo.

— Eu gostaria de ter um lugar só nosso — ele sussurrou. — Um lugar igual aquela caverna pela qual o sol lançava seus raios. Lembra-se dela?

— Como eu poderia esquecer? — ela sentia-se arrebatada enquanto ele continuava a beijá-la. — O nosso quarto não é aquela caverna, mas é a melhor opção que temos em um palácio cheio de gente.

— E o que estamos esperando, minha rainha?

No Anfiteatro, Jafé assistia com entusiasmo, a doma de um corcel selvagem. O gadita havia assumido para si a responsabilidade pela cavalaria dos Queneus, e Héber tinha total confiança nele. Segundo ele, Jafé tinha olhos que sabiam diferenciar um cavalo selvagem com capacidade para ser domado, de um que só daria trabalho. Joakim e Sarah estavam sentados à sombra, bem distante da cerca, observando de longe.

— Não sente saudades de Gades?

Sarah olhou para ele, surpresa com o surgimento do assunto.

— Depois de tanto tempo entre os Queneus? Gades é um lugar especial, Joakim. Um lugar de sonhos, de descanso. Mas não há muito que se fazer por lá. Sinto-me mais útil em Hazorah.

— Que bom... — ele comentou com alívio.

— Do que tem medo?

— Eu tenho medo de que um dia você resolva voltar pra lá — as palavras saíram de forma repentina.

Sarah o encarou. Há muito tempo ela esperava alguma atitude de Joakim, mas o rapaz continuava sem manifestar os sentimentos.

— Você sentiria a minha falta, Joakim? — ela provocou.

Ele deu de ombros. Intimamente se esforçava para dizer as palavras certas, mas elas teimavam em não sair.

— Eu sentiria sua falta, e sentiria falta de Jafé também...

Ela suspirou irritada e ficou de pé.

— Aonde você vai?

— Procurar um cavalo selvagem para domar.

Ele a observou descer a escada do Anfiteatro até a arena, e bateu a mão

no próprio rosto.

— Joakim, você é pior do que um cavalo xucro! — ele resmungou para si mesmo.

Héber e Jael estavam entrando naquele momento. Héber aproximou-se da cerca.

— O que você acha? — ele perguntou a Jafé, apontando para o corcel negro que dava coices para todo lado.

— Ele será domado — havia certeza na voz do rapaz. — Mas vai depender da paciência dos domadores. Eles não me parecem muito pacientes.

Héber sorriu.

— Você acha que conseguiria domá-lo?

Jafé cruzou os braços e fez uma cara divertida.

— Tenho sua permissão?

— Entre lá e dome-o. Se conseguir, comprarei o cavalo e ele será seu.

Jafé arregalou os olhos, espantado.

— Você é o comandante da cavalaria quenita, Jafé. Merece uma montaria digna de seus dons.

Sem hesitar e com um novo estímulo, Jafé entrou na arena. Em seus olhos gaditas ele já se via cavalgando pelos campos de Hazorah naquele corcel selvagem. Héber sentou-se na cerca a fim de assistir ao espetáculo que ele sabia muito bem como ia terminar.

Jael viu Sarah sentada em um dos bancos da arquibancada e foi sentar-se ao lado dela.

— O que há? Parece entediada.

— Estou irritada, Jael.

Jael olhou para trás e viu Joakim sentado mais em cima, olhando para elas.

— Gostaria que Héber desse uma ajuda?

Sarah suspirou e sorriu.

— Héber é capaz de fazer milagres? Eu não sabia disso.

Jael abraçou a amiga.

— Oh, Sarah, é tão bom quando os problemas que temos se resumem apenas ao amor!

Sarah a olhou com preocupação.

— O que aconteceu? A reunião trouxe más notícias, se isso for possível?

Jael lhe contou sobre o assunto da reunião. Sarah balançou a cabeça,

incrédula.

— Isso não faz muito sentido. Se havia uma possibilidade da ordem estabelecida mudar, para que serviu a Profecia? Para que serviu a vida de vocês?

— São respostas que eu pretendo buscar - murmurou Jael.

— Onde você vai encontrar essas respostas?

— Eu tenho um palpite - ela falou pensando em Hulda e Nathan.

A palavra "sacrifício" chegou até os ouvidos de Rute com um alerta interior. Ela olhou em direção a tenda, de onde veio a palavra, e se aproximou para ver a peça que estava sendo encenada. Zacarias a seguiu em silêncio. Era uma peça de fantoches. No entanto, não era uma peça infantil. Estavam encenando o sacrifício de Deborah! Aquilo fez o coração de Rute acelerar. Eva não conhecia a história da morte da mãe. Deborah e Barak estavam aguardando o tempo certo para contar. Não era algo fácil para uma criança entender. Além disso, os temas da Festa de Celebração nunca levavam em conta aquele momento triste. Não por proibição, mas pelo simples fato de que ninguém queria trazer a tona aquele episódio em uma época de celebração. Era a primeira vez que Rute o via ser encenado. Ela buscou Eva e viu a menina sentada, imóvel como uma estátua, e branca que nem mármore. Ao seu lado, Davi a observava com expectativa. Ela fitava horrorizada a cena em que o boneco que representava o sacerdote subia no altar levando um enorme machado na mão. As vozes que falavam no lugar dos bonecos davam maior dramaticidade ao quadro. Quando soaram os gritos de dor, a menina levantou-se e saiu correndo em disparada por entre as pessoas. Rute tentou alcançá-la.

— Eva! Eva! — ela gritava enquanto corria pela praça atrás da menina.

Davi e Zacarias corriam logo atrás. Rute a alcançou na porta do Templo. Eva chorava descontroladamente. Rute a abraçou.

— Venha, Eva. Vamos voltar para o palácio.

A menina se afastou e empurrou Rute.

— Não! Eu quero ficar sozinha!

— Eva, eu não posso deixar você aqui!

— Eu preciso ficar sozinha. Por favor, Rute!

Rute sentiu a mão de Davi em seu braço.

— Eu fico com ela, Rute. Aqui é o Templo. Nada vai nos acontecer de mal se ficarmos lá dentro, não é?

— Acho que não, Davi — Rute falou com relutância.

Davi levou Eva para dentro do Templo e Rute sentou-se nos degraus com as mãos no rosto.

— Foi minha culpa, Zacarias. Ela não podia ter descoberto dessa forma. Eu deveria ter sido mais atenta.

O rapaz pousou a mão nos cabelos ruivos dela.

— Não foi culpa de ninguém, Rute. Cedo ou tarde, ela ia ficar sabendo.

— O que eu faço agora? Devo avisar Deborah e Barak?

Zacarias viu Dançarino, o cavalo de Héber, aguardando na porta do Anfiteatro.

— Parece que Héber está no Anfiteatro. Vamos até lá falar com ele.

Quando Jael viu Rute e Zacarias entrando assustados no Anfiteatro, ela foi ao encontro dos dois antes que Héber tivesse notado. Ela sabia que Rute estava com a guarda das crianças.

— O que aconteceu? Onde estão as crianças?

Zacarias lhe contou o que tinha acontecido. Jael voltou a sentar, com cara de espanto.

— Meu Deus! O que ela pode estar pensando?

Rute sentou-se ao lado dela.

— Jael, Davi já sabia dessa história?

— Sim. Ele me ouviu conversando sobre isso com Héber e nos interrogou de uma maneira que não foi possível negar. Ele entendeu, mas com Eva é diferente. Deborah é a mãe dela.

— O que podemos fazer? — Rute perguntou, aflita.

— Eu vou voltar ao palácio e alertar Deborah, antes que a filha a pegue desprevenida — Jael levantou-se.

— Não consegue comunicar-se com ela daqui? — Zacarias perguntou.

Jael deu um sorriso malicioso.

— Há certos momentos em que podemos barrar nosso pensamento. É o mesmo que fechar uma porta. No momento, essa porta está fechada.

Davi e Eva não ficaram no Templo. Ela pediu a Davi que a levasse para o palácio. Quando eles chegaram lá, ela não quis entrar.

— E para onde você quer ir, agora? — o menino parecia exasperado, sem saber como agir.

— Me deixe na estrebaria e saia, Davi. Eu preciso pensar.

Havia tanta certeza nas palavras de Eva, que Davi fez o que ela pediu. A menina ficou ali até o anoitecer, deitada ao lado da baia de Terra, observando o relacionamento da mãe com a filha recém-nascida. Lágrimas lhe voltaram aos olhos. Davi ficou sentado ao lado da fonte, aguardando a chegada dos pais. Quando eles voltaram ao Templo e não encontraram as crianças, mobilizaram-

se pela cidade em busca delas. Isso fez Jael se esquecer de avisar Deborah. A última coisa que passava por suas cabeças era que as crianças haviam decidido voltar para o palácio.

Barak e Deborah desceram e encontraram os sacerdotes e as profetizas reunidos na Sala da Lareira. Já era noite e o quarto de Eva estava vazio. Ela não havia voltado do passeio, mas como Jael, Héber e Davi também não haviam voltado, era possível que Eva estivesse com eles.

— Ouvimos dizer que vai haver uma festa dançante na praça, esta noite — comentou Nathan.

— É verdade — confirmou Barak. — Deborah e eu estávamos pensando em ir.

— Os Luminares no meio do povo? — Otoniel pareceu chocado. — Como a multidão iria se comportar?

— Se comportará como sempre, Otoniel — disse Deborah. — Não é a primeira vez que fazemos isso.

Subitamente, a porta abriu-se e Eva entrou, chamando a atenção de todos. Ela estava com o rosto vermelho de chorar, com os cabelos desgrehados e cheios de palha. Os olhos acusadores fitavam a mãe, como se só houvesse ela na sala. Deborah aproximou-se dela, preocupada.

— Filha, o que houve?

Eva se afastou e olhou para ela como se buscasse uma resposta. Foi com esforço que conseguiu falar.

— Todos dizem que sou filha de Deborah — a voz de Eva estava abafada devido à força que ela fazia para não chorar. — Mas, hoje eu soube que Deborah morreu. Morreu! Se isso aconteceu de fato, quem é você? De quem eu sou filha?

Dito isso, ela saiu correndo pelas escadas. Deborah ficou estática. O rosto pálido e a expressão parada.

— Ela descobriu — foi tudo o que conseguiu dizer.

— Eu vou atrás dela — disse Barak, começando a correr.

— Não! — Deborah o segurou pelo braço. — Sou eu que tenho que resolver isso, Barak. Ninguém poderá responder as respostas que ela busca, além de mim.

Ele balançou a cabeça em concordância, e ela correu para a torre, pois sabia que era lá o recanto preferido da filha.

Deborah abriu a porta da torre e ouviu o soluço abafado que vinha do lado de uma das janelas. Ela entrou e fechou a porta. A luz da lua era a única

luz a iluminar o lugar.

— Eva?

— Vá embora! - foi uma resposta raivosa, em meio ao choro.

Deborah caminhou até o poço das visões e sentou-se na borda.

— Eu não vou embora até que você me escute.

— Por que eu deveria escutar você? De sua boca só sai mentiras. Eu nem sei mais quem você é!

Deborah fechou os olhos. Era duro sentir o ódio da própria filha.

— Por favor, me conte o que aconteceu. Deixe-me ajudar. Dê-me uma chance de falar em minha defesa. Ou você me negará esse direito?

Eva começou a chorar novamente e Deborah teve que resistir a tentação de ir até ela levar consolo.

— Minha mãe morreu na arena. Ela foi sacrificada a uma deusa enganadora. Seus dedos foram cortados – ela falava como se as imagens estivessem diante de seus olhos. — Se eu for mesmo filha de Deborah, você não pode ser a minha mãe!

— Quem lhe disse isso? Como você ouviu essa história?

— Por que isso importa?

Deborah respirou profundamente e respondeu com mais firmeza.

— Porque eu gostaria de saber quem tem o poder de transformar em mentiras tudo o que eu já disse para você. A quem você deu mais confiança do que a mim, que sempre estive ao seu lado? Será que não mereço ser ouvida?

Aquelas palavras fizeram Eva vacilar em sua teimosia. O silêncio motivou Deborah a continuar.

— Por que duvida que eu seja sua mãe? Está duvidando de que sou quem todos dizem que sou? Será que eu tenho enganado a todos?

— Minha mãe teve os dedos arrancados antes de morrer — Eva falou horrorizada, como se a simples idéia lhe desse calafrio.

— Como soube disso? – a pergunta foi feita pausadamente.

Deborah ouviu o suspiro da filha.

— Eles estavam encenando uma peça na praça que contava essa história. Eu nunca a tinha ouvido antes. Uma senhora que estava do meu lado começou a chorar e dizer que se lembrava daquele dia. Eu me dei conta de que estavam representando uma cena real! Quando começaram a cortar os dedos de minha mãe, eu saí correndo... Não agüentei ouvir os gritos, mesmo sabendo que não eram seus... Quero dizer, de minha mãe – Eva pôs as mãos sobre a cabeça, sentindo os pensamentos tumultuados.

— Então, você não ficou até o fim? Não viu como termina? Como pode

saber que a morte venceu no final?

Eva hesitou, antes de responder.

— Sei que ela morreu. E, mesmo que tivesse sobrevivido, ela não teria mãos perfeitas como as suas. De qualquer forma, o fato é que você não é minha mãe... Não pode ser. A menos que Deborah não fosse a minha mãe. Se ela não era a minha mãe, quem é você? Eu sou mesmo sua filha?

A menina recomeçou a chorar, pois sentia a mente confusa.

— Eva, me deixe ir até aí, onde está. Eu gostaria de lhe contar o resto da história. A parte que você não viu.

— Pode me contar de onde está – ela respondeu encolhendo-se junto à grade.

Deborah respirou fundo, frustrada com a teimosia da filha, que não a deixava se aproximar.

— Muito bem, então. Se você tivesse assistido à peça até o fim, teria visto essa cena: Barak chegando e impondo suas mãos sobre mim. Uma luz me envolvendo e trazendo a vida que me havia sido tirada, ao mesmo tempo em que me dava um corpo novo, forte e perfeito. Foi esse corpo que gerou você durante os nove meses que levou para sair. Um corpo pleno com a vida dos Luminares.

Eva não respondeu, mas ouvia com atenção. As palavras traziam um desfecho diferente. Um lampejo de esperança.

— Os meus dedos foram cortados naquele dia, mas outros me foram dados com esse novo corpo.

A menina suspirou. Como queria que isso fosse verdade.

— Isso é verdade? — a voz de Eva estava trêmula.

— Filha, pergunte a quem quiser. Ouvirá a mesma história que eu lhe contei. Volte se puder, e assista à peça novamente, dessa vez até o fim. Verá que não estou mentindo. Verá que nunca menti. Você é minha filha e eu sou sua mãe. Se duvidar disso, olhe-se no espelho. A cor de seus cabelos e olhos é de seu pai, mas os seus traços são meus. Não há como duvidar disso.

Ela viu a silhueta de Eva, quando ela ficou em pé, apoiada na grade da janela. Deborah levantou-se e deu a volta no poço, parando a poucos passos da filha. A menina queria falar, mas tudo o que conseguiu fazer foi atirar-se nos braços da mãe. Deborah a ergueu nos braços e sentou-se novamente com ela no colo, embalando-a como se fosse uma criancinha. A menina soluçava agarrada ao seu pescoço.

— Me perdoe por não ter contado antes — Deborah murmurou em seu ouvido. — Eu achava que você não entenderia por ser muito jovem. Não é uma

história fácil de contar para a filha.

— Me perdoe por ter duvidado, mamãe — Eva a abraçou com mais força. — Tive tanto medo de que não fosse minha mãe.

— Teve medo de não ser *minha* filha, ou de não ser filha de Deborah, a rainha?

— Tive medo de não ser *sua* filha.

Barak abriu a porta devagar e entrou. Deborah olhou para ele e sorriu. Estava tudo bem, era o que dizia o olhar dela. Ele fechou os olhos e respirou, aliviado. Silenciosamente, sentou-se ao lado da esposa e afagou o rosto choroso da filha.

— Alegra-me ver que essas lágrimas, agora, são de alegria.

— Eu sempre achei que você era um sol em nossas vidas, papai.

Ele sorriu e a pegou no colo.

— Não, Eva. Apesar de nós sermos Luminares, foi você que veio lançar um brilho especial sobre nós, acredite.

Jael resolveu voltar ao palácio, enquanto os outros continuavam procurando as crianças pela cidade. Ela entrou no pátio e respirou aliviada quando viu o filho sentado na escadaria do palácio. Ela correu até ele pronta para dar um sermão, mas parou ao ver o semblante triste do menino. Davi não era o tipo de criança que se abatia com facilidade.

— Davi, o que aconteceu? — ela perguntou com suavidade. — Está tudo bem, filho?

— Eva não entendeu a história, mãe. Ela não me deixou explicar.

Jael sentou-se ao lado dele.

— Onde ela está?

— Ela entrou e acusou a tia Deborah de não ser a mãe dela. Eu tentei impedir que ela entrasse, pois estava muito nervosa. Depois que eu a ouvi gritar, eu voltei e não tive coragem de entrar. Não sei o que aconteceu.

Jael beijou a cabeça do filho.

— Tudo bem, Davi. Você tentou. Eu vou ver o que está acontecendo. Você vem?

Davi pegou a mão que a mãe lhe estendia e se deixou guiar para dentro do palácio.

Barak havia subido e todos aguardavam em expectativa. Hulda aproximou-se de Jael, que buscou a calma do terraço e observava as luzes da cidade, fora das muralhas.

— Jael? — Hulda falou hesitante.

Jael virou-se para a mãe de criação, mas não disse nada.

— Mal tivemos tempo de nos falar, filha. Esse dia está muito agitado.

— É verdade — Jael tentou sorrir. — Desde que cheguei, não tive muitos motivos para comemorar.

Hulda pôs a mão sobre o ombro dela.

— Eu soube da morte de Jabez. Um homem sábio. Gostava muito de crianças e costumava contar histórias para elas.

Jael a olhou surpresa.

— Conhecia Jabez tanto assim?

— Tive a oportunidade de vê-lo algumas vezes durante os períodos de festa. Ele gostava de reunir um monte de crianças na frente do Templo e contar histórias sobre a criação de Hedhen.

Dessa vez, Jael sorriu com a lembrança.

— Davi era um dos ouvintes. Ele adorava as histórias de Jabez.

Havia um banco em um dos cantos do terraço e Hulda encaminhou-se para lá.

— Venha e sente-se aqui ao meu lado.

Jael obedeceu.

— Sei que você anda desconfiada de minhas atitudes, e também das atitudes de Nathan — Hulda riu. — É verdade que nenhum de nós tem a capacidade de esconder nada de vocês. Deborah também desconfia de algo, embora não seja tão direta em nos questionar quanto você.

— E nossa desconfiança tem um motivo?

Hulda encarou Jael.

— Filha, eu só lhe peço um pouco de paciência. Não é fácil o que temos a dizer, mas deve ser dito na hora certa. Não nos apresse, por favor. Não foi a toa que eu e Miriam viajamos da Ilha dos Profetas, direto para Babilos, antes de vir para cá.

A expressão de Jael era de pavor.

— Hulda, eu não sei se vou conseguir esperar. Responda-me apenas uma coisa: tem algo a ver com nossos filhos?

A profetisa ficou parada, sem saber o que dizer. Jael sentiu o sangue fugir do próprio rosto. Aquilo era uma confirmação.

— Pelo Grande Pai... — ela murmurou.

Hulda pegou a mão dela nas suas.

— Acalme-se, querida. Não vamos apressar as coisas.

Nesse momento, Davi entrou no terraço a procura da mãe. Jael abriu os braços e ele correu para ela. Hulda sentiu um aperto no coração ao ver como

Jael o abraçou numa atitude protetora. Jael a olhou por cima da cabeça do filho, e Hulda sentiu o medo em seus olhos.

— Tudo o que eu posso dizer, é que vocês terão a oportunidade de ver os seus filhos crescerem fortes e belos. Não há nada o que temer quanto a isso. A morte não faz parte dessa história.

Aquilo pareceu aliviar o coração de Jael, pois ela soltou um suspiro contido e fechou os olhos.

Miriam surgiu apressada na porta do terraço.

— Eles estão descendo!

Capítulo 5

Festejando com o Povo

Naquela noite, todos puderam ir até a praça participar das comidas e das danças junto com o povo. Aquele era um dos momentos mais aguardados. O momento em que os reis interagiam com o povo, como se fossem um só. Era tão esperado quanto o momento em que as coroas de luz ficavam expostas ao final da festa. Héber puxou Jael para o meio da pista de dança e os dois rodopiaram ao som da música alegre. Barak lançou um olhar de desculpas para a filha, que não largava a mão de Deborah desde que haviam descido da torre.

— Sinto muito, querida, mas eu não posso perder para o rei de Hazorah. Se ele quer demonstrar a felicidade dele, eu também tenho esse direito.

Eva sorriu e soltou a mãe, que foi arrastada pelo pai e ambos saíram rodopiando em meio ao povo festivo. Davi estendeu a mão para Eva.

— Quer dançar comigo, Eva?

Eva pareceu hesitante, mas radiante.

— Eu acho que não sei dançar muito bem, Davi.

Ele não ligou e pegou a mão dela.

— Eu te ensino.

Hulda e Nathan se entreolharam e sorriram.

— São apenas crianças e ainda têm muito tempo pela frente — disse Nathan. — Deixe que sejam felizes.

A música tocava alegre e alta. Pela pista, outros casais podiam ser vistos no meio da dança. Rute e Zacarias; Noa e Sangar; Hadassa e Hagai. Sarah havia acabado de comprar uma espuma de limão, a bebida mais refrescante que havia ali, quando alguém tocou o seu ombro. Era Joakim. Ele parecia querer dizer algo, mas não encontrava as palavras. Sarah olhava para ele com expectativa.

— Eu queria saber... — ele começou a falar. — Você gostaria de... —

ele apontou para a pista de dança.

Sarah começou a rir.

— Não acredito que esteja me chamando para dançar!

A atitude dela o desconcertou. Subitamente, ele fechou a cara.

— É claro que não! Eu não sou homem de dançar. Sou um guerreiro.

Ela apontou para a pista com um sorriso irônico nos lábios. Héber era um dos dançarinos mais entusiasmados da pista.

— Não vá dizer isso para o seu rei. Ele poderá se sentir ofendido.

Com um suspiro impaciente, ele tirou o copo da mão dela e o depositou sobre uma das muitas mesas espalhadas pelo lugar.

— O que está fazendo? — ela reclamou. — Eu paguei por isso!

— Eu compro outra depois, mulher! — ele falou, enquanto a puxava para a pista de dança.

Jael e Héber viram a cena de longe e começaram a rir.

— Parece que alguém finalmente cedeu — ele comentou.

Do outro lado da praça, já cansados da dança, Hadassa e Hagai compartilharam uma mesa com Noa e Sangar.

— Então, vocês estão mesmo dispostos a ir nessa jornada? — Sangar perguntou, enquanto coçava a barba que começava a crescer.

— Eu gostaria de poder ficar mais um pouco, no entanto, a situação na fronteira é, no mínimo, intrigante — Hadassa observava os casais na pista de dança, mas seus pensamentos pareciam distantes.

— Você tem alguma teoria própria? — Noa estava curiosa.

Hadassa olhou para ela e balançou a cabeça.

— Teoria? Isso nem era para estar acontecendo, Noa! Nós estávamos lá, na Montanha Branca, quando Barak pegou o Cetro e cumpriu a Profecia. Tudo foi feito de acordo com o que estava determinado. Se existe algo acontecendo para subverter novamente a paz que foi tão duramente conquistada, eu quero saber o que é.

Noa ficou calada olhando para o pedaço de queijo assado em seu prato. Sangar sabia muito bem o que ela estava pensando, pois lhe passara a mesma idéia pela cabeça.

— Não quero ser pessimista, mas talvez vocês precisem de um reforço.

Noa olhou para ele espantada.

— No que está pensando?

Ele sorriu.

— No mesmo que você.

Hagai limpou a garganta para falar.

— Deborah não vai permitir que Noa se ausente. A Cidade Dourada não pode ficar sem suas duas capitãs principais.

Hadassa observava o casal de amigos com um brilho nos olhos.

— Em tempos de guerra isso seria inviável. Mas não estamos em tempos de guerra. Não há, tecnicamente, nenhum tipo de ameaça contra a Cidade Dourada.

Noa concordou.

— Falarei com Deborah e Barak ainda hoje. Maalá poderá assumir o meu lugar na Ordem.

Os quatro selaram a decisão tomada com um brinde de suco de ervas.

Eunice sentia-se estranha sem a armadura de amazona. Mesmo depois de tantas festas como aquela, ela não conseguia deixar a rigidez de lado. Procurou vestir uma túnica leve e confortável, mas sentia-se nua. Ela se preocupava com a jornada que teria pela frente, e temia o que poderiam vir a encontrar. Nada lhe amedrontava mais do que o simples pensamento do mal tomando forma e criando força em algum lugar isolado. Na terra de Hedhen ainda existiam lugares inexplorados onde poucos puseram os pés. O Deserto de Negger era um desses lugares. Ela cruzou os braços e ficou observando o movimento dos casais na pista. A música alta era contagiante e a fez sorrir. Nos tempos de Atalia e Kyara, aquele tipo de manifestação jamais seria permitido. Era por momentos felizes como aquele que ela iria lutar. Não lhe importava o que o deserto estava escondendo, ela estaria lá para impedir que crescesse e avançasse.

— Por que não relaxa um pouco?

Eunice despertou de seus pensamentos pela voz de Deborah. A rainha sorriu e lhe ofereceu um copo de chá de menta.

— O que é isso? — Eunice perguntou, estranhando a cor esverdeada.

— Chá de menta. Uma especialidade de Gades. O povo sabe que é a minha bebida favorita e nunca deixa faltar.

Eunice sorveu um gole e deixou que o líquido de gosto forte e refrescante atuasse em seu organismo. Era revigorante.

— Quer andar um pouco? — Deborah perguntou. — Não parece muito a vontade com a multidão.

Eunice concordou e as duas se afastaram do centro da praça. Quando viu que o barulho estava menor, Deborah sentou-se no canteiro do jardim que rodeava o perímetro da praça e Eunice sentou ao seu lado.

— Sei o que se passa em seu coração, Eunice. Você usa uma armadura a meu serviço, mas ela continua sendo um peso para você.

Eunice levantou a cabeça e não soube o que responder. O olhar de Deborah era profundo, tranquilo e lhe dava muita paz.

— O peso que sente não é pelo fato de estar me servindo, mas pelo que você fez no passado.

— Não consigo deixar de pensar que fiz parte do mal que assolou essa terra. Quando saio nas patrulhas, ainda vejo um resquício de medo nos olhos das pessoas. Elas se lembram de tudo, Deborah.

— Não, Eunice. É você que não se permite esquecer. As pessoas não temem mais as amazonas. Caso contrário, elas não enviariam suas filhas para servir no exército. Entretanto, você vê através de seu medo, sua culpa.

— E o que eu posso fazer para me libertar disso?

— Precisa romper as correntes com o passado. Precisa se olhar no espelho, e enxergar a nova Eunice. Aquela que nasceu no dia em que eu morri.

Eunice fechou os olhos e se viu novamente naquele dia terrível. Deborah passou o braço em volta de seus ombros.

— Eu ainda não lhe agradei por não ter me deixado só naquele dia. Entre todas as coisas que eu estava sentindo, havia uma que tornava tudo mais difícil. A solidão. Eu sabia que teria que passar por tudo aquilo sozinha, mas a cegueira que me foi forçada transformou aquela certeza em medo. Você demonstrou compaixão e eu pude ver o seu coração, mesmo no escuro. Você se arrependeu e enterrou o seu passado ali, ao acompanhar cada um de meus passos até o altar de sacrifício. Como pode ainda se martirizar por isso, depois de tanto tempo?

Eunice sorriu e enxugou os olhos úmidos.

— Acho que sou uma tola.

— Nisso eu sou obrigada a concordar com você.

Ambas riram.

— Faça algo por mim, Eunice. Esqueça a viagem que tem pela frente. Esqueça o passado que já devia estar enterrado. Volte para a festa e se divirta. Dance, converse com os amigos, prove as iguarias, que são muitas e estão deliciosas. Não quero ter que chamar sua atenção de novo.

Elas voltaram para a festa e Deborah ficou satisfeita ao ver Eunice juntar-se a Milca e Tirza, que jogavam pedras tentando fazer o sino soar em uma das barracas.

Uma dança folclórica, de ritmo mais lento, começou a tocar. Era a vez dos casais mais idosos mostrarem o seu potencial. E eles não perderam tempo. Sua alegria poderia ser comparada a dos jovens. Salum segurou o braço de Hulda e limpou a garganta.

— Em tempos passados, um sacerdote não poderia dançar com uma profetisa, a não ser em festas religiosas.

Ela soltou um suspiro aliviado.

— Que bom podermos estar vivendo no presente!

Ele sorriu e a puxou para a pista. Nathan olhou para o lado e viu que Miriam e Otoniel discutiam com alguns sacerdotes mais jovens. Vendo-se sozinho, ele começou a caminhar pelas barracas, observando as novidades e tentando se distrair, levando a mente para longe dos problemas. Jael estava em uma das barracas dando uma olhada em alguns tipos de madeira. Ele aproximou-se e pegou um pedaço de uma madeira quase esbranquiçada e o passou para ela.

— Essa é uma madeira rara. Vem dos lados do norte, das proximidades do Lago dos Ventos.

O mercador balançou a cabeça em concordância. Jael pegou a madeira e sentiu a espessura sólida, mas também percebeu a leveza.

— Parece perfeita para um arco — ela comentou.

Nathan aguardou que ela pagasse o mercador e lhe fez companhia.

— Pretende fazer um arco novo?

— Não é para mim. É para Eva.

Nathan ergueu as sobrancelhas.

— Para Eva? Pensei que ela fosse amante das espadas, como os pais.

— Parece que ela puxou mais aos tios — Jael respondeu com um sorriso, enquanto observava a madeira clara nas mãos. — Essa cor vai ficar bem em um arco feminino.

— Sim, eu acredito que vai.

Eles continuaram andando em silêncio e Jael notou a tensão que Nathan tentava disfarçar.

— Hulda conversou comigo hoje — ela falou.

— O que ela disse? — ele perguntou com um pouco de hesitação.

Jael parou e olhou para ele.

— Ela apenas confirmou que tinha algo importante a dizer, mas que ainda não havia chegado à hora. Não quero perguntar a você, embora sinta o seu desconforto diante da impossibilidade de me dizer. Terei paciência e tentarei aproveitar o máximo essa festa e o tempo de alegria que ainda teremos, antes que novas notícias obscureçam tudo.

— O que está tentando me dizer, Jael?

Ela sorriu e o beijou carinhosamente no alto da cabeça.

— Que estou muito feliz em rever todos vocês. Principalmente você,

meu amigo, que me ajudou tanto em minha caminhada. Sei que a alegria pode não durar muito, mas antes que ela desapareça, eu gostaria que soubesse disso.

O sacerdote a abraçou com força e eles caminharam de volta para a multidão, conversando sobre as mudanças ocorridas em Babilos. Jael suspirou e fechou os olhos.

— É difícil imaginar um quadro diferente daquele que eu guardo na lembrança — ela falou lembrando-se do tempo em que esteve prisioneira em Babilos.

— Por esse motivo, precisa sair de sua tenda quenita e nos visitar! Suas lembranças ficaram enterradas em um passado que não mais existe. A luz voltou a Babilos, Jael. E, além disso, há outra coisa que eu gostaria de comprovar.

— O quê?

— Desde a restauração da ordem, você ou Deborah estiveram em contato com o ferro negro, além de Barak?

— Não que eu me lembre — ela parou de andar. — Você quer nos testar, Nathan?

Ele ergueu os ombros e cruzou as mãos.

— Seria um bom motivo para garantir uma visita de vocês, mas também seria útil para os estudos que estamos fazendo a respeito da Pedra do Céu.

Jael ficou em silêncio, pensando.

— Tente convencer Deborah. Se ela aceitar lhe fazer uma visita, eu a acompanharei.

— Pensei que as lembranças de Babilos fossem mais difíceis pra você.

— Quem sofreu um contato direto com aquela pedra foi ela, Nathan. Somente ela pode dizer se está disposta ou não para um novo encontro.

Capítulo 6

As Caravanas do Litoral

A patrulha partiu em direção ao sul. Noa conseguira a permissão e bênção dos Tronos e seguia com Sangar ao seu lado. Hadassa e Hagai vinham logo atrás e Eunice encabeçava a patrulha composta de uma dúzia de amazonas. Entre elas estava Febe, a amazona grande e robusta que participara da prisão de Deborah, nos tempos de Atalia. Ela tornara-se o braço direito de Eunice e sentia certo atrativo pela vida das sacerdotisas-guerreiras da Ordem. Cultuava em seu coração o anseio por conhecer mais sobre a história profética da terra de Hedhen. Para ela, ter Noa naquela patrulha seria uma ótima oportunidade de dissipar algumas dúvidas, já que ela era a líder da Ordem.

Febe também tinha uma dívida para com Hadassa, pois havia participado do grupo que a tirou de casa no recrutamento relâmpago. Se a moça a havia reconhecido, ela não sabia, pois Hadassa nunca havia tocado no assunto com ela e nunca a olhara com hostilidade. Ela também se lembrava do dia em que Jael entrara em Salema disfarçada, na ocasião em que procuravam Deborah pela cidade. Febe tentou subjugar-lá com um abraço de urso, mas Jael conseguiu derrubá-la e ainda tomou sua espada. Ela sorriu enquanto lembrava a cena, que agora lhe parecia engraçada. Seu riso, no entanto, apagou-se quando se lembrou da prisão de Deborah, no jardim de Shilloh. Ela não participou dos maus-tratos que seguiram aquela prisão, pois seus olhos haviam cruzado com os da Herdeira enquanto as correntes eram postas em suas mãos. Daquele momento em diante, Febe começou a acordar para a realidade.

— Seus pensamentos estão longe, minha amiga — disse Eunice que cavalgava ao seu lado.

— Sim, estão — Febe respondeu com um suspiro. — Tentarei ficar mais alerta.

— Febe, eu acho que sei o que se passa em sua mente. Todas nós, amazonas, precisamos de redenção pelo mal que causamos. Não é suficiente saber apenas que o perdão nos foi dado.

— E o que podemos fazer, então? Sinto que tenho tantas dívidas a pagar, mas não sei por onde começar.

— Confronte as pessoas que você prejudicou e peça perdão a elas. Eu fiz isso com Miriam e Rute. Hoje, sou convidada para almoçar com elas e conversamos como velhas amigas. Estou aprendendo a tirar o fardo de minhas costas aos poucos.

— Sinto que fiz tanto mal nessa vida, que não mereço estar aqui.

Eunice sorriu.

— Este é o grande presente que nos foi dado. A segunda chance. Não vamos desperdiçá-la.

Enquanto elas seguiam, Febe decidiu que quando parasse, ela buscaria ter uma conversa com Hadassa.

Jael e Héber resolveram voltar para o acampamento quenita, a fim de dar a notícia sobre o local de descanso de Jabez. O corpo fora depositado em um túmulo de mármore na cripta do palácio. Durante o tempo que durasse a festa, a cripta estaria aberta para os queneus que quisessem visitar o túmulo do velho ancião. Durante a tarde, Jael sentou-se em frente à tenda e começou a trabalhar no arco de Eva. Héber sentou-se ao seu lado e ficou vendo-a trabalhar. Estavam sós, pois Davi preferiu ficar na Cidade Dourada.

— Você não perdeu o jeito — ele falou sorrindo. — Ainda sabe fazer um bom arco. E será um belo arco.

— Está sendo gentil – ela respondeu sem erguer os olhos.

Ele suspirou.

— Não adianta vir com essa falsa modéstia. Não vou adular você.

Ela riu e balançou a cabeça.

— Quando você vai crescer?

— Quer mesmo que eu cresça? – Héber tentou assumir uma atitude séria.

Ela o observou em silêncio por algum tempo.

— Quero você exatamente como é.

— E como eu sou? – ele ergueu a sobrancelha.

Ela aproximou-se e depositou um rápido beijo nos lábios dele.

— Perfeito para mim.

Ele segurou a cabeça dela entre as mãos e a beijou com intensidade.

— Pretende voltar ainda hoje para o palácio? — ele perguntou.

— Não precisamos voltar hoje — ela falou, soltando o arco.

Ele a levou para dentro da tenda e lá ficaram até o cair da noite. Era raro e precioso cada momento que podiam desfrutar a sós, depois do nascimento do filho. Não era motivo de reclamação, pois isso apenas tornava cada momento especial. À noite, Héber acendeu uma fogueira e sentou-se com Jael na sua frente, apoiada em seu peito. Ele podia sentir o cheiro selvagem dos cabelos da esposa, enquanto ambos observavam o dançar das chamas.

— Você está muito calada e pensativa – ele comentou. — O que está havendo?

— Eu nunca escondi nada de você, Héber. Mesmo que eu tentasse, ainda assim não poderia. Você sabe que eu e Deborah sempre nos preocupamos em conhecer o significado do sinal em nossos filhos. Nós duas conhecemos o fardo por possuir sinais em nossos corpos. Isso sempre foi algo que, mesmo em tempos de paz e felicidade, nos atemorizou. Todos os anos, durante a festa, nós procuramos nos aconselhar com os sacerdotes e buscar neles alguma notícia esclarecedora.

— Eu já sei de tudo isso, Jael. Há algo que eu ainda não saiba?

Ela fez uma pausa antes de responder.

— Davi e Eva têm tido sonhos idênticos.

Héber respirou fundo.

— Com o mar?

— Sim.

— Jael, o que isso quer dizer?

Ela virou-se de frente pra ele.

— Eu ainda não tenho certeza, mas acho que Hulda tem as respostas.

— E por que não a questiona?

— Acha que já não fiz isso? Ela me mandou ter paciência, pois contaria tudo no tempo certo.

Héber bufou impaciente.

— Por que tem que ter um tempo certo para tudo? Por que temos que esperar?

Ele parou de falar e olhou para ela com a testa franzida.

— Acha que o que aconteceu na fronteira é um sinal de que algo ruim está para acontecer?

Jael pôs a mão sobre a dele.

— Héber, nós não devemos nos precipitar. Uma coisa pode não ter nada a ver com a outra.

Ele a apertou junto ao peito.

— Pode ser. No entanto, eu quero estar preparado para qualquer tipo de ameaça. Não vou permitir que nenhum mau alcance nosso filho. Venha ele de onde vier.

Jael nada disse, pois sabia que se os sinais servissem para um propósito maior, teriam sido enviados pelo Pai e, nesse caso, eles nada poderiam fazer para impedir o que quer que fosse.

Barak e Deborah reabriram as audiências para atender um novo fluxo de caravanas que chegavam para a festa. Entre elas, estavam caravanas vindas do Litoral. Elas comercializavam com as ilhas que mantinham uma indústria pesqueira e artesanal. Os objetos feitos com pedras, conchas e outros elementos do mar eram exóticos e bastante procurados. Davi e Eva, sentados em um canto da sala de audiências, tão quietos e pacientes como seriam duas crianças de sua idade, observavam com interesse aqueles homens e mulheres de pele bronzeada que mantinham contato com o mar. Os meninos não temiam o mar, pelo contrário, ele os atraía de uma forma quase sobrenatural.

— Vamos lá fora, ver o resto da caravana – Davi sugeriu com um sussurro. – Deve haver muitos outros produtos. Dizem que tem uma espécie de pedra, chamada concha, na qual se houve o barulho do mar.

— Mesmo estando longe? – admirou-se Eva. – Eu gostaria de ouvir. Só escuto o mar em meus sonhos.

Davi levantou-se e pegou a mão dela. No pátio, várias outras caravanas aguardavam à hora de entrar. Eva suspirou.

— Acho que meus pais estarão ocupados o dia todo. Nem vão perceber que saímos.

— Por que não vem comigo até o acampamento queneu? Podemos ir com Zacarias e voltar mais tarde com meus pais.

— Parece uma boa idéia.

— Mas antes vamos ver a caravana do Litoral.

Eles aproximaram-se da área das caravanas e caminharam até achar a que procuravam. Era, com certeza, a caravana mais atraente e que chamava mais atenção com a exposição de seus produtos exóticos. As crianças se ajoelharam para ver de perto as estranhas pedras que tinham o nome de conchas. Elas tinham tamanho e forma variados. Davi olhou para a mulher que estava ocupada arrumando os produtos para exposição.

— Posso pegar uma?

A mulher sorriu e apontou para uma concha de cor rosada. Parecia ser a maior delas.

— Se querem ouvir o som do mar, experimentem essa.

Davi pegou a concha e a levou aos ouvidos. Ele sorriu maravilhado e a passou para Eva. A menina fechou os olhos ao ouvir o som de ondas sendo impelidas pelo vento.

— É exatamente como nos sonhos – ela comentou. – Parece que o mar está tão perto.

Davi voltou-se para a mulher que os olhava com curiosidade.

— Vocês ficarão na cidade durante a festa inteira? – ele perguntou.

— Infelizmente, não. Temos negócios em outras cidades litorâneas. Há muitos navios chegando das ilhas com novidades lucrativas. Não convém desperdiçar nosso tempo em um único lugar.

Os meninos se olharam desanimados.

— Ficarão por quanto tempo, então? – Davi perguntou.

— Uma semana, no máximo.

Ele sorriu e pegou novamente a mão de Eva.

— Voltaremos aqui antes disso.

A mulher riu.

— Não nos procure aqui, meu jovem senhor! Esse é o pátio do palácio, lembra-se? Procure-nos no mercado aberto montado nos portões da cidade. É lá que as caravanas que estão apenas de passagem costumam ficar.

Os meninos agradeceram a mulher e foram atrás de Zacarias. Ele estava com Rute, nas estrebarias, pois haviam acabado de transportar o novo corcel comprado por Héber. Ele ficaria guardado na Cidade Dourada até que Jafé lhe

preparasse uma área de treinamento no acampamento queneu. Quando ouviu o pedido de Davi, para que os levasse ao acampamento, coçou a cabeça.

— Seus pais estão de acordo, Eva?

A menina olhou para Rute, pedindo socorro. Rute suspirou e deu um beijo estalado no rosto de Zacarias.

— Nos vemos mais tarde, então.

— Aonde vai? – ele perguntou confuso.

— Tentar furar uma audiência para dar a notícia aos pais dessa garotinha. Essa tem sido minha principal função nesses dias.

Eva sorriu da cara entediada de Rute.

— Obrigada, Rute.

Rute sorriu de volta, antes de sair e piscou para ela.

Jael escondeu o arco que estava fazendo, quando viu Zacarias chegando com os meninos na garupa. Ela não queria que Eva o visse sem estar totalmente terminado. Ela aproximou-se do cavalo de braços cruzados.

— Posso saber o que estão fazendo aqui?

— Não há muito que fazer no palácio hoje, mãe – disse Davi. – As caravanas estão fazendo fila no pátio e as audiências não têm hora para terminar.

Eva balançou a cabeça em concordância.

— É verdade, tia Jael. Davi deu a idéia de virmos para cá. Atrapalhamos alguma coisa?

Jael sorriu.

— Não, Eva. Você é muito bem-vinda aqui, e sabe disso. Existem alguns cavalos sendo treinados por Jafé. Ele resolveu levar alguns dos nossos para expor no hipódromo. O cercado foi montado atrás daquela colina, principalmente para receber o cavalo novo. Acredito que vão gostar de ver o treino.

Ela não precisou falar duas vezes. Os meninos saíram correndo na direção indicada.

— Agi mal em trazê-los, Jael? – Zacarias parecia preocupado.

Jael olhou com ternura para o rapaz que em duas ocasiões agiu para salvar-lhe a vida, ainda que não passasse de um menino na época.

— Claro que não, Zacarias. Sei que ele está seguro em suas mãos. Eu só me preocupo pelo fato de meu filho estar tomando decisões por conta própria. É muito cedo para ele ficar independente.

Zacarias baixou a cabeça, sorrindo.

— Sei o que vai dizer – ela se adiantou. – Ele é igual a mim. É por isso

que me preocupo. Você não me conheceu nessa idade.

Rute havia encontrado uma brecha entre uma caravana e outra e se esgueirado para perto dos Tronos. Ela aproximou-se de Deborah e lhe contou que Eva estava com Davi no acampamento queneu. Para seu alívio, a rainha não se afligiu com a notícia. Para falar a verdade, ela parecia bem cansada, isso sim. Rute sabia quando sua rainha estava com problemas, mas nada perguntou. Ela não podia mais agir como uma menina inconseqüente.

— Pelo menos, Jael terá os olhos em cima deles – ela disse com resignação, a voz arrastada. – Acho que todas as caravanas de Hedhen estão aguardando no pátio.

De repente, quando eles esperavam uma delegação, entrou um homem sozinho. Ele caminhava sem pressa e de cabeça erguida, ignorando o olhar de todos. A sala costumava ficar cheia de representantes do povo, das caravanas e de visitantes que vinham de reinos distantes. Não era jovem e nem velho. Possuía cabelos negros e olhos apertados que perscrutavam todo o ambiente em volta. Ele se deteve por alguns segundos ao passar pelo grupo de sacerdotes. Hulda, que estava entre eles, sentiu o peso daquele olhar e baixou os olhos sentindo-se incomodada, como se aquele homem pudesse ler seus pensamentos. Deborah e Barak olharam um para o outro, como se pressentissem algo especial. O homem vestia-se com um longo manto marrom, cujo capuz estava caído sobre as costas. Nas mãos trazia um cajado de madeira. Ele parou diante dos Tronos e ajoelhou-se fazendo uma reverência.

— Eu saúdo os Tronos da Cidade Dourada, no nome do Grande Pai – a voz dele era grave e educada.

— É um prazer recebê-lo em nossa cidade, senhor – disse Deborah, polidamente. – Vem de longe?

— Sim, Majestade, eu venho de muito longe. E trago notícias que não devem ser ouvidas nessa sala, mas apenas entre aqueles que a podem ouvir.

Deborah percebeu que a voz dele era baixa o suficiente para que apenas ela e Barak pudessem escutar.

— Quem é você? – perguntou Barak, no mesmo tom de voz.

— Sou Áquila. Estou aqui, porque o tempo chegou. O que estava oculto foi descoberto e precisa ser explicado. Ninguém da terra de Hedhen terá as respostas para as dúvidas que surgirão, apenas eu as tenho e peço que confiem em minhas palavras.

Deborah engoliu, sentindo um nó na garganta e buscou a mão de Barak. O homem, porém, sorriu e aquele sorriso a fez se acalmar.

— O anúncio que trago não deve ser recebido com temor. Acalme seu

coração, majestade. As notícias servirão para dissipar a cegueira que os envolve quanto aos novos acontecimentos.

Barak levantou-se e ergueu a voz.

— As audiências continuarão amanhã. As caravanas têm permissão para levantar acampamento no pátio do palácio, para que a ordem de suas delegações não seja quebrada.

Ele virou-se para Áquila e segurou a mão da esposa.

— Siga-nos.

Rute chegou ao acampamento quenita com a rapidez de um raio, o cavalo resfolegando. Jael saiu da tenda ao ouvir o seu nome sendo gritado em tom de urgência. Ela aproximou-se de Rute.

— O que aconteceu? – Jael perguntou aflita.

— Você e Héber devem comparecer ao palácio com urgência. Deborah mandou dizer-lhes que uma reunião do Conselho Sacerdotal terá início logo após a sua chegada.

Jael deu um passo para trás, assustada com a notícia. O Conselho Sacerdotal só se reunia para discutir assuntos relacionados à Profecia. Há muito tempo não havia uma reunião dessas.

— Quem convocou a reunião? Os sacerdotes? – ela pensou, a princípio, em Hulda e Nathan.

— Deborah convocou.

Jael assentiu compreendendo a urgência. A irmã, com certeza, tinha motivos para agir daquela forma e ela não ia questionar.

— Avisarei Héber e iremos com você.

Capítulo 7

Áquila, o sacerdote de Nod

A reunião seria na Sala dos Luminares. Era uma sala especial, feita para ser usada nas reuniões com os sacerdotes. Geralmente, essa sala era usada apenas para os relatórios anuais que cada sacerdote sentia a obrigação de apresentar perante os Tronos. Eram reuniões leves e mais pareciam com uma reunião de velhos amigos. Aquela, porém, tinha um caráter de urgência. A sala ficava na parte de trás do palácio, com grandes janelas direcionadas para as planícies do sul. Todos estavam sentados em volta de uma grande mesa, em silêncio. Quando Jael e Héber entraram, todos os rostos se viraram para eles. Os reis de Hazorah tomaram seus lugares. Jael procurou o olhar de Deborah quando viu o estranho sentado à mesa, mas esta a fez entender que devia

esperar.

— Devemos esperar mais alguém? – o estranho perguntou.

— Não – respondeu Barak. – Todos os que deviam estar aqui já chegaram.

O homem, chamado Áquila, assentiu com a cabeça e olhou nos olhos de cada um. O olhar dele era firme e penetrante. Seus olhos eram negros e brilhantes, como os de Deborah, embora não tão profundos em perscrutar os pensamentos.

— Eu venho de longe – ele começou. – Venho de uma terra distante. Uma terra que não se encontra dentro do conhecimento de vocês. Ou, pelo menos, de alguns.

Ele olhou em direção a Hulda. A profetisa respirou profundamente e concordou com um pequeno gesto da cabeça. Para que negar que o momento da revelação havia chegado?

— Seria melhor que eu iniciasse a minha explicação agora, ou você, minha cara, gostaria de expor o que vem guardando com você?

Hulda olhou para Nathan e o pequeno sacerdote lhe deu um sorriso encorajador.

— Não tenha medo, minha amiga – ele disse. – Chegou a hora. Eis o nosso sinal tão esperado.

Ela olhou em volta e parou o seu olhar sobre o visitante.

— Antes de prosseguir, você pode dizer como conseguiu obter essa informação?

Ele riu.

— Eu nasci com uma missão. Acredito que existem pessoas aqui que sabem o que é isso. A minha missão está ligada ao que você tem em mãos. Como eu sei disso tudo? Contarei quando for a minha vez de falar.

Deborah olhou para a profetisa com expectativa.

— Hulda, se tem algo a nos mostrar, faça isso logo.

Hulda respirou fundo mais uma vez e começou a contar em detalhes tudo sobre a descoberta do rolo que continha uma Profecia desconhecida. Uma Profecia que se destinava a uma terra da qual eles nunca haviam sequer pensado existir. Essa terra, segundo o rolo, ficava além do Grande Mar. Enquanto ela falava, a incredulidade e a confusão teimavam em tomar conta de todos. Apesar de tudo o que já vivenciaram aquilo parecia uma coisa impossível. Uma fantasia.

Deborah e Jael trocaram um olhar quando Hulda mencionou o mar. Elas eram, talvez, as únicas que podiam aceitar a veracidade dessa história, sem

levar em conta sua impossibilidade.

— Como é possível que uma terra, tão grande quanto Hedhen, exista fora do nosso conhecimento? – Barak parecia atônito.

— O mundo antigo sofreu grandes mudanças quando os Primeiros Tronos caíram – falou Áquila. – Tremores violentos de terra e o avanço das águas acabaram por separar uma terra, que antes era uma só, em duas metades totalmente diferentes entre si. E isso ocorreu em tempos muito antigos.

— Mesmo que isso tenha acontecido no mundo antigo, deveríamos ter relatos sobre esse fato, principalmente nas Ilhas – questionou Jael. – Uma terra tão grande não poderia passar despercebida por tanto tempo. Teriam escrito sobre ela.

Áquila a olhou com simpatia.

— Um pensamento interessante – ele comentou.

— Que exige uma resposta interessante – concluiu Deborah. – Você tem essa resposta?

Áquila respirou fundo.

— Os Tronos caíram, não por meios naturais. Houve uma batalha de Poderes entre a Luz e a Escuridão. Nessa luta, nem tudo poderia ser poupado, mas uma atitude foi tomada. Unindo suas forças, os Luminares dos Primeiros Tronos criaram uma espécie de ponte, na forma de um portal, para que a terra que foi separada de Hedhen não afundasse no mar. Ao invés disso, ela foi levada em segurança para o outro lado desse mesmo mar, através desse portal.

— Por que era tão importante salvar uma pequena porção de terra? Eu não entendo – disse Otoniel.

Áquila passou a olhar fixamente para as próprias mãos entrelaçadas sobre a mesa.

— Naquele tempo, a Profecia já havia sido criada. E a Profecia, como vocês que a estudaram sabem, predizia que a luz dos novos Luminares deveria salvar *toda* a terra, para que a escuridão não avançasse mais sobre ela. Quando a Profecia foi feita, meus amigos, a terra era uma só.

— Então, o portal foi criado para que a terra fosse salva – Deborah falou como se estivesse completando o pensamento de Áquila. — Caso contrário, uma parte dela pereceria sem a luz que a poderia salvar, e o mundo inteiro hoje poderia estar transformado em trevas, pelo fato de que a Profecia não poderia se cumprir de forma literal.

Ele balançou a cabeça em concordância, surpreso com a facilidade de compreensão dela. Ela, então, levantou-se e caminhou até uma das janelas.

— Diga-nos, Áquila, qual é o nome que se dá a essa terra? É de lá que

você vem, não é? E quem escreveu a Profecia que Hulda tem em mãos?

Todos o olharam com expectativa.

— A terra se chama Nod, e não é nada “pequena”. Penso que, em extensão, ultrapassa Hedhen – ele olhou para Otoniel. - O portal ainda existe e permite uma viagem rápida, sem ter que cruzar a imensidade do mar. Quanto a Profecia, ela foi escrita um pouco depois desses acontecimentos.

— Escrita por homens? – perguntou Salum.

— Não, não! – Áquila ergueu as mãos. – Havia uma classe de sacerdotes naquela época que auxiliavam os Tronos, assim como vocês. A luz dos Luminares estava enfraquecendo por causa da Pedra do Céu, mas os Tronos viram a necessidade de se criar uma Profecia específica para a terra que foi separada. A Luz da restauração deveria chegar lá também, caso contrário, tudo estaria perdido. Então, eles a escreveram e ratificaram, antes que sua luz se extinguísse de vez. Duas cópias foram feitas. Uma foi levada para Nod com um grupo desses sacerdotes fiéis, através do portal, e a outra deveria ficar guardada em Hedhen, para que fosse descoberta quando a Profecia principal fosse cumprida e os Tronos estivessem novamente estabelecidos. Dessa forma, Nod também teria a oportunidade de experimentar a Luz dos Luminares novamente e tomar posse da restauração.

— E toda a Profecia terá sido, enfim, cumprida – falou Jael.

— E se ela não for cumprida? – perguntou Héber. – O que aconteceria se Hedhen continuasse a querer viver esses anos de bem-aventurança, ignorando a terra de Nod?

O semblante de Áquila ficou sombrio e ele buscou o olhar da rainha. Havia compreensão no olhar dela. Foi Deborah quem respondeu.

— A escuridão que está reinando em Nod a tomaria por completo e atingiria a nós também, mais cedo ou mais tarde, como uma infecção. Dessa forma, ela seria maior e mais poderosa do que aquela escuridão que enfrentamos, e a Profecia seria revertida e invalidada. Seria o fim. O fim de tudo. O Pai teria que criar um mundo novo, porque nada restaria. A Luz de Hedhen não seria suficiente para contê-la. É a guerra da Luz com a Escuridão que se repete.

Áquila concordou em silêncio. E em silêncio ficaram todos na sala, até que Deborah voltou para o seu lugar e encostou-se na cadeira com o olhar fixo em Hulda. Intimamente o seu coração batia descompassado.

— Agora, vamos falar de algo que ainda não foi levantado aqui. O que diz a Profecia?

Hulda virou-se para Nathan e passou-lhe o rolo.

— Por favor, meu amigo, faça isso por mim.

Nathan levantou-se e olhou para Deborah, depois para Jael e, em seguida, para Barak.

— Cada um de vocês, Luminares, tem a consciência das verdades escritas na Profecia. Tudo o que vocês viveram, e tudo o que viram ser realizado diante de seus olhos, todo o sacrifício... Enfim, tudo o que foi conquistado e o que vivemos hoje não devem ficar apenas conosco. Foi isso o que acabamos de ouvir, e acredito que ninguém tem dúvidas em seu coração. A Profecia pede que essa luz seja levada através do mar.

— De que forma? – a pergunta veio de Barak.

— Através de Duas Árvores que deverão chegar pelo mar. Duas Árvores que levarão o conhecimento, o poder e a vida dos Luminares dentro delas. Duas Árvores que testemunharão o poder do Grande Pai que criou os Tronos – Nathan falou de forma direta, evitando olhar nos olhos das duas rainhas.

Deborah fechou os olhos. Ela compreendeu tudo. Jael também, pois ela levou as duas mãos à cabeça, enquanto soltava um gemido angustiado.

— Duas Árvores? – ela perguntou, achando difícil conter a emoção. – Duas Oliveiras? Nossos filhos, Nathan? É por isso que eles nasceram com aqueles sinais e sonham com o mar? Por que o destino deles é ir embora para, como nós, cumprir uma Profecia que deverá reger suas vidas?

Deborah levantou-se e olhou fixo para o pequeno sacerdote, acometida por um súbito temor.

— Haverá mortes? A Profecia fala em mortes, Nathan? – o medo dela era compreensível.

Nathan olhou para Áquila suplicando ajuda. O homem levantou-se e falou num tom calmo.

— Há diferentes tipos de morte. O que você passou para que tudo se cumprisse terá os seus frutos, e não deverá se repetir. Não da mesma maneira.

— O que quer dizer com “diferentes tipos de morte”? – falou Barak com a voz dura. – Estamos falando de duas crianças que mal completaram dez anos! Estamos falando de nossos filhos!

— Assim como vocês, eles serão preparados. Não deverão estar prontos antes da data indicada pela Profecia. Dezessete anos é o tempo marcado para isso. É quando eles estarão plenamente desenvolvidos, embora os sinais devam começar a se revelar aos dezesseis.

Nathan pôs o rolo que segurava sobre a mesa.

— Há mais uma coisa... Não há necessidade de ser agora, mas eles

deverão saber e fazer uma escolha, assim como vocês.

Jael riu com amargura.

— Não há escolha, Nathan. Nunca houve escolhas para nós.

Quando a reunião acabou, não havia mais festa no coração de ninguém. O prelúdio dos novos tempos que se iniciavam era sombrio. Todos saíram da sala em silêncio. Áquila apressou-se a se aproximar de Jael, ainda dentro da sala, pois as duas rainhas permaneceram estáticas, ainda digerindo a dura realidade como apenas duas mães seriam capazes de fazer.

— Você falou em sonhos. As crianças sonham com o mar?

Jael percebeu a expressão perturbada que havia tomado conta dele.

— Sim, elas sonham.

— Elas sonham com o quê, exatamente?

Deborah aproximou-se a tempo de ouvir a pergunta.

— Sonham com vozes – ela respondeu. – Às vezes elas clamam, outras vezes estão iradas. Mas, a verdade é que o mar os atrai, não as vozes.

— Sim, as vozes os assustam, não o mar – completou Jael.

Áquila suspirou preocupado.

— O mar está no destino deles. Eles já escutam o chamado e se sentem atraídos sem saber o motivo.

Jael cruzou os braços e o olhou com dureza.

— Acho que agora o motivo foi conhecido, não é?

— Por vocês, é claro. Eles ainda são muito jovens para entender. Não adiantaria explicar o que foi dito aqui, pois eles não compreenderiam. É preciso esperar. Nesse meio tempo, eles devem ser preparados.

Deborah lembrou-se de si mesma e de Jael, enquanto cresciam juntas em Gades, sendo treinadas sem nem saber por quê.

— Dezessete anos não é uma idade muito madura. Ainda serão jovens. Bem mais do que eu e Jael éramos quando iniciamos nossa caminhada.

Áquila sorriu.

— Eles são especiais. São seus filhos. Possuem a vida dos Luminares em seu sangue e herdaram a sabedoria que lhes acompanha. Verão que o amadurecimento irá ocorrer de uma forma muito natural.

Jael balançou a cabeça inconformada.

— Não sei se isso serve de consolo, Áquila.

Ele respirou fundo e depois ficou com um ar muito sério ao olhar para elas alternadamente.

— Não permitam que seus filhos se aproximem do mar. Por mais que eles peçam isso, não deixem acontecer. O chamado da Profecia é muito forte e

eles ainda não sabem lidar com isso. Eles seriam capazes de pular dentro do mar apenas para atender a esse anseio.

Dito isso, ele passou por elas e se foi. Deborah estendeu a mão para consolar a irmã, mas percebeu que também precisava de consolo, ao fitar a própria mão trêmula. Sem nada dizer, ela se encaminhou para a porta.

— Para onde nós vamos? – Jael perguntou.

— Buscar um pouco de Gades e da presença do Pai.

Jael levantou-se e a seguiu.

Barak e Héber ainda tinham coisas a perguntar longe das esposas, que apesar de Luminares, eram mães e o coração das mães sempre ficava vulnerável quando o assunto se relacionava aos filhos. Eles chamaram Áquila para uma conversa particular, longe até mesmo dos sacerdotes. Os três se dirigiram para a torre. Áquila olhou com interesse e espanto para o poço das visões, e aquilo pareceu lhe trazer lembranças distantes.

— As coisas que pertencem ao mundo antigo tiveram suas funções originais de volta – ele falou com tristeza. – Em Nod, essas coisas se desvirtuaram e poucos são os lugares antigos ainda intocáveis.

— Aqui em Hedhen muitos lugares antigos foram preservados, graças aos sacerdotes e aos profetas que nunca os deixaram abandonados – disse Héber.

— Nossa classe sacerdotal é uma minoria. Lutamos na clandestinidade contra uma força muito maior. Apenas três lugares permaneceram incontaminados pelo mal, porque tivemos tempo de prover uma proteção antes que fossem descobertos.

— E é para esse lugar que você quer que mandemos nossos filhos? – Barak falou.

Áquila o encarou.

— A Profecia não foi escrita por mim, Majestade. Peço que se lembre do que falei. A paz de Hedhen depende da salvação de Nod. Isso é indiscutível. Respondendo a sua pergunta, esse é o lugar para onde seus filhos deverão ir quando chegar à hora. Essa é a escuridão que eles deverão enfrentar.

— Quando chegar a hora, eles deverão ir sozinhos? – Héber perguntou.

Áquila pensou um pouco antes de responder.

— Não há necessidade disso. Eles poderão ser acompanhados por um grupo especial, mas lembre-se de uma coisa: Hedhen deverá lutar suas próprias guerras. A luz dos Tronos não deve deixar esse lugar, enquanto Nod estiver em trevas.

Barak cruzou os braços e caminhou de cabeça baixa até uma das

janelas.

— Explique o que acabou de dizer. Que guerras a terra de Hedhen deverá enfrentar?

— Como a rainha Deborah falou, é semelhante a uma infecção. Coisas começarão a surgir ameaçando a paz e a harmonia que foram conquistadas. Esse é apenas o princípio, se o mal de Nod não for extinto.

Héber e Barak se entreolharam, pensando na patrulha e no que iriam encontrar no deserto de Negger.

— Isso já começou – Barak murmurou.

Áquila aproximou-se e depositou a mão sobre o ombro do rei.

— O mal que tentar se levantar aqui, enquanto seus filhos crescem, poderá ser controlado, mas nunca negligenciado. Apenas mantenha ativa sua força militar, pois vai precisar dela.

Héber sorriu tristemente ao ver os balões da festa enfeitando o pátio lá embaixo.

— Essa festa deve mesmo continuar? Existe razão para isso?

Dessa vez, Barak se levantou indignado com o amigo.

— Como pode pensar isso, Héber? Se você não consegue enxergar motivos para comemorar, eu os vejo todos os dias diante de mim. Esse é o mundo que conquistamos e não vamos perdê-lo novamente. Nod será salva, e ponto final.

— Não sou um Luminar, Barak! Não penso como você.

— Você é uma só carne com Jael. É pai de uma das Árvores. O seu sangue também tem a nossa luz, agora. Não renegue isso.

Héber pareceu envergonhado diante das palavras duras e verdadeiras de Barak.

— Me desculpe – ele falou com sinceridade.

Barak respirou fundo e aproximou-se do amigo.

— Nós somos pais, Héber. Precisamos pensar com a razão. Deborah e Jael precisarão do nosso apoio, da nossa força. Sabemos o que temos que fazer. Se nossos filhos terão essa missão para cumprir, eles estarão mais do que preparados para ela, quando chegar à hora. Eu me encarregarei disso. Posso contar com sua ajuda?

Barak lhe estendeu a mão. Héber sorriu e a apertou com firmeza.

— É claro que pode contar comigo.

Áquila sorriu aliviado e guardava no coração a ansiedade por ver de perto as Duas Árvores da Profecia.

Elas chegaram ao alto de uma elevação na encosta de um monte.

Bancos e mesas de pedra estavam espalhados pelo local como monumentos há muito esquecidos. No meio havia uma mesa quadrada, maior que as outras. Jael olhou para cima e viu numa reentrância, incrustada na face de uma grande rocha, uma chama que queimava como se tivesse acabado de ser acesa. Deborah desceu e deixou Bruma pastar livremente. Ela se encaminhou para um dos bancos e sentou. Jael deixou que Solaris fizesse companhia a Bruma e foi sentar-se ao lado de Deborah, ainda olhando para cima.

— Aquela é a Tocha de Lapidote – ela comentou ao ver a expressão de Jael. – Ainda arde exatamente como no dia em que foi acesa por mim.

— Eu não conhecia esse lugar – lamentou-se Jael. – Tantos anos se passaram e eu nunca vim aqui.

— A chama de Shilloh me envolveu de tal forma que acabei por esquecer esse lugar, no qual o Fogo Sagrado também está vivo.

Jael notou um tom de culpa na voz de Deborah.

— Por que você quis vir até aqui hoje? Por que se lembrou desse lugar?

— Porque foi aqui que tudo começou para mim, Jael. Aqui eu soube o significado da grandiosidade de minha missão. Lembro-me que hesitei na hora de atirar a flecha. Hesitei por medo. Eu poderia ter desviado um pouco as mãos e teria errado. A Profecia teria sido anulada, pois não haveria nenhuma Herdeira para colocar ordem em tudo. Mas eu sabia o que tinha que fazer e fiz. Não me importei com o destino que estava reservado pra mim.

— E se você soubesse, teria feito mesmo assim?

Deborah respirou pesadamente e olhou nos olhos de Jael.

— E você, teria?

Ela levantou-se e foi até a pedra central. O sol logo ia se por e já começava a lançar raios avermelhados sobre a terra, dando uma tonalidade especial àquelas pedras.

— Aqui ficava o arco – a mão de Deborah traçou uma forma imaginária na superfície da pedra. — Um pesado arco de ferro.

— Eu sei, pois já tive a oportunidade de segurá-lo – Jael conseguiu sorrir com a lembrança. — Mal consegui me firmar nos pés por causa do peso.

Deborah sorriu e passou a mão pela superfície da pedra novamente.

— Não é pesado para mim.

Jael suspirou. Ela estava intrigada e curiosa.

— Deborah, o que exatamente você quer dizer, me contando tudo isso?

— Eu não estou contando nada de novo, Jael. Apenas relembando. A reunião e o que foi revelado nela me fizeram lembrar o dia em que dei o meu primeiro passo. Eu sabia que depois disso não haveria volta – ela ficou de

frente para a irmã e sentou-se na pedra. – Um dia, eu estava sentada polindo o arco de ferro. Eva entrou correndo e, simplesmente o segurou nas mãos sem nenhuma dificuldade, como se fosse um arco comum. Ela o colocou no chão e sentou no meu colo. Eu fiquei exatamente como você está agora. Sem palavras, sem ação. Com a boca aberta feito uma boba.

— Ela segurou o arco? – Jael balbuciou.

— Este foi mais um sinal que veio confirmar o que eu já suspeitava. Minha filha era especial e, desde esse dia eu fiquei me perguntando no íntimo: Qual será o primeiro passo dela? Para que será? Isso, minha irmã, eu guardei comigo...

A voz de Deborah falhou e Jael foi até ela. As duas se abraçaram e choraram pelos filhos.

— Talvez o ritual de Lapidote seja uma herança, afinal – Deborah falou enxugando os olhos com a manga da túnica.

Jael olhou mais uma vez para a chama e fechou os olhos. Ela pensava em Davi e no quanto ele era importante para ela. Ela também tinha suas histórias para contar. Como no dia em que o shofar de Héber foi tocado de uma forma que somente ela tocaria. Todos no acampamento se admiraram ao ver que era o pequeno Davi que o estava tocando, enquanto os pais dormiam tranquilamente. Deborah respeitou seu silêncio e suas lembranças.

— Eu não vou deixar que Eva passe por isso com as mãos trêmulas, como eu passei. Eu serei mais do que uma mãe para ela. De agora em diante, serei também sua conselheira, sua professora. Quando chegar a hora, apesar da pouca idade, o conhecimento lhe dará a certeza na hora da escolha.

— Não podemos lutar contra isso, não é? Não podemos evitar que eles partam.

— Receio que não, Jael.

— Então, eu agirei como você.

Jael pegou a mão direita de Deborah na sua e passou os dedos pelo polegar da irmã.

— Mas, você ainda não me respondeu. Se soubesse de tudo antes, você teria ido até o fim?

— Por que essa resposta é tão importante para você?

Jael sorriu.

— Porque se a sua resposta for “sim, eu teria”, então eu saberei que não há nada a temer, e que tudo é possível para quem confia no Pai.

— Sim, Jael, eu teria ido até o fim, e faria tudo de novo, quantas vezes me fossem exigido. Embora eu tenha a certeza, no meu coração, de que uma

vez só foi suficiente.

— Obrigada.

Jael sentia o coração leve enquanto desciam de volta para o palácio.

Capítulo 8

O Deserto de Negger

Longe dali, a patrulha parou para pernoitar nas margens de um pequeno braço de rio. A escassa vegetação em volta atestava que estavam perto do deserto. No solo às margens do rio, o capim era ralo e no lugar de árvores só podiam ver arbustos. Sangar olhou para cima, preocupado com as nuvens escuras no horizonte.

— Esse lugar não nos oferece abrigo nenhum contra a tempestade que está se formando – ele disse.

— Concordo com isso, mas não vamos encontrar outro lugar melhor antes do anoitecer – Hadassa respondeu. – Pelo menos aqui temos água.

Eles desmontaram e se dispuseram a armar as tendas. Três delas foram armadas. Uma para abrigar os cavalos, outra para o grupo de amazonas e uma terceira para os líderes. Eunice preferiu ficar na segunda tenda e faria guarda durante a noite junto com Febe. No meio das tendas, Hagai acendeu uma fogueira e começou a preparar uma sopa de legumes e ervas. Hadassa sorriu ao vê-lo trabalhar. Noa recolheu os odres e os levou até o rio a fim de enchê-los. A água era fresca e limpa no trecho que ficava entre alguns arbustos grandes.

Enquanto ela os enchia, percebeu uma luz piscar na outra margem. Logo em seguida, outra luz respondeu. Ela largou o odre que tinha nas mãos e se levantou com o propósito de ir avisar aos outros de um perigo próximo, pois eles não estavam sozinhos ali. Alguma coisa, porém, atingiu-a entre os ombros. Ela sentiu imediatamente o corpo amolecer e o chão sumir debaixo dos pés. Tentou manter-se acordada e gritar, mas estava entorpecida demais para isso. O mundo girava e girava a sua volta. Sentiu quando passos se aproximaram e a ergueram levando-a para longe do acampamento.

Sangar saiu da tenda e passou as mãos pelo cabelo ruivo, olhando em volta.

— Noa ainda não voltou?

Hadassa observava o rio com a expressão preocupada no rosto.

— Não, e já faz tempo que ela foi pegar água. Eu já estava indo procurar por ela.

— Vou com você – ele disse, pegando a espada.

Hadassa virou-se para Hagai, que a olhava com atenção.

— Fique alerta, Hagai, e previna Eunice de que pode haver problemas.

— Preocupe-se apenas com o que vão encontrar lá na frente – ele respondeu.

Ela e Sangar foram até os arbustos e encontraram os odres no chão. Sangar sacou a espada.

— Noa! – ele gritou, olhando em volta.

— Não grite! Não sabemos o que pode estar escondido por aqui.

De repente, uma flecha caiu aos pés de Hadassa. Ela pulou para trás e puxou Sangar para a proteção dos arbustos.

— Essas plantas não vão nos proteger das flechas! – ele falou irritado.

— Se quisessem nos matar, teriam me acertado.

Respirando fundo, ela se ergueu.

— Viemos em paz! – Hadassa gritou. – Não vamos tomar a sua água. Devolva a nossa amiga e partiremos ainda hoje!

— Há um exército acompanhando vocês! – respondeu uma voz que vinha do outro lado do rio. – Já vimos muitas desgraças causadas pela guerra e não queremos vocês aqui. Desse rio vocês não devem passar!

— Não passaremos – ela respondeu. – Devolva nossa amiga e nós vamos embora, como eu já disse.

Houve um momento de silêncio, antes de a voz responder.

— Ela não será devolvida. É valiosa para o meu povo, pois trás o selo da Ordem Branca gravado na roupa. Seremos bem recompensados por termos encontrado alguém assim de tamanha importância.

Sangar ficou em pé.

— Como assim? O que vão fazer com ela? Quem são vocês?

Em resposta, várias flechas foram atiradas sobre eles. Algumas eram incendiárias e queimavam os arbustos assim que tocavam o chão. Hadassa puxou Sangar.

— Temos que sair daqui!

— Não podemos deixar Noa aqui, Hadassa!

— É claro que não! Mas precisamos saber contra quem estamos lutando, Sangar. No momento, estamos em desvantagem e precisamos nos reagrupar. Pelo menos, sabemos que ela está viva.

Noa acordou em uma tenda estranha. Sua cabeça ainda estava zozna e ela tinha uma névoa no olhar. Ela percebeu, ao se mexer, que suas mãos estavam firmemente presas uma à outra atrás das costas. Os pés também estavam atados pelos tornozelos. Ela tentou se soltar, mas a corda apertava

mais a cada tentativa. Ela não esperava ter que passar por uma situação dessas no mundo em que estavam vivendo. A luz parecia estar em desarmonia naquele lugar. Ela ergueu os olhos para a porta da tenda, quando ouviu o som de passos. Esperou em expectativa. Um homem abriu a porta e entrou. Ele tinha uma longa barba negra, mas nenhum cabelo na cabeça. A túnica era escura, de um tom acinzentado. O homem olhou para ela e sorriu de uma maneira desagradável. Ele parecia bem velho, a julgar pelas rugas em seu rosto. Em seguida, ele levou algo à boca e soprou. Noa sentiu a picada e a dor fina que a seguiu, dessa vez no braço, acima do cotovelo. A névoa foi aumentando e o mundo girou de uma forma enlouquecida. Ela revirou os olhos, tentando mantê-los abertos, mas não conseguiu. Mais uma vez ela caiu na escuridão, em um sono confuso.

Quando Hadassa e Sangar voltaram ao acampamento, viram que flechas de fogo haviam caído suficientemente perto dos cavalos, a ponto das amazonas estarem lutando com dificuldade para acalmá-los. Eunice aproximou-se deles, enquanto Hagai e Febe orientavam um grupo que tentava apagar o fogo.

— O que aconteceu? A chuva de flechas nos pegou desprevenidos – ela falou observando o rosto dos dois. – Onde está Noa?

Sangar deixou que Hadassa contasse para Eunice toda a história. Ele correu para ajudar a acalmar os cavalos. Precisava manter sua mente ativa e alerta, pois Noa iria precisar dele. Não podia simplesmente se entregar ao medo de perdê-la. Lutaria para encontrá-la.

O fogo foi apagado e os cavalos colocados em um novo abrigo. O céu continuava prenunciando uma grande tempestade. Eles se reuniram em uma das tendas para tentar criar um plano, apesar de o elemento surpresa dificultar um pensamento claro e lógico.

— Eu não pensei em enfrentar o perigo tão próximo as fronteiras da terra habitável – suspirou Eunice.

— Você se engana ao achar que o deserto não é habitável – disse Hagai.

— Eu conheço o deserto, Hagai. No entanto, as tribos que aqui viviam, faziam parte do povo de Edonia. E, pelo que sei, eles foram totalmente dizimados por Barak.

Hadassa concordou.

— É verdade, Hagai. Estávamos com Barak, lembra?

— Está claro que nem todos foram enviados para a guerra – Sangar falou. – Pelas suas palavras, eles conheciam a importância de Noa e esperavam ganhar alguma coisa com ela. A pergunta é: com quem eles pretendem

negociar?

Hagai observou o céu com o olhar preocupado.

— A tempestade chegará logo e apagará qualquer rastro que eles tenham deixado. Não podemos esperar muito.

Noa e Hagai eram os rastreadores do grupo, portanto as palavras do rapaz foram ouvidas com atenção.

— Acho que vamos ter que enfrentar a tempestade – Sangar estava disposto, mesmo que ninguém o acompanhasse.

Eunice virou-se para Febe.

— Pegue a patrulha e volte para a Cidade Dourada assim que a tempestade passar. Precisaremos de reforços. Eu seguirei com eles.

— Não acha melhor levar uma parte da patrulha? – perguntou Febe.

— Um grupo pequeno será menos percebido, principalmente se houver alguém espionando o acampamento nesse momento, o que eu acho improvável. A segurança de Noa é nossa prioridade.

— E como encontraremos vocês? – Febe sentia o peso da responsabilidade.

— Deixaremos pistas no caminho – disse Hagai. – Quando voltar traga um rastreador no grupo.

Febe levantou-se e foi preparar o grupo de amazonas para a rápida partida após a tempestade.

— Precisamos ir agora – Hagai falou.

Eles saíram da tenda e se dirigiram para o rio. Hadassa tomou a frente e, com extrema cautela, entrou na água. Não era profunda e foi possível fazer uma travessia rápida. No outro lado, Hagai passou a observar o solo em busca de marcas que lhe mostrassem a direção a tomar. Ele encontrou restos de uma fogueira e chamou pelos outros.

— Eles devem ter acampado aqui.

Eunice abaixou-se e pegou um pequeno canudo feito de juncos.

— O que é isso?

Hadassa olhou o objeto e o reconheceu.

— É um dardo rústico. As tribos do deserto costumam fabricá-los como armas de caça e também de guerra. Geralmente atiram um espinho envenenado no oponente.

Sangar a olhou, apavorado.

— Envenenado?

— No caso de Noa, eles devem ter lhe dado algum entorpecente, já que pretendiam fazer negócios.

Eunice pensou um pouco enquanto olhava a estranha arma.

— Se estavam caçando com entorpecentes, sua intenção era fazer prisioneiros, talvez nas aldeias circunvizinhas.

— Pirataria? – Hagai perguntou.

— As tribos de Edonia sempre viveram do saque e dos lucros com o mercado de escravos – explicou Eunice.

— Mais uma vez, eu me faço a mesma pergunta: com quem estão negociando? – cismou Sangar.

— Eu não saberia dizer com quem, mas as pistas indicam que está naquela direção – Hagai apontou para o sudoeste. – É para lá que temos que ir.

Noa sentiu sua consciência voltando lentamente. Por precaução, ela manteve os olhos fechados, pois não queria ser drogada de novo. Pelo balanço, estava numa carroça e podia de uma forma muito vaga, ouvir vozes. À medida que sua mente foi clareando, ela conseguiu ouvir o que diziam.

— Temos que correr com as carroças! Não há um abrigo seguro por perto, e a tempestade logo vai chegar.

A voz era áspera e tinha o sotaque característico das tribos selvagens de Edonia.

— Quero chegar ao nosso destino o mais cedo possível – resmungou o dono da voz. – Essa vida de pirataria não é mais segura depois da ascensão dos Tronos.

— E por que continuamos a fazer? – perguntou uma voz mais jovem.

— Porque estamos recebendo uma boa recompensa pelos pequenos trabalhos realizados na fronteira. Incendiar aldeias inúteis não é bem o meu maior divertimento, mas serviu para chamar a atenção da Cidade Dourada.

Uma pausa.

— Acha que Jabim ficará satisfeito com a captura que fizemos?

Noa sentiu um estremecimento ao ouvir o nome do antigo rei de Hazorah. Então, Jabim ainda estava vivo e atuante! Será que o rei-feiticeiro teria coragem de se erguer contra os Luminares? Ele havia adquirido muito conhecimento oculto com o rei Anrafel, de Babilos, e usado esse conhecimento para aterrorizar a terra de Hedhen durante muito tempo.

— Satisfeito? Ele vai pular de alegria! Pela roupa dessa moça, ela pertence à Ordem Branca. E pelo selo gravado em sua espada, é uma pessoa importante dentro do templo. A Ordem Branca, se você não sabe, é uma ordem sacerdotal. Ela deve ter muita informação sobre os Luminares, pois leva a vida estudando a Profecia. Melhor do que isso, só se nós tivéssemos capturado um dos sacerdotes ou profetas.

— Por que Jabim precisa dessa informação?

— Ele precisa conhecer tudo sobre o inimigo, para poder criar uma arma eficaz contra o poder da luz, já que a Pedra do Céu perdeu o seu valor.

Um trovão se fez ouvir assustando os cavalos. Noa tentou mais uma vez se desprender das cordas, mas estavam tão apertadas que lhe prendiam a circulação. Ela sentia os dedos adormecidos. A corda das pernas, porém, estava meio frouxa e dava-lhe certa liberdade de movimentos. Agitando um pouco as pernas, ela conseguiu desprender o nó mal feito, mas permaneceu com a corda em volta das pernas para não atrair nenhuma desconfiança. Outro trovão, e começou a chover. A carroça onde ela estava era coberta com uma lona, portanto, ela não tinha idéia de quantos homens havia lá fora. Sua única esperança de fuga centrava-se na tempestade.

A chuva forte e os ventos dificultavam os passos. Por isso, Hadassa sugeriu que procurassem abrigo até que a tormenta passasse. Sangar pensou em protestar, mas se conteve por saber que ela estava com a razão. Eles encontraram um pequeno aglomerado de rochas e encostaram-se a elas, colocando os cavalos, entre eles o cavalo de Noa, Tempestade, como um muro de proteção. Hagai percebeu a aflição do amigo e tentou tranquilizá-lo.

— Mesmo que seguissemos em frente, os rastros estariam perdidos a essa altura. Graças ao Pai, conseguimos saber qual direção seguir. E há mais um ponto a nosso favor: eles também não poderão prosseguir com esse tempo. Serão obrigados a parar.

Sangar tentou sorrir.

— É, Hagai, isso me alivia.

Ele respirou fundo e tentou se concentrar em outra coisa.

— Eu não sabia que Edonia era formada por saqueadores. As tribos de Amal eram bem conhecidas pela sua ferocidade, mas Edonia sempre me pareceu um povo à parte, que vivia escondido em cidades de pedra.

— Todos os povos e tribos desse deserto se assemelham – explicou Eunice. – Edonia tem uma história de saques bem maior do que Amal. Uma história que vem desde os dias antigos. Eles cresceram mais do que as outras tribos e chegaram a formar cidades usando a rocha vermelha do deserto. É por isso que receberam o nome de “povo das pedras”.

— Falando em Amal, eu não duvido que os sobreviventes dessas tribos tenham se mesclado aos de Edonia – disse Hadassa. – O tipo de arma que usam é bastante rústico para pertencer a um povo que constrói cidades. Os saqueadores de Amal também estão metidos nisso, eu tenho certeza.

Sangar sorriu.

— Você aprendeu bastante sobre o deserto, Hadassa.

— Eu e Hagai temos viajado muito com as caravanas. Posso dizer que o deserto me fascina, Sangar. Não apenas porque morei em suas fronteiras na minha infância, mas pela sua imensidão e beleza. Sinto que aqui também é um lugar de cura, ainda que de um tipo doloroso.

Ela se calou e fechou os olhos. Eunice e Hagai também se renderam ao sono. Sangar, porém, manteve-se em alerta e não fecharia os olhos, enquanto não encontrasse a esposa.

Pelos gritos do lado de fora, a carroça parecia ter caído num atoleiro. Houve muitos xingamentos na tentativa de desatolar o veículo. O vento balançava a cobertura da carroça, possibilitando à Noa uma vista parcial do grupo que a conduzia. Ela pôde contar mais duas carroças iguais aquela. Cada uma delas atolada de forma idêntica, com uma distancia considerável uma da outra. Isso queria dizer que o tempo dificultaria a visão e a audição para o que poderia acontecer ali. Uma das carroças havia derramado sua carga no chão. Pareciam armas. Noa conseguiu identificar espadas e machados, além de lanças e escudos. Muitos homens, talvez sete ou oito, se aglomeravam em volta dela para evitar que tombasse totalmente para o lado. Ela não sabia exatamente quantos homens havia na outra carroça, mas na que ela estava, pôde detectar o movimento de três homens apenas.

Um deles surgiu na porta e afastou a cobertura. Era um rapaz bastante jovem. Noa deixou que ele se aproximasse.

— Vejo que está acordada – ele falou com um sorriso de escárnio, enquanto entrava na carroça. – Está na hora de outra dose do seu remédio. Temos muito trabalho lá fora para nos preocuparmos com você também.

Ela aguardou que ele preparasse o dardo e, em seguida, com uma das pernas, ela acertou-lhe um chute no queixo, feito com impacto e de forma certa. O rapaz caiu para trás totalmente desacordado e sem nenhum ruído. Ela sentou-se rapidamente e ficou de costas para a ponta da adaga que ele trazia presa ao cinto. Com alguns movimentos precisos, ela conseguiu livrar-se das cordas. Ela esfregou as mãos dormentes e os pulsos doloridos antes de pegar o dardo preparado que estava caído ao lado do rapaz, e a adaga que lhe fora tão útil.

— Vamos lá, garoto! – disse uma voz se aproximando. – Por que está demorando tanto?

Noa esperou que a cobertura fosse novamente aberta. Antes que o homem grande e grisalho falasse qualquer coisa, ela soprou o dardo que o atingiu no pescoço. Ele cambaleou para trás e caiu, chamando a atenção do

terceiro homem. Noa saltou da carroça com a adaga na mão e se viu de frente com o homem de barba negra, que a fitava com hostilidade e surpresa. Ele também trazia uma adaga na mão e investiu contra ela com um grito. Graças ao Pai, o vento forte impediu que o grito fosse ouvido pelos outros. Ela se desviou ainda um pouco cambaleante e teve que se apoiar na estrutura da carroça para não cair. O homem, percebendo sua debilidade, investiu novamente. Noa não conseguia o equilíbrio necessário para iniciar um contra-ataque, pois ainda estava desnorteada pelo efeito da droga. Numa das investidas, ela sentiu quando a adaga penetrou profundamente na sua perna direita, acima do joelho. A dor a fez gritar e reagir ao mesmo tempo. Ela aproveitou a proximidade e enterrou a sua adaga no ombro do atacante. O homem caiu no chão desacordado. Ela viu que a luta se deu do outro lado da carroça, longe de qualquer visão periférica. Noa respirou fundo e puxou o cabo da adaga que ainda estava em sua perna. A dor a fez transpirar e cair sentada no chão, respirando em arquejos. Rasgando um pedaço de sua túnica, ela amarrou-o em volta da coxa para conter o sangramento abundante. Em seguida, com dificuldade por causa da dor lancinante, ela desatrelou um dos cavalos da carroça e montou. Em poucos minutos, estava cavalgando para longe dos piratas de Edonia, sem se importar com a chuva e com o vento.

Quando a chuva parou, já era de manhã. Eles se puseram a caminho, ainda seguindo na mesma direção. Os quatro iam em silêncio, preocupados com a falta de marcas no solo e com o sol inclemente que logo ia abrir e dificultar ainda mais a sua busca. De repente, Sangar ficou em pé nos estribos do cavalo e apontou para frente. Seus olhos treinados viram algo na paisagem.

— O que é aquilo?

— Parece um cavalo – disse Hadassa.

Sangar ignorou as recomendações de cautela e esporeou o cavalo, seguido de perto por Hagai. Ele saltou quando chegou mais perto e viu um corpo estendido no chão. O corpo não se mexia e Sangar sentiu o desespero tomar conta de si.

— Noa! – ele gritou, enquanto se debruçava sobre o corpo da mulher.

Hagai a examinou. Ela estava desidratada, mas viva.

— Ela precisa de água! – ele falou enquanto corria para pegar o odre pendurado na sela do cavalo.

Sangar o recebeu e despejou a água fresca sobre os lábios de Noa. Ela se mexeu e abriu a boca para receber com avidez o precioso líquido que lhe escorria pela garganta. Sangar afastou o odre quando viu que ela estava saciada. Ela abriu os olhos e sorriu para ele.

— Você é real ou uma miragem?

Em resposta, ele a beijou. Sentia-se aliviado e feliz por tê-la de volta.

— Sangar, nós precisamos procurar um abrigo – Hagai falou preocupado. - Eu preciso dar uma olhada nessa perna.

Sangar a colocou no braço e a ajudou a montar em seu cavalo. Noa sentiu-se grata pelos braços fortes do marido a estarem envolvendo, pois agora se sentia realmente sem forças. Hagai os seguiu puxando o outro cavalo pelas rédeas.

Juntos, eles voltaram ao aglomerado de rochas sob o qual haviam se abrigado da chuva.

Os bandidos aguardaram o fim da tempestade para iniciarem uma busca. Se a prisioneira não fosse tão preciosa para os propósitos de Jabim, eles teriam deixado que o sol fizesse o trabalho de matá-la no caminho. No entanto, ela tinha o seu valor e precisava ser recapturada. Caso contrário, cabeças iam rolar.

As rochas não proporcionavam proteção suficiente, mas serviu para que Hagai procedesse com os primeiros socorros. Além de rastreador, ele também era um conhecedor de ervas, assim como Deborah. No momento, ele passava uma pasta feita com água e folhas amassadas sobre a ferida na coxa de Noa. Ela estremeceu e cerrou os dentes quando a água contida na mistura ardeu como fogo em sua perna. Um fio de suor escorreu de sua têmpora. Ele sorriu.

— Arde um pouco, mas ajuda na cicatrização e previne uma possível infecção. Além disso, vai servir também para conter o sangramento.

— Que erva mágica é essa que serve para tantas coisas? – ela perguntou com os olhos fechados.

O rapaz deu de ombros enquanto enfaixava a perna dela.

— Uma mistura inventada por mim. É melhor do que usar as plantas separadamente. Muito útil para casos como o seu.

Noa sorriu e olhou para Hadassa, que estava sentada perto observando o trabalho de Hagai.

— Parece orgulhosa – ela comentou sorrindo.

— E estou – Hadassa respondeu. – Hagai é um baú de surpresas desde o dia em que o conheci. Não sei como teríamos encontrado você sem a ajuda dele.

O rapaz terminou e levantou-se constrangido pelos elogios.

— Eu vou lavar as minhas mãos.

Ele saiu e as duas puseram-se a rir. Sangar e Eunice se aproximaram.

Pareciam preocupados.

— Como você está? – ele perguntou ansioso.

— Bem o suficiente para lhes contar o que descobri.

Eles ouviram com atenção todo o relato de Noa sobre a conversa dos dois bandidos. Sangar pôs as mãos na cabeça. Ele parecia perturbado.

— Jabim está vivo? – ele balançou a cabeça com incredulidade. – Aquele homem foi o responsável por eu ter que viver uma vida de mercenário.

— Isso faz parte do passado, Sangar – disse Hagai ao voltar. – Jabim vivo é uma ameaça para o nosso mundo. Ele conhece os segredos ocultos e deseja desperta-los.

— Precisamos avisar os Luminares – Hadassa sentia-se perdida. – Os sacerdotes também precisam saber.

Eunice cruzou os braços.

— O caminho de onde viemos não é mais seguro. Pelo que Noa nos contou, eles virão atrás dela, custe o que custar.

— Não há outro caminho a seguir – Hadassa falou. – Vamos ter que enfrentar aqueles que cruzarem conosco.

Noa sorriu e admirou a coragem da amiga.

— É uma idéia corajosa, Hadassa. No entanto, nós estamos em um número muito reduzido. Eles podem ter deixado os arqueiros para trás. Eu não arriscaria.

— Tem alguma idéia em mente? – Hadassa conhecia Noa o suficiente para saber que ela não afirmaria algo desse tipo sem ter uma segunda opção.

Noa olhou para Eunice.

— Eunice, há cavernas por aqui?

A amazona pensou um pouco antes de responder.

— Existem algumas cavernas mais ao sul, antes da entrada que leva ao Vale das Rochas. As tribos do deserto evitam o local por achar que é amaldiçoado.

— A nossa bênção é maldição para eles – Noa falou.

— No que está pensando? – Sangar mal continha a curiosidade.

— Depois que Deborah acendeu a Tocha de Lapidote, ela teve que vir para esse deserto a fim de passar por um teste. Ao voltar, ela me contou como havia sido encontrada por Nathan e salva de uma mordida de víbora. A caverna na qual Nathan habitava continha um poço das visões.

Todos sentiram as esperanças se renovarem.

— Se conseguíssemos achar a caverna, poderíamos avisar Deborah e Barak, e pedir reforços – Sangar não conseguia conter o entusiasmo.

Hagai ponderou a questão.

— Antes de tomarmos qualquer decisão, precisamos arrumar um meio de despistar os piratas para longe. Não seria bom que eles nos seguissem e descobrissem o poço.

— Se é que não o descobriram – Eunice murmurou.

— Não acredito nisso – Noa falou. – Jabim sabe muito bem como utilizar o poço. Caso ele já o tivesse encontrado, estaria explorando o seu poder e não precisaria obter informações de alguém como eu.

Sangar trocou um olhar com Hagai.

— Acho que sei como despistá-los. Venha comigo.

Eles saíram do abrigo das rochas e em pouco tempo estavam de volta trazendo nas mãos montes de palha seca.

— O que vão fazer com essa palha? – Hadassa perguntou.

— Amarre na calda do seu cavalo – Sangar respondeu passando um dos montes para ela.

Hagai deu o outro para Eunice.

— Isso apagará os rastros de nossos cavalos – Hagai explicou. – O que ficará no chão será apenas a marca que a palha faz quando jogada pelo vento.

— E vocês usarão o cavalo que roubei para ficar andando por aí livremente, enchendo o solo com as marcas de seus cascos – Noa completou o plano. – Parece perfeito.

— É perfeito – afirmou Sangar. – Vamos lá! Ao trabalho!

Eles já cavalgavam a mais de uma hora em direção ao sul, e nem sinal de estarem sendo seguidos pelos mercenários. Hagai estava satisfeito com o trabalho que fizeram. A palha amarrada na calda dos cavalos apagava qualquer rastro. O cavalo que Noa roubara foi levado por Hadassa até a trilha que ia em direção ao rio. Em seguida, ela amarrou outro monte de palha na cauda do animal e o levou junto com o grupo. Não valia a pena perder um cavalo forte como aquele.

— As cavernas ficam naqueles montes rochosos lá adiante – apontou Eunice.

— Parecem perto, mas deve levar umas duas horas para alcançá-los – Hagai murmurou.

— E quando chegarmos lá? Como vamos saber qual é a caverna? – Hadassa perguntou.

— Não há muitas cavernas – respondeu Eunice. – Apenas quatro ou cinco. Algumas, inclusive, não possuem acesso.

— Isso tornará nossa busca mais fácil, sem dúvida – resmungou Sangar.

Noa seguia calada. Sua perna latejava dolorosamente devido ao movimento forçado e ela sentia a necessidade de parar, mas não faria isso. Não enquanto estivessem expostos ao perigo. Assim que atingiram o solo rochoso e começaram a surgir montanhas de pedra, Hagai sugeriu um descanso.

— Não acho que seja apropriado pararmos agora – disse Noa.

— Preocupo-me com sua perna – explicou Hagai, que vinha observando Noa durante a viagem, e notara que o ferimento voltara a sangrar.

— Eu posso agüentar mais algumas horas, Hagai. O que não quero é atrair aqueles homens para onde estamos indo. Quanto mais cedo pudermos avisar Deborah e Barak, melhor.

Hagai olhou suplicante para Sangar, que deu de ombros.

— Eu conheço essa mulher, Hagai – ele falou. – Ela só vai parar quando chegarmos ao nosso destino, ou quando suas forças acabarem e ela cair no chão.

Dessa forma, eles continuaram por mais duas horas até que a primeira caverna foi avistada.

— Aquela é uma caverna mortuária – apontou Eunice. – Só há ossos espalhados pelo chão. Foi isso que fez o povo da região pensar que se tratasse de túmulos. Isso tornaria o solo amaldiçoado para os vivos, segundo a crença deles.

— Que bom para nós – sorriu Hadassa.

Eunice virou-se para falar com Sangar.

— Deixe que nós, mulheres, sigamos em frente para encontrar a tal caverna. Enquanto isso, você e Hagai podem procurar um posto de vigia para ver se está tudo certo na nossa retaguarda.

— É uma boa idéia – disse Hagai.

Sangar aproximou-se de Noa e lhe deu um beijo.

— Posso ir sem me preocupar com você?

— Eu cheguei até aqui, não cheguei?

Ele sorriu.

— Você é uma mulher forte, Noa. E eu a amo ainda mais pela sua teimosia.

Dito isso, ele seguiu atrás de Hagai.

Capítulo 9

O Poço das Origens

Elas não precisaram cavalgar muito para encontrar as outras cavernas. Uma delas estava meio soterrada e a abertura era estreita demais para ser a

caverna de Nathan. No alto, outra caverna erguia-se como uma grande boca negra na montanha. No entanto, não existia acesso para ela. Elas iam continuar a exploração, quando algo chamou a atenção de Noa. Ela desceu com dificuldade e foi mancando até o caminho que levava a caverna soterrada.

— Noa, o que foi? – perguntou Hadassa.

— Esse caminho é novo – ela disse, com a cabeça baixa, examinando o solo com o olhar experiente. – Há sulcos profundos, como rodas de carruagem carregando um grande peso.

— Recente? – perguntou Eunice.

Hadassa desceu e ficou ao lado de Noa. Em seguida, ela olhou para o céu azul e para o vapor que subia das pedras quentes. O sol ali era abrasador.

— Não precisa ser recente. O calor evita que o vento se propague. É como uma região morta. Nesse caso, os rastros permanecem inalterados e acabam se confundindo com a paisagem.

Noa olhou para ela com uma expressão enigmática.

— O que está pensando? – perguntou Hadassa.

— Nathan mandou buscar água desse poço, para construir o poço de Babilos e da Ilha dos Profetas. Acho que essas marcas remetem a essa época.

— Podem permanecer tantos anos assim? – Eunice perguntou com incredulidade.

Noa sorriu.

— Nathan soube disfarçar bem o lugar em que vivia. Ninguém iria se aventurar num ambiente tão inóspito e propenso a superstições.

Eunice, então, caminhou até a entrada estreita. Ela examinou as pedras que impediam a passagem e viu que estavam soltas.

— Hadassa, venha me ajudar.

Em pouco tempo, elas haviam retirado o entulho de pedras e Eunice pôde se aventurar para dentro da brecha. Noa aproximou-se apreensiva. A perna doía a cada passo e tudo o que ela conseguia fazer era arrastá-la como um peso morto.

— Há uma escada aqui! – gritou Eunice. – Foi escavada na própria rocha e leva para cima. Tem também um túnel estreito que segue por detrás dela.

Eunice voltou com uma expressão mais animada no rosto.

— Acho que encontramos o caminho – ela falou.

Noa escorregou para o chão e encostou-se em uma pedra com os olhos fechados. A testa franzida mostrava que ela começava a perder a batalha.

— Vamos descansar um pouco... Pelo menos, enquanto os rapazes não

voltam – sua voz soou arrastada e enfraquecida.

Sangar e Hagai traziam boas notícias. Ao longe, eles puderam ver uma nuvem de areia sendo impelida pelo vento na direção do rio. Após a passagem daquela nuvem, qualquer rastro teria sido apagado. Quando eles voltaram e souberam que aquela era a entrada para a caverna de Nathan, não pensaram mais em descansar. Sangar ajudou Noa a levantar-se.

— Nós vamos entrar – ele disse categórico. – Se você não conseguir caminhar, eu a levarei nos braços, e não ligo para o que vai achar.

— Não poderia reclamar, mesmo que quisesse – ela parecia resignada. – Agora que paramos, sinto que não consigo dar mais nenhum passo.

O grupo entrou e se surpreendeu quando chegou ao fim da trilha. A caverna possuía vários compartimentos, como uma casa. Em um deles havia um lago cuja água era fria e limpa. A entrada principal estava escancarada para um vale rodeado de rochedos íngremes. A boca da caverna formava uma plataforma que servia como mirante acima deles. Hadassa entrou por uma das aberturas e soltou uma exclamação de assombro.

— Achei o poço!

Os outros correram até onde ela estava e todos pararam diante da visão daquelas águas negras e paradas como vidro, tão diferente do lago que havia na outra abertura.

— Achei que uma parte da água havia sido tirada – disse Eunice. – No entanto, o poço parece cheio.

— Segundo Nathan, esse é o poço original – explicou Noa. – Sua água flui diretamente do centro da terra. Por isso, não importa quanta água você tire, ele volta a ficar cheio em pouco tempo.

— Fantástico! – Hagai falou enquanto estendia a mão para tocar a água.

— Não faça isso! – Noa segurou a mão dele em tempo.

O rapaz a olhou, espantado.

— O poço deve ser manipulado com cuidado – ela explicou. – Não podemos arriscar que nossa mensagem seja ouvida por outra pessoa que não seja um Luminar.

Hagai concordou e recolheu a mão. Sangar olhou para ela.

— Você sabe como fazer isso?

— Sei, eu já tive a oportunidade de utilizar o poço que nós mantemos no templo. Salum me ensinou.

Ela respirou fundo, ainda apoiada no marido, e tocou na água.

Barak, Deborah e Jael ouviam com preocupação o relato de Febe. A

patrulha havia retornado com muita dificuldade, devido à tempestade que fez transbordar o rio e obstruir a passagem. A presença de piratas do deserto em atividade era um mal que ainda poderia ser contido, mas para os Luminares era um sinal da desordem que já começava a se manifestar. Eles estavam na Sala dos Tronos. Nenhuma audiência foi aberta para aquele dia, portanto o local encontrava-se tranquilo. Apenas os sacerdotes estavam presentes, além de Héber e Maalá.

— É necessário enviar reforços o mais rápido possível – implorou Febe.
– Teríamos chegado antes se não fosse pela tempestade.

Jael olhou para Héber.

— Jafé é um bom rastreador. Acho que os quenitas deveriam participar dessa busca. Sabemos como as tribos pensam.

Héber concordou.

— Mandarei reunir um bom número de arqueiros.

Deborah olhou para Barak e ele sorriu.

— Nós também iremos – ele disse.

— A Cidade Dourada não pode ficar sem o Cetro – disse Salum.

— Salum, não existem ameaças em nossos muros, mas existem nas nossas fronteiras – Barak virou-se para Maalá. – Prepare a Ordem para marchar conosco.

— Febe, você está cansada – Deborah falou. – No entanto, eu preciso que forme uma nova patrulha para nos acompanhar. Não peço que venha, mas escolha amazonas que já patrulharam no deserto.

A grande Febe ergueu a cabeça com orgulho.

— Minha rainha, eu farei isso com prazer, mas não pense que ficarei para trás. Sou capaz de marchar o dobro do caminho que já percorri.

Deborah sorriu.

— Que seja como diz.

Nesse momento, algo fez com que Barak, Deborah e Jael erguessem a cabeça ao mesmo tempo, como se houvessem escutado algo.

— O poço está chamando – disse Jael.

Hulda adiantou-se.

— Mas quem pode estar chamando? Eu e Nathan estamos aqui.

Deborah trocou um olhar com Nathan e ambos souberam, na mesma hora, de onde poderia ser o chamado.

— Vão! – ele ordenou aflito.

Quando os três Luminares alcançaram a torre, viram a água se agitar no poço. Deborah adiantou-se e tocou na água. De repente, para surpresa dos três,

o rosto de Noa surgiu diante deles.

— Noa? – disse Deborah. – O que aconteceu? Foi o Pai que a fez encontrar esse lugar.

— “Sim, Deborah, eu não duvido disso”.

— Os outros estão com você? – Jael perguntou.

— “Os outros? Então, quer dizer que Febe já chegou até vocês? Isso é um alívio para nós”.

— Conte-nos o que aconteceu – pediu Barak.

Noa relatou tudo com minúcias, inclusive cada palavra da conversa entre os piratas do deserto; de como havia fugido e sido encontrada pelos outros; da idéia de procurar a caverna de Nathan. Ela expôs tudo sem esquecer nenhum detalhe. Quando terminou, ninguém falou, pois todos estavam perplexos com as notícias.

— Jabim? Vivo? – Jael sussurrou.

— Finalmente sabemos o que aconteceu com aquele covarde – disse Barak.

Deborah, porém, enxergava o problema mais profundamente. As conseqüências da presença de Jabim no deserto poderiam ser fatais.

— Ele não é apenas um covarde, Barak – ela falou muito séria. – Ele é um conhecedor da magia profunda de Babilos. Ele conhece melhor do que ninguém o funcionamento do poço das visões, e sabe que o solo do deserto esconde minérios que são desconhecidos para nós. Ele busca uma nova arma para substituir o ferro negro.

Jael sentiu um estremecimento ao lembrar-se dos efeitos provocados pelo ferro de Hazorah.

— Isso não deve acontecer – ela falou. – Eu não esperava que nosso inimigo fosse tão perigoso, mas agora que sabemos quem ele é, precisamos encontrar um meio de deter os seus planos.

Barak cruzou os braços, pensativo.

— Ele não pode, nem por um momento, desconfiar que esse poço exista.

— “Talvez ele já saiba – disse Noa. – Acho que era essa a informação que ele ia tentar tirar de mim”.

— Nesse caso, precisamos encontrar uma maneira de proteger o poço, sem levantar suspeita – disse Barak.

— E como faríamos isso? – perguntou Jael. – Ao menor movimento, a curiosidade de Jabim seria despertada para aquele lugar.

— Existe uma maneira – disse Nathan ao entrar na torre.

Todos olharam para ele.

— Uma proteção espiritual, semelhante a que protegeu nosso exército na luta contra Salema.

— Semelhante não chega a ser igual – falou Deborah. – O que está pensando?

— Em um tipo de poder que irá tornar o lugar invisível aos olhos de Jabim. Esse poder, no entanto, só pode ser conseguido através da união dos altos-sacerdotes.

— Você, Salum e Otoniel – disse Jael.

Nathan concordou.

— Pelo que pude ouvir, devemos nos apressar.

Deborah pensou um pouco antes de voltar-se para o poço.

— Vocês estão certos de que o local é seguro, Noa?

— “É uma zona morta, Deborah. Um lugar que foi feito para manter as pessoas distantes, principalmente aqueles que se apóiam em superstições”.

Jael sorriu.

— Pelo que conheço de Edonia e Amal, eles não se atreveriam a profanar um lugar desse tipo.

Deborah olhou para Nathan.

— O lugar não me pareceu tão terrível quando estive lá com você.

O pequeno sacerdote sorriu e colocou as mãos para trás.

— Eu fiz algumas mudanças, depois que o deixei. Não queria que o poço fosse encontrado por ninguém. Aquela é uma fonte perene. Não importa a quantidade que se tire dele, a água nunca acabará.

— Bem, e o que faremos, então? – perguntou Barak.

— Eu conheço um caminho alternativo que passa longe da fronteira – disse Nathan. – Esse caminho corre em uma linha paralela ao litoral e é bem mais curto. Chegaremos lá pelo oeste e não pelo leste, que deve estar sendo bem vigiado.

— Então, use esse caminho, Nathan – Barak respondeu. – Entretanto, manteremos o plano de enviar uma patrulha, nem que seja apenas para despistar. É necessário manter a atenção dos mercenários em nós, enquanto vocês tomam posse do local.

Nathan ia contestar a decisão, mas Jael pousou a mão no seu braço.

— Meu amigo, uma patrulha reforçada é o que eles esperam de nós. Se não mandarmos nada, eles irão desconfiar.

Nathan suspirou, rendendo-se a decisão dos Luminares.

— Noa, preparem-se para a chegada dos sacerdotes e procurem manter

a vigilância sobre os arredores – disse Barak. – Não executem qualquer reação, a menos que exista ameaça.

— “Fiquem despreocupados quanto a isso. Tivemos o cuidado de fechar a abertura novamente ao entrarmos”.

— Existe uma pequena área cultivável – explicou Nathan, se dirigindo a Noa. – Uma pequena nascente corre entre as pedras. Vocês a encontrarão se caminharem um pouco mais para o interior da caverna. Talvez encontrem algo na minha horta, já que ela está constantemente sendo regada por essa água.

Noa riu com admiração.

— “Nathan, eu não esperava que tivéssemos isso aqui! Estava mesmo me perguntando o que faríamos para nos manter até vocês chegarem”.

Deborah virou-se para Nathan com um sorriso.

— Então, depois de tanto tempo, descubro o seu segredo!

Quando a comunicação foi encerrada, Noa desabou para o chão, sendo amparada por Sangar. Ela havia chegado ao limite de suas forças.

— Agora, chega! Você precisa deixar Hagai cuidar dessa perna.

Ele a colocou em um dos cantos da caverna que tinha o pequeno lago, onde haviam depositado um cobertor. Ela deixou-se levar, pois se sentia realmente fraca. Apesar dos cuidados de Hagai, ela sentia o corpo febril e cansado. Quando Sangar quis levantar, ela o segurou.

— Não vá agora... – ela pediu.

Ele sorriu e sentou-se ao lado dela. Eunice e Hadassa ajudaram Hagai a jogar mais algumas pedras fechando, por dentro, a abertura da caverna. Quando eles voltaram, encontraram Noa dormindo com a cabeça no colo do marido.

— Fique com ela, Sangar – disse Hadassa com um sorriso. – Eu e Eunice vamos procurar a horta que Nathan mencionou.

— E eu vou aproveitar que sua esposa dormiu para cuidar dela como devia ter feito antes – Hagai aproximou-se com sua inseparável bolsa de viagens, despejando várias ervas e sementes sobre uma ponta do cobertor.

— Acho que vou ser obrigado a assistir o seu trabalho – resmungou Sangar.

— Veja e aprenda com ele, meu amigo.

Sangar acompanhou os movimentos de Hagai, enquanto o rapaz retirava a faixa com a qual envolvera o ferimento. Era um corte profundo, mas parecia limpo.

— Não parece tão ruim – Sangar disse para tranquilizar a si próprio.

— Não está infeccionado, e isso é bom. – Hagai começou a fazer uma pasta com água, sementes moídas e folhas maceradas. – Sua esposa é uma

mulher forte, porque apesar de não estar inflamado, deve estar doendo bastante. É um corte profundo, e vou precisar costurá-lo.

Sangar estremeceu.

— Assim, a sangue frio?

Hagai sorriu.

— Ela não sentirá nada, meu amigo. O seu corpo rendeu-se a exaustão, e eu pretendo mantê-la descansando. Tenho as ervas certas para isso.

Sangar olhou com ternura para o rosto de Noa. A esposa era mesmo uma mulher forte. Foi aquela força que o atraiu desde a primeira vez em que a viu. Nesse momento, Sangar percebeu que uma decisão deveria ser tomada entre eles. Uma escolha deveria ser feita. A renúncia, ele imaginava, deveria partir dele, pois nada o faria ficar longe da mulher que amava. Nenhuma distância e nenhum espaço de tempo seriam obstáculos para a sua felicidade. Nunca mais, ele pensou, enquanto acariciava os cabelos da esposa.

— Sim, Hagai, você tem razão. Ela é uma mulher forte.

Deborah, da janela de seu quarto, observava a patrulha partir para a fronteira. Era uma patrulha maior do que a anterior. Febe insistiu em seguir na liderança. Atrás da patrulha marchava um grupo de arqueiros quenitas, enviados por Jael. Eles saberiam se posicionar em lugares estratégicos sem serem notados. Naquela mesma noite, os sacerdotes também estariam partindo sob a proteção do luar, a fim de não serem notados. Ela pôde ver Barak e Héber montados em seus cavalos. Eles insistiram em seguir a patrulha até os limites da Cidade Dourada. O pequeno Davi acompanhava o pai, montado em sua garupa com um ar de orgulho.

— Mãe? – Eva entrou sem fazer barulho.

— Não deveria estar dormindo? – Deborah falou sem se virar.

— Ainda é cedo.

A menina se colocou ao seu lado e olhou para o pátio, ficando na ponta dos pés para ver por cima da sacada.

— Vamos ter uma guerra?

Deborah pousou a mão sobre a cabeça da filha.

— Espero que não, querida.

— O que diz o seu coração?

— Ele diz que os tempos estão mudando – disse Deborah com um suspiro de pesar. – Mas a luz dos Tronos não é uma luz qualquer. Ela vem do Pai das Luzes, e ele vai assegurar a paz. Só temos que confiar nele.

— Mas você está triste – Eva observou o rosto nobre da mãe.

Deborah sorriu.

— Eu não pensei que os conflitos renasceriam em nosso mundo. Mas eles renasceram e as armas voltaram a ser usadas. Isso me entristece.

Eva ficou em silêncio e Deborah a olhou com curiosidade.

— Em que está pensando?

— Talvez eu deva treinar mais com você – Eva respondeu com o olhar sério e fixo acompanhando a patrulha que ia sumindo na distância. – Se os conflitos continuarem, eu não quero crescer sem dar a minha ajuda nessa luta. Ensine-me a dominar uma espada, mãe. De verdade.

Deborah olhou para a filha e teve um vislumbre dela mesma naquela idade. Aquela decisão vinha de dentro e não de um impulso qualquer.

— Tem certeza disso? É o que quer?

Eva sorriu e balançou a cabeça, surpresa pela aceitação da mãe à sua proposta.

— Sei que vai me ensinar a usar a espada com sabedoria. É dessa forma que eu quero aprender.

Eva voltou para o quarto refletindo na decisão que tomara. Ela estava surpreendida com a própria ousadia. Sempre evitara ouvir os relatos de guerras passadas, ao contrário das outras crianças que se regozijavam com as histórias heróicas. Mas ela vira algo novo nos olhos da mãe. Talvez aquele olhar fosse novo para ela, que nasceu em uma época de paz. No entanto, foi um olhar que a fez sentir que aquelas velhas histórias poderiam voltar e ameaçar o mundo perfeito em que vivia. Não, ela não queria ser uma menina alienada e medrosa. Ela era filha de Deborah e de Barak. Havia um fogo queimando em seu coração, uma sensação que ela não conhecia. E ela tinha certeza de que foi esse fogo que a fez tomar a decisão.

Ao entrar no quarto, ela parou diante da cama e levou as mãos à boca, admirada. Sobre o colchão descansava um arco esplêndido. A madeira era quase branca e suas extremidades foram trabalhadas de forma a lembrar a cabeça de um cisne. Era um lindo trabalho artesanal. Ela esticou a mão e o sentiu. A madeira era lisa e resistente, e tornava o arco agradavelmente leve.

— Esse arco foi feito para durar muitos anos – disse uma voz atrás dela.

Eva virou-se e viu Jael parada na porta, de braços cruzados e com um sorriso no rosto.

— É lindo, tia – Eva gaguejou emocionada. – O arco mais belo que eu já vi.

Jael aproximou-se dela preocupada.

— O que aconteceu, Eva? Algo a perturba?

— Nada, é só que... – ela hesitou. – Eu tomei uma decisão hoje e,

quando vi o arco, foi como se o Pai tivesse enviado uma resposta de confirmação... Você pode entender?

Jael sorriu e sentou-se na cama.

— Talvez eu entenda melhor, se me contar qual foi o tipo de decisão. Mas, eu percebo que você está diferente.

— Diferente?

— Sim. Você parece mais adulta hoje. Às vezes, Davi me surpreende com essas mudanças repentinas. Mas eu nunca tinha visto isso em você.

Eva sentou-se ao lado de Jael e pegou o arco no colo.

— Vai me ensinar a usá-lo?

— Não prefere que sua mãe faça isso?

Eva sorriu.

— Tia, nós sabemos que o arco não é uma especialidade dela – ambas riram. – Além do mais, eu pedi a ela um treinamento sério com a espada. Isso, eu sei que ninguém fará melhor do que minha mãe.

Jael observou a sobrinha com atenção.

— Então, essa foi a tal decisão que tomou?

A menina balançou a cabeça, confirmando.

— E isso a assusta?

— Muito.

Jael suspirou e beijou a cabeça de Eva.

— Treine com seriedade e mantenha esse compromisso, mas me prometa uma coisa. Prometa que não vai crescer antes do tempo.

Eva a olhou, confusa.

— Por que está me dizendo isso?

Jael sorriu e se levantou.

— Por que eu não quero que os problemas que você ainda não compreende a sufoquem, a ponto de impedi-la de viver a alegria da juventude.

Jael virou as costas e caminhou para a porta.

— Tia! – Eva chamou.

— Sim? – Jael perguntou sem se virar.

— Obrigada pelo arco e pelas palavras.

Jael sorriu e se foi sem dizer mais nada.

Capítulo 10

A Portadora da Luz

Hulda, Miriam e Áquila seguiram a cavalo os sacerdotes, pela trilha que ia levá-los a estrada do litoral. O silêncio imperava entre eles. Quando

alcançaram o limite estipulado por Nathan, eles pararam.

— Daqui nós deveremos seguir sozinhos – disse Nathan. – Não sei por quanto tempo ficaremos juntos no Poço das Origens. O certo é que será por muito tempo, até que Jabim seja neutralizado e não represente mais uma ameaça para Hedhen.

Ele olhou nos olhos do sacerdote de Nod.

— Se é que isso é possível.

Áquila baixou a cabeça e suspirou.

— Eu sinto pelo fato de ser um portador de más notícias para vocês, meus amigos. Mas também represento a esperança de Nod e, para que essa esperança não pereça, Hedhen deve resistir, pois daqui surgirá a salvação do mundo que conhecemos.

Nathan virou-se para Hulda e estendeu-lhe a mão.

— Não se deixe abater, Hulda. Há muita força em você, e sabe disso. Não foi por acaso que o Pai a escolheu para salvar aquelas duas crianças que hoje representam o leite e o mel dessa terra.

— Sinto-me cansada, Nathan. Não sei se ainda resta alguma força em mim.

Nathan fechou os olhos e quando os abriu, lançou um olhar profundo para a profetisa.

— Vá para Shilloh – ele sussurrou. – Existe algo lá que você precisa ver, Portadora da Luz.

Hulda o fitou, estarrecida.

— Do que me chamou? Por que está me dizendo isso?

Nathan olhou para Salum, que se aproximou dos dois e segurou firme o ombro da amiga.

— Havia um motivo especial para Atalia ordenar a sua captura e sua morte. Não era apenas para que o paradeiro da Herdeira fosse descoberto, mas para que toda a esperança futura caísse no esquecimento.

Hulda olhava atônita de um para o outro.

— O que há sobre mim, que eu ainda não sei?

Salum sorriu.

— Encontrei muitos papéis no templo de Salema, cuja maioria nem merecia ser lida, mas um deles me chamou a atenção. Era um relatório pessoal da sacerdotisa-chefe, que falava sobre a Profecia. Ela tinha suas maneiras obscuras de procurar entender as palavras, é verdade. Entretanto, ela fala de coisas das quais nós não nos apercebemos. Não poderei explicar isso a você agora, porque o nosso tempo é curto. Procure Ana e aguarde até que possamos

fazer contato com você novamente.

— A verdade, Hulda, é que Deborah e Jael irão precisar de você novamente, e de uma maneira que nunca precisaram antes – completou Otoniel. – Vai ter que fazer isso para que possa encontrar sua força novamente. A idade não é um obstáculo para você.

Dito isso eles se foram, acobertados pelas sombras da noite.

— Palavras enigmáticas – murmurou Miriam. – No entanto, fazem sentido.

— O que quer dizer? – Hulda perguntou ainda aflita.

— Primeiro vá a Shilloh, depois conversaremos.

Os três voltaram em silêncio para a Cidade Dourada.

Noa acordou desorientada. Ela parecia ter estado ausente por muito tempo, pois em seus sonhos vagara por uma densa e bela floresta, em cujo interior podia-se ouvir os mananciais de águas, e o sol iluminava uma clareira que abrigava casas de madeira que podiam ser confundidas com as próprias árvores. Havia uma alegria em seu coração. Ela se sentia livre e realizada naquele lugar, mesmo sem conhecê-lo. E mesmo sem conhecer, ela sabia que havia sonhado com a Floresta de Quedes.

Ela sentou-se e sentiu um cheiro que mexeu com seu estômago. A perna enfaixada já não doía como antes, o que a fez se perguntar por quanto tempo esteve ausente? Hagai surgiu através de uma entrada nos fundos da caverna e sorriu ao vê-la acordada.

— Olá! Trouxe um pouco de sopa para você. Sabia que ia acordar logo.

Ela pegou a tigela de barro que ele lhe oferecia e sentiu o cheiro apetitoso.

— De onde surgiu isso?

— Hadassa e Eunice encontraram a dispensa de Nathan. A horta não havia morrido totalmente e algumas sementes deram frutos, mesmo nesses tempos de abandono. A fonte de água do poço mantém o terreno sempre bem regado. Não podíamos ter encontrado um lugar melhor para nos abrigar.

Noa tomou alguns goles da sopa, antes de voltar a interrogar o rapaz.

— Onde estão todos?

— Sangar foi fazer a vigília da tarde; Eunice está alimentando os cavalos. Eles estão bem acomodados em outra gruta, e Hadassa está cuidando para que nossa fogueira não solte muita fumaça.

Noa suspirou e colocou a tigela no chão.

— Parece ótimo, Hagai! Isso se assemelha ao relatório de um dia perfeito. Quantos eu perdi?

Ele suspirou diante do olhar incisivo dela.

— Fiz você dormir por dois dias.

Antes que ela pudesse protestar, ele ergueu a mão.

— Eu tive que fazer isso, Noa! Você estava inquieta e precisava desse descanso. Lembrei-me que foi assim que Miriam cuidou de Jael nas Cavernas do Sal, após ela ter escapado de Babilos. A sabedoria dos sacerdotes não pode ser questionada.

Noa riu.

— Não sei se gosto mais de você agora, ou de quando não falava nada.

Ele baixou a cabeça, envergonhado.

— Alguma notícia da Cidade Dourada? – ela perguntou com ansiedade.

— Barak se comunicou conosco ontem pela manhã. Os sacerdotes já estão a caminho e deverão chegar logo. Por enquanto, essa região ainda está invisível aos olhos de nossos inimigos.

— Vamos esperar que continue assim.

Eunice entrou e sorriu ao ver Noa acordada, mas não conseguiu esconder um olhar de preocupação. As duas comandantes já conviviam juntas tempo o suficiente para que certos detalhes não passassem despercebidos

— O que a preocupa, Eunice?

— O desempenho da patrulha, eu acho. Febe não é muito experiente em confrontos abertos, embora tenha adquirido um enorme zelo pelos Tronos.

— Esse zelo pode ser tudo o que ela precisa. Não devia se preocupar, só confiar.

Eunice sorriu.

— Às vezes, você me faz lembrar Deborah. Ela tem o dom de nos fazer acreditar no impossível.

Hadassa e Sangar chegaram juntos. O marido, sem se importar com os outros, a tomou nos braços e lhe deu um beijo apaixonado. Hagai olhou para Hadassa e ela correspondeu com um olhar intenso que fez o rapaz sorrir.

— Estava com saudades de você – Sangar falou.

— Esteve me falando de Quedes enquanto eu dormia? – ela perguntou de repente.

— Era tudo o que eu podia fazer. Sonhar com você andando por aquele paraíso selvagem. Por isso, eu comecei a divagar trazendo essas lembranças à memória. Fico feliz em saber que você ouviu.

— Eu não apenas ouvi, mas também senti. Não quero que seja apenas um sonho, Sangar.

Ele a olhou com espanto e expectativa.

— Mas essa não é a hora e nem o lugar para falarmos sobre isso — ela adiantou.

Entretanto, a esperança já havia renascido no coração de Sangar.

Na Cidade Dourada, o povo continuava a festejar, apesar das audiências terem sido canceladas há dias. Davi e Eva subiram na torre para observar o céu estrelado e os fogos que o povo soltava na praça.

— Você acha que é muito grave o que está acontecendo? — Eva perguntou.

— Não sei ao certo. Meu pai não quis me dizer nada, mas eu prestei bem atenção às suas palavras, enquanto ele falava com seu pai, Eva. Parece-me que um rei dos dias negros voltou e está ameaçando a paz de Hedhen.

— E por que os sacerdotes tiveram que partir?

— Para proteger um lugar importante que não pode cair nas mãos desse rei. Isso é tudo o que sei.

A menina suspirou preocupada.

— Eu gostaria de estar na ação — disse Davi. — Queria ir e lutar, assim como o meu pai já fez muitas vezes.

— Eu preferia que não precisasse ter nenhuma ação.

Ele olhou para ela e notou o semblante carregado.

— Ainda bem que somos apenas crianças — ele comentou e ela sorriu.

— Sua mãe me disse que eu deveria aproveitar cada momento de minha juventude — Eva disse enquanto olhava a Grande Estrela brilhar no céu.

— Ela vive me dizendo isso — ele suspirou.

Os dois ficaram em silêncio por alguns momentos.

— Amanhã, as caravanas do Litoral estarão partindo — lembrou-se Davi.

— Todas elas?

— Só restam três. Ainda não tivemos a oportunidade de ver os produtos da maior delas. Dizem que seus mercadores vieram direto das Ilhas Solitárias e trouxeram um estoque de pedras redondas.

— Que pedras são essas?

— Pedras que nascem do mar e que valem mais do que diamantes. Há uma entre elas que é grande e negra.

Eva sentia o coração bater de ansiedade.

— Eu gostaria de vê-las.

— Por que não nos levantamos cedo, antes do sol, e vamos dar uma olhada nas caravanas?

— Ninguém nos deixaria sair, Davi — Eva murmurou desalentada.

— Ninguém vai notar que saímos do palácio, Eva. Estão preocupados

com o que está acontecendo no deserto.

Eva não conseguiu lutar contra a própria vontade.

— Sairemos bem cedo, então – ela cedeu.

Ana quase desmaiou de susto ao ver Hulda entrar pelo portão de Shiloh naquela noite. Simeão estava no jardim acendendo os lampiões e não percebeu a sua chegada. Ana encontrou-a próxima a Coluna da Chama, após a profetisa ter deixado o cavalo para trás.

— Ana, eu preciso de sua ajuda – disse Hulda.

— O que eu posso fazer por você, profetisa? Ou será que veio em busca do poder do Santuário?

Hulda suspirou e Ana sorriu.

— Acredito que o poder do Santuário não lhe seja desconhecido, Hulda.

Hulda apenas abaixou a cabeça.

— Os ventos estão trazendo mudanças, Ana. Hedhen pode estar ameaçada e novas revelações estão surgindo. Você também tem o dom da profecia e deve sentir a verdade em minhas palavras.

Ana a olhou com ansiedade.

— Deborah está bem?

Hulda sorriu.

— Não se preocupe com sua neta, minha amiga. O mal ainda não cresceu o suficiente para que seus braços alcancem os Tronos.

Ana respirou aliviada. Em seguida, pegou as mãos geladas de Hulda nas suas.

— Venha, minha senhora, entre e saia desse frio. Lá dentro podemos conversar.

Hulda a acompanhou para dentro da casa. Ana a fez sentar na frente de uma mesa, enquanto lhe servia uma xícara de chá fumegante.

— O que a traz aqui, Hulda? O que a deixou tão aflita?

Hulda fitava sua xícara sem levá-la a boca.

— Sou uma profetisa – ela falou num tom que era quase um sussurro. – Não estou acostumada a ser surpreendida por coisas que não entendo.

— E o que a surpreendeu?

Hulda a olhou com uma ruga entre os olhos.

— Salum deixou algo com você? Algo que eu deveria ver?

Ana fechou os olhos por um momento, como se estivesse forçando a memória.

— Sim, ele deixou uma coisa comigo. Mas isso faz muito tempo. Ele me pediu para guardar até o dia em que fosse requerido. Eu nunca soube do que

se tratava, mas lembro-me da urgência na voz dele.

Ana abriu os olhos e tentou sorrir.

— Ele me disse: “Ana, se um dia alguém vier lhe pedir isso, será um sinal de que a ordem estará mudando novamente. O meu desejo é que isso nunca aconteça”.

Hulda nada disse, apenas tomou um gole do chá e aguardou em silêncio.

— Agora que vejo quem veio requerer o que tenho guardado, sinto que realmente teremos mudanças. Você não é qualquer pessoa, Hulda.

Ana levantou-se e sumiu por uma porta que dava para o interior da casa. Hulda continuou a beber o chá e percebeu que suas mãos estavam trêmulas. Quando Ana voltou, trazia nas mãos uma pequena caixa de madeira. Ela a entregou para Hulda, que a abriu com uma expectativa controlada. Dentro da caixa havia uma pilha de folhas amareladas e soltas. Pareciam, à primeira vista, anotações aleatórias e sem muita ordem.

— Estão exatamente como no dia em que me foram entregues, nessa mesma caixa. Nunca a abri e nem me lembrei dela, até hoje – Ana falou com solenidade.

Hulda sorriu e fechou a caixa.

— Eu penso que hoje não dormirei – ela falou com um suspiro. – Não conseguirei fechar meus olhos antes de ler cada linha desses papéis.

Hulda levantou-se e deu um forte abraço em Ana. Em seguida, ela saiu com a mesma pressa com a qual havia chegado. Simeão continuava no jardim, mas seus olhos se erguiam para o céu. Ele também podia sentir os ventos da mudança.

Barak abriu a porta do quarto de Eva e viu que a filha dormia tranquilamente. Ele beijou-lhe o rosto e acariciou a face macia. Ela se mexeu, mas não acordou. Ele, silenciosamente saiu e foi para o próprio quarto. Deborah também dormia. Ele sentou-se ao lado da esposa e pôs a mão sobre o coração dela. Ela abriu os olhos e sorriu.

— Eu não sabia que o sol brilhava a noite – ela falou com a voz rouca e sonolenta.

— Apenas quando quer se revelar para a lua – ele respondeu com um sorriso. – Gosto de sentir seu coração batendo.

Ela o puxou e ele deitou-se ao seu lado.

— É espantoso vê-la dormir tão bem. Há muito tempo não a vejo assim.

Ela suspirou.

— Pelo menos, agora sabemos o que está acontecendo. Antes, havia apenas uma suspeita de que um mal estava crescendo. De certa forma, esse

conhecimento, embora nos traga preocupação, aliviou o meu fardo.

— Sim, você tem razão. Essa noite nós podemos dormir em paz. Nosso inimigo foi revelado e o futuro ainda está distante. Além disso, nossa filha dorme tranqüila em seu quarto...

A voz dele foi falhando.

— E o meu rei está cansado – ela disse com um sorriso.

Ele aconchegou-se mais nos braços dela e colocou a cabeça sobre o seu peito, de forma que pudesse lhe ouvir o coração.

— Deixe-me dormir com esse som – ele pediu. – Me faz pensar na vida e no quanto ela é preciosa para todos nós.

E assim, eles dormiram naquela noite, ignorando o que o dia poderia lhes trazer de bom ou de ruim.

Héber parecia preocupado ao voltar do quarto de Davi. Jael ainda não havia se deitado e ele juntou-se a ela na sacada da janela. Um vento frio fazia os seus cabelos esvoaçarem com rebeldia.

— Estou preocupado com nosso filho – ele disse, observando a maneira como ela tentava livrar o rosto dos cabelos rebeldes. – Ele já dormiu, acredita nisso?

Jael sorriu.

— Está preocupado por que ele está dormindo?

Ele aproximou-se por trás e prendeu os cabelos dela com as mãos.

— Estou preocupado com o que ele andou fazendo, para ser rendido pelo cansaço.

— Talvez ele sinta a nossa preocupação – ela se lembrou do rosto de Eva. – Estivemos tão ocupados que não paramos para perceber se os problemas o atingiram de alguma forma.

— Acha que ele poderia sentir algo?

Ela deu de ombros e virou-se para o marido com os braços cruzados.

— Não podemos ignorar que tudo isso está ligado ao destino dele. Por que ele não sentiria?

Héber suspirou e apoiou-se na parede da sacada. Ela o abraçou sentindo a frustração dele.

— Não vamos pensar em um futuro que ainda está distante.

Ele suspirou e fechou os olhos.

— Estou tentando.

Jael ergueu o rosto dele e o beijou nos lábios com suavidade.

— Vamos dormir – ela falou. - Algo me diz que o dia que vai chegar não será fácil.

Ele sorriu devolvendo-lhe o beijo.

— Então, é melhor apenas dormirmos – ele sussurrou.

— Foi isso o que eu disse.

Hulda não voltou para o palácio, mas foi direto para o templo. A Ordem sempre mantinha a porta aberta, pois o Pai não dormia. Maalá a encontrou no portão e ficou preocupada.

— Hulda? O que está fazendo aqui?

— Preciso de um lugar tranquilo, Maalá. Essa noite eu me dedicarei ao estudo de papéis muito raros que caíram em minhas mãos. No palácio, sei que não vou encontrar a paz de que necessito para isso.

— Não lhe farei perguntas, senhora. Eu a levarei até o quarto de Noa, que no momento está desocupado. Lá poderá fazer seu estudo e dormir, caso o sono consiga vencer a batalha.

Hulda sorriu e acompanhou a mulher através do pátio, e até a escadaria que levava as dependências da Ordem. Antes que Hulda entrasse no quarto, Maalá perguntou:

— Tem notícias de Noa?

— Sim, ela conseguiu nos mandar uma mensagem. Não se preocupe. Amanhã mesmo ela estará iniciando sua viagem de volta com muitas novidades para contar.

— Isso alegria o meu coração – Maalá sorriu. – Noa é como uma irmã para mim.

Em seguida, Maalá virou-se e voltou para o seu posto na entrada do templo. Hulda, enfim, pôde abrir a caixa e espalhar as folhas diante de si. No quarto de Noa havia uma velha mesa com uma cadeira e uma lamparina já acesa. Hulda sentou-se e começou a ler.

— Eva!

A menina acordou e viu o primo ao seu lado. No primeiro momento ela olhou-o, confusa por causa do sono, mas logo em seguida lembrou-se do que haviam combinado.

— Ainda está escuro, Davi! – ela falou esfregando os olhos.

— É nessa hora que as caravanas se aprontam para partir. Venha logo ou vamos perder a oportunidade de ver a pedra negra de que eu lhe falei.

Ela se levantou ainda sonolenta.

— Pode me esperar lá fora?

Ele suspirou.

— Tudo bem, mas seja rápida.

Eva foi rápida. Em poucos minutos, os dois desciam as escadas do palácio adormecido. Não saíram pela porta da frente, mas pela porta que levava ao jardim. Ninguém os viu e eles não viram ninguém. Atravessaram o pátio e detiveram-se no portão. Este era mantido aberto durante as noites que duravam a festa, por causa do movimento constante de caravanas que chegavam ao palácio. No momento, o porteiro estava ocupado fazendo a contagem das caravanas que deveriam se apresentar diante dos Tronos naquele dia. Os chefes caravaneiros amontoavam-se em volta do porteiro que tentava impor alguma organização.

— É a nossa chance – Davi pegou a mão de Eva. – Vamos!

Eles saíram do palácio e correram em direção à praça do mercado. O galo cantou anunciando o sol que estava para nascer.

As caravanas estavam mesmo de partida. Eva caminhava atrás do primo, enquanto lançava olhares em todas as direções. Davi parou e a fez chocar-se com ele.

— O que foi? – ela perguntou irritada.

— Lá está a caravana de que eu falei.

Ela olhou na direção em que ele apontava. Era uma das maiores caravanas que ela já vira. Além de cavalos e camelos em uma quantidade absurda para uma caravana, muitas carroças de transporte se enfileiravam, prontas para partir. As tendas brancas e bordadas de azul claro era uma característica de todas as caravanas que vinham do Litoral. Ninguém parecia prestar atenção nas carroças, pois estas já estavam organizadas. Os animais, no momento, pareciam estar chamando a atenção para si, pois alguns camelos teimavam em não sair do lugar. Davi puxou Eva pela mão e ambos correram até a maior das carroças.

— Espere um minuto, Davi! Como pode saber que é essa carroça?

— Porque é a maior! Com certeza deve ser aqui que eles guardam as coisas de maior valor. Venha!

Ele pulou para dentro e ajudou Eva a subir. Os dois não estavam preparados para ver tantas coisas maravilhosas. Lá dentro amontoavam-se caixas e baús cheios de mercadorias exóticas. Abrindo uma caixa pesada de bronze, Davi soltou uma exclamação e Eva ajoelhou-se ao lado dele para olhar.

— Veja isso, Eva! São as pedras.

Eva observou, com o cenho franzido, a fileira de pedrinhas redondas e esbranquiçadas que descansavam sobre uma almofada vermelha no fundo do baú.

— São lindas, mas não vejo nenhuma que seja grande e negra. Todas

parecem ter o mesmo tamanho e a mesma cor.

Davi pegou em uma das pedras redondas e a encostou ao nariz.

— Não é suficiente para você saber que elas vieram do mar?

Em uma caixa ao lado, cuja tampa estava aberta, muitos vidros mantinham-se fechados. Eram todos de colorido variado e despertaram a curiosidade da menina. Ela pegou em um de coloração verde.

— O que será isso?

Davi observou o vidro com interesse.

— Talvez seja algum tipo de perfume – ele disse. – Por que não abre?

Ela obedeceu, mas não ao comando dele, e sim ao seu próprio desejo. De certa forma, aqueles pequenos vidros coloridos lhe causaram uma curiosidade maior do que as pedras. Ela retirou a tampa com cuidado. De repente, uma fragrância suave encheu o ar e ela começou a sentir a cabeça rodar.

— Davi... Eu não me sinto muito bem – ela falou, largando o vidro no chão da carroça e deixando o corpo cair devagar.

O menino percebeu que havia algo errado com aquele vidro, pois sua visão estava ficando turva. Uma grande sonolência apoderou-se dele. Em segundos, ele caiu na inconsciência sobre o corpo já adormecido da prima.

O poço das visões estava chamando. **Barak e Deborah acordaram e, pouco depois, Jael batia na porta do quarto.**

— Vou subir na frente e aguardo vocês na torre – ela disse.

Quando Jael sentiu o chamado já estava totalmente desperta e vestida. Ela subiu correndo a escada e quando chegou à torre viu que as águas do poço se agitavam. Sem hesitar, ela estabeleceu o contato. O rosto de Noa surgiu na água.

— Noa, o que houve?

— “Tivemos movimento esta manhã. Alguns cavaleiros passaram por aqui, mas pareciam ter pressa para deixar o lugar. Entretanto, ficamos preocupados porque foi o primeiro movimento de pessoas na redondeza, desde que chegamos aqui”.

— Eles manifestaram interesse pelas cavernas?

— “Não, pelo contrário. Pareciam ter medo delas”.

Jael respirou aliviada.

— Isso parece bom. Os sacerdotes chegarão aí esta noite, se não tiverem encontrado nenhum obstáculo.

— “É bom saber disso. Não vejo a hora de ver esse lugar protegido”.

Nesse momento, Deborah e Barak chegaram à torre.

— “Agora que estão todos aqui, vou chamar Eunice. Ela tem algo importante para dizer”.

A imagem da comandante das amazonas surgiu na água. Eunice fez uma reverência com a cabeça ao ver os três Luminares.

— O que você tem a nos dizer, Eunice? – perguntou Deborah.

— “Tive uma lembrança tardia, mas acredito que seja importante”.

— Fale – pediu Barak.

— “Liderei muitas patrulhas pelas fronteiras do deserto, e pernoitei em muitos lugares diferentes. O povo sempre me divertiu com suas superstições e medo. Naquela época, eu gostava de ouvir histórias contadas em volta da fogueira. Uma dessas histórias dizia respeito a um rio de fogo escondido entre as montanhas no extremo leste do deserto. Havia naquele lugar, segundo diziam, um enorme buraco causado por uma montanha caída do céu. Dentro desse buraco, havia cavernas e o rio de fogo corria entre elas”.

— Uma montanha que caiu do céu? – Jael murmurou uma pergunta.

— “Sim, Jael. Uma pedra suficientemente grande para ser confundida com uma montanha. E eu não estou falando da Pedra do Céu, de Babilos. O que eu estou querendo dizer é que aquela pedra pode não ter sido a única que veio lá de cima”.

— Você disse que ela caiu no extremo leste do deserto – falou Deborah.
– Acha que Jabim já sabe sobre ela?

— “Não duvido disso. Ele se escondeu por essa região durante todo esse tempo. Deve ter ouvido as histórias ou, quem sabe, vindo por causa delas”.

— Mesmo que ele descubra o local exato, vai levar muito tempo para que possa conhecer as propriedades da pedra – ponderou Barak. – Ele não vai conseguir criar uma segunda Montanha de Ferro da noite para o dia.

— Mas poderá fazer isso em sete anos – disse Jael, olhando para os dois. – A não ser que a encontremos primeiro.

Deborah balançou a cabeça em concordância. Eles tinham de seis a sete anos para que a nova Profecia começasse a ser cumprida.

— Jael tem razão. Se existe outra coisa que Jabim não pode fazer, além de se apoderar do Poço das Origens, é encontrar outra substância que sirva de arma contra nós.

— Se é que tal coisa é possível – contrapôs Barak. – Somos diferentes agora. Temos a vida dos Luminares dentro de nós. Como vocês podem achar que algo novo possa ser criado para se opor ao que nos foi dado?

— Porque existe outra Profecia que não conhecíamos, e que veio mostrar que a realidade que vivemos hoje ainda não é a definitiva! – Jael falou

alterada.

— Jael, acalme-se – pediu Deborah.

Um silêncio pairou sobre eles. Jael respirou fundo e voltou-se para a janela que dava para o sul. O olhar dela parecia sombrio e perdido em lembranças. Barak não quis argumentar, pois não passara pela experiência de ser exposto, contra a própria vontade, a qualquer coisa que tirasse suas defesas, exaurindo aos poucos a sua energia vital. De todos eles, Jael fora a mais exposta e os Queneus, seu povo, foi usado por muito tempo para os propósitos de Jabim.

— Eu não posso ficar parada, esperando que outra montanha maligna seja criada em algum lugar daquele deserto – Jael falou sem se virar. – Lutarei contra qualquer força que Jabim possa reunir, mas não permitirei que ele venha a usar novamente o conhecimento oculto que adquiriu – ela virou-se para eles. – Nenhum de nós deveria permitir isso.

— E não vamos – disse Deborah. – Sabemos o que ele irá procurar fazer e temos meios para impedir, pelo menos por um tempo, que seu poder e influência cresçam o suficiente para se tornarem uma ameaça real.

Ela virou-se para o poço.

— Eunice, os sacerdotes deverão chegar logo. Quando isso acontecer, peça-lhes que se comuniquem conosco. Acredito que existem respostas que apenas Nathan e Otoniel possuem.

Eunice assentiu e a comunicação foi interrompida. Barak aproximou-se de Jael e pôs a mão no ombro dela.

— Perdoe-me, irmã. Falei sem verdadeiro conhecimento da situação. Deixei-me levar pela emoção e me exaltei por ser quem sou. Não somos maiores do que o Pai, e tudo o que acontece conosco deve passar pela sua permissão. E se existe uma Profecia, permitida por ele, que dê legalidade para que algo assim venha a acontecer em nosso mundo, quem somos nós para questionar?

Jael sorriu e abraçou Barak.

— Vamos esquecer isso, irmão. Eu também me exaltei.

Nesse momento, as águas do poço voltaram a se agitar. Era Hulda.

— Hulda? – disse Deborah entre surpresa e curiosa. – Onde você está?

— “No templo – a voz dela estava cansada. – Será que vocês, Luminares, poderiam vir até aqui?”.

— Claro! Mas, o que aconteceu? – perguntou Jael.

Hulda sorriu.

— “Sempre tão impaciente! Você nunca vai aprender a esperar, Jael?”

Venham logo, se puderem”.

A imagem sumiu. Os três se entreolharam confusos.

— Esta manhã, eu acordei achando que o dia seria agitado, mas não esperava que fosse tanto! – suspirou Jael.

Capítulo 11

Pequenos Reféns

Longe dali, já fora dos limites da Cidade Dourada, as caravanas do Litoral seguiam o seu caminho habitual pela estrada dos mercadores. Antes do meio-dia chegariam à intersecção que dividia a estrada principal em diversas rotas opcionais. Ali, elas se dividiam e cada uma tomava um caminho próprio. Dentro de uma carroça, em meio a tantas outras, ainda despercebidos pelos mercadores, duas crianças dormiam profundamente, parcialmente escondidas no meio das caixas de mercadorias exóticas. O cheiro que pairava no ar e que os fizera adormecer ainda prevalecia no ambiente.

Hulda estava esperando por eles na sala que Salum costumava usar para fazer seus estudos. Deborah, logo de início, percebeu as olheiras profundas em torno dos olhos da profetisa.

— O que aconteceu? – ela perguntou. – O que a fez ficar acordada a noite toda? Não negue, pois conheço o aspecto de uma pessoa que não dormiu.

Hulda olhou para ela com um sorriso cansado.

— Eu não vou negar o óbvio, filha – ela fez um gesto com a mão para que eles entrassem. – Sentem-se. Há muitos bancos espalhados por essa sala, como podem ver.

Jael franziu o cenho ao ver os papéis que estavam espalhados por sobre a mesa usada para estudos.

— Por favor, não vá nos dizer que achou outra Profecia – ela falou.

Hulda riu e aquele riso conseguiu descontraí-los um pouco.

— Não, Jael. Acho que duas Profecias são mais do que suficientes.

— E o que são esses papéis? – Jael continuava intrigada. – Eles foram o motivo da sua falta de sono?

— Na verdade, foram – ela olhou para os Luminares e deu um suspiro. – Eu penso que esse tempo que se inicia trará com ele muitas surpresas. Descobri coisas a meu respeito que desconhecia completamente. Sinto-me zozza diante da revelação de uma missão tão grande.

— Missão? – Barak perguntou.

— Sim, Barak. A *minha* missão. Acho que agora chegou a minha vez, meus queridos.

Deborah olhou para Hulda tentando entender suas palavras.

— Não pode ser mais clara, mãe?

Hulda a olhou com ternura.

— Eu preciso deixar vocês por um tempo – Jael abriu a boca, mas nada disse diante do olhar de advertência da irmã. – Cada um de vocês já passou por isso. Falo de um momento de autoconhecimento. Um momento reservado para que o propósito de sua vida seja exposto diante de você.

— Você fala por enigmas, Hulda – disse Barak. – Não consigo compreender suas palavras.

Hulda levantou-se e caminhou pela sala com a cabeça curvada, fitando o chão.

— Para onde vai? – Deborah perguntou.

— Vou para Aroer – ela lançou um olhar para Jael. – Se falo por enigmas, é porque o motivo de minha partida é um mistério até mesmo para mim. Apenas Jethro, o ancião, pode me dar às respostas de que preciso. Ele poderá me explicar algumas citações da Profecia de Hedhen que fazem alusão a uma “Portadora da Luz”.

— Portadora da Luz? – Deborah estava cada vez mais intrigada.

— Esse era um título que nós, estudiosos da Profecia, costumávamos associar a Herdeira ou a Guardiã, dependendo do sentido empregado. Entretanto, esse título parece ter sua própria individualidade. Curiosamente, foi numa busca maligna que isso foi descoberto. A sacerdotisa-chefe de Atalia estudava uma cópia da Profecia e fazia anotações. Ela percebeu a diferença sutil entre os atributos e os títulos. Quando Salum tomou posse do templo, encontrou essas anotações e as entregou a Ana, em Shiloh. Não antes de estudá-las, é claro.

— Não quero questionar sua descoberta, Hulda – começou Jael. – Mas, poderemos confiar em palavras escritas por aquela “coisa” que se fazia passar por sacerdotisa?

— É exatamente isso que eu pretendo averiguar, Jael. As anotações foram feitas com zelo e cuidado. São palavras de uma pessoa que conhecia o poder gerado pela Profecia e não ignorava sua importância. O fato de essa pessoa estar do lado errado é um bom motivo para querer estudar aquilo que dá forças aos seus inimigos. Você não faria o mesmo?

Jael suspirou e fechou os olhos.

— Você pretende demorar? – Barak perguntou. – Precisamos dos seus conselhos.

Hulda sorriu para os três.

— Estarei de volta o quanto antes, eu prometo.

Eles almoçaram no templo. Hulda partiria naquele mesmo dia e levaria Rute e Rebecca com ela. As moças ansiavam por uma missão fora dos muros do templo e Maalá resolveu atender aos seus desejos.

Quando retornaram ao palácio já passava muito do meio-dia. Jael sentia a cabeça doer devido às notícias preocupantes daquele dia. Ela só pensava em voltar para o quarto e tirar um tempo para descansar durante a tarde. Mal haviam descido dos cavalos quando Héber veio correndo ao encontro deles com uma expressão ansiosa no rosto.

— As crianças! – ele falou ofegante. – Vocês as viram? Estão com vocês?

Jael cambaleou e teve que segurar-se em Solaris. Deborah a apoiou.

— Não, Héber – respondeu Barak, preocupado. – Saímos muito cedo para atender ao chamado do poço e, logo em seguida, Hulda nos mandou chamar no templo. O que aconteceu?

— Eles sumiram do palácio, Barak! Davi e Eva não estão em parte alguma. Eu os procurei esta manhã, pois queria levá-los para treinarem com os arcos no acampamento quenita, mas não os encontrei. Suas camas estão desarrumadas como se ambos tivessem saído às pressas. Sei disso porque procurei Davi no quarto de Eva quando não o encontrei.

Barak tentava pensar com clareza.

— Héber, eles podem estar por aí, andando pela cidade.

O amigo balançou a cabeça, irritado.

— Ele deixou o arco para trás, Barak. Meu filho não larga aquele arco desde que o ganhou. O arco de Eva também estava no quarto dela.

Deborah sentia o coração oprimido pela culpa. Os problemas daquele dia os fizeram ignorar os próprios filhos, e agora sua intuição dizia que a preocupação de Héber tinha fundamento.

— Você os esteve procurando sozinho, Héber? – ela perguntou.

Ele suspirou e encostou-se na porta da estrebaria com as mãos na cabeça.

— Não. Eu não teria vindo correndo e em pânico se não tivesse certeza de que algo aconteceu. Desde cedo, Sarah e Joakim andam pela cidade procurando por eles. Milca e Hogla também estão ajudando. Ninguém os encontrou, Deborah.

Jael ficou tensa, ao ver Áquila descer correndo a escadaria e vir em sua direção. O sacerdote parou e olhou para as duas mães aflitas.

— Sinto um perigo se acercar das Oliveiras. Precisam ajudá-los. Eles

estão indo em direção a um caminho perigoso para eles.

— Do que está falando? – Barak perguntou. – Que perigo pode rondar nossos filhos?

— As caravanas... – Áquila murmurou como se estivesse em transe.

Deborah virou-se para Héber, percebendo o medo do sacerdote.

— Vocês foram ao mercado? Olharam nas caravanas?

Héber assentiu.

— Sim, nós fomos lá. Não havia muita coisa para ver, pois as caravanas do Litoral já não estavam mais lá e o local estava parcialmente vazio.

Jael encarou Deborah e ambas reconheceram o perigo. O mar.

Deborah voltou a montar em Bruma, diante do olhar espantado do marido. Jael, por sua vez, praticamente voou para a sela de Solaris.

— Para onde vocês vão? – Héber perguntou.

— Tentar parar uma caravana – disse Jael.

Héber segurou as rédeas de Solaris.

— Havia mais de uma caravana, Jael! Como vai saber qual é a certa?

— Porque esta vai para o Litoral – quem respondeu foi Deborah.

— Pelo menos três iam para o Litoral – argumentou Héber.

Barak montou em Alvorada.

— Por que acham que eles estão em uma dessas caravanas? – ele perguntou.

Áquila adiantou-se.

— O mar os chama, Majestade. Eles não podem resistir a esse chamado.

Héber entrou correndo na estrebaria para pegar Dançarino, que já estava pronto para montar, pois ele o estivera usando durante toda a manhã.

— Vou querer saber mais sobre isso depois, sacerdote – disse Barak. – No momento, precisamos encontrar nossos filhos.

Deborah olhou firme para o sacerdote.

— Áquila, você e Miriam são os únicos membros com autoridade que restam no palácio. Assumam tudo até a nossa volta.

Áquila, apesar de perturbado, recebeu a nova tarefa com zelo. Quando ele viu os quatro saírem numa cavalgada veloz e desesperada, fechou os olhos e apertou as mãos diante do peito.

— Grande Pai, guia-os no caminho certo. Que o coração dos pais se volte para os filhos, e que o coração dos filhos se volte para os pais. Faça surgir às conexões adormecidas, pois tua Profecia começa a ser cumprida nesse dia.

Quando Hulda soube o que havia acontecido, resolveu adiar sua partida até que tudo fosse resolvido. Miriam, porém, foi contra a sua decisão. As duas

estavam caminhando em volta da fonte, em frente ao palácio.

— Não deve demorar-se demais, Hulda. O tempo urge e você será muito necessária aqui quando chegar o verdadeiro tempo do mal se manifestar.

Hulda a olhou com curiosidade.

— Você já sabia de algo a meu respeito, Miriam? Por que não me falou nada?

— Eu não posso dizer que sabia de algo, Hulda. Eu apenas sentia que você, minha amiga, havia sido escolhida para um papel muito peculiar. Quando você surgiu nas montanhas, fugindo de Salema com Deborah em seus braços, havia uma luz em você. Era algo muito sutil, mas perceptível aos meus olhos. A rainha Cirene era uma mulher sábia. Ela conhecia você e, através de Shilloh, ela teve a revelação de que a esperança residia em seus braços.

Hulda sentou-se na borda da fonte.

— Eu nunca me senti alguém especial – ela murmurou.

Miriam sorriu.

— Você sempre teve seus olhos voltados para os outros, mas nunca questionou o seu próprio papel.

Hulda balançou a cabeça, ainda incrédula.

— Por que agora, Miriam? Eu me sinto cansada, velha. Não tenho mais a mesma energia de antes.

— Hulda, olhe para você! O seu cansaço não vem da idade, mas de uma vida ociosa. O que temos feito na Ilha durante todo esse tempo? Apenas auxiliar nos estudos proféticos e ensinar a desenvolver esse dom. Você não é apenas isso. Você é uma guerreira! Você lutou por Gades, lutou na guerra contra Hazorah, enfrentou perigos na estrada. Quanto à idade, os anos de todos nós foram prolongados quando a ordem mudou. Passará muito tempo até que sua aparência seja a de uma velha. Você ainda tem a força necessária para lutar.

Hulda suspirou sem nada responder. Miriam pôs a mão sobre a sua cabeça.

— Vá para Aroer e encontre suas respostas. Não se preocupe com a Cidade Dourada. Eu cuidarei de tudo até a volta dos Tronos.

— Agradeço por suas palavras, Miriam. Partirei, mas o meu coração está aflito pelas minhas meninas. Gostaria de ter notícias delas antes de ir, mas sei que não será possível. Portanto, deixarei com você o encargo de cuidar delas em minha ausência.

Hulda subiu em uma carruagem e Miriam a viu sumir através do portão.

Já não havia mais sol quando eles atingiram a encruzilhada da Estrada das Caravanas. Héber saltou do cavalo e abaixou-se para verificar o caminho.

— Há rastros de rodas em ambas as direções – ele falou.

A estrada se dividia em mais dois caminhos. Um deles seguia para o norte, em direção ao porto de Sidônia; o outro ia para o oeste, direto para Jopim, uma grande cidade portuária que se abria para o Grande Mar.

— Acredito que duas das caravanas seguiram para o norte, mas uma tomou o rumo do Grande Mar – Héber continuou a análise.

— E como vamos saber para onde ir? – perguntou Jael, aflita.

— O perigo está no mar – murmurou Deborah. – Seguiremos para o oeste. O caminho até o mar é mais curto nessa estrada. Se não for a caravana que procuramos, ainda teremos tempo de alcançar as outras antes que cheguem ao porto de Sidônia.

Barak desmontou.

— As caravanas costumam parar quando o sol desce no horizonte. Também precisamos parar, embora o meu desejo seja voar em direção daquela caravana.

Jael sabia que Barak estava certo. Haviam cavalgado muito, depois de uma manhã atribulada, e sentiam os corpos e as mentes cansados. Os cavalos também precisavam descansar. Eles saíram da estrada e buscaram um lugar para acender uma fogueira.

— Fogo é tudo o que podemos ter – falou Héber. – Saímos completamente sem provisões.

— Não sinto fome, nem sede – disse Deborah. – Concordei em parar apenas para que nossas forças não se esgotem.

Ela olhou para a irmã que pressionava as têmporas com os dedos. Sem que Jael percebesse, Deborah pôs a mão acima de sua cabeça, sem chegar a encostá-la. Jael sentiu uma sensação de alívio que a fez suspirar. A dor de cabeça havia evaporado e agora ela podia pensar com clareza.

— “Obrigada” – Jael falou em pensamento.

Deborah sorriu e encostou-se ao marido que descansava apoiado numa pedra. Héber atirou um graveto no fogo e logo em seguida foi se aninhar nos braços de Jael. Nenhum dos quatro falava, pois nenhum deles queria expor os próprios medos.

Eva acordou com uma confusão de gritos em sua volta. Ela demorou em se lembrar de onde estava. O balanço a fez ver que estava em uma carroça coberta por uma pesada lona. Havia um peso sobre ela. Era Davi. O menino jazia adormecido sobre suas pernas. Lentamente, ela conseguiu se lembrar de tudo. Aquele frasco devia conter algum tipo de sonífero muito forte. Esticando o corpo, ela puxou uma ponta da lona e olhou para fora. Era noite e os

caravaneiros começavam a fazer suas fogueiras enquanto gritavam uns com os outros. As carroças pareciam ter sido colocadas em volta dos animais para servir de cercado.

Ela sacudiu o corpo do primo.

— Davi! – ela sussurrou.

Ele gemeu, mas não acordou. Eva sentiu vontade de chorar. O que eles fariam se fossem descobertos? Certamente os caravaneiros os tomariam por simples ladrões. Se isso acontecesse, eles terminariam seus dias como escravos ou teriam punição pior. Mais uma vez ela sacudiu o corpo de Davi. Ele continuava a dormir profundamente. Naquele momento, ela ouviu passos se aproximando e fez a primeira coisa que lhe veio à mente. Pegou um pedaço velho de lona e cobriu o corpo de Davi. Em seguida, ela deitou-se o máximo que conseguiu protegida pelas caixas empilhadas a sua volta. Ela ouviu o som do arrastar da coberta, e uma voz grossa se pôs a gritar:

— Aqui dentro está tudo em ordem! Podemos descansar tranquilos, agora.

Ela compreendeu que eles estavam fazendo a vistoria da caravana. Fechou os olhos e agradeceu ao Grande Pai por terem passado despercebidos. Eva decidiu aguardar que o efeito da droga passasse e Davi acordasse. Então, poderiam pensar num plano para escapar dali. Entretanto, ela nunca se sentira tão solitária e temerosa. E logo agora, que havia decidido mudar, agia como uma menina irresponsável. Como ela gostaria que a mãe pudesse ouvir seus pensamentos como Davi ouvia! Ela sentiu uma lágrima quente escorrer pelo rosto e pensou em Deborah.

— “Mãe!” – ela gritou em pensamento.

Deborah acordou e sentou-se bruscamente, assustando Barak. Ela achou ter ouvido a voz da filha.

— “Mãe!” – dessa vez ela ouviu com clareza e tentou controlar as emoções.

— Eva, eu ouço você! – ela respondeu num sussurro.

Barak quis falar, mas ela ergueu a mão e ele entendeu que devia esperar.

— “Mãe, você pode me ouvir?” – a voz de Eva denotava espanto e alegria.

— Filha, onde você está? Davi está com você?

— “Estamos em uma carroça de mercadorias. Entramos para ver os produtos antes que a caravana partisse, mas havia um vidro com um cheiro estranho. Acabamos dormindo. Mãe, por favor, me perdoa!”.

— Eva, não tem que se preocupar com isso agora. Você consegue me

dizer para onde está indo?

— “É uma caravana do Litoral”.

— Eu sei disso. Estamos seguindo vocês, mas não sabemos que direção tomar.

— “Estamos indo na direção do sol, quando ele se vai. Sei disso porque eu pude olhar para fora e ver o seu caminho no céu”.

Deborah fechou os olhos e sorriu de alívio.

— “Mãe, eu estou com medo”.

Naquele momento, Jael e Héber acordaram e olhavam para ela com expectativa.

— Eva, eu preciso que você continue agindo com a mesma coragem. Alcançaremos vocês antes do amanhecer.

— “Mãe, eu estou ouvindo passos – a voz dela ficou trêmula. – Acho que eles estão se aproximando”.

Deborah levantou-se.

— Eva? – ela chamou, mas não houve resposta. – Eva, fale comigo!

O contato se fora. Ela virou-se para os outros e falou com firmeza:

— Eles estão indo para o oeste. Chega de descanso.

Cada um correu para o seu cavalo e cavalgaram na velocidade do vento.

Davi estava acordado, mas confuso. Ele e Eva foram arrastados para fora da carroça e rodeados por um bando de mercadores irritados. Como a menina temia, eles estavam sendo confundidos com ladrões que ao tentar roubar as mercadorias, acabaram abrindo uma essência medicinal de sono por engano. Enquanto discutiam entre si sobre o que fariam com eles, cordas eram passadas em volta de seus corpos.

— “Eva, como viemos parar aqui?” – perguntou Davi, em pensamento.

— “Dormimos e a caravana saiu conosco”.

Davi fez uma careta.

— “Eu devia ter trazido o meu arco” – ele lamentou-se.

— “Não acho que ia adiantar muito”.

A discussão dividia o grupo. Os mais exaltados queriam lhes cortar as mãos, como era da tradição dos mercadores; outros achavam que eram crianças robustas e dariam um bom preço se fossem vendidos como escravos. Nesse momento, uma mulher se aproximou e os reconheceu.

— Esses dois não são ladrões! – ela disse. – Eu os vi no primeiro dia em que chegamos. Estavam no pátio do palácio.

— Então, devem ser gente importante – disse um velho mercador.

Um rapaz tomou a frente.

— Nesse caso, sugiro que os levemos de volta. Se forem apenas crianças curiosas, seus pais devem estar preocupados.

Os mais velhos riram e o que parecia ser o chefe deu um tapa na cabeça do rapaz.

— Ficou louco, rapaz? Se forem importantes, renderão um bom dinheiro. Devemos, sem dúvida, mantê-los conosco.

O rapaz endireitou o corpo, indignado.

— Não somos piratas! Fazemos parte de uma nova ordem e somos fiéis aos Tronos. Essa não é uma atitude leal.

O chefe o empurrou.

— Somos mercadores e essa é a minha caravana! Sou e sempre fui leal ao lucro.

Ele virou-se para os homens que haviam amarrado as crianças.

— Se eles são realmente importantes, alguém deve ter mandado uma patrulha atrás deles. Vão à frente, em uma das carroças pequenas e mais rápidas. Quando chegarem a Jopim, encontrem um lugar seguro para colocá-los. Quando chegarmos, saberei com quem negociar.

Eva e Davi foram arrastados pelos homens até uma carroça que tinha a metade do tamanho daquela em que haviam entrado. Eles foram jogados lá dentro e um dos homens entrou para vigiá-los no caminho. Dois guiavam a carroça, que saiu do acampamento em um galope desenfreado dos cavalos. Eva e Davi estavam sentados de frente um para o outro. O menino olhava para baixo com os lábios apertados, enquanto o seu corpo sacudia. Ele não se perdoava pelo que havia feito. Fora idéia dele e agora, ele não sabia como livrar Eva daquela confusão. A prima, entretanto, mantinha-se calma diante daquela situação, o que o surpreendeu.

— “Davi, eu consegui me comunicar com minha mãe”.

Ele ergueu a cabeça de leve e olhou para ela com a testa franzida.

— “Como conseguiu?”.

— “Eu estava aflita e você não acordava. Então, eu pensei no quanto seria bom que ela pudesse me ouvir. Eu chamei por ela, e ela me ouviu”.

— “Consegue falar com ela, agora?”.

— “Sim, eu já ia fazer isso. Eles precisam saber que não estamos mais no acampamento”.

Davi arregalou os olhos.

— “Eles? Eles quem?”.

— “Os meus pais e os seus. Eles estão a caminho, para nos buscar”.

Ele pareceu refletir um pouco.

— “Você acha que eu conseguiria me comunicar com a minha mãe?”.

Eva sorriu levemente.

— “Por que não tenta?”.

O menino fechou os olhos com força e tentou se concentrar na mãe. Uma pontada na cabeça, porém, obrigou-o a abrir os olhos desamparados.

— “Eu não consigo, Eva. Deve existir algum bloqueio”.

— “Talvez você precise de uma situação emocional extrema para conseguir isso. Foi assim que eu consegui”.

Ele a olhou, surpreso.

— “Você está falando de um jeito diferente. O que aconteceu com você?”.

— “Eu não sei”.

Ele suspirou e voltou a baixar a cabeça.

— “Tente se comunicar, agora” – ele pediu.

Deborah, que ia mais à frente, parou o cavalo e se virou para os outros.

— Eva acabou de se comunicar comigo. Eles foram descobertos e estão sendo levados para Jopim nesse momento. Já devem estar bem adiantados.

Jael apertou as rédeas.

— Não vamos conseguir alcançá-los antes que cheguem ao porto – ela lamentou.

— O importante é não perdermos tempo – disse Barak. – Não há necessidade de parar no acampamento das caravanas.

— Passaremos direto, então – disse Héber. – A estrada deve estar livre.

Deborah concordou.

— É o melhor a fazer. Eva me disse que eles esperam uma patrulha, e os mandaram na frente para despistar.

— Muito bem – ponderou Jael. – A velocidade é nossa aliada.

Eles puseram os cavalos para correr na maior velocidade que podiam. Eram cavalos fortes e vigorosos, valentes nas batalhas e fiéis nos propósitos de seus donos. Enquanto galopavam, Jael só conseguia pensar no filho. Por que ele não conseguia se comunicar com ela? Em seu coração de mãe começou a subir um temor que a fez suar, mesmo com o vento.

— “Davi!” – ela chamou numa tentativa desesperada.

O menino, que havia adormecido com o balanço da carroça, abriu os olhos intrigado. Ele ouviu a voz da mãe, mas não ouvia o som de cavalos se aproximando e tudo parecia calmo.

— “Davi, você pode me ouvir, filho?”.

Ele voltou a fechar os olhos, emocionado.

— “Sim, mãe, eu estou ouvindo”.

Houve uma pausa antes de ela responder. Ele achou que sua resposta pudesse ter surpreendido a mãe. Na verdade, Jael tentava controlar o pânico que sentia.

— “Seja corajoso, meu Davi. Nós estamos a caminho”.

Ele sentiu a lágrima escorrer.

— “Eu estou tão feliz por ouvir a sua voz”.

— “Eu também, filho”.

Ele sorriu aliviado. Ao contrário de Eva, ele conseguiu receber o contato da mãe. Havia uma ligação entre eles, enfim.

Naquela noite, enquanto permaneciam em volta das fogueiras, como se nada de anormal houvesse acontecido, os mercadores viram os quatro cavalos passar em um galope veloz. Eles olharam na direção da estrada, apreensivos. Onde estaria a patrulha que esperavam? Aqueles cavalos, com certeza, eram apenas viajantes ou mensageiros que iam com atraso em direção aos portos. Era a única explicação para eles estarem indo com tanta pressa. Como ninguém mais se aproximou, eles voltaram para as fogueiras, e lá ficaram até o momento de partir.

Ela sentiu o cheiro e abriu os olhos. Eva nunca havia sentido o cheiro do mar, mas o reconheceu. Um cheiro que era trazido com o vento. Um cheiro irresistível. Ela olhou para Davi e viu que ele também sentira. Ambos se olharam em expectativa. Apenas um pensamento, em meio a todo aquele perigo, preenchia suas mentes naquele momento. O mar estava próximo e eles o viam.

A carroça parou e quando a lona foi aberta, eles viram que o céu já começava a clarear. Um homem pôs a cabeça para dentro.

— Estamos quase chegando a Jopim – ele falou para o rapaz que os vigiava. – Vamos aguardar aqui, até que a outra carroça venha buscar o menino.

Davi olhou assustado para Eva.

— “Eles vão nos separar, Eva!”.

— “Preciso avisar minha mãe”.

Antes que a menina fechasse os olhos, o rapaz, que cobrira o nariz com um lenço, abriu um vidro igual ao que eles haviam cheirado antes. O cheiro tomou o ambiente e Eva não conseguiu manter a consciência. Davi fingiu que desmaiava e pressionou o nariz contra a própria roupa, mantendo-se quieto. O rapaz achou que ambos haviam ficado inconscientes e tampou o vidro, saindo

da carroça.

Davi sabia que não ia adiantar tentar acordar Eva. Tudo o que ele podia fazer era fingir que estava inconsciente e aguardar que Jael se comunicasse com ele novamente. Ele não sabe quanto tempo se passou até que o som de outra carroça se aproximando chegasse até eles. Ele olhou para a prima com desalento. Eles seriam separados e ele a perderia de vista. Mas o pai o ensinara a ter coragem e nunca se desesperar. Héber o ensinara a ser seu filho e ele guardou tudo no coração. Teria que ser controlado em suas emoções nessa hora.

Ele fechou os olhos quando ouviu os passos se aproximando. Em seguida, mãos rudes o suspenderam no ar e ele sentiu a claridade do sol no rosto. Controlou-se para não expressar isso, caso contrário, entregaria a si próprio. Ele foi jogado em outra carruagem, sem muito cuidado.

— Leve-o para o armazém do porto – um homem dava instruções a outro. – Aquele que fica diante das docas.

— E para onde vão levar a menina? – quis saber o outro homem.

— Ficaré conosco no Abrigo. Agora, vão! E não se detenham por nada, pois pode ser que haja uma patrulha em nosso encalço.

Intimamente, Davi sorriu para si mesmo, pois através daquela curta conversa, ele conseguira informações suficientes para ajudar os pais a encontrá-los.

Capítulo 12

O Porto de Jopim

O sol já estava alto quando eles pararam para descansar. A brisa do mar já chegava até seus rostos, embora a cidade portuária ainda não estivesse à vista.

— Vejo o rastro de duas carroças – murmurou Héber, intrigado.

Deborah fitou o horizonte, preocupada.

— Eles já devem ter chegado a Jopim – ela falou. – Estavam muito adiantados em relação a nós.

Ela olhou para Jael.

— Eva não entrou mais em contato comigo. Você disse que conseguiu falar com Davi. Pode fazer isso de novo?

Jael fechou os olhos e respirou fundo. Aquela era a primeira oportunidade para ver se o contato ficara realmente aberto ou se só poderia ocorrer em caso de desespero.

— Davi, pode me ouvir?

— “Estou aqui, mãe” – a resposta foi quase imediata e Jael teve vontade

de chorar.

— Encontramos o rastro de duas carroças, e não sabemos a qual seguir. Pode nos ajudar? Mas antes, me diga se está bem?

— “Eu estou bem, mas nada sei quanto a Eva. Eles nos separaram e estamos em lugares diferentes”.

Deborah controlou-se para não interromper, quando viu a tensão no rosto de Jael. Ela havia recebido alguma notícia perturbadora.

— Não pode se comunicar com ela? – a pergunta de Jael foi cuidadosa, pois ela sabia que Deborah e Barak estavam ouvindo. É importante esclarecer que o contato mental acontecia independente de se falar alto ou não, pois sua essência estava na intenção do pensamento.

— “Eu não posso, mãe. Ela está inconsciente por causa da droga que nos deram. Eu só estou acordado porque fingi que havia cheirado o sonífero”.

Jael fez uma pausa antes de continuar. Barak ia perguntar algo, mas Deborah o pediu para esperar. Se Jael fosse interrompida, o contato poderia se perder.

— Precisamos de uma pista, filho – Jael falou. – Você é a única chance que temos para salvar os dois.

— “Eu os ouvi dizer que iam ficar com Eva no Abrigo, mas não sei onde fica. Quanto a mim, eles me trouxeram para um armazém que fica diante das docas. Isso é tudo o que eu sei.”

Jael sorriu.

— Isso é o suficiente, querido. Vai nos ajudar bastante.

Quando Jael abriu os olhos, viu os rostos angustiados de Deborah e Barak.

— Eles foram separados, e Davi não pode se comunicar com Eva porque ela foi drogada com algum tipo de sonífero.

Barak soltou um grito de raiva e frustração.

— Davi sabe para onde o levaram – Jael falou para Deborah. – Se chegarmos até ele, nós poderemos descobrir com alguns dos homens que o guardam, onde fica o Abrigo para onde levaram Eva.

Deborah, apesar de estar sofrendo pela ansiedade, concordou.

— Você está certa. Para onde temos que ir?

— Para as docas.

Eles chegaram a Jopim no calor do meio-dia. Do alto de uma colina, podiam vislumbrar toda a cidade e o vasto mar que se estendia até o horizonte. Entraram na cidade ignorando os olhares curiosos enquanto passavam. Eles atravessaram a área comercial e a principal praça da cidade, indo diretamente

em direção ao porto. Héber abordou um velho que caminhava naquela direção.

— Amigo, onde podemos encontrar as docas?

O velho, que parecia enxergar muito mal, os analisou com olhos franzidos.

— Vocês me parecem pessoas decentes. O que poderiam querer naquele lugar?

Héber trocou um olhar com Jael. A mulher controlava a impaciência que a corroía.

— Talvez não sejamos tão decentes assim – ela falou com a voz cortante.

O velho deu um passo para trás, assustado.

— Apenas nos diga onde fica, senhor – apressou-se Héber.

O velho apontou para o norte.

— Fica naquela direção. A maioria dos prédios foi abandonada há muito tempo, inclusive o velho armazém.

— Armazém? – Jael perguntou. – Obrigada, senhor. Sua informação nos ajudou bastante.

O velho riu.

— Vocês são pessoas decentes, sim. Caso contrário, não teria agradecido com tanta educação.

Jael teve que sorrir.

— Tem razão, nós somos.

Eles seguiram em direção as docas. Quando os prédios estavam mais próximos, eles desceram dos cavalos, que ficaram soltos.

— Vamos continuar a pé, amigos – Barak sussurrou para os animais. – Mas fiquem por perto e atentos ao nosso chamado.

Os cavalos se afastaram num galope lento, liderados por Alvorada, o cavalo do rei. Jael fechou os olhos novamente.

— Davi, nós estamos vendo as docas. Pode nos dizer quantos homens estão vigiando você?

Ele demorou um pouco para responder e isso quase desconcentrou Jael.

—“Desculpe-me, mãe. Eu estava contando mentalmente os homens que vi lá fora, quando chegamos”.

Ela respirou aliviada.

— E quantos são?

— “Existem cinco homens do lado de fora e três dentro do armazém. Os que estão aqui parecem distraídos com algum tipo de jogo”.

— E quanto a Eva? Ainda não conseguiu se comunicar?

— “Não, e começo a ficar preocupado”.

— Não se preocupe agora, filho. Vamos cuidar de tudo.

Ela abriu os olhos e apontou para os prédios.

— Cinco fora e três dentro.

Deborah analisou as possibilidades.

— Vá com Héber e tire o seu filho de lá. Eu e Barak providenciaremos uma distração.

Héber sorriu.

— Considera uma distração cuidar de cinco piratas do mar, que se dizem mercadores?

Deborah olhou para o marido e Barak lhe sorriu de volta.

— Somos Luminares, Héber. Acho que podemos superar isso.

Os homens que vigiavam o local estavam dispersos. Dois deles conversavam na beira do cais, olhando distraidamente para o mar. Os outros três cantavam alto, enquanto bebiam direto de uma garrafa compartilhada. Um deles parou de beber e se levantou ao ver o casal que se aproximava. Nesse momento, os dois que estavam mais afastados também se aproximaram. Logo, Deborah e Barak se viram cercados pelos cinco. Todos os homens traziam nos olhos a desconfiança e a audácia gerada pelo álcool.

— Que vento trouxe um casal tão nobre para esses lados? – perguntou um dos homens que estavam bebendo.

— Duas crianças – respondeu Barak, falando a verdade. – Soubemos que uma delas estava aqui e viemos buscá-la.

Os homens se entreolharam e começaram a rir. Então, aquele casal era a “patrulha” enviada para o resgate?

— Vocês e mais quantos? – um dos piratas mais velhos coçou a barba rala. - Acho que cometeu um erro ao seguir falsas notícias, rapaz. Por que não voltam para o lugar de onde vieram?

— Porque ainda não encontramos aqueles a quem viemos buscar – disse Deborah, chamando a atenção dos homens para si.

Ela observava os rostos a sua volta e não conseguiu detectar a mesma paz que existia logo após a queda de Salema. Aquilo a fez ter certeza de que uma nova luta começara.

— E nem vão encontrar, moça – bufou um pirata gordo. - Agora, vão embora!

Barak deu um passo à frente.

— Não sem antes vermos o que tem dentro desse armazém.

Os homens retiraram suas espadas e as apontaram para os dois.

— Não queremos lutar – disse Deborah sem se alterar.

Um dos mais jovens sorriu e cuspiu no chão.

— Agora é tarde, moça – ele olhou em volta e todos trocaram um sorriso divertido. - Porque nós queremos.

Eles avançaram, mas foram surpreendidos com a rapidez com a qual aquele estranho casal sacou suas espadas. Barak e Deborah, ainda dentro do círculo, defendiam-se dos golpes, de costas um para o outro. Seus movimentos não demonstravam esforço nenhum, mas apenas instinto, trabalhando uma visão aguçada que lhes permitia estar sempre atentos aos golpes do inimigo. Uma habilidade aperfeiçoada com a luz dos Luminares.

— É hora de buscar mais espaço, minha rainha – falou Barak após algum tempo.

Em resposta, Deborah abandonou a defesa e contra-atacou, retirando uma segunda espada que estava escondida. Ela girou o corpo obrigando os homens que estavam na sua frente a retrocederem. As espadas dançavam em suas mãos enquanto ela avançava para cima dos dois piratas mais jovens. Barak, vendo-se com mais espaço começou a brincar, como se desferisse golpes em um treinamento. Isso irritou os homens que naquele momento tinham a atenção totalmente voltada para eles.

Héber e Jael aproveitaram para entrar no armazém sem serem notados. Os reis dos Queneus sabiam muito bem como agir em silêncio. O local era amplo e estava cheio de mercadorias guardadas, prontas para o embarque.

— Contrabando? – perguntou Héber num sussurro, analisando as caixas a sua volta.

— A pirataria está aumentando, e não é só no deserto – Jael respondeu no mesmo tom.

Após caminhar mais um pouco, eles ouviram vozes. Héber parou e apontou em direção a uma escada velha que levava a uma plataforma estreita. Eles foram até ela e subiram com cuidado, para não provocar ruídos com o ranger de tábuas, pois a madeira era bastante gasta. De cima eles puderam ter uma visão privilegiada do interior do armazém. Os três vigias jogavam dados em cima de um caixote. Um pouco mais à direita, eles viram a figura do filho. Davi estava deitado e amarrado com cordas, mas estava muito perto daqueles homens. Jael fechou os olhos.

— “Davi, estou vendo você” – ela falou em pensamento.

O menino mexeu levemente a cabeça, olhando para os lados, procurando.

— “Onde está você, mãe?”.

— “Estou com seu pai e estamos muito perto. Você precisa fazer uma coisa pra mim, meu querido. Arraste-se o mais silenciosamente possível para trás daquelas caixas que estão às suas costas. Não comecemos a festa enquanto você não estiver seguro”.

Davi era um bom quenita e também sabia agir em silêncio. Ele foi arrastando-se centímetro a centímetro, sem chamar a atenção de nenhum dos homens. Quando ele havia ficado totalmente encoberto pelas caixas, Héber retesou o arco e apontou para um ponto elevado bem a sua frente. A flecha cortou a corda que prendia uma rede cheia de sacos de farinha. Estes rolaram para o chão e caíram quase em cima dos homens que jogavam, atingindo a mesa e lançando os dados para longe. Eles levantaram-se surpresos, procurando suas espadas. Uma flecha de Jael arrancou uma das espadas para longe, fazendo o homem que a segurava sair correndo com a mão sangrando escondida embaixo do braço. Os que ficaram para trás, observaram de boca aberta enquanto um homem e uma mulher desciam pelos pedaços de corda que ficaram suspensos.

— Quem são vocês? – eles perguntaram quase ao mesmo tempo, as pernas bambas demais para correr.

— Apenas um pai e uma mãe procurando o filho desaparecido – disse Héber, num tom cortante. – Por acaso, vocês o viram?

Os homens olharam em volta e não viram o menino. Em seguida, o olhar de ambos virou-se para a porta da frente, aguardando a ajuda que não chegaria.

— Seus amigos não virão ajudá-los – disse Jael, adivinhando seus pensamentos. – Onde estão as crianças?

Os homens soltaram as espadas. Estavam sozinhos diante de dois arqueiros enfurecidos que, ainda por cima, eram os pais do jovem cativo. Um cativo que, para seu desespero, havia sumido.

— O garoto estava aqui! – disse um deles, tremendo de medo. – Ele deve ter fugido.

— E quanto à menina? – perguntou Jael. – Viemos buscar os dois.

O homem se ajoelhou.

— A menina não estava conosco, eu juro!

Jael retirou uma espada curta da cintura e a apontou para ele, encostando-a no seu peito.

— E onde ela está? – Héber pensou que nunca vira a esposa falar com tanta autoridade.

Foi o outro homem que respondeu, sem conseguir ficar calado.

— Ela está no Abrigo, do outro lado do cais.

— Em outro armazém? – perguntou Héber.

— Não, meu senhor. O Abrigo é um velho barco que fica ancorado a certa distância do cais. Suas velas estão rasgadas e seu casco furado. Ele só presta para ficar a deriva e servir de esconderijo.

Jael baixou a espada.

— Um barco – ela murmurou para si mesma, com o temor inundando seu coração.

Conseguida a informação, ela e Héber apressaram-se em amarrar os bandidos. Depois disso, ambos correram para Davi. Héber desamarrou o filho e o menino agarrou-se ao pescoço da mãe, assustado.

— Eu pedi tanto ao Grande Pai que mandasse vocês – ele murmurou.

— Você foi muito corajoso, meu príncipe – ela falou com ternura, enquanto beijava o rosto lacrimoso do filho.

— Agi como o meu pai me ensinou e tentei ser corajoso – Davi falou, enxugando os olhos.

Héber beijou a cabeça do filho com orgulho.

— Você aprendeu a lição muito bem, filho. Tenho orgulho de você.

Barak e Deborah entraram correndo no armazém e pararam aliviados ao ver que Davi fora resgatado. Antes que qualquer um deles fizesse a pergunta que os atormentava, Jael falou:

— Ela está em um barco que serve de esconderijo para os piratas. Fica na extremidade sul do cais.

— Um barco, Jael? – Deborah perguntou apreensiva.

— Não se preocupe com isso, Deborah – Jael apressou-se a dizer com a mão erguida. — Esse barco não vai a lugar algum, pois está á deriva, e só é usado como esconderijo.

Barak agarrou a mão da esposa e a apertou.

— Vamos! Precisamos nos apressar.

Quando os cinco saíram do armazém, encontraram os homens amarrados em círculo com as mãos atadas e ligadas entre si. No meio deles estava o homem que tentara fugir. Um dos homens olhou para o grupo com hostilidade.

— Não vai ser tão fácil pegar a menina – ele grunhiu. — O Abrigo é bem vigiado. Há muitas coisas importantes dentro dele, portanto percam as esperanças.

Héber voltou-se com Davi agarrado às suas costas e sorriu.

— Obrigado pela informação, amigo. Sem ela, talvez não houvesse

realmente esperança. Podíamos ser facilmente enganados, achando que estava tudo bem. Mas graças a você, não seremos mais surpreendidos, não é?

Eles se afastaram deixando os xingamentos dos homens para trás. Já fora das docas, Barak assobiou e, em poucos segundos surgiu Alvorada. Atrás dele, como se obedecessem a um líder, vinham os outros cavalos. Héber colocou Davi na sela de Dançarino e montou a seguir. Deborah virou-se para o menino e falou com suavidade.

— Davi, você acha que poderia tentar se comunicar novamente com Eva?

— Eu posso tentar fazer isso, tia Deborah. Mas ela ainda deve estar sobre o efeito da droga. Eu, mesmo após ter acordado, ainda levei um tempo para conseguir pensar direito.

Ela sorriu e pôs a mão na cabeça do menino.

— Por favor, tente mesmo assim.

Davi fechou os olhos e fez um esforço para se concentrar em Eva. Passou-se quase um minuto até ele abrir os olhos novamente.

— Eu sinto muito, mas não consigo senti-la – ele murmurou de cabeça baixa, incapaz de encarar a tia.

Deborah respirou profundamente e olhou para Jael. A irmã aproximou-se e pousou a mão em seu ombro com firmeza. Ela nunca sentira a confiança de Deborah fraquejar tanto como naquele momento. Jael não estava diante de uma rainha, mas de uma mãe.

— Nós vamos encontrá-la.

Barak virou-se para o grupo. Ele era o rei e, apesar de seu coração de pai gritar de aflição, era o seu dever manter a racionalidade e frieza necessárias para a ação.

— Se o que aquele homem falou for verdade, vamos precisar de apoio. Pelo que entendi, estão mantendo Eva no próprio covil dos piratas.

— O que está pensando em fazer? – perguntou Héber.

— Na entrada do porto há um posto militar. Jopim, até onde eu sei, é fiel aos Tronos.

Dito isso, eles saíram num galope apressado.

O posto militar era um estabelecimento razoavelmente grande, que mantinha alguns cavalos em um pátio aberto. Barak e Deborah exigiram ser levados até o comandante do posto. O rapaz que os atendera era muito jovem, mas reconheceu a autoridade do casal assim que os viu descer dos cavalos. O comandante os encontrou ainda na entrada. Era um homem alto e forte, apesar da idade. Os cabelos já estavam quase completamente brancos. Ele parou e

observou os dois com atenção, até que um brilho de reconhecimento lhe saltou aos olhos.

— Não pode ser... – ele balbuciou, sem saber como agir.

Barak sorriu, aliviado por ser poupado de explicações.

— Você sabe quem nós somos – era uma afirmação.

— Mas, como é possível?

Deborah adiantou-se.

— Viemos até aqui numa missão particular. Nossa filha foi seqüestrada por piratas e está sendo mantida no Abrigo. Vamos precisar de apoio militar.

O comandante tentou se concentrar na informação, a cabeça girando de um para o outro.

— No Abrigo? Há muito tempo nós estamos tentando descobrir onde fica, mas nunca conseguimos chegar perto. Já vasculhamos todos os prédios, inclusive os que já foram abandonados, como as docas.

— Não é um prédio, é um barco – disse Deborah, impaciente. – Quanto às docas, é melhor aumentar sua vigilância, pois há bastante contrabando por lá. Seria bom, inclusive, que enviasse uma escolta para pegar os contrabandistas que deixamos para trás.

Barak suspirou igualmente impaciente.

— Precisamos de apoio, e rápido! Estamos indo para lá agora.

— De quantos homens precisarão?

— Envie a maior patrulha que puder – disse Deborah, antes de se virar para a porta.

— Em que direção fica o barco? – perguntou o comandante.

— No sul – respondeu Barak. – É um barco quebrado que se encontra à deriva — Veja bem, deve haver vários barcos nessa mesma situação.

Barak e Deborah pararam e seus olhares se encontraram. Vários barcos? Aquilo complicava mais as coisas.

— Nós descobriremos qual é o barco, apenas envie a patrulha e prove que Jopim ainda é fiel aos Tronos – Barak falou com firmeza.

De volta aos cavalos, Deborah parou ao ver que Davi achava-se de olhos fechados. Ela olhou para Jael que respondeu com um sorriso.

— Ele está falando com Eva – ela sussurrou.

Quando Davi abriu os olhos, procurou a tia e sorriu.

— Ela está bem, apenas zonzinha. Por isso ainda não conseguiu se comunicar. Acordou há pouco tempo e não sabe onde está. Eu pedi que descrevesse o local, mas ela disse que não tinha muito para dizer, pois estava em um quarto vazio e sem janelas.

Deborah percebeu que algo perturbava o menino.

— O que o perturba, Davi?

— Ela falou de uma coisa que eu também estou sentindo, mas estou tentando ignorar.

— E o que é? – a pergunta partiu de Jael.

— Do mar – Davi tentava não olhar para as águas azuis que pareciam não ter fim. – Ela sente o cheiro, assim como eu. É como se algo dentro de mim me puxasse para dentro dele.

Instintivamente, Héber passou os braços em volta do filho.

— Está tudo bem, Davi – ele falou. – Você está seguro comigo.

Deborah virou-se para o marido.

— Vamos logo com isso. Com ou sem patrulha, eu pretendo tirar Eva desse barco. Não me importa quantos piratas vamos ter que enfrentar.

Barak concordou e todos seguiram em direção ao sul do cais.

A parte sul do cais era composta de vários barcos ancorados de um lado, e de estabelecimentos comerciais em plena atividade, do outro. Entre os barcos, alguns eram simples barcos de pesca. Estes se encontravam ancorados junto ao cais. Mais distante ficavam os barcos maiores que transportavam mercadorias legais. Eles vasculharam em busca de um barco que parecesse abandonado e fora de atividade. Entretanto, todos os barcos por ali pareciam estar em atividade. Da porta dos estabelecimentos, muitos olhares se voltavam para eles. Alguns foram de reconhecimento e temor. Outros de pura desconfiança.

Um homem, que mais parecia um andarilho, aproximou-se de Deborah e tocou sua mão com simpatia. A rainha olhou para baixo, do alto do cavalo, e fitou o homem com curiosidade. Ele trazia os olhos encobertos por um capuz, mas era possível ver uma barba curta e esbranquiçada.

— Por que a rainha da Cidade Dourada está tão triste? Deve existir uma boa razão para que o Grande Pai a tenha trazido até nós.

Deborah sorriu com lágrimas nos olhos e respondeu:

— Se o Pai tocou o seu coração, senhor, é porque ele está aqui e não nos abandonou nessa hora.

O homem sorriu e apertou a mão de Deborah.

— Mas, por que a rainha chora?

Deborah estava acostumada a ser tocada pelo povo, mas o toque daquele homem era diferente. Suas mãos passavam calor e conforto.

— Quem chora não é a rainha, mas uma mãe desesperada para encontrar a filha – ela respondeu com a voz sufocada pela aflição.

— E o que aconteceu com sua filha?

— Ela está em um barco abandonado, presa por piratas, mas não sabemos onde – ela não sabia o motivo, mas sentia vontade de abrir o seu coração para aquele estranho. – Eu não consigo vê-la, e nem senti-la.

O homem baixou a cabeça por alguns segundos, sem soltar a mão de Deborah.

— Procure em frente ao Farol. Há um cemitério de navios lá. Nenhum homem ou mulher decente tem coragem de andar por aqueles lados. Se há piratas aqui, só podem estar naquele lugar.

Deborah sorriu agradecida, percebendo o quanto a voz dele era tranquilizadora e profunda.

— Qual o seu nome, meu senhor?

O homem sorriu. Seus dentes eram alvos e seu sorriso quente e caloroso.

— Sou apenas uma pessoa anônima entre tantas outras, minha rainha. Um mero Ancião. Meu coração, entretanto, é fiel ao Pai e agradecido por tudo o que ele fez através da luz dos Tronos. Também sei que o coração de uma mãe perde a capacidade de raciocinar com clareza quando algum perigo ameaça seus filhos. Talvez sua visão esteja sendo fechada por seu próprio coração angustiado. Concentre-se e o Pai lhe mostrará o caminho.

Deborah o olhou com assombro.

— Quem é você? – ela murmurou.

O homem sorriu novamente e fez uma reverência, antes de dar a volta e sumir no meio das pessoas que transitavam. Deborah queria segui-lo e descobrir de onde ele tinha vindo e quem ele era, mas a verdade lhe atingiu como um raio. Ela recebeu uma revelação do Pai e agora tinha uma pista a seguir. Ela virou-se para os outros lá na frente, que pareciam não ter notado a cena que acabara de se desenrolar.

— Vamos para o Farol – ela falou com convicção. – Há um cemitério de navios por lá.

— Como sabe disso? – perguntou Barak, olhando para trás.

— É lá que ela está sendo mantida, Barak – ela encarou o marido com firmeza. - O Pai me falou.

Sem demora, eles seguiram rumo à luz distante do Farol. O dia já estava chegando ao fim.

Capítulo 13

Cemitério de Navios

O Farol erguia-se em cima de uma colina. Era uma estrutura alta, que lembrava vagamente a torre de um castelo. Era construído em sua totalidade com pedras acinzentadas, que davam a impressão de que o Farol saía diretamente das rochas, abundantes em todo o litoral de Jopim. Abaixo da colina não havia mais um cais, apenas uma praia. Uma única ponte feita de pedras estendia-se mar adentro e se aproximava o máximo das carcaças de barcos e navios abandonados.

Barak soltou uma exclamação indignada ao ver o local onde sua filha supostamente estava sendo mantida. Deborah observou atentamente cada barco e navio, analisando-os em cada detalhe e tentando descobrir os sinais que revelariam o paradeiro de Eva. Ela não precisou se esforçar mais, pois nesse momento Eva a chamou.

— “Mãe...” – a voz dela parecia fraca e assustada.

— Eva, eu estou aqui – ela apressou-se em dizer. – Você está dentro de um navio, mas eu não sei em qual deles procurar.

— “Eu sinto o cheiro do mar... Está tão perto, mãe”.

Deborah fechou os olhos e respirou fundo.

— Sim, ele está perto, filha. Muito perto. Mas eu também estou. O que mais você sente?

Eva demorou a responder, mas quando falou, sua voz estava mais firme.

— “Eu ouço sinos! Parecem estar muito perto e nunca param de tocar”.

— Sinos? – Deborah olhou para os outros, completamente confusa.

Jael apontou em direção a um velho barco de pesca cujos mastros haviam arriado. Pendurado em uma pequena coluna, ligada a cabine principal, pendia um sino. Este tocava cada vez que o vento soprava. Não havia nenhuma embarcação do lado direito do barco, mas no lado esquerdo havia um navio. Não era o maior dos navios que estavam ali, mas possuía uma aparência sólida e resistente. A madeira era escura e o nome havia sido raspado do casco. Era grande o suficiente para abrigar um grupo de piratas com suas mercadorias. Era a única embarcação do tipo que ficava próxima a um sino.

— Encontramos você, Eva – Deborah murmurou para si mesma.

Eles saltaram dos cavalos. Héber insistiu com Davi para o menino ficar escondido entre as pedras, mas ele se recusou.

— Vou com vocês, pai – ele falou decidido. – Podem precisar de mim para fazer contato com Eva.

Héber olhou suplicante para Jael. Ela, porém, teve que dar razão ao filho.

— Ele tem razão, Héber. Deborah não consegue se comunicar, ela

mesma, com Eva. Só Davi pode fazer isso.

Ele olhou para o filho e colocou o dedo no nariz do menino.

— Muito bem. Mas quando chegarmos lá, você vai procurar um lugar seguro para se esconder, entendeu?

O menino concordou com a cabeça.

Os cavalos foram novamente soltos, enquanto os cinco apressavam-se pela ponte de pedra. Eles pararam em um ponto onde tábuas de madeira foram ligadas umas as outras, dando continuidade à ponte, a fim de proporcionar um caminho de acesso por entre as embarcações.

— Eu não duvido de que muitos desses barcos sirvam de casas para os piratas – sussurrou Barak.

Eles se aproximavam cada vez mais do navio e, a cada passo, percebiam que era maior do que aparentava de longe. O caminho levava até uma escada rústica construída de cordas e madeira, que levava para dentro da embarcação. Jael olhou para trás, apreensiva. O comentário de Barak a deixara inquieta. Aquilo estava fácil demais.

— Acho que devíamos ter mais cautela – ela falou.

— Estamos sendo observados – afirmou Deborah. – Percebi isso quando passamos pelo último barco.

Héber olhou para cima, preocupado.

— Então, vamos ter uma luta. Davi...

— Pai, não se preocupe comigo! Eu saberei me esconder. Sou um quenita, lembra?

Jael sorriu e afagou o cabelo do filho.

— Tudo o que eu sei, é que não poderia voltar agora – disse Barak.

Ele começou a subir a escada e foi seguido por Deborah. Davi foi em seguida. Jael e Héber protegeram sua retaguarda.

O convés estava vazio. Héber apontou em direção a alguns caixotes quebrados próximos a amurada, e Davi se esgueirou lentamente até eles. Já era noite e a escuridão, de certa forma, os ajudava. Até ali, não havia nenhum sinal de que eram esperados. Barak, entretanto, puxou sua espada. Deborah e Jael fizeram o mesmo. Héber preferiu o arco, pois este já estava à mão. Eles se espalharam, aguardando algum ataque surpresa, mas ele não veio. Deborah aproximou-se da porta da cabine principal e viu que uma escada descia para o nível inferior.

— Lá embaixo devem ficar os alojamentos – ela comentou.

— E as celas – completou Barak.

De repente, um grito os manteve em alerta. Era um grito de guerra. Uma

sombra caiu sobre Héber. Ela vinha de cima da cabine. Barak foi ajudá-lo, pois o rei de Hazorah havia ficado preso no chão devido ao peso daquela sombra. Com um único golpe, o rei abateu o agressor que caiu para o lado. Héber largou o arco e pegou a espada, mais apropriada para um combate direto. As sombras multiplicavam-se. Os piratas haviam se mantido quietos e escondidos até aquele momento. Devia haver, pelo menos, uma dúzia de homens armados e mal encarados ali.

— Deborah, desça e procure Eva! — Barak gritou e ela obedeceu, sumindo escada abaixo.

Jael foi agarrada por trás, enquanto via outro pirata correr em sua direção com uma espada. Ela usou os braços do que a prendia como apoio, e conseguiu erguer o corpo o suficiente para desequilibrá-lo, levando ambos ao chão. Pelo gemido, o homem havia batido com a cabeça ao cair, e isso o levou a pender os braços, deixando-a livre. Ela rolou para o lado na hora certa, tentando se livrar do golpe que veio do segundo atacante. O próximo golpe já a encontrou em pé e pronta para se defender. Apesar das roupas escuras, os piratas não conseguiam ludibriar o olhar brilhante dos Luminares.

— Agora me sinto mais a vontade — ela disse, enquanto aparava os golpes com facilidade.

O homem que a atacara de frente investiu contra ela com um grito raivoso e muito ímpeto. Tudo o que Jael fez foi desviar o corpo para a direita e o homem passou direto pela amurada do navio, caindo no mar. O outro jazia desmaiado. Ela olhou para cima e viu que Barak e Héber estavam ocupados com um grupo numeroso em cima da cabine. Olhou em volta a procura do filho e seu sangue gelou com o que viu.

Davi caminhava para a proa do navio, atrás da cabine. Ele parecia estar em transe, sendo atraído pela água. Ela ignorou os piratas em volta e correu em direção ao filho. Héber os viu, após derrubar dois piratas de uma vez. Davi estava subindo a amurada e ia pular. O pai, impotente, apertou o punho da espada e gritou:

— Jael!

Jael sentiu que não ia conseguir chegar a tempo, quando viu o filho subir na amurada do navio. Ela ouviu o grito desesperado de Héber enquanto corria, e jogou o corpo, ao ver Davi sumir em direção ao mar. Sua mão esquerda conseguiu agarrar o braço do filho, que nesse momento acordava do transe. Quando ele viu que seus pés pendiam soltos sobre as águas escuras, o medo tomou o seu coração.

— Mãe! Socorro! — ele se debatia assustado, agarrando-se como podia

no braço de Jael.

Jael ia esticar o outro braço para puxá-lo, quando viu mais dois piratas correndo em sua direção. Ela manteve, com dificuldade, a espada na mão e ia aparando os golpes o quanto podia, enquanto que, com a outra mão, mantinha o filho suspenso. Ela podia sentir a mão dele escorregar centímetro a centímetro, enquanto o seu próprio braço começava a perder a força.

— Héber! – ela gritou, empurrando um dos piratas com um pé e aparando o golpe do outro. – Eu não posso agüentar muito tempo!

Barak olhou para Héber e gritou:

— Vá logo! Eu posso cuidar desses aqui.

Héber pulou da cabine em cima dos dois homens que lutavam contra Jael. Vendo-se livre, ela largou a espada e pegou o filho com a outra mão quando este estava para soltá-la. Héber venceu a luta com facilidade e correu para ajudar a esposa a trazer o filho de volta para o navio. Os três caíram sentados, exaustos. Davi tremia entre eles. Jael respirava com dificuldade, segurando o braço esquerdo ainda dolorido pelo esforço.

— Jael, você foi ferida? – Héber perguntou preocupado.

— Não... Eu só preciso... Tomar fôlego – ela falou com a respiração entrecortada.

Nesse momento, eles ouviram a trombeta anunciando a chegada da patrulha que vinha em seu socorro.

Lá embaixo, Deborah agradecia o espaço estreito que lhe permitia lutar com, no máximo, dois piratas de cada vez. Foi fácil pra ela ir abrindo caminho até chegar ao último homem. Ele recuou assustado quando viu a guerreira que tinha diante de si. Ela exibiu as duas espadas em sua mão de uma forma ameaçadora. O homem estava desarmado e ergueu os braços em rendição.

— Por favor, não me mate! Eu tenho família...

— Onde está minha filha? – a pergunta foi feita de maneira lenta e direta.

— Sua filha? – ele pareceu confuso.

Ela avançou um passo em direção a ele.

— Onde está minha filha? – ela repetiu a pergunta em um tom mais enérgico, olhando fixamente nos olhos do homem.

Ele, incapaz de mentir diante do olhar da rainha da Cidade Dourada, apontou para baixo.

— No porão...

Deborah fez um gesto com a cabeça em direção ao alçapão que ele indicava.

— Leve-me até ela.

O homem, trêmulo, abriu o alçapão e desceu na frente. Deborah o seguiu, depois de se certificar de que não havia mais ninguém atrás dela. Lá embaixo, o porão era escuro e sujo. Muitas mercadorias se amontoavam ali e não era um lugar para pessoas, mas para ratos. Ela sentiu a raiva tomar conta de si, quando pensou na filha sozinha, trancada naquele lugar como uma mercadoria. Ela encostou a espada nas costas do homem que ficou rígido e com a respiração suspensa.

— Ouça bem o que eu vou dizer. Não me deixo agir pela raiva, mas farei isso se não colaborar comigo.

— Eu a levarei até a menina, senhora! – ele falou de uma só vez. – Ela está bem, eu garanto. Foi alimentada e, apesar desse porão sujo, a cela onde está é limpa.

— Nenhuma cela é limpa, meu senhor – ela falou baixando a espada. – Principalmente para uma criança.

Ele começou a andar e ela o seguiu até uma porta de madeira, que parecia nova demais em contraste com o resto do navio. Ainda tremendo, ele pegou um molho de chaves e colocou uma na fechadura.

— Vejo que é o carcereiro – ela comentou.

— Sim, esse é o meu trabalho aqui. Não sou pirata e nem contrabandista. Moro com minha família em um dos barcos desse cemitério. Preciso alimentar meus filhos.

Ela sentiu sinceridade nas palavras dele.

— O seu coração é sincero – ela disse.

Ele a olhou, surpreso, e conseguiu relaxar um pouco. Era um homem baixo e gordo, sem nenhum jeito para pirata. Quando a porta foi aberta, Deborah chamou sem entrar, pois não confiava tanto assim naquele homem.

— Eva?

— Mãe? – a voz de Eva veio acompanhada de um soluço.

Deborah fez um gesto para o homem entrar.

— Entre comigo.

Ele a acompanhou e viu, com certa emoção, a menina correr e se agarrar no pescoço da mãe. Deborah ajoelhou-se e, sem soltar as espadas e nem tirar seus olhos de cima dele, envolveu o corpo da filha com os braços.

— Eu sabia que você vinha me buscar – Eva falou enquanto chorava.

— Vamos sair daqui, minha Eva – ela ergueu-se com a filha firmemente escanchada nela.

O homem abriu passagem para elas. Deborah virou-se para ele,

agradecida.

— Pegue sua família e vá para a Cidade Dourada. Procure a rainha, no palácio. O mal ainda não chegou àquelas terras e haverá uma vida decente para você.

Ele balançou a cabeça e sorriu.

— A rainha não receberia alguém como eu, senhora.

— Eu lhe dou a minha palavra de que ela o receberia sim.

O homem a olhou com curiosidade.

— E quem é você para me garantir isso?

Eva ergueu o rosto molhado pelas lágrimas e sorriu para o homem.

— Ela é a rainha.

O homem sentiu as pernas fraquejarem diante da própria surpresa. Ele ficou para trás, enquanto Deborah voltava com a filha para o nível superior do navio.

Lá em cima, no convés, a luta continuava. A patrulha do porto conseguiu seguir a pista deles e chegar até o navio. Nesse momento, a força dos piratas estava sendo dominada. Deborah colocou Eva no chão, analisando a confusão em volta, e a mandou buscar um lugar seguro para se esconder. Em meio à luta, ela podia ouvir, mais do que ver, objetos voarem em direção aos que estavam no convés e ergueu os olhos. Em cima de um mastro que ainda estava em pé, um pirata apontava uma arma estranha, parecida com um arco pequeno, e que ele segurava apenas com uma das mãos. Ela também viu que o homem estava seguindo Eva com o olhar, enquanto a menina corria na direção de alguns sacos de farinha para se abrigar. Ele sorriu e apontou a estranha arma, pronta para disparar. Aquele homem estava ali obedecendo a ordens. E suas ordens eram para não deixar prisioneiros com vida.

— Não! – ela gritou e deu um salto para o lado, ficando entre a filha e o que havia sido disparado, expondo-se ao que quer que fosse.

Deborah sentiu o choque de algo perfurando o seu corpo na altura do ombro esquerdo. A dor a deixou paralisada e sem respirar. Ela caiu para trás com o impacto, arfando e procurando o ar, devido à intensidade do golpe.

— Mãe! – Eva voltou correndo, ignorando o perigo, e ajoelhou-se ao lado dela.

Jael, que nesse momento lutava em cima da cabine, viu o que tinha acontecido e, largando a espada, preparou o arco cujo tiro foi certeiro. O pirata, sem saber o que o atingiu, caiu sem vida no chão do convés. Foi o último pirata a ser abatido. Jael pulou e correu até a irmã.

— Deborah!

— O que me atingiu?... — ela conseguiu balbuciar em meio a uma careta de dor.

Jael viu a pequena flecha que havia se alojado no ombro de Deborah e franziu a testa. Ela parecia pequena e letal em meio ao sangue que escorria, e estava bem enterrada.

— Não conheço essa arma — ela murmurou.

Barak chegou logo em seguida. Não sabia se abraçava a filha ou a esposa. Optou pelas duas. Enquanto beijava Eva, colocou Deborah em seus braços e gritou a plenos pulmões.

— Preciso de ajuda! Minha esposa foi ferida!

O carcereiro surgiu na porta da cabine e ergueu os braços quando os guardas da patrulha levantaram as espadas em sua direção.

— Não! — Eva gritou. — Ele é amigo!

O carcereiro olhou para Barak e para a mulher em seus braços. Ao vê-la, ele soltou uma exclamação de surpresa.

— Há camas aqui embaixo — ele disse. — Eu sei o que fazer.

Barak o seguiu até um dos alojamentos e colocou Deborah em uma cama estreita. Ela estava atordoada e gemia ao menor movimento. O carcereiro olhou para a porta e pediu a Jael que tirasse a menina de perto. Jael o olhou, desconfiada, relutando em sair.

— Eu gostaria de ficar — pediu Eva, apertando a mão de Jael.

O carcereiro olhou novamente para Jael.

— Não é bom que a menina veja isso.

— Por que não? O que vai fazer?

Em resposta, o homem foi até um armário do mesmo alojamento e pegou algo que levou até Jael. Era uma pequena flecha cuja ponta, em vez de ser triangular e fechada nas pontas, abria-se em dois ganchos afiados.

— Pelo Grande Pai, o que é isso? — Jael perguntou horrorizada, estremecendo à simples visão.

— Uma arma que os piratas trouxeram de muito longe. São envenenadas. Eu preciso tirá-la agora, antes que o veneno se espalhe. Não deixe que a menina veja.

Dessa vez Jael teve que concordar com o homem. Veio em sua mente a ocasião em que Deborah foi ferida por Sísera e envenenada pelo ferro negro. Ela reconhecia bem a urgência. Pousando as mãos nos ombros da menina, ela falou.

— Vamos, Eva. Ele vai cuidar de sua mãe e ela vai ficar boa. Vamos procurar Davi e ver como ele está.

A menina deixou-se levar com relutância. Antes de sair, porém, ela desvencilhou-se de Jael e correu para a mãe. Deborah pôs a mão no rosto da filha e olhou firmemente para ela, fazendo um grande esforço para demonstrar força.

— Eva, vá com Jael. Eu vou ficar bem, não se preocupe. O seu pai está aqui comigo.

— Promete que não vai morrer? – Eva perguntou aos prantos.

Deborah sorriu em meio a uma careta involuntária provocada pela dor.

— Eu tenho certeza de que não vou morrer aqui, filha.

Exausta, Deborah olhou para Jael, como a pedir socorro. Jael pegou Eva e puxou-a suavemente para fora do quarto. A menina foi sem desviar os olhos da mãe. Na porta, ela hesitou novamente.

— Eu cuidarei dela, Eva – disse Barak, olhando firme nos olhos da menina.

Ela acreditou nele e se deixou levar por Jael.

O carcereiro pediu a Barak que segurasse o corpo da mulher com firmeza, enquanto ele retirava a flecha. Deborah respirou profundamente e olhou nos olhos do marido, buscando a força que precisava. Barak a apoiou contra o peito e a envolveu com o braço direito, enquanto o esquerdo mantinha firme o braço dela de encontro à cama.

— Coragem, minha rainha – ele sussurrou. – Você já passou por coisas piores, não foi?

— Isso podia estar em nossa filha... – ela conseguiu dizer, com esforço. – Não me importo de sofrer no lugar dela.

Lá fora, Jael levou Eva até Davi. O menino dormia no colo do pai, em cima de alguns caixotes. Héber olhou para ela com uma pergunta no olhar. A testa franzida de Jael era um sinal claro de que ela estava preocupada. No entanto, eles respeitaram a presença da menina, que já estava bastante abalada. Eva fechou os olhos e ergueu a cabeça quando uma brisa balançou seus cabelos.

— O mar – ela murmurou, caminhando até a amurada.

— O que você sente? – Jael perguntou, seguindo-a de perto.

— Eu sinto o cheiro – ela abriu os olhos de repente, e segurou na mão da tia. – Ele me atrai e eu tenho medo disso.

Jael sentou-se no chão e a pegou no colo.

— Ele também atraiu Davi. Ele chegou a pular, mas eu o segurei na hora.

Eva respirou fundo.

— Não é bom ficar assim tão perto dele, tia. A atração é muito forte.

— E como consegue resistir? Davi não conseguiu.

Eva olhou em direção a cabine, os olhos cheios de tristeza.

— Por causa da minha mãe. Ela me segura aqui.

Jael, apesar do cansaço, decidiu que ia ficar alerta, pois Héber também havia dormido. O mar não ia tragar seus filhos, antes que o tempo deles chegasse. Já bastavam os problemas que tinham.

Quando Eva viu o pai sair da cabine, correu para ele. Os dois ficaram abraçados por um longo tempo sem dizer nada, até que a menina cortou o silêncio.

— Como ela está?

— Descansando. Ela vai precisar de um tempo para se recuperar. Foi uma ferida muito feia, mas ela vai ficar boa.

— Eu posso ir vê-la?

— Depois, querida. Agora ela está dormindo.

Ele olhou para o rosto de Eva e sorriu feliz por ver novamente os olhos azuis da filha brilhando para ele.

— E quanto a você? Sente-se bem? Não está machucada?

— Não, ninguém me machucou. Eu só tive muito medo de nunca mais voltar a ver vocês.

Barak pegou a mão da filha e caminhou em direção a Jael. Ela levantou-se ansiosa por respostas.

— Nós precisamos aguardar um pouco, Jael – ele falou o suficiente para que ela compreendesse.

— Ela vai conseguir – ela falou, tentando convencer a si mesma. – Ela sempre consegue.

Ele suspirou e olhou em volta. Os piratas sobreviventes haviam sido presos e levados embora por uma parte da patrulha. A outra parte da força militar que ficou para trás estava andando pelo convés do navio, confiscando as mercadorias roubadas e fazendo anotações. Eva, apesar da vontade de ver a mãe, estava cansada por causa do trauma pelo qual passou. Ela ajeitou-se no chão, próximo a um grande saco, e ficou deitada em silêncio. Barak olhou para a mulher ao seu lado e sentiu que um mesmo medo oprimia os dois.

— Vamos conversar – ele chamou.

Jael o seguiu até o outro lado do convés. Os dois pararam e sentaram no chão, de onde podiam ver as crianças.

— Jael, eu não sei o que pensar. Deborah recebeu um corpo novo quando voltou à vida. Eu não achei que esse corpo pudesse ser machucado

novamente. A vida dos Luminares está dentro dela. O que está acontecendo?

Ele parecia tão confuso quanto ela.

— Eu tenho medo de expressar em palavras o que penso sobre isso, Barak. Se eu o fizer, vou admitir que tudo o que aconteceu foi em vão.

Ele olhou para ela. Jael sempre foi muito verdadeira em suas opiniões, e isso sempre passou confiança a Barak.

— O que você pensa?

Ela suspirou e balançou a cabeça.

— Desde que Áquila nos revelou a verdade sobre Nod, eu percebi que tudo está lentamente voltando a ser o que era. O mal está invadindo nossa terra aos poucos. E dentro desse mundo contaminado, nós não passamos de pessoas normais. Nossos corpos possuem a Luz e a longevidade, mas isso não nos torna imortais.

Barak olhou para o outro lado e observou as crianças adormecidas.

— Como estará, então, esse mundo na ocasião em que eles estiverem prontos para o que foram chamados?

Jael sorriu com tristeza.

— Talvez esteja como no início de nossas jornadas.

Barak bateu com o punho fechado no chão. Ele começou a lembrar dos horrores vistos nas prisões da Montanha de Ferro, dos sacrifícios humanos e das feitiçarias.

— Eu não acredito nisso! Não depois de tanto sacrifício.

Ela respirou profundamente e voltou a falar:

— Mas, por outro lado, também pode haver outra explicação.

— Qual?

Jael lhe mostrou uma das estranhas flechas que ela havia encontrado no chão do convés, e que eram iguais a que o carcereiro lhe mostrara.

— Em algum lugar, existe uma nova arma que pode nos atingir. Não sei se o perigo está no material de que é feita, ou no veneno utilizado, ou no local de onde vem. Os piratas do mar o conhecem. Apenas eles. Por isso, Jabim continua procurando no deserto. Ele ainda não sabe de sua existência.

Barak a olhou com esperança.

— Olhe para nós, Barak – ela apontou para si mesma. – Nós todos lutamos, praticamente sozinhos, até a chegada da patrulha. Nenhum de nós foi atingido. Deborah também não teria sido atingida, se não fosse para proteger a filha. Ela *permitiu* que isso acontecesse. Muitas flechas caíram no chão e nenhuma delas acertou o alvo. A força do Pai nos protege, porque ainda somos o que somos.

Ele sorriu.

— Prefiro acreditar nessa explicação.

— Eu também.

Ele pegou a flecha nas mãos e a ficou analisando.

— Mas o que a levou a pensar isso?

— A reação dela, após ser atingida, me lembrou muito o combate com Sísera. Foi uma reação intensa a um ferimento comum. Eu já levei uma flechada e sei o quanto dói. No entanto, eu consegui escalar um muro, pular em um poço e correr por quilômetros até a dor me vencer.

Ela fez uma pausa e Barak percebeu que era difícil para ela falar o que vinha a seguir.

— Em Babilos foi diferente. O meu corpo se dobrou ao chicote. Eu poderia ter suportado o primeiro açoite, se fosse um chicote normal. Mas não era. A dor me consumiu desde o primeiro golpe e eu fiquei prostrada. É assim que eles agem. É para isso que essas armas são feitas. Elas não matam com rapidez. Não antes de tirar toda a força que há em você. Armas com magia.

Ele ficou em silêncio, assimilando tudo o que foi dito. Jael levantou-se e esticou as costas doloridas.

— Eu passarei a noite com ela – disse Jael. – E não adianta querer tomar o meu lugar.

— Quando Héber acordar, eu vou chamá-lo para irmos ao posto da patrulha. Quero falar com alguns dos piratas e ver o que descubro sobre essa arma. Se existe alguma fonte de magia, quero encontrá-la antes de Jabim.

— Faça isso, irmão. Existe um propósito para o que aconteceu e para o fato de estarmos aqui. Precisamos descobrir qual é.

Ela se encaminhou para dentro da cabine, mas voltou-se antes de entrar.

— A propósito, eu gostaria de lhe pedir uma coisa. Quando vocês forem ao posto, levem Davi junto. Não confio nele sozinho perto desse mar.

— E quanto a Eva? Também devo levá-la? – ele viu que a filha havia finalmente conseguido dormir.

— Pode deixá-la comigo. Eu a colocarei em um dos quartos desocupados lá embaixo. Agora que dormiu, não acho que vá acordar antes do amanhecer.

Barak passou mais um tempo ali, admirando a lua, pálida e nova no céu. Em seguida, pegou a filha nos braços e a levou até o quarto preparado por Jael.

Capítulo 14

Mãos que Curam

Longe dali, na Cidade Dourada, Miriam recebia o primeiro contato dos sacerdotes. O rosto de Nathan surgiu no poço da torre. Quando Miriam lhe contou o que tinha acontecido, ele cruzou as mãos embaixo do queixo, preocupado.

— “Você disse que eles ainda não voltaram?”.

— Eles não voltaram e estou começando a ficar apreensiva com essa demora, meu amigo. Sinto que algo aconteceu, mas minha visão não está clara.

— “Os nossos amigos já saíram daqui. Logo, você terá o apoio deles. Esta noite, nós iniciaremos a formação de um escudo de proteção sobre este lugar”.

— Eles estão todos bem?

— “Com certeza chegarão cansados, mas prontos para o que você precisar. Use sua autoridade de profetisa para manter Noa no palácio e ministre cura em sua perna. Ela vai precisar estar pronta para novas demandas”.

A imagem foi sumindo lentamente. Miriam aproximou-se da janela e olhou para o horizonte escuro. A cidade não demoraria a se inquietar com a ausência dos Tronos. Ela precisava pensar em algo para aquietar o povo e que não soasse como uma mentira. Como gostaria que Hulda estivesse ali, com ela. Mas a amiga tinha sua própria jornada para fazer.

Hulda dormia em uma estalagem próxima a Aroer. Na metade do dia seguinte, estaria chegando á cidade que por muito tempo foi o santuário da Profecia. Naquele momento, porém, ela foi acordada com uma visão assustadora. Ela viu uma cena que a fez tremer. Havia uma luta e uma flecha disparada no ar. Um grito de criança a fez abrir os olhos e sentar na cama. A profetisa levou a mão à boca e buscou a jarra de água que estava na mesa ao lado. Ela precisou acalmar o próprio coração. Apenas um nome veio a sua mente naquela hora.

— Deborah – ela sussurrou para si mesma. – O que aconteceu com você?

Deborah acordou e ficou de olhos fixos no teto, sem ter coragem de se mexer. Sentia o ombro latejar furiosamente a cada respiração. Ela não sentiu quando a flecha foi retirada, pois desmaiou quando as mãos do carcereiro fizeram pressão sobre o seu ombro. Agradecia ao Pai por isso. Ela ouviu outra respiração pesada ao seu lado e virou lentamente a cabeça. Jael dormia numa posição desconfortável, em cima de uma cadeira estreita e frágil. Olhando para a porta, ela viu a silhueta da filha sentada de pernas cruzadas e com o queixo apoiado nas mãos. A menina, que estava atenta, levantou-se e caminhou

silenciosamente até ela. Deborah ergueu a mão direita e tentou tocar no rosto da filha, mas o movimento do corpo provocou uma nova onda de dor e ela recuou a mão, apertando os lábios para reprimir um gemido. A menina sorriu e tocou na mão esquerda dela com suavidade. Uma tira de pano mantinha o pulso de Deborah preso à cama.

— Por que amarraram sua mão?

— Acho que foi para me manter quieta – ela respondeu com a voz fraca.

Eva sorriu novamente.

— Mas você está quieta.

Deborah sorriu de volta.

— Aproxime o seu rosto, Eva... Eu quero lhe dar um beijo.

Eva se inclinou e Deborah beijou o seu rosto, respirando aliviada por sentir a filha perto dela e fora de perigo. Diante disso nada mais importava. Eva a olhou com preocupação, e tocou em seu rosto.

— Você está queimando, mãe!

Deborah sorriu mais uma vez para tranquilizar a filha.

— Eu estou bem, Eva... Você não devia estar aqui... Por que não vai dormir?

Eva balançou a cabeça decidida.

— Eu não vou sair daqui. Não vou deixar você.

Deborah umedeceu os lábios secos, antes de falar.

— Eu é que deveria estar cuidando de você, minha filha.

Eva aproximou a mão hesitante do ombro ferido da mãe, mas sem tocá-lo.

— Você cuidou mais do que devia, mãe.

Deborah suspirou e sentiu um estremecimento de frio.

— Está bem. Eu não vou mandar você embora. Não ia adiantar, ia?

— Não, porque eu não ia obedecer você dessa vez.

Sem respostas e exausta, Deborah voltou a fechar os olhos. Eva a olhou, ainda preocupada, mas não quis acordar Jael. Ela sabia que a tia também estava cansada pela viagem e pela luta. Resignada, mas atenta, ela voltou para o seu lugar no chão.

Eva não sabe quanto tempo dormiu, mas ao abrir os olhos, ela viu que a mãe estava agitada. Ela apressou-se a levantar e correr até a cama. Deborah tinha o rosto banhado por um suor febril e gemia dolorosamente enquanto mexia a cabeça de um lado para o outro. O braço direito tentava alcançar o curativo e Eva teve que segurar a mão dela com firmeza. Ela estava quente,

muito quente. De repente a menina começou a chorar. Nunca vira a mãe naquele estado e começou a temer por sua vida. Olhou em direção a tia, profundamente adormecida, e resolveu chamá-la. Algo, no entanto, a fez parar.

Um homem estava parado na porta, em pé. Ela assustou-se, pensando ser um dos piratas que poderia ter ficado escondido no navio. Mas quando o homem sorriu para ela, uma paz a inundou. Ela não conseguiu ver seus olhos, apenas o sorriso. Ele usava um capuz que cobria a metade de seu rosto. Apesar da pouca luz, ela percebeu que ele usava barba. Uma barba curta e grisalha.

— Os braços de uma árvore, são seus galhos – ele falou com suavidade.
– As folhas são suas mãos. Nas folhas há cura, Pequena Oliveira.

Eva sentiu um calor invadir sua mão direita. Ela a abriu diante dos olhos e viu, com surpresa, que uma luz verde a envolvia. A princípio, ficou com medo, mas ergueu os olhos em direção ao estranho. Ele apontou para Deborah.

— Verde como uma folha – ele sussurrou. – Há cura nas folhas.

Ela compreendeu e entendeu o que tinha que fazer.

Nesse momento, Jael acordou e viu a menina, cuja mão brilhava com uma estranha luz verde, aproximar a mão do ombro de Deborah. A irmã se debatia numa febre violenta, mas o instinto fez Jael ficar imóvel, apenas observando o que ia acontecer.

Eva parou a mão sobre o ombro de Deborah e hesitou antes de baixá-la sobre ele. Ao sentir o toque, a mãe soltou um grito curto e sufocado. Em seguida, a luz espalhou-se da mão de Eva para o ombro de Deborah.

Jael levantou-se da cadeira e se aproximou. Eva estava concentrada no que fazia e não se incomodou com sua presença. A respiração de Deborah foi ficando normal e ela parou de se mexer. Parecia, de repente, estar apenas dormindo. Jael tocou no rosto da irmã e sentiu que a temperatura se normalizava aos poucos. Quando a luz se extinguiu da mão de Eva, a menina cambaleou e foi amparada pela tia. Jael a pegou nos braços e a levou para o quarto que havia preparado para ela. Ela deitou a menina sobre a cama. Eva parecia exausta.

— Eu não queria deixá-la sozinha – ela falou em um fio de voz.

Jael sorriu e afagou o rosto da menina.

— Durma tranqüila, Eva. Acredito que você curou sua mãe.

— Como eu fiz isso? – a menina arregalou os olhos.

Jael passou gentilmente a mão pelos cabelos da menina.

— Eu também gostaria de saber. Agora, durma e não se preocupe. Eu já dormi demais e acho que posso ficar com ela, agora.

A menina obedeceu e fechou os olhos. Jael voltou para o quarto de

Deborah e observou a irmã com atenção. Ela dormia tranquilamente, apenas isso. Jael desamarrou a tira que lhe prendia o pulso e Deborah abriu os olhos, virando a cabeça para ela. Jael a olhou com apreensão.

— Como se sente? – ela perguntou.

Deborah sorriu e disse:

— Com sede – ela olhou para Jael com atenção. - Dê-me um pouco de água e vá dormir. Você está horrível, Jael!

Jael lhe passou uma tigela com água e viu que Deborah virou o corpo para segurá-la, sem nenhum sinal de dor. Após beber a água, ela voltou a se deitar, observando Jael com um olhar agradecido.

— Por favor, vá dormir e não me deixe ficar sentindo culpa pela sua exaustão.

Jael deu uma risada de contentamento.

— Sim, minha irmã, eu vou fazer o que me pede.

Pela manhã, Eva acordou e viu que estava em um quarto, sozinha. Ela levantou-se e correu para o quarto da mãe, pois se lembrava perfeitamente de tudo que havia acontecido na noite anterior. Parou na porta, surpresa ao ver Deborah sentada. Barak estava ao lado dela, segurando suas mãos com um sorriso bobo e um olhar apaixonado. Os dois se viraram para a menina e sorriram. A mãe lhe estendeu a mão direita, pois o braço esquerdo estava apoiado a uma tipóia, por insistência de Nahum, o carcereiro. Eva caminhou até ela e deixou que a mãe a puxasse para perto de si.

— Seu ombro... – ela balbuciou, com medo de machucar a mãe.

— Eu estou bem, Eva. Não sei o que aconteceu, mas o ferimento está limpo agora. Ainda está dolorido, mas não passa de um ferimento normal que logo irá cicatrizar.

Ela aproximou a boca do ouvido da filha.

— Jael me disse que passou a noite comigo. Lembro-me vagamente do seu rosto, como num sonho.

— Ela falou mais alguma coisa? – a menina perguntou um pouco tensa.

— Gostaria que pudéssemos conversar mais sobre isso, mas não agora.

Eva olhou para o pai e sorriu.

— Eu entendo. Vocês querem ficar sozinhos, agora. Eu vou procurar Davi. Ainda não consegui falar com ele, desde que me encontraram.

Barak apontou para cima.

— Ele está com Jael, em cima da cabine. Talvez você queira subir até lá para ver o mar.

Eva deu um beijo no pai e saiu correndo.

Quando ficaram a sós, Barak olhou para a esposa e sentiu vontade de tomá-la nos braços ali mesmo, naquele momento. Ela percebeu o olhar do marido e, inclinando-se para frente, ela puxou a cabeça dele para si e o beijou com paixão. Após o beijo, ele descansou a cabeça sobre o peito dela, como gostava de fazer.

— Nossa filha está salva – ele suspirou. – Você está salva.

— Acho que é hora de voltar para casa – ela falou sentindo o cheiro dos cabelos do marido.

Ele a olhou com curiosidade.

— Sente-se forte o suficiente para voltar?

— Não terei problemas em montar, Barak. Esse ferimento foi curado e não vai mais causar problemas.

— Curado? Por Eva? – Deborah percebeu um tom de dúvida em sua voz.

Ela recostou-se na cama, preocupada.

— Sim, pelo que Jael me contou. No entanto, ela parece não se lembrar do que houve.

— Ela se lembra, mas não entende o que aconteceu.

— Estou pensando se deveria pressioná-la.

— Não faça isso. Deixe que o assunto flua naturalmente entre vocês.

Ela pode estar assustada com o que houve.

Eles ficaram em silêncio por alguns momentos.

— Você não me contou o que descobriu com os piratas – ela falou.

Ele pareceu hesitar.

— Estou guardando o que descobri para uma reunião que quero fazer ao voltar.

— E não vai compartilhar o assunto comigo? – ela pareceu surpresa e decepcionada.

Barak sorriu, mas viu que ela o olhava com seriedade.

— Não quero sobrecarregá-la, Deborah. O assunto é o resultado de alguns questionamentos que eu e Jael discutimos, a respeito da arma que a feriu. O pirata que eu interroguei no posto, o único disposto a cooperar, me deu uma resposta que só Áquila poderá esclarecer.

Ela não parecia muito feliz em ficar na ignorância, mas teve que ceder.

— Muito bem, eu espero. Mas não quero chegar à Cidade Dourada sem estar sabendo de tudo.

— Eu direi, assim que estiver convencido de que está mesmo bem.

Ela quis protestar, mas ele a impediu.

— Você não faz idéia de como estava ontem. Eu pedi ao Pai que me desse uma explicação, pois achava que você não ia sobreviver. De repente, eu venho aqui e vejo você forte e disposta. Seu ferimento parece ter sido feito há uma semana. Foi o tipo de recuperação mais rápida que eu já vi.

Ela manteve os olhos distantes, olhando para um ponto qualquer na parede do quarto.

— Você me viu voltar à vida, depois de morta – ela argumentou.

Por um momento, ele não soube o que dizer.

— Como consegue duvidar de que algo assim é possível, Barak?

— Pelo medo que eu tenho de perder você.

O olhar dela suavizou ao ver uma lágrima brotar nos olhos do marido.

— Você não vai me perder – ela respondeu com ternura. – Nunca.

Mais uma vez, eles se beijaram. Dessa vez foi um beijo suave e sem pressa, como se cada minuto fosse precioso para eles.

Em cima da cabine, Eva e Davi olhavam para o mar, sentados e com as pernas balançando. Jael e Héber conversavam um pouco mais afastados, mas perto o suficiente para evitar que qualquer um deles pulasse na água.

— Eu me sinto responsável pelo que aconteceu conosco, Eva – disse Davi. – A idéia de visitar a caravana foi minha.

— Eu não culpo você, Davi. Na realidade, eu acho que tudo isso tinha que acontecer.

Ele olhou para ela com espanto.

— Tudo? Até o que aconteceu com sua mãe?

A menina cruzou as pernas e deu um suspiro pesado.

— Muitas coisas estranhas aconteceram nessa nossa aventura. Eu, por exemplo, consegui me comunicar com minha mãe.

— Eu não consegui fazer o mesmo, mas a minha mãe se comunicou comigo – ele falou pensativo.

Eva olhou para ele e sorriu.

— Então, você entende o que eu quero dizer. Uma ligação foi criada entre nós.

Davi balançou a cabeça.

— Por que não conseguimos nos comunicar com nossos pais, mas apenas com nossas mães?

— Acho que o segredo está no sinal.

— No sinal?

Eva olhou para ele e o menino observou que os olhos dela tinham a mesma cor do mar, quando visto à distância. Um azul forte e profundo.

— O seu pai não é um Luminar; ele não possui um sinal – ela explicou.
– O sinal do meu pai, pelo que me disseram, surgiu depois. Apenas nossas mães nasceram com sinais que as tornaram irmãs. Por isso elas possuem o poder de se comunicar.

— Assim como nós – ele concluiu.

— Isso mesmo. Mas o sinal delas é diferente do nosso. O delas reflete a luz, enquanto o nosso lembra uma... – ela parou e ficou olhando para a própria mão.

— Uma folha? – Davi completou mais uma vez.

— Ele me chamou de “Pequena Oliveira” – ela murmurou para si mesma, lembrando-se da experiência pela qual passara.

— Ele quem, Eva? De quem você está falando?

Ela olhou para o primo sem saber o que responder. Héber aproximou-se deles com um sorriso.

— Vocês querem me ajudar a arrumar algumas coisas nos cavalos?

— Nós vamos partir agora, pai? – Davi olhou com tristeza para o mar.

— Nossos amigos precisam de nós na Cidade Dourada, filho. Além do mais, não há muito que fazer aqui. Os piratas já foram presos e a patrulha do porto chamou reforços para aumentar a vigilância. Estamos livres para ir.

Héber se afastou e Davi sentiu que Eva pegava em sua mão.

— Eu também sinto o cheiro, Davi. Eu ouço a voz do mar me chamando. Mas nós devemos resistir.

— Por quê?

— Porque primeiro nós temos que entender esse chamado. Não é certo fazer isso agora. Se pularmos na água, podemos morrer.

Ele respirou fundo.

— Acho que não sou tão forte quanto você.

— Nós somos um, Davi. Se você não consegue, eu resisto por nós dois. Mas eu sei que você consegue, se fizer um esforço.

O menino olhou para ela com o cenho franzido.

— Você às vezes fala de um jeito estranho, Eva. Parece que sabe de algo que eu não sei.

— Não, eu não sei de nada. Eu só faço aquilo que eu sinto no meu coração. E o meu coração me diz que um dia nós vamos voltar para o mar. Mas nesse dia, nós não vamos morrer.

— Por quê? O que te dá essa certeza?

— Porque quando esse dia chegar, nós estaremos preparados para ele.

Relutante, ele foi com a menina.

Estava tudo pronto para a partida. Nahum, o carcereiro, estava no convés. Ao lado dele havia um rapazinho magricela, seu filho. Deborah aproximou-se dele. O homem virou-se e olhou para ela com admiração. Apenas o braço preso à tipóia lembrava que ela havia sido ferida. A coloração de seu rosto era a de uma pessoa saudável.

— Eu tenho muito a agradecer, Nahum.

— Não, minha rainha – ele falou com uma reverência. – O agradecimento é nosso por nos livrar dos piratas.

Ela sorriu e olhou para o rapazinho.

— Você tem outros filhos?

— Tenho mais dois, fora esse.

— Três filhos e uma esposa – ela repetiu para si mesma. – Muita gente para morar num barco tão pequeno.

Nahum aguardou em silêncio o que ela ainda ia falar.

— A menos que você goste imensamente de morar nesse cemitério de navios, e de viver á luz desse farol antigo, eu gostaria que aceitasse um convite dos Tronos. Venha para a Cidade Dourada conosco. Você tem habilidades médicas, e terreno é o que não falta para que você possa iniciar uma vida com sua família.

Os olhos do homem ficaram úmidos, mas ele não queria chorar na frente do filho. O menino parecia empolgado com a idéia.

— Seria... Seria uma honra, minha rainha.

Deborah sorriu.

— Então, apresse-se e siga-nos com sua família.

Ele parou desconcertado.

— Nós não possuímos cavalos.

— Isso não é problema. Jael foi providenciar uma carroça para vocês.

O menino saiu correndo para dar a notícia à mãe e aos irmãos.

Deborah desceu a escada do navio e caminhou para a praia, onde os outros a esperavam já em seus cavalos. Barak observou a figura baixa e entroncada de Nahum entrar apressado em um dos pequenos barcos que ele usava como casa.

— Acredito que ele tenha concordado com a sua proposta.

Ela sorriu e se encaminhou para o cavalo. A tipóia a deixava sem jeito para subir em Bruma, então ela simplesmente a tirou e piscou para a filha, que estava sentada com o pai.

— Eu realmente não preciso mais dela, graças a você.

A menina olhou orgulhosa para Jael, pois considerava a tia como uma

cúmplice. Quando Deborah montou, Bruma relinchou feliz. Ela afagou seu pescoço.

— Pronto para mais uma jornada, amigo?

Em poucos minutos, eles saíam a galope e deixavam Jopim para trás. Atrás deles, seguindo pela mesma estrada, vinha uma carroça com a família de Nahum.

Capítulo 15

De Volta para a Cidade Dourada

Por insistência de Miriam, Noa e Sangar ficaram no palácio, enquanto aguardavam a volta dos Tronos. E graças aos conhecimentos médicos de Miriam, a perna de Noa começou a receber o tratamento adequado. Quando o grupo chegou à Cidade Dourada, foi logo informado da repentina viagem que os desesperados pais fizeram em busca dos filhos. A demora, porém, os inquietava. Além disso, Febe havia retornado com a patrulha e, pelo relato que deu para Eunice, foi uma luta difícil. Jabim parecia estar formando um verdadeiro exército, com homens preparados para o combate. Nathan não havia feito contato, pois isso não seria possível enquanto estivessem criando o escudo protetor. Para completar, Hulda também havia partido em direção oposta, levando Rute e Rebeca com ela. Naquela noite, Sarah entrou no palácio e encontrou Noa e Sangar na Sala da Lareira. Ela tinha um sorriso no rosto. E um sorriso era tudo o que eles precisavam para manter a esperança.

— Os batedores queneus que eu enviei para vigiar a estrada enviaram um mensageiro. Os Luminares foram avistados. Estão a menos de um dia da Cidade Dourada. Deverão chegar amanhã, ao entardecer.

Noa deu um sorriso de alívio, enquanto levantava da cadeira. O movimento brusco a fez levar a mão em direção à perna, cujo ferimento ainda estava cicatrizando. Ela mancou até Sarah, com o olhar ansioso.

— Quantas pessoas estão retornando, Sarah? Eles encontraram as crianças?

— Sim, as crianças estão com eles. E tem também uma carroça que os está seguindo.

Sangar cruzou os braços e arqueou uma sobrancelha.

— Parece que a Cidade Dourada vai receber mais visitas – ele comentou.

Sarah voltou-se para Noa.

— Por precaução, eu mandei que os batedores ficassem próximos e os escoltassem de volta. Quero evitar que tenham mais algum problema no

caminho.

— Você fez muito bem, Sarah.

Quando Sarah saiu, Sangar apontou uma cadeira para a esposa.

— Sente-se e descanse ou essa perna nunca vai sarar – ele falou com firmeza.

Ela obedeceu sem questionar e ficou olhando para o homem que amava, pensando em como lhe dizer que tomara uma decisão que afetaria suas vidas dali em diante. Ele parecia perceber isso e, talvez por medo de tal decisão, evitasse tocar em assuntos pessoais. Mas ela não deixaria passar a oportunidade. Quando os Tronos voltassem, muita coisa seria discutida e ninguém sabia com certeza o rumo que cada um tomaria. Eles não teriam mais nenhuma noite como aquela. Calma, tranqüila e solitária. Ela puxou a mão do marido antes que ele saísse.

— Não fuja de mim, Sangar – ela pediu. – Se fizer isso, eu sairei pulando numa perna só atrás de você, se for preciso.

Ele sorriu e sentou-se no banquinho que servia para descansar os pés, na frente dela.

— Você tem razão. Eu sou um covarde. Sei que você tomou uma decisão, mas tenho medo de saber qual foi.

— Tem medo que eu diga que decidi viver em Quedes com você?

Ele ficou olhando para ela com a boca aberta.

— O que você disse? – ele perguntou incrédulo.

— Acabei de lhe dizer qual foi a minha decisão – ela deu-lhe um sorriso terno.

Ele pulou do banco e agarrou a cintura da esposa.

— Não acredito que ouvi isso.

Ela pousou a mão nos cabelos vermelhos dele. Como eram lindos, macios e exalavam o perfume da floresta!

— Não consigo viver longe de você, Sangar.

Ele olhou para ela com expectativa.

— E quanto a Ordem?

— Maalá é tão capaz quanto eu. Além disso, a Ordem cresce a cada dia e ela pode contar com a ajuda de Salum, quando ele voltar.

Vendo a determinação nos olhos e nas palavras de Noa, Sangar a beijou. Finalmente, eles poderiam ser uma família.

Era a última noite que eles passavam ao relento. No dia seguinte, estariam chegando à Cidade Dourada e poderiam tirar pelo menos um dia para descansar o corpo e a mente. Barak acendeu a fogueira. A esposa de Nahum fez

questão de cuidar da refeição. A mulher não era de falar muito, mas estava tão agradecida que tudo fazia para agradar. Além disso, era uma ótima cozinheira. Ela havia trazido muitos legumes na carroça e com eles conseguia preparar uma sopa maravilhosa, no cheiro e no gosto. Deborah mostrou a ela uma erva que nascia na beira da estrada e a amassou entre as mãos. O aroma que subiu fez a mulher sorrir e pegar mais um punhado daquela erva para jogar na panela. Depois que todos comeram e beberam água fresca de seus odres, não restava mais nada a fazer, a não ser dormir. Menos Jael, que havia montado Solaris e sumido na escuridão. Quando ela voltou, tinha um sorriso tranquilizador nos lábios.

— Sarah enviou-nos uma escolta – ela disse, desmontando. – Há batedores queneus dos dois lados da estrada, protegendo nosso caminho.

— É bom saber disso – falou Héber. – Eu estava começando a me preocupar com a possibilidade de encontrarmos outra caravana ilegal na nossa estrada. Chega de lutas! Pelo menos, por enquanto.

Jael sentou-se ao lado do filho, preocupada pelo seu constante silêncio. Ele havia se recolhido a um lugar isolado e fitava a fogueira como se seus pensamentos dançassem junto com o fogo.

— Davi, o que está acontecendo?

Ele fungou, mas não olhou para a mãe. Era um menino orgulhoso.

— Eu sou um homem, mãe – ele falou com seriedade. – Meu pai me ensinou a ter responsabilidades, e eu falhei com Eva. Eu a levei a tomar uma atitude irresponsável, que quase custa nossas vidas. Foi minha a idéia de entrar naquela carroça de mercadorias. Eu fui seduzido pelos objetos exóticos que vinham do mar.

Ela queria abraçar o filho, mas preferiu esperar que ele desabafasse o que estava em seu coração.

— Lembra da noite em que Jabez morreu? – ele perguntou, olhando para ela com os olhos vermelhos.

— Como eu poderia esquecer? Mas, o que exatamente você quer que eu lembre?

— Você me disse para não perder a oportunidade de dizer para Jabez o que eu sentia, antes que fosse tarde demais, lembra?

Ela pôs a mão sobre a do filho e viu que estava gelada.

— Lembro, sim. O que o seu coração está pedindo, Davi?

Davi olhou para o lado em que Deborah dormia, abraçada com Eva.

— Eu preciso pedir perdão à minha tia. Não conseguirei ficar em paz se não fizer isso.

Jael sorriu e deu um beijo no rosto do menino.

— Então, vá. O que está esperando?

Ele pareceu hesitar.

— Eu terei que acordá-la – ele murmurou.

— Eu tenho certeza de que ela não se importará com isso.

O menino sorriu para ela e levantou-se, caminhando silenciosamente até o outro lado do fogo. Jael deitou-se e virou para o outro lado, pois queria dar privacidade ao filho. Era importante que Davi começasse a tomar suas próprias decisões com responsabilidade. Talvez aquilo fizesse parte de seu treinamento. Ele parou diante de Deborah e respirou fundo.

— Tia Deborah? – ele chamou num sussurro.

Ela ergueu a cabeça e virou-se para ele, preocupada.

— Acordei você? – ele perguntou.

— Não, eu ainda não estava dormindo, apenas pensando. Algum problema, Davi?

— Eu sei que não é hora, tia, mas eu gostaria muito de lhe falar.

Ela sentou-se com cuidado para não acordar a filha. Em seguida, sorriu para o menino que parecia muito sério, parado diante dela.

— Quer dar uma volta comigo? – ela apontou para um pequeno morro que se elevava no lado da estrada.

Ele concordou com a cabeça. No caminho até o morro, Davi expôs tudo o que se passava em seu coração. Ele se surpreendeu com a facilidade com a qual as palavras saíam. Era tão fácil conversar com a tia. Ela passava uma tranquilidade que tirava toda a tensão em sua volta. Quando eles sentaram, Davi já havia falado tudo.

— Então, você quer o meu perdão? – ela perguntou.

— Eu preciso dele, tia. Eu fiz uma coisa muito errada e estou arrependido.

Deborah passou o braço pelos ombros do menino e o achegou a si.

— É claro que eu perdôo você, Davi. E fico feliz por ver que você se importa em ser responsável. Isso é raro em uma criança. No entanto, existem coisas que contribuíram para que vocês tomassem essa atitude. Eva também não pode ser exonerada de culpa, pois ela concordou em entrar na carroça com você. Não tome toda a responsabilidade para si. Nós também falhamos como pais. Isso nunca devia ter acontecido.

— Que coisas podem ter contribuído para isso? – ela sorriu ao ver o quanto ele era curioso e impaciente, assim como a mãe.

— Vocês foram atraídos pelo mar, Davi.

O menino a olhou, assustado e surpreso ao mesmo tempo.

— Por que ele nos atrai assim, tia? Sabe de alguma coisa?

— Vocês saberão disso logo, Davi. Depois do que todos nós passamos nessa aventura, eu desconfio que vocês talvez estejam prontos para saber a verdade. A verdade vai ajudá-los a entender o papel do mar em suas vidas. Quando isso acontecer, ele deixará de ter domínio sobre vocês.

Ele ia fazer uma nova pergunta, mas ela ergueu a mão.

— Tenha paciência, filho. Não tenha tanta pressa para alimentar preocupações. Estamos todos bem. Vamos voltar e dormir, sabendo que estamos sendo guardados em segurança. Haverá muito tempo para se conhecer a verdade.

Ela levantou-se e o tomou pela mão. Eles voltaram em silêncio. Antes de se separarem, ela abaixou-se e deu um beijo na cabeça do menino.

— Como está o seu coração, agora?

Ele sorriu.

— Não está mais pesado, tia.

Ela o viu voltar para Jael e deitar-se entre seus braços. A irmã ergueu a cabeça e olhou para ela, sem que o menino percebesse.

— Obrigada – Jael falou mexendo os lábios.

Deborah sorriu e voltou a deitar.

Hulda achou graça da cara de espanto que Rute e Rebeca fizeram ao avistar a cidade sagrada de Aroer. O tom dourado dos muros era acentuado com a luz da manhã. Entretanto, o que mais lhes chamou atenção foi o conjunto de colunas que protegia a cidade como se fosse um exército de pedra.

— Essas colunas! – exclamou Rute. - Fico imaginando o quanto deve ser assustador olhar para elas a noite.

Hulda riu alto do comentário da moça.

— Talvez, Rute, essa seja uma de suas funções. Assustar.

— Assustar as pessoas? Por quê? – a pergunta foi feita por Rebeca.

Hulda deu um longo suspiro e recostou-se no banco da carruagem.

— Aroer, por muito tempo, foi a cidade guardiã da Profecia. É natural que procurasse todos os meios para evitar uma invasão. As colunas de pedra, vistas de longe e principalmente à noite, davam uma falsa impressão de que a cidade era uma fortaleza. Isso a salvou de invasões.

Rute continuava a olhar para a cidade que brilhava ao sol.

— E o que veio procurar aqui, Hulda? A Profecia já foi encontrada e cumprida.

A mulher fechou os olhos, pensativa.

— A Profecia não era o único documento raro que Aroer guardava em seu interior, Rute. Na realidade, sua biblioteca é uma das mais difíceis de ler, pois está cheia de obras escritas na linguagem dos sábios. Aqui, a Profecia foi estudada em cada detalhe, e rolos de anotações sobre esses estudos foram guardados na Sala das Colunas.

— Sala das Colunas? É algum tipo de sala secreta? – Rute perguntou.

— Secreta? Eu posso dizer que ela já foi assim um dia. Mas hoje as portas de Aroer estão abertas para nós, e sua biblioteca é um deleite para os sábios.

— Você veio pela biblioteca, Hulda? – Rebeca a olhou com interesse. – Precisa de respostas para as coisas que estão acontecendo?

A profetisa olhou as duas moças com espanto.

— O que lhe deu essa idéia?

Rebeca sorriu e balançou a cabeça.

— Não somos tolas, Hulda! Eu e Rute já tínhamos percebido a mudança no tempo e nas pessoas.

— É verdade – disse Rute. – Você não veio até aqui só para dar um passeio, e sabemos disso. No entanto, não é nosso o direito de questionar você por isso.

Hulda sorriu para as duas jovens guerreiras.

— Vocês estão certas, mas eu nada posso lhes dizer ainda, pois nem mesmo eu sei o que vou encontrar. Talvez eu não encontre nada e, se isso acontecer, terei que fazer uma viagem um pouco mais arriscada.

Rute e Rebeca se entreolharam.

— Bem, eu espero que consiga encontrar, então – Rute murmurou. – Mas caso não encontre, pode contar com nossa companhia para onde for.

A cidade de Aroer, após a vitória dos Tronos, manteve os portões abertos. Não existia mais desconfiança para com os estrangeiros. Dessa forma, elas puderam entrar na cidade livremente. Hulda sabia para onde ir. Ela procurou a pensão de Rabtecá, mãe de Nathan. A velha senhora, ainda viva, as recebeu com alegria. Sentaram-se juntas para compartilhar uma refeição que era servida pela criada de Rabtecá. A mesma mulher que ajudou Jael a fugir quando a Guardiã havia visitado Aroer pela primeira vez. Rute observou que, apesar de cega, Rabtecá tinha os sentidos apurados e a falta da visão não lhe causava nenhum tipo de limitação. Era uma mulher idosa, cuja saúde fora restaurada e que vivia feliz em uma nova época de prosperidade e paz. Ela e Hulda conversaram sobre vários assuntos durante a refeição, inclusive sobre Nathan.

— Sinto falta de meu filho – suspirou a velha senhora. – Ele insistiu comigo, da última vez em que esteve aqui, para que eu o acompanhasse para Babilos. Briguei com ele e lhe perguntei por que manteve o nome da cidade antiga. Ele me disse que a maldição não estava no nome, mas no mal que lá residia e que não existe mais. Nathan é um sábio. Você sabe disso, não é, Hulda?

A profetisa sorriu.

— Sim, Rabtecá. O seu filho, entre todos os sacerdotes que eu conheço, é o que cultiva um conhecimento mais profundo.

A mulher passou a mão por cima da mesa e tateou até encontrar a mão de Hulda.

— O que veio fazer aqui, minha amiga? – Rabtecá perguntou com a voz trêmula. – Em que os conhecimentos de Aroer podem ser importantes para você, que usufrui da intimidade da Herdeira? O que a rainha, em sua sabedoria, não pode lhe dizer?

— Não vim pela rainha, mas por mim mesma – Hulda teve o cuidado de ser evasiva em sua resposta. - É um assunto novo que me traz aqui. Uma curiosidade relativa à Profecia.

Rabtecá ergueu a sobrancelha, desconfiada.

— Você deve saber do fato, Rabtecá, que eu agora vivo distante, na Ilha dos Profetas. Estamos fazendo reformas em nossa biblioteca e, aproveitando a liberdade que agora temos, eu não poderia deixar de visitar a biblioteca mais antiga de Hedhen. É um sonho para qualquer um que goste de estudar os textos antigos. Aroer esteve com sua entrada proibida para nós por muito tempo.

Rabtecá suspirou, e relaxou convencida pelas palavras de Hulda. A profetisa olhou em direção as duas moças, que a fitavam de modo reprovador. Apenas mexendo a boca, Hulda falou em defesa própria.

— Eu não menti.

Deborah acordou com os raios do sol entrando pela janela semi-aberta. Ela suspirou ao sentir a maciez da cama e dos lençóis. Ao seu lado, Barak dormia profundamente com o rosto voltado para ela. Eles haviam chegado à Cidade Dourada depois do entardecer do dia anterior. Estavam esgotados, famintos e sem energia para discutir assuntos sérios. Miriam e Áquila, prevendo isso, providenciaram o necessário. Portanto, não lhes faltou uma substancial refeição antes que se recolhessem aos quartos. Naquela manhã, porém, a vida seguia o seu curso com todos os problemas envolvidos nela. Deborah respirou profundamente e sentou-se na cama. Barak mexeu-se e virou para o outro lado. Ela sorriu.

— Por que temos que levantar hoje? – ele resmungou sonolento.

— Vamos ter que levantar em algum momento – ela respondeu. – Mas não precisa ser tão cedo.

Ele esticou o braço e a puxou de volta.

— Nesse caso, volte para a cama! É uma ordem! – ele a encarou com os olhos mais azuis e mais brilhantes que ela jamais vira. – O seu rei está ordenando.

— Obedecer à própria vontade não é cumprir ordens – ela respondeu sem fôlego, quando ele deitou-se por cima dela.

— Não gosta de ser submissa? – ele provocou dando-lhe uma mordida na orelha.

— Que graça teria se eu fosse? – Ela fechou os olhos e o trouxe para mais perto de si.

Barak seguiu beijando-lhe o pescoço.

— Explique – ele pediu.

Ela sorriu com malícia.

— Continue o que está fazendo, meu marido, e eu vou lhe mostrar a diferença entre submissão e direitos iguais.

Ele parou e olhou para ela com curiosidade.

— Qual será o modo que vou preferir?

Deborah arqueou a sobrancelha.

— Na dúvida, experimente os dois.

Naquela manhã, Barak teve a certeza de que sua esposa estava completamente curada de qualquer ferimento, e que sua energia parecia ter se renovado. Desde a primeira vez em que fizeram amor, após o casamento, eles não haviam se amado com tanta paixão. Ele a possuiu e se deixou possuir com a mesma intensidade, numa troca plena de energia.

Jael e Héber acordaram cedo e foram ao acampamento queneu. Sarah ficou feliz ao vê-los e, principalmente, em saber que as crianças haviam sido resgatadas sem nenhum dano sério. Héber afastou-se, pois queria falar com Jafé e Joakim a respeito da aquisição dos novos cavalos e saber como estava indo o treinamento. Se houvesse uma nova guerra contra Jabim, ele queria que os Queneus estivessem bem preparados, não só como arqueiros, mas também como cavalaria.

— Jael, existe uma coisa que você precisa resolver – Sarah falou em particular, depois que Héber saiu.

— O que foi? – havia apreensão na voz de Jael.

— Você precisa falar com os anciãos. Eles conseguem perceber um ar

diferente, ameaçador. Eles tentaram conseguir alguma informação de minha parte, mas eu sempre encontrei um jeito de fugir da resposta. Você não acha que eles devem saber?

Jael suspirou. Sentia-se culpada por ter negligenciado os anciãos.

— É claro que eles devem saber a verdade, Sarah. Tenho sido negligente com o meu próprio Conselho. Não poderei fazer isso agora, pois eu e Héber precisamos estar presentes em uma reunião no palácio, que deve estar perto de começar.

— Tudo bem, minha amiga – Sarah observou um grupo de anciãos se reunindo em frente a uma tenda. – Mas não demore muito. Não sei por quanto tempo eu conseguirei manter a paz por aqui.

Jael seguiu o olhar dela para o grupo e lembrou-se da rebelião do seu tio Abiatar, há muito tempo atrás. Se o mal estava crescendo, nada o impediria de chegar mesmo ali, em seu meio.

— Marque uma reunião do Conselho para esta noite – ela decidiu. – Eu exporei tudo o que está se passando e ouvirei suas queixas e questionamentos. Imponha uma vigília se necessário.

Sarah pareceu satisfeita com a decisão. A última coisa que Jael queria era indispor-se com seu Conselho.

— Quero todos os anciãos no Conselho, Sarah. Inclusive as mulheres. Tenho notado que elas estão menos participativas.

Sarah a olhou com curiosidade.

— Acha realmente que isso é um problema?

Jael sorriu com amargura.

— Eu só quero impedir que as idéias que o meu tio propagava tomem forma novamente. Já não basta Jabim voltar dos mortos? Não quero a sombra de Abiatar entre nós. Ninguém será excluído.

A reunião estava para começar. Teria lugar na Sala de Reuniões. Um grupo grande havia sido chamado. Noa, Sangar, Eunice, Hagai e Hadassa; Febe também fora convocada; Miriam e Áquila; Deborah, Barak, Jael e Héber. Estes foram os últimos a chegar. Antes, porém, de alcançarem a sala, foram interpelados no caminho por Eva e Davi. As crianças se postaram no meio da escada, de mãos dadas e de postura ereta.

— Posso saber o que estão fazendo aqui? – perguntou Barak, cruzando os braços. – Não deviam estar treinando o arco com Zacarias?

— Nós queremos participar da reunião, pai – disse Eva, com a voz firme. – Temos esse direito.

— Parte do que vai ser discutido, aconteceu por nossa causa –

completou Davi, olhando para Deborah. – Existem coisas que queremos perguntar. Coisas que não entendemos.

Deborah deu um passo à frente. Ela notou que o menino era rápido para seguir conselhos.

— Vocês ainda são crianças, mas a experiência os fez crescer. Eu, de minha parte, não gostaria que as “coisas sérias” se fizessem presentes em sua vida tão cedo. Se eu permitir que entrem, vocês ouvirão coisas que talvez não estejam preparados para ouvir.

Eva também deu um passo à frente.

— Mãe, nós só queremos entender o que está acontecendo conosco – ela olhou para Jael. – A verdade, seja ela qual for, não vai tirar a minha juventude. Eu prefiro saber agora, a fingir que não existe nada de errado.

Deborah, por um momento, achou que a filha tinha crescido em anos, sem que ela percebesse. Jael se colocou do lado dela.

— Eles estão certos, Deborah. Não vamos impedir que eles tenham aquilo que nós não tivemos.

Deborah encarou a irmã por algum tempo e um diálogo íntimo se formou entre as duas. Davi não tirava os olhos da mãe.

— “São apenas crianças, Jael. Haverá tempo para eles”.

— “Nós também éramos e fomos felizes, mesmo com as dúvidas”.

— “Você acha que teríamos entendido tudo, se o que nos foi revelado nas Cavernas do Sal, tivesse sido dito ainda em Gades?”.

— “Nós teríamos nos preparado melhor, e teríamos nos divertido do mesmo jeito”.

Deborah sorriu e voltou a olhar para as crianças que esperavam sua resposta. Seu olhar se demorou na filha.

— Entrem e tomem o seu lugar – ela falou e lançou um olhar penetrante para Davi. – Afinal, não fui eu que os julguei prontos? Como posso passar por cima de minha palavra?

Os meninos fizeram uma leve inclinação de cabeça e foram na frente. Barak pôs a mão no ombro da esposa.

— Não tenha medo – ele falou com suavidade. – Você nunca erra em suas decisões. Deve ter feito o certo.

Ela olhou para ele e sorriu.

— Fico feliz em ver que sua confiança em mim continua a mesma.

Capítulo 16

Escorpiões e um Ancião

A Sala de Reuniões estava cheia. Davi e Eva pareciam adultos orgulhosos sentados em cadeiras de espaldar alto. Héber lançou um olhar em direção ao filho e sorriu em aprovação. Davi suspirou contente, sabendo que o pai o aprovava.

— Antes de começar essa reunião, eu gostaria de expressar a nossa felicidade por vê-los de volta e a salvo – disse Deborah para o grupo recém chegado do deserto.

— Isso também poderia ser dito de vocês – completou Sangar, e todos riram.

Deborah olhou em volta e continuou.

— Muitas coisas aconteceram conosco. Coisas que afetam o nosso mundo. Já sabemos da existência de Nod e da possibilidade dessa revelação afetar Hedhen. É o que está acontecendo. O que mais me surpreendeu foi saber que temos um inimigo poderoso se levantando contra nós. Um inimigo que já conhecíamos. Jabim é um rei-feiticeiro, conhecedor da magia oculta, e tão perigoso quanto Atalia de Salema e Anrafel de Babilos.

Todos olhavam para ela com atenção e respeito.

— Nós tivemos a oportunidade infeliz de ver o resultado do seu reinado cruel em Hazorah. As imagens, apesar do tempo, ainda são vívidas em minha memória. Apesar de saber que o crescimento do mal é algo inevitável, tudo deverá ser feito para impedir que se atinja o nível que existia antes. Para isso, deverá haver união entre nós e estratégia. Uma guerra está para começar e o inimigo é forte. Ele só ainda não constitui uma ameaça sólida e imediata porque ainda não encontrou a arma que o fará invencível. Ele não pode encontrar o que procura antes de nós.

Ela olhou em direção a Jael. A rainha de Hazorah levantou-se e ergueu um objeto na frente de todos. Ela caminhou devagar, para que cada um tivesse uma visão clara do que tinha nas mãos. Deborah notou o olhar espantado e de reconhecimento por parte de Áquila.

— Esse objeto é uma arma. – começou Jael. – Ele estava sendo usado pelos piratas que encontramos. Uma dessas pequenas flechas feriu Deborah de uma forma quase fatal, pois continha um veneno desconhecido. Isso nos fez questionar o seu poder letal contra nós e o perigo de algo assim cair nas mãos e no conhecimento de Jabim.

— Acha que ele poderia usar isso como arma contra vocês? – perguntou Miriam. – Iniciar uma nova produção, criando uma réplica da Montanha de Ferro?

— Acreditamos que isso seja possível – falou Barak. – No entanto,

temos a vantagem de ter o conhecimento prévio da arma. Existem meios de evitar que caíam nas mãos de Jabim.

— Em que meios está pensando? – Sangar perguntou.

— A arma vem de outra terra e é comercializada pelas caravanas do Litoral. Pensei em proibir a passagem das caravanas para o sul e para o leste. Isso vai, é claro, causar problemas com os comerciantes, mas não consigo pensar em outra solução.

— E se apenas revistarmos as caravanas? – sugeriu Eunice. – Dessa forma, impediríamos a passagem da arma e não proibiríamos o seu comércio.

Davi levantou a mão para a surpresa de todos.

— Fale o que está pensando, Davi – disse Deborah.

— Eles não são tolos, tia. Saberão esconder as armas, se souberem que são valiosas. Eu os ouvi conversar no armazém, enquanto fingia estar dormindo. Eles se gabavam das maneiras que inventaram para contrabandear mercadorias nos tempos de paz.

Noa sorriu, surpresa pela seriedade demonstrada pelo menino.

— Ele tem razão – ela o apoiou. - A desconfiança irá se virar contra nós. E, caso uma das caravanas chegue ao deserto e Jabim tome conhecimento de que certo objeto está sendo confiscado, isso aguçar a sua curiosidade.

Febe imitou Davi e ergueu a mão, de maneira tímida.

— Febe? – Deborah sorriu, encorajando a mulher.

— Por que não confiscar a mercadoria antes que chegue até as caravanas? Se fizerem isso ainda no porto, pensarão que se trata apenas de combate à pirataria, já que a patrulha do porto agora está alerta.

Barak aprovou a idéia.

— Poderia ser uma solução, Febe. Entretanto, uma patrulha da Cidade Dourada teria que estar disposta a se unir a do porto, para que a busca tivesse sucesso. Nós sabemos o que estamos procurando, eles não.

— Eu ficaria feliz em fazer parte desse grupo, meu senhor – disse Febe.

— Eu também – pronunciou-se Hadassa.

Hagai ergueu a mão e sorriu.

— Para onde ela vai, eu vou.

Miriam pediu a pequena flecha que estava com Jael e, depois de observá-la, olhou para Deborah.

— Tem uma coisa que eu não consegui entender. Jael disse que você foi gravemente ferida, mas o seu aspecto é de uma pessoa saudável. O tempo que vocês passaram fora não foi o suficiente para alguém se recuperar de um ferimento grave. Pode me explicar isso?

Antes que Deborah respondesse, Eva levantou-se.

— Eu curei minha mãe.

Todos olharam para a menina com assombro.

— Eu não sei bem como explicar, mas fui eu quem fez isso – Eva continuou. – Tia Jael é testemunha de que falo a verdade.

— Ela está certa – disse Jael, surpresa com a atitude da menina. – Eu vi quando aconteceu.

Áquila cruzou as mãos e inclinou-se para frente.

— Eva, pode nos contar exatamente o que houve? – ele pediu com a voz suave.

Ela buscou o olhar da mãe que a encorajou a ir em frente.

— Minha mãe estava agitada e com muita febre. Minha tia dormia ao seu lado. Eu ia acordá-la para pedir ajuda, quando vi aquele homem no quarto.

— Homem? – perguntou Barak, que ignorava completamente o que havia acontecido. – Nahum?

— Não, pai. Eu primeiro pensei que fosse um dos piratas e fiquei com medo... Até ele sorrir. Não pude ver seus olhos por causa do capuz, mas vi o seu sorriso. Ele tinha uma barba branca, curta. E o sorriso dele me dava paz.

Deborah estava atenta àquela descrição.

— Eva, eu também vi esse homem – ela disse. – Ele falou comigo, embora eu ache que ninguém tenha percebido isso. Foi ele quem me falou do cemitério de navios. Ele me levou até você.

Áquila parecia exultante e isso foi percebido por Jael.

— Conhece esse homem, Áquila?

— Eu terei muito prazer em falar o que sei, mas antes eu peço que terminemos de ouvir a história que Eva tem para nos contar.

— Ele me chamou de “Pequena Oliveira” e disse que a cura estava em minhas mãos. Minhas mãos, ele disse, eram como as folhas das árvores e a cura estava nas folhas. Então eu olhei e vi que minha mão brilhava com uma luz verde. Eu olhei para minha mãe e soube o que fazer.

— Foi nessa hora que eu acordei – disse Jael.

— Depois disso, eu só me lembro de minha tia me pegar nos braços e me deitar em uma cama. No outro dia, minha mãe estava bem.

Ela sorriu para Deborah e sentou-se. A mãe, porém, olhou-a com curiosidade.

— Você tem dúvidas – ela disse. – É por isso que está aqui. Por que não pergunta?

Eva buscou a mão de Davi que estava ao seu lado.

— Por que ele me chamou de “Pequena Oliveira”? Tem alguma coisa a ver com os sinais que eu e Davi possuímos?

— E quanto ao mar? – perguntou Davi, aproveitando a ocasião – Por que ele nos chama? Por que não conseguimos resistir a ele?

Deborah olhou para Áquila.

— Bem, sacerdote, a partir daqui a palavra é sua. Notei que seus olhos brilharam em reconhecimento ao ver a flecha que Jael mostrou. Por que não completa o que está faltando nessa história?

Áquila olhou para ela com certo assombro.

— Deseja revelar a verdade a essas crianças? Acha que entenderiam?

— Tenho certeza que sim – Deborah respondeu convicta, após dar mais uma olhada nas duas crianças ansiosas ao seu lado.

Eva e Davi ouviram, sem piscar os olhos, a história de Nod e da Profecia Perdida, que falava das Duas Árvores. Eles entenderam que, assim como os pais, haviam sido escolhidos pelo Pai para cumprir uma missão. Essa missão, no entanto, só teria início quando eles contassem com dezessete anos e estivesse na plena força de sua juventude. Exatamente como duas árvores tenras e fortes. À medida que ouvia, Davi sentia a mão de Eva apertar a sua. Sim, eles entendiam agora.

— Então, é por isso que o mar nos atrai? – o menino perguntou. – Por causa de Nod e da Profecia?

Áquila concordou.

— Isso mesmo, Davi. Vocês ainda são jovens demais para conhecer o tempo certo. Por isso, o mar permanece em seus pensamentos e sonhos.

O sacerdote voltou o olhar para os Tronos.

— Ainda há dois pontos a esclarecer – ele disse. – A arma e o misterioso homem.

— Então, você tem a resposta? – perguntou Barak.

— Apenas eu poderia respondê-las, meu senhor – não havia vaidade na declaração de Áquila, mas apenas certeza.

Ele levantou-se e ficou caminhado no meio do círculo.

— Essa arma vem de Nod. Não sei como, mas é possível que os piratas tenham encontrado o portal sem querer. Seria como entrar em um nevoeiro e dar de cara com uma terra estranha. Mas não é uma arma fácil de conseguir, pois pertence a um exército específico. É chamada de “escorpião”, por causa do veneno que pode matar em poucas horas.

— E que exército é esse? – Héber perguntou. – O que ele tem de especial para ser o único a possuir tal arma?

Áquila suspirou.

— Essa é uma resposta que levaria um pouco mais de tempo, pois eu teria que entrar em detalhes sobre a história de Nod, e há outras coisas a serem discutidas aqui.

Héber cruzou os braços, frustrado pela maneira com a qual Áquila se esquivou da pergunta. No entanto, Deborah e Jael perceberam no olhar do sacerdote um pedido de paciência. Aquele era um assunto que ele gostaria de tratar em particular com os Luminares.

— E quanto ao homem, Áquila? – Deborah perguntou. – O que sabe sobre ele?

O rosto do homem suavizou-se e ele sorriu.

— Em Nod, nós, sacerdotes, o chamamos de “Ancião”. Não conhecemos sua origem, mas ele parece estar presente entre nós desde que o mundo era unido e possuía o nome que lhe foi dado pelo Pai.

— Ariel – Miriam murmurou. – A Profecia Perdida faz menção desse nome.

— Sim, é esse o nome antigo de nosso mundo – concordou Áquila. – O Ancião está ligado ao mundo unido, Ariel. Ele nunca teria surgido em Hedhen, se algo importante não tivesse acontecido. Algo que, de certa maneira, tenha ligado os dois mundos. O mundo das Árvores e o mundo da Luz.

Ninguém falou. O silêncio era profundo. Áquila sorriu.

— Aconteceu algo com vocês durante a viagem?

— A comunicação – lembrou Jael. – Eva conseguiu se comunicar com Deborah, e eu com Davi. Isso nunca havia acontecido antes. A mente das crianças era fechada para nós.

— Uma barreira foi rompida – Áquila disse. – Os sinais foram unidos.

— E essa união trouxe o Ancião para o nosso mundo? Mas, afinal, quem ou o que é ele? – perguntou Barak.

— Ele é o Sinal – Deborah falou em meio a uma reflexão profunda. – A presença dele entre nós indica que a luta pela restauração de Ariel começou.

Áquila sorriu e inclinou a cabeça.

— E qual é a missão dele? – Eva estava curiosa.

— Nos ajudar naquilo que ainda somos ignorantes – Jael respondeu compreendendo a mensagem.

A reunião terminou com mais perguntas a serem respondidas. Hadassa, Hagai e Febe liderariam um grupo para se reunir à patrulha do porto de Jopim e tentar confiscar qualquer carga ilegal, antes que estas chegassem às caravanas. Eunice, Noa e Sangar formariam um segundo grupo para tentar encontrar a

localização das cavernas subterrâneas, onde supostamente teria caído uma pedra do tamanho de uma montanha. Deborah e Jael viajariam até Babilos, a fim de provar se ainda eram resistentes à pedra do céu, e se naquela cidade haveria alguma informação que os ajudasse na busca de outro artefato igual. Barak e Héber, como representantes reais das regiões norte e sul de Hedhen, ficariam no palácio e tentariam formar alianças com os vários embaixadores que seriam chamados a comparecer à Cidade Dourada. Enquanto isso, as crianças viajarão com as mães até Babilos e, ao voltar, iniciarão seu treinamento. Segundo Áquila, era de suma importância que eles estivessem juntos, filhos e mães, para que a comunicação fosse ficando mais forte entre os portadores dos sinais.

Após a reunião, Barak e Deborah resolveram passar o restante do dia em Shilloh, levando com eles as duas crianças. Após tantas revelações, o poder do santuário seria necessário para tirar o peso daqueles dois jovens corações.

Jael e Héber tiveram que retornar ao acampamento queneu para uma nova reunião com o Conselho de Anciãos. No caminho, Héber percebeu o silêncio da esposa.

— Jael, o que a preocupa? – ele perguntou sem conseguir mais se conter.

— Eu estava pensando no quanto o nome de Jabim parece estar ligado a nós, Queneus. Ele surge e os problemas começam.

Héber sorriu.

— Não se preocupe tanto assim. A semente de rebelião que Abiatar possuía morreu com ele. O Conselho só quer respostas sinceras. Dê isso a eles e estará tudo bem.

— Abiatar era fiel a Jabim e muitos que o ouviam voltaram atrás e se arrependeram – ela olhou longamente para o marido. – Eu me pergunto se as palavras venenosas de Abiatar encontraram uma maneira de vir à tona, despertando a idéia de revolta? Eu amo e respeito o Conselho, Héber. Cada um deles.

Ele esticou o braço e tomou-lhe a mão. Os cavalos caminhavam lado a lado, muito próximos.

— Eles sentem isso, Jael. É esse amor que você sente por eles, que evitará a revolta. Como eu disse antes, seja apenas verdadeira e não esconda nada.

Jael sorriu para o homem ao seu lado e agradeceu ao Pai por tê-lo constituído seu marido.

Sarah havia conduzido o Conselho para a tenda central, erguida especialmente para a reunião daquela noite. Ela sentiu a tensão no ar ao observar os rostos de cada ancião que entrava. Naor a olhou com uma ruga no meio da testa. Eles conheciam os problemas que estavam afligindo Hedhen e que, mais cedo ou mais tarde, todos teriam que tomar conhecimento.

— Você acha que ela vai contar para eles? – Naor perguntou.

— Sim, eu acho. Jael é uma líder sábia e deve sentir que à hora da verdade chegou.

Naor sorriu.

— Está falando por ela ou por si mesma?

Sarah sorriu de volta.

— Conheço Jael desde criança, Naor. Confio na decisão que ela tomar seja ela qual for.

Quando Jael e Héber chegaram, o Conselho já aguardava lá dentro. Suas vozes alteradas podiam ser ouvidas até do lado de fora. Jael cumprimentou os dois amigos.

— Estão todos lá dentro? – ela perguntou indicando a tenda com um gesto de cabeça.

— Todos – respondeu Naor. – Homens e mulheres. Como você pediu.

— Eles estão esperando a verdade, Jael – falou Sarah com gravidade.

Jael encarou a amiga por algum tempo. Sarah notou como o semblante dela estava cansado e abatido.

— Eles terão a verdade, Sarah.

— Vai contar a eles sobre Jabim? – Naor parecia apreensivo.

Jael respirou fundo e encarou a porta da tenda.

— Eles têm o direito de saber, Naor. Até mesmo mais do que eu teria.

Ela entrou e Héber a seguiu.

Era tarde da noite. Deborah olhou para o marido ao seu lado na cama. Barak dormia tranquilo e ela o invejou por isso. Com um suspiro inquieto ela levantou-se devagar e caminhou até a janela. A noite estava escura, sem lua, mas cheia de estrelas. Ela fechou os olhos para sentir a brisa fria no rosto. Dando meia volta, pegou a túnica em cima de uma cadeira e vestiu. Não calçou as botas, pois não pretendia sair do palácio naquela hora. Já fora de seu quarto, ela foi até o quarto da filha e abriu a porta. Eva dormia agarrada ao travesseiro, com os cabelos loiros esparramados de forma a cobrir-lhe o rosto. Deborah sorriu e fechou a porta. Ela tinha um destino para ir. Com passos leves, ela desceu as escadas até chegar ao vestíbulo do palácio. Lá chegando, abriu uma porta estreita que escondia outra escada. Esta levava direto para a cripta.

Tochas dispostas em suportes na parede iluminavam o caminho.

Deborah parou ao chegar lá embaixo. A cripta era enorme. Ela lembrou-se de como o lugar estava quando entrou lá pela primeira vez. Sujo, escuro, deteriorado. Ela mandara pintar as paredes com tinta branca e restaurar os túmulos que lá se encontravam. Os túmulos de seus pais ficavam expostos em um lugar de honra, nos fundos da cripta. Acima deles, na parede, foi esculpida uma cena de caça, que ela também mandara restaurar. Ela sabia, pelas histórias contadas através de Ana e Simeão, que a caça era uma das coisas que Abimael e Cirene mais gostavam de fazer juntos. Dessa forma os pais foram retratados na cena, ambos montados em fogosos cavalos e com os arcos prontos para abater um antílope que corria assustado. Deborah sentou-se em um dos bancos que rodeavam os túmulos e ficou ali, perdida em pensamentos, observando a cena que nunca cansava de olhar.

— Deseja ficar sozinha, ou eu posso lhe fazer companhia?

Ela virou-se e sorriu ao ver Jael em pé na entrada da cripta.

— Sua companhia nunca me incomoda, Jael. Venha até aqui e sente-se comigo, minha irmã.

Jael usava a roupa formal dos Queneus. Era uma roupa que ela só usava em ocasiões solenes, na qual tinha que tomar decisões sérias. Quando ela sentou-se, Deborah percebeu a preocupação em seus olhos turvos.

— O que aconteceu na reunião? – ela perguntou em um tom suave.

— Foi difícil – Jael deu um sorriso amargo. – Exatamente como eu achei que seria.

— O que foi difícil?

— Ver a expressão de cada rosto, quando mencionei o nome de Jabim. Eu sofri com eles, Deborah. Esse nome deixou marcas profundas no meu povo. Ninguém esperava que ele ainda tivesse forças para se erguer.

— As marcas deixadas ficaram para trás, Jael. São lembranças ruins, mas não passam disso. A força de Jabim não pode ser comparada com a força que os Queneus possuem agora. Tem que mostrar isso ao seu povo. Não é hora de temer, mas de lutar. Ainda há união na sua tribo?

A expressão de Jael suavizou-se e ela pareceu relaxar.

— Quanto a isso, meu coração está tranquilo. A semente de rebelião não existe mais. Abiatar levou com ele todo o mal que causou. A união permanece forte e a confiança em mim também. Ainda são fiéis ao Shofar de Héber.

Deborah sorriu.

— Fico feliz em saber o quanto você é amada por seu povo.

Elas ficaram algum tempo em silêncio, ambas olhando para frente como se estudassem o desenho esculpido na parede, cada uma com seu próprio pensamento.

— Como me encontrou? – perguntou Deborah.

— Eu vi a porta da cripta aberta quando cheguei – ela soltou um risinho. – Sabe como sou curiosa.

Jael voltou a olhar para a escultura.

— Você se parece com ela. A mesma postura ereta, elegante. O mesmo olhar firme e decidido. Quer conhecer sua mãe, Deborah? Olhe-se no espelho.

Deborah a olhou, curiosa.

— Hulda já me falou isso.

Jael deu de ombros.

— Hulda conheceu sua mãe. Elas eram amigas, portanto deve ser verdade.

Deborah suspirou e, levantando-se, caminhou até os túmulos.

— E quanto a você? – perguntou Jael. – O que a trouxe até aqui tão tarde?

— O problema de sempre. A falta de sono.

Jael assentiu e olhou em volta. As paredes brancas e o silêncio tornavam o lugar acolhedor e propício para a meditação.

— Essa é a última semana da Festa de Celebração – Deborah falou. – Amanhã vai haver uma grande queima de fogos. Ana e Simeão nos convidaram para assistir o espetáculo no santuário. Ele preparou um mirante no meio do jardim especialmente para essa ocasião. Seria bom termos um momento de descontração, antes que a festa acabe. Semana que vem, eu e você estaremos de partida para Babilos.

Diante da menção do nome da cidade, Jael sentiu um leve estremecimento.

— Não precisava me lembrar disso – ela reclamou.

Deborah deu um suspiro.

— Jael, você por acaso já se perguntou como eu me sinto ao entrar no anfiteatro? Ou na torre desse palácio? Ou até mesmo em Shilloh? Cada um desses lugares me traz uma lembrança amarga, mas quando eu olho ao redor e vejo no que eles se tornaram, eu me alegro por aqueles momentos amargos que não poderão mais voltar. A nossa dor gerou a felicidade de muitos, minha irmã. Você tem que superar isso.

Jael sempre guardou no coração todas as palavras de Deborah. A irmã sabia exatamente quando falar aquilo que ela precisava ouvir.

— Eu vou tentar, mas não me apresse.

Deborah sorriu.

— Você irá ao santuário conosco, amanhã?

— É claro que vou! Ainda não tive a oportunidade de provar os bolinhos de mel feitos por Ana. Davi os encheu de elogios.

— Garanto que não é só isso que você vai provar.

As duas saíram da cripta com o espírito mais descontraído, enquanto conversavam sobre a culinária de Ana. De volta ao quarto, Deborah sentiu o sono chegar e aconchegou-se ao corpo do marido para lhe sentir o calor. Em poucos minutos estava dormindo. Jael não teve a mesma sorte. Nem mesmo a expectativa de assistir os fogos e desfrutar de uma mesa farta foi suficiente para afastar os fantasmas do passado. Ela sentou-se na cadeira ao lado da cama e ficou olhando o céu estrelado. A cama estava vazia, porque Héber havia ficado no acampamento, a fim de julgar alguns casos do povo que estavam pendentes. Sarah a havia acompanhado na volta e se instalado no alojamento da Ordem. Os seus pensamentos pulavam entre o temor de voltar a Babilos, lugar em que sofrera torturas atrozes no passado, e a presença de Jabim, como um rei fantasma que surgia novamente para espalhar o terror em Hedhen.

— Mãe?

Ela olhou em direção a porta, despertada das horríveis lembranças, e viu o filho olhando para ela.

— Davi? O que aconteceu, filho? Não consegue dormir?

Ele entrou e fechou a porta.

— Eu fecho meus olhos e vejo piratas na minha frente.

Jael sorriu e estendeu o braço para o filho. O menino atravessou o quarto correndo e sentou-se no colo dela.

— Onde está o papai?

— Cuidando de alguns problemas no acampamento – ela falou enquanto enrolava os dedos nos cachos do cabelo dele, tão parecido com o seu.
– Amanhã cedo ele estará de volta.

— Posso dormir aqui com você?

— Não precisa perguntar isso, meu Davi.

Ele virou a cabeça e olhou para ela com preocupação.

— Você também não consegue dormir?

Jael sorriu.

— Parece que ambos temos que lutar contra fantasmas esta noite, não é?

Ele olhou para a cama e teve uma idéia.

— E se nós nos deitarmos e você me contar alguma história.
— Tem alguma história em mente? – ela ergueu a sobrancelha.
— Fale sobre Gades. Gosto de ouvir o modo como descreve os campos brilhando ao sol. As florestas cheias de regatos e cachoeiras nas encostas das montanhas.

Ela suspirou e apontou para a cama. O menino saltou para o colchão e ela deitou-se ao lado dele. À medida que Gades ia tomando forma em suas mentes através da voz de Jael, os fantasmas iam se desvanecendo. Davi bocejou. Ela também.

— Eu gostaria de estar lá... – ele falou antes de cair no sono.
— Eu também, filho – ela sussurrou, beijando-lhe o rosto e se preparando para dormir. – Eu também.
O sono dessa vez chegou sem fantasmas.

Capítulo 17

Preparativos

A última semana da Festa de Celebração foi a mais animada do mês. Todo o povo se divertia e participava de tudo o que era oferecido: jogos, shows equestres, apresentações circenses, queima de fogos. No último dia, o povo se aglomerou nas ruas para ver o momento mais esperado. O desfile dos Luminares, que fazia o percurso da entrada da Cidade Dourada até o palácio, culminando na apresentação das três coroas de luz sobre a sacada. O povo gritava eufórico ao ver os Tronos coroados e a luz que emanava de suas testas. Era um ato simbólico que relembrava o início daquela era.

No dia seguinte, a vida voltara ao normal. As delegações se aprontaram para ir embora, os enfeites das ruas foram retirados, as caravanas que lá permaneceram durante toda a festa agora partiam em busca de novas mercadorias. A cidade começava a ficar vazia. No entanto, daquela vez, nem todos pareciam querer partir e isso suscitou o murmúrio do povo. Os Queneus continuavam acampados próximos à cidade; o povo da Floresta de Quedes também não dava mostras de que estavam de partida; o estranho povo de Gades, que não costumava participar da festa, começava a chegar. Algo parecia estar acontecendo e gerando inquietação no reino.

Ao final daquele dia, Nathan finalmente se comunicou. Deborah, Barak e Jael subiram para a torre. A face do amigo trouxe lágrimas aos olhos das duas mulheres.

— Nathan, como é bom ver o seu rosto, meu amigo! – disse Deborah.
— Você parece ter perdido peso – foi o comentário de Jael.

Nathan sorriu.

— “Acho que perdi mesmo, filha. Foi difícil para nós conseguirmos criar um escudo de proteção. Não levamos em consideração o fato de sermos apenas três. A energia exigida de nós foi maior do que tínhamos calculado”.

— Como estão os outros, Nathan? – perguntou Barak.

— “Descansando, no momento. O importante é que tudo foi concluído com sucesso. Demoramos mais do que o previsto, mas o local está protegido e escondido para os olhos não treinados”.

— Essa é uma boa notícia – Deborah sorriu aliviada. – Quando voltam? Nathan suspirou e cruzou as mãos no peito.

— “Dê-nos um dia para descansar. Precisamos repor as energias perdidas”.

— Um dia será suficiente? – Jael observava o rosto abatido do sacerdote.

Ele sorriu.

— “A vontade de estar entre vocês fará com que a recuperação seja rápida”.

Barak tinha uma dúvida.

— Nathan, você acha prudente deixar esse lugar incomunicável?

— “Ele não ficará incomunicável, meu rei. Existe um grupo de sacerdotes das Cavernas do Sal, que são treinados na vida de eremitas. Eles já estão a caminho.

Barak respirou, aliviado.

— Isso me deixa mais tranquilo. Voltem o mais rápido que puderem, pois as novidades são muitas.

— “É essa a nossa vontade. Agora, se me dão licença, eu também preciso descansar”.

— Descanse bem, meu amigo – disse Deborah.

Quando as águas do poço ficaram estáveis, Barak olhou para as duas mulheres ao seu lado.

— Tive medo de termos condenado aqueles três a ficarem ali por tempo indefinido. Precisamos deles.

Os três desceram e, ao chegarem ao vestíbulo, encontraram Hadassa. A moça curvou-se respeitosamente. Estava pronta para a viagem que faria para o Litoral.

— Estamos de partida – ela falou. – Levamos um grupo pequeno, mas todos foram treinados para estar atentos ao que vamos procurar. Se depender de nós, nada passará do porto de Jopim.

— E quanto aos outros portos? – Jael perguntou. – Estamos colocando nossa atenção apenas em Jopim.

— Infelizmente, só podemos cuidar de um porto por vez, Jael – explicou-se Hadassa.

— Eu sei disso, Hadassa. No entanto, eu estive pensando em enviar um grupo de Queneus para fazer o mesmo trabalho nos portos do norte. É para lá que as pequenas caravanas vão. Além disso, Hazorah não pode ficar sem administração por muito tempo.

— O que está pensando em fazer? – Deborah perguntou. – Não está querendo partir, está?

— Não, Deborah. Eu já falei com Naor. Ele é capacitado para administrar o povo na ausência de seus reis. Jafé vai voltar com ele e poderia muito bem se encarregar do grupo que vai para o Litoral. Segundo ele, Hazorah tem campos melhores para treinar os novos cavalos.

Hadassa gostou da idéia.

— Com um Litoral grande como o nosso, toda a ajuda é bem-vinda.

Jael sorriu e pôs a mão no ombro da moça.

— Quando partir faça uma parada no acampamento quenita e fale com Jafé. Você pode instruí-lo em alguma coisa.

— Eu farei isso.

Ela olhou em direção da rainha e fez uma nova reverência.

— Vá com a bênção dos Tronos, Hadassa – Deborah falou. – Que o Pai os guie em sua busca.

Hadassa sorriu e os deixou.

Sarah e Joakim pediram permissão à Jael para acompanhar Sangar, Noa e Eunice em sua missão de busca pelas Cavernas de Fogo, suposto berço de uma nova pedra do céu. Jael os encontrou no pátio, ao lado da fonte.

— Estão mesmo decididos a ir? – Jael perguntou.

— A festa chegou ao fim, Jael – explicou Sarah. – O que mais podemos fazer aqui? Seremos mais úteis se estivermos numa missão. Além disso, estou parada há muito tempo e você sabe o quanto isso me incomoda.

Jael sorriu e ergueu a mão para ela parar de falar.

— Não precisa tentar me convencer, Sarah. Podem ir. Ficarei mais tranqüila sabendo que um grupo maior está indo para uma missão tão perigosa.

Os dois sorriram e saíram de mãos dadas. Jael balançou a cabeça e sorriu consigo mesma. Muitas coisas aconteceram durante aquela festa.

Em Aroer, Jethro entrou na biblioteca da Sala das Colunas e encontrou

Hulda dormindo em cima de um pergaminho velho. Ele a tocou gentilmente e ela despertou um pouco desorientada.

— Devia descansar em seu quarto – ele falou.

— Talvez eu faça isso, mas apenas para suprir o meu cansaço. Estou muito perto de descobrir aquilo que vim buscar.

Ele sentou-se interessado pelo que estava oculto nas palavras dela.

— Seria pedir demais que compartilhasse comigo?

Ela sorriu e pegou as mãos do velho nas suas.

— Jethro, você foi o guardião da chave da Profecia Selada. Como eu poderia esconder algo de você? – ela apontou para uma pilha de pergaminhos velhos em um canto da mesa. – Todos aqueles pergaminhos falam da “Portadora da Luz”. Eu tenho estudado cada passagem e venho tentando ler nas entrelinhas. E, finalmente, eu começo a compreender o meu papel.

— Sempre achamos que esse título se referia a Herdeira – ele comentou.

— Um erro aceitável. Tão aceitável que nunca nos preocupamos em achar que pudesse ser diferente.

Ele endireitou-se na cadeira e coçou a barba, após ouvir a exposição de Hulda. Seu olhar estava perdido em questionamentos íntimos.

— Como pudemos deixar isso passar? E como uma mulher que compactuava com as trevas teve esse discernimento antes de nós?

Hulda suspirou.

— Essa mulher conhecia o poder do santuário de Shilloh. Ela sabia que a Profecia, se cumprida, seria o fim do futuro reinado de terror de Atalia. Entenda uma coisa, Jethro, que nesse tempo a rainha Cirene ainda estava viva. Sua irmã a espreitava pelas costas, esperando para agir. Shilloh ainda era um lugar de peregrinação. Foi nessa época que a sacerdotisa-chefe se apoderou dos escritos e começou a estudá-los com afinco. Ela queria neutralizar qualquer ameaça futura, e para isso ela precisava eliminar a “Portadora da Luz”, pois através dela, a restauração dos Tronos seria efetivada.

Jethro a olhou abismado.

— Deborah ainda não havia nascido – ele falou. – Ela não tinha como saber que o filho da rainha seria uma menina.

— Isso mesmo. Foi isso que chamou a atenção de Salum, quando ele viu as anotações da sacerdotisa-chefe pela primeira vez. A mulher havia descoberto que esse título referia-se a uma pessoa em especial. Uma pessoa que teria a tarefa de cuidar dos Luminares da Profecia, zelando pela sua segurança.

Hulda tomou fôlego antes de continuar. Jethro aguardava

pacientemente.

— A rainha Cirene já havia recebido a revelação de que o filho que esperava seria especial. Ela entrou em contato com a Ilha dos Profetas e mandou me chamar. Nós éramos amigas e ela confiava em mim. Eu concordei em ficar ao lado dela até o nascimento da criança. Durante esse tempo, a sacerdotisa-chefe estudava a minha pessoa, sem que eu soubesse, e conseguiu enxergar uma verdade que eu mesma nunca percebi.

— E o que teria sido?

Hulda estirou o braço e ergueu a manga larga da túnica comprida que usava. Na parte interior do seu antebraço havia um pequeno sinal. Podia ser confundido com uma cicatriz. Eram quatro linhas verticais e ondulantes que, unidas, formavam a imagem de uma tocha.

— Para mim isso não passava de uma cicatriz – ela disse. – Eu nunca a tomei por um sinal profético. No entanto, após ler os estudos daquela mulher, eu percebi que a tocha era um símbolo que sempre acompanhava a Protetora da Luz.

— Hulda, isso é maravilhoso!

Ela sorriu.

— De posse desse conhecimento, ela traçou planos para me matar antes do nascimento da criança. Mas o que ela não podia entender é que a Profecia protegia todos aqueles que estavam ligados a ela de alguma forma. Eu sobrevivi, salvei a Herdeira e fui levada até a Guardiã.

Jethro levantou-se da cadeira e caminhou pela sala. Parou e olhou para ela intrigado.

— O que ainda procura?

— A “Protetora da Luz” é mencionada em outra Profecia, Jethro. A minha missão ainda não acabou.

O homem voltou a sentar no banco, atônito.

— Que outra Profecia? Do que você está falando?

Hulda respirou fundo.

— Eu vou lhe contar tudo desde o início.

Os sacerdotes voltaram. Chegaram durante a noite, da mesma forma como haviam partido. No palácio, eles expuseram tudo o que haviam feito e garantiram que o local, a partir da criação do escudo, estaria invisível para os olhos não treinados. Aqueles que não fossem sacerdotes ou profetas, ou ainda um dos Luminares, nada conseguiriam encontrar. Um grupo de sacerdotes eremitas foi enviado para o local com o propósito de manter sempre contato com os Tronos.

Uma semana depois, Nathan e Áquila estavam ansiosos para iniciar a viagem para Babilos. O sacerdote de Nod pediu para acompanhar Deborah e Jael até a Cidade do Saber. Elas não colocaram objeção, pois havia um assunto inacabado entre eles. Por insistência de Barak, todos concordaram em deixar que as crianças ficassem em Shilloh com Ana e Simeão, pelo menos até a viagem. O santuário com seu belo jardim era o local que mais se assemelhava a Gades para afastar o medo de seus corações e prepará-los para mais uma etapa.

No dia da partida, uma delegação vinda do extremo norte chegou à cidade. Barak e Héber mal puderam se despedir das esposas e dos filhos, pois necessitavam de alianças fortes e era extremamente importante conseguir manter o apoio dos reinos do norte. Deborah e Jael prometeram entrar em contato assim que chegassem. Dias antes, o grupo formado por Sangar, Noa, Eunice, Sarah e Joakim havia saído em direção do oriente para investigar a existência das Cavernas de Fogo.

Capítulo 18

No Caminho para Babilos

Viajar a noite era, na visão dos sacerdotes, o horário mais tranquilo. A carruagem seguia com Áquila, Nathan e as crianças. Deborah e Jael ladeavam o veículo em seus cavalos. Ambas seguiam com roupas grosseiras de viagem, para não chamar a atenção pelo caminho. Nathan, em seu costumeiro bom-humor, colocou a cabeça para fora e gritou para Jael:

— Você alguma vez pensou que pudéssemos estar novamente juntos na estrada?

Ela riu e sacudiu o cabelo que pendia solto, sem turbante.

— Para falar a verdade, eu achei que depois daquela experiência, você dificilmente aceitaria um convite meu.

— Eu aceitaria, sim. O que me espanta é vê-la aceitando o meu. Está dando um grande passo, Jael.

Ela olhou séria para ele e fez um gesto de concordância.

— Espero não me arrepender por isso.

Eles pararam para descansar já próximo do amanhecer. Haviam cruzado o rio e chegado em um lugar plano e, ao mesmo tempo, protegido por algumas árvores. Jael acendeu rapidamente uma fogueira, enquanto Davi a seguia com os olhos, tentando aprender aquela arte tão útil durante uma viagem. Deborah tirou algumas folhas de dentro da bolsa de couro que levava presa a sela de Bruma. Ela aproximou-se do fogo onde uma panela com água já havia sido colocada lá por Nathan. As crianças observaram quando ela jogou as folhas

dentro da panela e um cheiro agradável e perfumado encheu o ar.

— O que são essas folhas, tia Deborah? — Davi aproximou o rosto da fumaça e aspirou o cheiro. — É refrescante!

— Elas são folhas de hortelã, Davi. Estou apenas fazendo um chá quente para revigorar nossos corpos cansados.

Nathan abriu um saco e deu uma boa porção de pão doce com canela para cada um. Foi uma refeição leve e saborosa. Áquila e Nathan dormiram logo. Jael jogou mais alguns gravetos no fogo e aconchegou o corpo do filho entre os braços. Ele tremia um pouco.

— Vai ser uma noite fria — ela disse.

Deborah fitava o fogo, lembrando-se de sua primeira viagem solitária pelos arredores de Salema. Quanto tempo havia passado e quantas coisas haviam acontecido desde então! Eva se colocou em pé por detrás dela e começou a desmanchar sua longa trança. Ela sorriu e fechou os olhos com prazer ao toque suave das mãos da filha em seus cabelos.

— Conte uma história, mãe. — pediu Davi.

Jael suspirou.

— Não consigo me lembrar de nenhuma, filho.

Deborah abriu os olhos e fitou Jael com reprovação. Ela sabia que a mente da irmã estava sendo sacudida pelas lembranças de um passado que ficaram como cicatriz em sua alma.

— Um dia, numa noite fria como essa, eu e Jael nos perdemos durante uma caçada, em Gades. Era a nossa primeira caçada e eu estava apavorada. Mas, para sua mãe, Davi, aquilo era uma grande aventura. Sempre foi assim com ela. O perigo era um atrativo irresistível.

Davi e Eva ouviam com atenção a história contada pela voz suave e rouca de Deborah.

— Começou a chover e a trovejar. Os raios caíam a nossa volta como se quisessem nos acertar. Era uma chuva tão forte que até mesmo nossa visão ficava turvada. Eu não conseguia ver nada e comecei a gritar por Jael. Eu olhava para os lados e não a via e, por causa do barulho dos trovões, eu não sabia que ela também gritava a minha procura. De repente, eu tropecei em algo macio que gemeu. Olhei para baixo e me enterneci com o que vi.

Jael soltou uma risada contida, mas nada falou.

— Era um filhote de urso cuja pata havia ficado presa em uma toca de coelho — continuou Deborah. — Não importa o tamanho da fera, mas seus filhotes sempre são fofinhos e incrivelmente inofensivos. Eu não podia deixar aquele bichinho ali, preso no meio daquela chuva. Então, eu o soltei e o peguei

nos braços.

Nesse momento, Eva parou de mexer em seus cabelos. Estava, assim como Davi, acompanhando a história com expectativa.

— Ora, o fato é que a mãe do ursinho chegou exatamente na hora em que eu o peguei. Vocês podem imaginar o que ela pensou. Eu larguei o filhote com muito cuidado e fui me afastando lentamente. Mas a mãe urso estava muito zangada e partiu para cima de mim. Eu desequilibrei as pernas e caí de costas, cobrindo o rosto com o braço. Eu tinha a certeza de que era o meu fim.

— Quando eu vi aquele animal enorme pronto a atacar Deborah, eu não pensei duas vezes antes de atirar – Jael continuou. – A flecha passou raspando pelo seu couro e aquilo foi o suficiente para que a mãe urso soltasse um berro e saísse correndo. Quando me aproximei de Deborah, eu vi que ela tremia. Eu a ajudei a levantar e procuramos um abrigo. Quando a chuva passou já era dia e pudemos encontrar o caminho de volta.

— Eu passei muito tempo com medo de voltar à floresta – continuou Deborah. – Para mim, a mãe urso continuava ali, me esperando para terminar o que havia começado. Jael insistia para que eu a acompanhasse nas caçadas, mas era inútil. As lembranças eram muito fortes e aquilo alimentava o meu medo. Lembra das palavras que você me disse naquela ocasião, Jael?

As duas se encaravam. Jael sabia muito bem em que ponto Deborah queria chegar.

— Eu lhe disse: “O fato de você ter encontrado um urso na floresta, não quer dizer que ele sempre estará lá. No lugar onde ontem havia um urso, hoje pode haver um coelho. As coisas mudam e nós devemos nos preocupar com as mudanças, e não naquilo que ficou para trás”.

Deborah sorriu e apenas meneou a cabeça. Jael havia compreendido.

— Então, você conseguiu voltar para a floresta, tia Deborah? – Davi perguntou.

— Sim, Davi. Nunca mais voltei a encontrar um urso e a floresta passou a ser um lugar mágico para mim. Se eu tivesse deixado o medo me dominar, nunca teria descoberto as maravilhas da criação do Pai naquele lugar.

Jael beijou a cabeça do filho.

— Agora, eu sugiro que você e Eva durmam na carruagem. Lá dentro é mais quente e confortável. Amanhã eu gostaria de ensinar a vocês como usar o arco.

Os meninos soltaram exclamações excitadas e foram se recolher na carruagem. Jael olhou para a irmã e sorriu.

— Foi uma boa história, mas foi um golpe baixo.

— Eu me pergunto se terá atingido o alvo.

Jael revirou os olhos.

— Você sabe a resposta, Deborah - ela deitou-se e virou para o lado. - Agora, vamos dormir.

Jael improvisou três alvos em árvores próximas à margem do rio. O terreno ali era plano e bom para treinar. Ela observou a técnica do filho ao segurar o arco e sorriu. Era impossível negar que Héber foi o seu professor. Davi possuía um bom equilíbrio e precisava apenas exercitar a pontaria. Enquanto o filho treinava para acertar o alvo, ela ensinava para Eva a maneira certa de firmar o arco nas mãos.

— Não ponha força demais, ou isso irá prejudicar a saída da flecha. O alvo é leve e você deve se sentir confortável com ele. Procure firmar a flecha na altura do ombro e puxe.

Eva seguiu a risca os conselhos da tia. Entretanto, sentia que precisava usar força ao puxar a flecha e isso fazia sua mão tremer. Após falhar na quinta tentativa, ela jogou o arco no chão.

— Não adianta! Eu não consigo!

— Você só fez cinco tentativas e já quer desistir? – Jael pegou o arco no chão e o devolveu para ela. – Respire fundo e continue tentando.

Eva hesitou, mas Jael estava inflexível.

— Eva, se isso fosse apenas um treinamento que tivesse o objetivo de ensinar uma jovem a usar um arco, eu deixaria que você desistisse e tentasse outra atividade que não envolvesse nenhum tipo de arma. No entanto, não existe muita escolha e você sabe disso. Precisa tentar até estar pronta, não importa quantas vezes erre. Você tem sete anos para aprender.

A menina pegou o arco e olhou para a tia.

— Me mostre como puxar a flecha sem concentrar muita força nisso – ela pediu.

Jael sorriu e se colocou atrás de Eva.

— Muito bem, Eva – ela ajoelhou-se e pegou no braço da menina. – Não faça nada, apenas sinta.

Eva percebeu a pressão que Jael exercia sobre a flecha e como esta deslizava com facilidade sobre a corda do arco. Quando ela estava em posição, Jael falou:

— Mire o alvo e solte a flecha.

Eva sorriu surpresa ao ver como a flecha cortou o ar e foi se cravar no tronco da árvore, um pouco acima do alvo.

— Acha que pode fazer sozinha, agora?

Eva pegou outra flecha e repetiu o procedimento. Ela usou a mesma pressão usada por Jael momentos antes. Mais uma vez, a flecha cortou o ar e acertou a mesma árvore.

— Você já sabe atirar – disse Jael. – Mas precisa treinar sua pontaria, assim como Davi.

Eva olhou para a tia e baixou a cabeça envergonhada.

— Eu não queria desistir.

— Eu sei disso, Eva – Jael sorriu. – Você não é daquelas que desistem.

Jael deixou as crianças treinando e voltou ao acampamento. Bruma não estava entre os cavalos e somente Áquila encontrava-se perto do fogo. Ela aproximou-se e pegou um odre de água.

— Onde estão os outros? – ela perguntou enquanto sorvia um generoso gole.

— Nathan desceu até o rio para molhar os pés. Deborah saiu a cavalo, mas não disse para onde ia.

Jael sentou-se ao lado dele.

— Lembre-se de que tem uma história para nos contar.

— Eu não me esqueci – Áquila olhou para Jael com um sorriso. – Teremos tempo para isso após a refeição. Segundo Nathan, seguiremos viagem ao entardecer.

Jael soltou o odre e recostou-se em um tronco de árvore, fechando os olhos.

— Como foi o treinamento?

— Eles aprenderão logo – havia certeza na voz dela. – Como Deborah e eu aprendemos. Eles precisam aprender, pois não sei como estará à força de nossos braços quando eles iniciarem a missão.

Áquila riu alto e isso chamou a atenção dela.

— Falei alguma coisa engraçada?

— A força dos Luminares não se apagará nunca, Jael. Acha que você e Deborah não fazem parte da história de seus filhos?

Jael franziu o cenho.

— Nós já cumprimos uma Profecia, Áquila.

— E deverão ajudar no cumprimento de outra. Seus filhos precisarão de vocês, não duvide disso.

Ela olhou para as próprias mãos e se deu conta de que os anos não pareciam ter pesado nem sobre ela e nem sobre Deborah. Sua força ainda permanecia a mesma e sua aparência, apesar de mais amadurecida, ainda era a de uma mulher jovem. Dádivas da Bênção da Longevidade que foi derramada

sobre Hedhen com o retorno dos Tronos.

— A Profecia só será totalmente cumprida com a restauração de Nod — ele falou suavemente.

Jael olhou para ele.

— Como é a sua terra, Áquila? Fale-me sobre Nod.

O homem deu um longo suspiro e voltou a atizar o fogo sob a panela.

— Uma terra grande e bela. Ela é tão bela quanto Hedhen. Com muitas cidades, campos e montanhas. Não há desertos e o clima é mais ameno. Há muito verde, Jael. As árvores são abundantes e variadas. O povo vivia feliz e despreocupado, até a sombra do mal começar a crescer e cobrir tudo.

Ele parou e olhou para ela com uma expressão tristonha.

— Essa parte da história, eu contarei quando Deborah voltar.

Deborah viu as crianças treinando na margem do rio. Ela havia saído cedo para cavalgar pelos arredores e entrar em comunhão com o Pai, pois não fazia isso com a mesma regularidade de antes, devido às responsabilidades que lhe tomavam o precioso tempo. Ela ansiava pelos momentos em que ela e Barak podiam fugir do palácio e da cidade, cavalgando juntos pelos campos e buscando o Pai como um só coração. Era o Criador que lhes dava a Sabedoria de cada dia para que fossem reis dignos dos Tronos que ocupavam, e da luz que lhes fora outorgada.

Ela decidiu voltar pela margem do rio e parou a poucos metros do campo de treinamento limitado por Jael. Desceu e deixou Bruma saciar sua sede na água corrente. Ela mesma o imitou, aproveitando para encher o seu odre. Sem querer perturbar os jovens guerreiros, ela sentou-se na grama úmida e ficou a observar de longe. Espantou-se ao ver o quanto Eva havia aprendido rápido a manipular o arco. Não demorou muito para que as crianças notassem a sua presença. A filha correu para ela e atirou o arco no chão, antes de sentar com o suor lhe escorrendo pelo rosto.

— Estou com fome e cansada — Eva reclamou. — Será que minha tia vai ficar zangada se eu parar agora?

Deborah sorriu ao ver que Davi tinha a mesma expressão desesperada no rosto ao se aproximar delas.

— Pela posição do sol, a manhã já está perto de acabar. Vocês vão ter que parar de qualquer forma.

Ela levantou-se e assobiou para chamar Bruma.

— Venham — ela ergueu Eva e a sentou na parte da frente da sela. — Eu levo vocês para o acampamento.

Deborah montou e estendeu a mão para puxar Davi. O menino era ágil

como a mãe e se acomodou com facilidade na garupa.

— Tia Deborah, eu estive pensando... — ele hesitou.

— Davi, não tenha medo de falar comigo. O que está pensando?

Ele respirou fundo.

— Sou um bom arqueiro. Aprendi com Héber, meu pai. Agora estou aprendendo ainda mais com minha mãe. No entanto, eu sei que isso não será o bastante no futuro.

Deborah tentava acompanhar o raciocínio do menino.

— E o que você espera do futuro?

— Eu espero ser digno da Profecia, assim como você e minha mãe. Quero saber e conhecer tudo o que ainda não conheço.

— E o que você deseja conhecer, Davi?

— Uma espada.

— Uma espada?

Ele demorou a responder, mas quando o fez, Deborah sorriu intimamente ao perceber a força que havia naquele menino robusto. Uma força que o faria ser o guerreiro sábio e valoroso que a Profecia exigia.

— Eu preciso aprender a usar uma espada, tia. E eu gostaria que me ensinasse, assim como a minha mãe ensinou Eva a usar o arco.

— Eu ficaria feliz em ensiná-lo, Davi. No entanto, sua mãe é muito competente com a espada.

— Minha mãe usa o instinto quando luta, mas você usa a sabedoria. Consegue enxergar os movimentos e não ataca sem necessidade. É como se dialogasse com sua espada e pedisse conselhos a ela. Ela parece viva em suas mãos. É dessa forma que eu quero lutar. Não quero matar sem necessidade, se houver outra opção. Minha mãe é rápida e ágil. Eu nunca vi alguém como ela. A espada dança em suas mãos, mas seus movimentos são letais, porque ela não tem tempo para pensar.

Deborah suspirou.

— Você tem nos observado bastante.

— Nunca perco uma oportunidade.

— Se ela não se opuser, eu treinarei você, Davi. Mas, assim como ela veio até mim quando Eva a procurou, eu devo fazer o mesmo.

Ela sentiu os braços do menino lhe apertar a cintura.

— Obrigado, tia. Eu sei que ela vai deixar.

— Ele quer que você o ensine?

Jael perguntou ao ouvir o pedido do filho pela boca de Deborah. As crianças foram comer, enquanto elas conversavam junto aos cavalos. Jael

estava escovando Solaris quando eles chegaram.

— Farei isso se você permitir, Jael.

Jael parou de escovar o cavalo e olhou para a irmã.

— Por que eu não ia querer isso, Deborah? Ele tem razão. Eu sou muito instintiva. Nunca quis ensiná-lo, por medo de machucá-lo com algum movimento impensado. Você é a pessoa ideal para fazer isso.

— Começarei a treiná-los quando voltarmos ao palácio, então – Deborah cruzou os braços e sorriu para a irmã. – Eva tem muito de você. Ela é boa com a espada. Ágil e rápida.

— Instintiva e letal? – Jael sorriu de volta. – Então, eu sugiro que você a ensine a pensar. Já pensou em nossas técnicas unidas numa só pessoa?

— Parece assustador.

— Não. Acho maravilhoso. Não há mais tempo para mim, pois minha técnica já está solidificada. Mas Eva é jovem e tem muito tempo para aprender.

Jael soltou a escova no chão e fez um carinho em Solaris. O cavalo relinchou de satisfação.

— Vamos comer alguma coisa – ela falou, pegando o braço de Deborah. – Áquila quer conversar conosco. Acho que vai nos contar uma história bem longa.

Áquila sentou-se no meio das duas mulheres que o aguardavam à sombra de uma árvore. Nathan aproximou-se ao vê-lo chegar. O pequeno sacerdote aguardava ansioso para ouvir a história que seria contada.

— A história de Nod começa com o fim do primeiro reinado dos Tronos. Até esse momento, a terra era uma só. Ariel era o seu nome. A luz dos Luminares alcançava todos os povos e a Sabedoria era distribuída em partes iguais para cada reino. Havia justiça e paz.

— Como um mundo tão perfeito pode ter caído? – Jael perguntou.

— Sempre impaciente, minha irmã – disse Deborah. – Deixe que Áquila conte sua história!

O sacerdote respirou fundo e cruzou as mãos.

— Os sacerdotes sempre existiram, assim como os profetas. Ambas as classes foram criadas pelo desígnio do Grande Pai, através da Sabedoria dos Tronos. Eles tinham a função de aconselhar, preservar os lugares antigos, escrever e criar um acervo de arquivos que contassem a história de nosso mundo e, é claro, estudar toda essa maravilha que é a obra da criação do Pai.

Ele parou e baixou a cabeça, antes de continuar com a voz tensa.

— Um dia, um acontecimento celeste veio mudar toda a nossa história. Uma grande pedra caiu do céu e abalou a nossa terra. O seu poder foi tamanho

que cidades foram reduzidas a ruínas e grandes ondas invadiram reinos que deixaram de existir. Um grupo específico de sacerdotes foi atraído pelo poder dessa pedra. Era, segundo eles, um poder maior do que o dos Tronos, já que os Luminares não puderam evitar os desastres. A ganância subiu ao seu coração e o uso indevido da energia contida nessa pedra foi o que causou a queda dos Primeiros Luminares. Nesse tempo a Profecia foi escrita. Ela foi dada aos Tronos pelo Ancião, na Montanha da Lei. Ele era reconhecido como um mensageiro do Pai. Alguém cujo poder estava acima de qualquer sacerdote ou profeta.

— Está falando do mesmo Ancião que Deborah e Eva tiveram a oportunidade de ver? – Nathan perguntou.

— Só existe um Ancião, meu amigo.

— Essa Profecia que foi dada aos primeiros Luminares... – Deborah começou.

— Era a Profecia completa – Áquila confirmou. – Não existia uma Profecia Selada, mas apenas uma. E esta não ficou na posse de sacerdotes, mas dos próprios Luminares.

— Por que foram separadas? – Jael não conteve a curiosidade.

— Por que a terra havia sido violentamente devastada, e o poder dos Luminares estava enfraquecido. A energia gerada por essa pedra sugava a luz dos Tronos de uma forma lenta, mas cuja consequência se fez sentir. Os sacerdotes corruptos queriam se apoderar da Profecia e impedir o seu cumprimento, pois eles sabiam que nela estava contida a esperança de manter a Luz no mundo. Dessa forma, uma parte da Profecia foi selada pelos próprios Luminares, e escondida no local mais improvável de ser alcançada pelas trevas. O Monte da Lei. Todos sabiam que o retorno do poder dos Tronos, caso estes viessem a cair, fora profetizado, mas ninguém podia imaginar como esse retorno e restauração se daria. Apenas aquela que estava destinada a cumprir a parte final da Profecia poderia saber. Pois apenas ela poderia romper o selo.

— Então, quando a Profecia foi escrita, só existia aquela que nós conhecemos – ponderou Jael. – De onde veio a Profecia de Nod, então?

Áquila olhou para Deborah.

— Você abriu a Profecia Selada, Deborah. O que ela dizia em seu final absoluto?

— Que a luz dos Tronos restaurados se derramaria por *toda a terra* e limparia também, como água, todo o sinal deixado pelas trevas. Nada que fosse mal, teria mais o poder de penetrar nessa luz.

— No entanto, o mal conseguiu penetrar na luz – murmurou Jael.

— Sim — disse Áquila. — Isso está acontecendo porque, segundo a Profecia, a luz dos Tronos deveria cobrir *toda a terra*. E quando uma Profecia é escrita, cada palavra deve ser seguida na sua literalidade.

— E quando a Profecia foi escrita, a terra se chamava Ariel — Deborah concluiu. — Hedhen e Nod.

A essa altura, o sol já estava baixo no horizonte. Nathan suspirou.

— Precisamos nos preparar para seguir viagem.

— Eu disse que seria uma história longa — Áquila sorriu para Jael como se pedisse desculpas.

— Espero que a termine antes de chegarmos a Babilos — ela resmungou contrariada.

Jael levantou-se e foi acordar as crianças, mas Deborah permaneceu sentada numa atitude reflexiva. Áquila pôs a mão sobre a sua.

— Sei o quanto foi difícil para você cumprir a Profecia de Hedhen.

Ela sorriu.

— Não me arrependo disso, Áquila. Era necessário. Do contrário, de onde viria essa força para salvar Nod? De qualquer forma, ela deveria ser cumprida, estando ou não a terra dividida.

— O que você fez naquele dia, Deborah, deve ser conhecido em Nod. Nada foi em vão.

Ela tinha o olhar sereno ao perguntar:

— Isso é parte da missão deles, não é? Tornar a história conhecida e mostrar um pouco de esperança para quem não tem nenhuma.

— Um pouco, não. Essa história trará de volta toda a esperança. Seus filhos serão os arautos, as testemunhas. É a história que atesta a vitória da vida sobre a morte.

Nathan os chamou para ajudar a desmontar o acampamento. O restante da história ficaria para depois.

Capítulo 19

A Missão das Árvores

Eles tinham pressa. Aquela não era uma viagem de passeio e precisavam chegar logo. Passaram, portanto, a noite toda e uma boa parte do dia na estrada. De vez em quando, Deborah e Jael paravam ao lado da carruagem a fim de averiguar as condições dos filhos. Davi estava impaciente e amuado. Eva mantinha um ar de resignada aceitação. A verdade é que seus corpos estavam doloridos e cansados pelo balanço da carruagem. Era a primeira vez que viajavam para tão longe. Quando o sol saiu do zênite e começou a baixar,

lançando sombras mais compridas por entre as árvores do caminho, Jael ergueu o braço.

- Precisamos parar. Os cavalos estão cansados e as crianças não estão acostumadas a viagens longas.

- Você está certa, Jael - Deborah já havia percebido o esforço de Bruma para manter o ritmo. – O Grande Rio está a uma curta distância daqui. Podemos acampar em suas margens e pernoitar também. Cobrimos uma boa parte da viagem por hoje e uma parada mais prolongada não vai nos atrasar.

Junto a margem do Grande Rio havia um espaço plano e convidativo. Algumas árvores serviriam para dar abrigo aos cavalos. Davi e Eva, ao se verem livres da carruagem, correram em direção ao rio. O trecho que passava por ali era raso e as pedras formavam uma barreira natural contra o perigo da correnteza. Davi logo encontrou uma espécie de bacia formada por um círculo de pedras que não deixavam a água fluir em sua totalidade. Esta ia sendo filtrada pouco a pouco pelas fissuras estreitas entre uma rocha e outra.

- Ei, podemos tomar banho aqui! – ele gritou para os outros.

Nathan sorriu ao ver a euforia das crianças.

- Uma fonte de água para aliviar os corpos cansados – ele suspirou. – Até eu me atreveria a mergulhar ali.

- E o que o impede, Nathan? – perguntou Deborah.

- O meu pudor, minha rainha.

Ela riu.

- Você é adulto, meu amigo sacerdote! Não precisa se banhar em uma fonte natural como uma criança. Há muitos lugares na margem do rio onde você, e também nós, poderemos nos banhar livremente.

Jael concordou com um sorriso, já segurando o braço da irmã.

- É exatamente um lugar assim que eu estava pensando em procurar. Você vem comigo, irmã? Depois indicaremos o local para Nathan e Áquila se refrescarem.

Deborah mal teve tempo de responder, antes de ser arrastada por Jael. Os dois sacerdotes foram os últimos a se banhar. Quando voltaram, a fogueira já estava acesa e o cheiro de peixe assado chegou até suas narinas. Jael dispôs dois peixes em uma grande folha e os passou para as mãos de Nathan.

- Davi me ajudou a pescar alguns – ela disse piscando para o filho.

- Eu nunca havia pescado com o arco antes – ele parecia orgulhoso. – Gostei da sensação.

Áquila admirou-se com a quantidade de peixes. Havia um peixe para cada um deles.

- Há fartura de peixes nesse rio – Jael explicou. – Eles gostam de ficar perto das margens, onde há muitas pedras.

Nathan fechou os olhos enquanto saboreava a comida.

- Depois de um banho fresco e um peixe nutritivo, acho difícil voltarmos à estrada essa noite.

- Nós vamos pernoitar aqui, como eu disse antes – respondeu Deborah. – Depois do rio, a estrada para Babilos segue em um caminho reto por entre as montanhas.

Foi naquela noite que Áquila terminou de contar sua história.

Eva estava sem sono. Ela e Davi estavam deitados dentro da carruagem, como toda a noite desde que começaram a viajar. Apesar do conforto, ela ansiava pelo frescor da noite. O céu estava imensamente estrelado e o luar tornava as águas do rio luminescentes. Ela começou a levantar.

- Para onde você vai? – Davi sussurrou.

- Não sabia que estava acordado.

- Estou cansado dessa carruagem – ele bufou. – Amanhã eu pedirei a minha mãe para ir a cavalo com ela.

Eva sorriu.

- Eu vou dormir lá fora, vendo as estrelas.

Imediatamente o menino saltou da cama improvisada com almofadas.

- Vou com você!

- Tudo bem, mas tome cuidado para não fazer barulho.

Ele coçou a cabeça com certo desconforto.

- Isso me lembra a última vez em que saímos escondidos.

Ela estendeu a mão para ajudá-lo a levantar.

- É diferente, agora. Não estamos fugindo. Só não quero ser mandada de volta para a carruagem.

Eles achavam que todos já dormiam, mas numa noite calma como aquela, o sussurro das vozes chegou até eles. A fogueira que ardia não era a mesma na qual assaram os peixes. Outra fogueira tinha sido acesa mais perto da margem do rio. Em volta dela estavam os quatro adultos da comitiva.

- O que fazem acordados a essa hora? – Davi cochichou no ouvido da prima.

- Talvez estejam falando sobre algo importante – ela o puxou pela mão. – Venha, vamos nos aproximar mais um pouco.

Davi não queria cometer outro erro por agir impensadamente, portanto hesitou.

- Talvez não queiram que escutemos.

- Ou talvez achem que não estamos prontos para ouvir – Eva parecia muito séria naquele momento. – Davi, você não se sente excluído de alguma forma?

- Sim, eu me sinto. Só não quero errar novamente.

Ela sorriu para ele, pois o compreendia muito bem.

- Então, vamos provar que somos capazes. Não vamos nos esconder.

Ele tomou a mão que ela lhe oferecia e caminharam juntos até o grupo em volta da fogueira.

Áquila começava a se preparar para falar, quando viu os dois pequenos vultos se aproximando. Deborah e Jael, que estavam de costas, viraram-se seguindo o olhar do sacerdote. As crianças pararam frente ao grupo.

- Seja lá o que estiverem conversando, queremos ouvir – disse Eva. – Principalmente se for a nosso respeito.

- É isso mesmo – Davi encarou a mãe. – Não queremos mais ser tratados como crianças fracas e sem entendimento.

Deborah assentiu com seriedade.

- Sentem-se, então. O assunto, com certeza, haverá de interessar a vocês.

- Não os julgamos incapazes, filho – explicou Jael. – Estávamos apenas respeitando o cansaço de vocês. Foi um dia especialmente cansativo para todos.

Eles sentaram-se de forma ereta e compenetrada.

- Áquila ia começar a nos contar como surgiu a Profecia de Nod – disse Deborah.

- A que fala de nós? – havia um toque de repreensão na voz de Eva.

- Não apenas de vocês, mas de muitas outras coisas, Eva.

A menina não falou mais, no entanto Deborah sabia que deveria se preparar para uma das muitas “conversas sérias” que ainda teria com a filha.

- Áquila, por favor, pode começar – pediu Nathan. – Estamos todos ouvindo.

O sacerdote respirou fundo e falou fitando o fogo.

- O portal foi criado para preservar uma parte de Ariel. Através de magia, com o uso indevido da Pedra do Céu, havia sido desencadeado um grande maremoto que ameaçava cobrir uma parte da terra. Sem ela, não haveria como cumprir a Profecia. Esse portal conseguiu transferir a metade da terra para um lugar seguro, embora distante da outra metade, que veio a se chamar Hedhen. Os Luminares tiveram o cuidado de manter a localização do portal fora do alcance daqueles que procuravam sua destruição. Assim como existia uma classe de sacerdotes corrompidos, havia igualmente uma classe sacerdotal fiel aos Tronos. Após o esforço para criar o portal, a energia dos Luminares, que já estava diminuída devido a pedra do céu, começou a se apagar. Rapidamente,

eles ditaram para os sacerdotes que os assistiam, uma Profecia específica para aquela parte da terra, que passou a se chamar Nod.

- Então, a Profecia de Nod foi escrita pelos primeiros Luminares, não a Profecia de Hedhen, que chegou até eles através de um mensageiro do Pai? – perguntou Jael.

- Exatamente. Foi feita num último ato desesperado para que a Luz da Profecia de Hedhen também alcançasse Nod e acabasse de vez com o império das trevas, cumprindo assim a Profecia total.

- Áquila, como essa Profecia foi parar na Ilha dos Profetas? – Deborah sentia-se confusa. – Por que ela foi encontrada desse lado do portal e não em Nod?

O sacerdote sorriu.

- É óbvio que Hedhen deveria tomar conhecimento desses fatos, a fim de que a Luz fosse emanada daqui.

- Nesse caso, os sacerdotes de Nod sempre tiveram acesso ao portal? – Deborah fez mais uma afirmação do que uma pergunta.

- Sim. Mas isso foi apenas no início.

- Não estou entendendo – Nathan comentou. – Você tem acesso ao portal, ou será que estou enganado?

Áquila sorriu.

- Não, Nathan, você está certo. Eu ainda possuo o conhecimento do portal porque faço parte dos sacerdotes encarregados de proteger a ele e a Profecia. O nosso número é limitado e diminui com o tempo. Muitos já estão velhos e cansados. Nesse meio tempo, infelizmente, a classe sacerdotal corrupta aumentou o seu poder e procurou erradicar de Nod todo o conhecimento sobre o seu passado.

- Como eles conseguiram tal feito? – Davi exclamou. - Ninguém pode apagar o passado!

- Por muito tempo, meu jovem príncipe, esses sacerdotes corruptos foram adeptos de uma magia oculta e secreta, aprendida durante os estudos com a pedra do céu. A mesma magia que desencadeou o maremoto de que falei anteriormente. E naquele tempo, o poder da Pedra era muito maior do que hoje.

Jael suspirou e olhou para Deborah. A história se repetia.

- Esse conhecimento lhes deu o poder de penetrar na memória das pessoas, arrancando de lá tudo aquilo que consideravam perigoso para seus planos de conquista.

A rainha dos Queneus lembrou-se da ocasião em que a rainha Atalia tentara invadir sua mente e apagar suas lembranças.

- Eles conseguiram desenvolver esse conhecimento? – ela perguntou, não com certo temor na voz. – Como isso é possível?

- Com muito êxito, posso garantir. Apenas nós, sacerdotes, ficamos livres de sua influência.

Deborah queria ir direto ao ponto.

- O que exatamente o povo de Nod sabe sobre a Profecia?

- Nada – a resposta de Áquila chocou a todos. – Ou quase nada.

Após uns instantes de silêncio, o sacerdote continuou.

- Apenas duas cópias da Profecia foram preservadas. Uma está conosco, em Nod. A outra foi escondida na Ilha dos Profetas pelo meu avô. Ele atravessou o portal e foi um dos fundadores da escola dos Profetas. Os Luminares o agraciaram com esse dom. Havia um decreto sobre as duas partes. O tempo das Oliveiras chegaria no dia em que a Profecia de Nod fosse encontrada na terra de Hedhen. Um sinal chegaria para nós, sacerdotes.

- Que sinal? – Jael perguntou.

- Na sala onde guardamos a cópia, tem um altar de ouro. Ele só teria o seu fogo aceso no dia em que a Profecia fosse achada. Minha presença aqui indica que o fogo está queimando naquele altar nesse exato momento.

Eva e Davi soltaram exclamações quase na mesma hora. Áquila olhou para Deborah e Jael com muita firmeza.

- O povo de Nod não sabe nada sobre os Luminares, e a Profecia é, para eles, uma lenda antiga. Para a maioria, ela não existe.

- A maioria, você diz? – Deborah ponderou a afirmação. – Então, há aqueles que acreditam?

- São poucos. Apenas uma minoria que conseguimos doutrinar, através de textos copiados dos originais da Profecia.

- Poucos, mas existem! – Jael estava maravilhada. – Isso já é um começo, não é?

Áquila suspirou e levou as mãos à testa. Sentia-se tonto e cansado.

- Quem governa Nod, Áquila? – Deborah tinha perguntas diretas.

O semblante do sacerdote ficou sombrio, enquanto ele olhava para as chamas.

- Um homem que se considera um deus. Um antigo sacerdote que conseguiu, com o poder contido na pedra do céu, manter-se forte e vivo apesar do tempo. Ele assistia aos primeiros Tronos e lhes era fiel, ou era isso o que deixava que pensassem. Ele foi o responsável pela corrupção dos sacerdotes e pela catástrofe que teve como consequência a divisão de Ariel. Ele chama a si mesmo de Lord Abadom.

O nome fez Eva sentir um calafrio. Ela buscou a mão do primo e percebeu que estava exatamente como a sua. Tremendo.

- Ele conhece a verdade e sabe que os Luminares existem. A vontade dele é que a Profecia seja destruída e que a escuridão envolva o mundo. O exército dele é o único exército a portar o “escorpião”. A arma que feriu você, Deborah.

- Qual é o poder dessa arma? – ela perguntou.

- O de tornar você, Jael e Barak, pessoas vulneráveis. Vocês não existem para Nod. Uma arma feita lá os encontraria como pessoas comuns, sujeitas a ferimentos comuns e venenos comuns. Esse é o único poder que ela tem sobre vocês. Faz parte da magia que foi lançada sobre a minha terra.

- A nossa luz não tem poder em Nod? É isso o que você está dizendo? – Jael estava confusa. – Nesse caso, como poderemos salvar sua terra, Áquila?

Ele olhou para as crianças que escutavam atentas.

- Sua luz irá brilhar em Nod, pela palavra que as Duas Oliveiras irão levar. O testemunho delas tornará a Profecia viva, e o povo despertará sua memória roubada. Abadom tentará de todas as formas impedir isso.

Ele fechou os olhos e abaixou a cabeça.

- Por favor, sinto-me cansado. Creio já ter concluído minha história. Responderei com prazer todas as perguntas que me queiram fazer, mas preciso descansar.

Deborah sorriu.

- Descanse, Áquila. Por enquanto, seu relato nos deu muito que pensar. Sei que ainda há coisas a serem esclarecidas, mas teremos tempo para isso.

Deborah e Jael acompanharam os filhos de volta para a carruagem. Eva virou-se, antes de entrar.

- Posso lhe pedir uma coisa, mãe?

- Sabe que pode.

- Não me esconda nada sobre Nod. Assim como você viveu para cumprir uma Profecia, eu também deverei viver.

Deborah abraçou a filha. O fardo de Eva não seria leve.

- Eva, eu não tive a intenção de lhe esconder nada. Pergunte-me o que quiser de agora em diante e eu lhe responderei sem nada esconder. Serei transparente para você, filha. Nunca se sentirá sozinha nessa caminhada, dou-lhe a minha palavra.

Eva apertou mais os braços em torno da cintura da mãe e, em seguida, correu para dentro da carruagem. Ela não queria demonstrar fraqueza, pois estava chorando. Chorava por que sentia a verdade dita naquelas palavras e percebeu o quanto precisava delas. Davi, que vinha atrás, segurando na mão de

Jael, ouviu, assim como a mãe, o diálogo entre Deborah e Eva.

- Não sei se você também se sente assim, Davi. Mas eu tomo como minhas as palavras de minha irmã. Tenha em mim mais do que uma mãe. Serei sua amiga e conselheira, se quiser – ela sorriu e acariciou o rosto do menino. - Sei como homens gostam de ser independentes.

- Não quero ser independente de você, mãe.

Ele olhou com desgosto para a carruagem.

- Hoje, por exemplo, eu gostaria muito de dormir olhando as estrelas. Posso ficar com você?

Ela riu e assanhou os cabelos do filho.

- Você tem mesmo o sangue de um quenita!

Deborah voltou para a margem do rio e ficou sentada perto da fogueira, enquanto todos dormiam. O sono lhe fugiu, coisa que não lhe era estranha. Entretanto, sentia-se relaxada ao ver o reflexo da lua sobre as águas. Ela entendera mais das palavras de Áquila, do que o sacerdote havia dito. Nod esperava pela luz que ainda não conhecia, e a luz teria que ganhar força e atravessar a distância, banindo a escuridão de uma vez por todas. Os Luminares iriam renascer numa terra esquecida, pelos frutos de duas pequenas árvores.

Capítulo 20

Histórias de Dragões

Sangar subiu a colina em seu cavalo e enxergou o contorno de uma cidade pequena. As casas se espalhavam de uma forma irregular, como se o povoamento tivesse acontecido de forma aleatória. Nada obedecia a uma urbanização planejada. Ele suspirou. As casas do povo da Floresta de Quedes eram bem mais organizadas. Noa parou ao lado dele e observou a cidade.

- É perfeita para o que estamos procurando – ela comentou.

- Está falando daquele monte de casas a que devem chamar de cidade? No que poderia nos ajudar?

- Não é uma cidade, Sangar. É apenas um povoado. Um povoado de gente simples cuja maior diversão está em se reunir na frente das casas e contar histórias. Não é isso que estamos buscando? Histórias?

- Parece que você tem muita familiaridade com esse tipo de vida.

Ela riu.

- Eu nasci num lugar parecido. A diferença, com certeza, estava no clima. Nós não costumávamos nos reunir na porta das casas, mas em volta das

lareiras, dentro delas. Ouvir histórias contadas pelos mais velhos era um prazer para os ouvidos.

Ela o olhou com interesse provocativo.

- Não costumava fazer isso quando era criança?

- Não tenho muito que contar de minha infância, Noa. Faz tanto tempo que luto sozinho nessa vida que só consigo me imaginar já adulto. Quanto a contar histórias, às vezes fazíamos isso nos barcos, quando o mar estava calmo – ele riu alto. – Eram tantas histórias absurdas! Mas tornavam a vida mais alegre.

- Viu só? Não importa o lugar, as regras são as mesmas. É assim que histórias tornam-se lendas.

Ele a olhou com carinho.

- Muito bem, você me convenceu. Vamos ver se encontramos algum lugar para nos hospedar.

Apesar da aparência caótica, o povoado possuía um armazém, um pequeno templo em que ardia uma chama acesa com o fogo de Shiloh, e uma hospedaria. Esta ficava logo na entrada do povoado, que se chamava Aradel. O povo era amistoso e propenso a falar. Principalmente se os visitantes fossem da Cidade Dourada. A hospedaria não possuía quartos, mas apenas um grande aposento que servia para ser alugado a viajantes cansados. O aposento não ficava ligado ao prédio principal, fato que lhes deu liberdade para cuidar dos cavalos e conversar com tranquilidade entre si. Zacarias, no último momento, pedira a Sarah para acompanhar o grupo. Héber, segundo ele, já havia lhe dado autorização. A moça, apesar de desconfiada, não teve tempo de negar, pois já se encontravam na saída da cidade quando ele os alcançou.

- Alguém quer dar uma volta? – perguntou Sangar.

- No que está pensando fazer? – Noa interrogou o marido.

- Comprar alguns mantimentos no armazém e iniciar novas amizades.

Joakim levantou-se, limpando a terra seca que se acumulara em sua veste quenita.

- Vou com você.

Sangar sorriu ao ver o olhar ansioso de Zacarias. O rapaz nunca fora nada mais além de um mensageiro e sonhava em ter sua própria aventura. Ele o fazia lembrar de Hagai, quando se conheceram. Jovem, sonhador, aventureiro e fiel.

- Venha conosco, Zacarias! – ele falou para surpresa do rapaz.

Sarah ia se manifestar, mas parou ao ver a expressão de Noa. Quando eles saíram, ela virou-se para a mulher de Sangar.

- Zacarias não tem experiência em campanhas – ela disse. – Além disso, eu desconfio de que ele esteja aqui sem autorização.

- Você lhe deu autorização, Sarah – Noa falou de forma taxativa. – Também desconfio que ele agiu com imprudência, mas não está aqui sem autorização.

Eunice aproximou-se.

- Noa está certa. A autoridade do grupo quenita repousa sobre você. Independente do que ele tenha feito, você tomou essa responsabilidade para si.

Sarah suspirou com impaciência e uma boa dose de irritação.

- Sinto-me uma idiota! – ela exclamou.

Noa sorriu e pôs a mão sobre o ombro dela.

- Acalme-se. Zacarias não é mais criança. Ele já é um homem e só procura adquirir experiência no campo. É natural. Sei que Deborah e Jael compreenderiam isso.

Eunice caminhou até a porta e observou o povoado que se estendia colina acima.

- Vamos deixar os homens cuidarem de si mesmos. Precisamos fazer o nosso trabalho.

O trabalho delas consistia em buscar uma aproximação com os anciões do povoado. Eles, como ficaram sabendo, reuniam-se à noite na frente do templo e acendiam uma fogueira. Ali, enquanto o fogo ardia, as antigas histórias eram contadas.

Sangar, Zacarias e Joakim selecionavam arreios, sacas de lentilhas e garrafas contendo mel de abelhas. Um homem que fumava um cachimbo na porta do armazém os observava atentamente.

- Estão formando uma caravana? – ele perguntou.

- Não, senhor – respondeu Sangar. – Estamos apenas seguindo viagem para o leste.

- Soube que vieram da Cidade Dourada – o homem falou soltando fumaça do cachimbo.

Joakim virou-se com a testa franzida.

- Como soube? Não me lembro de termos comentado isso com ninguém.

O homem riu de maneira zombeteira.

- Em um povoado pequeno como esse, as notícias chegam antes que os visitantes.

Joakim olhou para Sangar com apreensão.

- É verdade que viemos de lá – Sangar respondeu. – No entanto, não é a nossa terra. Temos trabalho nos esperando no leste. Campos para cultivar.

O homem ergueu os olhos e os analisou com mais atenção.

- Vocês não parecem camponeses.

- Por que não? – se interpôs Zacarias. – O trabalho no campo também é duro.

O homem parou de fumar apenas para dar vazão a uma tosse seca. Em seguida, ele levantou os olhos para o rapaz e sorriu.

- Não duvido disso, garoto. Mas, por um momento pensei que vocês estivessem indo para trabalhar nas minas. Caso estivessem, eu ia oferecer o meu serviço de guia.

Sangar coçou o queixo barbudo e aproximou-se do homem com interesse.

- Que minas são essas? A remuneração é boa?

- Muito boa, senhor. Tem atraído muitos viajantes para lá. Dizem que são minas profundas e antigas, recém-descobertas por uma tribo do deserto. Fico imaginando as riquezas minerais que devem existir por lá.

Sangar trocou um olhar rápido com os dois companheiros e voltou-se para o homem.

- Como o senhor se chama?

- Uzi, a seu serviço!

- Muito bem, Uzi. Eu me interessei pela notícia que me deu. Preciso conversar com o restante de meu grupo e ver o que decidimos. Onde posso encontrá-lo quando sair daqui?

- Estarei aqui, esperando no mesmo lugar, meu senhor. Uzi não dispensa um bom trabalho, eu lhe garanto.

Joakim e Zacarias terminaram de arrumar as provisões na carroça alugada e o grupo voltou à hospedaria.

O templo, ao contrário da hospedaria, era o último edifício da área urbana de Aradel. Pelo que Noa percebera, o sacerdote daquele povoado também cumpria a função de líder. Era um ancião encurvado, baixo e que sustentava o peso de uma enorme barba branca que cobria todo o seu tórax. Ao anoitecer a fogueira era acesa e o povo se reunia em volta do sacerdote para ouvir histórias. Uma grande área abria-se como praça na frente do templo. Era ali que as pessoas sentavam para ouvir. Eunice, Noa e Sarah escolheram um local de onde pudessem ouvir com clareza.

O ancião começou contando histórias já conhecidas e que agradavam especialmente as crianças. Até Eunice, que era sempre tão séria e compenetrada em sua função, riu ao divertir-se com as histórias de sua infância. De repente, um garoto ergueu a mão e gritou:

- É verdade que existiram dragões vermelhos expelidores de fogo, aqui perto no deserto?

O velho abaixou a cabeça e riu como se algo lhe viesse à lembrança.

- Dragões vermelhos? Há muitos e muitos anos, eles deixaram de existir. O último ninho foi destruído pela grande montanha de fogo que caiu do céu.

As mulheres ficaram atentas para a explicação do velho. Eunice mal respirava, agora.

- A montanha, quando caiu, fez a terra tremer e tudo desapareceu – continuou o velho. – Mas o homem, depois de anos e anos, descobriu o fogo interno que continua a queimar no ventre da terra.

- Acha que o homem pode despertar os dragões, senhor? – perguntou uma menina.

- O fogo ainda arde com força lá embaixo – a voz do velho era cansada e triste. – Os dragões ainda não descobriram um local para sair, mas isso não vai demorar. Logo, eles estarão livres de novo para assolar o nosso mundo.

Zacarias chegou silenciosamente por trás e tocou no ombro de Sarah. A moça olhou para ele com ar severo.

- Sangar pediu para voltarem para a hospedaria. Temos novidades para contar.

- Não podemos sair agora. Essa história pode ser aquilo que procurávamos. O rapaz sorriu.

- O que temos para contar a vocês, certamente fará essa história soar bem mais real em seus ouvidos.

Noa, que estava ao lado de Sarah, não perdeu tempo.

- Nesse caso, vamos voltar. Acho que já ouvimos o suficiente.

Na hospedaria, Sangar contou com detalhes a história de Uzi e ficou surpreso ao ouvir o relato de Noa sobre a história dos dragões.

- As histórias se encaixam, mas não vejo nisso uma boa notícia – Sangar falou. – Por um lado, acabamos achando o que procurávamos de uma forma muito rápida. Mas, ao mesmo tempo, tudo indica que o lugar não é mais nenhum segredo e que existe alguém trabalhando e explorando o seu interior.

- Precisamos ter certeza de que essas minas são as mesmas Cavernas de Fogo – disse Eunice. – Há muitas minas no deserto e, de vez em quando, uma que estava abandonada começa a ser explorada novamente.

- Mas o fogo parece estar presente na história da descoberta dessas minas – lembrou Joakim. – Assim como na história dos dragões.

- Não me preocupo com as minas e nem com os dragões – resmungou Sangar. – O que quero realmente saber é quem está sendo responsável pela sua exploração. Não gostaria de imaginar Jabim iniciando uma nova forja maligna em Hedhen.

Noa suspirou e olhou através da janela.

- Isso, meu marido, é algo que não poderemos impedir. Mas cabe a nós encontrar os meios para atrasar o trabalho de nossos inimigos.

Sangar olhou em volta e viu a decisão em cada olhar.

- Amanhã eu falarei com Uzi e contratarei seus serviços. Vamos partir para ver de perto as tais minas.

Hulda despediu-se de Jethro e de Aroer. Ela levava consigo mais do que fora buscar. Há muito tempo seus dons proféticos não eram exercitados. No entanto, naquele último dia na cidade guardiã, ela teve um sonho. Este sonho a mandava ir para Babilos. Rute e Rebeca ficaram surpresas com a decisão, mas estavam ali a serviço da profetiza, não lhes importava a mudança no caminho que iam tomar. Hulda, ao deixar Aroer, seguia calada e pensativa dentro da carruagem. O capuz lhe escondia a metade do rosto, proporcionando-lhe a privacidade que desejava durante aquele tempo.

Foi Rebeca que notou a nuvem de poeira no caminho que ficava para trás. Ela estava ao lado de Rute que guiava a carruagem, pois elas haviam dispensado o cocheiro. Alguém as seguia. Na primeira noite em que acamparam, ela pediu para ficar de guarda. Hulda adormeceu logo e Rute não tardou a fechar os olhos. Rebeca encostou-se a uma árvore a certa distância da fogueira. Se havia uma coisa que ela sabia fazer muito bem, era ser silenciosa. Não demorou para que seus olhos, aguçados pelo treinamento, identificassem dois vultos que se posicionavam no topo da colina. Ela levantou-se e contornou o monte por trás, evitando as folhas e galhos secos. Pelo canto dos olhos, ela podia ver cada movimento que os vultos faziam. Foi dessa forma que ela surpreendeu um deles a preparar um arco. Com uma rapidez disciplinada, ela se firmou em um joelho e preparou uma flecha. O seu tiro certeiro alcançou o vulto antes que esse pegasse uma flecha do alforje. O companheiro dele ficou de pé num pulo e, subitamente, caiu de joelhos. Outra flecha, vinda de baixo, o havia acertado nas costas. Rute!

Rebeca aguardou para ver se sobrava algum movimento, mas ambos continuavam imóveis. Ela aproximou-se deles. Rute subia correndo, enquanto Hulda observava a cena de pé, ao lado da fogueira.

- Mortos? – Rute perguntou com a respiração agitada.

- Os dois – Rebeca abaixou-se e retirou o broche que pendia da roupa de um deles. – Já viu esse símbolo antes?

Rute pegou o broche e observou a figura. O broche era de prata, e várias estrelas douradas eram ligadas entre si por linhas que formavam um desenho familiar, mas que também não lhe vinha à memória. Ela o guardou no bolso da túnica.

- Hulda deve saber do que se trata. E quanto ao outro?

Rebeca havia acabado a vistoria no homem que ela mesma abatera.

- Esse se vestia como um mercenário.

Rute olhou com preocupação para o que portava o broche.

- Mas não esse.

Rebeca olhou em volta, inquieta.

- Acha que há mais deles?

- Só se forem invisíveis. Estamos em um lugar muito aberto. Desça e fique com Hulda. Eu ficarei aqui até o amanhecer.

Ela retirou o broche do bolso e o passou para a amiga.

- Mostre isso a ela. Tenho certeza de que ela saberá do que se trata.

Hulda olhou o broche à luz da fogueira. A prata e o ouro brilhavam em sua mão. Sim, ela reconhecia a forma do desenho, mas não saberia dizer qual o seu significado.

- Essas estrelas formam um desenho que podemos ver quase todas as noites. É um dos agrupamentos estelares mais reconhecíveis pelos astrólogos. Eles o chamam de “escorpião”.

- Escorpião? – Rebeca coçou a cabeça. – Acha que aquele homem pertencia a algum grupo de astrólogos?

- Não, Rebeca. Esse agrupamento, apesar de grande em tamanho, nunca teve, pelo que eu saiba, nenhuma importância religiosa. Pelo menos, não aqui em Hedhen.

Ela suspirou e guardou o broche no próprio bolso.

- Amanhã pensarei com mais clareza. Agora, eu gostaria de lhe agradecer pela prontidão. Eu não estava errada em escolher vocês duas para me escoltar.

Rebeca sorriu agradecida e foi postar-se junto à fogueira, apesar dos protestos de Hulda. A profetiza, sem ter mais argumentos, voltou a dormir um sono tranqüilo.

Capítulo 21

A Pedra do Céu

As tendas de Midani se concentravam, agora, no perímetro de Babilos. Ali, próximo a cidade, os midanitas encontraram uma segurança e uma satisfação jamais imaginadas. Eles não ficavam ali apenas como vigias, mas porque queriam estar perto do conhecimento de sabedoria que fluía daqueles muros. O rio corria limpo e as árvores tinham folhas de um verde claro e luminoso. Eram

folhas novas e exuberantes. Havia muitas árvores frutíferas no caminho e flores também. Nada lembrava a paisagem árida e desolada que existira ali. Jael, por um momento, sentiu-se mais leve e menos apreensiva por se achar chegando a outro lugar. Como se tivesse lido seus pensamentos, Deborah virou-se para ela e falou:

- Este é outro lugar, agora.
- Será que pensei alto? – Jael perguntou.
- É, você pensou – Deborah segurou o riso.

Jael olhou em volta e respirou o ar puro.

- Para falar a verdade, passei a maior parte daquela viagem trancada dentro de uma carruagem-prisão e, quando saí, puseram um pano sobre minha cabeça. Só tenho lembranças fortes do cheiro ruim que esse lugar exalava.

- Nesse caso, não está sendo tão difícil quanto pensava, não é?
- Talvez eu tenha me deixado levar pela ansiedade.

Os midanitas saudaram sua passagem e Izaque fez questão de escoltá-los até a entrada da cidade. A comitiva entrou pelo portão principal. Nathan, orgulhoso, cumprimentava o povo que o acolhera em gratidão. Dentro dos muros da cidade, as casas coloridas fizeram Jael sorrir ao lembrar das tendas quenitas. Nathan percebeu isso e lhe piscou um olho.

- Uma pequena homenagem para a rainha dos Queneus – ele disse.
- Conseguiu me surpreender “Nathanzinho”.

O palácio, que agora era uma escola famosa, possuía jardins bem cuidados e fontes espalhadas ao redor. Eles foram acolhidos com toda a comodidade e puderam, pelo menos durante aquele dia, descansar em camas confortáveis e comer uma refeição nutritiva. Após o jantar, Nathan os guiou até um terraço que se abria para o oeste. De lá eles puderam contemplar os últimos raios de sol do dia. Babilos ficava situada sobre uma montanha e a vista que se abria para eles era de tirar o fôlego.

- Esse é um dos lugares que mais aprecio – disse Nathan com um suspiro. - Ler e estudar os textos antigos tendo como cenário esse colorido maravilhoso, é, eu posso afirmar, muito estimulante para o intelecto.

Deborah observou o sol com um olhar saudoso. Eva a pegou pela mão e sorriu.

- Por que você não gosta desse lugar, mãe? – a pergunta veio de Davi. – Aqui é tão lindo!

Jael olhou para o filho assustada, sem saber bem o que responder. Todos olhavam para ela, aguardando uma resposta.

- Eu nunca estive aqui, Davi – ela respondeu com a voz controlada pela

emoção. – Não tive o prazer de ter uma visão tão majestosa diante de mim. Quando eu entrei nesse palácio, não foi pela porta que entramos e... – ela hesitou. – Bem, filho, as coisas eram diferentes naquela época.

- O que sua mãe quer dizer, Davi, é que esse lugar não era assim tão bonito e nem tão agradável – acudiu Deborah. – Muitas coisas mudaram quando os Tronos voltaram a reinar. Babilos foi uma das grandes mudanças de nosso mundo.

Jael, impaciente e querendo mudar de assunto, virou-se para Nathan.

- Quando poderemos ver a pedra?

- Amanhã – ele respondeu. – Não há razão para adiar.

- Nesse caso, acho que vou me recolher – ela olhou para o filho. – Você vem?

O menino olhou para Deborah com um olhar suplicante.

- Deixe-o ficar mais um pouco, minha irmã. Eu tomo conta dele. Acho que vou andar um pouco lá embaixo pelo jardim. Eva queria me mostrar os relevos que enfeitam as fontes e acho que Davi também ficou interessado em ir.

Jael assentiu com um gesto e saiu sem mais nenhuma palavra. Nathan a observou e meneou a cabeça com preocupação.

- As cicatrizes foram mais profundas do que pensávamos.

- Por que a Luz não curou isso, Nathan? Eu não entendo.

Ele olhou para Deborah com um sorriso bondoso.

- Você consegue administrar melhor suas emoções, Deborah. Mas sei que as cicatrizes também existem em você, elas apenas não conseguem dominá-la. Jael precisa enfrentar seus medos de frente, ou talvez a solução para isso seja algo mais que desconhecemos.

Deborah franziu a testa e encarou o sacerdote.

- O que quer dizer?

- A Estrela é um Luminar misterioso. Possui segredos que ainda estão por ser descobertos.

As antigas forjas de Babilos ficavam abaixo do nível das prisões, agora transformadas em salas de leitura e restauração de arquivos. Finéias era o responsável por aquela seção. Ele havia preferido deixar para trás o seu conhecimento cheio de tradições e preconceitos e mergulhar no estudo aprofundado dos textos antigos. Cada dia para ele era uma descoberta nova e emocionante. Um prazer que ele jamais imaginou possuir tendo em vista a idade avançada que tinha.

No momento, ele aguardava no corredor a chegada de um grupo que o deixou surpreso. Nathan, ao vê-lo, sorriu e estendeu as mãos.

- Meu querido, Finéias! Vejo que anda as voltas com novos textos para estudar.

Nathan apontou para os três rolos que o velho segurava.

- Novos? Esses são bem mais velhos do que eu, meu rapaz! – Virando-se para as duas Luminas, ele fez uma reverência. – É uma honra tê-las em nosso meio, Majestades.

Deborah sorriu e pegou a mão do velho entre as suas.

- Vejo um brilho novo em seu olhar, Finéias. Não é exagero dizer que encontrou a felicidade entre essas paredes.

- Sou feliz, minha rainha. Meus olhos se abriram para verdades maravilhosas demais para mim. Lamento pelo tempo em que fui tão cego pela tradição.

Ele virou-se para Jael e pareceu hesitante.

- Ainda penso no erro que estive perto de cometer – ele falou com a voz trêmula.

- Não devia, Finéias – Jael respondeu com ternura. – Afinal, o Pai estava no controle de tudo e acabou provando isso no final.

Só então ela percebeu a porta que se abria atrás do homem. Uma escada descia e se abria em uma sala grande e cheia de mesas com rolos e mais rolos de papel amarelado em cima. Uma lembrança subiu a sua mente e ela levou a mão à cabeça. Dando um passo para frente ela olhou para baixo.

- Eu já estive aqui – ela murmurou.

Deborah pôs a mão sobre seu ombro.

- Jael, não precisa forçar suas lembranças.

- Desculpe-me, Deborah, mas eu não estou forçando nada. Não é do meu agrado lembrar, mas não consigo impedir.

Nathan indicou uma porta no final do corredor.

- Vamos continuar.

Elas o seguiram pelo corredor. Jael observou que as paredes haviam sido pintadas e decoradas com gesso. Muitos relevos contando partes da história dos Luminas foram recriados ali. Entre uma sala e outra havia um vaso colorido com flores para alegrar e perfumar o caminho. No final do corredor, Nathan abriu uma porta e eles desceram por uma escada de ferro em espiral. Áquila não quis acompanhá-los, pois queria aproveitar aqueles momentos para conhecer melhor as crianças. Deborah e Jael ficaram felizes pelos filhos terem ficado, pois não sabiam o que poderia acontecer com elas diante daquela pedra.

- Estamos chegando às antigas forjas de Babilos – anunciou Nathan.

Deborah observou que estavam dentro de uma grande caverna. Pelos

buracos no chão e nas paredes, ela podia imaginar o que fora aquele local com as forjas em funcionamento. Agora, porém, o que ela via era uma grande passarela circular por onde passavam os pesquisadores da pedra. Cravada na rocha sólida havia uma enorme pedra negra e brilhantemente polida. A pedra do céu não havia sido removida de seu lugar de origem. O seu tamanho impedia isso, além do fato de estar parcialmente enterrada e presa ao local em que caíra há milhares de anos atrás. Elas pararam atrás de Nathan, próximos a pedra. O sacerdote virou-se para olhar os seus rostos.

- Vocês me parecem bem. Não sentem nada?

- Eu me sinto bem – disse Deborah. – Meu corpo não acusa nada de diferente, mas eu gostaria de tocá-la.

Nathan afastou-se e Deborah caminhou até ficar a poucos centímetros da pedra. Ela olhava, fascinada, o brilho irreal que fluía de sua superfície. Estendendo a mão, ela a tocou. Nada aconteceu. Ela podia sentir a fria solidez daquele metal que lhe havia causado tanto mal. Após um momento, ela retirou a mão e se afastou.

- Essa pedra não tem mais poder sobre mim. Não há como duvidar disso, agora.

Nathan olhou para Jael.

- Quer tentar?

Dando um passo a frente, ela tomou coragem e tocou na pedra. Foi como se um raio a houvesse atingido. Ela sentiu o seu corpo ser jogado para trás, como se uma força invisível a tivesse impelido pelo ar. Jael chocou-se contra a parede oposta e foi jogada para frente, atordoada. Deborah correu até ela, enquanto Nathan permanecia parado, de boca aberta.

- Jael! – Deborah a chamou com a voz aflita.

Jael, ainda trêmula, tentou se virar, mas não conseguiu.

- Você está bem? Sente alguma dor?

Deborah a ajudou a sentar-se.

- Não, eu não senti nada... – ela balbuciou. – Além da força que me jogou pra longe. Por que isso aconteceu?

Nathan aproximou-se e ajudou Jael a se levantar.

- Um efeito diferente, pelo que vejo. Sentiu fraqueza? Dor?

- Não, Nathan. Apenas rejeição. É como se ela não quisesse que eu a tocasse.

- Fala como se a pedra estivesse viva – comentou Deborah.

Jael observou maravilhada a superfície brilhante do ferro negro.

- Talvez esteja, Deborah – ela fechou os olhos e meneou a cabeça. – Não,

eu me enganei. Não é rejeição, mas outra coisa...

De repente, Jael correu em direção à pedra. Deborah foi atrás e conseguiu segurá-la antes que tocasse no metal.

- O que pensa que está fazendo? – Deborah gritou. – Está perdendo a razão, Jael?

- Me ajude a tocá-la, Deborah – suplicou Jael. – Ela quer me dizer algo! Eu sinto isso.

Atônita, Deborah levou em consideração o tom de voz da irmã. Urgente e suplicante. Jael acreditava no que estava dizendo. Ela pegou-lhe a mão e a levou até a rocha. O contato de Deborah com o corpo de Jael impediu que a pedra a jogasse para longe.

Nathan observava, estático e impotente, aquela cena. Jael, de olhos fechados e dentes cerrados, parecia estar sendo mentalmente atingida por algum tipo de força, enquanto Deborah fazia força para segurar o corpo da irmã no lugar. De súbito, a expressão de Jael relaxou e seu corpo desmoronou nos braços de Deborah, totalmente inconsciente.

Quando Jael acordou estava na cama de seu quarto em Babilos. Ao seu lado estava Davi, que segurava sua mão com um olhar ansioso. De pé, virada para a janela, estava Deborah. No seu nobre rosto viam-se os sinais de uma noite mal dormida. Jael sorriu para o filho que se jogou em seus braços.

- Você está bem, mãe? – ele perguntou com a voz assustada.

- Sim, meu filho, eu estou bem. Não precisa se preocupar comigo.

Deborah virou-se aliviada ao ver que ela havia acordado. Jael deu um abraço apertado no menino.

- Davi, pode me deixar conversar com sua tia a sós? – ela falou ao encarar o olhar de Deborah.

Ele suspirou contrariado.

- Está bem, mas não sairei de sua porta. Prometi ao meu pai que cuidaria de você.

Quando ele saiu, Deborah sentou-se na cadeira ao lado da cama. Jael também fez menção de sentar. A irmã ergueu a mão e ela permaneceu onde estava.

- Fique deitada. Não sei o que houve com você, mas deve ter sido um grande esforço, pois o seu corpo perdeu toda a energia depois que a pedra lhe usou como quis.

- A pedra não me usou.

- Como não? Você está dormindo já faz dois dias e meio!

Jael arregalou os olhos.

- Tanto tempo assim? – ela balbuciou.
- O que aconteceu, Jael? Precisa me contar.
- A pedra não estava me fazendo mal, Deborah – Jael não sabia o que dizer para acalmar a irmã. - O fato é que o meu corpo não está pronto como o seu.
- Como pode saber? A pedra contou pra você? – Havia confusão na voz da irmã.

Deborah levantou-se e caminhou até o meio do quarto, ficando de costas para Jael.

- Sim, Deborah, a pedra falou comigo – Jael sentou-se e ignorou a tontura que a acometeu. – O que está pensando? Acha que enlouqueci? Não passamos por situações estranhas antes?

Deborah suspirou e virou-se para ela.

- Jael, eu passei a vida dos Luminares para você, assim como Barak a passou para mim. Por que você diz que não está pronta? Isso não faz sentido pra mim! Eu vi sua transformação.

- Não sou eu que estou dizendo isso!

Deborah ergueu as mãos para o alto com impaciência.

- Já sei! A pedra lhe disse isso! O que mais ela lhe falou?

Jael suspirou.

- Quer parar com isso, Deborah! Eu sou uma Luminar como você! Não sou nenhuma criança que vive de emoções. Não estou imaginando nada!

Deborah voltou a sentar.

- Perdoe-me, Jael. Por favor, continue. Prometo que vou ouvir, mas não espere que eu entenda. Por muito tempo, aquela pedra foi usada para nos fazer mal, e não consigo imaginá-la como uma coisa viva que resolveu guiar seus pensamentos.

- Aquela pedra veio do céu, Deborah. Ela é o pedaço de uma estrela. Lembra da história que Nathan nos contou, na ocasião em que você sofreu um ataque de Atalia? A luz que havia nela lá em cima é a mesma que brilha em mim. Ela me contou algo que eu preciso fazer.

Deborah a ouvia atenta e curiosa. Jael pegou as mãos da irmã entre as suas.

- A minha luz, entre os Luminares, é a única que pode ser compartilhada. Há um único sol e uma única lua, mas as estrelas são muitas. A minha luz ainda não está completa, por que eu ainda não cumpro a sua principal finalidade. É por isso que as lembranças do passado ainda não me deixaram. E foi por isso que eu não pude tocar a pedra como você. Minha transformação não está completa.

Deborah esforçava-se por entender aquele novo enigma.

- E você sabe como fazer isso? Qual é essa finalidade?

Jael sorriu.

- Sim, eu sei. No entanto, eu gostaria de manter isso comigo mesma, por enquanto. Pode evitar entrar em meus pensamentos enquanto eu busco o poço das visões?

Deborah sorriu.

- Vai ter segredos comigo, então?

- Eu lhe contarei tudo, como sempre. Mas antes, eu preciso saber se minha interpretação está correta. Eu só conheço uma pessoa que pode me esclarecer essa dúvida.

- Otoniel?

Jael assentiu. O sacerdote era o maior estudioso sobre o Luminar da Estrela.

- Espero que saiba o que está fazendo, irmã.

Jael abraçou Deborah.

- Confie em mim, assim como eu sempre confiei em você.

Naquela noite, Deborah resolveu esfriar a cabeça no jardim. A noite estava fria, anunciando uma nova estação, mas a lua e as estrelas brilhavam como nunca. Ela viu Eva sentada perto de uma fonte. Era a fonte que representava um grande cavalo empinado sobre as duas patas traseiras. A água escorria de sua boca e caía límpida em um tanque circular. Eva adorou aquela fonte desde que a vira pela primeira vez. Quando ela viu a mãe, acenou com a mão. Deborah sorriu e caminhou até ela.

- Por que está aqui sozinha? Onde está Davi?

- Preocupado com a mãe. Ele não vai sair do lado dela até ter certeza de que está bem.

Deborah sentou-se no banco e observou a fonte.

- Sabe que cavalo é esse? – ela perguntou à filha.

- Tenho três opções, mas considerando a história desse lugar, acredito que seja Solaris.

A mãe assentiu, admirada.

- Está bem informada sobre a história de Babilos.

Eva sentou-se ao lado dela.

- Eu gosto daqui, mãe. Sinto dificuldade para crer que um dia o mal reinou aqui.

- Eu só estive aqui em Babilos duas vezes na minha vida, Eva. Eu e seu pai visitamos Nathan e Otoniel quando a cidade ainda estava sendo “limpa” da influência do mal. Era difícil olhar para as ruas sujas e para as pessoas que

ainda mantinham o medo em seus rostos. Aos poucos, tudo foi mudando. Agora eu sei por que Nathan consegue se sentir tão bem aqui. Ele transformou esse lugar num santuário de luz.

- A luz dos Tronos derramada por toda a terra – Eva comentou. - Como diz a Profecia.

Deborah sorriu.

- Isso mesmo.

- É isso que vai acontecer com Nod, mãe – Eva falou com convicção.

Deborah a puxou para junto de si e ficaram as duas em silêncio absorvendo o som da água a correr na fonte. Havia um perfume no ar, tão suave quanto a brisa que soprava.

- As águas que agora passam por Babilos são limpas e transparentes - falou uma voz profunda ao lado delas, no banco. O Ancião sorriu ao ver suas expressões de espanto, mas continuou sem se importar. - As águas daqui descem para além do Grande Rio e banham toda a terra de Hedhen. É isso que deve acontecer com o Bem. Ele deve crescer, mesmo em lugares inóspitos como era este, e se espalhar, tomando toda a terra e banindo o Mal.

- Não o ouvimos chegar - balbuciou Eva.

- Eu não cheguei, Pequena Oliveira. Sempre estive aqui.

Deborah o observava com temor no coração. Ela tinha um mundo de perguntas, mas pela primeira vez as palavras não queriam sair com facilidade. Ela não podia ver os olhos do homem, mas sabia que eles estavam sobre ela. O sorriso, porém, não saía de seu rosto. A barba, branca e curta, brilhava ao luar.

- Pequena Oliveira, você se importa de ficar um pouco aqui, enquanto eu dou uma volta pelo jardim com sua mãe?

- O Senhor voltará para falar comigo antes de ir embora? - Eva não queria se afastar dele.

- Filha, eu não irei embora nunca. Já faço parte de sua vida. Não deve se prender a pequenos momentos.

Ele levantou-se e pousou a mão sobre a cabeça loura da menina.

- Você ainda me verá muito, Eva.

Então, ele virou-se para Deborah e estendeu a mão para ela.

- Faz muito tempo que eu espero para passear ao seu lado, filha. Por sua causa, por aquilo que você fez, eu posso estar aqui hoje. Venha.

Com as mãos trêmulas, ela se ergueu e o seguiu pelo jardim.

Eles chegaram a uma área do jardim que estava localizada em uma esplanada cercada por uma cerca viva. De lá, o horizonte se abria aos seus olhos. Seguiram em silêncio até ele parar, sentar e se recostar tranquilamente

no tronco de um grande carvalho.

- Sente-se ao meu lado e abra a sua boca. Sei que tem perguntas a fazer.
Deborah obedeceu.

- Quem é o Senhor? - foi a primeira pergunta que lhe aflorou os lábios.

- O que diz o seu coração?

- Diz algo tão maravilhoso que custo a acreditar que seja real.

Ele pegou a mão dela entre as suas e um calor a envolveu por completo.

- Não duvide daquilo que é dito por um coração leal. O seu, filha, não poderia ser mais fiel.

- Mas, como isso é possível?

- Você tornou isso possível ao trazer de volta a luz dos Tronos para esse mundo.

Ela o olhou confusa.

- Barak foi o portador do Cetro, não eu.

- Não foi o Cetro que trouxe a luz de volta, filha. Quando você decidiu o seu destino e deixou que seu próprio sangue pingasse sobre a Profecia, a luz que há no Cetro começou a brilhar.

O passado veio à mente de Deborah e ela lembrou o dia em que abriu a Profecia Selada. Agora ela podia ver a real importância daquela decisão.

- Você tem se questionado se o seu sacrifício era necessário ou não. Será que toda aquela dor e humilhação foram em vão? Será que proporcionou ao mundo apenas um pequeno período de paz?

- O Senhor lê o meu coração com muita clareza - ela respondeu com um sorriso.

- Ninguém o conhece mais do que eu.

Deborah abaixou a cabeça.

- Tem razão. Eu tenho me questionado muitas vezes. Às vezes, penso que perdi até mesmo a minha capacidade profética. Os temores pelo futuro me cegam e eu me sinto inútil. Onde está a Sabedoria com a qual eu julgava as pessoas e suas causas? Onde estava a minha intuição quando minha filha foi aprisionada por piratas?

Ele pousou a mão forte sobre o ombro dela.

- Continuam com você. A Sabedoria foi dada a você como parte de sua essência. Sua visão profética e intuição também continuam as mesmas, no entanto, suas dúvidas as têm neutralizado. Eu vim aqui para tirar o véu de seus olhos, filha.

Ele pôs a mão sobre o rosto dela e pronunciou palavras que lhe soaram tão melodiosas como música. Ela sentiu que, interiormente, uma água muito limpa

estava dentro dela. Quando ele retirou a mão, ela sentiu-se lavada, confortada e fortalecida.

- O brilho da lua está novamente em seus olhos, Herdeira - ele abriu um largo sorriso.

- Herdeira? Eu achei que esse título não me servisse mais.

O Ancião suspirou pacientemente.

- Deborah, você ainda não está no trono que foi destinado à você.

- Está falando de Nod?

- Estou falando de uma única terra que foi obrigada a se dividir. Você recuperou o trono que era seu por direito de nascimento, mas falta reaver o trono que lhe foi destinado pela Profecia.

- O trono de Ariel.

- Ariel já não existe mais. Eu prefiro chamar essa terra que surgirá de Nova Ariel.

Deborah respirou fundo. Ela sentiu que precisava de ar para absorver tudo aquilo.

- Enquanto houver um trono a ser conquistado, você será a Herdeira. Enquanto houver uma Profecia a ser cumprida, Jael será a Guardiã.

Ela balançou a cabeça com entendimento. As palavras do Ancião começavam a dissipar a névoa e tornar tudo claro de novo.

- Eu compreendo, Senhor.

Ele sorriu e se levantou. Ela o imitou.

- Eu agora preciso ver sua irmã. Sinto que a hora de responder o clamor do coração dela chegou.

Ele virou-se para partir.

- Eu o verei de novo?

- Alguma vez, você deixou de me ver? - ele sorriu sem se virar, e então se pôs a andar.

Deborah o acompanhou com os olhos até que sua silhueta simplesmente desapareceu por entre as árvores. Ela olhou para o céu e contemplou o brilho da lua. Sentiu aquela luz branca invadir o seu ser e deixou-se envolver por ela. Após alguns minutos, ela abriu os olhos e lembrou-se da filha, sozinha no jardim. Voltou, mas sem pressa. Não havia urgência, apenas uma grande paz dentro de si.

Jael deixou-se cair sentada na borda do poço das visões de Babilos. Ela estava desalentada e decepcionada. Otoniel não tinha as respostas que ela precisava. A reação dele, aliás, não foi muito diferente da reação de Deborah. De costas para a água, ela apoiou o rosto entre as mãos e ficou ali por um bom

tempo. Em volta dela só havia o silêncio. Aquele palácio era um lugar de estudos, portanto o seu interior era tão barulhento quanto uma biblioteca pode ser. O poço, por sua vez, ficava isolado em uma sala circular, desprovida de qualquer tipo de objeto. Apenas uma janela abria-se para o oeste e algumas tochas queimavam sobre suportes em volta da sala, iluminando parcialmente o ambiente.

Foi por isso que a luz que pareceu envolver o lugar lhe chamou a atenção e a fez erguer a cabeça. O lugar parecia inundado por uma luz que não vinha das tochas, pois não tinha o amarelado do reflexo causado pelo fogo. Jael levantou-se e olhou em volta. Assustou-se ao ver a figura de um homem que estava parado diante da janela, olhando para fora com as mãos cruzadas nas costas. A luz parecia vir de suas roupas. Ela, subitamente, lembrou-se da sensação que teve ao subir no Monte da Lei, prestes a ficar de frente com um poder muito maior do que qualquer outro que conhecera. Era a mesma sensação que sentia agora. Suas mãos suavam e ela falou com a voz trêmula:

- Meus cabelos ficarão brancos de novo?

A risada dele foi agradável e teve o poder de dissipar todo o medo do seu coração.

- Não, Guardiã. Não vim para aumentar suas preocupações, mas para tirar o peso delas.

Ele virou-se e ela viu, abaixo do capuz que lhe cobria os olhos, a barba branca e o sorriso caloroso. Ela o reconheceu, mesmo sem nunca tê-lo visto e tudo o que conseguiu fazer em seguida, foi cair de joelhos.

- Levante-se, Jael, e venha até mim. Não tenha medo.

Ela obedeceu, apesar das pernas bambas. Ele era alto e tinha uma compleição forte para um ancião comum. Ela percebeu que, apesar da barba branca, sua face não tinha rugas. Ela teve, então, a curiosidade de ver como eram seus olhos.

- Você não suportaria vê-los, agora - ele falou como se soubesse o que ela estava pensando. - Mas chegará o dia em que os verá.

Ela abaixou a cabeça envergonhada.

- Desculpe-me, Senhor.

- Não se desculpe por ser tão verdadeira, filha.

Ele a tomou pelas mãos e Jael lutou para se manter em pé. Suas pernas teimavam em dobrar.

- A resposta que você procura apenas eu a posso dar.

- Então, me diga, Senhor, o que eu tenho que fazer.

- Você já sabe, só precisa de uma confirmação. E esta, minha amada Estrela,

eu lhe dou. Confirmo que o seu coração está certo.

Jael deu um suspiro de alívio.

- Por que somente agora, depois de tanto tempo?

- Porque as coisas são assim. Devem acontecer no seu tempo próprio. Caso contrário, o resultado poderia ser alterado e não ter o final correto.

- Por que eu consegui ouvir a pedra e Deborah não conseguiu?

- Suas luzes são diferentes. A pedra do céu possui em sua essência a mesma luz que você. As estrelas se comunicam entre si com uma linguagem própria. Deborah teria ouvido a pedra se ela fosse um pedaço da lua, mas nunca poderia ouvir uma estrela. Isso faz parte do que você é.

Jael já sentia as pernas mais firmes.

- Então, Senhor, me diga o que fazer primeiro.

Ele sorriu e apontou para o poço.

- Você precisa marcar um encontro em Gades.

- Gades? Por que Gades?

- É lá que a mudança irá ocorrer. E também é lá que uma parte do seu passado será revelada.

Jael piscou sem compreender.

- Eu não pensei que o meu passado ainda pudesse esconder algo de mim.

O Ancião apenas sorriu.

- Não se detenha mais, Guardiã. Faça o que tem que fazer.

Ela virou-se para olhar em direção ao poço e quando voltou a olhar para o Ancião, este havia sumido.

Deborah encontrou Eva no mesmo lugar em que a havia deixado. A menina pareceu desapontada ao ver que ela voltava sozinha. Mas o desapontamento logo deu lugar a surpresa. Ela olhava para a mãe como se a visse pela primeira vez. Havia algo diferente no porte, no olhar.

- Mãe, o que aconteceu com você?

- Eu tive um encontro com o Ancião e ele me lembrou de algo que eu havia esquecido. Algo dentro de mim que parecia adormecido acaba de despertar.

Ela olhou em direção a janela que pertencia à sala do poço.

- Jael falou com ele. Ela agora tem o nosso destino nas mãos. Estamos à mercê de sua decisão.

- Como sabe disso?

Deborah sorriu.

- Eu sei disso porque eu acordei, filha. De agora em diante, enquanto eu puder segui-la, serei o seu escudo. Os seus passos não estarão mais encobertos para mim, Eva.

Eva compreendeu.

- O dom profético! Você achava que tinha perdido.

A menina fitava a mãe com reverência. De repente, Deborah passou a exalar uma autoridade que ia além do fato de ser sua mãe ou rainha da Cidade Dourada. Ela era a Herdeira novamente.

- Eva – Deborah pareceu entender os pensamentos da filha. – Eu ainda sou sua mãe. Nada mudou.

- Eu sei, mas é que eu nunca a vi assim.

- Bem, eu acho que você vai ter que se acostumar – disse Deborah com um sorriso.

Eva a abraçou e viu que o calor dos braços da mãe era o mesmo.

A porta abriu-se com um estrondo e Davi entrou. Jael virou-se para ele, assustada. Ela havia se aproximado do poço para abrir uma nova comunicação. Davi estava ofegante e olhava para ela com expectativa.

- Davi, o que houve?

- Eu vi a luz por baixo da porta e você não respondeu quando eu chamei – ele falou com repreensão.

Jael respirou fundo e franziu as sobrancelhas.

- Estava me esperando atrás da porta? Por quê?

- Porque eu tenho que cuidar de você! Meu pai não está aqui, mas eu estou.

Ela sorriu e aproximou-se do filho.

- É bom saber que tenho você para tomar conta de mim.

- O que era aquela luz que eu vi?

Ela não sabia se o filho estava pronto para ouvir a verdade e hesitou. Davi segurou a mão dela.

- Mãe, eu sou uma Oliveira, não sou? Tenho que cumprir uma Profecia quando estiver maior. Acho que posso começar a entender as coisas que acontecem conosco.

- Você está certo, meu filho – ela falou com mais confiança. – Sente-se aqui comigo e eu revelarei a você aquilo que me foi confiado.

Ela o levou até a borda do poço e contou-lhe sobre a visita do Ancião. Contou também sobre o que tinha que fazer. Davi ouviu em silêncio e refletiu a respeito de tudo.

- Como vai fazer isso? – ele perguntou.

- Saberei quando chegarmos a Gades.

- Gades? – Nathan olhava para ela com a boca aberta. – O que você poderia querer fazer em Gades?

Ela havia reunido Deborah, Nathan, Áquila e as duas crianças naquela mesma noite, na sala do poço.

- Eu preciso fazer isso, Nathan. É necessário.

Nathan olhou suplicante para Deborah.

- Acho que o contato com a pedra do céu afetou o juízo de sua irmã.

- Nathan, Jael sabe o que está dizendo. Ela não recebeu uma visita qualquer, acredite.

Jael olhou agradecida para ela.

- O Ancião? Quem é ele, afinal? Por que não aparece para nós? Como eu posso entender uma viagem para Gades em um momento de crise? A presença de vocês na Cidade Dourada é imprescindível. Temos que lutar contra o tempo!

- É pela segurança da Cidade Dourada que eu devo fazer isso – disse Jael sem se alterar. – Respeito sua opinião, Nathan, mas eu vou fazer essa viagem. Deborah pode voltar para a Cidade Dourada com vocês, se ela quiser. Mas eu devo ir.

Eva apertou a mão da mãe.

- Eu gostaria de ver Gades.

Deborah sorriu.

- Acho que está decidido. Vamos para Gades, então.

Nathan cruzou os braços.

- Você também? O que está acontecendo com vocês?

Deborah o olhou com seriedade.

- A Cidade Dourada não corre riscos, Nathan. Jabim ainda não está forte e você sabe disso. O Ancião falou conosco e dirigiu os nossos passos. Nada vai acontecer durante a nossa ausência.

Ele a olhou, ainda aborrecido.

- Como tem tanta certeza disso?

Ela o encarou de uma maneira profunda.

- Porque eu sei que vai ser assim. Duvida de minha palavra?

O sacerdote pareceu constrangido.

- Eu não duvido! – disse uma voz adentrando na sala.

Todos se viraram e viram Hulda. A profetiza tinha as roupas sujas da viagem e o olhar cansado de quem não dormia bem há dias. Fora isso, seu aspecto havia rejuvenescido com uma nova carga de energia que foi sentida por todos.

- Hulda? O que está fazendo aqui? – Nathan gaguejou.

- Segui um sonho que me trouxe para cá – ela olhou para as filhas e notou a mudança em ambas. – O Pai está nos preparando. Passamos muito tempo em

letargia, mas agora fomos despertadas novamente. Estou aqui para seguir vocês. Para onde vamos?

Ainda naquela noite, Hulda, após contar toda a sua jornada e descobertas que fez para os amigos, culminando com o relato do atentado contra a sua vida, mostrou a eles o broche que continha o estranho desenho que a intrigava. Áquila o colheu na mão e uma ruga se formou entre seus olhos.

- Conhece esse símbolo, Áquila? – Hulda perguntou ansiosa.

- É um símbolo bastante conhecido em Nod, profetiza. As estrelas formam o desenho do escorpião. É o símbolo da ordem de magos treinados por Abadom.

- E o que, exatamente, estaria um símbolo dos magos de Nod fazendo aqui em Hedhen? – Jael perguntou.

Áquila trocou um olhar perturbado com Deborah.

- Primeiro as armas, e agora isto. De alguma forma, Nod está entrando em Hedhen aos poucos – a rainha comentou.

- Isso só vem nos alertar para o que Áquila nos falou sobre a Profecia – lembrou Nathan. – A escuridão de Nod tentará alcançar Hedhen. Talvez, sem o saber, Jabim acabe se tornando um instrumento para esse propósito.

Hulda deixou que Áquila ficasse com o broche. Magos lhe causavam arrepios. Não eram como os sacerdotes, que buscavam o poder através da verdadeira sabedoria, mas se constituíam numa classe que buscava o poder através do oculto. Ela não queria nenhuma aproximação com magos, e nem com o que pertencesse a eles.

Capítulo 22

As Cavernas de Fogo

Sangar teve que parar e passar um lenço umedecido em água pelas têmporas para não sucumbir ao calor. A terra em que estavam viajando havia dias parecia mais um quadro do submundo infernal. O solo era árido e a água era rara. Árvores? Não havia sinal delas em lugar algum. Uma fumaça rubra era solta no ar através de pequenas fendas nas rochas e o cheiro carregado os fazia tossir e sufocar, ansiando por um ar mais limpo.

Ele olhou para trás e viu que a condição dos outros era similar a sua. Todos tinham um pano úmido, amarrado de forma que cobrisse a boca e o nariz. Noa piscava os olhos que ardiam e Zacarias estava meio encurvado no cavalo, enjoado pela dificuldade de respirar.

- Uzi! – Sangar chamou o guia que cavalgava na frente do grupo.

O homem parou e aguardou que ele se aproximasse.

- O ar aqui é irrespirável – reclamou Sangar. – Quanto tempo até alcançarmos um local desce para o descanso?

- Se vocês agüentarem atravessar aquela garganta estreita lá na frente – Uzi apontou o dedo para frente, - poderemos pernoitar em um local mais arejado e amanhã estaremos nas minas.

Sangar observou o local indicado e não gostou da largura daquela garganta.

- Não é tão fácil quanto aparenta, é?

O homem deu um sorriso irônico.

- Será fácil para vocês.

A garganta não era apenas estreita, mas era também cheia de fendas. A fumaça rubra saía por elas aos jatos. Estavam quase na metade do caminho. Zacarias parecia ter desmaiado e Eunice puxava o cavalo do rapaz. Havia expectativa ao passar por cada fenda. De repente, um grito os fez parar. Joakim, que fechava o cortejo, foi atingido em cheio por um jato daquela fumaça. O rapaz caiu do cavalo aos gritos. A mão cobria a face direita em desespero. Sarah saltou do cavalo e agachou-se ao lado dele.

- Alguém me dê um pano molhado, rápido!

Noa logo surgiu ao lado dela com um pano na mão. Sarah o colocou sobre o rosto queimado de Joakim e pegou a mão dele, tirando-a de cima da queimadura.

- É superficial, Joakim – ela falou com suavidade. – Quando sairmos daqui, eu cuidarei de você, mas precisa ser forte.

Ela e Noa o ajudaram a levantar e voltar ao cavalo. O rapaz gemia, mas ao olhar para Sarah ele demonstrou que iria chegar até o fim. Quando Noa se aproximou de Sangar, ele a olhou com expectativa.

- Ele ficará bem?

- Não é nada sério, mas precisamos nos apressar para sair daqui, Sangar. Esse lugar é como uma armadilha natural. Não há como evitar os jatos de fumaça, pois eles fluem das fendas quando querem, e o vapor queima como o fogo.

Ele suspirou e olhou em frente.

- Você está certa. Vamos tentar seguir evitando ficar com a cabeça no mesmo nível das fendas.

Dessa forma, eles conseguiram passar. Além da garganta, eles puderam sentir um jorro de ar. Não era o ar frio e puro que esperavam, mas era ar. Um ar quente e pesado, mas que serviu como alívio para a sensação de sufocamento que sentiam. Ao chegarem a uma área ampla que parecia uma plataforma

natural na base de algumas rochas pontudas, eles se acomodaram. Joakim foi medicado por Sarah. Ela tinha algum conhecimento de remédios por causa de suas caçadas em Gades. Zacarias, desfalecido, foi deitado ao lado de Joakim. Eunice pegou o odre e molhou os lábios do rapaz com água. Ele piscou e tossiu um pouco ao sentir-se reanimando. Sangar e Noa sentaram-se lado a lado, ofegantes pelo calor. Ele pegou a mão dela e a levou aos lábios.

- Você é de uma terra fria. Como está suportando esse inferno?

- Da mesma forma que você, meu querido. – ela apontou para os companheiros. – E da mesma forma que eles. A força que nos impulsiona é a mesma.

Uzi parou de frente para eles e apontou a planície lá embaixo.

- Estão vendo aquele clarão amarelo lá adiante?

Eles viram. No meio da planície havia um enorme buraco. O que o causou devia ser muito grande. De dentro dele saía fumaça e um clarão que lembrava uma enorme fogueira. Sangar fechou os olhos e encostou a cabeça na pedra que tinha atrás de si.

- Aquelas são as minas – disse Uzi com um brilho nos olhos. – E lá embaixo, correm os rios de fogo. Muitos deles.

Em seguida, ele apontou para uma estrutura que estava meio encoberta pelas sombras da noite. Noa observou que era um prédio comprido, feito de madeira.

- É lá que ficam os trabalhadores. A princípio, pensou-se em colocá-los lá embaixo. No entanto, o calor era tão grande que acabaram desistindo da idéia – Uzi virou-se para ela e sorriu com ironia. – As correntes esquentavam muito e não serviam para conter ninguém.

Sangar abriu os olhos.

- Correntes? Então, é por isso que ninguém volta das minas? Tornam-se escravos?

- Você parece saber muito sobre o assunto – Eunice comentou enquanto aproximava-se do homem pelas costas. – Só esqueceu de nos contar que o trabalho que nos aguardava era escravo!

Ele respirou fundo e, com um movimento rápido, mas não inesperado, tentou sacar a espada que trazia no cinto, maldizendo a própria língua grande. Eunice, porém, já tinha a sua apontada para o peito dele. Sangar levantou-se.

- Por que nos trouxe aqui, Uzi? Ia nos vender para as minas? – ele perguntou com severidade.

Noa tomou a espada dele e a jogou para Sarah.

- Achou mesmo que não íamos perceber? – ela disse.

Ele cuspiu no chão.

- Ninguém nunca percebeu antes – ele resmungou.

Noa olhou para o prédio que se estendia lá embaixo.

- Todos os guias são iguais - ela murmurou. – Falam mais do que devem.

Sangar abaixou-se para pegar uma corda. Uzi aproveitou a proximidade dele e chutou um monte de terra carbonizada em direção ao seu rosto. Sangar levou as mãos ao rosto, enquanto praguejava entre os dentes. Eunice, longe de perder a atenção, viu o pequeno punhal que ele tinha escondido na manga e que se preparava para jogar em Sangar. Ela não teve outra opção, além de enterrar a espada no peito do homem. Uzi arregalou os olhos e a encarou como se não acreditasse na própria morte. O homem foi escorregando devagar com a espada traspasada no peito. Eunice, que havia soltado a espada, cerrou os punhos e baixou a cabeça. Não se atrevia a olhar para os amigos. Com exceção da emboscada na qual tiveram que lutar, era o primeiro conflito em que ela fora levada a matar alguém diretamente, após a volta dos Tronos. Ela sentiu a mão de Sarah em seu ombro.

- Foi em defesa de um amigo, Eunice. Não se sinta culpada.

Sangar limpou o rosto e aproximou-se do corpo. Ele puxou a espada ensangüentada e a limpou na areia, devolvendo-a para a comandante das amazonas.

- Devo-lhe minha vida e minha gratidão – ele falou com sinceridade.

Ela pegou a espada de volta com relutância e, sem nada dizer, foi sentar-se em um canto isolado. Noa olhou para o cadáver e viu algo brilhar em seu pescoço. Ela ajoelhou-se e puxou a corrente que trazia um pingente já visto por ela anteriormente. Uma estrela negra de cinco pontas.

- Eu vi uma corrente dessas no pescoço de um dos homens que me capturaram – ela ergueu os olhos para o marido. – Uzi trabalhava para Jabim. Ele estava recrutando mão-de-obra para o trabalho das minas.

- Assim como no passado ele recrutou os Queneus – Joakim havia acordado a tempo de ver a cena toda.

- Isso mesmo, Joakim – Noa guardou a corrente no bolso da túnica. – Isso talvez sirva para nos levar lá para dentro.

Sarah e Sangar se entreolharam.

- No que está pensando, mulher? – ele perguntou ansioso.

- Eles estão aguardando uma nova leva de escravos. Vamos dar isso a eles.

Sarah balançou a cabeça, incrédula.

- Olhe, Noa, nós já encontramos o que viemos procurar, certo? Não há necessidade de entrarmos lá – ela apontou para o enorme buraco na planície.

Noa levantou-se e se colocou de frente para Sarah. Uma expressão decidida e imperturbável tomava suas feições.

- Eu estava em Hazorah e tomei parte do grupo que entrou nas forjas de Jabim. Eu ouvi os gritos que vinham das forjas inferiores, cuja porta apenas Deborah conseguiu abrir. Eu senti o terror impregnado ali, Sarah.

Ela apontou em direção ao prédio lá embaixo, no vale.

- As pessoas que estão lá, foram enganadas com promessas de uma vida melhor e da possibilidade de encontrar riquezas. Encontraram apenas uma vida de escravidão. Eu não sairei daqui sem fazer alguma coisa por eles.

Joakim levantou-se ainda zozinho, mas colocou firmemente a mão sobre o cabo da espada.

- Ainda que ninguém a acompanhe nessa loucura, Noa, pode contar com minha ajuda. O meu povo sofreu o *mesmo* regime debaixo da opressão do *mesmo* homem. Não sairei daqui deixando escravos para trás.

Sangar suspirou e depois riu da situação.

- Muito bem, vocês já provaram que coragem e determinação não lhes faltam! Mas, e quanto a um plano? Existe algum?

- Eu tenho um plano.

Todos se voltaram para Eunice. A amazona havia voltado da letargia e se aproximara do grupo.

- Então, vamos ouvi-lo – disse Sangar com um sorriso.

Sangar, pelo seu passado de mercenário e seu convívio com um bando de homens rudes, foi o escolhido para executar a primeira parte do plano. Ele deveria usar a corrente de Uzi e se aproximar das minas. Seguindo-o de maneira discreta e quase invisível, estavam Zacarias e Joakim, caso algo desse errado. Dessa forma ele desceu a ravina e cruzou o vale. Ao aproximar-se da edificação principal, ele notou que não era uma estrutura muito sólida. Apenas um galpão comprido cuja única finalidade era trancar os escravos. Atrás desse, ele podia ver outro edifício. Parecia ser mais fortificado, e tinha uma aparência mais militar. Devia ser a residência dos guardas.

Quando o viram chegar sozinho, três guardas aproximaram-se com longas lanças apontadas para ele. Imediatamente, Sangar mostrou o pingente pendurado na corrente e os guardas relaxaram.

- Onde está a “mercadoria”? – perguntou um deles. – Por que está sozinho?

- Eu trouxe um grupo que não é muito fácil de enganar – ele deu a resposta ensaiada. - Vim pedir a ajuda de vocês, do contrário não conseguirei trazê-los.

Um dos guardas riu.

- Somos guardas e não mercadores! Por que ajudaríamos você? Não

receberemos nada por isso.

Sangar suspirou. Aqueles guardas não eram diferentes de qualquer mercenário.

- Podemos negociar quanto a isso – ele disse. – O grupo que eu trouxe valerá muito dinheiro.

Os guardas afastaram-se para conferenciar entre si. Quando voltaram, sua disposição era outra.

- O que há de diferente nesse grupo?

- Eles não estavam procurando trabalho como os outros, mas fazendo perguntas. Muitas perguntas. Além disso, não são camponeses normais, são guerreiros da Cidade Dourada. Achei que as perguntas que faziam podiam prejudicar o negócio, então me propus a guiá-los até aqui.

O guarda que parecia estar no comando deu um passo à frente.

- Fez bem, mercador. Perguntas podem ser prejudiciais ao negócio. Principalmente agora que estamos chegando perto do que procuramos.

Aquela informação abalou os nervos de Sangar.

- Nesse caso, eu espero que estejam bem preparados.

- Preparados? – um dos guardas riu e cuspiu na areia. – Estamos meio esquecidos aqui, isso sim! Além de nós três só podemos contar com a ajuda dos guardas-carcereiros lá embaixo e de mais uma patrulha extra que revesa conosco.

- E quanto aquele posto militar lá atrás? Deve dispor de mais homens, não?

- A guarda elitizada do rei. Ficam lá dentro apenas dando ordens, ignorando o que se passa aqui.

- Pelo menos, o número de guardas-carcereiros deve ser o suficiente para conter qualquer incidente – Sangar falou, coçando a cabeça.

O guarda de comando suspirou.

- Se você acha que uma dezena de homens é suficiente para conter algo como uma revolta ou uma invasão, eu diria que você é um tolo, mercador.

Sangar assumiu um gesto de subserviência. O guarda, porém, lhe deu um forte tapa amigável nas costas, acompanhado de uma risada.

- Mas creio ser suficiente para conter camponeses simplórios. Esse grupo que nos trouxe se for mesmo formado por guerreiros, será preso e enviado para o palácio do Grande Rei. Só temos que subjugar-los. Onde eles estão?

Sangar apontou para o outro lado do vale.

- Estão acampados naquela plataforma. Cansados e famintos como estão, eles dormirão logo. Esperem o meu sinal para se aproximar. Seria bom levar a patrulha extra com vocês. Seis homens seriam bem melhor do que três. Eu não

sei se posso ajudar muito. Lutar não é a minha especialidade.

Depois do combinado, Sangar voltou à plataforma para se prepararem para a segunda parte do plano.

Os volumes foram arrumados em círculo no interior da plataforma. De longe podiam ser confundidos com pessoas dormindo. Eles aproveitaram os sacos de viagem, incluindo os dois de Uzi, e os deitaram no chão, cobrindo-os com mantos, dando-lhes formas humanas. O corpo de Uzi foi deixado entre eles, meio descoberto para que não houvesse desconfiança. No horário combinado, cada um foi para uma direção, escondendo-se por entre as rochas ao redor da plataforma. Sangar desceria para o vale na intenção de esperar a patrulha e supostamente guiá-los até uma captura fácil. Com um beijo rápido em Noa, ele desceu apressadamente. Ela o viu afastar-se com certa apreensão.

- Vamos ficar atentos – ela disse. – Pode ser a qualquer momento.

Sarah, Zacarias e Joakim buscaram pontos altos de onde pudessem atirar suas flechas com segurança. Noa e Eunice aguardavam um pouco mais abaixo com as espadas nas mãos e o coração aos pulos. Não demorou muito até que vozes sussurrantes pudessem ser ouvidas. Zacarias, do ponto em que estava, viu o grupo chegando e mostrou os dez dedos para Noa.

- Dez? – falou a amazona. - Não deviam ser apenas seis?

Eunice suspirou tentando tirar o suor que escorria pelo rosto.

- Sangar foi muito convincente. – disse Noa. - Eles se agradaram da perspectiva de capturar guerreiros e, com certeza, solicitaram mais reforços.

- Se eles resolveram usar os guardas-carcereiros para esse serviço, o nosso maior trabalho será aqui. Ficaram poucos nas minas.

Noa concordou.

- Vamos ter que nos aproveitar do fator surpresa. É a única vantagem que temos.

Noa olhou para cima e Sarah a tranqüilizou. Estavam preparados.

Sangar subia pelo caminho à frente do grupo armado. Muito bem armado, ele pensou. Com certeza, os homens queriam fazer um trabalho bem feito para o rei. A captura de guerreiros, talvez enviados pela própria Cidade Dourada, os faria subir em conceito perante o grande Jabim. Sangar, enquanto pensava nessas coisas, suava nervoso. Eles se prepararam para um número menor de adversários. Teriam que confiar na vontade do Pai. Essa seria a ordem dos Tronos.

Sarah os enxergou quando ainda estavam subindo e preparou o arco. Joakim pegou-lhe o braço, fazendo-a olhar para ele com cara de espanto.

- Precisa aguardar o sinal. Quer pôr tudo a perder?

- Eu posso atingir os dois últimos homens da fila com facilidade. Isso nos daria a vantagem esperada.

Ele questionou as palavras dela. Às vezes, Joakim esquecia que Sarah não era uma quenita, mas uma filha de Gades. Sua visão não era barrada pelo escuro e sua pontaria era certa, não importava a distância. Se alguém poderia fazer aquilo, era ela.

- Tem certeza disso?

Ela sorriu e tirou duas setas da aljava.

- Acha mesmo que eu faria isso, sem ler a súplica no olhar de Noa?

Joakim olhou para baixo e viu que a comandante olhava para eles, aguardando o sinal de Sarah. Ele, então, voltou a se concentrar na plataforma abaixo. Assim que o primeiro homem surgiu, Sarah atirou as flechas. Sangar ouviu o zunido cortando o ar acima de sua cabeça e, em seguida, o barulho de dois corpos caindo. Os homens se viraram surpresos, para ver os companheiros mortos. Joakim e Zacarias atiraram suas flechas nos dois da frente, que haviam relaxado a guarda devido a surpresa. Sangar, ao vê-los cair, sacou a espada e virou-se para os seis homens restantes. O que parecia o chefe adiantou-se com a fúria estampada no olhar.

- Pelo menos, agora estamos com um número equilibrado – disse Sangar.

Noa e Eunice juntaram-se a ele com as espadas em punho.

- Três contra seis? – riu um dos homens. – Isso não parece uma vantagem, mercenário.

Sangar fez um gesto abrangendo ele e as duas guerreiras ao seu lado.

- Está vendo alguém aqui com um arco? Quem você acha que atirou as flechas?

Em resposta, três flechas certas atingiram seus alvos, vindas das rochas acima da plataforma. Mais três homens caíram. Os três restantes se entreolharam em pânico.

- Acho que agora não está mais equilibrado – falou Eunice. – Ainda querem lutar, ou vão nos dar as informações que queremos?

Mesmo bufando de raiva, o líder dos homens reconheceu a vitória do inimigo. Ele largou a espada no chão.

- Suas setas não erram o alvo. Não podemos lutar contra o que não vemos.

Os outros o imitaram. Com o grupo sobrevivente rendido, era hora de pensar na terceira e última parte do plano de Eunice.

Os homens foram amarrados, já sem roupas, em uma fenda que os manteria escondidos até que tudo houvesse passado. Sangar, Zacarias e Joakim

vestiram os uniformes dos prisioneiros, enquanto arrastavam as três mulheres ligadas com correntes, pelo vale que levava as minas. O mais jovem dos homens estava com tanto medo que revelou tudo o que queriam saber enquanto era amarrado. Foram as imprecações do líder que os fizeram confiar nas informações do rapaz. O homem teceu inúmeras ameaças para fazer o jovem calar-se, mas o pânico o motivava a falar.

Naquele momento, eles cruzavam o vale. O quartel da patrulha não ficava longe, mas os reforços nunca eram necessários. Portanto, estariam todos descansados e sem esperar nenhum ataque. Os capacetes cobriam metade do rosto, o que facilitou a aproximação deles. Na porta, dois homens se aproximaram. Eles estavam no meio de um jogo de dados quando tiveram a atenção voltada para as mulheres que eram arrastadas pelas correntes. Um deles aproximou-se de Noa com o olhar cheio de más intenções. Sangar cortou-lhe o caminho.

- Mulheres para as minas? – ele perguntou sem tirar os olhos de Noa. – Os homens vão gostar disso. Entrem logo!

Eles obedeceram. Ao atravessar as portas, puderam ouvir os gritos e o estalar de chicotes. O calor também era intenso. Zacarias retirou as correntes das mulheres e Joakim lhes devolveu as armas. Uma escada em espiral, construída na própria pedra da cratera, descia para os níveis inferiores.

- Vamos! – disse Sangar, tomando a frente.

Os homens restantes deviam estar atormentando os inocentes lá embaixo. Noa sentia a palma da mão suar com o calor enquanto apertava o cabo da espada. Um grito agudo os surpreendeu. Um vigia! Viu-lhes e deu o sinal com um grito. Joakim o derrubou de seu posto com uma flecha. Estavam quase chegando na base da escada, quando um homem enorme, quase um gigante, veio correndo em sua direção. Nas mãos ele trazia uma maça cheia de pontas afiadas.

- O que é isso? – perguntou Zacarias ao ver a altura do homem.

- Um filho de Ogue – balbuciou Sarah. – É uma raça extinta há muito tempo. Viviam em um país que fazia fronteira com Gades, chamado Basan.

- Não me parece que estejam extintos – disse Eunice.

Ela mal teve tempo de falar, quando a maça caiu onde ela estava. Sarah a puxara em cima da hora, evitando o golpe. Sangar e Noa, num movimento ordenado, escorregaram por baixo das pernas do gigante e lhe espetaram ambos os tornozelos, fazendo-o cair para frente. Com um poderoso movimento no braço, ele jogou a maça na direção de Zacarias. O rapaz pulou e quase caiu no abismo que se abria através de uma fenda. Joakim o segurou na hora.

- Sarah, você consegue atingir aquela alavanca na parede? – Joakim gritou para ela.

A moça lhe seguiu o olhar e viu a alavanca. Ela segurava a corrente que mantinha uma porta fechada. A porta estava bem acima do gigante. Ela preparou o arco e atirou. A alavanca foi para cima e a porta se abriu. Imediatamente, todos pularam para o lado quando viram a quantidade de sacos pesados que desciam, como uma avalanche, em direção ao gigante. Ele, sem poder levantar-se, foi arrastado para o abismo.

- Acho que agora é uma raça extinta – disse Sarah, ofegante.

- Fala como se ele fosse o único gigante aqui dentro – falou Sangar. – Estou começando a pensar que eles não foram tão relapsos assim na guarda desse lugar.

Eunice caminhou até a próxima escada. Os gritos continuavam lá embaixo.

- Vamos lá! Precisamos descer. Não há outro caminho a seguir – ela incentivou os outros.

Eles continuaram a descer. Enquanto desciam, deparavam-se com vigias descuidados, que iam sendo abatidos um a um, até alcançarem o ponto mais quente, onde a escadaria terminava. Naquele nível, eles puderam ver o verdadeiro trabalho das minas. Homens raquíticos, usando apenas tangas e correntes nos pés, cavavam uma passagem para o nível inferior. Instigando-os havia dois homens, apenas um deles com um chicote na mão. Ele não chegava a ser um gigante como o anterior, mas era, sem dúvida, um filho de Ogue. Tinha braços e pernas poderosos e sua altura chegava a quase três metros. O outro, entretanto, era mais preocupante. Era um mago versado na magia oculta. Jabim já havia se aproveitado de seus serviços em Hazorah. Ele tentava, com certeza, sentir a força daquele lugar e indicava onde se deveria cavar. O medo que os camponeses tinham da magia, somado à presença intimidadora do gigante, os fazia se submeter sem problemas ao trabalho forçado. Os dois homens que faziam a guarda daquele nível, apenas observavam com risos escarnecedores, o gigante atormentar os pobres prisioneiros.

Escondidos entre algumas pedras, os seis guerreiros se abaixaram.

- Vocês cuidam do gigante – disse Noa. – Eu e Sarah ficamos com o mago.

- Por que somente vocês duas? – perguntou Sangar. – Ele pode ser perigoso.

- Ele é perigoso! – disse Noa. – Apenas eu e Sarah podemos lutar contra um mago, Sangar. Eu sou líder da Ordem Branca e Sarah é de Gades, um povo antigo que é imune a qualquer tipo de magia.

- Ela tem razão, Sangar – Sarah falou. – É assim que deve ser.

Sangar virou-se para Joakim e Zacarias. Os três subjugaram os guardas e os arrastaram para trás das pedras sem contratempos. Sangar apontou para o gigante e falou para Joakim:

- Pode começar.

Joakim mirou no gigante, mas teve dificuldade em encontrar um alvo vital no meio de toda a armadura que ele usava. Optou por diminuir-lhe o movimento e atirou na perna do homem. A flecha atravessou-lhe o joelho e o gigante uivou, virando-se para eles. O mago também se virou, interrompendo seu palavreado mágico, e, ao ver os invasores, foi logo erguendo os braços para enviar algum tipo de magia. Noa fechou os olhos e se concentrou na armadura espiritual que lhe fora ensinada por Nathan. Isso a tornaria imune, como Sarah.

- Vamos! – ela disse, abrindo os olhos e sacando a espada.

O mago, ao vê-las correndo para ele, imunes ao seu poder, tropeçou em uma pedra e caiu no chão com as mãos acima da cabeça. Ele fechou os olhos, tentando descobrir os segredos que envolviam aquelas duas guerreiras. Uma delas estava longe de seu alcance. Vinha de um povo protegido pela luz. A outra portava uma armadura espiritual. Ele sorriu ao reconhecer aquele poder. Podia ser quebrado. Ele começou a sussurrar palavras estranhas e desconexas. Noa sentiu uma força empurrá-la de encontro à parede. Sua couraça espiritual havia se partido. Ela tentou erguer o braço com o escudo e repelir o ataque, mas podia sentir que ia ser esmagada por aquela força invisível.

- Sarah! – ela gritou.

Sarah atirou uma flecha no mago, que a desviou com um gesto de mão. Ela entendeu que armas não adiantariam com ele. Largando o arco, correu em direção do homem que já havia ficado de pé e aproximava-se de Noa com o braço estendido. Sarah caiu sobre ele, levando-o novamente ao chão e prendendo-o com o peso do próprio corpo. Livre da força que a pressionava contra a parede, Noa foi jogada para frente e, levantando-se, correu até eles e esticou o braço fazendo a espada invisível e espiritual penetrar no coração do mago. O homem teve uma convulsão e um segundo depois, parou imóvel ainda preso pelos braços de Sarah. Do outro lado, o gigante quedava vencido com Sangar e Eunice terminando de atá-lo com correntes. Os dois joelhos haviam sido traspassados por flechas, assim com um dos ombros. Ele se debatia inutilmente em meios a gemidos. Sarah soltou o corpo do mago e levantou-se, mas Noa continuou ajoelhada, com as mãos sobre a coxa e com a respiração ofegante.

- Você está bem?

Noa ergueu a cabeça e sorriu.

- Esse tipo de coisa exige muita energia. Logo estarei bem.

Os outros se aproximaram. Em volta deles, os prisioneiros, quase uma centena deles, os encaravam com o olhar incrédulo e assustado. Sangar guardou a espada.

- Quem fala por vocês? – ele perguntou.

Um homem se aproximou, arrastando os pés por causa das pesadas correntes. Eunice localizou a argola que marcava o ponto onde a corrente era presa e passada por todos os prisioneiros daquele nível. Ela foi até o local e com uma estocada da espada quebrou a argola e soltou a corrente. O homem que havia se aproximado, sorriu para ela em agradecimento. Em seguida, ele virou-se para Sangar.

- Eu posso falar por todos aqui. Meu nome é Nabi.

- Nabi, vocês estão livres agora. Além de vocês, existem mais prisioneiros?

- Não, meu senhor. Estamos todos aqui. Todos os que foram enganados e trazidos aqui com promessas de riquezas.

Sangar respirou, aliviado.

- Então, joguem fora essas correntes e partam de volta para seus lares. Deve haver suprimentos para vocês no alojamento da patrulha.

Os homens se entreolharam assustados.

- O gigante... – um deles balbuciou.

- Foi extinto – Eunice respondeu. – Tudo o que vão encontrar lá em cima é um par de vigilantes que estão muito ocupados jogando dados. Acho que podem dar um jeito neles. E, quando saírem, evitem passar pelo posto da patrulha.

A notícia foi apreciada por alguns que se apressaram para a saída. Sarah, movida pela curiosidade, aproximou-se do gigante acorrentado. O homem, pois o seu aspecto era o de um homem, olhou-a com os olhos enevoados de dor, mas cheios de crueldade.

- De onde você veio, filho de Ogue? – ela perguntou.

- Da terra dos Amins – ele falou num chiado.

Sarah arregalou os olhos.

- A terra dos Amins é uma lenda. Ela não existe!

O gigante riu com escárnio.

- O rei Jabim nos encontrou. O último refúgio dos filhos de Ogue. Não pense que estamos extintos, guerreira. Somos muitos e nossa força aumenta a cada dia.

Sarah sentiu a mão de Joakim em seu ombro.

- Venha, vamos embora. Não convém ficarmos mais tempo aqui.

Ela concordou e se virou para sair.

- Filha de Gades! – chamou o gigante.

- Fale – Sarah respondeu sem se virar.

- O meu povo não esqueceu o seu. Ainda vamos nos encontrar.

Ela seguiu Joakim sem olhar para trás.

Lá fora, tudo parecia calmo. Dos guardas, eles só encontraram o jogo de dados jogado ao chão e os capacetes abandonados, junto com as armas. Zacarias pegou uma espada curva e a admirou.

- Não gostaria de saber o que foi feito deles – o rapaz comentou jogando a espada de volta ao chão.

- Fizemos o nosso trabalho – disse Sangar. – Vamos para casa.

Eunice olhou a terrível abertura da cratera.

- O trabalho aqui estava no início. Nós atrapalhamos os planos de Jabim. Ele vai demorar em se erguer novamente. Pedirei a Deborah a permissão para manter uma patrulha reforçada nessa região, a fim de impedir que o trabalho seja reiniciado.

- Isso não irá detê-los, Eunice – disse Noa.

- Não, mas vai atrasá-los em suas intenções e nos dará tempo.

- Tempo? – Sarah ainda estava atordoada pelo encontro com o gigante.

- Sim. Precisamos nos organizar enquanto Eva e Davi se preparam para o cumprimento da nova Profecia. Nosso trabalho aqui será o de segurar a força do rei feiticeiro o máximo que pudermos.

- Eunice está certa – disse Sangar. – Mas esse trabalho não cabe apenas as amazonas. Deve ser um trabalho conjunto. Mas, isso é algo para se discutir longe daqui. Vamos para casa.

Atravessando o vale, eles iniciaram a viagem de volta.

Capítulo 23

O Poder da Estrela

Davi e Eva se divertiam na roda que se formara em volta da fogueira. O povo de Gades havia passado o dia planejando aquela festa. Eles haviam cruzado a ponte com o nascer do sol e sua presença foi uma grata surpresa para todos. Áquila havia permanecido em Babilos, junto com Nathan. Durante todo o dia, enquanto o povo preparava a aldeia para uma grande comemoração, as crianças puderam caminhar pelos campos, tomar banho de cachoeira e desfrutar da paz que existia naquele lugar. Eva se deliciou com o cheiro das flores que enchiam os campos e Davi sentiu vontade de seguir o grupo de jovens

caçadores que ficaram responsáveis pela carne do banquete.

No momento, eles sorriam e batiam palmas ao som da música, enquanto observavam a tentativa de um grupo de rapazes que faziam de tudo para chamar a atenção de Rute e Rebeca. Um deles, tomando coragem, aproximou-se da guerreira loura e a chamou para dançar. Rebeca sorriu timidamente e aceitou o convite. Rute, cujo coração já estava comprometido com Zacarias, lançou um olhar para o grupo que desfez qualquer esperança. Ela saiu de seu lugar e foi sentar com as crianças.

- Não vai tirar Eva para dançar, Davi? – ela provocou. – Vi como dançou na Cidade Dourada, durante a celebração.

Ele olhou para Eva, mas esta desviou o olhar.

- Lembro de ter enchido os seus pés de calos, de tanto que pisei neles – ela disse.

Ele sorriu e estendeu a mão.

- Não me importo de acrescentar mais alguns.

Eva olhou para ele surpresa e em seguida lhe deu a mão. Rute sorriu e piscou para ela. Eva deixou-se arrastar para o meio dos casais que pulavam alegremente.

Longe da música e da fogueira, Deborah caminhava pela ponte. O luar estava excepcionalmente claro naquela noite e o seu reflexo nas águas turbulentas do rio formava um belo espetáculo para os olhos. Ela encostou-se ao muro da ponte e ficou observando o céu.

- Atrapalho suas reflexões?

Deborah virou-se e sorriu para Hulda, que se aproximava com duas canecas de chá de menta.

- Não estou fazendo reflexões, apenas caminhando – ela disse ao pegar a caneca de chá.

- Lembro-me quando estivemos aqui antes do cerco de Salema. Você e Jael tinham uma certeza no coração. A certeza de que Gades havia solicitado a presença de vocês. A certeza de que aquela viagem não havia sido por acaso.

- Uma viagem a Gades nunca é por acaso.

Deborah provou o chá e fechou os olhos saboreando o gosto refrescante e quente.

- Onde está Jael? – ela perguntou ainda de olhos fechados. – Ela tem fechado sua mente pra mim.

- Talvez a missão que a trouxe aqui seja algo muito particular. Desde que chegamos, ela e Seth não se afastaram nem por um segundo. Nesse momento, enquanto a festa está em andamento, eles estão fechados na tenda do conselho.

Apenas os dois.

Deborah encarou a profetiza com uma profundidade no olhar que fez Hulda desviar os olhos.

- O que está tentando tirar de mim? É só perguntar. Não tenho nada a esconder.

Deborah sorriu.

- Desculpe-me, mãe. Minha visão parece mais aguçada do que antes. Às vezes ela quer ir mais adiante e fica difícil controlar. Faz muito tempo que não a exercito.

Hulda suspirou e voltou-se para a lua.

- O que pretende fazer quando sairmos daqui?

- Voltar para a Cidade Dourada. Jael deve nos deixar no caminho para Hazorah. Um novo tempo está tendo início. Precisamos fortalecer nossos reinos e treinar nossos filhos.

- Você está certa. Eu demorei muito para ver que você e Jael estavam prontas. No entanto, quando olho para aquelas duas crianças, sinto que o passar dos anos, até que sua missão chegue, lhes trará sabedoria.

A expressão de Deborah ficou séria.

- Mas para que esse tempo chegue de uma forma segura para eles, cabe a nós enfrentarmos aquele que tem se levantado do túmulo.

- Jabim – Hulda estremeceu ao dizer o nome do rei-feiticeiro. – Quem poderia supor que ainda estivesse vivo?

- Vivo e pronto para colocar seus conhecimentos ocultos para funcionar. Anrafel de Babilos não me assustava tanto quanto Jabim. Ele conhece o segredo do poço das visões e das pedras que caem do céu. Nem mesmo Atalia tinha conhecimentos tão profundos. Assusta-me pensar no tipo de exército que ele pode fazer surgir.

- Acha que Babilos pode estar ameaçada?

- Não. A Pedra do Céu não tem mais efeito sobre nós.

- Jael não me pareceu tão invulnerável assim. Nathan me contou o que aconteceu quando ela a tocou.

Deborah encarou Hulda com curiosidade.

- Se Jael estiver certa, como eu acho que está, quando ela sair de Gades, aquela pedra terá o mesmo efeito sobre ela que tem sobre mim.

- Confia mesmo no que ela lhe falou?

- Confio, sim. Você devia fazer o mesmo, Portadora.

Elas sorriram e voltaram abraçadas para a festa.

Quando Jael se despediu de Seth, a festa já havia terminado. A fogueira

jazia em cinzas e poucas pessoas permaneciam espalhadas, jogando conversa fora. Ela atravessou o pátio da aldeia e foi em direção à casa elevada que, segundo Seth, sempre pertenceria a ela e a Deborah. A casa fora edificada na encosta de uma montanha e subia-se por uma escada de madeira rústica e estreita. Jael apoiou-se na escada e respirou fundo antes de subir. Ela se sentia pesada, sobrecarregada. Seth lhe indicou exatamente que caminho tomar. Ele, como o homem sábio que era, tinha as respostas que ela precisava. Ela colocou a mão nas costas. O sinal da estrela brilhava e ardia de uma forma insuportável. Ela tentou esconder isso o máximo possível, fechando a comunicação mental e se isolando. Subiu devagar e parou diante da cama que partilharia com o filho. Davi dormia profundamente com os cachos desalinhados a lhe cobrir os olhos. Ela sorriu e virou-se para a outra cama. Deborah dormia ao lado de Eva. O braço envolvia a filha numa atitude protetora. Jael foi para o cômodo lateral e pegou o arco que jazia encostado na parede. Ao voltar, ajoelhou-se ao lado da cama de Davi e lhe deu um beijo na face macia.

- Por que você está com o arco na mão? Para onde vai?

Jael virou-se e viu Deborah olhando para ela. O olhar da irmã traduzia toda a confusão que sentia.

- Eu não posso ficar aqui, Deborah

Deborah desvencilhou-se da filha com cuidado e saiu da cama em silêncio. Com um olhar taxativo para Jael, ela se encaminhou para fora. Jael, com um suspiro resignado, se levantou e a seguiu até o terraço.

- Sinto muito, mas você não vai sair daqui antes de me dizer o que está acontecendo. Aceitei o seu bloqueio mental, mas não peça que eu aceite mais do que isso.

Jael, cansada, sentou-se no banco.

- Está acontecendo algo com meu corpo, Deborah. Desde que tive o contato com aquela pedra, a energia dos Luminares que existe dentro de mim parece querer saltar para fora. O sinal da estrela está vivo e latente em minhas costas. Sinto como se fosse explodir a qualquer momento. Está muito difícil de controlar.

- Mas, por que isso? Qual é a razão disso estar acontecendo com você?

- Esse poder, essa energia veio para nós através da vida dos Luminares. Apesar de não colocarmos nosso verdadeiro potencial em prática, ele existe dentro de nós. O meu é grande demais para que eu o controle sozinha. Quando toquei naquela pedra, ela liberou o poder da luz que há em mim. E esse poder vem crescendo sem que eu possa impedir.

Deborah sentou-se ao lado dela.

- O que eu posso fazer por você, Jael? Deve haver alguma coisa...

- Só existe uma maneira de controlar isso, e você sabe qual é.

Deborah a olhou com preocupação. Apenas ela sabia realmente o que o Ancião havia ordenado para Jael, pois a irmã mesmo lhe contara tudo.

- E se ele não chegar a tempo?

Jael levantou-se e pegou o arco. Deborah notou que as mãos dela tremiam na tentativa de condicionar a energia da luz dentro de si.

- Se ele não chegar a tempo, é melhor que eu esteja longe da aldeia. Para o bem de todos. Eu realmente não sei o que pode acontecer. Nunca tivemos a oportunidade de liberar esse poder que nos foi dado, pois nunca houve uma situação que exigisse isso – ela olhou séria para a irmã. – Mas a verdade é que ele existe e está dentro de nós.

Ela virou-se e pôs a mão no ombro de Deborah.

- Diga ao meu filho que fui caçar e cuide dele por mim. Eu não sei o que vai acontecer comigo, se ele não chegar a tempo.

Deborah assentiu em silêncio. Ela sabia a quem a irmã estava se referindo.

- Não deixe sua mente bloqueada pra mim – ela pediu.

- Não deixarei – Jael sorriu e se foi.

Dois dias haviam se passado desde que ela saíra da aldeia. Jael abriu os olhos sentindo o acúmulo de energia por dentro do corpo. Já era noite. Ela estava deitada de bruços sobre a grama com vistas para o lago. O mesmo lago em que ela e Deborah mergulharam a fim de experimentar a luz dos Luminares. Nesse momento, ela sentia os olhos arderem, a cabeça doer. Seus dedos fechavam-se rígidos sobre a grama e seu corpo todo tremia no esforço para conter a luz que ameaçava saltar para fora. O sinal em suas costas pulsava com uma ardência que a fez encolher-se com um gemido. As veias de suas têmporas estavam inchadas e a pele brilhava por causa da transpiração. Era um esforço demasiado para ela.

- Pai!!! – ela gritou. – Eu não posso mais segurar... É maior do que eu...

Uma voz suave falou ao seu ouvido. Não era a voz de Deborah, mas uma voz masculina e, ao mesmo tempo, suave.

- Vá para o lago – disse a voz. – Chegou a hora.

Ela forçou-se a levantar, mas não conseguiu. Suas pernas não obedeciam. Dessa forma, foi se arrastando até a margem do lago. Ao chegar, ela sentiu como se mãos invisíveis a ajudassem a ficar de pé.

- Entre – disse novamente a voz.

Sem pensar em se desvencilhar da roupa, Jael entrou no lago. Talvez a água aquietasse o calor, ela pensou esperançosa. Ela chegou na parte mais

funda do lago e abriu os braços. Imediatamente a luz explodiu, envolvendo não apenas ela, mas tudo o que estava próximo. O clarão foi tão grande que chegou a ser percebido na aldeia. Envolvida pela luz e meio desfalecida em sua consciência, Jael deixou-se cair no lago e afundar.

Ele a viu de longe. Viu quando ela se arrastou até o lago e em seguida ficou de pé e entrou nas águas. Quando a luz explodiu, ele só teve ímpetos de correr até ela, mesmo cego pela luminosidade. Ignorando o que poderia lhe acontecer, ele mergulhou. A luz tornava o fundo do lago visível. Ele viu Jael afundando lentamente com os olhos fechados e nadou até ela. Quando ele a tocou, ela abriu os olhos. Uma luz prata irradiava-se pela sua íris, enquanto ela fitava o rosto do homem que amava. O toque dele fora suficiente para aliviar a onda de energia que a envolvia naquele momento. Héber! Esquecendo tudo o que a envolvia, ela sentia apenas que a hora havia chegado. Seus lábios se tocaram e ele sentiu que um calor o invadia internamente. Aquele calor e aquela luz passaram a fazer parte dele. Ainda com os lábios colados, eles subiram para a superfície. Héber a tomou nos braços, totalmente entregue as sensações que o envolviam, e levou-a para a margem do lago. Ali, ainda encobertos pela luz, Héber e Jael se despojaram de suas roupas e se amaram com uma intensidade sobrenatural. Sentindo um fogo arder em suas costas, ele ergueu a cabeça e gritou. Ela o abraçou e sussurrou em seu ouvido:

- Não lute contra isso, Héber. Faz parte de você agora.

Ele agarrou-se a ela enquanto durou o estranho fogo. Jael o manteve em seus braços, sentiu seus tremores e seus músculos tensos, escutou seus dentes rangendo na força para não gritar. Ao final, ambos alcançaram um êxtase que ultrapassou seus sentidos naturais. Exaustos, eles adormeceram na margem do lago. Héber, praticamente desmaiado em cima de Jael. Ela, aliviada por ter compartilhado seu poder, permitiu-se dormir sob o peso do marido.

Quando Jael acordou, estava na sua cama em Gades. Ela não se lembrava de mais nada, após ter perdido os sentidos no lago. Na cama ao lado, Héber também dormia. Ele abriu os olhos e sorriu para ela.

- Parece que eu sempre chego na hora certa – ele comentou.

- É, parece – ela sorriu. – Como chegamos aqui?

- Quando eu acordei, percebi que o mesmo não aconteceria com você. Acho que acabou desmaiando de exaustão. Eu me vesti, vesti você e a trouxe para cá. De uma forma que eu não consigo explicar, havia uma nova força dentro de mim. Eu me sentia muito bem fisicamente. Eu temi, inclusive, diante do seu estado, que sua energia tivesse passado toda para mim.

- Toda não, mas parte dela, sim.

Ele sentou-se na cama e levou a mão até as costas, na altura da cintura.

- É presunção minha pensar que ganhei um sinal em minhas costas?

- Você ganhou um sinal.

Ele a olhou intrigado e confuso.

- Por que isso, Jael?

- Eu não sei o que ia acontecer comigo se não tivesse compartilhado meu poder de luz. Eu fui direcionada a fazer isso, Héber. Era uma ordem do Pai. Só havia uma pessoa no mundo com quem eu poderia fazer isso. Aquele que é um comigo. Você.

- Mas, por que somente agora?

Jael levantou-se devagar. Ainda sentia-se zozza pelo esforço anterior de controlar a luz dentro dela.

- Ainda não tenho respostas para essa pergunta. Mas arrisco dizer que os tempos que temos pela frente exigirão isso. Nada ocorre por acaso na vida de um Luminar.

Ele abaixou a cabeça e ela segurou as mãos dele nas suas.

- Sente-se triste, enganado, ou algo assim? Fiz mal em não lhe consultar antes?

- Eu nunca me preparei, nem em pensamentos, para algo assim – ele sorriu e balançou a cabeça, olhando para o chão. – Eu poderia ter chegado aqui mais rápido, se soubesse do que se tratava.

- Eu achei que teria tempo de explicar. Não pensei que a situação fosse fugir do meu controle.

Ele guardou silêncio.

- Héber – ela chamou com um pouco de apreensão. – Por favor, me perdoe. Eu o submeti a uma situação que talvez não fosse desejada por você.

- Pare, Jael – ele pediu, olhando para ela. – Você não tem que se desculpar. Depois do que aconteceu no lago, eu sinto que faço mais parte de você do que antes. Foi indescritível o que aconteceu. Apenas me dê um tempo para me adaptar a essa nova realidade.

Os dias que se seguiram em Gades foram especiais para Eva e Davi. O menino, mais descontraído pela presença do pai, aproveitava cada momento no que ele chamava de “paraíso”. Uma tarde, Deborah levou os dois até o lago, cenário de tantas manifestações. As crianças aproximaram-se da margem e observaram a água límpida e transparente.

- Dá até vontade de mergulhar – comentou Davi.

- É um lago, Davi – disse Deborah sorrindo. – Não há problema nenhum

em fazer isso.

- Mas ele não é um lago... sagrado? – o menino perguntou desconfiado.

Deborah sentou-se na grama.

- Em certas ocasiões, sim. Mas na maioria das vezes é exatamente o que vocês estão vendo. Um lago cujas águas são convidativas para um mergulho. O dia está quente hoje. Por que não aproveitam?

Eva e Davi se olharam com uma expressão séria e compenetrada. Deborah percebeu uma comunicação silenciosa entre eles e aguardou curiosa. Em seguida, Eva virou-se para ela.

- Não, mãe. Tomaremos banho na cachoeira perto da aldeia.

- O que há com vocês? Por que não querem tomar banho aqui?

Davi olhou para baixo, hesitando em dar uma resposta.

- Davi? Pode responder? – encorajou Deborah.

Ainda de cabeça baixa, o menino respondeu.

- Não é o momento certo para isso, tia. Eu e Eva não podemos entrar nesse lago agora.

- Como sabe disso? – Deborah levantou-se.

- Eu... Eu vi que nós entraríamos nele em um momento muito especial.

- Você viu? – Deborah franziu a testa e aproximou-se do menino.

- Sim.

Deborah pôs as mãos sobre os ombros trêmulos de Davi.

- Davi, olhe pra mim.

O menino obedeceu e deixou que Deborah o sondasse através do olhar. A Herdeira sorriu diante do que viu.

- Você é profeta, Davi – era uma confirmação. – Possui um dom muito raro entre os homens.

Ele olhou assustado para ela.

- Eu tenho medo das visões...

- Não tenha. Deixe-as vir naturalmente. Na maioria das vezes, as visões só trazem discernimento. Esse dom existe para ajudar as pessoas e não para lhes fazer mal.

- Foi assim com você, mãe? – perguntou Eva.

- Foi exatamente assim.

Ela olhou para as duas crianças e sorriu.

- Não temam seus dons. Eles são dádivas do Pai. Com o tempo, vocês saberão controlá-los com sabedoria.

Eva olhou para as próprias mãos e lembrou-se das palavras do Ancião: “As folhas curam”.

Deborah percebeu o pensamento da filha e puxando-a para si, abraçou as duas crianças.

- A cura e a profecia são dons muito belos. Do outro lado do mar existe uma terra que necessita muito deles. Eles não foram dados a vocês para que os guardassem como um tesouro particular.

Os três voltaram para a aldeia deixando o lago para trás. Ele poderia esperar mais um pouco.

Capítulo 24

O Passado de Jael

O dia da partida de Gades se aproximava. Jael, entretanto, sentia que ainda havia um assunto inacabado. O Ancião havia lhe garantido que revelações a aguardavam ali. Revelações que o seu passado escondia. Após passar o dia com Héber e Davi, ela esperou o anoitecer para procurar Seth. O velho estava voltando de sua habitual caminhada no campo, onde ficava até o sol se pôr. Voltava sempre quando as estrelas começavam a piscar. Jael o aguardava a meio caminho da entrada da aldeia. Ele parou e aguardou que ela se aproximasse. Jael caminhou até ele com passos firmes e decididos.

- Filha de Héber – ele sorriu. – O que eu ainda posso fazer por você?

- Preciso que me fale sobre o meu passado, Seth.

Ela percebeu o susto no olhar do velho. Um olhar que raramente era abalado. Ele deu um quase imperceptível passo para trás.

- O seu passado? – ele balbuciou. – Não estou entendendo...

- O Ancião me revelou que há algo no meu passado que eu preciso saber. Essa é uma conversa muito particular, por isso eu vim até você. Notei sua reação de agora a pouco. Não adianta mentir e dizer que não existe nada, pois a sua própria respiração lhe trai.

Deixando cair os ombros, Seth rendeu-se. Estendendo a mão para Jael, ele disse:

- Venha, vamos voltar para o campo.

Ela o acompanhou de volta, ambos guardando silêncio. Quando chegaram a um local onde a grama parecia mais fofa, eles sentaram. Ela admirou-se da facilidade com que Seth, apesar da idade, conseguia sentar-se sem ajuda. O velho a avaliou por alguns segundos antes de começar a falar.

- Sinto-me um tolo por tentar enganar uma Luminar. Você está certa, Jael. Existe algo em seu passado que precisa se revelar. Não há mais sentido manter em segredo.

Apesar da impaciência e da ardente curiosidade, ela apenas se pôs a escutar.

- O Ancião decretou que é chegado o momento, então assim deve ser. O que sabe sobre seus pais?

A pergunta a surpreendeu.

- Meus pais? Tudo o que sei é que minha mãe era a filha mais velha de Héber e que meu pai era um caravaneiro queneu. Ambos morreram durante um ataque de bandidos quando viajavam na caravana. Isso tudo aconteceu pouco depois que nasci. Minha mãe se chamava Priska e o nome de meu pai era Jonas. Isso é tudo o que sei. Lembro-me de fazer perguntas ao meu avô, quando ele vinha me visitar, mas ele nunca dizia mais do que eu já sabia. Então, eu simplesmente deixei de perguntar.

- Priska era gadita.

As palavras de Seth, a princípio, soaram estranhas aos ouvidos de Jael.

- Gadita?

- Ela era filha de Héber, o Velho, com Vasti, a líder de nosso Conselho.

Percebendo que Jael estava atordoada demais para interromper, Seth deu um longo suspiro e continuou.

- Priska foi criada entre nós, a fim de exercer a função da mãe, uma líder do Conselho de Gades. Essa função, assim como a função de qualquer um de nós, conselheiros, sempre foi passada de geração em geração. Mas Priska não queria estar presa ao Conselho. Ela dizia que nós estávamos surdos e cegos para os sinais da Profecia.

- Minha mãe acreditava na Profecia?

Seth sorriu.

- E como acreditava! Ela era exatamente como você. Impetuosa, teimosa... Quando sua avó descobriu que ela fazia constantes visitas ao nosso lago “sagrado”, como dizem as crianças, exigiu que ela parasse. Ambas tiveram uma discussão muito séria que resultou na fuga de Priska.

Jael imaginou o dilema da mãe. Fugir do Conselho era ser exilada pelo povo. Uma falta tão grave quanto ferir de morte uma pessoa. No entanto, ela preferiu seguir seu próprio coração.

- Priska procurou o pai e passou a viver entre os queneus. Lá ela conheceu Jonas, seu pai, Jael. Ele não era apenas um caravaneiro. Naquela época, os queneus lutavam contra os mercenários alistados por Jabim e procuravam proteger a estrada, a fim de torná-la mais segura para os viajantes. Priska e Jonas lideravam esse grupo de guerreiros.

- Meus pais eram guerreiros que acreditavam na Profecia? Por que nunca

me disseram nada? Por que isso era tão terrível?

Seth ergueu a mão pedindo paciência.

- Tudo ao seu tempo, filha. Não me apresse. Jonas e Priska casaram-se e ela engravidou. Aquela gravidez a deixou estranha, calada. Héber a questionou e ela revelou ao pai o que vira em uma das visitas ao lago, quando ainda estava em Gades. Ela disse que, na ocasião, uma estrela brilhava na água com tal intensidade que ela teve que cobrir os olhos. Na mesma hora, ela escutou uma voz: “Essa estrela que você está vendo, brotará de dentro de você”.

Jael sentia os olhos marejados de lágrimas.

- Quando você nasceu com o sinal da estrela nas costas, sua mãe compreendeu o que a voz no lago queria dizer. Mas era um perigo que você crescesse ali, tão perto de Hazorah. Priska e Héber estavam em pleno debate quando receberam a visita de Hulda com Deborah em seus braços. Sua mãe, imediatamente teve uma idéia. Ela sugeriu que as crianças fossem para Gades e que lá crescessem, longe e protegidas. Foi assim que você chegou aqui. Héber revelou a verdade apenas para mim. Ele tinha outras filhas que podiam ser sua mãe. Você foi acolhida aqui como a neta de Héber, não como filha de Priska. Poucos dias depois, seus pais caíram numa emboscada e morreram em Haros, a fortaleza de Jabim, que futuramente seria comandada por Sísera.

- Meus pais morreram em uma prisão?

Aquilo foi demais para Jael. Ela levantou-se e deu alguns passos ficando de costas para Seth.

- Por que ninguém podia saber que eu era filha de Priska?

- O Conselho havia decidido apagar a memória de Priska com o exílio. Nós não acreditávamos na Profecia. A atitude dela foi comparada a uma traição. Ficou decretado que Vasti perderia seu cargo no Conselho e sua descendência seria cortada de nossos anais. O nome de sua mãe tornou-se proibido até de ser mencionado. Sua volta a Gades era impossível. Se soubessem que você era filha dela, não teriam permitido que ficasse aqui.

Jael virou-se para o velho.

- Mas você sabia e permitiu. Por quê?

Seth sorriu com ternura.

- Lá dentro de meu coração, eu sabia que Priska estava certa. Nunca me coloquei contra o Conselho, mas ponderava tudo e aguardava por respostas. Eu não compreendia qual era a força que impulsionava sua mãe a nos deixar. Quando Héber chegou aqui com você e Deborah nos braços... Quando eu vi os sinais e soube de quem você era filha, percebi que nós estávamos cegos e surdos, como sua mãe havia dito. Ela havia sido escolhida para ser a mãe de

uma Luminar.

Jael voltou e ajoelhou-se diante do velho. Ela o encarou com os olhos lacrimejantes.

- Seth, por que isso foi mantido em segredo até agora?

- Porque o decreto contra Priska não foi anulado. Sua presença entre nós não seria mais possível, mesmo sendo uma Luminar.

Jael piscou várias vezes tentando assimilar aquelas palavras.

- Ainda está valendo? Mesmo depois de provado que a Profecia era real? Minha mãe foi uma heroína de Hedhen. Ela lutou pela Profecia! A memória dela deve ser honrada.

Seth não tinha palavras.

- Convoque o Conselho – ela falou com autoridade.

- Jael...

- Eu respeito você, Seth. Eu amo essa terra. Amo mais agora, sabendo que o sangue de Gades corre em minhas veias. Mas não vou tolerar que o seu Conselho fale mais alto do que os Tronos. Faça a convocação.

Ele abaixou a cabeça com um suspiro.

- Eu farei o que me pede.

O Conselho se reuniu naquela mesma noite, a portas fechadas. Seth, o Convocador, sentou-se no lugar de honra. Jael havia explicado rapidamente o teor da sua conversa com Seth para Héber, Deborah e Hulda. Os quatro tomaram assento do lado direito de Seth. O Conselho era formado por dez homens e dez mulheres, todos eles já avançados em idade, já que o cargo era sempre vitalício e raramente morria-se jovem na terra de Gades. Os anciões olhavam ansiosos para o Convocador. Seth levantou-se e pôs as mãos sobre a mesa. Esta tinha a forma de um círculo. No espaço que se abria no centro da mesa, uma chama ardia sobre uma coluna, lembrando o reinado dos Tronos na Cidade Dourada.

- Vocês devem estar se perguntando o motivo de uma convocação tão rápida e inesperada.

Muitas cabeças assentiram em concordância.

- A verdade é que estamos aqui, esta noite, para votar pela revogação de um antigo decreto.

Jael perscrutou o rosto daqueles sábios e viu a mesma austeridade que vira no rosto de Finéias, antes da Guerra de Salema. O rosto de pessoas presas as tradições que consideravam invioláveis. Um dos mais velhos dos homens ergueu a vara que cada ancião levava consigo representando sua função. Era o sinal para falar.

- Sim, Alfeu – disse Seth. – A palavra é sua.

- Os antigos decretos foram esquecidos há muito tempo. Ninguém se lembra mais deles e nem de suas causas. O retorno dos Tronos os tornou obsoletos. Então, eu lhe pergunto o motivo de trazer esse assunto em votação?

- Pelo que entendo de suas palavras, o perdão para todos os decretos já foi liberado? – manifestou-se Hulda. Na qualidade de profetiza pertencente ao Conselho da Cidade Dourada, ela podia fazer soar sua voz ali.

Um homem de aparência um pouco mais jovem do que Alfeu, ergueu a vara.

- Isso deveria ser um fato. Mas, diga-nos Seth, a que decreto específico se refere?

Seth olhou para Jael e a moça se levantou. Ela olhou em volta e fitou cada um daqueles rostos enrugados que a viram crescer.

- O pedido partiu de mim – ela disse. – Eu peço a revogação do decreto contra Priska.

Se um raio tivesse caído no meio da sala, atravessando o teto, não teria causado maior alvoroço.

O mesmo homem de antes se ergueu encolerizado e alteou a voz.

- Há perdão incondicional para todos os decretos, menos para este! Ele é e sempre será irrevogável!

- Por qual razão? – perguntou Jael, enquanto tentava manter a calma. – O que o torna tão terrível?

Uma mulher forçou-se a ficar de pé, apesar das pernas trêmulas.

- O Conselho há muito tempo decidiu que este decreto seria criado sem direito a revogação, pois era o único que julgava um ato contra o próprio Conselho.

- Que tipo de ato? – instigou Jael.

- Traição! – gritou o homem.

Dessa vez, Jael não se conteve. Pulando por cima da mesa, ela se colocou no centro.

- Traição? – ela perguntou olhando fixamente para o homem. – Priska foi condenada por vocês através de sua ignorância!

O homem quase engasgou.

- Como ousa?...

- Eu ousar, porque eu posso ousar! Aquela mulher morreu lutando pela causa da Profecia. Uma Profecia que vocês haviam matado em seus corações. Estavam confortáveis demais em sua terra abençoada para se preocupar com o mundo. Enquanto isso, Hedhen morria aos poucos! Pelo ato dela, um Luminar

veio ao mundo e pôde ajudar a erguer os Tronos.

O velho Alfeu piscou aturdido.

- O que está querendo nos dizer, filha? Por que esse decreto significa tanto para você?

Jael suspirou e olhou para Deborah. A irmã permanecia sentada, apenas ouvindo e respeitando o debate. Ela meneou a cabeça indicando que Jael fosse em frente com a revelação.

- Eu sou a filha de Priska – a voz dela soou controlada.

Alfeu balbuciou alguns resmungos indecifráveis. A velha mulher trêmula voltou a sentar. O homem colérico, porém, encarou-a com incredulidade.

- O que isso tudo quer dizer?

- Minha mãe recebeu a revelação de meu nascimento em uma das visitas ao Lago Sagrado. A partir desse momento, seu coração foi totalmente voltado para a Profecia. Ela se foi porque sabia que seu destino não era aqui. Por toda a sua vida, até a sua morte dentro de uma prisão em Haros, ela lutou por nossa causa. Pela causa dos Tronos. Ela foi uma heroína de Hedhen. Por que guardar tanto ódio que aponta apenas para o orgulho ferido? Quero pedir a revogação desse decreto por dois motivos: primeiro, para trazer de volta com honras merecidas, a memória de minha mãe; segundo, porque se isso não for feito, como cumpridora das Leis de Hedhen, é meu dever respeitar o desejo de cada povo. Portanto, essa será minha última visita a Gades, caso sua resposta seja não.

Deborah, nesse momento, levantou-se para falar. Todos os membros do Conselho olharam para ela com apreensão, pois ali estava a maior autoridade entre eles.

- Há mais um motivo, Jael. O novo rumo que nosso mundo está tomando, com o advento de uma nova Profecia, nos traz a necessidade de união. Se Hedhen, não importa em que quantidade, continua a manter coisas que já deviam ter caído por terra, com certeza abrirá um grande buraco e dará legalidade para o avanço do mal. Foi preciso Jael vir até aqui, para que houvesse um equilíbrio em seu poder de luz. Da mesma forma, foi preciso que ela conhecesse a verdade para lhes dá a oportunidade de concertar o erro. Nenhum herói de Hedhen deve ser esquecido. Nenhuma lei antiga e preconceituosa deve ser mantida.

Ela fez uma pausa e passou os olhos pelo Conselho. Todos a ouviam com atenção e em silêncio.

- A verdade é que eu não vou tolerar que algo assim aconteça por simples teimosia. Eu, Deborah, rainha de Hedhen e aquela que senta no Trono da Lua, ordeno ao Conselho de Gades, a revogação desse decreto sem sentido.

Todos se calaram. Diante da ordem direta de um dos Tronos, nenhum Conselho poderia se sentir superior. A intervenção de Deborah foi crucial para aquela pendência.

Mais tarde, Deborah e Jael ficaram um tempo na varanda, antes de dormir. Jael sentia-se aliviada por tudo ter sido resolvido. Apesar dos membros mais antigos do Conselho terem votado a favor da revogação contra a vontade, a maioria parecia consciente da óbvia falta de sentido em manter tal decreto.

- Obrigada por sua intervenção, minha irmã. Sei que não gosta de se impor nos assuntos dos povos livres de Hedhen. Não esperava que fizesse isso. No entanto, sua atitude resolveu a questão.

Deborah sorriu. Ela realmente não gostava de impor sua autoridade, a não ser que esta fosse necessária. A autonomia dos povos era algo que ela e Barak faziam questão de manter em toda a terra de Hedhen. A imposição forçada podia trazer de volta a tirania que eles conseguiram derrotar.

- Gades é um baluarte dos dias antigos, Jael. Uma terra de pessoas teimosas e acomodadas as suas tradições. No entanto, são pessoas fortes e adoráveis que possuem uma magia especial. O povo de Gades, assim como a sua terra, é quase místico. Se uma brecha fosse aberta nesse lugar, um desvio que pusesse a Profecia em questionamento, o mal que começa a ser invocado por Jabim poderia causar grandes danos a partir daqui. Foi necessário me impor.

Elas ficaram em silêncio por algum tempo. Deborah sabia que Jael relutava em lhe dizer algo, mas esperou que ela se pronunciasse.

- Amanhã nós iremos partir – disse Jael. – Eu e Héber decidimos nos separar de vocês na estrada que leva para Hazorah.

- Eu já esperava por isso. Você está certa, Jael. O norte precisa de vocês. Os reis de Hazorah devem começar a trabalhar para o fortalecimento de seus domínios.

Jael virou-se para ela e lhe deu um abraço afetuoso, aliviada por ter sido tão fácil dar a notícia.

- Então, boa noite, minha irmã. Hulda cedeu a cabana dela para que eu a compartilhasse com Héber e Davi. Vou me juntar a eles, agora.

- Durma com o coração leve, Jael. Sua mãe será lembrada com honras deste dia em diante.

- Preciso me acostumar com isso.

Jael desceu a escada e Deborah entrou na casa. Ela sorriu ao ver Hulda dormindo profundamente e, ao mesmo tempo, soltando resmungos indecifráveis. Ela ocupava o lugar de Jael. Na cama ao lado, Eva também dormia tranquilamente. Por um momento, Deborah sentiu que algo estava para

acontecer com sua filha. Não era algo ruim, mas tratava-se de uma coisa na qual ela, a mãe, não poderia intervir. Com a presença do Pai em seu coração, ela se tranqüilizou e deitou-se ao lado da filha. Dormiria sem preocupações, pois Ele estava no controle.

- Eva!

A menina acordou ao ouvir seu nome. Foi como um sussurro em seu ouvido. Ela olhou para o lado e viu que a mãe dormia. Na outra cama, Hulda parecia desmaiada num sono profundo.

- Eva, levante-se – veio a voz novamente.

Sem pensar duas vezes, ela levantou-se com cuidado para não acordar a mãe, mas foi inútil. Deborah, cujo sono era leve, observava-a ainda deitada. Eva ficou indecisa quanto ao que deveria dizer. Por fim, decidiu pela verdade.

- Eu ouvi uma voz me chamando.

- O chamado foi pra você, Eva. Vá e não tenha medo.

Eva sorriu para a mãe e se foi. Lá embaixo, ela encontrou Davi. O menino olhava fixamente para a saída que levava ao Lago Sagrado. Ela parou ao lado dele e viu o que ele via. O Ancião estava ali e os esperava. Com um gesto na mão e um sorriso no rosto, ele os chamou. Davi a pegou pela mão e os dois seguiram em frente.

O caminho até o Lago Sagrado foi feito em silêncio. O Ancião caminhava alguns passos à frente deles e sua presença era suficiente para iluminar o caminho. Apesar da distância que tiveram que percorrer, eles não se sentiram cansados. Ao chegarem ao local, o Ancião sentou-se na grama de uma forma relaxada. Os meninos sentaram-se perto dele, cada um de um lado. O luar dava ao lago uma aparência mágica.

- Este lago terá um papel importante para vocês, Pequenas Árvores. Vocês deverão mergulhar em suas águas, mas não agora – Ele virou-se e pôs a mão sobre a cabeça de Davi. – Você viu isso.

- E quando será? – Eva perguntou.

- O tempo chegará quando estiverem prontos – o Ancião deu um longo suspiro e seus olhos, encobertos pelo capuz, pareciam fixar o reflexo da lua. – Guardem o que vou lhes dizer dentro do coração. Vocês aprenderão com seus pais. Eles são sábios e serão seus mestres enquanto crescem. Durante esse tempo de preparação, a terra não sofrerá ameaças profundas, mas isso não quer dizer que elas não chegarão. O mal tentará dominar Hedhen novamente e batalhas eclodirão de muitas partes diferentes, no norte e no sul. Vocês experimentarão a guerra e enfrentarão seus medos. Quando isso acontecer, vocês estarão prontos para voltar aqui e mergulhar nessas águas. Será o sinal de

que estão maduros e de que suas folhas estão tenras para a grande viagem que empreenderão.

Os dois não tinham perguntas, pois as palavras foram claras e caíram já enraizadas em seus corações. O Ancião sorriu e levantou-se. Os meninos o imitaram. Ele, então, virou-se para Eva e tomou suas mãos, soprando sobre elas. A menina sentiu o hálito quente penetrar em sua pele e lentamente se acomodar dentro dela.

- Lembre-se das folhas da oliveira, Eva. Elas curam. A vontade está dentro de você, pois a seiva foi posta em seu sangue e misturada a sua vida. Controle esse dom, pois é um presente.

Virando-se para Davi, ele agachou-se e tocou ambos os olhos do menino. Davi cambaleou ao perceber o raio de luz que explodiu para dentro de seus olhos fechados.

- A visão irá guiar você, Davi. Com ela, você salvará muitas pessoas. Não use para ver o futuro, pois essa não é a sua função. Deixe apenas que ela venha lentamente até você, como o óleo que escorre pelo tronco da oliveira. Receba-a como um presente.

Em seguida, dando um beijo na testa de cada um, ele sorriu.

- Voltem agora. O caminho estará claro para vocês, pois parte de mim lhes foi entregue.

- Nos veremos de novo, senhor? – perguntou Eva.

O homem sorriu.

- Muitas vezes, minha criança. Não os deixarei sozinhos em seu caminho.

Eles seguiram para a trilha, mas quando se viraram o Ancião não estava mais lá.

Eles partiram de Gades no dia seguinte. Jael partia com a sensação de deixar uma parte de sua vida resolvida, mas também acalentava desejos no coração. Um deles era ir até a antiga cidade-prisão de Haros. Agora que conhecia a história de seus pais, ela desejava conhecer de perto o local em que eles viveram seus últimos dias. Próximo à estrada que levava para Hazorah, eles se despediram. Jael, Héber e Davi seguiram para casa, enquanto Deborah, Eva, Hulda, Rute e Rebeca permaneceram na estrada reta para o sul, em direção à Cidade Dourada.

Ao chegarem, Barak as esperava na escadaria. Ele abraçou e beijou as duas mulheres de sua vida. Tiraram o dia inteiro para descansar da fadiga da viagem. Durante a noite, eles se reuniram na sala de reuniões abaixo da torre. Estavam presentes Barak, Deborah, Eva, Hulda, Sangar, Noa, Maalá, Sarah e Eunice. O grupo deu oficialmente o relatório de sua viagem e o resultado de sua busca.

Eles já haviam contado tudo a Barak, mas aquele era o momento crítico para se tomar as decisões.

- As Cavernas de Fogo não ficarão abandonadas por muito tempo – disse Sangar. – O que fizemos foi apenas atrapalhar seus planos iniciais.

- E isso é tudo o que podemos fazer por enquanto – Deborah falou. – Não vamos poder impedir que ele abra o caminho para essas cavernas através de outras rotas. Aliás, quantas Cavernas de Fogo não devem existir naquele deserto? Não temos como saber. Jabim está desaparecido há anos.

Ela virou-se para Noa.

- A Ordem tornou-se um grande exército, assim como as amazonas. Trabalhando em conjunto, acredito que poderemos manter as fronteiras guardadas e proteger as pequenas aldeias. Isso evitará que Jabim consiga a mão-de-obra escrava de que tanto necessita.

- Foi exatamente isso que eu imaginei fazer – disse Eunice, com certa timidez.

- Imaginou certo – sorriu Deborah.

Barak se pôs de pé.

- Nossa maior prioridade, nesses tempos que virão, será manter o local do Poço das Origens em segredo. Esse, se descoberto, seria o maior trunfo de Jabim. O escudo de proteção tem sido útil, mas apenas porque o nosso atual inimigo ainda não o percebeu.

- Quando iniciarmos as defesas, um grupo da Ordem será especialmente escolhido para fazer esta proteção externa – falou Maalá.

Havia tanta firmeza na voz da mulher, que Deborah olhou para Noa em busca de explicação.

- Maalá fala com autoridade, embora a comandante da Ordem esteja aqui entre nós. Tem algo a nos dizer, Noa?

A mulher respirou fundo, e olhou para Sangar em busca de apoio. O marido lhe lançou um olhar de encorajamento.

- Eu pretendo voltar com Sangar e iniciar uma nova vida na Floresta de Quedes. Eu sei que o norte também estará se preparando. Peço a permissão dos Tronos para me desligar da função de comandante da Ordem de Zelofeade e passar essa função para Maalá, que é tão capacitada em conhecimentos e batalhas quanto eu.

Deborah olhou para o marido e viu que ambos entendiam o dilema de Noa.

- Você tem a nossa permissão e nossa bênção, Noa – disse Barak.

- Sentirei sua falta, minha amiga, mas não posso exigir que abra mão de sua vida para ocupar uma função que também será útil em Quedes. Você e

Sangar merecem construir uma vida juntos e somar suas forças nas lutas que virão – disse Deborah.

Sangar apertou a mão da esposa. Deborah virou-se para Maalá.

- A Ordem e nossas defesas estarão em boas mãos tendo você como comandante, Maalá.

A rainha percebeu o alívio, e também o orgulho, na expressão da mulher. Sim, Maalá era capaz.

Em seguida, Sarah contou a Deborah sobre a presença dos Amins, filhos de Ogue. Por um momento, a Herdeira ficou em silêncio, refletindo sobre os últimos acontecimentos em Gades.

- Sarah, nossa ida até Gades teve um propósito que somente agora ficou claro para mim. Suas palavras descortinaram o verdadeiro motivo para o que aconteceu. Os filhos de Ogue são inimigos lendários de Gades. Talvez nem os mais velhos do Conselho tenham chegado a ver um Amim de perto. A forma com a qual Jabim conseguiu alcançá-los nos é desconhecida.

- Penso que talvez a investida de Jabim, quando ele estiver pronto, deva começar pelo norte – se pronunciou Hulda. – Mais precisamente por Gades.

- O que devo fazer? – perguntou Sarah.

- Você deve voltar para o norte e compartilhar essa informação com os Tronos de Hazorah. Jael e Héber saberão o que fazer – respondeu Deborah.

- Os Tronos de Hazorah? – Sarah parecia confusa.

Deborah sorriu.

- Héber é um de nós, agora. O Pai o marcou com um sinal.

Aquela notícia foi um refrigério para todos, pois significava que o poder da luz havia ganhado mais força.

Finalmente, sozinhos após a reunião, Barak, Deborah e Eva subiram para a torre. A Cidade estava escura e adormecida. A paz ainda era uma realidade. Eles sentaram-se na borda do poço das visões, de frente para uma das janelas. Eva subiu no colo do pai e Barak a apertou contra si, sentindo o cheiro e a maciez dos cabelos da filha.

- Então, Héber agora é um Luminar – ele comentou. – Não achei que algo assim seria possível.

- Nenhum de nós imaginava isso. Mas como Otoniel uma vez falou, o Luminar da Estrela guarda muitos mistérios.

- Existe um propósito, não existe? – perguntou Eva. – Quero dizer... Minha tia foi direcionada pelo Ancião, isso quer dizer que existe um propósito.

- É verdade, querida – Barak sorriu. – Foi esse propósito que tornou isso possível, embora não possamos identificá-lo ainda.

- A direção veio do alto – Deborah falou olhando para o céu estrelado. – Mais uma estrela brilha no céu de Hedhen. O poder da luz recebeu mais forças, e isso não poderia vir numa hora melhor.

Eles ficaram em silêncio por alguns momentos, apenas apreciando a companhia uns dos outros.

- O Ancião falou comigo e com Davi antes de partirmos de Gades – revelou Eva.

Deborah olhou para o rosto sério e compenetrado da filha.

- E o que ele disse?

- Ele soprou em minhas mãos e tocou nos olhos de Davi. Disse que estávamos recebendo dons como presentes. Disse também que deveríamos aprender a controlá-los, e que no tempo certo voltaríamos aquele Lago em Gades para nos banharmos nele.

- Então, o seu destino foi traçado diante de você – comentou Barak.

- Ele disse também que deveríamos ser ensinados por vocês, e que, devido a sua sabedoria, seriam os melhores mestres.

- Isso nós já havíamos decidido fazer – Barak sorriu.

- Tem mais uma coisa... – ela hesitou.

- E o que é? – perguntou Deborah, apreensiva.

- Ele disse que nós deveríamos experimentar a guerra que virá, a fim de enfrentar nossos medos.

Deborah e Barak trocaram um olhar cheio de preocupação.

- Não sei se gosto dessa idéia – disse Deborah.

Barak tomou a mão dela e a apertou com firmeza.

- São ordens do alto, lembra-se? Isso quer dizer que temos uma grande responsabilidade pela frente.

Eva olhou sério para eles.

- Quero começar meu treinamento logo. Estou pronta para isso.

Deborah deu um longo suspiro e voltou a olhar pela janela.

- Que seja, então, Pequena Oliveira.

Naquele mesmo momento, em Hazorah, Héber, Jael e Davi estavam deitados no campo próximo ao rio. Eles haviam saído para uma cavalgada noturna e resolveram pernoitar ao ar livre. O palácio, às vezes, era sufocante. Davi, deitado entre eles dois, acabava de contar a mesma história que Eva. Héber apoiou-se no cotovelo e olhou para o filho com incredulidade.

- O Ancião disse que vocês deveriam experimentar a guerra? Não acho que isso seja certo.

- Héber, eu também não gosto disso, mas se a ordem veio do Ancião...

- Jael, estamos falando da possibilidade de nosso filho ir à guerra!

Ela sentou-se e olhou para o marido.

- Davi ainda é um menino, mas logo será um homem. A guerra não chegará até nós antes que ele cresça. Até lá, eu farei o possível para que ele esteja preparado para enfrentar qualquer coisa.

Héber ainda não estava convencido.

- Acredita tanto assim na palavra do Ancião? Isso não lhe causa medo?

Jael sorriu com suavidade.

- Eu cheguei até aqui, Héber, por acreditar na palavra dele. Respondendo a outra pergunta, é claro que eu tenho medo! – ela sorriu e afagou a cabeça do filho. – Mas sei que temos um menino corajoso, e que não irá demorar muito para que se torne um guerreiro como o pai.

Davi virou-se para Héber.

- Eu quero ser como você, pai. Gostaria que acreditasse que sou capaz.

Héber beijou a testa do filho.

- Eu acredito em você, Davi. Preocupo-me pelo fato de ser meu filho. Às vezes, eu acho que sou mais mãe do que Jael, pois meu coração é mole e fácil de derreter.

Jael não conteve a risada diante do comentário do marido.

- Acho que nisso o seu pai tem razão.

Davi sorriu e olhou de um para o outro.

- Amo vocês e sei que vão fazer o melhor por mim. Serão os melhores mestres que eu poderia ter.

SEGUNDA PARTE

Intervalo de Tempo – Cinco Anos Depois

Capítulo 25

Água Envenenada

A fábrica de barcos localizada em Kafar, no norte do Lago dos Ventos, era muito procurada pelos comerciantes que necessitavam levar seus produtos para além da Montanha Branca. Héber observou o galpão de onde saíam os barcos já prontos e lembrou-se de quando esteve ali com o grupo que acompanhava Barak. Eles aportaram naquele local após o ataque inesperado de uma gigantesca serpente. Naquela época, a fabricação de barcos era apenas um sonho. Na atualidade, Kafar conseguiu a façanha de ter os barcos mais resistentes para viagens longas, graças a madeira que vinha diretamente da Floresta de Cedro a oeste da Montanha Branca. Ao seu lado, observando tudo com os braços cruzados e as pernas separadas, estava um jovem de quinze anos. Era um pouco mais baixo que Héber, tinha pernas grossas e musculosas, típicas de quem passa muito tempo se exercitando. Os cabelos cacheados eram quase da cor do mel, assim como os olhos. O tórax e os braços também tinham músculos firmes e em desenvolvimento para um rapaz tão jovem. Ele usava uma camisa branca por sobre a calça azul escura dos queneus. A camisa era presa na cintura por uma faixa também azul. Nas costas, um grande arco de madeira escura e uma aljava cheia de flechas. Héber o olhou com orgulho.

- O que você acha, filho? Esses barcos poderiam nos servir?

Davi olhou para o pai e sorriu.

- Essa pergunta não tem sentido, meu pai. Estamos aqui justamente porque sabemos o que estamos procurando.

Héber suspirou.

- Sei disso. No entanto, gosto de ouvir uma segunda opinião.

Davi caminhou até o lado de um dos barcos e pôs a mão sobre a madeira que o revestia. O rapaz passeou a mão sobre a superfície lisa e polida e, em seguida, virou-se para o pai.

- A madeira é forte. Esses barcos podem agüentar muito peso em viagens longas.

- Foi o que pensei.

Davi voltou para junto do pai com a expressão séria e ansiosa.

- Este seria um bom momento para me dizer o motivo para querer esses barcos. Não acho justo acompanhá-lo em uma viagem sem conhecer seu objetivo.

Héber respirou fundo. Apesar do tempo, o processo de envelhecimento em Hedhen, após a volta dos Tronos, tornou-se um processo lento. Esse processo só era mais acelerado nas crianças. Quando elas, porém, atingiam uma idade madura, o tempo começava a andar mais lentamente. Héber, portanto, conservava a mesma força e aspecto de antes. Isso maravilhava Davi.

- Os Tronos da Cidade Dourada nos mandaram relatórios preocupantes através do poço das visões – explicou Héber. - As fronteiras estão em guerra acirrada. Foi necessário o alistamento de homens e mulheres no exército. Eunice, inclusive, passou a liderar um exército de homens, além de suas amazonas. Todos querem lutar pela preservação de Hedhen.

Ele fez uma pausa e viu que o filho o escutava com atenção.

- Deborah nos pediu para providenciar mantimentos e armas para as tropas na fronteira, já que os ataques de piratas mercenários têm impedido que os recursos cheguem até as tropas por terra.

- Os barcos, então, vão servir para levar esses recursos através do Grande Rio – concluiu Davi. – A correnteza é forte e chegarão rápido ao seu destino.

- Isso mesmo. Além disso, futuramente podemos precisar deles para enviar forças de apoio.

- Espero que isso não venha a ser necessário.

Héber notou uma sombra no olhar do filho.

- O que foi, Davi? Você viu alguma coisa?

O rapaz balançou a cabeça, tentando desembaralhar os pensamentos que ainda eram confusos, quando misturados com as visões. Ele se irritava por ainda não conseguir dominar o seu dom.

- É mais um pressentimento – ele falou com a voz baixa. – Um grande ataque pode vir pelo norte, pai. Precisamos nos preparar para isso.

Na Cidade Dourada, enquanto outro relatório preocupante, relativo às fronteiras, era recebido pelos Tronos, no anfiteatro uma moça treinava com sua égua chamada Terra. O animal era forte e vigoroso, com o pelo quase avermelhado e manchas brancas pelo corpo. A jovem que o montava era alta para sua idade e tinha longos cabelos louros que usava solto e trançado. O arco

branco e a aljava com as flechas descansavam em um suporte na lateral da sela de Terra, ao alcance de sua mão. Ela tinha um corpo atlético e bem proporcionado. Eva tentava fazer Terra saltar um obstáculo, mas a teimosia da égua começava a tirar sua paciência. Na realidade, a irritação dela se devia mais ao fato de ser impedida pela mãe de acompanhar Rute e Rebeca na tropa de apoio enviada pela Ordem. Cansada, ela desmontou e levou o animal de volta para a baia. Enquanto lavava o rosto, ela percebeu a presença de sua mãe na porta da estrebaria.

- Sei que está aborrecida por eu não ter deixado você seguir a tropa, mas eu tive um bom motivo para isso.

- E o que seria? Preocupação?

Deborah suspirou.

- Não, Eva. Esta manhã eu fui informada de um surto de febre nas montanhas. Zipor veio até mim porque a doença é estranha e foge ao que é natural. Pessoas estão morrendo muito perto de nós. Preciso de sua ajuda, filha. Apenas as minhas ervas não serão suficientes. Sinto que precisarei de suas mãos também.

Eva olhou para as próprias mãos com insegurança.

- Ainda não me sinto pronta para controlar o meu dom.

- Acho que é uma boa hora para descobrir. Você vem comigo?

Ela encarou a mãe por alguns segundos.

- Se não fosse por isso, você teria me deixado ir com a tropa?

Deborah sorriu.

- Sim, eu teria. Por mais que eu tema pensar em você no meio de uma guerra, sei que não posso impedir que isso aconteça.

Eva retirou Terra da baia. A égua relinchou feliz, antecipando a cavalgada. Lá fora, Bruma aguardava a dona. Mãe e filha montaram e saíram em disparada na direção das montanhas.

A aldeia que fora acometida pela febre ficava encravada no sopé da montanha, tendo algumas casas construídas em nível elevado. Zipor as aguardava na entrada. Ao lado dela havia um homem rude, mas bonito. Era o irmão gêmeo de Ofra. Ele pegou os cavalos e Zipor guiou as duas mulheres para a casa usada como enfermaria. Antes que elas entrassem, Zipor lhes tomou a frente.

- Não sabemos como se dá o contágio.

Deborah pôs a mão no ombro dela e sorriu.

- Não se preocupe conosco. Somos imunes a isso.

Ela olhou para Eva e a moça respirou fundo.

- Estou pronta. Vamos?

Elas entraram. A casa transformara-se numa enfermaria. Todos os leitos já haviam sido ocupados e os doentes que chegavam começavam a ocupar o chão. Deborah ajoelhou-se diante do leito de um homem de aspecto vigoroso. Devia ser um lenhador, ou agricultor. Ele tremia e os cabelos grudavam em sua testa úmida. Ela afastou o lençol e examinou a pele sem encontrar manchas ou sinais. Quando ela o tocou teve um sobressalto. A temperatura era gelada! Ela ergueu os olhos para Zipor.

- Eu disse que era uma febre fora da normalidade – disse a mulher.

- E você estava certa. Essa não é uma febre de origem física. É espiritual. Essa aldeia sofreu algum tipo de encanto. Algum mago obscuro deve ter passado por aqui.

Eva sentiu a mão esquentar na presença daquele homem. Ela ajoelhou-se ao lado da mãe e ergueu as mãos sobre ele. Uma luz verde começou a fluir delas. A moça fechou os olhos e pousou uma das mãos na cabeça do homem, enquanto a outra fazia movimentos no ar tentando abranger o resto do corpo. Em questão de minutos, a febre o deixou e ele dormia tranquilo. Ela olhou para a mãe.

- Eu farei o que puder aqui. Por que não tenta encontrar o que está causando isso?

Deborah parecia preocupada ao olhar em volta.

- São muitos, Eva. Acha que pode fazer isso sozinha?

- Nem todos vão escapar, mãe. Meu dom só é requerido por aqueles que ainda lutam pela vida. E eles não têm muito tempo. Além disso, suas ervas não terão muita utilidade aqui, já que vai além da esfera física.

Deborah concordou e saiu com Zipor. Lá fora, as pessoas estavam assustadas.

- De onde vem a água que é compartilhada pela aldeia? – Deborah perguntou.

- De uma nascente que fica quase no meio da montanha. Existe uma trilha que os aldeões criaram para se chegar até ela. Acha que lá pode estar a origem do encanto?

A rainha suspirou.

- A água é o único elemento que todos usam e que vem de uma mesma fonte. Não consigo imaginar outra coisa.

Zipor percebeu a tristeza nos olhos da rainha. Deborah sofria pelo povo.

- Sabíamos que tempos ruins chegariam – disse a velha parteira. – A grande diferença é que nossa rainha nos ama e cuida de nós.

Deborah deu um débil sorriso.

- Me mostre onde fica a nascente. Eu quero examiná-la.

Zipor a guiou até o início da trilha.

- Gostaria de ir com você, mas minhas pernas não agüentam essa subida.

- Eu voltarei logo.

Deborah subiu a trilha com passos ligeiros, quase correndo. Ela tinha pressa.

Eva sentia-se cansada, mas ao ver as pessoas renovarem suas forças e sair da enfermaria com as próprias pernas, ela resolveu continuar o trabalho de cura. Diante da doença espiritual, seus dons eram manifestados sem a sua vontade. Não havia controle e nem domínio, apenas uma resposta, uma reação. Ao usar seus dons para curar um garotinho, ela se ergueu para ir ao outro leito e cambaleou. Um dos velhos curandeiros, que servia de enfermeiro, amparou-a.

- A princesa precisa descansar. Já fez uma grande obra aqui.

Mas ela se recusava a descansar. Não faria isso, enquanto tivesse alguém ardendo em febre e lutando pela vida.

- Eu estou bem – ela disse, tentando se firmar nas pernas. – Ainda posso ajudar mais pessoas.

O velho suspirou e a deixou ir, mas resolveu ficar atento ao que podia acontecer com aquela moça de mãos mágicas.

Quando Deborah chegou ao fim da trilha, viu a fonte que abastecia a aldeia. A água escorria abundantemente pelas pedras, brotando diretamente do solo. Ela caminhou pela margem do estreito fio de água que mais adiante se converteria em um riacho. Logo de início, ela não atentou para o cheiro. Era um cheiro adocicado, talvez pertencente à própria vegetação do lugar. Foi então que ela viu o pó. Um pó amarelado grudado nas pedras do leito da nascente. Abaixando-se, ela o tocou e em seguida, levou os dedos ao nariz. Uma tontura a acometeu e ela, imediatamente, levantou-se dando dois passos para trás. Com a tontura veio a lembrança. Aquele pó fazia parte do arsenal usado por Onri, quando este estava sob o serviço de Atalia. Ela se lembrava muito bem daquele cheiro, pois o sentira quando estava presa em Salema.

Voltando a olhar para a água, ela abaixou-se e tocou em sua superfície contaminada. Com uma prece ao Grande Pai, ela começou a purificar a água. Alguém usara uma magia comum para atingir pessoas inocentes, mas por quê? Com qual propósito alguém iria querer atingir uma aldeia remota das montanhas? Felizmente era uma magia que ela podia anular. A água borbulhou ao seu toque e, em seguida, todo o pó amarelado desapareceu,

menos uma pequena porção que ela havia raspado e guardado em sua inseparável bolsa de viagem. Ela desceu pela trilha, ainda cheia de questionamentos.

Zipor levantou-se ao ver a rainha voltar. Deborah, apesar de tentar parecer tranqüila, não podia enganar a antiga parteira.

- O que aconteceu? Você parece perturbada.

- Não foi nada, Zipor – Deborah não queria assustar a mulher com algo que nem ela mesma compreendia. – A fonte foi purificada. Diga ao povo que pode beber a água sem medo.

- Essa é uma boa notícia. O que encontrou lá em cima?

- Algo que eu não esperava encontrar – ela olhou para Zipor e sorriu. – Não lhe esconderei nada, mas no momento não possuo as respostas que me pede. Assim que as tiver, porém, você saberá.

Quando elas retornaram para a enfermaria, o curandeiro-chefe as esperava com um sorriso.

- A cura foi completa neste lugar! A jovem princesa resgatou muitos da morte, hoje.

- Onde está minha filha? – Deborah perguntou.

O homem a guiou até um leito no canto do aposento. Eva dormia profundamente.

- Ela praticamente desmaiou por cima de um garotinho, enquanto o curava. Deborah abaixou-se e tocou no rosto da filha.

- Foi um grande esforço para ela – disse o homem.

Eva sentiu o toque da mãe e abriu os olhos.

- Eu dormi? – ela tentou levantar, mas Deborah a impediu gentilmente.

- Descanse mais um pouco. Está tudo bem, agora.

Eva olhou em volta e viu os leitos vazios.

- Onde estão os pacientes?

- Foram para casa, Alteza – falou o curandeiro. – Suas mãos os curaram. Até mesmo aqueles que estavam na beira da morte.

A moça olhou assustada para a mãe.

- Eu fiz isso sozinha?

- Sim, minha Pequena Oliveira, você fez.

Eva olhou para as mãos com aturdimento.

- Eva, você entende agora os propósitos do Pai? Se eu tivesse permitido que fosse com a tropa, não poderia ter salvado a vida dessas pessoas.

- Mas, como vou saber, mãe? Como vou saber quando for a vontade dele e não a minha?

- Comece tirando a ansiedade do seu coração. Não a impedirei de ir à guerra quando chegar a hora, mas até lá, confie no meu julgamento. É tudo o que lhe peço.

Eva sorriu e concordou com um aceno de cabeça.

Quando Eva se sentiu mais forte, elas voltaram para a Cidade Dourada. A moça, de vez em quando, lançava um olhar desconfiado para a mãe. O silêncio de Deborah a inquietava.

- Quando vai me dizer o que a está preocupando?

Deborah a olhou com a testa franzida.

- Não tenho a intenção de esconder nada de você. O problema é que às vezes eu me perco em minhas próprias reflexões.

Eva sorriu.

- Tudo bem, eu perdôo você. Agora, me diga o que a deixou assim?

Deborah suspirou e voltou a olhar para frente.

- Eu descobri o que estava contaminando a água da aldeia, e não gostei do que vi.

- E o que foi?

- Os magos de Babilos, que eram chamados de “sacerdotes” nos tempos da rainha Atalia, costumavam usar vários pós mágicos, que eles criavam com suas feitiçarias. Eu tive a oportunidade de conhecer alguns. Hoje, quando subi até a nascente, vi que havia uma grande quantidade de um pó amarelado espalhado no leito transparente da fonte. Eu senti o cheiro e soube logo do que se tratava.

- Pós mágicos? Acredito que seu poder é maior do que isso, mãe. A prova é que conseguiu purificar a água.

Deborah, tomando uma decisão, resolveu sair do caminho que levava para casa e virou a direita.

- Para onde vamos? – Eva perguntou, forçando a teimosa égua a emparelhar com Bruma, que parecia conhecer os pensamentos da mãe.

- Procurar alguém que pode ajudar. Não é o pó que me preocupa, mas quem o está manipulando. Jabim tem certo atrativo por magos e feiticeiros. Não duvido que eles estejam começando a se infiltrar entre nós, a mando do rei.

- E quem pode nos ajudar?

Deborah suspirou.

- Filha, eu já falei que você tem a mesma paciência que sua tia?

- Várias vezes – Eva respondeu sorrindo.

Em uma clareira escondida na montanha, tinha uma casa de madeira que era ligada à estrebaria por uma parede. Além da porta da estrebaria, outra foi

colocada na parede divisória ligando os dois ambientes. Era útil para se cuidar dos cavalos durante a época de frio. Era esse o lar de Hadassa e Hagai. Eles haviam concretizado sua união em Jopim e fizeram morada naquele espaço solitário. Hadassa aprendera com Hagai a arte do rastreamento, tornando-se tão boa quanto ele. No momento, ela estava sozinha em casa, pois o marido havia seguido com a tropa, na companhia do rei Barak, exercendo a função de primeiro rastreador. Hadassa ficou de prontidão, caso seus serviços fossem solicitados em outra parte. Ela havia acabado de dar banho na sua égua castanha, a arisca Princesa, e sentara-se para saborear uma caneca de leite morno, quando ouviu o som de cavalos se aproximando. Com um suspiro, ela deixou o leite na mesa e foi abrir a porta. Espantou-se ao ver Deborah e Eva surgirem na pequena clareira.

- Por que se esconde tanto, Hadassa? – Perguntou Deborah ao desmontar.

Hadassa sorriu e fez uma leve inclinação com a cabeça.

- A vida nas caravanas é muito barulhenta. Acho que precisava dar um descanso aos meus ouvidos. Mas, o que posso fazer pela rainha? Não acredito que esteja aqui apenas de visita. Conheço seu semblante.

Deborah pôs a mão no ombro da amiga.

- Não posso enganar aqueles que me conhecem.

- Vamos entrar. Compartilhem uma refeição comigo, enquanto eu fico a par da situação.

Deborah relatou à Hadassa o que havia descoberto e todas as suas suspeitas. A rastreadora observou o pó amarelado que a rainha colocou em cima da mesa com certa cautela.

- Não se preocupe. Eu anulei o efeito mágico que ele tinha. Não vai lhe fazer mal.

Hadassa, então, aproximou o nariz e o cheirou. Era um cheiro forte e adocicado.

- Um cheiro bastante peculiar – ela observou. – Gostaria que eu descobrisse o rastro do suposto culpado?

- Não conheço mais ninguém que pudesse fazer isso.

Hadassa sorriu com orgulho.

- Que bom! Já estava mesmo ficando entediada com a companhia dos vaga-lumes à noite.

Eva, que mal havia tocado no leite, ergueu os olhos para a mãe.

- Me deixe ir com Hadassa, mãe.

Deborah a encarou com seriedade, lutando para ser justa. Ela sabia, no íntimo, que a filha estava preparada para qualquer batalha, apesar da pouca

idade. Hadassa notou o seu dilema e decidiu intervir.

- A companhia de Eva seria muito útil para mim, Deborah. Conheço a perícia dela com o arco e a capacidade de se camuflar nos matos durante uma caçada. Nós, rastreadores, muitas vezes precisamos usar apenas um sentido para ler os sinais deixados na paisagem. Dessa forma, os outros sentidos ficam vulneráveis.

Eva pegou a mão de Deborah entre as suas.

- Você foi uma boa mestra, mãe. Não vai me acontecer nada. Mas eu preciso começar a enfrentar meus medos, como disse o Ancião.

Deborah sorriu, tentando parecer conformada.

- Confiarei em você e no que lhe diz o seu coração. Sei que sua ligação com o Pai é tão grande quanto a minha. Mas vou exigir algo de você. Eu não posso me comunicar com sua mente, mas você pode se comunicar com a minha. Ao menor sinal de perigo, se este não for fácil de resolver, me chame.

Os olhos de Eva brilharam.

- Eu farei isso, mãe.

Capítulo 26

Luta com Lobos

Haros, a velha fortaleza-prisão, antigo reduto de Sísera, agora era apenas um monte de ruínas. Cavalgando por entre paredes quebradas e mato espinhoso, Jael e Sarah subiam a colina que marcava o coração do antigo local. De lá se podia avistar a faixa azul do mar. Uma faixa distante e muito estreita, mas para aqueles que estavam por trás das grades, aquela visão representava uma esperança de liberdade. Jael desmontou. Aquela era a primeira vez que tinha a oportunidade de visitar aquelas ruínas desde que soubera ser ali o local da morte de seus pais. A maior parte de seu tempo havia sido direcionada para o treinamento de seu filho. Ela suspirou ao pensar no quanto o tempo passava rápido da infância para a juventude. Davi tornara-se um homem e, agora, seguia o pai como uma sombra.

- Esse lugar está morto – foi o comentário de Sarah ao olhar para baixo e ver a trilha de pedras quebradas que antigamente formavam a prisão de Haros.

- Não é isso o que acontece com todas as ruínas? – a voz de Jael era melancólica. – Além da morte física das pessoas que viveram aqui, existe a morte de sua memória. Uma morte que as apaga da história de seu tempo. A pior das mortes é o esquecimento.

Sarah olhou preocupada para Jael.

- Por que viemos aqui? A memória de seus pais está viva novamente. Não necessitam desse lugar terrível.

- Eu sei, Sarah. Mas eu precisava testemunhar isso. Por muito tempo eles estiveram mortos em minha memória. Eu devo isso a eles e ao que eles foram.

Nesse momento, um vento quente e seco soprou sobre o alto da colina levantando uma nuvem de poeira por sobre as ruínas.

- O que pretende fazer com esse lugar? – Sarah sentiu um calafrio lhe percorrer a espinha. – Faz parte dos domínios de Hazorah.

- Ainda não sei. Talvez eu mande derrubar essas paredes e construir um monumento em seu lugar. Um monumento em honra aos heróis que morreram aqui.

- Não seria má idéia.

Jael sorriu para a amiga que parecia desconfortável naquele lugar desolado.

- Não, realmente não seria uma má idéia – repetiu Jael. – Entretanto, bem ou mal isso faz parte da história de Hedhen.

Sarah cruzou os braços e olhou séria para Jael.

- Jael, esse lugar foi claramente amaldiçoado. Por que Hedhen se interessaria por esse lado soturno da sua história? Não seria melhor apagá-lo de vez?

- Quando se nasce e vive em um mundo perfeito, torna-se difícil discernir o que é mal. Às vezes, nós precisamos de algo para nos lembrar do motivo de sermos agradecidos.

Sarah balançou a cabeça.

- Minha amiga, você me confunde!

Jael virou-se para descer.

- Venha, Sarah. No momento, temos mais coisas para nos preocupar do que com velhas ruínas que não atraem nem animais.

Subitamente as duas pararam e se entreolharam. A frase dita por Jael despertou algo em seus sentidos.

- Por que esse lugar não atrai os animais? – perguntou Jael olhando em volta.

- Como eu disse antes... Pode haver alguma maldição aqui.

Elas ouviram o farfalhar de mato no meio das ruínas e viraram ambas com as espadas nas mãos. Diante delas surgiu a figura esquelética de um homem que, pelas rugas, parecia muito velho. Mais velho do que qualquer um dos anciãos que conheciam, como Seth ou Finéias. Ele as olhava com curiosidade. Jael observou que ele trazia uma sacola amarrada à cintura.

- Quem é você? – Jael perguntou.

- Ismael é o meu nome – ele falou com uma voz firme. – Por que invadiram esse lugar?

Sarah olhou em volta, esperando ver outros homens a espreita.

- Estou sozinho, Mulher da Noite.

- Mulher da Noite? – ela perguntou confusa.

O homem tocou no próprio rosto.

- Sua pele é escura como a noite. Bela e misteriosa.

Jael sorriu do constrangimento de Sarah e baixou a espada.

- Ismael, nós não estávamos invadindo o lugar. Aliás, eu não pensei que alguém ainda vivesse por aqui.

Ele apontou para o lado oposto ao que elas vieram.

- Há um pequeno povoado aos pés da colina. É de lá que sou.

- É um povoado antigo? – Jael tinha esperanças de encontrar alguém que tivesse vivenciado a época de Haros.

- Tão antigo quanto essas ruínas – ele fez um gesto abrangendo a paisagem.

Quando ele virou o corpo algo dentro do saco fez barulho.

- O que você tem aí? – Sarah perguntou desconfiada.

O homem olhou para Jael como se reconhecesse nela a autoridade e aguardasse uma palavra de ordem. Ela ergueu uma sobrancelha, intrigada com a reação dele.

- Devo mostrar?

- Pergunta a mim?

- Por muito tempo andei curvado por esses caminhos. Não é difícil reconhecer um olhar altivo, embora o seu esteja cheio de justiça e bondade. A autoridade flui de você e sou sujeito a ela, mesmo que não a entenda. Acomodei-me a isso.

Jael ficou surpresa com a declaração de Ismael, mas conteve o que queria dizer.

- Por favor, nos mostre o que tem no saco – ela pediu.

Ele, então, pegou nas mãos três pedrinhas negras como carvão.

- Pedras de fogo? – Sarah parecia decepcionada com a revelação do objeto suspeito.

- Existem muitas entre as ruínas. O povoado precisa delas. Os mercadores gostam de comprar. Principalmente aqueles que viajam para o norte, onde o frio pode matar.

Jael suspirou ao ver o céu se avermelhar.

- O seu povoado poderia nos hospedar por esta noite, Ismael?

O homem abriu um grande sorriso.

- A casa de Ismael ficará feliz em receber a Mulher da Noite e a Rainha de Olhos Altivos.

- Agradecemos sua hospitalidade, mas eu gostaria que nos chamasse, simplesmente, de Sarah e Jael – disse Jael rindo e pegando as rédeas de Solaris.

Naquele final de tarde, nas montanhas do sul, Hadassa e Eva chegaram ao povoado. Zipor ainda se encontrava lá e ficou surpresa ao ver a princesa da Cidade Dourada de volta. As duas aproveitaram para fazer a refeição na aldeia e subir a trilha enquanto havia luz. O trajeto seria feito a pé, portanto as duas éguas teimosas foram bem instaladas na estrebaria da aldeia. Hadassa queria analisar os possíveis rastros em volta da nascente antes que a luz do sol se fosse. Enquanto Hadassa buscava ler os sinais não naturais deixados no ambiente, Eva sentou-se quieta com o arco no colo. Ela alisou a superfície clara e sorriu. Era o mesmo arco feito pela tia. A madeira resistia ao tempo e sua superfície clara soltava uma poeira prateada. Quando Hadassa voltou trazia nas mãos um punhado de galhos secos.

- A mata aqui em cima é muito fechada – ela se lamentou. – A luz do sol no entardecer não penetra até aqui.

- Acha que quem fez isso ainda pode estar por perto?

- É possível. Não descarto, inclusive, uma nova tentativa de envenenamento das águas.

Eva não parecia convencida.

- Se forem magos ligados a velha Babilos, com certeza sua inteligência não permitiria que caíssem nesse erro.

Hadassa sorriu diante do comentário da moça. Eva não era mais velha do que ela quando se incorporou ao exército de Deborah. Por isso, era fácil para Hadassa vê-la como uma companheira adulta. Era assim que ela se sentia com quinze anos.

- Você é sábia como sua mãe.

- Não. Eu ainda tenho muito que aprender até ser igual a ela.

Hadassa espalhou os gravetos no chão e rapidamente acendeu um fogo utilizando duas pedras e um galho seco.

- Compartilho de sua opinião. Acho que eles não voltarão hoje e nós não precisamos morrer de frio.

Elas revesaram a vigília da noite. Eva, por estar mais cansada, devido ao esforço de curar os doentes, ficou com o segundo turno. Hadassa cobriu-se com o manto e encostou-se a um tronco de árvore. Ela não vira nada ao redor, mas

uma coisa ficara no ar. O cheiro adocicado daquele pó. Elas não estavam sozinhas.

Eva havia adquirido o sentido apurado da mãe. Mesmo com o corpo e a mente cansados, ela pressentia a presença de uma ameaça. Deitada ao lado da fogueira, ela agarrava-se ao arco e mantinha os dois olhos abertos.

- Durma, Eva – pediu Hadassa. – Vai ser de mais ajuda se estiver com o corpo descansado.

- Tem certeza?

- Não pediria se não tivesse.

Eva finalmente rendeu-se ao cansaço e dormiu. Ela não sabe por quanto tempo manteve-se assim, até ser acordada com uma série de uivos. Em um movimento tão rápido quanto o abrir de olhos, ela já estava de pé ao lado de Hadassa, o arco pronto na mão. A rastreadora brandia uma faca longa na mão direita e uma tocha na esquerda. Elas tomaram posição defensiva, uma de costas para a outra. Os uivos as cercavam.

- Como se sente? – perguntou Hadassa, preocupada.

- Com os sentidos em alerta.

- Isso é bom – murmurou a rastreadora.

De súbito, elas foram atacadas. Eva viu o brilho feroz dos olhos que se refletiam na escuridão e não teve dúvidas quanto ao momento de atirar. Com duas flechas ela abateu dois enormes lobos da montanha, enquanto percebia o corpo de Hadassa ser jogado no chão. Ela traçou para si um ponto de apoio e passou a mirar naqueles animais que ultrapassavam o limite que ela estipulara em sua mente. Dessa forma, ela mantinha Hadassa segura de novos ataques, enquanto esta lutava com seus próprios lobos. A rastreadora era ágil e veloz. A sua faca não errava o alvo, assim como a tocha não deixava que ela fosse atacada por mais de um animal. Quando o último parecia ter sido abatido, Hadassa pegou os gravetos que sobrara e espalhou-os em círculo, tocando fogo logo em seguida. Eva apagou a fogueira com os pés. De vez em quando um lobo uivava de longe.

- Você está ferida? – Eva perguntou com clara preocupação.

- Não, e você?

- Eu estou bem.

Hadassa olhou para a moça com orgulho.

- Você é uma boa guerreira, Eva.

- Eu queria que minha mãe tivesse a mesma opinião que você.

Hadassa pôs a mão no ombro de Eva.

- Ela tem, não duvide disso. Do contrário, você não estaria aqui. É

impossível alguém não obedecer ao comando de sua mãe. Se ela tivesse dito não ao seu pedido, eu estaria aqui sozinha, lutando com esses lobos. Não seria nada bom, eu lhe garanto!

Eva sorriu agradecida.

A casa de Ismael era pequena e rústica. A madeira de que era feita já estava gasta e apodrecendo em vários pontos. Dentro, não havia móveis e nem divisórias. Um fogão de pedra era tudo o que tinha ali, além de alguns sacos amontoados na parede dos fundos. Ele indicou a casa sem constrangimento.

- A minha casa é de vocês esta noite. Eu não me importo de dormir olhando para o céu. Faço isso quase todas as noites.

Sarah notou que o homem era honesto em seu falar. Aquilo a tranqüilizou. O cansaço a fez dormir logo, mas Jael não conseguiu se entregar ao sono. Durante a madrugada, ela ouviu o som de uma flauta. Era um som bonito, rústico. Ela levantou-se e foi para fora. Ismael tocava e saltava ao som da própria música. O velho tinha um vigor que não combinava com aquele lugar abandonado e esquecido. Quando ele percebeu que era observado, fez menção de parar.

- Não pare, Ismael. Sua música alegra esse lugar.

- Costumo tocar e dançar para mim mesmo e para as pedras e animais que me fazem companhia – ele falou, constrangido. – Não sei se consigo fazer isso com a senhora me olhando.

- É uma pena que não consiga – Jael falou com um sorriso.

- O sono a deixou? – ele falou sentando-se no alto de uma pedra.

Jael sentou-se no solo rochoso e cruzou as pernas.

- Não consegui dormir pensando em algo que você falou.

Ismael a olhou cismado.

- Você disse que o povoado é tão antigo quanto as ruínas. É impressão minha ou você conheceu Haros em seus tempos áureos?

O olhar do homem, antes desconfiado, adquiriu uma tristeza alarmante. Jael logo soube ter tocado em um assunto delicado.

- Sim, é verdade – ele respondeu num sussurro, como se as lembranças pudessem trazer o pesadelo de volta. – Eu vivi por muito tempo em uma das celas daquela prisão. O nosso povoado é formado por sobreviventes de Haros.

- Isso não me espanta, Ismael. Na verdade, Haros não é um lugar tão antigo assim, mas suas ruínas dizem o contrário. Parecem pertencer a um lugar com milhares de anos.

- Quando a fortaleza caiu, os sobreviventes quiseram garantir que ela não fosse reconstruída de novo.

Jael o olhou, espantada.

- O seu povo fez isso?

- Sim. Eu participei, quebrando muitas paredes. Eu era jovem e forte quando fui trazido para cá. Sísera ainda não era o mestre do lugar. Era apenas um oficial aprendiz. Um dos mais cruéis.

Jael olhou para o céu cheio de estrelas.

- Meus pais morreram aqui – ela murmurou.

- Seus pais? Quem eram seus pais? – havia uma nota de interesse na voz de Ismael.

- Meu pai era Jonas e minha mãe se chamava Priska.

O homem soltou uma exclamação abafada.

- Seus olhos! Agora sei que já os vi antes! Eu me lembro da mulher. Foi a única a ser levada para Haros. Era uma prisão composta principalmente de homens, pois o rei Jabim enviava seus feiticeiros para mudar a mente dos prisioneiros mais fortes a fim de torná-los vassalos dele.

Jael voltou os olhos para ele sem conseguir articular nenhuma palavra.

- Jonas! Eu me lembro muito bem dele. Um rapaz corajoso. Os feiticeiros não conseguiram usar sua mente, por isso ele foi executado. Mas a mulher não morreu aqui.

- O que você disse?

- A mulher foi levada para o mar.

Jael levantou-se com o coração aos saltos.

- Por que a levaram para o mar? O que aconteceu com ela?

- Eu não sei, senhora. Mas eu me lembro dos homens que a levaram, pois passaram por minha cela. Eram homens altos e de olhar feroz. Não eram piratas e nem mercadores. Usavam armas estranhas.

- Homens estranhos, vindo do mar? – um pensamento impossível passou pela mente de Jael. – Seria possível?

Uma única palavra lhe veio à mente. Nod.

Ana observava a neta caminhar de um lado para o outro no jardim de Shilloh. Deborah havia chegado naquela noite com o rosto cheio de ansiedade, mas a avó nada lhe perguntou. Apesar do frio da madrugada, a rainha de Hedhen parecia encontrar conforto na noite enluarada. Como qualquer avó faria, ela pôs um pouco de chá de ervas em um copo e o levou para Deborah. A neta, quando a viu, parou de caminhar e cruzou os braços para se proteger do frio.

- Há quanto tempo está acordada? – Deborah perguntou aceitando o chá quente.

- Acordei há pouco e vi que não estava dentro de casa. Eu percebi a perturbação em seu rosto quando chegou, mas não quis perguntar do que se tratava. E não vim fazer isso, entenda. Eu só achei que você devia estar com frio.

Deborah sorriu.

- Entendo sua preocupação, minha avó. É a mesma preocupação que me motiva a ficar acordada aguardando notícias.

- Fala de seu marido ou de sua filha?

Deborah suspirou e tomou um gole do chá. A bebida quente logo esquentou seu corpo.

- Eu sei que tão cedo não poderei ter notícias concretas de Barak. A fronteira é longe e não tem como nos comunicarmos, a não ser por mensageiros.

- Então, é Eva o motivo de sua preocupação.

- Eu deixei que ela fosse para uma missão com Hadassa. Irrita-me o fato de que minha visão não alcança minha própria filha!

Ana sorriu e puxou a neta para um dos bancos do jardim.

- Você deve confiar nela, Deborah. Existe uma razão para sua visão ter um limite. A vida de Eva e o caminho que ela vai tomar são duas coisas que dependem apenas dela.

- Não é muito fácil aceitar isso.

Deborah calou-se e ficou olhando para o copo que tinha nas mãos. Ana pousou a mão em sua cabeça.

- O que a fez realmente perder o sono?

- A minha visão não alcança Eva, mas eu posso sentir Hadassa. Elas passaram ou estão passando por algum perigo que eu não sei qual é.

- Aguarde e confie. É tudo o que posso lhe dizer.

Deborah sorriu e deu um beijo no rosto da avó.

- Obrigada por suas palavras. Agora, por favor, volte para cama. Não quero envolvê-la em minha agonia e nem ser a causa de um par de olheiras novas pela manhã.

Ana respirou fundo e fez o que a neta mandou. Deborah ficou observando a avó atravessar o jardim. O chá começava a esfriar entre suas mãos.

- “Mãe” – a voz soou alta e clara na sua mente.

Ela soltou o copo, derramando o chá pelo jardim.

- Eva, o que aconteceu? Vocês estão bem? Eu já estava morrendo de aflição!

- “Nós estamos bem. Não pude me comunicar com você antes porque

estávamos ocupadas matando lobos da montanha”.

- Lobos? Foram atacadas por lobos?

- “Sim. Um monte deles, mãe. Hadassa acha que algo os expulsou da toca e está desconfiada de que isso possa ter ligação com nossa busca”.

- E por que ela acha isso?

- “Havia pó amarelado entranhado no pêlo de um dos lobos que matamos”.

Deborah, agora mais relaxada e tranqüila, punha a mente para funcionar.

- As tocas são grandes o suficiente para servir de abrigo para quem não tem medo das trevas. Hadassa pode estar certa.

- “Mãe, posso perguntar uma coisa?”.

- Sei o que vai perguntar, Eva. Eu confio em você, filha. O fato é que sou mãe. Quando senti o perigo rondar a presença de Hadassa eu me desesperei sem notícias. Você sabe que a Profecia não permite que minha visão inclua você por causa de sua missão.

- “Isso é algo que nunca vou entender”.

- Amo você e não preciso de nenhuma visão profética para sentir se está bem ou não. O meu amor me liga a você. E acredito em você, minha filha. Do contrário não a teria deixado ir.

- “Eu precisava ouvir isso, mãe. Agora, me faça um favor. Vá dormir. Eu não quero ser a responsável por mais um par de olheiras”.

Deborah sorriu ao ouvir as mesmas palavras que havia dito para Ana.

- Farei o que me pede.

Hadassa observou com curiosidade o momento em que Eva se comunicou com a mãe. Durante todo o tempo, a moça manteve os olhos fechados e uma posição relaxada. Quando ela abriu os olhos, sorriu para Hadassa.

- Ela já sabe o que aconteceu. Se quiser dormir agora, eu posso ficar vigiando pelo resto da madrugada.

Hadassa concordou e deitou-se perto de Eva.

- Estou curiosa... – ela disse.

- Sobre o quê?

- Qual é a sensação de se comunicar com alguém que está longe, sem a ajuda de um poço das visões? Isso é tão estranho para mim.

- Acho que não é só você que acha estranho.

- Pode me responder como é?

Eva pensou um pouco.

- É como se a outra pessoa estivesse do seu lado, cochichando em seu ouvido, mas por dentro de sua mente.

Hadassa sentou-se.

- Isso é magia?

- Não! Segundo os sacerdotes é algo exclusivo dos Luminares. Mas apenas daqueles que já nasceram com seus sinais.

- Você e Davi não possuem sinais de luz.

- É verdade, mas estamos ligados diretamente a uma Profecia, como nossas mães estavam. Elas são como gêmeas... Irmãs geradas na mesma hora em ventres diferentes. Os sinais formam a ligação entre elas. Não pelos símbolos gravados, mas pela luz original que está neles e que vem de uma mesma fonte.

- Então, você e Davi são como gêmeos também?

Eva demorou a responder. De certa forma, a idéia de pensar em Davi como em um irmão não lhe agradava muito. Ela enrubesceu com o próprio pensamento e tentou sorrir.

- Não, eu acho que não. Nós não nascemos na mesma hora. Ele é um dia mais velho do que eu. Acho que a força de nossos sinais está na Profecia de Nod.

- Pode explicar melhor?

- Nós não somos gêmeos, mas nossos sinais parecem ter essa propriedade, pois são idênticos.

Hadassa coçou a cabeça e voltou a se deitar.

- É muito complicado de se entender. Fascinante, porém, incompreensível.

Eva sorriu.

- Mas, se os sinais das oliveiras são diferentes dos sinais da luz, como vocês conseguem falar com suas mães? E por que seus pais não conseguem fazer o mesmo?

Eva suspirou.

- Não pensei que fosse tão curiosa, Hadassa!

A rastreadora sorriu.

- Eva, eu nunca tive a oportunidade de ficar sozinha com alguém tão ligado à Profecia quanto agora! Estou fazendo a você perguntas que qualquer um no meu lugar faria.

- A comunicação parece ser possível apenas com aqueles que já nasceram com os sinais. A comunicação com nossas mães não é perfeita. Minha mãe não consegue se comunicar comigo, mas Jael pode se comunicar com Davi. Essa ligação entre nós só foi possível, segundo Áquila, devido à descoberta da Profecia de Nod.

- A Profecia tornou-se uma... – murmurou Hadassa.

- Exatamente. Quanto a nossos pais, seus sinais surgiram depois. A essência foi adquirida, não nasceu com eles.

Hadassa bocejou.

- É melhor você dormir – disse Eva. – Amanhã teremos uma montanha para subir.

- Tem razão. Avise-me se ouvir algum lobo.

Em uma tenda colorida, armada nas proximidades de Kafar, estavam Héber e Davi. A tenda deles era apenas mais uma entre um agrupamento de dez. Os tempos, segundo Jael, não estavam tão seguros para viajantes. Por isso, ela havia insistido para que Héber levasse um grupo de queneus com eles. No momento, nenhum dos dois conseguia dormir.

- Pai, o que vamos fazer amanhã, já que as negociações aqui acabaram?

- Não vejo a hora de voltar para casa e ver sua mãe – suspirou Héber.

Davi sorriu.

- Você suspira com saudades dela desde que cruzamos os portões de Hazorah.

- Eu não vivo sem sua mãe, Davi. No entanto, apesar dessa saudade, eu estava pensando em outra coisa.

Davi virou-se para ele com curiosidade.

- E o que poderia ser?

- Estamos a menos de um dia da Floresta de Quedes. O que você acha de passarmos por lá e ver como estão as coisas do outro lado do Grande Rio?

- Parece uma boa idéia, mas isso atrasará nossa volta e deixará minha mãe preocupada. Você sabe como ela fica quando se preocupa.

Héber virou-se para o filho.

- Ela não se comunicou com você?

- Não. Ela deve estar em Haros. Talvez seus pensamentos estejam em outro lugar. No passado, talvez.

Héber sorriu.

- Quando chegarmos a Quedes, entrarei em contato com o poço de Hazorah. Isso a manterá tranqüila.

Davi sentou-se inquieto.

- O que foi, filho?

- Eva também me preocupa. Áquila nos pediu para que, durante os treinamentos, evitássemos a comunicação entre nós, a fim de não nos distrairmos. Mas isso não me impede de sentir quando algo a ameaça. Isso me deixa inquieto e eu tenho que me esforçar para não buscá-la em pensamentos.

Héber sentou-se e colocou a mão no ombro do filho.

- Filho, durante minha vida ao lado de uma Luminar, desde o momento em que a conheci, aprendi uma coisa com ela. Eu aprendi a confiar nos sacerdotes

que o Pai colocou em nosso caminho. Sem o conselho deles, teríamos feito tudo errado. O nosso coração é humano demais para ser seguido por nossa própria vontade. O que você sentiu, Deborah também deve ter sentido, e ela está mais próxima de Eva do que você. Portanto, seja forte e continue seguindo os conselhos.

Davi suspirou e sorriu para o pai.

- Eu vou fazer isso, pai. Não vou fechar os meus ouvidos para os bons conselhos, a começar pelo seu.

Héber olhou o rapaz com orgulho.

- Ótimo, filho. Agora, vamos tentar dormir um pouco. O dia vai clarear logo e não chegamos nem a fechar os olhos.

Capítulo 27

O Renascer dos Magos

No dia seguinte, Jael e Sarah deixaram Haros e suas ruínas para trás. Sarah sabia que Jael não havia dormido naquela noite. Havia uma nuvem sobre seus olhos quando a viu pela manhã já com os cavalos prontos para a viagem de volta. Durante toda a manhã elas cavalgaram em silêncio. A pradaria que se estendia de Haros até a terra dos Queneus parecia imensa. O sol forte as forçou a cobrir os rostos com os turbantes a fim de se protegerem das queimaduras. Nessas horas, Sarah sentia falta do clima agradável de Gades e de suas cachoeiras e lagos convidativos. Quando elas avistaram um pequeno agrupamento de árvores, Jael ergueu a mão e elas pararam.

- Vamos parar um pouco – Jael falou. – Ali há sombra para os cavalos.

- Não apenas para os cavalos, mas para nós também. O calor dessa pradaria é sufocante.

O agrupamento de árvores foi um verdadeiro oásis naquele campo deserto. Havia um pequeno poço, pois não chegava a ser um lago. Talvez houvesse sido cavado há algum tempo por viajantes que ali se abrigavam do sol. Os cavalos se fartaram com a água fresca, enquanto Jael e Sarah lavaram os rostos e acabaram de encher os odres. Jael retirou o turbante e o fez de travesseiro. O seu organismo começava a sucumbir ao sono de uma noite passada em claro. Ela, porém, lutava por manter os olhos abertos.

- Por que não se rende ao sono? – Sarah perguntou.

- Tenho pressa em chegar – foi a resposta seca.

- Jael, o caminho não é longo. Dormindo ou não, chegaremos em casa ainda hoje. Podemos ficar aqui até o sol começar a descer no horizonte, quando ficará mais frio. Dessa forma, estaremos nas terras quenitas à noite.

- Mas não em Hazorah. Preciso chegar ao palácio ainda hoje, Sarah.
- Se fizer isso vai acabar dormindo em cima de Solaris!

Jael deu o seu primeiro sorriso do dia.

- Nesse caso, não me deixe cair. Você sabe o caminho.

Sarah suspirou resignada e afastou-se mordiscando um pedaço de carne seca que lhes foi dado por Ismael.

- Pelo menos coma alguma coisa – ela disse enquanto se afastava. – Tem mais disso dentro da sacola.

Jael ignorou o conselho da amiga. Ela só tinha um pensamento a lhe tomar todos os sentidos. Chegar ao palácio e se comunicar com Deborah. A irmã devia estar concentrada em outra coisa, pois não havia modo de alcançá-la pela mente.

Hadassa subia na frente e ia abrindo a trilha, seguindo o rastro dos lobos. Eva a seguia de perto. Elas iniciaram a subida no momento em que o sol surgiu. Segundo a rastreadora, para ver os sinais deixados em meio a uma mata tão fechada, elas iam precisar da luz do sol. Finalmente, quando a manhã já estava chegando ao fim, elas viram uma série de cinco grutas que se abriam mostrando o caminho para dentro da montanha. Hadassa puxou Eva para trás de alguns arbustos.

- É melhor ficarmos quietas por um tempo – ela disse. – Não sabemos o que vamos encontrar lá dentro. Homens ou lobos, não importa. Só não quero ser surpreendida.

- Feiticeiros não são homens comuns.

- Eu sei. Isso me preocupa. Nunca lidei com feiticeiros antes.

Elas ficaram imóveis e em silêncio, os olhos pregados nas grutas da montanha. O covil parecia vazio de lobos. Nenhum deles havia aparecido. O cheiro delas seria suficiente para atrair os animais predadores.

- E se houverem feiticeiros se reunindo aqui? O que faremos?

Hadassa pensou um pouco.

- Nada, por enquanto. Estamos aqui apenas para descobrir o que está havendo.

Não passou muito tempo e surgiu um par de lobos no lado oposto ao delas. Os animais, a princípio, seguiram rápidos e confiantes para suas tocas, mas ao chegarem perto das grutas algo os fez parar. O lobo maior ainda arriscou alguns passos, mas voltou correndo e choramingando. Eles andaram de um lado para o outro em frente da gruta maior. A atitude indecisa não combinava com os lobos da montanha. Hadassa e Eva se entreolharam.

- Algum tipo de força os impede de entrar em suas tocas – disse Hadassa.

- Isso os elimina, não é? Já sabemos o que vai estar lá dentro.

Quando os lobos, cansados de rondar por ali, correram pela trilha abaixo, Hadassa fez um gesto para que Eva a seguisse em silêncio. Elas foram quase se arrastando até o ponto que serviu de limite para os lobos. As pedras serviam de barreira entre elas e quem estivesse na gruta. No perímetro em volta da gruta maior havia um fino rastro de tinta verde, quase imperceptível. Hadassa abaixou-se, tocou na tinta e levou os dedos ao nariz. Ela fungou tentando reconhecer o cheiro.

- Isso não é nenhuma força mágica – ela falou. – É um extrato muito comum, derivado de uma planta que possui o efeito de afastar predadores. Hagai me ensinou algumas coisas sobre plantas.

- Eles foram expulsos de casa, mas não faz muito tempo – comentou Eva. – Do contrário, teriam invadido os povoados atrás de alimento e abrigo.

Elas olharam para a grande gruta.

- Conheço essas grutas. Apenas a maior possui várias entradas para o interior da montanha. Não precisamos nos preocupar com as outras.

- O que acha que devemos fazer? – Eva não tirava os olhos da entrada da gruta.

- Vamos aguardar mais um pouco. Até agora não houve sinais de movimento humano, mas não convém arriscar.

Jael e Sarah seguiram viagem após o breve descanso. Sarah seguia resmungando e Jael, calada, pensava no quanto ela e Joakim eram parecidos. Em certo momento, ela fez Solaris parar e virou-se para a amiga.

- Chega, Sarah! Por favor, eu não agüento mais suas reclamações! Estamos bem alimentadas e com os odres cheios de água. Antes do anoitecer, as tendas quenitas serão visíveis e você poderá ter o seu descanso tão desejado.

Sarah a olhou constrangida.

- Jael, me desculpe. Eu tentei ficar calada, mas diante do seu silêncio eu não consegui. Você está me escondendo algo, quer dizer, eu não entendo o motivo de sua pressa. Isso me deixa apreensiva e eu não consigo parar! O que está acontecendo? Por que você quer correr mais do que o vento, minha amiga?

- Não há necessidade de ficar apreensiva, Sarah. O meu silêncio diz respeito a algo que só interessa a mim mesma. A minha pressa tem relação com as respostas que eu pretendo ter ao chegar em Hazorah. Não quero revelar o que está no meu coração, antes que isso se torne uma certeza.

Sarah suspirou resignada.

- Você tem direito a ter seus segredos. Todos nós temos, aliás. Não cobrarei nada de você, Jael. Mas, você poderia explicar que esse era o motivo da nossa

pressa. Eu teria entendido.

Jael a olhou com curiosidade.

- O que estava passando pela sua cabeça, afinal?

- Achei que você tinha recebido alguma revelação sobre um ataque eminente vindo sobre nós. Estava me perguntando por que não me contava nada. Na minha imaginação cheguei até mesmo a ver as tendas quenitas pegando fogo.

Jael balançou a cabeça sentindo-se pasma.

- Sua imaginação é prodigiosa, Sarah!

Ela virou o cavalo e o estimulou a correr. Solaris era veloz e amava a liberdade. Jael não precisava dizer que estava com pressa, para que ele desse tudo de si. Sarah, agora em silêncio respeitoso, a seguiu com dificuldade em seu zaino negro que ela chamava de Fumaça, e que não era menos veloz.

Eva começava a ter câimbras nas pernas por causa da posição forçada. Ela e Hadassa ficaram uma boa parte do dia agachadas por detrás de uma grande rocha. Quando a luz do sol começou a se tornar menos forte, elas começaram a ouvir uma cantoria baixa. Hadassa fez sinal para que ela permanecesse em silêncio. Em seguida, quase deitadas ao nível do solo, elas espiaram a entrada da gruta. Um homem, magro e raquítico, surgiu na entrada. Era ele quem cantarolava, enquanto vertia sobre a pedra o líquido escuro de um vaso de barro. O cheiro que se espalhou era forte e inebriante. Eva lembrou-se da ocasião em que ela e Davi foram seqüestrados por mercadores contrabandistas. Ela, na ocasião, fora tola e inocente o suficiente para destampar um vidro que continha uma substância de cheiro forte. Aquela substância exalava um cheiro tão forte como o que sentiam agora. Hadassa enrolou o manto de forma a lhe cobrir o nariz. Eva a imitou.

O homem usava um manto escuro. Hadassa se lembrava muito bem da cor que os “sacerdotes” de Babilos trajavam na época da guerra de Salema.

- Um remanescente dos antigos magos – ela murmurou.

- Acha que está sozinho? – Eva observava o movimento corporal que ele fazia.

- Acho que sim. Ele mais me parece um eremita. Talvez ele viva por essas montanhas há muito tempo, sem que ninguém tenha desconfiado.

- E por que se manifestar somente agora?

- A notícia de que o rei Jabim está vivo e atuante se espalhou como o vento. Hoje, toda a terra de Hedhen conhece essa história. Os antigos magos e feiticeiros começam a sair das tocas, literalmente.

Eva sentia-se sufocada.

- Um homem sozinho pode ser uma ameaça?
- Isso depende do que ele pode fazer com suas artes ocultas.

A princesa lembrou-se das pessoas que ela havia salvado da morte. Seus espíritos estavam aprisionados e mantinham suas almas enfermas. Aquilo teria sido a ação de um único homem? Como se adivinhasse o que ela estava pensando, Hadassa pôs a mão em seu ombro.

- Um único mago da antiga Babilos teria poder suficiente para dizimar uma aldeia.

Após a cantoria, o homem abriu os braços e falou algumas palavras estranhas. Eva sentiu algo em seu interior responder em oposição aquelas palavras que ela não compreendia. Hadassa viu com espanto a luz verde envolver as mãos da moça ao seu lado. Eva respirou fundo e, antes que Hadassa pudesse lhe impedir, ela levantou-se, surgindo por detrás da pedra e surpreendendo o velho sacerdote. O homem parou de dizer as palavras, pois na mesma hora em que vira a moça, seu encantamento pareceu-lhe ter ido de encontro a uma parede invisível. Ele abaixou os braços.

- Pare de tentar o mal contra as pessoas desta terra – disse Eva com uma voz que não parecia a dela. – O seu tempo acabou!

O homem, apesar de espantado, olhava-a entre fascinado e intrigado ao mesmo tempo.

- Quem é você que tem o poder de impedir o poder de Babilos? – a voz dele era como um desagradável chiado.

- O poder que você menciona não existe mais, mago – Eva o enfrentava com a segurança de uma filha dos Tronos.

Ele soltou uma risada que fez Hadassa estremecer. No entanto, foi essa atitude do velho eremita que fez a rastreadora se mover cautelosamente por entre as pedras. Ele era velho e solitário, mas não era nenhum tolo.

- Menina! – ele disse com alta voz. – Você possui a essência da floresta. Há seiva fresca em suas mãos, eu posso sentir. Venha para mim e dê-me o seu poder.

Eva balançou a cabeça sem acreditar no que ele lhe pedia.

- O meu poder não é para a morte. Não é para você.

Então, um lampejo de entendimento passou pelo rosto enrugado do mago.

- Então, foi você! Você anulou a obra que eu iniciei.

Ele ergueu a mão e a estendeu em direção a Eva.

- A morte contra a vida – ele murmurou.

Eva sentiu uma onda de força se aproximando e instintivamente estirou os braços para frente. Ela podia sentir a onda ser contida. O homem gritou.

- Eu sou um mago! Você não passa de uma criança! Não pode ter mais poder do que eu!

Com um grito de raiva, Eva empurrou a barreira invisível fazendo o mago cambalear e perder o foco. Ele a olhou atônito.

- Por que está fazendo isso? – ela perguntou.

- Vivo aqui há muito tempo – ele apontou para cima. – Escondido entre as grandes grutas do alto da montanha. Por muito tempo eu esperei pelo sinal. Uma noite eu vi as estrelas que formam o escorpião no céu. Uma nova estrela brilhava em seu meio. Eu soube, então, que um novo mestre havia surgido. Era tempo de descer e mostrar que a magia de Babilos ainda permanece. Dessa forma, eu poderia atrair os outros.

- Os outros?

O homem riu novamente.

- Há muitos de nós. Não acha que eu faria isso sozinho, não é? O meu poder vai atraí-los até mim e poderemos começar uma nova ordem a serviço do rei feiticeiro. Assim, restabeleceremos o mundo que nos foi tirado.

- Isso não... vai acontecer – Eva sentiu-se zozza e teve que se apoiar em uma rocha para não cair.

Ela sentia-se fraca. O esforço de deter a barreira enviada pelo mago consumiu a energia que ainda havia nela. Percebendo isso, o homem ergueu novamente os braços para preparar um novo ataque. Antes que ele pudesse falar uma única palavra, Hadassa o agarrou por trás, colocando a faca em seu pescoço.

- Abaixе essas mãos, feiticeiro de Babilos – ela falou com frieza. – E não ouse pronunciar uma única palavra, pois o fio de minha lâmina está a milímetros daquilo que o mantém vivo.

Eva respirou fundo e lutou para manter-se firme nas pernas. Hadassa ia precisar dela. Mas a rastreadora era mais ágil do que ela pensava. Quando as mãos do sacerdote estavam caídas ao lado do corpo, ela virou a faca e deu um golpe na nuca do homem, fazendo-o perder os sentidos. O corpo do velho tombou aos seus pés. Ajoelhando-se ao lado do corpo desmaiado, ela rapidamente atou as mãos do velho nas costas com uma corda que trazia presa ao cinto. Com um pedaço de pano arrancado da própria túnica, ela fez uma mordalha para ele. Eva aproximou-se e ajoelhou-se ao lado dela.

- Você foi imprudente, Eva – Hadassa falou com seriedade. – Devia ter me preparado para o que ia fazer.

- Foi maior do que eu, Hadassa. Algo dentro de mim me fez reagir.

Hadassa notou que Eva estava exausta e perturbada. Ela pegou um odre

pequeno que também trazia pendurado ao cinto e o deu para Eva beber. A moça sorveu com prazer a bebida refrescante e de gosto amadeirado.

- O que é isso?

- Chá de viagem. Vai lhe dar mais um pouco de energia. Vou precisar de ajuda para levar esse homem até a aldeia.

Eva sorriu agradecida.

- A sua imprudência nos permitiu ter sucesso em nossa missão, Eva. Fez um bom trabalho. Não vá se recriminar pelo que eu disse.

Em silêncio, elas desceram a montanha com o corpo do sacerdote ainda desacordado.

Sarah quase chora de alívio ao avistar as tendas quenitas. O sol já se havia posto no céu e as primeiras estrelas começavam a aparecer. Ela sabia que Jael não tinha intenção de parar junto às tendas, pois tinha pressa de chegar ao palácio. Jael segurou as rédeas de Solaris e sorriu para a amiga.

- Não se preocupe comigo, Sarah. Vá para o acampamento e descanse. Eu sei que a forcei a me acompanhar em uma jornada cansativa.

- Você também deveria parar um pouco. Se não quiser fazer isso por si mesma, faça pelo seu cavalo.

- Não, minha amiga. Eu e Solaris teremos o nosso merecido descanso em Hazorah. Eu preciso chegar ao palácio ainda hoje.

Sarah sabia que não adiantaria insistir.

- Você sabe o que faz, Jael. Eu não vou insistir com você.

Jael virou o cavalo e saiu a galope em direção ao palácio. No caminho ela se deu conta de que nem tentara se comunicar com o filho a fim de ter notícias. Aquilo a perturbou com um sentimento de culpa e negligência. No meio do caminho, antes de cruzar a pequena ponte que marcava os limites do reino do norte, ela parou e desceu. Solaris relinchou agradecido e foi até a margem do rio saciar a sede. Sentando-se sobre um tronco caído, ela fechou os olhos e buscou a imagem do filho.

Davi ria junto a fogueira, de uma história contada por Jafé. O gadita conhecia muitas histórias de caçadores e tinha um dom especial para interpretá-las enquanto as narrava. Eles haviam acampado a caminho da Floresta de Quedes. Héber, apesar de estar se divertindo com as histórias, trazia na testa uma ruga de preocupação. Onde estaria Jael? Por que ela não havia entrado em contato? Davi também fazia a si mesmo essa pergunta, quando a voz da mãe lhe penetrou os pensamentos.

- “Davi? Você pode me ouvir, filho?”.

O rapaz se pôs de pé e afastou-se do grupo animado. Héber percebeu e o fitou com apreensão.

- Mãe! O que aconteceu? Por que não me chamou antes?

- “Davi, eu sei que fui negligente e peço seu perdão. Eu descobri uma coisa em Haros que tomou todo o meu pensamento durante esse dia”.

- Deve ter sido algo muito sério. Você está bem?

- “Sim, eu estou. Estou a caminho de Hazorah. E quanto a vocês? Está cuidando de seu pai?”.

- Nesse momento, ele parece estar tentando ler meus pensamentos. Já concluímos o negócio em Kafar e conseguimos os barcos.

- “É uma ótima notícia. Quando eu verei vocês?”

Davi hesitou antes de responder.

- “Davi? Você ainda está aí?”

- Nós estamos a caminho da Floresta de Quedes – ele falou rápido. – Meu pai achou que seria bom visitar Sangar e Noa, já que estamos tão perto de lá.

- “Quedes? Isso quer dizer que não os verei tão cedo”

Davi percebeu o desapontamento na voz da mãe.

- Não vamos demorar, mãe.

- “Voltem assim que puder, está bem? Preciso de vocês ao meu lado”.

- Tem certeza de que está bem?

- “Sim, eu estou. Diga para o seu pai que eu o amo e que vou matá-lo por ter tomado essa decisão sem me consultar”.

- Ele não podia consultar você, mãe.

- “De qualquer forma, diga que eu o amo”.

- Eu direi.

A comunicação cessou. Héber aproximou-se do filho e notou que o rapaz estava preocupado.

- Está tudo bem, Davi?

- Não se preocupe, pai. Minha mãe está bem. Eu só a achei um pouco... triste.

- Alguma coisa a ver com Haros?

- Sim, mas ela não disse o que era.

- E o que mais ela disse?

Davi sorriu ao perceber que o pai, quando ansioso, parecia ter menos idade do que ele.

- Ela disse que amava você e que ia matá-lo, por ter decidido ir a Quedes sem consultá-la antes.

Héber sorriu.

- Eu gostei da primeira parte. Faz-me ter a certeza de que sua mãe continua a mesma.

Depois de chegarem com dificuldade a aldeia, descendo por um caminho difícil, Hadassa e Eva deixaram o mago desacordado sob os cuidados dos líderes. O filho e o genro de Zípor estavam lá. Enquanto elas aprontavam seus cavalos para voltar à Cidade Dourada, o mago acordou e sem que qualquer pessoa pudesse impedir, ministrou a si mesmo um encantamento de morte. Encantamento que não necessitava de palavras ditas, mas apenas da força de uma mente treinada no oculto. Quando Hadassa e Eva ouviram os gritos e correram, era tarde. O velho mago jazia de olhos esbugalhados. Consternadas e sem mais nenhuma palavra, elas retornaram à Cidade Dourada.

Dentro do palácio, Deborah, Hulda, Áquila e Miriam escutaram o relato na sala da lareira, cujas cadeiras formavam um semi-círculo junto ao fogo. Hadassa mantinha a cabeça baixa, envergonhada por ter voltado com as mãos vazias. Eva sentia o mesmo peso, ainda que no olhar da mãe ela visse mais orgulho do que recriminação.

- Não sintam que voltaram de uma missão inútil – disse Hulda. – Um mago da velha Babilos jamais se deixaria chegar vivo até seus inimigos.

- Hulda tem razão – Miriam falou. – O seu feito já foi grandioso apenas pelo fato de o terem imobilizado.

Deborah estudou os traços de exaustão no rosto da filha.

- Você ainda não aprendeu a controlar o grande dom que tem. Esses dias exigiram muito de você. Precisa subir e dormir por alguns dias.

A moça abriu a boca para falar, mas Áquila ergueu a mão.

- Como responsável pela Profecia que se liga às suas vidas, eu apoio as palavras de sua mãe. Usou o seu dom com um maravilhoso sucesso, mas isso exigiu muito de você.

Eva olhou fixamente para a mãe.

- Apenas me diga que não quer me manter aqui apenas pelo fato de ser sua filha.

Deborah suspirou.

- Eva, já é tempo de crescer. Eu também tive limites, assim como você. Precisamos aceitá-los com resignação até que a hora de nosso chamado realmente chegue.

Eva não sabia como interpretar as palavras da mãe. Foi, portanto, com uma expressão indecifrável que ela saiu da sala a passos largos. Hadassa a seguiu com o olhar.

- Não há falhas nos dotes guerreiros de sua filha, Deborah. Ela foi muito

corajosa e sei que sozinha eu não teria conseguido nem passar dos lobos.

- Eu não duvido disso, Hadassa. Não são as habilidades guerreiras de minha filha que me preocupam, mas o seu coração rebelde. Ela parece estar sempre cobrando mais de si mesma. E parece interpretar tudo o que digo de maneira errada.

Após um minuto de silêncio, Hadassa respirou fundo e olhou em volta.

- Eu gostaria de lhe pedir algo, minha rainha.

Deborah sorriu.

- Eu sei o que vai me pedir. Você quer caçar os outros magos que, segundo o que lhes foi dito, habitam a região montanhosa.

- Isso mesmo. Eles ainda não tiveram tempo de se agrupar, mas não tardarão a fazer isso. O mal crescente os motiva.

Miriam ergueu-se e se postou ao lado de Hadassa. A profetiza sorriu diante dos olhares surpresos.

- Eu gostaria de acompanhar Hadassa. Caçar magos da velha Babilos não vai ser fácil. Ela vai precisar de uma profetiza para lhe indicar o caminho.

- Eu também sugiro que ela leve consigo alguns guerreiros da Ordem Branca – completou Hulda.

Deborah olhou com seriedade para Hadassa.

- Muito bem, Hadassa, está decidido. Você também deverá descansar um pouco antes de iniciar essa missão. Seja minha hóspede aqui no palácio, até que seu grupo esteja devidamente formado. Será seu grupo e estará sob a sua liderança.

A moça fez uma breve reverência e saiu com Miriam. Deborah levantou-se e caminhou até a sacada. Hulda e Áquila se postaram ao seu lado.

- O rei-feiticeiro está espalhando a sua voz com o vento – a rainha falou. – Todos os remanescentes dos antigos magos e feiticeiros começam a ouvir esse chamado. Essa vai ser a ameaça que teremos de combater diante de nossos muros?

- O nosso dever é não deixar que essa força se espalhe – comentou Áquila.

Hulda manteve-se calada e isso não passou despercebido aos olhos de Deborah.

- O que ocupa os seus pensamentos, mãe?

- Temo a idéia de pensar na possibilidade de enfrentar um exército de, como você mesma disse, magos e feiticeiros.

- E o que podemos fazer quanto a isso? Confiar apenas em Hadassa e na sua boa disposição? – Áquila perguntou sem conseguir encontrar uma saída.

Deborah olhou para baixo e observou a grande águia da fonte no pátio.

Aquele monumento estava ali para apagar a lembrança de que aquele pátio um dia foi um campo de guerra. Era noite e as luzes da Cidade Dourada ainda estavam acesas. Elas nunca se apagavam. E deveria continuar assim, pensou a rainha.

- Vocês, profetas e sacerdotes, descubram como ele faz isso! Como Jabim encontra meios para acordar o mal dessa forma? Deve haver uma explicação. A mente das trevas não pode abranger um território maior do que a mente da luz. Nós, Luminares, temos limites. Ele também deve ter.

Nesse momento, Deborah ergueu a cabeça. Ela ouviu o chamado do poço das visões. Acompanhada pelos dois conselheiros, ela foi em direção à torre.

Na torre, Deborah surpreendeu-se ao tocar na água e ver o rosto de Jael. Com espanto e alegria por rever a irmã, ela falou:

- Jael! Desde quando você precisa do poço das visões para falar comigo?

- “Desde que você mantém o foco de seu pensamento em outra coisa, bloqueando qualquer tentativa que eu possa fazer”.

Deborah percebeu o cansaço e a testa franzida, sinais claros de que Jael andava preocupada.

- O que aconteceu? Você parece perturbada.

- “Você está sozinha?”.

- Não. Áquila e Hulda estão aqui. Gostaria que eles saíssem?

- “Não há necessidade. Mande-os se aproximarem, pois quero ver-lhes os rostos”.

Jael sorriu ao ver o rosto da profetiza e do ansioso Áquila.

- “Não se preocupe, Áquila. Não há nada de errado com o seu protegido. Davi está bem”.

O homem respirou aliviado.

- Mas você não está – disse Deborah. – Sua alma está profundamente perturbada, eu sinto isso. Fale, Jael.

- “Eu desconfio de que minha mãe tenha sido levada para Nod, e não morta na prisão, como todos acreditam”.

A informação levou algum tempo para ser processada pelos três. Deborah meneou a cabeça e cruzou os braços.

- Conte sua história, minha irmã.

Jael relatou a sua conversa com o velho Ismael. Quando ela terminou, houve silêncio em ambos os lados. Finalmente, Áquila cruzou as mãos no peito dando um suspiro profundo.

- Se isso for verdade, Jael... Se o que esse homem falou realmente aconteceu... Sua mãe ainda pode estar viva!

Jael olhava-o, estática através da água.

- “Áquila, eu não acarreto esperanças de encontrar minha mãe viva – ela falou num sussurro. - Passou-se muito tempo”.

O sacerdote apontou para Hulda.

- Que idade teria sua mãe, hoje? Talvez um pouco mais jovem do que Hulda.

Hulda lembrava-se vagamente da moça que acalentava Jael na tenda quenita. Não prestara muita atenção na mãe, pois a surpresa pelo nascimento de Jael e a sua missão de guardar as crianças em um lugar seguro era maior do que qualquer coisa. Naquele tempo, Hulda ainda era jovem, amiga fiel da rainha Cirene.

- Eu me lembro vagamente dela – disse a profetiza. – Uma mulher jovem e vigorosa. Foi ela que me indicou o caminho para Gades.

Áquila riu alto e bateu palmas. Jael lembrou-se de Nathan.

- O tempo corre devagar em Hedhen desde o estabelecimento dos Tronos – Jael lembrou. – Não acontece o mesmo com Nod. Se isso fosse verdade, os anos e o sofrimento já a teriam matado. Hulda tem a aparência de uma mulher de cinquenta anos porque nós fomos agraciados com a longevidade, mas minha mãe, se viva, seria mais velha que Hulda e bem mais fragilizada, se tiver ido parar em alguma outra prisão.

- Quanto a isso eu discordo, Jael – falou Deborah. – Sua mãe era uma filha de Hedhen. O local em que se encontra não muda a origem do sangue que corre em suas veias.

A rainha pousou a mão sobre os ombros da profetiza.

- Se o que Áquila propõe for verdade, ela talvez esteja como nossa querida Hulda, em pleno vigor.

Jael andava de um lado para o outro, tentando assimilar esse pensamento.

- “Por que acha que ela está viva, Áquila? Por que planta essa esperança em meu coração?”

O homem suspirou.

- Porque entre aquela minoria de Nod, que acredita na Profecia, existe uma mulher sábia. Essa mulher chegou a Nod após uma tempestade e foi acolhida pelos aldeões de uma pequena ilha. Ela dizia não se lembrar do próprio nome, então lhe deram o nome de Kami, a Imortal. Ela havia sobrevivido a fúria do mar e isso era um bom sinal. Quando eu parti de Nod, essa mulher ainda estava forte na liderança daquela aldeia. Sua memória, pelo que sei, nunca voltou.

- “Isso não quer dizer que ela seja minha mãe, Áquila!”.

- Jael, o tempo não a atingiu. Ela parou de envelhecer ainda com forças nos

braços. Isso fez com que o seu nome se tornasse ainda mais óbvio. A Imortal.

Jael olhou suplicante para a irmã.

- “O que diz o seu coração?”.

- Jael, o meu coração é enganoso. Eu mesma gostaria que o destino me desse a mesma oportunidade que está dando a você. Quer a minha opinião como sua irmã ou como uma Luminar?

- “Não faço distinção entre as duas”.

- Agarre a esperança – foram as palavras simples e diretas de Deborah.

Hulda sorriu com ar distante.

- Agora entendo a necessidade de reascender a memória de Priska.

Aquela verdade bateu fundo em cada um daqueles corações.

Capítulo 28

As Trombetas de Aroer

Barak, montado em Alvorada, observava a fumaça que subia em mais uma aldeia destruída pelos mercenários de Amal. Eles chegaram tarde. O rei não conseguiu ficar impassível diante daquele desastre e chorou pelos inocentes que morreram ali. Eunice aproximou-se dele. Ela vinha da direção da aldeia. Barak notou que ela tinha leves queimaduras nos dois braços e as pontas dos cabelos estavam levemente chamuscadas. Ele sabia que ela havia tentado entrar nas casas com o propósito de resgatar alguém vivo, mas pela sua expressão, o esforço havia sido inútil.

- Sem sobreviventes – ela anunciou com pesar.

- Eu sei. Não podemos ficar sempre na retaguarda e chegando após os saques. Desloque um grupo em direção as aldeias que ainda não foram atacadas, e que se encontram no caminho dos saqueadores. Vamos tentar surpreendê-los com uma emboscada e virar o jogo ao nosso favor.

- Eu gostaria de liderar esse grupo especial, majestade.

Barak assentiu.

- Você tem a minha confiança, Eunice. Vá!

Ele aproximou-se de Maalá e explicou o que tencionava fazer. A comandante da Ordem Branca passou as ordens adiante. As amazonas, sob o comando de Eunice, seguiram na frente. A Ordem marcharia atrás, com Barak no comando. E assim foi. Eles marcharam no encalço dos mercenários, enquanto Eunice tomava um atalho por outro caminho. Barak tinha ao seu lado um grande exército, formado por homens e mulheres treinados tanto nas armas como no sacerdócio. A única razão de ainda não terem conseguido uma vitória foi o fato de sempre chegarem com um passo atrás dos amalitas.

Eunice alegrou-se ao ver que a aldeia ainda estava intacta. O grupo de amazonas desceu a encosta e ela avançou até o centro da aldeia. As pessoas, assustadas com as notícias de destruição, aglomeraram-se em volta dela.

- Peguem suas coisas e escondam-se nos montes. Os amalitas estão vindo para saquear essa aldeia e continuar o seu caminho de destruição. Não há muito tempo. Haverá uma batalha aqui. Portanto, peguem tudo o que vão precisar para acampar nos montes, e aguardem o sinal do rei para voltar.

Os aldeões obedeceram às ordens de imediato. Em pouco tempo, todas as casas já haviam sido esvaziadas e as pessoas marchavam a passos rápidos em direção aos montes. Eunice ordenou que algumas amazonas ocupassem as casas, enquanto outras aguardariam escondidas no perímetro da aldeia.

A espera durou até o pôr-do-sol. Quando o tropel dos cavalos de Amal se fez ouvir, Eunice, que aguardava em um lugar elevado, surpreendeu-se ao ver o tamanho da força dos amalitas. Não era apenas um grupo de saqueadores, mas um exército!

- Como vamos segurá-los? – Febe murmurou ao seu lado. - São muitos!

- Eu não sei, Febe. Tudo o que sei é que vou fazer a minha parte.

Eunice deu o grito característico de batalha, chamando o espírito guerreiro das amazonas. Elas foram de encontro ao exército de Amal, antes que este entrasse na aldeia. Foi uma batalha difícil. Os amalitas, furiosos por terem o seu caminho impedido, investiam sem dó sobre as guerreiras. Eunice viu, com alívio, a chegada das forças de Barak.

Mesmo com o reforço, o número de saqueadores era superior. Rute, apesar de toda a sua perícia, foi arrancada de seu cavalo e se viu presa entre os braços de um amalita. Rebeca foi em sua ajuda, mas teve a sorte igual. Barak viu de longe quando as duas guerreiras foram capturadas e tentou ir em seu socorro, mas era impossível chegar até elas. Ele sentiu, no auge do desespero, o seu poder de luz querendo fluir, mas se conteve. Sua força poderia queimar o seu próprio exército e ele não podia arriscar. Quando ele achava que a derrota era certa, uma trombeta se fez ouvir. Era um som antigo que tomou o ar e parou o tempo. Olhando para além dos montes, ele pôde ver um grande exército. Todos trajavam roupas amarelas com armaduras douradas. Na bandeira que vinha à frente, ele reconheceu os aliados. Aroer.

Com a chegada do novo exército, os amalitas bateram em retirada, reconhecendo sua fragilidade em números. Mesmo assim, eles foram perseguidos até que metade de sua força tivesse sido derrotada. Ao fim da batalha, não havia nenhum sinal de Rute e Rebeca. Milca e Hogla decidiram partir em busca das amigas com a permissão de Barak. Ele ainda se encontrava

de pé, vendo as guerreiras se distanciarem, quando dois cavalos chegaram até ele.

- Rei Barak? – disse a voz de uma mulher.

Ele virou-se e ficou de frente com uma moça e um rapaz, ambos bastante jovens e muito parecidos. Ela portava uma coroa e ele o cordão com o símbolo do sacerdócio.

- Eu sou Tamar, rainha de Aroer – ela falou com a voz surpreendentemente firme. – Esse é meu irmão, Zoar, sumo-sacerdote de nossa cidade.

Barak fez uma reverência diante da rainha.

- Não se curve, meu rei. Somos seus vassalos. Eu só lamento não termos chegado a tempo de impedir tantas perdas.

- As perdas teriam sido maiores sem a ajuda de Aroer, rainha Tamar. No entanto, sua presença aqui me espanta.

Ela sorriu de modo compreensivo.

- Aroer já dormiu demais, senhor. É tempo de despertar.

O rapaz, Zoar, olhou para as colinas, buscando o lugar de refúgio dos mercenários. Os olhos do jovem sacerdote pareciam enxergar longe. Em seguida, ele olhou para Barak com um sorriso.

- Suas guerreiras voltarão para você, rei Barak. Não se preocupe.

Barak surpreendeu-se.

- Um homem com visão profética!

- Não, meu rei. Tenho apenas uma percepção acurada. Não vejo nada além dos meus olhos normais.

- De qualquer forma, Zoar, suas palavras me tranquilizam.

Nesse momento, Eunice e Maalá aproximaram-se. Ambas inclinaram as cabeças diante da rainha de Aroer, antes de se dirigirem ao rei.

- Eu não acho que os amalitas pretendam continuar sua trilha de saques – disse Eunice. – Eles vão precisar de um tempo para recuperar as perdas que sofreram.

- Tem razão, Eunice. Mande os aldeões voltarem e cuide para que os feridos tenham os devidos cuidados. Eu pedirei a um grupo de sacerdotes da Ordem para que cuidem dos mortos e lhes dêem uma sepultura com as honras apropriadas.

Ele observou o rosto enrugado e preocupado de Maalá.

- Eles não farão o mal que está pensando, Maalá. Apesar de Rute e Rebeca serem duas belas guerreiras, elas também são um grande prêmio para o rei Jabim. Eles não podem dispor das duas como se fossem mulheres comuns, caso contrário, os infratores cairiam no ódio do rei-feiticeiro. Isso nos tranquiliza e

nos dá tempo.

Maalá sorriu agradecida pelas palavras. Ela vira Rute e Rebeca crescerem e se tornarem grandes guerreiras. Conhecia Rute desde criança e isso a fazia temer mais ainda pelo destino daquelas duas.

- O exército de Aroer não está cansado, rei Barak – disse Tamar. – Se quiser, junte-se a nós e vamos partir em busca do exército amalita.

Maalá olhou para Barak com o olhar suplicante.

- Deixe-me acompanhá-los, meu rei. Não agüentaria ficar aqui sem notícias.

- Não, Maalá – a voz de Barak era firme. – Você lutou muito e está cansada. Eu vou porque é minha responsabilidade a vida de cada um de vocês. Eu peço que fique e confie na minha palavra. Ajude Eunice no que ela precisar.

Deitada de barriga na sela de um cavalo em pleno galope. Era nessa situação que Rute se encontrava. A posição forçada a impedia de ver o que tinha acontecido e para onde estava indo. Tudo o que ela sabia é que não estava só. Ela viu quando Rebeca fora arrastada para o mesmo destino ao tentar ajudá-la. A noite era fria no deserto e não era obstáculo para aqueles homens. Continuaram a cavalgar até que ela achou que fosse perder os sentidos. Finalmente os cavalos pararam. Ela foi arrancada da sela e jogada no chão. Ao seu lado estava Rebeca. Em volta delas os homens formavam um círculo. Muitos deles sorriam com malícia ou diziam obscenidades. No entanto, nenhum deles se atreveu a tocá-las. O líder do grupo deu um passo a frente e agarrou o cabelo vermelho de Rute entre os dedos, forçando a moça a ficar de pé. Rebeca tentou levantar-se para ajudá-la, mas uma espada curva foi apontada para o seu peito.

- Uma de vocês já seria um grande presente para o nosso rei – disse o líder. – A outra poderia nos servir.

- Acha mesmo que o seu “rei-feiticeiro” não conhece os seus passos? – argumentou Rebeca. – Ele sempre foi conhecido como o mestre da visão. Com certeza, ele sabe o que se passou e aguarda o seu despojo. Ele não vai querer dividir o prêmio com ninguém.

O homem vacilou por um momento, mas logo depois voltou a atenção para Rute. Os olhos cheios de desejo. No entanto, ele ponderou as palavras da guerreira loura e com irritação aumentou o aperto nos cabelos da moça. Rute gemeu com lágrimas nos olhos.

- Talvez, no final, você ainda me sirva – ele disse por entre os dentes.

Ele a soltou com brusquidão e ordenou aos homens que as amarrassem de uma forma segura. Dois homens sentaram-se perto, vigiando-as. As duas

estavam amarradas de costas uma para a outra. As cordas apertadas feriam seus pulsos. Os tornozelos também foram amarrados.

- Obrigada pela ajuda – sussurrou Rute. – Não sei o que poderia ser de mim, agora, se você não tivesse intercedido.

- Eu sei – disse Rebeca. – Estaríamos ambas mortas, pois não iríamos nos entregar sem lutar.

Um dos homens atirou uma pedra sobre elas. A pedra raspou na testa de Rebeca, que estremeceu de dor.

- Silêncio, vocês duas! – ele ordenou.

Rute sentiu a cabeça de Rebeca pesar.

- Rebeca, você está bem?

A moça respondeu com um gemido. Rute respirou fundo e fechou os olhos. Tentou buscar o Pai em pensamento, como Deborah lhe havia ensinado. Ele não ia deixar que nada acontecesse com elas. Ela confiaria até o fim.

Milca e Hogla seguiram os homens de Amal a uma distância segura. Quando eles finalmente pararam, elas fizeram o mesmo. Escondendo os cavalos por entre as muitas rochas que havia na paisagem, elas se esgueiraram até uma proximidade segura. Rute e Rebeca estavam amarradas junto a um paredão de pedra. Apenas dois homens as vigiavam, enquanto um grupo animado bebia em volta da fogueira. Hogla franziu o cenho.

- Devemos agir rápido, Milca. Sob o efeito da bebida, toda a cautela de um homem cai por terra. Rute e Rebeca estão a um passo de um grande perigo.

- Então, vamos usar nossa melhor arma nesse caso. O silêncio.

Anos de treinamento na ordem deram a Milca e Hogla, a capacidade de serem tão silenciosas quanto os passos de uma formiga. As duas mulheres saíram de seu abrigo e, por trás, aproximaram-se dos dois homens que ressonavam na vigília. Rute arregalou os olhos quando as viu, mas Hogla pôs o dedo nos lábios e a moça compreendeu o gesto. Com um simples toque no nervo certo, localizado entre o ombro e o pescoço, as duas puseram os dois homens em sono profundo. Milca foi até as moças e cortou a corda com uma faca. Rebeca jazia desmaiada e um fio de sangue lhe escorria pela têmpora. Rute a ajudou a erguer a amiga e, com o mesmo silêncio em que chegaram, elas partiram.

Hogla pôs Rebeca na sela, sentada na sua frente. Assim ela poderia sustentar o corpo da moça. Rute subiu na garupa de Milca. Nesse momento, elas ouviram a agitação no acampamento. A fuga fora descoberta.

- Não dá para sermos silenciosas agora – disse Milca.

Hogla saiu em disparada e Milca a acompanhou. Rute olhou para trás e viu

que vários homens a cavalo as seguiam. Na noite enluarada era fácil ver a poeira levantada com a cavalgada.

- Estão chegando perto! – gritou Rute. – Me dê sua espada!

- Pode pegar – disse Milca. – É toda sua!

Rute esticou a mão e puxou a espada da bainha de Milca, virando-se ao sentir o resfolegar do cavalo de Amal em sua perna. O homem que o conduzia a olhou com assombro, enquanto ela levantava a espada contra ele. Ferido no ombro, o homem gritou e caiu do cavalo, atrasando os companheiros que vinham atrás. Milca riu alto.

- Bom trabalho, garota! Se conseguir mantê-los a distância desse jeito, talvez tenhamos uma chance.

- Farei o que puder.

Nesse momento, Rebeca recobrou a consciência e ficou assustada ao ver onde estava. Hogla apressou-se em tranquilizá-la.

- Esta tudo bem, Rebeca. Sou eu. Você está segura, pelo menos por enquanto.

- Hogla? Onde está Rute?

- Lá atrás, com Milca.

Rebeca olhou para trás e viu o esforço que Rute fazia para manter os perseguidores longe. Ela, porém, viu o que Rute não conseguiu ver. Os homens de Amal as estavam seguindo também pelos lados. Em certo momento, eles dariam o bote e as cercariam.

- Não vamos conseguir – ela murmurou.

- Não diga isso! Onde está a sua fé?

Subitamente uma flecha cortou o ar e um dos homens de Amal caiu no chão. Outras flechas vieram em seguida. Todas passavam por cima delas e atingiam os amalitas. Ao subirem uma colina, elas puderam ver quem estava atirando. Barak e seu cavalo branco eram bem visíveis, mesmo à noite. Um exército o seguia. Eram eles que atiravam as flechas com precisão. Dessa forma, elas puderam chegar até eles em segurança. Os perseguidores, ao verem que as presas haviam sido perdidas, voltaram, batendo em retirada. Barak olhou para as mulheres com orgulho. Hogla e Milca provaram sua coragem e lealdade ao iniciar sozinhas um resgate arriscado. Rebeca tinha um corte na testa e Rute havia sido ferida no braço enquanto lutava com a espada. Ele sorriu e agradeceu ao Pai por estarem todas vivas.

Zoar usou seus dons sacerdotais para cuidar dos ferimentos das duas moças. Rute, assim que se viu livre de seus cuidados, foi em busca de Milca e Hogla. Ainda não tivera tempo de agradecer as amigas da maneira apropriada.

Além disso, o seu espírito inquieto não a deixava descansar. Rebeca respirou fundo, quando Zoar pôs a mão sobre o corte em sua têmpora.

- Você não sentirá nada, além de um leve calor – ele falou com a voz gentil.

Ela relaxou ao ver que era verdade. Zoar retirou a mão e sorriu para ela. Desde o primeiro momento, a guerreira loura o havia encantado.

- Eu gostaria de tê-la conhecido em circunstâncias mais calmas. Uma guerra torna o ambiente triste e pesado.

- Eu estive em sua cidade há cinco anos, príncipe.

- Cinco anos? Ontem você quer dizer! – ambos riram. – Ainda não me acostumei com a contagem do tempo que veio junto com a ascensão dos Tronos.

- É verdade – ela ficou séria de repente. - No entanto, parece que ele voltou a correr contra nós.

Zoar tomou as mãos dela nas suas.

- Mas não do mesmo jeito de antes. Ainda temos o controle sobre o mal.

Ela retirou as mãos, um pouco ruborizada pela ternura do rapaz. Zoar admirou-se de como uma guerreira que arriscara a própria vida para salvar a amiga, fosse tão tímida.

- O que foi fazer em Aroer? – ele perguntou com curiosidade.

- Eu e Rute acompanhávamos a profetiza Hulda. Ela foi até a sua cidade para pesquisar algo nos arquivos.

Ele fez uma cara de espanto.

- Lembro-me agora! Na época eu era um aluno de Jethro e a vi algumas vezes na nossa biblioteca. Eu gostaria de ter saído mais do meio dos livros. Talvez, então, eu a tivesse encontrado.

Ela sorriu e levantou-se.

- O nosso encontro, porém, aconteceu hoje, príncipe. Estamos em guerra e eu preciso ver qual será o meu próximo passo. Agradeço pela sua ajuda com o corte.

Ele também se levantou.

- Ainda nos veremos outras vezes, Rebeca. Só lhe peço um favor. Chame-me de Zoar.

- E por que eu chamaria o príncipe de Aroer pelo nome?

- Eu renunciei a esse título quando me tornei sacerdote. Sou apenas Zoar.

Rebeca sorriu e saiu da tenda que servia de enfermaria. Zoar ficou na porta, observando a moça partir em direção as outras guerreiras reunidas junto a Barak. Sua irmã parou ao seu lado.

- Então, o coração de meu irmão foi finalmente laçado.

- Laçado e aprisionado, minha irmã – ele olhou para Tamar com carinho. – Obrigado por permitir o casamento de sacerdotes em Aroer.

- Eu jamais permitiria continuar com aquele costume bárbaro, meu irmão. Aroer já esteve por muito tempo com os olhos e os ouvidos fechados para a realidade. Precisamos abraçar as mudanças e lutar por elas.

Ele a enlaçou em um abraço.

- É por isso que a coroa está na sua cabeça e não na minha.

Edonia, a cidade das pedras. Uma cidade antiga e esquecida pelo isolamento do deserto. A cidade dos ladrões. A atual fortaleza do rei-feiticeiro Jabim. Foi para aquela cidade que ele fugiu ao pressentir a derrota de Sísera. Ele também teve a precaução de não passar por Salema ou Babilos. Não. O seu reino, construído com muito trabalho em Hazorah, havia chegado ao fim. Mas ele já antevia isso. O seu poder não vinha apenas do que havia aprendido com os mestres de Babilos. Ele conseguiu se aprofundar ainda mais no que era proibido. O seu reino cairia e Atalia seria a soberana de Hedhen, até que Salema também caísse e ele, Jabim, se erguesse novamente quando ninguém estivesse esperando.

Ele aguardou em Edonia, no anonimato, mesmo quando os edonitas partiram para a guerra a favor de Atalia. O deserto era um rico campo de exploração e ele já sabia há muito tempo que era o local perfeito para construir um novo e mais poderoso reino. Seus conhecimentos o levaram para lá. O ferro negro havia sido muito útil, mas diante da nova arma que ele buscava, não chegava a ser nada mais do que uma experiência bem sucedida. O fogo eterno que corria como um rio e englobava o subterrâneo de toda a terra conhecida. Esse rio fluía inclusive por baixo do grande mar e chegava a lugares desconhecidos, possibilitando ligações além de qualquer imaginação. Esse rio de fogo também tinha origem celeste, pois a sua origem estava na queda de várias pedras do céu que se fundiram e derreteram no calor provocado por elas mesmas. A luz do Fogo Eterno derrotaria a luz dos Tronos. Era isso que ele almejava.

No momento, a sua figura alta e imponente andava em círculos pela sala vazia que ele denominava “sala dos segredos”, pois era ali que ele costumava por em prática seus poderes ocultos já adquiridos. O rei Jabim possuía uma aparência sinistra, condizente com o seu caráter. Não possuía cabelos e sua calva brilhava como se do seu cérebro emanasse ondas de poder. Entretanto, esse era o efeito de um pó que ele próprio espalhava sobre a pele para causar essa sensação de estranheza que o tornava ainda mais temido. Usava, no lugar da barba, um cavanhaque comprido e entrançado. Nos olhos, uma tinta escura

os envolvia mantendo o olhar mais frio e sombrio. Esse era Jabim, o rei-feiticeiro que voltara a vida para ameaçar a paz de Hedhen.

Através de sua visão, ele pôde acompanhar as façanhas do seu exército amalita e exultou com a captura de duas guerreiras da Ordem. Da mesma forma, ele gritou de frustração quando as perdeu. Pela segunda vez, ele tinha a oportunidade de ter alguém importante, ligado ao sacerdócio da Cidade Dourada nas mãos, e este lhe escapava.

- Darius! – ele gritou.

A porta abriu-se de imediato e um homem alto, forte e portando uma farta barba negra, entrou na sala quase correndo. Ao chegar perto do rei, ele se prostrou.

- O que deseja, meu senhor?

- Amal falhou – a voz de Jabim era fria e sussurrante. – Quando eles retornarem substitua-os por edonitas e mande-os trabalhar nas minas.

- Mas, meu senhor, os edonitas não são saqueadores como os amalitas. Eles não conseguirão fazer o mesmo trabalho que Amal vem fazendo nas fronteiras.

- Eu sei disso. No entanto, Amal mostrou-se incapaz e isso eu não admito. Os edonitas poderão propiciar distração na fronteira, enquanto eu organizo um novo ataque.

- Um novo ataque?

O rei Jabim sorriu de uma maneira sinistra, o que fez o forte Darius tremer.

- O norte está bastante calmo, não acha, Darius? É hora de despertar os filhos de Ogue para realizar a missão para a qual foram chamados.

Os filhos de Ogue. Darius sentiu as mãos suarem nervosas. Os gigantes sempre lhe causaram medo pela ferocidade e crueldade. Excluindo os magos auxiliares de Jabim, eram eles que mais o assustavam.

- Acha que pode confiar em uma raça tão bárbara, meu senhor?

- Eu confio no quanto eles podem destruir em seu caminho. É apenas de sua força e barbárie que eu preciso no momento.

Jabim virou-se para o homem ajoelhado aos seus pés.

- Tem notícias da equipe de expedição? Estive com meus sentidos ligados na situação da fronteira por todos esses dias.

- Eles ainda não encontraram nada, meu senhor. Já chegaram, inclusive à entrada do vale que leva ao Monte da Lei, no limite final desse deserto, e nada foi achado.

- Impossível! O poço existe e está aqui, em algum lugar de Negger. Eu sinto a vibração de suas águas. Eu preciso achá-lo e tomá-lo para mim, Darius. Se ninguém o achou é porque deve se encontrar escondido por alguma força

gerada pelos sacerdotes do inimigo. Se os melhores rastreadores de Edonia não conseguiram achá-lo, eu terei que escolher os homens certos para isso. Chame os Quatro Juízes e diga para virem até mim.

Darius afastou-se ainda com a cabeça inclinada, a fim de cumprir suas ordens. Os Quatro Juízes eram os magos mais poderosos a serviço de Jabim. Leukós, Pyrrós, Mélas e Thánatos. Ele desconhecia sua origem, mas não o seu poder. Se havia algo oculto no deserto, eles certamente o encontrariam.

Capítulo 29

Os Filhos de Ogue

Entrar na Floresta de Quedes era como entrar em um mundo mágico. Os sons de vida estavam por toda parte. Davi saiu da casa onde ele e Héber dormiram na noite anterior, dia da sua chegada. Era uma casa de madeira, construída como a maioria das casas, em cima de uma árvore. Diversas pontes ligavam uma casa a outra. A descida geralmente era feita através de elevadores de madeira puxado por cordas. As árvores eram antigas e altas, fato que proporcionava diversos níveis de construção de plataformas. Estas eram usadas como apoio para a construção de casas, refeitórios, dormitórios para hóspedes, casa das armas, praças de encontro e postos de vigia. No nível do solo estavam as construções destinadas ao Conselho dos Anciãos. Abinoão, o velho pai de Barak, e também presidente do Conselho, preferia habitar no nível do chão. Sangar e Noa tinham a sua casa construída um pouco fora da imensa clareira e perto do córrego.

O rapaz esticou as costas e respirou o ar puro da floresta. Ali, perto das árvores, ele sentia a vida fluir em suas veias. Ele não sabia se aquela sensação tinha algo a ver com o sinal que carregava nas costas. O sinal o ligava, de alguma forma, ao mundo vegetal. Ele sabia que com Eva também era assim. Héber dormia profundamente e ele não quis acordar o pai. Vestiu a camisa e desceu pelo elevador. Lá embaixo encontrou Abinoão. O velho brincava com duas crianças de cinco anos. Um casal de gêmeos ruivos, Caio e Cloé, filhos de Sangar e Noa. As crianças olhavam maravilhadas enquanto Abinoão lhes mostrava como fazer um nó que ninguém conseguia desatar. O rapaz aproximou-se e pediu a corda ao menino, que tentava com um grande esforço romper o nó. Caio, um garotinho sardento de cabelos encaracolados e olhos verdes, lhe passou a corda com expectativa. Davi sorriu e piscou o olho para ele. Com um movimento ágil nas mãos o nó foi desatado. As crianças

exclamaram surpresas. Abinoão olhou admirado para o rapaz.

- Este nó, nem meu filho conseguiu desatar. Você é mesmo um rapaz especial.

- Não mais do que seu filho, Abinoão – Davi respondeu um pouco sem graça.

Caio ficou olhando a corda sem nó, ainda sem acreditar. Cloé, a garotinha também sardenta, cujos cabelos pendiam fartamente até os ombros, correu ao ver a mãe se aproximar.

- Mamãe! Davi conseguiu desatar o nó do vovô.

Noa a pegou nos braços sorrindo. Sangar tornou-se um filho para o velho Abinoão, e isso o tornava o avô incondicional de seus filhos. Davi observou a mulher que se aproximava. Noa estava diferente sem os trajes brancos da Ordem de Zelofeade. Ela usava agora os trajes rústicos amarronzados do povo da floresta. E parecia ter nascido para aquela vida. Seus olhos brilhavam.

- Davi, você mal chegou e já anda fazendo prodígios na floresta? – ela perguntou com a voz divertida.

- Foi apenas um nó...

- Não foi apenas um nó – teimou o menino. – Foi o nó do vovô!

Todos riram. Noa colocou Cloé no chão e deu um beijo na cabeça de Caio.

- O pai de vocês está pescando no córrego, por que não vão até lá para ajudá-lo a trazer os peixes?

As crianças não esperaram uma segunda ordem. Deixando a corda para trás, eles saíram correndo.

- A paz parece morar aqui na floresta – comentou Davi.

Noa olhou de relance para Abinoão. O velho conhecia os sinais que a natureza dava.

- Não se engane – ele disse. - A floresta não é tão pacífica assim.

- Você vê algo que não vemos, Abinoão? – Noa perguntou.

- Hoje há menos vozes na floresta do que ontem – Abinoão fechou os olhos. – Os animais sentem e aguardam algo.

O velho pegou a corda e sem dizer mais nada, afastou-se. Davi estava inquieto.

- Noa, você não perdeu sua sensibilidade sacerdotal – ele falou. – Consegue sentir algo?

- Não, Davi. Apesar do tempo em que estou aqui, ainda não tenho meus sentidos treinados para ouvir a voz da floresta e entender seus sinais. Mas confio nos sentidos de Abinoão. Eu sempre me perguntei por quanto tempo o norte ficaria em paz.

Sangar aproximou-se com os filhos. Não havia peixes e o olhar de Sangar era de preocupação.

- Havia peixes mortos no rio – ele falou em voz baixa. – Não deixei que as crianças vissem.

Noa assentiu e sorriu para os filhos.

- Caio, pegue a mão de sua irmã e fiquem com seu avô. Não saiam de perto dele.

O menino a olhou desconfiado.

- Algum problema, mamãe?

- Não, querido. Mas eu preciso que vocês dois me obedeçam, está bem?

Cloé assentiu e pôs a mão na do irmão, puxando-o para a casa do avô. Héber vinha andando a passos largos. Os olhos pareciam buscar algo ao redor. Ele agora possuía o sinal dos Luminares e sua percepção estava mais aguçada do que a de uma pessoa normal.

- Algo se aproxima da floresta – ele disse. – Eu não sei o que é, mas parece uma força poderosa.

- Héber, é melhor eu e você juntarmos alguns homens e dar uma olhada pelos arredores.

Antes que a intenção fosse concretizada, ouviu-se um grito e o som retumbante de galhos se partindo. Automaticamente os quatro puxaram as espadas. Sangar virou-se para Noa.

- Não sabemos o que está acontecendo, mas cuide para que Abinoão e os anciões fiquem em segurança, assim como nossos filhos.

Héber olhou para o filho.

- Ajude Noa. Eu vou com Sangar.

Héber e Sangar correram em direção aos gritos que começavam a se multiplicar. O que estaria invadindo a floresta? Davi correu atrás de Noa. A área dos anciões ficava em uma pequena clareira escondida. Era um lugar calmo e propício para o descanso. Abinoão, que já havia pressentido o perigo, alertou o Conselho e este já se encaminhava para o abrigo. Ela olhou em volta e não viu os filhos. Abinoão pôs a mão em seus ombros.

- Não se preocupe. Eu os mandei na frente com as mulheres. Eles estão em segurança.

Noa sorriu agradecida e aliviada. Davi ouviu uma explosão e olhou para trás. Uma fumaça negra subia de alguma área muito próxima da clareira. Noa piscou surpresa com a violência do ataque.

- Vão! Eles precisam de ajuda. Eu posso cuidar de todos por aqui.

- Que o Pai os proteja, Abinoão – disse Noa.

Ela e Davi correram de volta. Na clareira principal o caos havia rompido. Pessoas corriam gritando, tentando fugir de algo assustador. Pontes caíam por causa dos galhos quebrados. A explosão havia derrubado algumas árvores e o cheiro de mato queimado começava a se espalhar. Davi viu o pai em cima de uma árvore atirando flechas em algo que vinha em sua direção. Ele sentia a vibração no solo. Sangar, pendurado em uma corda, agarrou Héber e ambos saíram da árvore antes que esta tombasse. Noa também sentia a vibração no solo e suas lembranças lhe trouxeram um medo antigo. De repente, diante deles, surgiram três formas humanas extremamente grandes. Cada um daqueles homens devia ter no mínimo três metros de altura! Davi cambaleou de surpresa e susto. Suas pernas falharam e ele caiu no chão de olhos arregalados para aquelas coisas. Gigantes! Filhos de Ogue! Noa o pegou pela mão e o puxou.

- Corra, Davi! Não podemos lutar contra eles.

Eles se embrenharam para dentro da floresta em uma carreira desenfreada. Podiam ouvir os passos fortes dos gigantes atrás de si. Lá atrás, Héber e Sangar tentavam manter os homens da floresta e os arqueiros queneus unidos em defesa de Quedes. Eles não notaram os três gigantes que partiram em perseguição de Davi e Noa.

Abinoão havia chegado a abertura escondida entre duas árvores e que se abria para o abrigo, uma caverna provida de água e suprimentos e que continha água do poço das visões em um tanque, feito como reserva para uma emergência. Idéia de Sangar. Quando todo o Conselho estava seguro, assim como as mulheres e crianças, ele aproximou-se do tanque. Já o tinha usado uma vez para falar com o filho. Agora, precisava usá-lo novamente. Ele tocou a água com o pensamento projetado para o auxílio mais próximo.

Jael estava na estrebaria assistindo o parto do filho de Solaris. O potrinho nascera forte e com o mesmo pelo dourado do pai. A mãe, uma égua castanha, relinchou de alívio e Solaris respondeu com o som de um pai orgulhoso. A rainha de Hazorah afagava o pelo do amigo quando sentiu o chamado. Ela saiu correndo em direção a sala do poço e sem hesitar tocou na água parada. Não esperava ver o rosto de Abinoão e aquilo a deixou com o coração em agonia.

- “Rainha Jael, Quedes está sendo atacada! – Abinoão foi direto ao assunto. – Precisamos de ajuda”.

- Atacada por quem, Abinoão? A quem devemos enfrentar?

- “Os Filhos de Ogue despertaram”.

Jael levou um tempo para entender do que ele falava.

- Gigantes? – ela sussurrou a pergunta. – Meu marido, meu filho...

- “Estão lutando, Majestade. Não tenho notícias deles. Há fumaça, e muitos gritos...” – a voz do velho começou a ficar trêmula.

- Hazorah mandará ajuda, Abinoão.

O contato foi interrompido. Gigantes! Jael subiu as escadas e mandou Simeí, o antigo mordomo do rei Jabim que se convertera em um fiel servo dos Tronos, chamar Zacarias. O rapaz veio correndo atender o chamado da rainha. Ele sempre estava onde Jael estava. Era e sempre seria sua sombra.

- Zacarias, tenho uma mensagem para Sarah. Mande-a reunir um bom número de quenitas. Quedes foi atacada por gigantes e pede ajuda.

O rapaz saiu para cumprir as ordens. Enquanto esperava, Jael foi para o quarto e tentou se concentrar no filho.

Davi e Noa tentavam escalar a parede lisa de rocha que os levaria para um nível seguro. A umidade, porém, deixara o lodo na superfície dificultando a subida. Se não conseguissem passar estariam encurralados. Noa conseguiu subir até uma reentrância estreita e estendeu a mão para ele. O rapaz subiu com agilidade. Nesse momento, ele ouviu a voz da mãe.

- “Davi, me responde!”.

- Eu estou aqui, mãe.

- “Você está bem? E o seu pai?”.

Ele percebeu a aflição na voz dela.

- Você já sabe?

- “Abinoão fez contato com Hazorah. Estamos levando ajuda”.

- Não sei onde está meu pai. Ele e Sangar ficaram lutando para defender a aldeia. Eu e Noa estamos...

Ele não conseguiu terminar, pois uma sombra surgiu do alto da parede e jogou algo sobre eles. Uma rede! Emaranhados, ele e Noa perderam o equilíbrio e caíram aos pés dos gigantes. Na queda, Davi sentiu a cabeça bater em algo duro, talvez uma pedra, e tudo ficou escuro.

Jael urrou de frustração ao perder o contato com o filho. Ele estava em perigo. Héber estava em perigo. Ela pegou a veste quenita, o arco e preparou-se para a viagem. Na porta do pátio, Solaris já estava pronto para partir. Sarah entrou pelo portão, deixando a tropa de apoio à Quedes do lado de fora. Ela parou o cavalo diante de Jael.

- É verdade o que Zacarias me disse? Gigantes atacaram Quedes?

- Você ouviu a verdade.

- Jael, apenas os quenitas não conseguirão derrotar os filhos de Ogue. Eles fazem parte de uma raça antiga que possui dons especiais.

- O que você quer que eu faça, Sarah? – Jael estava exasperada. – Não posso deixar de ir!

- Eu sei, minha amiga. Eu jamais lhe diria para não ir. Comande os Queneus nessa demanda até a floresta. Eu devo buscar outro caminho.

Jael compreendeu a real intenção de Sarah. Não havia como contestar. Ela estava certa.

- Convença-os a lutar, Sarah – Jael suplicou com os olhos marejados de lágrimas. – Precisamos de Gades.

Sarah virou o cavalo e saiu a galope. Jael virou-se para Naor que se postou ao seu lado.

- Cuide de tudo até minha volta, Naor.

- Pode seguir seu caminho, Jael.

Ela sorriu e saltou para a sela de Solaris. Saindo pelo portão, ela passou pela tropa que aguardava e ergueu a mão. Não foi preciso mais do que esse gesto, para que todos a seguissem.

Sangar ordenou a retirada e logo a clareira ficou a mercê dos atacantes. Não havia nenhum sinal de vida. Héber perguntou-se onde estavam todos, mas Sangar o puxou pelo braço e ele o acompanhou pela mata fechada.

- Eles destruíram Quedes – lamentou Héber.

- Não, Héber. A floresta é imensa e o povo a habita há mais tempo do que alcança a nossa memória. Aquela clareira é apenas uma entre tantas. O povo da floresta sabe se abrigar e defender o que é seu. As casas que foram destruídas hoje, amanhã serão refeitas em outra parte.

- Para onde estamos indo?

- Para o abrigo.

Héber ficou surpreso ao ver onde ficava o abrigo. A entrada encoberta pela vegetação, era praticamente invisível para os olhos não preparados. Abinoão foi recebê-los. Sangar o abraçou enquanto olhava em volta.

- Seus filhos estão bem. Estão sentados com as outras crianças, desfrutando de uma refeição.

- E onde está Noa?

Abinoão piscou confuso.

- Noa? Ela e o rapaz voltaram para ajudar vocês.

Sangar e Héber trocaram um olhar apavorado.

- Nós não os vimos voltar – disse Héber.

Sangar fez um esforço para não praguejar. Ele bem que tentou manter a esposa em segurança, lhe dando uma missão simples. Por que Noa tinha que ser tão teimosa? Abinoão entendeu o que se passava em seu pensamento.

- Você não pode prender a guerreira que existe dentro de sua esposa, filho. Além disso, fui eu que os mandei voltar. Se quiser culpar alguém, culpe a mim.

Héber adiantou-se.

- Sangar, não há tempo pra isso. Eles estão lá fora e podem estar em perigo.

- Tem razão. Vamos voltar.

Abinoão pegou no braço de Héber.

- Eu usei o poço e pedi a ajuda de Hazorah.

Héber respirou fundo.

- Jael está vindo?

- Sim.

O rapaz sorriu.

- Isso me deixa feliz.

Desde a queda de sua cidade, Basan, os filhos de Ogue viviam pelas terras desabitadas do leste. Do traço de sua passagem, de vez em quando alguém encontrava enormes pedras em forma de mesa, cadeira, cama ou altar. Era uma maneira que eles encontraram de fazer viver o espírito de Basan, enquanto houvesse um filho de Ogue no mundo.

Quando Davi acordou, ele demorou a entender onde estava. Havia perdido, inclusive, a noção do tempo. Sentado, de costas retas escoradas em uma grande pedra, ele tinha ambos os braços esticados por correntes e a cabeça latejava. Em outra pedra ao seu lado, na mesma posição, estava Noa. Ela o observava com alívio e preocupação.

- Como se sente? – ela perguntou.

- Minha cabeça dói – ele gemeu. – E quanto a você?

- Estou bem. Acho que não quebrei nada com aquela queda.

Davi olhou em volta e percebeu o tamanho monumental das pedras que havia ali.

- Onde estamos?

- Não faço idéia. Gigantes não são a minha especialidade. Até há pouco tempo, eu os julgava como seres lendários.

- Eles destruíram sua floresta. São bem reais pra mim.

- Eles não destruíram minha floresta, Davi. Apenas uma pequena parte dela.

Nesse momento, uma enorme sombra projetou-se por trás deles. O dono da sombra apareceu logo em seguida. Davi olhou abobalhado para o gigante. Um dos Amins, filhos de Ogue, de quem Sarah já havia lhe falado. Ele devia ter uns três metros, longa barba e longos cabelos acinzentados, olhos pequenos e friamente estreitos. A roupa era rústica, feita de couro e peles. Ele parou diante

deles e sorriu. Não foi um sorriso caloroso, mas vitorioso. Ele apreciava as duas presas valiosas que caíram em sua rede.

- Nós, Amins, não gostamos de fazer prisioneiros com aqueles que caem na rede. Vocês só estão vivos para agradar Balaan – ele disse isso olhando para Noa. – Ele ficou interessado na mulher. Alguma coisa em seu pescoço lhe chamou a atenção. Coisas de magos – ele soltou uma gargalhada.

Davi percebeu que Noa ainda usava a corrente contendo o selo da Ordem de Zelo feade. Ela sempre seria uma delas e nunca perderia seus dons sacerdotais, ainda que tivesse optado pelo caminho da floresta. Davi fechou os olhos e tentou visualizar mentalmente o cenário em sua volta. De repente algumas imagens foram passando por sua cabeça. Imagens que poderiam ocorrer, dependendo de sua escolha. No meio dessas imagens, ele reconheceu a si próprio e quando voltou a abrir os olhos, já sabia o que tinha que fazer. No momento, porém, preferiu aguardar. Noa, apesar de não haver demonstrado, suspendeu a respiração ao ouvir a palavra “mago”. Davi sentiu a sua tensão. O gigante afastou-se.

- Há um mago entre eles – ela sussurrou. – O rei Jabim os está enviando para cada região de Hedhen. É dessa forma que ele consegue ter olhos em toda parte.

- O que ele pode querer com você?

- Informações, Davi. Eu fui comandante da Ordem e conheço todos os pontos fracos da Cidade Dourada. Falo dos pontos que poderiam ser atingidos para enfraquecer o poder dos Tronos. Pontos que só poderiam ser atingidos por uma via espiritual.

Davi a olhou com incredulidade.

- Isso não pode existir, Noa!

- Eu gostaria muito de dizer o mesmo, mas não posso.

Ela respirou fundo e tentou relaxar.

- Eu preciso tentar colocar minha armadura. Faz muito tempo que deixei de usá-la. Ela pode barrar qualquer tentativa do mago para ler meus pensamentos.

Davi ficou em silêncio, enquanto Noa tentava colocar a armadura invisível. Quando o gigante voltou, estava acompanhado de um homem já velho e encarquilhado pelo tempo. Seus olhos, que Davi achou estarem quase cegos, analisaram Noa, que permanecia de olhos fechados. Sem dizer nada, o mago também fechou os olhos. De repente, Noa começou a se debater como se lutasse para se ver livre de alguém. O rapaz percebeu que o mago forçava sua entrada na mente dela e que ela reagia em defesa. Davi gostaria de ter mais poderes mentais, além daquele que lhe permitia ter visões. Noa debatia-se com

tanta força, que as correntes que lhe prendiam os braços começaram a ferir seus pulsos. Davi percebeu que havia chegado a hora.

- Eu desafio você, gigante! – ele gritou.

O Amin o olhou com interesse. Sarah havia dito que os filhos de Ogue ficaram famosos por fazer do duelo um modo de vida. Eles chegavam a ganhar até mesmo guerras em desafios homem a homem.

- Quer me desafiar, menino? Por que você quer morrer, vermezinho?

- Qual é o problema? Tem medo de perder para alguém menor do que você?

O gigante grunhiu e deu um passo à frente.

- Saiba que nunca fugi de um duelo!

- Prove, então! Aceite o meu desafio.

O gigante coçou a barba.

- E o que estará em jogo? Sua vida?

- Se você ganhar pode dispor de nossas vidas como quiser; se eu ganhar, você nos liberta.

- Está querendo lutar pela sua liberdade?

- Sim.

- Parece interessante.

- Mas, antes de lutar você vai ordenar a esse mago que pare de torturar a mente da mulher.

- E por que eu faria isso?

- Se ela não estiver mentalmente bem, não haverá luta e todos saberão que você desistiu de um duelo para não contrariar o mago.

O gigante estreitou os olhos, estudando a proposta.

- Eu aceito! – ele falou, erguendo o mago pela túnica e tirando sua concentração.

Noa, ao ver-se livre, parou de se debater e relaxou o corpo, respirando ofegantemente. Ela parecia exausta. O mago olhou reprovadoramente para o Amin.

- Por que interrompeu minha jornada?

- Os negócios do seu rei-feiticeiro podem esperar. No momento, eu tenho que preparar o cenário para um duelo. E para os filhos de Ogue não há nada mais sagrado do que um duelo.

Eles saíram e ficaram fora de visão. Noa virou-se para ele, ainda meio pálida.

- O que você fez, Davi? Como pretende lutar com aquele monstro? Você é apenas um menino!

- Não sou mais tão menino assim, Noa. Além do mais, talvez o meu

tamanho esteja ao meu favor.

Capítulo 30

O Duelo

Héber estava na orla da floresta observando a poeira que subia no caminho percorrido pelos cavaleiros que se aproximavam. À frente deles vinha um cavalo que ele conhecia muito bem. Solaris. O coração dele bateu forte. Não era dessa forma que ele queria reencontrar a esposa. Durante dois dias, ele e Sangar procuraram por cada canto daquela floresta, mas nada encontraram. Nada, a não ser o arco de Davi abandonado perto de um paredão de pedra. Sangar, assim como ele, estava desolado. Os filhos lhe faziam perguntas sobre a mãe e ele começava a ficar sem respostas. Jael apressou o cavalo ao ver Héber. Ela saltou e correu para abraçar o marido.

- Jael, eu sinto muito... – foi tudo o que ele conseguiu dizer.

- Não se culpe, Héber.

- Eu não consegui protegê-lo. Um dia, eu lhe prometi que não deixaria nada de ruim acontecer a ele...

Jael olhou firme para ele.

- Pare, Héber! Nós precisamos nos apressar.

Então, ele lembrou-se do óbvio.

- Você falou com ele!

- Sim. Foi uma comunicação rápida, mas que me deixou preocupada. Ele e Noa estão sendo mantidos em algum tipo de acampamento dos gigantes. Tudo o que ele soube me dizer é que estão cercados por pedras enormes. Talvez Sarah conheça o local.

Héber olhou para a tropa que acompanhava Jael. Viu Joakim e Zacarias na frente dos homens.

- E onde está Sarah?

- À caminho, eu espero.

Quando eles chegaram ao abrigo, Sangar apressou-se a cumprimentar Jael. Abinoão, por sua vez, fez uma reverência.

- Rainha Jael...

- Abinoão, eu lhe agradeço por ter tido a atitude de usar o poço das visões e me chamado.

Ela virou-se para Sangar.

- Você conhece algum local que possua pedras grandes, como as que são associadas ao povo de Ogue nas velhas lendas?

Sangar balançou a cabeça.

- Não, Jael. A Floresta de Quedes ainda possui muitos lugares inexplorados para mim. Não nasci aqui e tenho meu conhecimento limitado quanto a sua geografia.

Abinoão deu um passo à frente.

- Eu já ouvi falar de um lugar assim. Fica, se não me engano, na fronteira leste da floresta. Existe uma colina, e em seu topo, pedras monumentais formando um estranho círculo. Costumava-se chamar o lugar de Floresta das Árvores de Pedra, porque as pedras tomavam o lugar das árvores.

Jael sorriu para o velho e voltou-se para Sangar.

- Sarah está a caminho, mas enquanto ela não chega, precisamos reunir o máximo de guerreiros para encontrar esse lugar.

- Jael, nem sabemos se ele existe! – lamentou-se Sangar.

Ela olhou para os dois homens postados à sua frente e falou com firmeza;

- O lugar existe, Sangar. A sua mulher e o meu filho estão lá. E sabe o que mais? Eles precisam de nós. Davi está para fazer algo que eu, pessoalmente, relutaria em fazer.

Héber a encarou.

- O que ele vai fazer?

- Ele desafiou um gigante para um duelo.

Héber levou às mãos a cabeça.

- E por que ele foi fazer essa loucura?

Dessa vez ela buscou os olhos de Sangar.

- Para evitar que a mente de Noa fosse dominada por um dos magos de Jabim – ela deu um passo à frente e tocou no braço do homem que a olhava com grande perturbação. – Eu já passei por isso, Sangar. Sei muito bem o que é ter alguém tentando violar a sua mente, seus pensamentos. Se você não quiser que isso aconteça com Noa, e que ela se torne uma pessoa inútil, temos que começar a pensar no mito como realidade.

Ele respirou fundo e pôs a mão com firmeza sobre o ombro dela.

- Reunirei os melhores guerreiros da floresta. Muitos deles são rastreadores e poderão ir à frente. Nós vamos encontrá-los!

Deborah estava impaciente. As notícias da fronteira demoravam a chegar e o movimento de caravanas e delegações que a procuravam no palácio havia diminuído consideravelmente por causa da aproximação do inverno. Naquela manhã, ela havia decidido ir à Shilloh com Eva. Simeão queria mostrar-lhe algo que, segundo Ana, era importante para a Profecia. Eva havia se encarregado de preparar os cavalos, enquanto ela terminava de atender o caso de um agricultor.

O homem morava nas montanhas e percebeu que a plantação estava morrendo em decorrência de um pó amarelado. Ela prometeu ir até a propriedade dele pessoalmente tão logo voltasse de Shilloh. Quando ele saiu, aliviado e agradecido, ela ouviu a voz de Jael.

- “Irmã?”.

- Jael? – Deborah permaneceu sentada no trono em meio a uma sala vazia.

– O que aconteceu?

Jael apressou-se a lhe contar tudo. Deborah podia, de alguma forma que ela não conseguia explicar, sentir a força da mente de Davi. Talvez porque o rapaz possuísse o mesmo dom profético que ela. Ela não podia comunicar-se com ele, mas sentia sua energia forte e ativa. O que mais lhe preocupava era Noa. Davi era protegido pela Profecia, mas Noa estava vulnerável.

- Vou falar com Salum – ela decidiu. – A Ordem deve conhecer algum meio para se unir em proteção da mente de sua antiga comandante. Infelizmente, eu não posso chegar até a mente dela, como fiz com a sua.

- “Eu sei disso, Deborah. Era exatamente isso que eu ia lhe pedir. Apesar de ter deixado a Ordem, Noa possui o dom sacerdotal e não pode ser destituída dele”.

- Davi ficará bem, Jael. Não posso me comunicar com seu filho, mas posso sentir sua força e tentarei, através da minha luz, mantê-lo forte o suficiente para agir com clareza e sabedoria.

- “Acha mesmo que pode fazer isso?”.

- Sim, minha irmã. Eu posso.

Jael ficou em silêncio, mas Deborah sabia que ela continuava ali.

- Você tenta ser forte, mas seu coração bate com tanta força que eu consigo senti-lo.

- “Eu preciso ser forte, Deborah. Por Héber. A sensibilidade dele como pai sempre me comoveu e agora, eu entendo a dor que ele está sentindo, pois ele a sente como uma mãe sentiria”.

Deborah sorriu.

- Como você está sentindo – ela falou com suavidade. – Não tente enganar sua velha irmã.

- “Você não é velha. Temos a mesma idade, lembra?”.

- O que vocês vão fazer agora?

- “Tentaremos chegar ao reduto dos gigantes a tempo de impedir esse duelo. Segundo o que Davi me disse, haverá um tempo de preparação, pois um duelo é sempre um grande evento para os filhos de Ogue. Eles vão tentar reunir uma platéia animada”.

- Então vá, minha irmã. Não perca tempo.

A voz de Jael silenciou. Deborah ficou ali, sentada no trono e perdida em pensamentos.

- Mãe? – a voz de Eva a despertou.

A moça caminhou até o trono olhando intrigada para ela. Ao ver a filha entrar decidida e atravessar a sala a passos firmes, ela percebeu em seu coração que Eva era uma guerreira já em pleno desenvolvimento.

- Os cavalos estão prontos – Eva comunicou ao parar diante dela. – O que aconteceu? Faz tempo que aquele agricultor das montanhas deixou o palácio.

- Sua tia se comunicou comigo.

Eva deu um passo para trás.

- A guerra chegou ao norte?

- Não, filha. O problema é outro.

Deborah estendeu o braço para ela.

- Venha e sente-se ao meu lado. Eu tenho algo para lhe contar. Preciso compartilhar essa história com você, porque pretendo lhe pedir uma coisa difícil.

- E o que seria, mãe? – Eva sentou-se no trono do pai.

- Eu quero que você desobedeça ao sacerdote Áquila, e entre em contato com seu primo.

Eva piscou os olhos aturdidos.

- O que aconteceu com Davi?

- O seu primo está precisando de ajuda. Uma ajuda que eu acredito poder proporcionar, mas não sem você.

Eva escutava com atenção a cada palavra de Deborah.

- A sua ligação com ele é tão forte quanto a minha ligação com Jael. Preciso que você crie uma ponte entre vocês para que eu possa enviar a força que ele precisa.

- Farei qualquer coisa para ajudar meu primo. Mesmo que depois disso, Áquila me ponha de castigo e me impeça de sair do palácio por um mês!

Deborah sorriu e tocou no cabelo da filha, prendendo-o atrás da orelha.

- A causa será nobre. Mas, se alguém tiver que pagar o preço, serei eu e não você.

- Mãe, eu assumo meus erros e não tenho medo de sofrer as conseqüências. Essa foi uma das maiores lições que aprendi com você. Ainda vamos para Shilloh?

- Sim. Acho, inclusive, que dormiremos por lá. É o local perfeito para o que devemos fazer.

- Espero que me conte tudo no caminho – Eva levantou-se e puxou a mãe pela mão.

- Contarei. Mas antes, devemos passar no templo, pois há um assunto sério a tratar com Salum. Assim como Davi precisará de nós, Noa precisará da Ordem.

Eva a olhava, estarrecida.

- Mãe, eu acho que a sua história vai ser bem longa!

Quando elas chegaram a Shilloh, Simeão e Ana as aguardavam no portão. Os olhares ansiosos na estrada brilharam quando as viram chegar. Simeão pegou as rédeas dos cavalos, a fim de levá-los para a pequena estrebaria do santuário.

- Ana, leve-as para o jardim – ele pediu. – Mostre a elas o que descobrimos esta manhã.

A velha profetiza tomou as mãos de ambas e seguiu as ordens do marido. Mãe e filha trocaram um olhar curioso, pois a ansiedade de Ana e Simeão começava a contagiá-las. Ana parou em um canteiro do jardim cuja terra ainda não havia sido preparada, mas uma pequena cerca fora colocada a sua volta recentemente. Eva soltou uma exclamação quando viu o interior do canteiro. Deborah, de boca aberta e olhos espantados, fitava maravilhada as duas pequenas mudas de árvores que começavam a crescer naquela terra não cultivada. Ela, conhecedora das plantas, ajoelhou-se e tocou o pequeno galho que começava a despontar para a vida. Ela fechou os olhos e sentiu a essência da seiva.

- Oliveiras – ela murmurou com um sorriso.

- O que... – Eva encontrava-se sem palavras. – O que isso significa?

- Acho que significa que você e Davi alcançaram a maturidade e estão prontos para serem instrumentos do Pai – disse Simeão que acabava de chegar.

- Mas, sem um aviso? Sem um ritual? Eu sei que o fogo de Shilloh queima desde que minha mãe acendeu a tocha no antigo Ritual de Lapidote. Mas, e quanto a nós? Eu e Davi não passamos por nenhum ritual.

Deborah levantou-se.

- Tem tanta certeza assim? O batismo de vocês pode vir de uma maneira diferente. O que foi que o Ancião lhes disse em Gades?

Eva forçou a memória.

- Ele disse que quando experimentássemos a guerra e enfrentássemos nossos medos, estaríamos prontos para voltar a Gades e mergulhar no Lago Sagrado, porque seria um sinal de que estaríamos maduros e prontos para a nossa missão.

Deborah pôs a mão no ombro da filha.

- Não é isso o que está acontecendo com vocês? Você enfrentou sua primeira batalha contra os lobos da montanha e enfrentou seus medos ao duelar com o mago. Davi viu a guerra de perto no ataque a Floresta de Quedes, e agora ele está prestes a enfrentar seus medos em um duelo com um filho de Ogue.

- Ainda não acabou, mãe. Precisamos ajudá-lo.

Deborah olhou para os avós, que escutaram suas palavras e ficaram preocupados.

- Meus avós queridos, o Pai quis que viéssemos aqui, porque ele queria testificar que não estaríamos quebrando regras ao desobedecer as palavras de um sacerdote. Davi está para cumprir o que lhe foi designado como destino. Mas é uma missão na qual ele vai precisar ser apoiado, muito embora a luta tenha que ser apenas dele. Eu e Eva ficaremos aqui por um tempo que não posso especificar quanto vai durar.

- Você sabe o que faz, minha neta – disse Ana.

- Quando eu vi as pequenas mudas, eu tive a certeza de que era um sinal – Simeão buscou a mão de Ana. - Estou feliz por ter acontecido em Shilloh, e no meu jardim. Fiquem o tempo que o Pai quiser.

Eles foram se afastando sem olhar para trás. Eva olhou para a mãe com um pouco de receio.

- Não tenha medo – disse Deborah. – Ainda não chegou a hora.

Davi e Noa haviam sido retirados das correntes há alguns dias e mantidos em uma sala em ruínas com apenas uma entrada, bem vigiada por dois gigantes. Noa, impaciente, passou a mão pelas paredes e sentiu a superfície lisa das pedras enormes que a formavam.

- Estamos nas ruínas de uma antiga cidade de gigantes – ela murmurou.

- Apenas eles poderiam construir com tais pedras – disse Davi.

Noa virou-se para ele. O rapaz tentava parecer tranquilo, mas estava muito assustado. No caminho até aquela nova prisão, eles viram a aglomeração que se formava. Os filhos de Ogue eram numerosos como um exército e chegavam já todos de armaduras. Eles preparavam algum tipo de investida e o duelo era apenas uma divertida tradição que eles faziam questão de manter. Um último divertimento para aqueles que tombariam em batalha e um estímulo para os que lutariam com bravura.

- O que pretende fazer quando estiver na arena de frente com um oponente que tem três vezes o seu tamanho?

- Ainda não sei, Noa – ele sentou-se em um canto e pôs as mãos na cabeça.

– Preciso pensar e tentar enxergar uma saída para essa loucura que comecei.

Noa compreendeu e foi sentar-se em outro canto da sala. Davi fechou os olhos, tentando usar o seu dom para perceber alguma coisa. Então, aconteceu o que ele não esperava.

- “Davi, você pode me ouvir?” – era a voz de Eva.

- Eva? Como você... O sacerdote nos proibiu...

- “Eu sei, meu primo. No entanto, você precisa de mim. Essa luta é sua e apenas você pode enfrentá-la, mas os gigantes possuem uma arma que você desconhece. Eles, unidos, podem fazê-lo tombar pelo medo insinuado em sua mente”.

- Como se o tamanho deles não bastasse – ele sorriu com amargura.

- “Davi, minha mãe está aqui. Ela precisa de mim para chegar até você. Ela vai lhe mandar a luz que você precisa para se manter firme diante do poder dos filhos de Ogue”.

Davi suspirou agradecido pelo Pai ter vindo ao seu socorro, enviando a prima e a tia para auxiliá-lo nessa hora.

- Eu estou pronto para receber o que sua mãe tem pra mim, Eva.

Ele fechou os olhos e sentiu a mente ser envolvida por uma onda de luz que clareou seus pensamentos e sua visão interior. Ele respirou fundo ao sentir que essa luz se irradiava por cada ponto de seu cérebro.

- Eu me sinto pronto, agora – ele sussurrou.

- “Sim, meu primo querido, você está pronto”.

Noa viu quando Davi levantou-se. O rapaz parecia maior e mais velho do que o normal. Havia um fogo dentro de seus olhos. Ele olhou para Noa e sorriu.

- Não se preocupe. Eu não estou sozinho.

Ela levantou-se ao ver que alguém se aproximava da porta. Dois gigantes entraram e olharam para o rapaz com ar de riso. Um deles amarrou os pulsos de Davi e o puxou para fora, enquanto falava em alta voz.

- Não se deixe esmagar tão cedo, ratinho! Queremos uma diversão que dure.

Noa correu para a porta, mas foi barrada pelo gigante que havia ficado. Ele cruzou os braços e olhou para ela com ar feroz.

- Eu quero assistir o duelo! – ela esbravejou. – Ele vai lutar pela minha vida, também!

- Essa é uma luta perdida para o seu amigo. Todos sabem disso. Ninguém acha que ele vencerá. Por isso, a palavra dada não tem valor diante do óbvio.

Noa franziu o cenho e começou a se afastar da porta como se algo muito ruim fosse entrar por ela. Imediatamente, ela sentiu um formigamento familiar.

Seu corpo estava se preparando para receber a armadura! Como aquilo era possível? No seu pescoço, o pendente com o selo da Ordem começou a brilhar. Ela fechou os olhos, se concentrou em cada uma das partes da armadura e sentiu-se completamente revestida. Ela não sabia que longe dali, no templo da Cidade Dourada, Salum reunira um grupo de sacerdotes para interceder por ela. Nessa hora, o gigante afastou-se para o lado e o velho mago entrou. Ele não estava sozinho. Dois aprendizes o seguiam. Os dois homens mais jovens possuíam capuzes cobrindo-lhes os rostos. Eles caminharam cada um para um canto oposto da sala. O mago ficou no meio. Noa estava firme, próxima à parede dos fundos. O capacete envolvia toda a sua mente. Ela podia senti-lo.

- Sinto que posso extrair maravilhas de sua mente – o velho falou com empolgação.

Noa observava os movimentos dos aprendizes com o canto dos olhos. Eles mexiam apenas os lábios, soltando encantamentos. Ela, lentamente, ergueu o braço esquerdo. O aprendiz foi ao chão, como se houvesse sido atingido por uma força invisível, e ficou se debatendo no chão. O outro rapaz olhou assustado para o mago, mas este fez sinal para que ele continuasse. Virando o corpo, Noa apontou o mesmo braço que havia erguido, em direção do segundo aprendiz. O rapaz caiu na mesma hora. O escudo havia aparado e refletido de volta os encantamentos direcionados para ela. Ela voltou-se para o mago.

- Agora somos apenas nós dois, Balaan.

O velho a olhou com respeito e admiração.

- É mais forte do que eu pensava, minha jovem. Diga-me que tipo de proteção está usando? Eu só vejo sombra em sua mente. Que tipo de poder barra a minha magia?

Ele tentou prendê-la com o olhar. Noa deixou-se fazer o jogo do mago. Ela baixou o braço e o deixou inerte ao lado do corpo. Balaan aproximou-se cautelosamente, certo de que havia imobilizado a sua vítima. Quando ele estava suficientemente perto, ela ergueu o braço direito. Ele parou horrorizado, ao sentir como se a ponta fria de uma espada estivesse pressionando o seu peito.

- Esta espada que você não vê, tem a ponta mais afiada do que qualquer espada dessa terra. Se eu a empurrar, o seu corpo virará pó em segundos.

O mago mal respirava. Ele trabalhava para o mal e como todos que assim faziam, tinha medo de morrer. Ele podia sentir a realidade daquela arma mágica.

- Você é uma maga maior do que eu – ele murmurou.

- Vamos até a porta. Você vai dizer que me tem debaixo de seu controle e me tirará daqui. Tente outra coisa e vai sentir o frio dessa lâmina dentro de

você.

Foi fácil enganar o gigante. Ele parecia entediado por ficar de guarda e pareceu feliz ao ser liberado desse cargo. Noa respirou aliviada quando o viu correndo em direção a arena criada em meio a grandes pedras. Todos queriam ver o duelo. Ao ver-se livre da vigilância do gigante, Noa voltou-se para o sacerdote e o abraçou com força. O poder da couraça sugou as forças do velho e este caiu desfalecido. Noa o arrastou para trás de uma parede quebrada. Ela ouviu os gritos de empolgação de centenas de gigantes e temeu pelo pior. O que ela poderia fazer para ajudar Davi?

Esgueirando-se por detrás de um muro ciclópico, Noa usou as rachaduras para subir o suficiente a fim de ter uma visão da arena improvisada. Ela buscou Davi com os olhos, mas ele não estava ali. A algazarra que os Amins faziam era com relação a apresentação dos comandantes de ala que, nesse momento, postavam-se totalmente armados diante dos gigantes eufóricos. Um deles ergueu os braços e, com uma voz gutural, falou:

- Hoje começa um novo tempo para os filhos de Ogue. O rei-feiticeiro nos enviou o sinal do despertar. A nossa força concentrada lá fora, aguarda seus comandantes para iniciar a grande investida para o sul. Não haverá barreiras que se interponham em nosso caminho. Destruiremos quem se opor a nós e a expansão de nosso reino. Basan será reconstruída. Enquanto isso, o contingente que aqui está, após o breve duelo que divertirá seus egos, deverá continuar a demanda para a conquista do norte. Quedes ainda resiste, mas por pouco tempo. Hazorah cairá em breve e então o norte será nosso. Hedhen pertencerá aos filhos de Ogue! Os Amins dominarão toda a sua extensão! A Cidade Dourada não será páreo para nós! Por Ogue! Por Basan! Pelos Amins!

O povo bradou ensandecido pelo discurso que prometia uma grande conquista. Noa balançou a cabeça, abismada pela arrogância dos gigantes. Eles ousariam, então, desafiar os Tronos confiando apenas em seu tamanho e força? Os comandantes se retiraram e foram se unir as tropas que marchariam para o sul. Isso era preocupante, pois Barak e Deborah não contavam com essa investida. Ela pensava num modo de avisá-los, quando viu a figura de Davi ser empurrada para o meio da arena. O rapaz parecia uma formiga indefesa diante de todos aqueles homens enormes.

- Pai, proteja-o – ela murmurou.

Olhando para trás, ela conseguiu ver a folhagem espessa de Quedes. Eles estavam perto da fronteira da floresta. Olhando mais profundamente com a visão sacerdotal permitida pelo uso da armadura, ela viu algo mais se movendo lá embaixo e sorriu. Algo iria acontecer.

As mãos de Davi foram desamarradas quando ele foi empurrado para dentro da arena. Ele agüentou calado, o insulto dos gigantes. Uma grande espada fora jogada aos seus pés. Pelo tamanho e peso, seria preciso dois homens de tamanho normal para erguê-la. Mais insultos e mais risadas. No entanto, ele sentia-se um gigante por dentro. Seu coração batia rápido e parecia bombear energia para o seu corpo. Sua visão estava clara. Ele podia prever cada movimento, cada pensamento. Essa seria sua maior arma. Na sua fraqueza ele demonstraria sua força.

Ele parou no centro da arena e ficou a espera. A cabeça erguida e o olhar confiante do rapaz surpreenderam os Amins. Um homem surgiu na sua frente. Davi não pôde deixar de temer diante daquele ser monstruoso. Ele parecia um gigante deformado. Suas pernas eram arqueadas e ele bufava como um animal selvagem. Nas mãos, ele trazia uma rede e uma clava cheia de pregos.

- Vamos lá, rapazinho, pegue a sua espada – gargalhou um gigante na platéia.

“Pegue a espada” – ele ouviu a voz dentro de sua cabeça. Não saberia dizer se era de Eva ou de Deborah. Talvez a tia, através da ponte criada por Eva, conseguisse se comunicar com ele. Obedientemente, ele se inclinou e pegou no cabo da enorme arma. Uma corrente de energia desceu por seu braço até alcançar sua mão. Ele ergueu a espada com a mesma facilidade com a qual ergueria sua própria arma. Exclamações de assombro passaram pela platéia. O oponente titubeou, sem acreditar no que estava vendo.

- Você acha que pode me vencer por causa do seu tamanho – Davi gritou. – Pois eu lhe digo uma coisa. A força que está em mim, você não pode ver. Eu posso ver você e prever seus movimentos, mas você não saberá o que o derrotou porque não tem olhos para ver.

- Acabe logo com esse rato, Golan! – gritou alguém na platéia.

Golan, o gigante deformado, investiu contra ele. Davi pulou de lado e se esquivou do golpe. Erguendo a espada por sobre a cabeça, ele deu um giro e acertou na mão que segurava a rede. Golan urrou de dor quando a rede e parte de seu dedo caíram longe. Davi correu para o canto mais distante, longe do gigante. Furioso, Golan virou-se a sua procura e quando o viu, em vez de investir para cima do pequeno oponente, ele confiou em sua boa pontaria e jogou a clava sobre Davi.

“Pule para a direita” – ele ouviu a voz dizer. Jogando-se no chão, ele viu quando a clava passou pelo lugar onde ele estava e arrancou um pedaço da parede da arquibancada. Com o canto do olho, ele viu a rede jogada e esquecida no chão, mais perto dele do que de Golan. Arremessando a sua espada quase ao

nível do chão, ele feriu a panturrilha do gigante e o fez tropeçar e cair pesadamente para frente. Nessa hora, muitos gigantes ficaram de pé, assombrados. Até mesmo Noa, em seu esconderijo, teve que se segurar para não perder o equilíbrio.

Livre da espada, Davi correu em direção da rede abandonada. Muitos gigantes perceberam o que ele ia fazer.

- Levante-se, Golan! Um Amin não pode ser derrotado por um filhote de anão! – a platéia gritava em desespero.

Mas era tarde para Golan. Antes que ele conseguisse ficar de joelhos, sentiu a rede cair sobre ele e os pés do rapaz plantados em suas costas. Aquele menino parecia ter o peso de um gigante, pois Golan sentiu-se esmagado e se prostrou, preso pela rede e pela força do garoto. Davi, quando viu que Golan se entregara, ficou em pé sobre as costas do gigante e ergueu os braços.

- O duelo acabou! Os Amins possuem honra em uma palavra dada?

Em resposta, três gigantes pularam na arena. Davi respirou fundo, ao ver que eles não estavam ali para lhe entregar nenhum prêmio. O rapaz saiu das costas de Golan e foi andando para trás. De repente, livre da força do rapaz, Golan se ergueu e colocou-se de frente para os três gigantes.

- Acabou! – ele rugiu. – O menino venceu!

- E vamos deixar o mundo saber que um gigante foi derrotado em duelo por um rato? – rosnou um deles.

Golan abaixou-se e pegou a espada que Davi usara.

- Ainda acredito na honra dos duelos. A única que restou para nós. Eu não vou abrir mão dela.

Um dos gigantes investiu contra Golan e ambos começaram a trocar golpes de espada. Enquanto isso, os dois restantes aproximavam-se dele, um de cada lado. Acuado contra a parede, ele não via como escapar.

“Calma” – disse a mesma voz de antes. “A briga não é mais sua, príncipe de Hazorah”. Antes que ele buscasse entender o sentido da frase, uma flecha cruzou o ar e atingiu um dos gigantes que caiu morto na mesma hora. Logo, uma chuva de flechas encontrou destino sobre cada gigante que caía. Davi abaixou-se e observou a flecha que havia abatido o gigante. Era leve e brilhava como prata. Gades! Ele soltou a flecha ao ver a sombra que se projetava sobre ele. Havia esquecido o segundo gigante. De repente, o Amin fez uma careta de dor e Davi percebeu a ponta da espada que o traspassara. Golan havia vencido o primeiro oponente e agora acabara de salvar sua vida. O gigante deformado olhou para o rapaz com admiração e respeito.

- Corra, rapaz! Você merece viver! Corra!

Com um sorriso agradecido, Davi levantou-se e correu, pulando o muro de pedra que circulava a arena.

Quando se viu afastado da arena, Davi parou e se voltou para ver o que estava acontecendo. As flechas caíam sobre os gigantes por todos os lados, enquanto as ruínas eram invadidas por um pequeno exército que parecia não temer o tamanho dos oponentes. Ele sorriu ao ver as roupas azuis dos queneus lutando ao lado dos homens de Quedes. Mas as flechas não estavam sendo atiradas por eles. O ataque estava sendo organizado por Gades. O rapaz procurou, tentando ver onde os gaditas estavam escondidos. De repente, os gigantes pararam de lutar e olharam em volta. Formando um círculo, surgiram os arqueiros de Gades. Famosos por nunca perderem o alvo, mesmo no escuro. Liderando-os estava Sarah. Ela vestia-se como uma gadita, com uma túnica acinzentada, clara e esvoaçante, calças da mesma cor e botas de pele. A roupa dava a eles uma aparência etérea. Os gigantes não sabiam como se comportar diante de seus mais antigos inimigos. Apesar do tamanho, eles reconheciam que seu número fora bastante reduzido diante do ataque surpresa. Sarah pulou sobre um muro e falou sem tirar os olhos dos gigantes.

- Povo de Gades, atirem suas flechas, que foram mergulhadas no Lago Sagrado, sobre as pedras monumentais desse lugar. É nelas que reside a antiga força de Basan. Essa força jamais deveria ter sido despertada novamente. É nosso dever neutralizar esse lugar.

Ela ergueu a mão e quando a desceu, as flechas foram atiradas sobre as pedras. Ao tocarem sua superfície, as flechas se desfaziam como água e as pedras se tornavam escuras, minadas de sua energia. Muitos gigantes sentiram-se fracos e caíram ajoelhados. Outros, reconhecendo a derrota, simplesmente abandonaram suas armas e arrastaram-se para longe daquele sítio. Sem a força das pedras, eles não tinham coragem e nem vontade de lutar, pois o espírito de Basan se fora. Davi estava parado a uma distância segura. Golan passou por ele e parou ao ver o rapaz. Não havia tristeza em seu rosto. Talvez ele tenha sido o único dos Amins ao receber aquilo como uma libertação. A libertação de um antigo estado de selvageria. Davi sorriu agradecido e o gigante respondeu ao gesto, inclinando a cabeça com respeito.

- Davi!

Ele ouviu a voz do pai e correu até ele. Héber o abraçou com força. Ele estava aliviado e orgulhoso do filho. Davi viu, por cima do ombro do pai, a mãe se aproximando. Jael soltou a espada que trazia na mão e correu para abraçá-lo. Os três ficaram ali por um longo tempo. Não havia necessidade de palavras. Foi então que Davi lembrou-se de Noa.

- Onde está Noa? – ele perguntou aflito.

- Eu estou aqui – disse Noa.

Ele virou-se e sentiu os olhos umedecerem ao ver a companheira de aflição a salvo, ao lado de Sangar. A mulher abriu os braços e o rapaz se lançou sobre eles.

- Eles não iam cumprir a palavra – ele disse. – Achei que tinham matado você.

- Isso teria acontecido, mas o Pai olhava por nós.

Sangar deu um passo à frente.

- Noa me contou que um exército de Amins iniciou uma marcha em direção ao sul. Precisamos temê-los com o poder das pedras destruído?

Sarah chegou na hora em que ele fazia a pergunta.

- O poder das pedras estava relacionado com o local. Longe desse lugar, caso o exército marche com algum mago entre eles, será fácil invocar o poder de Basan sobre qualquer uma dessas pedras monumentais que encontrarem no caminho.

- Então, há mais pedras como estas? – Sangar perguntou.

- Estas pedras-monumento fazem parte do mundo antigo – explicou Jael. – Os filhos de Ogue conhecem cada sítio perdido pelo caminho.

- Nesse caso, só nos resta avisar a Cidade Dourada – sugeriu Davi.

- A Cidade Dourada não está no caminho dos Amins, mas Babilos, sim – lembrou Jael. – Se há um mago entre eles, ele teria um grande prazer em tentar saquear a Cidade do Saber para retomar o que julga seu. Precisamos avisar Nathan. Ele saberá o que fazer.

Davi olhava na direção tomada pelos gigantes.

- Para onde eles foram?

- Foram em busca de um lugar de repouso – explicou Sarah. – Por muito tempo, eles viveram nas cavernas do Grande Deserto Oriental sem se deixarem notar. Um povo antigo que sabia não ter mais força para dominar nada. Jabim lhes deu esperança de alcançar o antigo poder através da conquista. Usando os magos para reativarem o poder das pedras-monumento, ele conseguiu o que queria. Agora, eles voltaram exatamente para o lugar de onde vieram. Não oferecem mais perigo.

- O que não acontece com o outro grupo – falou Héber. – A tendência é que se fortaleçam ainda mais pelo caminho.

- Vamos nos apressar de volta à floresta – disse Sangar. – Precisamos enviar uma mensagem a Babilos.

Nathan escutou atentamente toda a história contada por Jael. Ele e Otoniel

se encontravam diante do poço de Babilos e ambos os sacerdotes pareciam tranquilos quanto aos fatos apresentados.

- Babilos não corre perigo, Jael – disse Nathan. – Se há antigos magos de Babilos marchando junto aos gigantes, eles devem saber que a fonte de seu antigo poder não existe mais. Essa fonte fluía da pedra do céu e você sabe como esse poder foi convertido para o bem após a ascensão dos Tronos.

- Nathan tem razão, minha filha. O poder de Babilos não pode mais servir a seus antigos magos. Além disso, ele é suficiente para proteger nossa cidade contra a investida que está a caminho.

Jael caminhava de um lado para o outro, tentando entender a calma dos sacerdotes.

- “Não entendo essa atitude acomodada de vocês, Nathan. Eles conseguiram despertar o lado belicoso de uma raça praticamente extinta e esquecida. Os filhos de Ogue que marcham para o sul formam um verdadeiro exército e estão com muita sede de conquista. O que o faz pensar que Babilos está imune a isso?”.

Nathan suspirou.

- Porque eu acho que Babilos não é o alvo que eles buscam. Para chegar aqui, eles teriam que desviar de seu caminho e enfrentar uma estrada montanhosa e difícil. No entanto, se seguirem reto eles encontrarão, além de muitas aldeias que podem ser saqueadas, outro local tão antigo e poderoso quanto esta cidade. Vamos, Jael! Force sua memória, filha!

Jael encarou o reflexo de Nathan na água do poço.

- “Aroer!” – ela falou com a voz trêmula.

- Isso mesmo. Aquela cidade poderia dar aos filhos de Ogue um poder que não viria a ser anulado com magia nenhuma.

- “Você está se referindo as pedras-monumento que cercam aquela cidade?”

- Exatamente. Aquelas pedras sempre foram um mistério que, infelizmente, talvez seja conhecido pelos amins.

- “Nathan, aquela cidade não possui um poço das visões – Jael estava pálida e segurava na borda do poço. – Como podemos avisá-los?”.

- Fale com Deborah – Otoniel pediu. – A Cidade Dourada está mais próxima de Aroer do que nós e qualquer mensageiro que for enviado de lá, chegará mais rápido do que os gigantes.

- “Eu tenho uma idéia melhor – disse Jael. – Os cavalos de Midani são bons corredores. Seguindo em linha reta, um mensageiro midanita chegaria mais rápido em Aroer”.

- Sim, Jael! Você tem razão. Falarei com Izaque agora mesmo.

Nathan saiu apressado, enquanto Otoniel permaneceu junto ao poço.

- O que pretende fazer agora, Jael? Pelo que me parece, o norte permanece seguro.

- “Acho que marcharei até a Cidade Dourada, Otoniel. As investidas de Jabim foram refutadas desse lado de Hedhen. Agora, nada impede que ele concentre suas forças no sul. Temo pela integridade do Poço das Origens”.

- Tudo o que posso dizer é que continua bem guardado e invisível para os nossos inimigos.

- “Isso me tranqüiliza um pouco, mas não totalmente”.

Nathan chegou ao acampamento midanita e foi logo cercado pelas crianças. Sorrindo, ele desceu do cavalo e foi ao encontro de Izaque, que o aguardava na entrada da tenda.

- Preciso de sua ajuda, meu amigo – disse Nathan, após cumprimentar o chefe tribal.

- O que meu povo pode fazer para amenizar a dor de Hedhen? As notícias que chegam até nós fazem tremer meus velhos ossos. No entanto, continuo forte para lutar ao lado do bem.

- Preciso de seu mais veloz mensageiro, Izaque. Um homem que esteja disposto a não parar no caminho, a não ser que seja estritamente necessário. A mensagem deve chegar com tempo suficiente para que uma defesa seja preparada.

- O único homem que conheço e que é capaz de realizar tal façanha, sacerdote, é meu filho – Izaque ergueu a mão e um rapaz surgiu ao lado de Nathan. – Este é Itai, meu filho. Ele pode correr com o vento.

Itai pousou os olhos escuros e decididos sobre Nathan. Era um rapaz alto, de cabelos negros e pele morena.

- Para onde devo ir, meu senhor?

- Aroer – Nathan lhe passou um pequeno rolo. – Itai, você estará correndo à frente de um exército formado por gigantes. A cidade sagrada de Aroer precisa receber essa mensagem com tempo suficiente para proteger e salvar o máximo de aldeões dentro de seus muros.

Itai pegou o rolo, e o colocou dentro da roupa, em um bolso interno. Em seguida, ele olhou para o pai e inclinou a cabeça. A notícia sobre os gigantes não parecia ter abalado o rapaz.

- Sua bênção, meu pai. Devo partir agora mesmo. Pegarei o cavalo mais veloz e que está mais descansado, a fim de parar o menos possível.

Izaque pousou a mão na cabeça do rapaz e este saiu correndo. Nathan o viu

partir com o semblante carregado. Ele realmente esperava que aquele jovem fosse tão rápido quanto o vento.

Davi estava sentado em uma pedra, próximo ao regato que corria ao lado do abrigo onde permaneciam os anciões, as mulheres e crianças. O rapaz estava pensativo, atirando pedras na água. Ele sentiu uma mão em seu ombro e virou-se. Era Jael. Ela sorriu e sentou-se ao seu lado.

- Você enfrentou uma grande luta, meu filho.
- Eu sei que não estava sozinho – ele falou.
- Nunca estamos sozinhos em nossas lutas, Davi. Isso é um fato.

Ele riu.

- Mãe, isso não foi uma reclamação!

Ela pegou uma pedra e o imitou, jogando-a na água. Davi observou o rosto cansado da mãe.

- O que aconteceu em Haros? – ele perguntou.
- Algo que pode esperar.
- Você estava triste quando falou comigo e continua triste agora. Por que não me conta?

Ela o encarou.

- Porque eu ainda não aceitei o que descobri como uma verdade – ela suspirou e voltou a olhar para a água. – Haros pode esperar, Davi. Os meus pensamentos estão no sul.

- Pretende seguir para a Cidade Dourada?

- Sim. Eu já falei com seu pai. Ele vai, junto com Sangar e Noa, liderar alguns barcos até a fronteira. Sarah vai comandar uma perseguição aos Amins junto aos gaditas. Ela acha que pode ajudar Aroer, seguindo na retaguarda. Quanto ao Queneus, somos um número vasto. Levarei alguns comigo, enquanto Joakim cuidará da proteção de Hazorah.

- Irei com você – ele falou decidido.

- Achei que preferisse ir com seu pai nos barcos, já que vocês trabalharam juntos para consegui-los.

Ele pegou a mão dela e a cobriu com a sua.

- Meu pai terá bastante ajuda, mãe. Além disso, tenho muito que agradecer a Eva e também a minha tia, pois senti claramente a sua presença enquanto lutava. Há mistérios que eu quero desvendar. Quero entender o que aconteceu comigo.

Jael sorriu e abraçou o filho, enterrando o rosto em seus cabelos macios.

- Ficarei feliz por tê-lo ao meu lado, meu filho. Senti muito a sua falta.

Capítulo 31

O Cerco de Aroer

A situação na fronteira se estabilizou o suficiente para que apenas uma parte do exército continuasse em sua defesa. Aquilo preocupou Barak. Ele, às vezes, gostaria de ter um pouco da premonição de Deborah, em vez de ter que confiar apenas nos seus instintos. O rei Jabim não havia reduzido os ataques por nada. Ele devia ter algum plano escondido em sua mente diabólica. No momento, ele e uma pequena parte do exército estavam a caminho de Aroer. Maalá ficou responsável pela defesa na fronteira. Naquela manhã, Zoar acordou agitado sentindo que sua cidade estava sob ameaça. Tamar não pensou duas vezes e resolveu voltar. Barak insistiu em acompanhá-los até a cidade sagrada, pois lhes devia um grande favor. Apesar dos protestos, Tamar acabou cedendo.

Perto do meio-dia, a cidade já podia ser vista do alto de uma colina.

- Não pensei que Aroer fosse tão perto da zona de conflito – Barak disse.

- Faz muito tempo que tomamos as aldeias da fronteira sob a nossa proteção – disse Tamar. – Esta, porém, foi a primeira vez que tivemos um conflito assim.

- Acredita que a premonição de Zoar tem fundamento?

Tamar o encarou com seus grandes olhos cheios de sabedoria, apesar de ser tão jovem.

- O meu irmão recebeu a visão sacerdotal que o capacita a experimentar coisas que está fora de nosso alcance. Ele é assim desde pequeno. Já me livrei de muitas armadilhas diplomáticas, apenas por escutá-lo.

- Pode acreditar, Majestade, eu não duvido de seu irmão. Apenas não consigo imaginar o que pode ser uma ameaça para uma cidade como Aroer. Sempre enxerguei os locais antigos como se estivessem envoltos em um véu protetor. A sua cidade, para mim, sempre será conhecida como a “cidade guardiã”.

Tamar suspirou e olhou para frente.

- Uma cidade que ficou cega por tanto zelo – ela lamentou. – Jael, a Guardiã, quase foi morta dentro de nossos muros, exatamente pelo fato de não conseguirmos enxergar a verdade.

Ele percebeu a amargura na voz da jovem rainha.

- Mas, agora, Aroer conta com uma rainha sábia que consegue enxergar – ele apontou para Zoar, que cavalgava mais à frente. – Conta também com um sacerdote de visão. Não há motivos para lamentar o passado.

Apesar de Aroer ser visível à distância, eles ainda tiveram que cavalgar até o cair da tarde para chegar de frente para os seus muros. Barak não pôde deixar

de se espantar com a luz avermelhada do sol poente batendo nas colunas enfileiradas de pedra. Era um espetáculo que impressionava.

- A cidade foi construída entre as colunas – explicou Tamar. – A altitude do local em que se encontra, possibilita que o sol bata nas pedras tanto ao nascer quanto ao se pôr.

- A luz do sol encontra pouso aqui – foi o comentário do rei.

A comitiva entrou na cidade e marchou pelas ruas. O povo os recebeu com alegria e festa. Aroer era uma fortaleza como Hazorah, mas a cidadela que se encontrava dentro dela era bem maior. A cidade de Jael era isolada como uma fortaleza solitária e o povo, em sua maioria composta de camponeses, preferiam habitar fora dos muros. Aroer se assemelhava mais à Cidade Dourada. Barak sentiu uma grande onda de saudades da esposa e da filha. Alegrava-o saber que ambas estavam em segurança e longe da guerra. Não importava o quanto Deborah fosse uma boa guerreira, era sua mulher e ele queria protegê-la a todo custo. O mesmo ele podia dizer quanto a Eva. A filha herdara o temperamento da mãe e a teimosia da tia. Jael, na condição de gêmea de Deborah pela Profecia, deixara sua marca na sobrinha. Ele ainda pensava nisso quando chegaram em frente ao palácio. Não havia muros separando a enorme construção das casas da cidade. Apenas uma grande praça circular em cujo centro encontrava-se uma fonte tripla formada pelas esculturas de três cornucópias que lançavam águas coloridas para cima. Um homem gordo e grisalho desceu a escadaria correndo, antes que a rainha pudesse apear.

- O que aconteceu, Jabal? – ela perguntou. – Por que está tão apavorado?

Jabal parou ofegante e fez uma ligeira reverência.

- Majestade, chegou um homem da tribo de Midani. Ele trouxe consigo uma mensagem de Nathan, sacerdote de Babilos.

Zoar olhou preocupado para a irmã. Tamar desceu e deixou que levassem o cavalo. Barak e o irmão se colocaram ao seu lado.

- Eu irei direto para a sala do Conselho, Jabal. Envie o homem para lá.

Barak, antes de seguir os irmãos, foi até a sua comitiva formada por Eunice, Hagai, Rute e Rebecca.

- Ainda não sabemos que tipo de ameaça se aproxima, mas fiquem de olho.

- Ficaremos, majestade – prontificou-se Eunice.

A sala do Conselho era menor que um salão de audiências e mais reservada também. Uma grande mesa em forma de U tomava quase todo o espaço. A rainha Tamar dirigiu-se para o seu assento e aguardou o mensageiro. Zoar e Barak sentaram-se um de cada lado. Quando o mensageiro entrou, todos notaram que ele tinha a aparência de quem cavalgara sem parar até chegar ao

seu destino.

- Quem é você e o que o traz aqui? – perguntou a rainha, analisando o rapaz cansado de porte altivo.

- Eu me chamo Itai, e sou filho de Izaque, líder da tribo de Midani. Fui enviado desde Babilos pelo sacerdote Nathan, a fim de entregar essa mensagem – ele retirou o pequeno rolo de dentro da roupa e o estendeu para a rainha. Tamar o pegou com a mão ligeiramente trêmula.

Zoar percebeu que Itai estava quase desfalecendo de cansaço. O rapaz havia cumprido sua missão com fidelidade, sem paradas.

- Itai, filho de Izaque e príncipe de Midani, você não é apenas um mensageiro – falou o jovem príncipe. - Sente-se e descanse, meu amigo.

Barak sorriu aprovando a atitude de Zoar. Itai inclinou a cabeça, agradecido, e sentou-se na cadeira que estava mais próxima. Tamar lia a mensagem com muita concentração. Se havia medo em seus olhos, ela não o demonstrou. A mensagem foi passada para o irmão e em seguida para Barak. O rei notou uma troca de olhares entre os dois irmãos.

- Os filhos de Ogue parecem não ser uma surpresa para vocês.

- Na realidade, eles são – disse Tamar. – Eu poderia até dizer que todos em Aroer são preparados para esse dia desde a mais tenra infância, embora sem ter consciência disso.

- Histórias infantis – explicou Zoar. – Era assim que os mais velhos nos ensinavam nas escolas, quando explicavam o surgimento das pedras que cercam a cidade.

Barak inclinou-se para frente, curioso.

- E o que eles diziam?

Zoar respirou fundo e contou o que lembrava.

- Um dia, quando a terra de Hedhen era jovem, os filhos de Ogue tentaram dominar a terra e destruíram tudo em seu caminho. Destruíam aldeias e matavam pessoas inocentes. Os sobreviventes fugiram e encontraram abrigo em meio a essas pedras enormes. Muitos não queriam ficar pelo motivo daquelas pedras serem semelhantes as que os gigantes usavam para seus rituais. No entanto, os mais sensíveis podiam sentir o poder que emanava delas, dando-lhes força e coragem. Estes decidiram permanecer ali e esperar. Quando os filhos de Ogue vieram, não puderam passar. As pedras não deixavam. O sol as iluminava e a luz fluía através delas cegando os gigantes e fazendo-os tropeçar. Dizem que eles se foram, cegos e confusos. Muitos perderam a vida por cair de precipícios ou por se deixar levar pelas correntes fortes dos rios. Nunca mais eles voltaram e o povo assentou morada nesse lugar. Foi assim que surgiu

Aroer.

Tamar apertou o pequeno rolo nas mãos.

- Eles não passarão de Aroer – ela falou.

- Irmã, isso é apenas uma história – falou Zoar.

Ela levantou-se.

- Não, eu sei que não é, Zoar! As pedras sempre estiveram aqui por uma razão.

- Majestade – falou Itai. – Os Amins chegarão aqui talvez durante a noite. Não haverá luz do sol.

Tamar olhou para Barak e o rei se levantou. Ele havia compreendido.

- Haverá sim, Itai – ele disse. – Hoje, as histórias infantis provarão sua veracidade.

Tamar sorriu e virou-se para o irmão.

- Zoar, eu preciso que desloquem as pessoas das aldeias mais próximas para um lugar seguro. Elas não terão tempo de chegar à cidade para se abrigar.

- Eu entrarei em contato com o sacerdote de cada aldeia – o rapaz levantou-se. – Peço que me dêem licença, pois para isso, eu preciso estar no templo.

Itai levantou-se.

- Eu já cumpri a minha função de mensageiro, agora quero oferecer minha ajuda de guerreiro.

- Seja bem-vindo para juntar-se a minha comitiva, Itai – disse Barak. – Vá para fora e procure Eunice.

O rapaz fez uma reverência e saiu. Ao ver-se sozinho com Tamar, Barak falou sem rodeios.

- Eu nunca manifestei o poder do sol que há em mim de forma a usá-lo como arma.

- Não o usará como arma – ela falou. – As pedras farão isso por você.

Barak estava indeciso. Tamar voltou a sentar.

- Se os gigantes passarem por nós perderemos a fronteira e o exército do rei-feiticeiro não terá mais limites. Não teremos forças para lutar contra ele. Se ainda temos esperança no mundo, é porque os Tronos estão em nosso meio. A luz dos Luminares é a nossa esperança.

É por isso que você está aqui, Barak.

Ele gostaria do conselho de alguém naquela hora, mas não havia ninguém. “Venha para a torre” – ele ouviu a voz e fechou os olhos. Era uma voz profunda de homem. Uma voz sábia e antiga, cuja autoridade estava acima da sua e acima de qualquer ser do universo.

- Eu preciso ir para a torre – ele disse para a rainha. – E preciso ficar sozinho lá.

Ela estranhou o pedido, mas indicou o caminho para ele seguir. Barak correu escada acima, ansioso pelo que ia encontrar. Enquanto isso, lá embaixo, a horda de gigantes aproximava-se da cidade, ávida por poder e conquista.

Eunice ordenou que a pequena comitiva se unisse aos homens e mulheres de Aroer que tomavam posição na muralha da cidade. Os portões continuavam abertos para o fluxo dos aldeões que moravam mais perto da cidade e buscavam sua proteção. Hagai olhava para o horizonte, tentando enxergar algum movimento, mas na sua ansiedade a própria vista lhe pregava peças.

- Eles não chegarão com a luz do sol – disse Itai, que estava ao lado dele. – Eles conhecem a própria história e sabem que não precisam temer a noite.

Hagai não pôde deixar de rir.

- Eles desconhecem quem está conosco. Isso, nem o próprio Jabim poderia prever.

Rute resolveu juntar-se ao grupo de arqueiros. Ela era tão boa com o arco quanto com a espada. Rebecca auxiliava a entrada dos aldeões e, junto com Eunice tentava pôr ordem nos portões. Ela observou com preocupação a viga que servia de tranca.

- Acha que isso poderá segurar uma investida de gigantes?

- Tenho certeza de que não será suficiente. Precisamos preparar melhor essa defesa, mas o povo não para de chegar! Já era tempo de fecharmos os portões.

Rebecca deixou Eunice com o trabalho no portão e buscou um grupo de lenhadores que haviam entrado na cidade para comercializar a madeira. As carroças estavam cheias de madeira da melhor qualidade.

- Vocês cederiam essa madeira para a proteção da cidade? Tenho certeza de que seriam bem recompensados.

Os homens se olharam entre si e confabularam com alguns grunhidos rápidos e baixos.

- De onde viemos há muita madeira e Aroer sempre comprou nosso produto pagando um preço justo. Pode pegar toda a madeira que precisar, moça. Caso precise de quem tenha força para transportá-la até o portão, estamos as suas ordens. Será uma honra defender essa cidade.

Rebecca sorriu agradecida e, quando voltou para o lado de Eunice, trazia consigo as duas carroças de madeira puxadas pelos lenhadores. A amazona olhou para eles e sorriu para Rebecca.

- Você trabalha rápido, guerreira. Isso sim pode segurar o portão, caso eles

cheguem até aqui.

Quando o povo deixou de chegar, Hagai deu um sinal de que os portões podiam ser fechados. Logo em seguida, os lenhadores puseram-se a preparar novas vigas para reforçar a única já existente.

- Vamos, Rebecca – chamou Eunice. – Precisamos reunir todos os homens e mulheres dispostos a lutar, além dos guerreiros que já estão aqui. É preciso formar uma barreira humana, caso consigam derrubar o portão.

Enquanto a cidade se preparava para o ataque que não tardaria a chegar, Barak alcançou o terraço da torre e, como esperava, havia alguém ali. Era um homem de capuz. Ele olhava para baixo e Barak não podia ver-lhe o rosto. No íntimo, porém, o rei sabia quem estava diante dele. O Ancião. Numa atitude de reverência, ele ajoelhou-se.

- Senhor, o que eu devo fazer para evitar a destruição dessa cidade?

O homem virou-se e sorriu para Barak.

- Filho, o sol de que tanto precisa está dentro de você. A luz dos Luminares tornou-se real em sua vida e deve aprender a lidar com ela.

- Eu nunca manifestei essa luz e não sei como fazê-lo. O Cetro permanece na Cidade Dourada, e eu me sinto um ser humano como qualquer outro.

- O Cetro, Barak, reflete a luz dos Tronos. Ele reflete a luz que há em você, e não o contrário.

O Ancião olhou novamente para o horizonte.

- Hoje, você será o sol que brilha na noite e acenderá o poder daquelas pedras. Apenas você poderá fazer isso, filho. Se Aroer cair, todos saberão que os lugares antigos são vulneráveis. O que virá depois? Precisa acreditar em si mesmo. O seu poder deu vida a quem não tinha mais nenhuma, lembra-se disso? Precisa buscar dentro de si a mesma confiança e fé, que o fez trazer Deborah de volta.

Barak refletia nas palavras do Ancião, quando sentiu a mão firme, mas ao mesmo tempo suave, pousar sobre a sua cabeça. Em seguida, o calor o invadiu por completo. O Ancião soprou e uma lufada de ar balançou os cabelos louros do rei.

- O poder está com você, Barak, Sol de Hedhen.

Quando Barak ergueu os olhos, estava sozinho.

Eles chegaram durante a noite. Um grande exército cuja altura e ferocidade intimidavam os inimigos. Rute, do alto da muralha, não pôde deixar de soltar uma exclamação de assombro. Ela via, diante de si, seres que ela só pensou existir em fábulas. Ela respirou fundo e agarrou com força o arco, preparando

uma flecha. Automaticamente, todo o grupo de arqueiros a imitou. Os olhos presos no exército que se estendia no vale.

Hagai e Itai, de espadas na mão, corriam pela muralha encorajando os corações vacilantes. A espera era tão opressiva que não se ouvia o ruído de uma única respiração. Em frente ao portão, do lado de dentro, Eunice e Rebecca comandavam a instalação de uma quarta viga de madeira para reforçar contra os ataques.

A rainha Tamar surgiu na porta do palácio, pronta para a batalha. O seu coração estava cheio de esperanças. O irmão, junto aos outros sacerdotes, tentava criar uma proteção que envolvesse as pedras do perímetro, e o rei Barak estava em algum lugar no alto da torre, preparando-se para a batalha que logo iria ser iniciada. Tamar caminhou até a escada que levava até a muralha central. Jabal correu até ela, passando pela sua guarda pessoal.

- Majestade, por favor, eu lhe peço que fique dentro do palácio! Sua vida precisa ser poupada.

- Jabal, você pode entrar e guardar o meu trono se quiser, mas o meu lugar é junto ao meu povo – ela falou decidida.

Lá em cima, ela se colocou entre Hagai e Itai. A visão do exército dos Amins era impressionante. Ela esperava que o poder de Aroer conseguisse impedir qualquer ataque. Tamar voltou-se e olhou para cima, em direção a torre. Na realidade, sua esperança não residia somente no poder de sua cidade, mas também na força de um homem que, sozinho, poderia trazer-lhes o sol de que precisavam.

O ataque foi iniciado. Com um som gutural que poderia ser um grito de guerra, os filhos de Ogue lançaram grandes pedras em chamas sobre a cidade. Felizmente, os sacerdotes conseguiram criar uma barreira de proteção que cobria Aroer de tal maneira, que as pedras espatifaram-se antes mesmo de alcançar os monumentos que a rodeavam. No templo da cidade, Zoar comandava a criação da barreira. Aroer, como uma das primeiras cidades de Hedhen, já detinha a técnica desse poder muito antes de ser aprendida pelos sacerdotes das Cavernas do Sal. Após os primeiros ataques, Zoar sentiu que os sacerdotes não suportariam por muito tempo, pois lutavam contra um poder tão antigo e poderoso quanto eles.

Os arqueiros dispararam flechas incendiárias aos pés do exército inimigo para forçá-los a se afastar. A investida deu certo, e os Amins tiveram que recuar perante o muro de fogo. Em um local elevado, porém, um grupo de magos começava a se reunir. De repente, o muro de fogo foi se apagando e em seguida ouviu-se um estrondo. Uma das pedras-monumento jazia espatifada por um

ariete dos gigantes. Tamar segurou com força a borda da muralha. Ela sentiu como se um pedaço de si mesma tivesse sido destruído.

- Eles romperam a barreira – ela sussurrou com o olhar fixo na quantidade de aríetes que os Amins possuíam. – Se perdermos as pedras, não vamos conseguir salvar a cidade.

Do terraço da torre, Barak havia assistido a investida do exército de gigantes e soube logo de início, que apenas ele poderia dar um fim nisso. Ajoelhando-se no centro do terraço, ele ergueu os braços para o alto e começou a cantarolar em uma língua que apenas os Luminares conheciam. Era uma língua de mistérios profundos e evocava um contato direto com o Divino. À medida que o seu canto fluía, ele sentia o seu sinal despertar. O calor do sol começou a invadir o seu interior. Ele precisava estar completamente cheio daquela fonte de luz, para que ela pudesse jorrar para fora.

Além de aríetes, os Amins possuíam catapultas. Uma das pedras atiradas contra a muralha atingiu o portão e pôs abaixo duas vigas novas. Eunice virou-se para os lenhadores.

- Precisamos de mais vigas! – ela gritou.

- Não sei se vai adiantar, Eunice – disse Rebecca. – O impacto tirou o portão de seu eixo e abriu uma grande brecha.

Eunice apertou o cabo da espada.

- Tentaremos mesmo assim.

Os lenhadores se apressavam em cortar e preparar mais vigas. A situação na muralha não era melhor. O impacto dos tiros de catapulta, quando não destruíam as pedras-monumento, fazia as sólidas muralhas tremerem. Rute evitou que um dos arqueiros caísse do muro e o puxou com dificuldade para cima. Quando ela levantou a vista, viu que se aproximava um novo exército. As tochas que traziam brilhavam ao longe. A princípio, ela achou que fosse um reforço dos Amins, mas algo na atitude deles deixou-a em alerta. Um único toque da trombeta que traziam soou pelo ar como algo hipnótico, antigo, mágico. Ela reconheceu o toque e se alegrou. Erguendo o arco acima da cabeça, gritou:

- Gades está aqui! Essa é uma batalha de titãs!

Os arqueiros de Gades não erravam o alvo. Sua investida pela retaguarda foi suficiente para desestabilizar o exército dos filhos de Ogue. Basan e Gades eram velhos inimigos e, agora, lutavam frente a frente. Sarah, no comando dos gaditas, nunca se sentira tão certa de sua própria identidade. Seus olhos de água brilhavam no escuro, buscando o alvo que queria almejar. Os magos

continuavam reunidos em um lugar alto e davam forças aos Amins com seus encantamentos. Ela sorriu ao encontrá-los.

- Acertem os magos! – ela ordenou.

Os magos caíram um após o outro, com flechas atravessadas no peito. Sem o poder dos magos, Aroer poderia recriar o escudo protetor, enquanto os gaditas lutavam sem se importar com o tamanho dos oponentes. Com exceção do tamanho descomunal e da força bruta, faltava aos Amins a inteligência e agilidade que sobejava no povo de Gades.

Nesse momento uma explosão de luz foi irradiada da torre. A noite foi tomada por um forte clarão. Todos esconderam os rostos, inclusive os gigantes. Ninguém podia encarar aquela luz. A noite se fez dia. O poder solar descera em seu auxílio, enviado pelo Pai por intermédio do Luminar do Sol. A luz foi irradiada e espalhada pelas pedras-monumento. Essas começaram a brilhar numa luz pulsante como nunca se viu antes. Os gigantes, apavorados, tentaram correr, mas muitos deles foram alcançados pela claridade e caíram sem vida, como se houvessem sido atingidos por um raio. Os que conseguiram escapar da luz foram perseguidos pelos gaditas e tombaram por suas flechas certeiras.

As pedras ainda brilharam por toda aquela noite, mostrando que Aroer estava livre de ameaças. Tamar chorava de alegria e alívio sobre a muralha. Hagai e Itai se abraçaram como velhos amigos. Rute comandava os brados de vitória dos arqueiros. Lá embaixo, no portão, os lenhadores levantavam Eunice e Rebecca nos ombros. Eles deviam a elas o sucesso de conseguirem manter o portão de pé. Cavalgando até abaixo da muralha, Sarah ergueu o arco e saldou os vitoriosos.

Zoar saiu do templo e correu para a torre. A luz havia se espalhado e não se encontrava mais ali. Quando o rapaz alcançou o terraço, ofegante e sem fôlego, viu assustado o corpo de Barak prostrado no chão. O rei jazia de bruços e Zoar temeu que alguma flecha ou maldição dos magos o houvessem atingido. O rapaz ajoelhou-se e virou o rei com cuidado. O rosto tranquilo de Barak o deixou aliviado. O Luminar do Sol dormia profundamente, após liberar a energia que salvou Aroer da destruição.

Havia, na cidade de Edonia, um lugar alto que era usado como torre de vigia. Naquele momento, o rei Jabim quedava solitário em seu topo. Ele via mentalmente a derrota sofrida pelo seu exército de gigantes. No íntimo ele começou a conjecturar se ainda seria capaz de dominar Hedhen. Os Tronos eram mais poderosos do que tudo o que ele já vira. As fronteiras continuavam tomadas pela maldita Ordem Branca e pelo exército de amazonas; A Floresta

de Quedes sofrera danos parciais e podia ser reconstruída; Aroer se revelava com todo o seu poder antigo e inabalável; só para concluir sua atual lista de derrotas, Gades saiu do isolamento e voltou a pegar em armas.

Ele lançou, então, um olhar frio para o leste. Era ali, no Deserto de Negger que estava a solução de seus problemas. O Poço das Origens lhe daria as respostas. Através daquelas águas primordiais, nada em Hedhen lhe seria oculto. Era hora de abrir mão de seu maior trunfo. A convocação de um exército que nunca foi enfrentado por ninguém. Nenhuma mágica ou encantamento seriam capazes de derrotá-lo, porque a retaliação seria dobrada para quem o fizesse. Ele começaria, a partir daquele momento, a convocar os magos que foram dispersos por Hedhen depois da queda de Salema e da antiga Babilos. Magos que viviam na clandestinidade, aguardando o momento de sua chamada. Ele, Jabim, o mestre da magia oculta, teria o poder de reunir a todos eles diante do local mais sagrado de toda Hedhen. Um local marcado com a presença da divindade. O Monte da Lei. Ali, teria lugar a grande batalha pela reconquista da terra. O Monte da Lei seria tomado pelos magos e o poder de Hedhen voltaria para suas mãos. Mas para isso, ele necessitava conquistar o Poço das Origens. As águas primordiais daquele poço lhe revelariam os segredos daquela terra e lhe daria a fórmula para conquistar o Monte da Lei. Feito isso, nenhum poder se igualaria ao dele. Encantado com seus próprios pensamentos, o rei soltou uma risada que ecoou ao vento. Subestimaram seu nome, tratando-o como um rei covarde. Mas agora era chegada a sua hora. Os quatro juízes estavam para iniciar uma fase de seu plano que não admitiria uma derrota. Diante do que eles estavam para fazer, todas as campanhas criadas por ele até aquele momento, resumiam-se a simples distrações. Ele respirou fundo, satisfeito com a própria genialidade. A vitória estava a um passo de suas mãos.

Barak acordou sentindo-se leve e descansado. Por um momento, ele achou que estava em seu próprio quarto e estendeu o braço para sentir o corpo da esposa ao seu lado, mas a cama estava vazia. Ele, então, lembrou-se. Não estava na Cidade Dourada. Estava em Aroer! Houve uma batalha e um grande exército de gigantes cercava a cidade. Ele só conseguia se lembrar da explosão de luz e de, logo em seguida, ter caído em um mundo de sonhos. Ele sentou-se e respirou fundo. Sentia-se bem disposto o suficiente para se levantar e descobrir o que aconteceu. Vestiu as roupas que estavam dobradas em cima de uma cadeira e caminhou até a sacada do quarto. A vista dava para o jardim do palácio. Um jardim grande e arborizado com três fontes em forma de vasos, espalhadas de forma aleatória.

- Finalmente o grande Rei acordou! – disse uma voz atrás dele.

Barak virou-se e viu um velho sacerdote se aproximando, apoiado em uma bengala. Apesar da idade, o homem possuía olhos vívidos e brilhantes.

- Eu sou Jethro – ele fez uma reverência com a cabeça.

- Jethro, eu já ouvi muitas histórias sobre você, mas só agora temos a alegria de nos encontrar.

O velho sorriu.

- Não costumo me ausentar muito dessa cidade. Pra falar a verdade, eu nunca me ausento.

Jethro se colocou ao lado dele.

- Salvou esta cidade, Majestade. O sol desceu sobre nós e dissipou as trevas de uma forma literal.

- Há quanto tempo eu estou dormindo? Sei que deve fazer dias, pois a calmaria não combina com uma cidade que acabou de sofrer um cerco.

- Você dormiu três dias completos.

Barak o olhou incrédulo.

- Isso é inadmissível para um rei...

Ele parou ao sentir a mão de Jethro em seu ombro.

- Meu rapaz, a energia que fluiu de você foi algo arrebatador. Seu corpo merecia um bom descanso.

Barak suspirou e procurou relaxar.

- Por que não desce e se junta a seus amigos? Estão todos ansiosos para lhe cumprimentar.

- Sim, eu farei isso.

Lá embaixo, no pátio, o espaço era pequeno para acomodar tanta gente. Barak foi ao encontro de seu grupo que o saudou com alegria. Ele cumprimentou a todos pelo esforço na batalha e ficou feliz ao ver que as muralhas da cidade permaneciam firmes. Zoar desceu correndo a escadaria ao seu encontro.

- Aroer tem uma dívida eterna para com os Tronos – ele disse.

- Não falemos de dívidas, meu amigo – sorriu Barak.

Zoar olhou em volta com o semblante sério.

- Minha irmã deseja falar com os comandantes. Sua amiga, do povo de Gades, nos trouxe notícias preocupantes que devem ser repassadas com urgência.

Barak chamou Eunice, Hagai e Itai para segui-lo. Sarah aguardava na sala de audiências junto à rainha. Tamar não se envergonhou de ajoelhar-se diante de Barak, quando ele entrou.

- Minha coroa será sempre fiel aos Tronos. Devo-lhe a sobrevivência de

meu povo, rei Barak.

- Lutamos todos pela mesma causa, Tamar. Enquanto estivermos unidos pela Profecia, seremos fortes para combater o inimigo e impedir que ele se espalhe.

Tamar fez um sinal para que Sarah se aproximasse. Ela fez uma reverência antes de falar.

- Rei Barak, eu serei rápida em expor o que descobri, pois o nosso tempo é curto. Um mago do grupo que cobria os filhos de Ogue sobreviveu aos ferimentos, e acabou por nos contar todos os planos de Jabim. Ele o fez, posso garantir, de livre vontade.

- Podemos confiar na boa vontade de um mago? – Barak perguntou.

- Ele viu a luz e experimentou o seu poder. Quando ele se confessou a nós, estava apavorado demais para mentir.

- Prossiga, Sarah – ele falou.

- Há alguns anos, eu participei de um grupo que tentava localizar as Cavernas de Fogo – ela olhou de relance para Eunice. – Nós encontramos uma e frustramos os planos do rei-feiticeiro, libertando os prisioneiros e atrasando o trabalho que fora iniciado. No entanto, segundo o mago, outras cavernas semelhantes foram achadas e escavadas profundamente. O rio de fogo que Jabim tanto procurava foi encontrado.

- Que rio de fogo é esse? – perguntou Tamar.

- Um rio primordial que corre pelo interior da terra proporcionando o calor necessário para que haja vida – Sarah explicou. – Esse rio subterrâneo percorre toda a extensão da terra.

Barak prendeu a respiração.

- Toda a extensão?

- Isso mesmo. Eu não me refiro apenas a terra dividida, pois falo de algo muito mais antigo do que os primeiros Tronos.

Zoar mal piscava os olhos.

- E o que Jabim planeja fazer com algo assim?

- Ele não planeja fazer, ele já está fazendo! Nesse momento, o rei-feiticeiro aproveita o percurso do rio, cujos braços se espalham em incontáveis afluentes subterrâneos, para alcançar mentalmente cada mago que vive na clandestinidade. Ele os está convocando para uma grande batalha.

- Um exército de magos? – Eunice deu um passo à frente. – Isso seria pior do que os gigantes!

- E não é apenas isso, Eunice – Sarah voltou a olhar para Barak. – Através do mesmo rio, ele busca descobrir a localização do Poço das Origens.

- Como ele soube? – Barak exclamou com os punhos cerrados.

- Ele já sabia da existência do poço, mas não fazia idéia de onde ficava. Agora, ele tem a direção, mas não consegue encontrá-lo por causa do escudo protetor que o torna invisível. Por causa disso, ele enviou quatro magos poderosos, que não são dessa terra, para descobrir e conquistar o local.

Barak olhou nos olhos de Sarah.

- E de onde eles são?

- Eles vieram do mar, Majestade. Foi o que o mago nos disse. Eles quatro possuem poder suficiente para enfrentar os sacerdotes que guardam o poço. Foram essas as notícias.

Houve silêncio.

- O que podemos fazer para impedir isso? – Eunice parecia aflita. – Estamos muito longe do Poço das Origens e não temos como nos comunicar com os sacerdotes de lá.

- Deborah terá que agir – falou Barak. – A Cidade Dourada fica mais perto do Poço das Origens do que Aroer.

- Mas como pretende enviar uma mensagem? – Hagai lembrou. – Nenhum mensageiro é rápido o suficiente.

Barak lamentou não ter o dom de se comunicar em pensamentos com a esposa. Itai deu um passo à frente.

- Talvez eu possa ajudar.

Todos olharam para ele. O rapaz foi até a janela e deu um longo assobio. No mesmo instante, um falcão acinzentado pousou em seu braço.

- Esse pássaro é veloz e já é acostumado a levar mensagens. Cada midanita possui um e os leva em suas viagens.

Ele virou-se para Barak.

- Escreva a mensagem e ele a levará.

Capítulo 32

Reencontro

Nathan estava na Cidade Dourada. Após o comunicado de Jael alertando sobre a marcha dos gigantes, ele decidiu partir para dar o apoio que Deborah logo necessitaria, e também para estar mais perto do Poço das Origens. Otoniel concordou com sua decisão e permaneceu em Babilos, a fim de prover, junto com os Midanitas, a proteção da Cidade do Saber. Quem poderia adivinhar que

outras armas o rei-feiticeiro ainda teria? Babilos tinha que ser preservada e defendida. Dessa forma, Nathan partiu sozinho.

Ele e Deborah fitavam, silenciosos, o fogo que queimava na lareira. A rainha tinha o olhar concentrado em algo. Ela parecia tentar ver o futuro através das chamas. Ele não a quis perturbar. Na sacada, Hulda e Eva observavam as estrelas.

- Hulda, sinto-me perturbada.

A profetiza sorriu e olhou para o rosto sério da moça.

- E quem não se sente assim em tempos como este?

Eva sorriu e baixou a cabeça.

- Eu estava pensando sobre o fato de minha mãe e minha tia serem gêmeas, mesmo não sendo irmãs de sangue. O sinal da Profecia, que nasceu com elas, toma o lugar do sangue nessa relação, não é?

- Sim, Eva, é exatamente isso.

- E por ser algo divino, a luz torna essa ligação mais forte do que o sangue poderia fazer.

Hulda tentava acompanhar os pensamentos da jovem, mas estava confusa.

- O que exatamente a perturba, Eva?

- Eu e Davi também nascemos com sinais. É assim que devemos nos considerar também? Como gêmeos? Como... irmãos? – ela hesitou em dizer a última palavra.

Hulda piscou aturdida. Ela imediatamente captou o medo que fluía do coração de Eva.

- Eu não saberia lhe responder isso, filha. A Profecia de Nod tem mistérios desconhecidos para mim. Já questionou Áquila a respeito?

Eva suspirou com certa frustração.

- Ele não entenderia a minha pergunta. Não como você.

Hulda pousou a mão sobre o ombro de Eva.

- Eva, o que você sente por seu primo?

- O que eu sinto? Faz tanto tempo que não o vejo! Áquila não permitiu o nosso contato nem visual e nem mental, desde a volta de Gades. Era necessário para o treinamento, ele disse. Nós deveríamos desenvolver nossa individualidade. Mas não houve nem um único momento em que Davi não estivesse em meus pensamentos.

Subitamente, ela parou e sorriu.

- O que foi? – Hulda perguntou curiosa.

- Quando eu o busquei, a pedido de minha mãe, para ajudá-lo na luta contra o gigante, ele reconheceu minha voz. Eu cresci, minha voz mudou, mas

mesmo assim ele a reconheceu.

- A ligação entre vocês é muito forte, Eva. Assim como é com Deborah e Jael.

- Eu sei. Eu só queria saber o que isso nos torna.

Hulda sorriu e passou o braço sobre Eva, puxando-a para si.

- Você o ama, não é?

- Sim, mas eu não sei como direcionar esse amor. Tudo o que sei é que não consigo vê-lo como...

- Como um irmão – Hulda completou.

Eva silenciou.

- Falarei com Áquila a esse respeito, Eva. Se esse é o sentimento que brota em seu coração, deve estar ligado ao que vocês são. Não tema por um futuro que ainda não conhece.

De repente, o som de um shofar muito conhecido ecoou pelo ar. Deborah ergueu-se da cadeira, saindo de sua meditação junto ao fogo.

- O Shofar de Héber – ela disse. – Jael está aqui.

Os quatro correram para o pátio. Eva, ao lado da mãe e Hulda, junto a Nathan. Pelos portões entrou um grupo de Queneus. Na frente vinham Jael e Davi. Eva respirou fundo ao ver o primo depois de tantos anos. Ele, aos seus olhos tornara-se um homem. Era forte e belo como o pai e trazia nos gestos a inquietação e o fogo da mãe. Ele a avistou de cima do cavalo e parou o olhar surpreso. Aquela era Eva? Sua Eva? A garotinha magrela tornara-se uma mulher de olhar penetrante e com ares de guerreira que apenas Deborah e Jael possuíam. Hulda percebeu a troca de olhares entre os dois adolescentes e se preocupou. Jael desceu do cavalo e abraçou a irmã.

- Antes de qualquer coisa, devo a você a vida de meu filho – ela falou com a voz embargada.

- Não, Jael. Aquela luta foi de Davi. Eu não teria conseguido fazer nada se ele não acreditasse que podia vencer.

Deborah virou-se para o sobrinho que descia do cavalo e se aproximava.

- Não sabe o quanto me alegra vê-lo aqui, Davi – ela tomou a cabeça dele entre as mãos e depositou um beijo em sua testa.

- Senti a sua presença e isso me fortaleceu, tia – ele virou-se para a prima e a olhou com ternura. – Eu mal acreditei quando ouvi a sua voz.

Em resposta, Eva abraçou Davi e o primo a apertou entre os braços.

- Eu senti tanto a sua falta – ela sussurrou.

Deborah olhou para a irmã e notou suas feições cansadas.

- Por que não me disse que estava a caminho?

- Desculpe, mas eu só pensava em chegar o mais rápido que pudesse. Parece que os acontecimentos estão se encaminhando para o sul. É aqui que Jabim quer formar um novo reino.

Nathan deu um passo para frente.

- Jael, você continua exigindo demais das próprias forças. O que aprendeu comigo, afinal? A ser teimosa?

- Você parece ter vindo direto de um campo de batalha – repreendeu Hulda.

- Há quanto tempo não dorme?

Jael ergueu a mão.

- Por favor, vocês dois! Não devem me tratar desse jeito na frente do meu filho. O que ele vai pensar?

- Eu vou pensar que eles estão certos. É difícil cuidar de você, mãe. Um dia de sono na cama iria lhe fazer muito bem.

Ela olhou para Deborah e a irmã percebeu o que os outros não conseguiram ver.

- Não foi apenas a aproximação da guerra que a trouxe até aqui, minha irmã. Vamos entrar. Hoje, você deve ouvir os conselhos e descansar, mas amanhã eu sei que estará de pé e com as forças recuperadas. Então, nós conversaremos e falaremos sobre o que você quiser. Não gosto da tristeza que vejo em seus olhos.

Jael sorriu e olhou para o chão.

- Ninguém entende a minha alma mais do que você. Essa foi uma das razões de eu ter tomado esse caminho.

Deborah e Jael subiram a escadaria do palácio com Nathan caminhando ao seu lado e resmungando.

- Áquila não vai gostar nada de suas instruções terem sido quebradas.

As duas pararam e olharam para trás. Davi e Eva conversavam sentados ao pé da escada.

- Áquila não compreende as forças que regem Hedhen – disse Deborah. – A falta de comunicação teve que ser rompida para que as duas Oliveiras estivessem aqui, hoje.

Lá embaixo, Hulda hesitava em subir. Ela não tinha certeza de que queria deixar os jovens sozinhos. Eva percebeu o seu olhar.

- Hulda, não precisa se preocupar conosco.

- Tem certeza? – ela perguntou.

- Acredite na minha palavra, como acreditaria na de minha mãe – ela falou em tom firme.

Davi olhava de uma para a outra.

- Do que estão falando?

Hulda sorriu.

- Estamos apenas encerrando um assunto particular do qual falávamos antes – disse a profetiza. – Vou entrar e deixá-los conversar.

Quando a profetiza saiu, Davi tomou a mão de Eva na sua e sorriu ao ver os calos característicos de quem praticava com o arco.

- Temos os mesmos calos – ele comentou sorrindo.

- Isso quer dizer que não temos negligenciado nosso treinamento, não é?

- Isso mesmo. O sacerdote Áquila não poderá nos recriminar por isso.

Eles pararam o olhar um no outro e ficaram ambos em silêncio.

- Você está diferente – ele disse.

Eva sorriu.

- Você também. Nós crescemos, Davi, lembra?

- Pode parecer estranho, mas mesmo sem nos comunicarmos, eu nunca deixei de sentir você perto de mim – ele disse.

- A Profecia nos liga de qualquer forma. Não importa a distância.

Ele suspirou e olhou para frente.

- Exatamente como ocorre com nossas mães – parecia haver um peso em suas palavras.

Ela puxou a mão devagar.

- Está cansado demais para dar uma volta na cidade?

- Em sua companhia eu não me importo de passar a noite acordado.

Eles se deram as mãos e começaram a caminhar em direção ao portão.

- Não posso acreditar no quanto minhas palavras foram jogadas ao vento! – disse uma voz severa atrás deles.

Davi e Eva pararam a poucos passos do portão e se viraram para encarar o irado sacerdote. Áquila os fitava com os braços cruzados e com o olhar duro.

- Áquila, acabei de chegar com minha mãe – explicou Davi. – Ela vai explicar o que aconteceu.

- Minha mãe o procurou no templo, mas você lhe mandou um recado de que não poderia se ausentar dos estudos que estava fazendo, pois poderiam ser valiosos para explicar o que está acontecendo em Hedhen – Eva falou. – Ela respeitou sua posição, caso contrário ela teria lhe dito...

Ele deu um passo à frente.

- Ela teria me dito o quê?

Eva deu um passo para trás, ainda segurando a mão de Davi.

- Ela teria lhe explicado o motivo de termos quebrado as regras.

Ele arregalou os olhos.

- Ela foi conivente com isso?

Davi ergueu as mãos.

- Sacerdote, por favor, nos escute. Fomos obedientes às suas ordens durante todos esses anos, mas Hedhen está sob uma grande ameaça e foi necessário agir.

Áquila sorriu com ironia.

- Rapaz, você quer me fazer acreditar que vocês dois foram obedientes durante todo esse tempo? Desculpe, mas com as regras infringidas, eu não posso acreditar nisso.

Ele respirou fundo e analisou atentamente os dois adolescentes. Eles eram responsáveis dele e nada podia dar errado no cumprimento da Profecia. Áquila os amava, mas precisava ser duro até que tivesse certeza daquilo que deveria ser feito.

- Não quero vê-los juntos até que eu tenha tido uma longa conversa com suas mães.

Eva sentiu o sangue ferver.

- Acabamos de nos encontrar! Não pode nos separar agora.

- Isso não faz sentido, senhor – objetou Davi.

Áquila o olhou com seriedade.

- A desobediência já foi feita, não queiram continuar com ela. Sou o tutor de vocês para guiá-los nessa Profecia e nada pode dar errado. Entendam minha responsabilidade. Eva, eu quero que vá para o seu quarto e fique lá, até que alguém mande chamá-la.

- O quê? – ela perguntou incrédula. – Está me colocando de castigo?

- Se não fizer o que eu mando, terei que mandar vigiarem sua porta – Áquila falou sem se abalar.

Eva sentiu o olhar tranquilizador de Davi alertando para que ela tivesse cautela. Engolindo a frustração, ela baixou a cabeça.

- Muito bem, senhor, eu farei o que quer – ela falou com esforço. – Não há necessidade de mandar vigiar o quarto.

Com um último olhar para Davi, ela se foi. O rapaz a acompanhou com o olhar, admirando o passo firme e a energia que parecia fluir da prima. Deixá-la ir, apesar de ser para tão perto, lhe deu uma sensação de vazio que ele nunca havia experimentado antes. Voltou a si com o peso da mão do sacerdote em seu ombro.

- Agora me diga onde posso encontrar sua mãe.

Deborah e Jael estavam na torre. Jael convenceu a irmã do fato de que não conseguiria descansar enquanto não conversasse com ela sobre os

acontecimentos de Haros. As duas estavam sentadas no chão, encostadas a parede do poço e de frente para uma das janelas.

- Não sei o que pensar quanto à possibilidade de minha mãe estar viva, Deborah.

- Isso não a deixaria feliz?

- Feliz? Não sei. Tudo o que posso dizer é que a chama da esperança foi acesa em meu coração, e que eu gostaria de estar no lugar de meu filho, para poder pisar naquela terra e procurar essa mulher.

- Não sei qual será o nosso papel nessa Profecia, mas acredito que cedo ou tarde, também estaremos em Nod. Você poderá ter essa oportunidade, Jael – Deborah suspirou e olhou para frente. – Como eu queria poder ter uma oportunidade dessas!

Jael sorriu e pôs o braço em volta da irmã.

- Você sempre honrou sua mãe, Deborah. Mesmo não a conhecendo, ela sempre foi um exemplo para você. Mas comigo não foi assim. Priska sempre me foi apresentada como uma humilde esposa de mercador e filha de um líder tribal. Na minha “atarefada” vida de guerreira, eu nunca parei muito para pensar sobre ela, e nem sobre o meu pai. Quando eu soube a verdade, desafiei o Conselho de Gades para honrar sua memória. A memória de uma heroína de Hedhen. No entanto, era meu dever de filha ter honrado sua memória quando ainda achava que era apenas uma esposa de mercador. Eu sinto que devo pedir perdão a ela por tê-la negligenciado por tanto tempo.

Deborah a olhou com admiração.

- Agora entendo o seu dilema, minha irmã. Infelizmente, tudo o que posso lhe oferecer é meu apoio a decisão que tomar, pois é algo que parte de um lugar muito particular do seu coração. Apenas você pode amenizar isso.

- Não tomei nenhuma decisão, Deborah. Nem sei se o farei. Há uma guerra difícil para ser travada e precisamos limpar Hedhen do mal, antes de pensarmos em Nod. Mas você me deu tudo o que eu precisava. Você ouviu minhas lamúrias, como sempre fez, e me entendeu. Eu apenas precisava contar para alguém.

Deborah levantou-se e estendeu a mão para ela.

- Agora que eu a ouvi é melhor descermos. Caso contrário, teremos que enfrentar sermões de Nathan e Hulda. Amanhã, caso esteja mais descansada, gostaria que me acompanhasse até as montanhas. Preciso ver o que está acontecendo com as plantações. Acho que existem magos na região e não gosto dessa proximidade em nossos muros.

- É claro que estarei descansada! Principalmente agora, que aliviei meu

fardo em cima de você.

Deborah a abraçou e as duas caminharam para fora da torre. Ao pé da escada que levava aos quartos, elas pararam ao ver o sacerdote Áquila aguardando por elas.

- Sacerdote? – disse Deborah. – O que faz aqui tão tarde?

- Estava aguardando por vocês. Tenho um assunto urgente para falar, e não agüentarei esperar até de manhã.

Jael suspirou. Depois de ter tido a esperada conversa com Deborah, ela percebeu o quanto estava cansada.

- Eu converso com você. Jael teve uma longa viagem e precisa descansar.

Ele balançou a cabeça negativamente.

- Sinto muito, Majestade. A minha conversa deve ser com as duas. Tem relação com seus filhos.

Deborah olhou para Jael.

- O que você me diz, Jael?

- Sirva-me algum chá para me manter de olhos abertos e estarei pronta para ouvir o que tem a dizer, Áquila.

Ele sorriu agradecido e elas o acompanharam até o templo, através de uma porta de ligação.

Na sala usada por Salum, Deborah e Jael escutaram todas as queixas de Áquila e compreenderam sua preocupação para com a Profecia. Ele era o escolhido de sua ordem para prover o cumprimento desta e era o seu dever zelar para que tudo corresse bem. No entanto, quando Deborah relatou o motivo das ordens terem sido quebradas, o sacerdote abrandou o seu espírito.

- Gigantes? – ele sussurrou. – Isso jamais me passou pela cabeça! Aquele rapaz poderia ter morrido.

- Foi por isso que eu pedi ajuda para Deborah, Áquila – explicou Jael. - Mesmo sabendo que podíamos infringir uma regra, nenhuma outra solução me passou pela cabeça.

- E a culpa de Eva ter aberto a comunicação foi minha – completou Deborah. – Eu precisava dela para ajudar Davi.

Ele olhou para as duas mulheres sentadas à sua frente.

- Se vocês não tivessem agido assim, uma árvore da Profecia poderia ter morrido – Áquila parecia perturbado. – Eu errei em meu julgamento por tirar conclusões precipitadas, e também por submeter esses dois jovens a um silêncio tão prolongado. Começo a sentir que falhei.

Deborah pegou a mão dele entre as suas.

- Ainda é muito cedo para se falar em falhas, meu amigo.

Ele sorriu agradecido pela compreensão dela. Logo em seguida, lembrou-se de algo que turvou novamente o seu semblante.

- Mas não foi apenas para falar sobre isso que eu as chamei aqui.

- Você descobriu algo novo em suas pesquisas? – perguntou Deborah.

- Eu estou, de certa forma, ligado a Nod através do meu medalhão da ordem. É um pouco semelhante ao que a Ordem Branca possui. Há alguns dias, eu senti uma alteração no portal.

- Que tipo de alteração? – Jael, apesar de sonolenta, estava interessada.

- Uma ruptura. Alguém ou algo passou por ele.

Jael estava confusa.

- Áquila, nós enfrentamos piratas que possivelmente encontraram o portal e passaram livremente por ele. Entretanto, você não sentiu nada diferente. Por que isso agora?

Havia medo nos olhos de Áquila quando ele respondeu.

- Os piratas encontraram o portal por acaso. Mas o que eu senti, foi ocasionado por um poder muito grande. Seja lá o que tenha atravessado o portal, é tremendamente poderoso. O suficiente para me fazer sentir sua passagem.

- Não conseguiu descobrir o que pode ser essa força? – Deborah perguntou.

O sacerdote balançou a cabeça com o olhar desolado.

- Há muitas forças poderosas atuando em Nod. Poderia fazer uma lista delas, mas não adivinhar a qual devemos temer no momento.

Deborah e Jael se entreolharam com preocupação. Áquila, porém, sorriu.

- Não vamos nos preocupar antes do tempo. Ainda estou em meio a minhas pesquisas. Talvez tenha sido apenas algum tipo de vibração.

Jael levantou-se.

- É tarde para nos tranquilizar, Áquila. Mas foi uma boa tentativa.

- Amanhã conversaremos mais a respeito – disse Deborah. – Quero saber mais sobre esses poderes de que falou.

Antes que elas alcançassem a porta, ele lembrou-se de algo.

- Majestade! – ele chamou.

Deborah virou-se e aguardou.

- Eu coloquei sua filha de castigo no quarto. Por favor, diga a Eva que eu a libero, e que ela e Davi estão livres do fardo que eu mesmo coloquei em seus ombros.

Deborah sorriu.

- Eu farei isso, Áquila. Mas não espere muita simpatia dela nos próximos dias.

- Eu sei disso – ele suspirou. – Mas acredito que a revolta passará logo. Sua filha já compreende a missão para a qual foi chamada.

Pela manhã, Deborah, Jael, Eva e Davi foram até as montanhas. Eles visitaram várias fazendas e todas apresentavam o mesmo problema. O pó amarelo estava em toda parte. Os montanheses já tinham conhecimento do que acontecera na primeira vila onde o pó foi encontrado, por isso se precaveram e cavaram um poço de outra nascente. Dessa forma, evitaram as doenças. Eva só teve que curar duas pessoas que foram imprudentes no início e se contaminaram. Deborah purificou as nascentes e tudo voltou ao normal.

No caminho de volta, Davi estendeu a mão para segurar Eva, pois a moça estava quase dormindo em cima do cavalo. Ele olhou para a tia com preocupação. Deborah sorriu.

- Ela exerceu o seu poder de cura. Isso sempre a deixa exausta. É melhor pararmos um pouco.

Davi tirou Eva do cavalo e a levou nos braços até a sombra de uma árvore. A moça dormia. O rapaz a observou em seu sono tranquilo até sentir a mão de Jael sobre o seu ombro.

- Deixe-a descansar, filho. Venha comer alguma coisa.

Deborah tirou algumas frutas secas da bolsa e as distribuiu entre eles. Em seguida, ela pegou uma garrafinha e foi até a filha. Ajoelhou-se e deixou escorrer um pouco do líquido para a boca de Eva. Quando ela voltou, percebeu o olhar curioso de Davi.

- É um chá de viagem – Deborah explicou enquanto sentava. – Sua mãe o conhece muito bem. Serve para repor as energias perdidas. Logo Eva estará bem para continuar a viagem.

Davi balançou a cabeça.

- Ainda temos muito a aprender sobre os nossos dons. Antes de ir para Nod, devemos ser capazes de dominá-los.

- Eu acho que vocês já os dominam, Davi – disse Deborah. – No entanto, existem conseqüências físicas naturais. Você não sente nenhuma?

Jael o olhou com interesse. Ele pareceu pouco a vontade para responder.

- Sim, eu sinto – ele respondeu após um pouco de hesitação. – Quando tento ver as coisas, sinto dificuldade para me firmar novamente na realidade. Não é fácil distinguir o que está ao meu redor do que ainda vai acontecer. Não acho que isso seja bom. Eu gostaria de ter mais domínio sobre isso.

- Áquila pode ajudá-los, Davi – disse Jael. – Ele os ensinará a como conviver com isso.

- O sacerdote tentou nos separar, mãe! Tenho medo que ele tente fazer isso

de novo. Não quero mais ficar longe de Eva.

Deborah estranhou a angústia na voz do rapaz.

- O treinamento de vocês, daqui por diante, será feito com os dois juntos – ela respondeu. – Ninguém vai separá-los.

Ele pareceu aliviado. Eva se mexeu e ele, imediatamente, foi ficar ao seu lado. Deborah e Jael trocaram um olhar preocupado.

- O que acha disso? – Jael perguntou.

- Fala dos dons ou...

- Sabe do que estou falando, Deborah.

- Existe um sentimento forte que os une. Isso é muito claro.

Jael respirou fundo.

- Sim, mas que tipo de sentimento?

Deborah viu, com alívio, a filha ficar em pé. Eva virou-se para elas e sorriu.

- Já descansei bastante. Podemos ir?

O pássaro chegou naquele mesmo dia. Um dos guerreiros queneus que acompanhavam Jael reconheceu o pássaro de Midani. Quando elas retornaram das montanhas encontraram Hulda, Nathan, Salum e Áquila a sua espera na sala de audiências. A profetiza entregou o rolo ainda fechado nas mãos da rainha.

- Chegou essa mensagem de Midani. Ainda não abrimos, pois é endereçada a você. Nathan tem sérias razões para acreditar que são notícias da fronteira.

Ela olhou ansiosa para o pequeno sacerdote.

- No início da marcha dos gigantes eu enviei, por sugestão de Jael, um mensageiro midanita até a cidade de Aroer, alertando-os do perigo que se aproximava – explicou Nathan. - Ele levava um pássaro igual ao que chegou até nós.

Deborah, então, quebrou o lacre de cera que selava o rolo e o abriu. Sua expressão era tensa enquanto lia. Todos aguardavam em silêncio. Ela parou de ler e ergueu os olhos em direção a Áquila.

- Essa mensagem talvez seja a resposta que procurava, sacerdote – ela entregou o rolo para ele.

Áquila, enquanto o lia procurava um lugar para se apoiar. Eva correu a buscar um banco para ele. A palidez em sua pele era visível.

- Agora sei que poderes se aproximam de nós – ele murmurou com a voz trêmula. – Mas isso não é o mais importante agora. É a defesa do Poço das Origens que está em jogo.

Nathan deu um passo à frente e interrogou Deborah com um olhar

apreensivo.

- Do que ele está falando?

- A mensagem é de Barak. Ele diz que Jabim enviou alguns magos para encontrar o Poço das Origens. Ele já sabe de sua existência, mas o escudo protetor o impede de enxergá-lo. Esses magos, segundo a mensagem, não são dessa terra e parecem ter “dons” especiais para encontrar o que procuram.

Hulda olhou para Áquila.

- Acha que eles podem ser de Nod?

Jael deu um passo à frente.

- Como é possível que Jabim esteja aliado com as forças de Nod? Eu não acredito que ele tenha poder para tanto.

Áquila, finalmente, levantou a vista.

- Os Quatro Juízes são à força de elite do exército de Abadom. É claro que a mensagem menciona apenas quatro magos, e isso poderia se referir a qualquer tipo de mago. No entanto, isso explicaria a ruptura do portal sentida por mim. A magnitude do poder.

Deborah sentou-se na cadeira pensativa.

- Por que apenas quatro magos? Ele poderia ter enviado um exército.

- Eles valem por um exército, minha rainha. Pode ter certeza disso.

Deborah virou-se para Nathan.

- Tente fazer contato com os sacerdotes-eremitas que estão no Poço das Origens. Pergunte se eles sentiram ou estão sentindo a aproximação de alguma ameaça. Certifique-se também de que o escudo ainda esteja forte – ela virou-se para Salum. - Salum, mande um mensageiro veloz até as Cavernas do Sal e solicite um reforço para fortalecer o escudo. Precisamos ter certeza do que vamos enfrentar.

Os sacerdotes saíram para cumprir as ordens.

- O que está acontecendo aqui? – perguntou Hulda. – Nod e Jabim? Como ele poderia saber?

- Subestimamos o poder do rei-feiticeiro – respondeu Deborah. – Diante dele, Atalia era uma iniciante na magia oculta.

Davi aproximou-se de Áquila.

- Sacerdote... Se esses magos forem mesmo de Nod, como está pensando... Eles poderiam estar aqui por nossa causa? – ele apontou para Eva.

Áquila olhou para o rapaz e sorriu com amargura.

- Abadom é um conhecedor da Profecia. Ele, com certeza, não pouparia recursos para evitar que esta se concretizasse. No entanto, não há nada que possa ser conhecido por Jabim, que aponte vocês dois como os inimigos que ele

deve temer. Acredito que nesse ponto, os anos em que passaram longe um do outro serviram para despistar qualquer desconfiança.

Nesse momento, outro mensageiro entrou na sala. Todos o olharam com apreensão. Ele se inclinou diante do trono de Deborah.

- Majestade, a rastreadora Hadassa e a profetiza Miriam estão de volta. Elas foram avistadas cruzando a ponte sobre o rio.

Deborah notou uma ponta de hesitação no que ele ia dizer.

- Continue – ela pediu.

- O grupo que voltou parece bem menor do que aquele que partiu, minha senhora.

A rainha assentiu com uma ruga no meio da testa.

- Mande-as entrar assim que chegarem.

Hadassa e Miriam relataram a demanda em busca dos magos. Foi difícil encontrar os que viviam nas regiões de maior altitude. Alguns membros do grupo de busca sucumbiram ao frio e as feitiçarias atiradas contra eles. Quando, enfim, conseguiram pegar um mago ainda com vida, pois os outros ao verem-se cercados e derrotados tiraram a própria vida, este lhes relatou que não restava mais nenhum deles nas montanhas, pois todos estavam obedecendo ao chamado do rei-feiticeiro e partindo para o extremo sul a fim de integrar um grande exército.

- Acha que podemos confiar em suas palavras? – perguntou Hulda.

- Quando ele viu que Miriam era uma profetiza e que seria impossível esconder algo dela, resolver contar tudo – explicou Hadassa. – Era um mago jovem. Acredito que tenha crescido no exílio e não havia ainda se preparado para um confronto direto.

Miriam concordou com as palavras de Hadassa.

- Um exército de magos! – falou Jael. – Então, esse é o grande plano de Jabim?

- A magia sempre foi o seu forte – disse Deborah. – Não consigo imaginá-lo usando outras armas.

- Mãe, o que podemos fazer diante dessa ameaça? Eu senti a magia de um dos magos da montanha e posso dizer que era muito forte. Tremo só em pensar numa força como aquela concentrada em um exército.

Jael se colocou ao lado de Eva.

- Sua filha tem razão, minha irmã. A ameaça que paira sobre nós é algo que nunca ousamos enfrentar.

Deborah levantou-se e caminhou pela sala. Ela buscava uma visão de esclarecimento. De repente, ela percebeu que Davi estava ao seu lado. O rapaz

estendeu a mão para ela. Juntos, eles poderiam visualizar a resposta com mais rapidez. Ela concordou e pegou a mão dele. Naquela hora, o mesmo pensamento aflorou na mente dos dois. Davi sorriu com empolgação.

- É uma resposta tão óbvia! – ele exclamou.

Deborah sorriu e virou-se para os outros.

- Vamos convocar os sacerdotes e profetas de Hedhen. Se é com magia que Jabim pretende guerrear, é com nossa magia que iremos responder – ela olhou para Hulda. – A Ilha dos Profetas está preparada para algo assim?

Hulda sorriu com orgulho.

- Para que você acha que perdemos tanto tempo estudando? Se a hora é chegada, os profetas estarão preparados.

Nathan, que havia voltado da torre e ficara quieto, sem querer atrapalhar enquanto Deborah tomava uma decisão, levantou-se.

- A Cidade do Saber também está pronta para uma batalha desse porte. Assim como é certo que as Cavernas do Sal também estejam.

Ele inclinou-se diante da rainha.

- Foi uma sábia decisão.

Ela olhou para Davi e sorriu.

- Não a tomei sozinha.

O rapaz sentiu o olhar orgulhoso da mãe e da prima e respirou fundo.

- Então, não vamos perder mais tempo – disse Deborah. – Os magos já estão sendo convocados e precisamos fazer o mesmo.

Antes de sair da sala para cumprir as ordens da rainha, Nathan aproximou-se dela com um sorriso.

- Falei com nossos irmãos eremitas – ele disse. – O Poço das Origens continua seguro e o escudo permanece firme. Nenhum movimento ameaçador foi sentido até o momento. Eles, no entanto, agora estão avisados e manterão uma vigilância mais rigorosa. Ao menor sinal de perigo entrarão em contato com a Cidade Dourada.

Deborah sorriu aliviada.

- Considero isso uma boa notícia, Nathan.

Ele fez uma reverência.

- Agora irei para o templo. Devemos iniciar as convocações o quanto antes.

Deborah olhou para a filha que estava sentada ao seu lado e apertou sua mão. Jael e Davi ainda aguardavam na sala.

- Tia, eu pude ouvir o seu pensamento – disse o rapaz.

- Não foi o meu pensamento que você ouviu, Davi. O nosso dom veio de uma mesma fonte. O Pai não revelará verdades diferentes para cada um de nós.

Pelo menos, não enquanto nossas mentes estiverem em harmonia.

- Então, a visão veio para nós dois, ao mesmo tempo?

- É nisso que eu acredito – ela olhou para Jael. – Um dia, Jael, o seu filho será um grande rei.

Jael pôs a mão no ombro do filho.

- Eu nunca duvidei disso, minha irmã.

Capítulo 33

Escolhas e Decisões

Os dias que se seguiram tiveram em vista a convocação de todos os profetas e sacerdotes de que podiam dispor. A força desse exército em particular tinha que ser forte o suficiente para ser páreo frente às hordas de Jabim. As notícias sobre o Poço das Origens chegavam todos os dias em forma de relatórios diários. Nada havia acontecido e tudo parecia em paz. Até mesmo Áquila conseguiu relaxar e passou a assistir o treinamento de Davi e Eva. Eles estavam na arena, naquela manhã, e os dois jovens treinavam com bastões de ferro. O sacerdote sorriu satisfeito ao ver que agilidade e destreza pareciam em equilíbrio nos dois. Daquela luta não sairia um vencedor, a não ser que um deles se deixasse vencer. Foi o que Davi fez, deixando que o bastão fosse jogado de suas mãos. Eva o olhou, contrariada.

- Fez isso de propósito – ela acusou em um tom suave.

- Acreditaria se eu dissesse que estou cansado?

- Não.

Ele sorriu e ergueu os ombros, cruzando os braços na frente.

- E se eu dissesse que gostaria de cavalgar um pouco por aí? O que você diria? Iria comigo?

Ela olhou para Áquila que escutava a conversa dos dois.

- Podem ir – ele disse. – Mas tendo em vista que os tempos não são mais tão pacíficos, não cavalguem para muito longe.

Antes de sair correndo, cada um pegou seu arco e seguiram em direção as estrebarias. Terra relinchou feliz com a aproximação de Eva. Davi pegou o cavalo cinza de crina e cauda negra que o pai lhe havia dado. O veloz animal chamava-se Nuvem. Logo, os dois saíram pelo portão e cavalgavam em direção ao rio. Eles só precisavam evitar a proximidade das montanhas. Entre elas e a Cidade Dourada, porém, estendia-se um vale que convidava para o prazer de uma boa cavalgada. Eles cruzaram a ponte e soltaram as rédeas. Davi sentia-se livre com o vento batendo em seu rosto. Ele olhou para o lado e se enterneceu ao ver Eva, de cabelos dourados ao vento e braços abertos, recebendo o toque

do vento. Quando os cavalos começaram a cansar, eles pararam perto do rio e os deixaram livres para saciar a sede. Eva sentou-se de pernas cruzadas e Davi deitou-se ao lado dela. Ele ficou de lado, apoiado no braço e brincando com um galho seco.

- Estou feliz por Áquila ter permitido nossa aproximação – ele falou. – Não suportava mais o silêncio.

- Lembra que você costumava me contar histórias de caçador quando éramos pequenos? Eu não conseguia dormir sem ouvir pelo menos uma.

Ele sorriu.

- É claro que me lembro. Eu gostava de ouvir sua risada na minha mente. Isso também me fazia sentir um bom contador de histórias.

Ela deitou-se e pôs os braços por trás da cabeça. No céu claro, as nuvens pareciam formar desenhos.

- Você tem medo do futuro, Davi?

- Você fala de nossa missão?

- Às vezes, eu fico analisando os perigos que já corremos, e me vem a certeza de que são apenas um sinal do que nos espera.

- Talvez seja, Eva.

Ela olhou para ele.

- O que você sente?

- Medo de não estar pronto. Medo de falhar. Medo de perder as pessoas que amo.

O olhar dele demorou-se nos olhos azuis dela. Eram profundos e mais escuros do que o céu. Num impulso, ele aproximou o rosto lentamente até o ponto de sentir a respiração de Eva. A prima não se mexeu. O coração dela batia descompassado.

- Eva, eu... – ele tentou falar, mas sentia-se atraído por ela como uma abelha era atraída pelo mel.

Ela ergueu a mão e tocou os lábios dele. Davi piscou os olhos aturdidos ao ver que ela chorava.

- Eva, o que foi?

- Davi, eu não amo você como um irmão – ela falou com a voz rouca. – Não sei se isso é certo.

Ele sorriu e baixou a cabeça, falando num impulso:

- Tudo o que eu sei, é que eu gostaria muito de beijar você.

Eva estava pronta para dar vazão aos seus sentimentos, mas ambos foram despertados pela presença de alguém na beira do rio. O Ancião os observava com o rosto sério e preocupado. Os dois se puseram de pé num salto. A última

vez, em que eles viram o Ancião ainda eram pequenos e estavam em Gades. Ele aproximou-se e parou diante deles. Os dois adolescentes pareciam envergonhados. O Ancião sorriu, suavizando o semblante.

- O sentimento que os une não é errado, meus filhos. Mas eu tive que evitar o que estavam para fazer. Vocês ainda precisam compreender a profundidade do que sentem um pelo outro, porque isso também é especial.

Ele estendeu o braço e indicou o chão.

- Sentem-se comigo.

Ainda petrificados, eles obedeceram.

- O senhor disse que... não é errado? – murmurou Eva.

O Ancião sorriu novamente.

- Eu conheço suas dúvidas, Pequena Oliveira. Os sinais de suas mães as tornam irmãs, porque isso é um fato estabelecido pela Profecia. Elas nasceram no mesmo dia e na mesma hora. A luz as envolveu como uma capa, fazendo a ligação. Tinha que ser assim, para que a luz tivesse a mesma força dos dias antigos. Nos dias dos Primeiros Tronos, a lua e a estrela eram irmãs. Gêmeas idênticas. Isso tinha que ser repassado de alguma forma.

Ele fez uma pausa e olhou em direção ao rio. Apesar do capuz que lhe cobria os olhos, era possível sentir o seu olhar.

- Isso não acontece com vocês. Seus sinais não os tornam irmãos.

Eva sentiu a mão de Davi apertar a sua.

- No entanto, o sentimento forte que os une será capaz de liberar um poder que precisa ser guardado para o tempo certo.

- E que tempo é esse? – perguntou Davi. – Como o reconheceremos?

O Ancião voltou a face para eles e parecia haver tristeza em sua voz.

- Ele virá e trará com ele uma difícil decisão. A vocês dois caberá o desfecho dessa guerra. Guardem o que possuem para o momento oportuno.

- O senhor fala de uma decisão difícil – disse Eva. – Não pode nos dizer mais nada?

- Tudo o que posso lhes dizer é que será uma decisão dolorosa e que será reconhecida por vocês. Mas, para isso, o poder que une os seus sinais não poderá ser liberado ainda. Hedhen precisará desse poder para a própria sobrevivência. Sejam fortes até lá, minhas Pequenas Árvores.

Ele levantou-se. Davi e Eva o acompanharam até o caminho que levava a ponte.

- Eu preciso ter um encontro com suas mães – ele falou enquanto caminhava. – Também tenho uma palavra para elas.

- Senhor, pode me responder apenas uma pergunta? – disse Davi.

- Pergunte – o Ancião parou e virou-se para eles.

- O que une nossas mães é a luz. E quanto a nós? Que tipo de força une nossos sinais?

O Ancião abriu-se num sorriso.

- O amor. Essa é a força que une vocês. E lembrem-se de algo importante: ele flui através da vida das árvores.

Dito isso, ele virou-se e se foi sem olhar para trás. Davi suspirou e puxou Eva para perto de si. A moça descansou a cabeça em seu ombro e ficaram ambos observando a figura do Ancião ir sumindo na distância.

Deborah recebeu algumas caravanas e delegações. Apesar da ameaça de guerra, e com a anual Festa de Celebração suspensa por causa da ausência do rei, viajantes continuavam a chegar. Era certo que o povo faria sua festa com ou sem ameaças. Os Tronos trouxeram transformação e paz, e mereciam ser homenageados. A rainha rendeu-se aos apelos que lhe chegavam aos ouvidos e permitiu que a cidade fosse preparada para o evento. Ao seu lado, ocupando o trono vazio de Barak, estava Jael. A presença das duas Luminas tranquilizava aqueles que chegavam assustados com as notícias do caminho. Quando o fluxo de caravanas terminou, a manhã já estava no fim. Deborah recostou-se no trono e fechou os olhos com um suspiro.

- Honestamente, eu não esperava que tantas pessoas se dispusessem a vir este ano – ela sussurrou. – A notícia sobre a guerra já anda junto com as caravanas.

Jael sorriu.

- Isso mostra o quanto você e Barak são queridos. Essa festa é para vocês. Um presente do seu povo, Deborah.

Deborah virou-se para ela.

- Por falar em presente, temos dois aniversários para comemorar.

Jael assentiu sem saber se aquela notícia lhe alegrava ou entristecia. Eva e Davi faziam aniversário em dias seguidos, e a cada dia mais se aproximavam dos temidos dezessete anos.

- O que pretende fazer? – ela perguntou. – Pensou em algum tipo de comemoração?

Deborah analisou a irmã com seriedade.

- Você parece não ter pensado muito nisso.

- Evitei pensar, é verdade – ela confessou.

- Jael, não é motivo para tristeza. Veja no que eles se tornaram.

Jael levantou-se do trono.

- Desculpe, irmã. Não sou tão racional quanto você. Quando penso que

cada ano o afasta mais...

- Acha, por acaso, que eu não penso nisso também? O fato, Jael, é que temos que confiar em nossos filhos, da mesma forma como muitos já confiaram em nós. E assim como nós, eles representam a esperança desse mundo.

Jael a encarou.

- Eu confio, Deborah. No entanto, é como você mesma disse... São nossos filhos. E filhos são filhos, não podem ser outra coisa. Eu não posso olhar para Davi e ver o que os outros vêem. Eu sou mãe dele!

Deborah ia responder quando sua atenção foi atraída por uma figura que permanecia em pé, junto a porta que levava até a cripta. Jael seguiu o olhar dela e sentiu o reconhecimento. O tom da roupa, o capuz, a barba branca. Era ele! O Ancião. Lentamente, sem nada dizer, ele virou-se e passou pela porta em direção à cripta. Deborah levantou-se e o seguiu. Jael foi logo atrás.

Lá embaixo, as luzes das tochas tornavam o ambiente claro. O Ancião havia parado em frente do túmulo de Cirene. Ele virou-se para a escada e aguardou. As duas Luminas aproximaram-se e ajoelharam-se diante dele. Elas sentiram o agradável calor das mãos do Ancião ao tocar em suas cabeças.

- Levantem-se, minhas filhas. Trago-lhes mensagens.

Elas obedeceram e aguardaram.

- O mal se aproxima rapidamente – ele falou confirmando seus receios. – O Poço das Origens está ameaçado por uma força que nunca foi vista em Hedhen.

- Senhor, o que nós podemos fazer para evitar isso? – perguntou Deborah. – Sabemos que poderes de Nod estão agindo em nossa terra. Podemos impedir essa força?

- Não.

Jael deu um passo à frente.

- Então, o Poço das Origens será tomado? Não há nada que possamos fazer?

- Ele será tomado por pouco tempo, filha. Logo estará em suas mãos novamente.

Deborah abriu a boca para falar, mas o Ancião a interrompeu com um gesto.

- Basta, minhas filhas. Não vim aqui para responder perguntas, mas para orientá-las quanto ao futuro.

Ele aproximou-se de Deborah e, sem ela esperar, passou a mão pelos seus olhos. Ela cambaleou, apoiando-se em um dos bancos.

- O que o Senhor fez com ela? – perguntou Jael.

- Retirei um pouco da visão profética. Sua percepção alcançará apenas o

limite estabelecido por mim.

Deborah o olhou procurando respostas para sua confusão.

- Um dia o Senhor restaurou minha visão, e agora a está pegando de volta.

Por quê?

- Porque vocês devem cumprir o que foi estabelecido para vocês. Para isso, não deve haver medo ou dúvidas. Sua visão ilimitada das coisas talvez fosse um empecilho para isso.

Jael queria saber, queria perguntar. O Ancião percebeu sua agonia e sorriu.

- Vocês são a maior força de Hedhen. A única força capaz de parar os poderes de Nod. Mas para isso acontecer, terão que trilhar um caminho difícil.

Ele virou-se para Deborah.

- Você estaria disposta a se sacrificar novamente por esse mundo?

Ela ficou muda. O terror dos momentos do passado, que ela havia enterrado em um canto bem profundo da mente, voltou para ela como uma flecha incandescente. Um dia ela disse a Jael que estava disposta a repetir tudo se necessário, mas não podia esconder o medo.

- Não pode exigir isso dela! – Jael exclamou.

O Ancião, porém, continuava a olhar para Deborah aguardando a resposta.

- Sim, eu estou – ela falou, apesar do medo.

Ele voltou-se para Jael.

- E quanto a você? Estaria disposta a fazer o mesmo sacrifício?

As duas irmãs se olharam confusas. Não sabiam aonde aquilo tudo ia chegar.

- Um dia eu disse que atravessaria a ponte com Deborah quando chegasse a hora. Se ela chegou, eu desejo cumprir minha palavra. Não temo em dar a minha vida por Hedhen.

O Ancião sorriu.

- Ótimo. Agora, acalmem-se. Não é a morte de vocês que será exigida.

Ele pôs a mão sobre o ombro de Deborah.

- Eu jamais exigiria tal coisa de você novamente.

Ela respirou aliviada.

- O sacrifício de que falo tem outro significado. Não posso contá-lo para não alterar a história. Será um sacrifício que vai requerer coragem e uma escolha. E, conhecendo vocês da forma que conheço, eu sei o que escolherão. Por esse motivo, eu vim preparar seus corações. Tempos difíceis as esperam. Mas, lembrem-se de minhas palavras. Quando eles tiverem chegado, apóiem-se uma na outra, pois é daí que sua força continuará forte.

- O que espera de nós, então? – perguntou Deborah.

- Preparem-se para lutar pelo Poço das Origens e reconquistá-lo. Isso é tudo com o que devem se preocupar. Não temam em levar seus filhos. Eles possuem mais poder sobre Nod do que vocês.

Ele olhou para Jael.

- Precisa ver seu filho com outros olhos. Ele está pronto para qualquer batalha.

Em seguida, ele virou-se para Deborah.

- Há quanto tempo não vê seu marido?

Ela se surpreendeu com a pergunta.

- Há bastante tempo – seus olhos umedeceram ao pensar em Barak e na falta que ele fazia.

- Lembra-se do dia de seu casamento? O sinal que ocorreu no céu vai se repetir daqui a dois dias. A lua novamente cobrirá o sol. Poderá falar com ele nesse momento.

Ela sorriu entre lágrimas.

- Vocês ainda passarão muito tempo sem se ver – ele disse. – Os caminhos da guerra se fundem com os da Profecia. Barak deve trilhar um caminho e você outro, ainda que pareçam estar muito perto.

Ele olhou para Jael e sorriu.

- Quanto a você, Guardiã, conseguiu ver o seu marido recentemente, não estou certo?

- Sim, meu Senhor. Eu estava ao lado dele antes de vir para cá.

- Espero que tenha aproveitado seus momentos juntos.

- Na medida do possível – ela sentia um nó na garganta.

- Também haverá caminhos separados para vocês. No entanto, você teve uma oportunidade recente de declarar o seu amor. Mantenha isso na memória.

Houve silêncio na cripta. O Ancião as fez ajoelhar e beijou o alto da cabeça de cada uma.

- Eu passo para vocês um pouco de minha força para ajudá-las na dura caminhada. Quando tudo parecer perdido, não temam. Eu, embora talvez não percebam, estarei sempre com vocês.

Quando elas abriram os olhos, ele havia sumido.

Naquela noite houve festa na cidade. A praça estava enfeitada e cheia de luzes. Como era costume, Deborah compareceu para festejar junto com o povo. A presença de Jael, Luminar da Estrela, alegrou os corações que estavam pesarosos pela ausência do rei. Houve danças quase a noite toda. Davi e Eva aproveitaram cada momento de celebração. Ao final, soltaram os fogos. Apesar da alegria, Hulda percebeu que as duas rainhas não estavam com o pensamento

na festa. Deborah sorria e acenava para todos que a cumprimentavam, mas logo em seguida ela assumia uma atitude reflexiva que não combinava com a alegria geral. Jael dançou algumas vezes com o filho, mas ao ver-se sozinha procurou se isolar. A profetiza se perguntava o que teria acontecido. Contrastando com o semblante das mães, Davi e Eva exalavam alegria. Não se afastavam por muito tempo um do outro e Hulda percebeu que havia um brilho novo no olhar de ambos. Parecia-lhe que algo havia acontecido naquele dia. Algo que causou efeitos diferentes e discordantes. De um lado, tristeza e preocupação, do outro, alegria e descontração. Ela sentou-se ao lado de Deborah. A rainha virou-se para ela e sorriu.

- O que há, mãe? Não a vi dançar e nem comer nada. Não está gostando da festa?

Hulda sorriu.

- Eu poderia lhe fazer a mesma pergunta. Você está aqui, mas ao mesmo tempo está longe.

Deborah suspirou.

- Essa festa foi criada para celebrar a paz. É a primeira vez que ela ocorre em um tempo de guerra.

- Mas não podemos permitir que a esperança fraqueje no coração do povo. Veja como estão alegres!

Deborah sorriu.

- Talvez tenha razão.

Hulda percebeu o olhar que Deborah lançava para Eva, enquanto ela dançava com o primo.

- Eu estive em Shilloh. Simeão e Ana querem comemorar o aniversário das duas Oliveiras. Será uma festa noturna que pegará a passagem de um dia para o outro. A meia-noite eles planejam ungi-los com o azeite das duas árvores que cresceram da noite para o dia.

Deborah a olhou com espanto.

- Como assim? Há poucos dias não passavam de duas mudas! Oliveiras não crescem rápido assim.

Hulda deu de ombros.

- Com certeza, essas não são oliveiras comuns, não é?

Jael chegou e sentou-se entre as duas. Ela trazia uma vasilha cheia de frutas secas que depositou sobre a mesa.

- Estão frescas e deliciosas – ela disse. – Procurei chá de menta, mas lembrei que o povo de Gades não se encontra aqui.

- As frutas estão ótimas, Jael – disse Deborah pegando algumas.

Ela contou para a irmã o que Ana e Simeão desejavam fazer.

- Parece uma boa idéia – ela disse. – Eu não queria que esse dia passasse em branco para eles.

Davi e Eva aproximaram-se da mesa com as roupas molhadas de suor.

- Acho que já demos o sangue nessa festa – disse Eva. – Estou cansada.

Os cinco aproveitaram a oportunidade e se retiraram para o palácio.

No deserto de Negger uma nuvem de areia podia ser vista ao longe. Apenas quatro cavalos eram responsáveis por ela. Os cavaleiros cavalgavam com um único objetivo. Fazer os desejos de seu mestre, Abadom. O rei-feiticeiro Jabim havia encontrado uma maneira de apagar a luz de Hedhen e unir as duas terras sob o poder da escuridão. O desejo de Jabim era reinar sobre Hedhen, partilhando o poder com Abadom, o rei de Nod. Juntos, seriam imbatíveis. Os cavaleiros sorriam. O gosto do triunfo já estava em suas bocas. O Poço das Origens seria conquistado e eles se apoderariam de um grande tesouro. Este tesouro representaria a chave para a vitória e a ruína dos Tronos. Com esse pensamento, os cavaleiros eram impulsionados para frente. Nada os poderia deter.

Simeão e Ana oficializaram a cerimônia que, em Hedhen, marcava a passagem para a vida adulta. Davi e Eva ajoelharam-se diante da chama de Shilloh e deixaram-se ungir quando a meia-noite chegou. O óleo, colhido das duas novas árvores do jardim, escorreu por seus cabelos com um cheiro perfumado. Deborah pôs a mão sobre a cabeça da filha. Uma luz branca saiu de sua mão e envolveu a moça. O corpo de Eva absorveu os dois elementos: o azeite e a luz. Jael tocou na cabeça do filho e a luz que saiu de sua mão era prateada. Da mesma maneira, Davi absorveu aquela luz, junto com o azeite. Assim, ungidos e revestidos de luz, eles se levantaram para a vida adulta. As mães orgulhosas os abraçaram e seguiram Simeão e Ana até uma mesa posta no jardim. Hulda, Salum, Nathan, Miriam e Áquila já se encontravam ali. Hadassa também havia sido convidada para o banquete. Foram bons momentos.

Simeão acompanhou os jovens príncipes até as árvores. Eva aproximou-se e tocou o tronco de uma delas.

- Faz tão pouco tempo que eram apenas duas pequenas mudas, vovô. Como podem ter crescido tão rápido?

- Vocês cresceram rápido, Eva.

Ela o olhou sem compreender.

- Está dizendo que essas árvores somos nós?

- Não, Eva – falou Davi. – Ele está dizendo que as árvores são como um

reflexo do que somos. As mudas surgiram quando nossa vida guerreira aflorou. E, assim como nós, alcançaram a maturidade da noite para o dia.

Eva considerou aquelas palavras e olhou confiante para as folhas verdes e viçosas que indicavam uma árvore saudável.

- Será uma maneira para que Shilloh acompanhe nossa missão em Nod – ela olhou para Simeão. - Se um galho quebrar ou as folhas começarem a cair, vocês poderão pedir ajuda à Chama Sagrada e o Pai nos ajudará.

O velho ficou pensativo.

- Sim, minha filha, você tem razão. Talvez seja por isso que elas estejam aqui. Cuidarei bem delas para que nada lhes aconteça.

Ela pegou na mão dele.

- Não, meu avô. O cuidado dessas árvores não depende do senhor. Se arrancar uma folha, tenho certeza de que nascerá outra no lugar. São nossas vidas que deverão ser refletidas nelas.

Simeão balançou a cabeça e olhou para as duas oliveiras com um respeito reverente. Ele pediu licença e deixou os dois jovens a sós.

- Eva, eu estive pensando numa coisa que temos que fazer – Davi falou um pouco hesitante.

Ela olhou para ele, aguardando com expectativa.

- Nossas mães devem saber sobre o nosso encontro com o Ancião e de todas as palavras que ele nos disse. Não podemos esconder isso delas. Não seria o certo.

Ela sorriu e estendeu a mão para ele.

- Eu sei. Mas você sabe que para isso teremos que falar sobre nossos sentimentos. Talvez elas não entendam.

- Elas entenderão – havia confiança na voz dele. – Venha. Vamos procurá-las. Não poderia deixar passar essa noite sem fazer isso.

Deborah e Jael deixaram-se levar pelos filhos até um banco solitário no jardim, longe da mesa do banquete. Elas ficaram sentadas enquanto Davi começou a relatar o encontro com o Ancião e suas palavras. Elas perceberam que o encontro havia sido um pouco antes do que elas próprias tiveram. Quando Davi falou sobre a força que os unia, segundo o Ancião, ele pegou a mão de Eva. Jael observou o gesto com um meio sorriso. Deborah buscou os olhos da filha e viu o que eles espelhavam.

- Sempre houve amor entre vocês, mas ele parece ter crescido e tomado uma forma que não esperávamos – ela disse e, logo em seguida, abriu um sorriso. – Fico feliz em saber que não lhes será negado vivê-lo.

- É verdade – concordou Jael. – Mas há limitações para isso, segundo o

Ancião. Vocês terão que descobrir a força desse poder e saber como usá-lo. E, pelo que posso observar, é um grande poder.

Eva ajoelhou-se diante da mãe.

- Então, eu tenho a sua bênção, minha mãe?

- Como eu poderia desejar menos do que a sua felicidade, Eva? – Ela inclinou-se e beijou o alto da cabeça da filha. – Estou muito feliz por você.

Jael levantou-se e, com os olhos lacrimejantes, abraçou o filho.

- Você é um homem honrado, meu Davi. Fará Eva feliz e sei que ela o fará assim, também. Apenas peço ao Pai que lhes dê paciência e sabedoria, até que possam viver isso completamente.

Deborah levantou-se e ajudou Eva a se erguer.

- Jael está certa. O Ancião, ao lhes revelar isso, tirou-lhes um fardo do coração que poderia servir de empecilho para sua missão. Mas agora vocês devem tomar o cuidado para não se deixar dominar pelo coração. Tentem manter razão e emoção em equilíbrio, pois sua força também pode se tornar sua fraqueza.

Davi e Eva inclinaram a cabeça, recebendo as palavras de Deborah como um conselho valioso a ser guardado na memória.

Naquela noite o frio tomou conta da cidade. Não houve festa na praça e tudo estava silencioso quando todos voltaram ao palácio. Deborah foi para o quarto pensando na manhã que estava por vir. O sinal estaria lá, no céu, e ela poderia fazer o que mais queria. O Ancião estava lhe dando um presente. Não lhe importava muito qual o motivo, pois pensar nisso poderia estragar o momento mágico que teriam. Ela sentou-se na cadeira de frente para a janela aberta e enrolou-se em um manto de lã para se proteger do frio. Não queria dormir. Não queria deixar de ver o sinal quando ele começasse a surgir. Ela lembrava-se do quanto o fenômeno era rápido.

Em Aroer, Barak aguardava a chegada do exército que vinha do norte. Os Queneus e o Povo da Floresta de Quedes iriam unir forças com eles, trazendo novos suprimentos e armamentos através dos barcos recém-adquiridos. A situação na Fronteira estava sob controle e ele conseguiu ter uma noite tranquila. O sono que o acometeu foi leve e o fez sonhar que estava em casa.

- “Barak”.

Ele abriu os olhos e sentou-se na cama atordoado. Olhou para o lado, achando que Deborah estava lá, pois havia sido a sua voz que ele ouvira. Não havia ninguém e ele pôs as mãos no rosto. A falta dela doía em seu peito.

- “Barak, você pode me ouvir?”.

Ele ergueu a cabeça e percebeu o que estava acontecendo.

- Deborah? É mesmo você? Como...

- “Você não olhou para o céu hoje, meu amado?”.

Ele correu até a janela e viu o sinal. Exatamente como na manhã de seu casamento. Os dois Luminares no céu. Juntos. Ele sorriu.

- Eu gostaria que o dia fosse sempre assim – ele falou.

- “Como é bom ouvir a sua voz!”.

- Aroer não possui um Poço das Visões, mas Sangar enviou um mensageiro dizendo que um dos barcos está transportando água do poço de Quedes. Quando ele chegar, poderemos nos ver também.

- “Gostaria que tivéssemos tempo. Essa guerra separou nossos caminhos. Se não fosse pela ameaça ao Poço das Origens, eu já teria ido até você”.

- Não vamos desperdiçar nosso tempo falando sobre a guerra. Como está Eva? Não esqueci que nossa filha se tornou adulta.

- “A saudade dela não é menor do que a minha”.

- Como soube que podia falar comigo, e sobre o sinal...

- “O Ancião me revelou isso”.

Barak franziu o cenho.

- Eu temo o Ancião. Quando ele surge, algo acontece.

- “Aconteceu. Estamos nos falando, não estamos?”.

Ele sorriu. Durante aquele tempo mágico, eles sussurraram palavras de amor, absorvendo a voz um do outro como se fosse um bálsamo. Deixaram os assuntos da guerra no esquecimento e lembraram os momentos felizes.

- Eu amo você, minha rainha. O meu coração clama pelo seu, como o meu corpo. É difícil dormir sem ouvir as batidas do seu coração.

Ele viu que o sol estava quase descoberto.

- “Também amo você, meu rei. Não importa o tempo que nós ficarmos separados, isso nunca vai morrer ou diminuir. Você faz parte de mim”.

- O sol está voltando – ele murmurou.

- “Eu espero que a água de Quedes não demore. Esse foi um tempo muito curto para quem tem tanto a dizer”.

- Nem mesmo o Poço das Visões daria conta daquilo que eu tenho para lhe dizer, Deborah. Seria preciso que estivesse ao meu lado. Amo você com toda a minha alma.

- “Até breve, Barak. Sei que apesar de não estar ao seu lado, meu pensamento está em você, meu marido”.

O sol voltou a brilhar intensamente. Barak agarrou-se ao parapeito da janela com um gemido. Ela se fora.

Capítulo 34

Pedido de Socorro

Os barcos desciam o Grande Rio com leveza e rapidez. Um deles já havia feito uma parada nas imediações das Cavernas do Sal. Outros dois seguiam para Aroer. Héber, Sangar e Noa se encontravam no convés de olhos postos na margem. O que lhes parecera ser uma grande caravana vista de longe, era na verdade um grupo disciplinado de magos que seguia para a fronteira. Alguns iam montados em cavalos, outros a pé. A maioria tinha o rosto encoberto e usavam capas com estranhos símbolos. Não deram importância aos barcos. Pareciam ter sua atenção direcionada para o que se encontrava mais na frente.

Noa balançou a cabeça com a testa franzida pela preocupação.

- Magos dispostos em uma formação militar – ela fez uma constatação daquilo que haviam visto. – Seguem automaticamente o chamado de seu mestre. Estão ligados a ele pela magia e lhe declararam cega obediência.

- Como sabe de tudo isso? – perguntou Sangar.

- Se não fosse assim, já teriam se voltado para nós e afundado alguns barcos. Seria fácil fazer isso, pelo número de magos que podemos ver daqui. Mas obedecem ao chamado, por isso seguem sem olhar para os lados.

- O que poderia fazer frente a isso numa guerra? – Héber passou a mão pelos cabelos.

- Um exército de sacerdotes – Noa sorriu. – Acredito que Deborah já tenha conhecimento disso, e já age na nossa frente.

- Está se referindo ao pedido de armamentos solicitado pelas Cavernas do Sal? – Sangar lembrou-se do pequeno barco que os interpelou no caminho com dois sacerdotes. Eles traziam uma carta solicitando a ajuda necessária.

- Eles estão preparando um exército – confirmou Noa. – Essa será uma guerra diferente das outras.

Os barcos chegaram às proximidades de Aroer à noite e, pela manhã, o grupo passou pelos portões da cidade. Barak recebeu os amigos com um abraço. Ele estava feliz, não apenas pelo reforço, mas também por que não se sentiria mais tão só. Héber lhe relatou o que viram durante a viagem.

- Os magos têm sido usados por Jabim nos últimos anos – disse Barak. – Não me surpreende que ele agora os utilize como força militar. Aqui mesmo, em Aroer, tivemos que batalhar contra eles. O povo de Gades conseguiu derrotá-los e um deles, um sobrevivente, nos disse quais eram as pretensões do rei-feiticeiro.

- Segundo Noa, talvez um exército de sacerdotes esteja sendo formado para

fazer frente a essa força.

Barak sorriu.

- Enviamos uma mensagem para a Cidade Dourada, logo após termos obtido a informação. Eu tinha certeza de que Deborah saberia o que fazer. A convocação sacerdotal, de fato, já começou.

Ao mencionar a esposa, ele lembrou-se de algo.

- Vocês trouxeram água do poço das visões?

Héber sorriu diante da ansiedade do amigo.

- Está vendo aquele barril que Sangar está levando com a ajuda daquele rapaz? É a água que vai nos dar a possibilidade de não ficar mais isolados.

Barak observou o transporte do barril e sorriu.

- Aquele é o príncipe Zoar, alto sacerdote de Aroer. Ele estava ansioso pela chegada dessa água. Vejo agora que sua espera foi recompensada.

Héber observou a rainha que caminhava ao lado de Noa e Eunice aos pés da escadaria.

- A rainha Tamar é bastante jovem – ele comentou. – Ela conseguirá liderar o exército de Aroer nessa guerra?

- Eu não tenho nenhuma dúvida quanto a isso, Héber. Apesar de jovem, ela herdou a sabedoria de seu povo. É uma rainha de atitudes e quer correr atrás do tempo perdido, quando a cidade de Aroer se escondia por trás de seu papel de Cidade-Guardiã. Assumiu a causa da Profecia e já enfrentou duas batalhas até o momento. Nas duas, saiu vitoriosa.

Héber sorriu.

- Isso satisfaz minhas dúvidas.

Jael havia acordado cedo e treinava com a sobrinha. A velocidade de Eva era desconcertante para Jael, pois era uma velocidade que não era gerada pelo instinto, mas pela lógica. Era como estar lutando com ela mesma tendo a mente de Deborah como guia. A Guardiã se esforçava por segurar os golpes da moça, mas não conseguia surpreendê-la. Após um giro com a espada no ar, Eva lhe surpreendeu com uma rasteira e Jael foi ao chão. A espada da moça apontada para o peito a fez sorrir com espanto.

- Nunca ninguém, além de sua mãe, me tirou a espada das mãos numa luta – Jael falou.

Eva lhe deu a mão e a puxou para cima.

- Eu gostei de ter lhe vencido, tia. Isso me dá mais segurança para enfrentar minha missão. Eu sei que você não facilitou pra mim.

- Facilitar pra você? Está brincando, não está? Lutei com vontade, mas a verdade é que você é bem melhor do que eu jamais fui.

Quando elas chegaram ao pátio, Nathan veio correndo em sua direção. O pequeno sacerdote havia dormido no templo junto com Áquila e Salum, pois queria trocar idéias sobre Nod. Jael ficou tensa. Ela conhecia Nathan bem o suficiente para saber que trazia notícias ruins.

- Nathan, o que aconteceu? – ela perguntou quando ele chegou na sua frente.

- Aconteceu alguma coisa no Poço das Origens – ele estava ofegante com a corrida. – Recebemos uma comunicação no templo. Nossos irmãos eremitas estavam dizendo que havia uma falha no escudo e que pressentiam a proximidade de movimentos. De repente a comunicação se desfez. Eu acho que...

Jael nunca vira Nathan tão abalado. Ela o obrigou a sentar em um dos bancos do pátio que ficavam de frente para a fonte.

- Eva, procure Deborah e conte tudo a ela.

A moça já corria antes mesmo de Jael terminar de falar. Ela passou pela sala do trono e encontrou a mãe descendo as escadas.

- Mãe, o Poço das Origens está com problemas!

- Me diga o que aconteceu – ela pediu, segurando firme nos ombros da filha.

Quando Eva terminou de contar, Jael entrava junto com Nathan. Deborah olhou nos olhos do sacerdote.

- Vamos para a torre tentar uma nova comunicação com eles. Precisamos saber que tipo de ataque eles estão sofrendo, para que possamos ter uma idéia do que enfrentar.

- E se eles não responderem? – Nathan perguntou abatido.

Deborah buscou os olhos da irmã. As duas compreendiam o que tinha que ser feito.

- Se não houver resposta, vamos nos preparar para ir até lá pessoalmente.

Ela virou-se para a filha.

- Eva, vá até o templo e peça a Salum para organizar um grupo da Ordem e prepará-los todos com as armaduras invisíveis. Depois, procure alcançar a mente de Davi e alerte-o da situação. Quero os dois aqui.

Eva olhou intrigada para ela. Deborah suspirou.

- Se tivermos que ir até o Poço das Origens, vocês irão conosco.

Eva inclinou a cabeça e saiu para cumprir as ordens da mãe.

Na torre, a comunicação foi aberta, mas ninguém respondeu. Os eremitas não se encontravam perto do poço. Deborah cruzou os braços olhando com seriedade para as águas paradas. Jael balançou a cabeça.

- Não há dúvidas de que estão com problemas. Eles jamais deixariam o poço sem ninguém.

- Você está certa, Jael – disse Deborah. – Não podemos esperar mais. Essa conquista deve ser nossa prioridade.

Jael lembrou-se das palavras do Ancião e concordou com a irmã.

- Vou preparar nossos cavalos. Espero vocês lá embaixo.

Quando Jael desceu, Deborah percebeu o abatimento de Nathan. Ele se sentia responsável pelos eremitas.

- Não pode se deixar abater, Nathan. Precisamos de você, meu amigo.

- Não se preocupe, Deborah. Esse momento de choque vai passar.

Ele suspirou penosamente e Deborah constatou que nunca tinha visto o amigo tão abatido e desanimado.

- Sinto-me responsável por eles, Deborah.

A rainha pôs a mão em seu ombro caído.

- Eles estavam preparados para o perigo, Nathan. Escolheram ir e servir à Profecia na defesa daquele Poço. Tenho certeza de que eles não desejariam estar em outro lugar.

Ele sorriu debilmente e bateu de leve com sua mão na dela.

- Vamos descer – ele falou. – Precisamos nos apressar.

Lá embaixo, Jael já havia preparado os cavalos e aguardava ao lado de Eva e Davi. Os três já estavam devidamente armados com os arcos nas costas e as espadas curtas na cintura. Eva era a única que trazia duas espadas, assim como a mãe. Quando Deborah aproximou-se, eles montaram. Bruma relinchou feliz com a chegada da dona.

- Tirza está no comando da Ordem – explicou Jael. – Ela está aguardando na saída da cidade com uma tropa. Todos estão revestidos com a armadura invisível. Salum e os sacerdotes já foram na frente a fim de verificar o caminho para nós.

- Hulda foi com eles? Eu não a vejo aqui.

Jael apontou para o palácio.

- Ela e Áquila estão discutindo lá dentro. O sacerdote de Nod parece nervoso.

Antes que Jael acabasse de falar, Hulda surgiu descendo a escadaria em direção a um dos cavalos do templo. Ela tinha o passo apressado e o rosto severo. Quando montou, aproximou-se de Deborah.

- Vamos sair logo daqui, antes que Áquila nos impeça.

- Ele não vai conosco? – Deborah pareceu surpresa.

Nesse momento, o sacerdote desceu correndo a escadaria e parou diante de

Bruma, assustando o cavalo. Deborah segurou as rédeas para acalmá-lo.

- Áquila, o que está acontecendo? – ela perguntou com impaciência.

- Minha rainha, eu suplico que não vá! Nenhum de vocês! – ele olhou para Jael e para os dois jovens. – Deixe esse confronto com os sacerdotes. Nós podemos segurar os poderes de Nod. Somos muitos!

- Áquila, como acha que vocês, sacerdotes, podem segurar esse poder? Afinal, está tentando persuadir a nós, que atualmente somos os maiores poderes de Hedhen, a não ir. O que, em nome do Pai, vocês poderão fazer sem a nossa ajuda?

Áquila não tinha argumentos.

- Eu pressinto perigo – foi tudo o que ele conseguiu dizer.

Deborah respirou fundo e fechou os olhos. Quando os abriu, olhou fixamente nos olhos do sacerdote.

- Eu entendo os seus temores, mas nós temos que ir. É desejo do Ancião que façamos isso. Ele nos ordenou que fizéssemos disso uma prioridade.

Áquila, de olhos arregalados, saiu da frente de Bruma. Ele mal percebeu quando um cavalo foi trazido até ele. Deborah ergueu a mão e o pequeno grupo partiu para se encontrar com a Ordem na saída da cidade.

O grupo passou um dia e uma noite cavalgando para o seu destino. Fizeram apenas uma pequena parada para que os cavalos descansassem. Do lugar de descanso, eles podiam ver o deserto se descortinando na sua frente. Deborah olhou para Nathan e lembrou-se de quando se aventurou sozinha por aquele caminho sem trilhas a fim de cumprir um teste importante. Antes que o sol estivesse em seu ponto mais alto, eles avistaram as montanhas que eram evitadas pelos viajantes. No meio daquelas rochas estava a caverna que continha o Poço das Visões. De repente, uma flecha varou o ar atingindo um dos membros da Ordem. Jael, num reflexo, puxou o arco e mirou na direção da qual a flecha tinha sido atirada, mas nada viu. Salum viu que o rapaz que havia caído estava apenas atordoado. A armadura o havia protegido.

Tirza aproximou-se de Deborah.

- Majestade, peço permissão para dar a volta com um grupo e surpreender a força que está escondida entre as rochas.

Deborah, antes de responder, passou os olhos pelo local. A despeito daquela flecha, tudo parecia quieto demais. O Ancião havia limitado sua visão, mas ela sentia que havia algo ali.

- Davi, você pode ver alguma coisa?

O rapaz fechou os olhos, memorizando a paisagem ao seu redor. Um grupo de guerreiros, cujo número igualava-se a Ordem, estava em posição de batalha.

Sua proteção era um escudo que os tornava invisíveis. Nod conhecia o escudo de invisibilidade.

- Os homens de Jabim estão aqui – ele falou. – Esperam para atacar, mas não sabem que podemos percebê-los.

Jael escutou e virou-se para Salum, que estava ao seu lado.

- Pode lançar um poder sobre o capacete da armadura invisível, para que a visão do inimigo possa ser revelada?

- Isso não é difícil – ele virou-se para Tirza e os dois discutiram sobre o que deveria ser feito.

- Enquanto se preparam, é bom agir como se não soubéssemos de nada – comentou Hulda. – Podemos contar com o elemento surpresa.

Quando Salum certificou-se de que todos podiam ver o inimigo, avisou Deborah. A rainha olhou para a irmã e indicou o shofar com um gesto de cabeça. Jael tirou o objeto do cinto e o levou a boca. O toque de guerra dos queneus dispensava comentários. Todos sabiam o que tinham que fazer. Tirza ergueu a espada e deu um grito. Imediatamente, a Ordem lançou-se para cima do exército inimigo. Os guerreiros de Jabim, pegos de surpresa, ofereceram uma luta justa com igualdade de forças.

Eva e Davi haviam dado a volta com os cavalos e subido um aclave que ficava por detrás das rochas. Os arqueiros, como ele imaginou, também estavam sob um manto de invisibilidade. Eva puxou o arco.

- Eles estão aí? Não consigo ver nada.

Davi fechou os olhos. Viu os homens abaixados, preparando novas flechas. Havia uma dezena deles.

- Nesse caso, serei seus olhos – falou o rapaz.

Davi indicava a posição e as flechas de Eva não erravam o alvo. Foi assim com metade dos homens, antes deles serem descobertos.

- Abaixar-se! – Davi gritou. – Eles vão atirar.

Eva obedeceu bem a tempo de se livrar de uma flecha que passou quase raspando pelo seu braço.

Davi podia vê-los com os olhos fechados. Ele pegou o arco e abateu dois dos homens. Um dos três que restavam o atingiu na perna com uma flecha. O rapaz gritou e levou a mão até a coxa. Eva percebeu a trajetória da flecha e revidou o golpe acertando o homem.

- Quantos faltam? Ainda pode ver?

Davi fez uma careta de dor enquanto apontava. Eva seguiu sua direção e mais uma vez acertou o alvo. Todos os arqueiros haviam sido abatidos. Ela desceu do cavalo e foi examinar a perna do primo. Ele se encolheu quando ela

tocou a flecha.

- Não é profundo, Davi. Eu posso tirar. Confia em mim?
- Vá em frente – ele falou trincando os dentes. - Eu posso agüentar.

Ela arrancou a flecha e Davi abafou um grito com a cabeça enterrada na crina do cavalo. Eva cobriu o ferimento com a mão e fechou os olhos. A luz verde começou a envolver sua mão e passar dela para a perna do rapaz. Davi respirou com alívio quando sentiu a dor ir embora e o calor reconfortante do toque de Eva. Ela, quando terminou, apoiou-se no cavalo dele com ambas as mãos para não cair.

- Você pode montar? – ele perguntou preocupado.
- Posso. Não gastei muita energia. Fiquei apenas um pouco tonta.

Lá embaixo, a batalha continuava.

Deborah, Jael e os sacerdotes foram até a entrada do Poço. Um homem pequeno e mirrado estava na entrada. Deborah puxou a espada, mas Nathan segurou sua mão.

- É um dos sacerdotes eremitas. Talvez o escudo não tenha sido rompido, afinal.

O homem parou diante deles e fez uma reverência. Ele apontou para um caminho que se abria entre duas montanhas de rocha.

- O escudo está fraco – ele falou ofegante. – Nossos irmãos estão lá, tentando manter nossa proteção firme. No entanto, eles estão fracos também. Precisam de ajuda. Graças ao Pai que vocês vieram!

Nathan foi organizar os sacerdotes para seguirem na direção indicada pelo homem. Áquila foi o único que relutou em deixar Deborah e Jael para trás.

- Áquila, nós vamos precisar de você! – disse Hulda.

Quando os sacerdotes se afastaram, Deborah virou-se para o homem.

- Por que não foi com seus irmãos? Deveria estar lutando ao lado deles, tentando manter o escudo.

O sacerdote balançou a cabeça.

- Senhora, eu não podia me afastar daqui. O poço não pode ficar desprotegido.

- Mas esteve desprotegido quando tentamos nos comunicar com vocês – Deborah a questionou. – Onde você estava?

- Eu me assustei com o que vi no Poço e corri para avisar aos outros. Deve ter sido nesta hora. A cor da água me apavorou.

- O que houve com a água? – Jael perguntou.

Os olhos do homem se iluminaram cheios de esperança.

- Os Tronos devem possuir o poder para restaurar as águas! Venham

comigo e eu lhes mostrarei.

Deborah suspirou indecisa.

- “O que você acha, Jael?” – Deborah falou em pensamento.

- “Atualmente, desconfio de tudo. Talvez seja melhor esperarmos os sacerdotes voltarem”.

- “Tem razão”.

O homem olhava de uma para a outra.

- Talvez seja isso que esteja enfraquecendo o escudo – ele argumentou. – Se a água voltar ao normal, o Poço estará salvo.

Então, a palavra do Ancião voltou em suas memórias. A prioridade estava em defender o poço. Sem pensar duas vezes, elas seguiram o sacerdote.

Davi e Eva desciam por uma trilha cheia de pedregulhos, quando o rapaz parou. Eva parou ao lado dele e seguiu seu olhar. Deborah e Jael corriam para dentro da caverna seguindo um homem alto, de roupa branca esvoaçante e manto cobrindo o rosto.

- Eva, quem é aquele homem que está levando nossas mães para dentro do Poço das Origens?

- Eu não faço idéia. Pela roupa não me parece um sacerdote.

Eles tiveram um mau pressentimento e incitaram os cavalos para baixo. Ao chegar, eles apearam e seguiram para dentro da caverna, mas esbarraram em alguma coisa. Os dois olharam-se sem compreender o que estava acontecendo.

- Por que o escudo não nos deixa passar? – ela perguntou, tentando forçar a passagem.

- Porque talvez esse escudo não seja nosso – ele falou usando o dom da percepção.

Eva o olhou, apavorada.

- Se não é nosso, só pode ser...

- Jabim já tomou o poço – Davi completou o seu pensamento.

Eva fechou os olhos e tentou alcançar a mãe em pensamentos, mas o escudo barrava até mesmo a comunicação entre elas.

- Eu não consigo alcançá-la, Davi! – a moça falou num tom aflito.

Davi a puxou pela mão.

- Venha! Precisamos achar os sacerdotes. Só eles podem nos ajudar.

Dentro da caverna, o sacerdote deixou que Deborah e Jael passassem à frente. A Guardiã acercou-se do poço e olhou para dentro com a testa franzida. A água parecia escura e imóvel, exatamente como deveria ser.

- Não há nada de errado com a água – ela falou.

Deborah se colocou ao lado dela e observou, enquanto levava a mão ao cabo da espada.

- Quem é você? – ela perguntou sem se virar.

- Alguém que você não vai gostar de conhecer, Herdeira – falou uma voz grave, diferente do tom trêmulo falado pelo sacerdote que as guiara.

Elas viraram-se surpresas. Um homem alto, de roupa branca e reluzente que lhe cobria o rosto e deixava apenas os frios olhos amarelados à vista, ergueu uma mão e a terra tremeu fazendo com que rochas caíssem na abertura da caverna, cerrando-os ali dentro.

- Quem é você? – Jael repetiu a pergunta de Deborah.

- Sou Leukós – sua voz era grave e sussurrante, como se viesse das profundezas da terra. – Faz muito tempo que eu anseio um confronto com os maiores poderes de Hedhen.

Deborah puxou as espadas e Jael o arco, mas as armas queimaram em suas mãos e elas tiveram que soltá-las. Leukós ergueu uma mão e elas sumiram no local em que haviam caído.

- Eu não disse que esse confronto seria justo – ele falou diante do espanto das duas mulheres.

- O que você quer? – Deborah perguntou.

- O que eu quero está na minha frente.

Jael olhou em volta, buscando com os olhos uma rota de fuga.

- Não achará o que procura, Guardiã. Só eu sei como sair desse lugar.

- O que lhe dá tanta certeza de que pode nos manter aqui? – Jael perguntou.

- O que lhe dá certeza de que pode sair? – foi a resposta fria.

Elas se entreolharam preocupadas. Estavam ali por causa de uma palavra do Ancião. Essa mesma palavra as havia levado direto para uma armadilha. Por que ele as havia guiado até ali? Algo tinha que ser feito. Deborah estava armada apenas com a luz que havia dentro dela. E foi a essa luz que ela recorreu. Respirando fundo, ela deixou que a luz fluísse através de seu corpo. Era uma luz que, após liberada, a tomava por inteiro. Uma luz que seria capaz de afastar as trevas mais densas. Percebendo o que ela ia fazer, Leukós abriu os braços e outras figuras surgiram atrás delas. Deborah não percebeu, pois estava concentrada demais, mas Jael os viu. Três figuras altas como Leukós e igualmente vestidos, embora as cores das roupas fossem diferentes. Um deles, cuja roupa era cinza, ergueu o braço e tocou no ombro de Deborah. No mesmo instante, a Herdeira caiu em sono profundo, suprimindo o poder que estava prestes a emergir. Jael ia correr para ela, mas também foi tocada pelo homem e acabou caindo inconsciente por cima do corpo da irmã.

- Bom trabalho, Thánatos – disse Leukós. – Chegou a hora de irmos embora com nossos prêmios para o rei.

Ele olhou para as águas paradas do poço e sorriu.

- Já fizemos tudo o que tínhamos que fazer aqui.

Davi e Eva pararam ao ver os sacerdotes vindo ao seu encontro. Eles pareciam ter visto o inferno. Hulda parou em um canto e começou a vomitar. Salum a amparou. Nathan e Áquila, apesar dos rostos apavorados, correram até eles.

- Onde estão suas mães? – perguntou o sacerdote de Nod.

- Nós as vimos seguir um homem para dentro do Poço das Origens – disse Davi. – Quando tentamos entrar, um escudo nos barrou. Não podia ser o nosso escudo.

Eva tinha os olhos lacrimejantes.

- Eu não consigo alcançar a mente de minha mãe, Áquila! O que está acontecendo?

Áquila pôs as duas mãos nos ombros de Eva e olhou em seus olhos.

- Eva, preste atenção. Eu preciso saber como era esse homem? Qualquer coisa que possa se lembrar.

- Era alto e vestia uma roupa branca esvoaçante. Tinha o rosto totalmente coberto. Não parecia com nenhum sacerdote ou mago que eu já tenha visto.

Áquila suspirou e deixou cair os braços. Hulda, que havia se recuperado, acercou-se dele.

- Você sabe quem é esse homem, Áquila?

- Leukós, o Mestre da Ilusão. Esse é um dos Quatro Juízes de Nod. Seu poder vai além do poder de qualquer mago de Hedhen. Foi a presença deles que eu senti e que me inquietou. Era por isso que eu não queria que Deborah e Jael viessem.

Davi deu um passo à frente.

- Por que vocês as deixaram para trás? O que foram procurar?

- Fomos ludibriados com uma ilusão, Davi – lamentou Nathan. – Quem nos recebeu não foi o homem que viram, mas um sacerdote pequeno e fraco. Pelo menos foi o que nos pareceu. Ele nos pediu para que uníssemos forças com os sacerdotes que lutavam para fortalecer o escudo e nos indicou o caminho para encontrá-los. Quando chegamos lá, só encontramos os cadáveres meio comidos pelos pássaros carniceiros. Inclusive o homem que nos recebeu.

Davi ficou chocado, mas tinha que fazer um esforço para pensar.

- Temos que quebrar o escudo!

- Não temos forças para isso – falou Salum. – Principalmente se for um

escudo de Nod.

Eva deu um passo a frente.

- Nós podemos tentar. Eu, Davi, Áquila e Hulda.

A profetiza ergueu os olhos sem compreender.

- Por que acha que eu posso ajudar?

- Somos os únicos com ligações com Nod. Você está na Profecia e é citada como a Portadora da Luz, não é?

Hulda olhou para Áquila e o sacerdote assentiu.

- Podemos tentar.

Eles seguiram em direção a entrada do Poço das Origens.

Tirza deixou os membros da Ordem descansando após a batalha. Não houve baixas e isso a alegrava, mas também a deixava desconfiada. Precisava ver Salum. Quando ela encontrou os sacerdotes, viu que estavam reunidos diante da entrada do Poço das Origens. Davi, Eva, Áquila e Hulda formavam um semicírculo e mantinham as mãos erguidas em direção ao Poço. Ela apeou do cavalo e aproximou-se de Salum.

- Salum, o que está acontecendo?

O sacerdote lhe explicou tudo, e então ela entendeu.

- Então foi isso! A batalha foi apenas uma distração. Como não percebemos isso?

- As forças que geraram isso não fazem parte de Hedhen, por isso não puderam ser sentidas por nós.

- E o que eles estão tentando fazer? – ela perguntou apontando para o semicírculo.

- Quebrar o escudo que foi colocado para evitar a nossa entrada.

Áquila seguia no controle, cantarolando em uma língua ancestral que todos os sacerdotes conheciam, pois remontava aos tempos em que a terra era unida. Hulda, Eva e Davi deixaram-se ser guiados por ele e concentraram seus pensamentos e forças no escudo. Davi podia ver suas ondulações serem tocadas e, quando isso acontecia, tornava-se menos denso. Eva podia senti-lo com a mão e forçava com a mente a sua passagem. Hulda, que também conhecia a língua ancestral, acompanhava o ritmo de Áquila. De repente, Eva sentiu a mão atravessar a parede invisível. Davi abriu os olhos.

- Foi quebrado! – ele disse.

O esforço os havia deixado exaustos, mas mesmo assim, eles correram em direção a entrada. No caminho, Hulda parou ao ver algo no chão. Eva também viu e correu na sua frente. Ela ajoelhou-se no chão rochoso e agarrou o cabo de uma espada que jazia abandonada. Uma das espadas de sua mãe. Apesar da

poeira, ela reconheceu o cabo de prata que terminava com a forma de uma meia lua e a lâmina de dois gumes de prata polida que brilhava como um espelho. Ela olhou em volta e viu a outra espada meio enterrada na areia. Pegou as duas com reverência e um nó na garganta.

- Ela jamais abandonaria suas espadas – Eva murmurou.

Nathan, que subia logo atrás, topou em alguma coisa e olhou para o chão. Seu coração se contraiu.

- Davi... – ele chamou.

O rapaz foi até ele e apanhou o arco queneu que estava apoiado entre algumas rochas. O arco feito de madeira bruta avermelhada não deixava margem a dúvidas. O arco de sua mãe. Ele apertou a madeira com o punho fechado e os olhos cheios de lágrimas.

- O que aconteceu com elas? – ele perguntou. – o que as fez abandonar suas armas? Onde elas estão?

Nathan apoiou a mão em seu ombro.

- É o que pretendemos descobrir, filho. Vamos continuar.

Eles subiram e pararam diante da porta da caverna. Grandes pedras impediam a entrada, como se houvesse tido algum tipo de desmoronamento.

- Levaremos um tempo para abrir uma passagem – suspirou Salum.

Davi deu um passo à frente. Eva afastou-se, olhando para o primo como se não o reconhecesse. Ele fechou os olhos e tocou nas pedras. Podia enxergar o ambiente escuro por detrás delas. Nenhum sinal de vida. Ele sentiu como se caminhasse por dentro da caverna. Os corredores vazios e silenciosos lhe oprimiam. Quando chegou ao poço, viu que as águas continuavam paradas e solitárias. Continuou avançando até chegar à horta plantada por Nathan. Não viu ninguém. Sentia-se cansado, mas não queria interromper a busca. Alguém o puxava, mas ele se agarrava cada vez mais à sua visão.

- “Davi, volte” – era a voz de Eva invadindo sua mente. – “Precisamos de você. Eu preciso de você”

- Eu tenho que continuar procurando, Eva!

- “Elas não estão aí, Davi. Estou em sua mente e posso ver com seus olhos. Precisamos encontrar um meio de ajudá-las, mas não conseguiremos se ficarmos aqui”.

- Talvez seja uma ilusão! Leukós pode estar tentando esconder a verdade de nós, nos fazendo acreditar que não há ninguém aqui.

- “Então, nós tentaremos abrir uma passagem. Mas você precisa voltar!”.

Ele sentiu a urgência na voz dela e começou a regular a respiração, refazendo o caminho de volta. Quando abriu os olhos, seu corpo desabou

amparado por Áquila que já esperava por isso. O sacerdote o deitou no chão arenoso, limpo de rochas e Eva ajoelhou-se ao seu lado. Davi abraçou a cintura dela e deitou a cabeça em seu colo. Ela inclinou-se e beijou a cabeça dele. Ambos choravam.

Capítulo 35

As Árvores Amadurecem

Eles voltaram para a Cidade Dourada somente após terem conseguido derrubar a barreira de pedras que fechava a entrada da caverna, e constatar que o local estava vazio. Davi recolheu-se em um silêncio obstinado e Eva percebeu que teria que manter o controle pelos dois. Era noite quando atravessaram o portão do palácio. Miriam os recebeu na porta. Seu dom profético a havia alertado de que algo muito ruim tinha acontecido. Davi recusou-se a descer do cavalo. Eva aproximou-se dele.

- Davi, não é assim que vamos conseguir ajudá-las – a moça falou.

- Eu sei, Eva. Mas eu falhei com minha mãe e com meu pai. Sinto-me responsável por ter permitido que isso acontecesse.

- Você está colocando sobre si um fardo que não é seu! Como a culpa poderia ser sua?

- Eu prometi a mim mesmo que na ausência de meu pai, eu cuidaria e protegeria minha mãe. Mas eu falhei e tenho que conviver com uma culpa criada por mim!

Eva estava perdendo a paciência.

- Não fale como se elas não estivessem mais conosco! Elas nos encontraram quando os piratas nos pegaram, não foi? Da mesma forma, nós vamos achá-las.

A moça afastou-se do cavalo que batia as patas impaciente.

- Pois então, vá! – ela disse. – Corra no campo a noite toda e volte quando o dia clarear. Acredito que até lá sua sanidade terá voltado. Chegou a hora de nós agirmos, primo. Elas dependem de nós e eu não posso fazer isso sozinha.

Antes que Davi respondesse, ela bateu com a mão no lombo do cavalo e gritou fazendo o animal sair em disparada. Depois disso, ela passou pelo meio dos outros e se dirigiu para dentro, em direção à torre.

Hulda abriu a porta da torre e encontrou Eva sentada junto à janela com os braços em volta das pernas. Ela olhava para o céu e fitava a lua brilhante. A profetiza aproximou-se cautelosamente.

- Eu pensei em procurar você na cripta. É lá que sua mãe costuma se recolher para meditar. Então, eu me lembrei de que o seu lugar favorito ficava em um nível bem mais alto.

Eva sorriu, embora seus olhos estivessem marejados de lágrimas.

- Obrigada, Hulda.

- Pelo quê, filha?

- Por falar dela em um tempo presente e não no passado.

Hulda sentou-se ao lado dela com um gemido.

- Deborah e Jael são duas muralhas difíceis de derrubar. Já vi aquelas duas sobreviverem a perigos maiores. Enquanto o cetro brilhar e a chama de Shilloh se manter acesa, não há o que recear. E, para sua informação, acabei de constatar que o cetro brilha como nunca!

Eva olhou para ela aliviada. Hulda analisou a moça que tinha na sua frente e viu uma mulher.

- Você é muito jovem para receber uma responsabilidade tão grande.

- Do que está falando?

- Eva, na ausência de seus pais, você é a Senhora da Cidade Dourada. Deverá agir como tal e saber tomar decisões.

Eva sentiu um medo repentino.

- Não me sinto pronta para tomar decisões – ela pensava nas palavras do Ancião. – Não há ninguém que possa ficar responsável por isso?

Hulda sorriu e pôs a mão sobre o ombro da moça.

- Você tem um bom grupo de conselheiros ao seu lado – ela falou de modo tranquilizador. – Juntos, nós vamos encontrar um meio de descobrir onde elas estão.

Eva abraçou a profetiza que tornara o seu coração mais leve.

- Minha mãe chama você de “mãe”. De agora em diante, eu a chamarei de avó, se não se importar.

Hulda a apertou nos braços sentindo-se tomada pela emoção.

- Eu gostaria muito, menina. De verdade.

Quando Davi voltou ao palácio, não sabia quem estava mais cansado, ele ou o cavalo. Apeando, ele guardou Nuvem em uma baia vazia na estrebaria e começou a subir a escadaria com os passos arrastados. As palavras de Eva o fizeram pensar. Ele havia sido escolhido para cumprir uma Profecia, havia lutado com gigantes e vencido. O abatimento e o medo não podiam dominá-lo. Onde estava a força de Héber e Jael, que corria em seu sangue? Sendo corajoso e confiante, como ele sempre foi, conseguiria trazer a mãe de volta. Naquele momento, entretanto, ele só queria dormir. Esvaziar a mente de todo e qualquer

sofrimento e acordar pronto para ajudar Eva. Ele abriu a porta do quarto e caiu de bruços na cama, adormecendo na mesma hora.

Foi assim que Eva o encontrou ao voltar da torre. Ele havia deixado a porta entreaberta e ela foi verificar. Com um sorriso terno, ela retirou as botas dele e o cobriu com um cobertor. Ele se mexeu, mas não acordou. Ela acariciou o rosto de Davi e depositou um beijo na face do primo. Suspirou ao pensar no quanto o amava. Não era um amor adolescente, mas um amor que perduraria para toda a eternidade. Ela se ergueu e deixou o quarto silenciosamente.

Em linha reta com o Poço das Origens, bem mais para o sul, adentrando as montanhas do Deserto de Negger, ficava uma depressão natural do terreno que só poderia ser discernida por alguém que conhecesse a região. Amal a conhecia e o rei feiticeiro a encontrou. Como já foi dito, era uma depressão natural, uma Fossa. Este foi um dos locais escolhidos por Jabim para escavar o solo em busca do rio de fogo. Enquanto os Tronos e seus aliados tentavam impedir o seu trabalho no leste, achando que o sul estava seguro e esquecido, ele montara ali uma verdadeira fortaleza subterrânea. Edonia e Amal trabalharam em conjunto durante muito tempo sem despertar suspeitas. A distância entre a Fossa e o Poço das Origens era assustadoramente próxima. Um dia de caminhada até as montanhas e o conhecimento de uma trilha escavada na rocha, tornava o acesso fácil. Assim como fizeram no Poço das Origens, os Quatro Juízes envolveram a Fossa, como Jabim a chamava, em um escudo que a tornava impenetrável. Foi para lá que eles levaram Deborah e Jael.

A fortaleza era adaptada da rocha bruta, o que fazia seus aposentos parecerem cavernas decoradas. Em uma dessas cavernas, a mais isolada e de difícil acesso, Deborah e Jael jaziam em um sono profundo, alheias a tudo em volta. Cada uma delas estava deitada sobre uma mesa de pedra, uma ao lado da outra. Nada as prendia ali, além do sono. Do corpo de Deborah saía uma emanção de luz, resultado da quase explosão de seu poder na hora em que Thánatos a tocou. Os Quatro as observavam com interesse.

- Quando devo acordá-las? – a voz de Thánatos soava como um chiado.

- O rei está a caminho – foi a resposta vaga de Leukós. – Estamos aqui a serviço dele, portanto devemos esperar.

- A serviço de um tolo! – bufou Pyrrós, com a voz gutural. – Que autoridade ele acha que tem sobre nós?

Leukós olhou para o juiz mais exaltado e descontrolado.

- Você sabe que cumprimos ordens de Abadom. É a ele que devemos nossa lealdade. Porém, o tolo a quem você se refere, pode ter encontrado uma maneira de fazer o domínio das duas terras ser bem mais rápido. Isso convém

ao nosso senhor.

Uma figura vestida de negro deu um passo a frente. Os ombros encurvados lembravam um homem doente.

- Devemos deixar as coisas seguirem o seu curso natural – a voz de Mélas era delicada e melancólica. – Estaremos cumprindo a vontade de Abadom, através do rei feiticeiro.

Pyrrós acercou-se das duas Luminas e pousou a mão maliciosamente sobre o ventre de Deborah.

- E quanto a elas? Parecem tão frágeis. O que acontecerá depois?

- Afaste-se dela – a voz de Leukós era fria e autoritária.

Pyrrós o olhou nos olhos teimosamente e, após uma pequena hesitação, deu dois passos para trás. O manto vermelho esvoaçante brilhava na luz das tochas. Leukós apontou para o brilho que envolvia o corpo da mulher.

- Não subestime o poder da luz, ou eu direi que o tolo aqui é você. Nós quatro juntos temos o poder de controlá-las, mas não podemos baixar nossa guarda. Elas são Luminas e o poder delas nessa terra supera em muito o nosso.

Pyrrós cruzou os braços e ficou de costas.

- Quanto ao que está reservado para elas – Leukós continuou – deixemos para Jabim resolver. Talvez ele as entregue a nós como prêmio, depois que tudo se concretizar.

Os homens foram saindo, um de cada vez, ficando apenas Thánatos. Ele era o Mestre do Sono. Aqueles que eram tocados por ele, podiam jamais acordar. Mas elas acordariam, embora não fosse essa a sua vontade. Até lá, sua presença tinha que ser constante, pois havia resistência no íntimo das duas mulheres. Elas, apesar do sono profundo no qual estavam, ainda lutavam para se libertar. Aquilo era raro e desafiador para ele.

Quando Davi acordou, percebeu que alguém havia lhe tirado as botas e colocado um cobertor sobre o seu corpo. Por um momento, pensou na mãe. Seria possível que ela tivesse voltado durante a noite? Apressado, ele saiu da cama e vestiu uma roupa limpa. Ao chegar no corredor encontrou Eva. A moça tinha o aspecto de quem passara a noite em claro, mas mesmo assim conseguiu abrir um sorriso acolhedor para ele.

- Como você se sente hoje? – ela perguntou.

- Meus pensamentos estão mais claros depois de ter conseguido dormir. Por um momento eu achei que minha mãe tinha voltado, pois alguém cuidou de mim essa noite.

Eva baixou os olhos, levemente ruborizada. Ele tomou a mão dela entre as

suas.

- Então, eu estava certo? Alguém cuidou realmente de mim?

- Fiquei preocupada com você – ela tentou se explicar. – Sua cabeça estava confusa e você parecia desorientado. Quando eu o vi entrar no quarto, não pude deixar de ver como estava.

Ele a puxou para si e a abraçou.

- Eu senti o seu cuidado por mim, Eva. Desculpe por estar fazendo você ser forte por nós dois. Prometo que não sairei do seu lado. Vamos enfrentar isso juntos, e encontrar uma solução.

- Então, devemos começar isso agora. O Conselho está reunido na Sala do Cetro e espera por nós.

- Quem convocou a reunião? – ele perguntou com a testa franzida.

- Eu convoquei.

Eles seguiram de mãos dadas.

Quando eles entraram, todos na sala se levantaram. Eva olhou para Hulda e a profetiza lhe sorriu, indicando com a mão o assento de sua mãe. Ela não queria aquele papel, mas sabia que o trono da Cidade Dourada não poderia ficar vazio. Quando ela sentou os outros a imitaram. Davi assistia a tudo com um pouco de assombro. Eva lhe indicou o assento de Jael.

- Fique ao meu lado, Davi. Assim como eu sei que sua mãe estaria ao lado da minha nessa reunião.

Ele sorriu e sentou-se. Subitamente deu-se conta de que cabia a eles resolver os problemas que pareciam sem solução. Havia olhares de expectativa a sua volta. A pergunta em cada mente era “será que eles estão prontos para isso?”. Ele não sabia se estava pronto, mas ficaria ao lado de Eva e juntos eles iam encontrar uma saída.

Na sala estavam os sacerdotes Nathan, Salum e Áquila, as profetizas Hulda e Miriam, além de Tirza e Hadassa, esta última a pedido de Eva. Ela procurou Áquila com o olhar.

- Os poderes de Hedhen foram abalados – a voz da princesa era calma e passava certa tranquilidade. – Até hoje não pensávamos que algo podia existir no mundo que pudesse ameaçar os Tronos. Hoje estamos vivendo a realidade. Duas Luminas estão faltando e não sabemos o que aconteceu com elas. Precisamos, antes de tudo, compreender o tipo de poder que vamos enfrentar. Áquila, por favor, diga-nos com palavras claras e sem esconder nada, quem são esses magos que você chama de Juízes?

O sacerdote assentiu com um profundo suspiro e apoiou o queixo sobre as mãos cruzadas.

- Eles são magos poderosos em Nod. Servem diretamente a Abadom. Em Nod, como já contei para alguns aqui, o conhecimento oculto foi mais difundido e utilizado do que o conhecimento profético. Aqueles que são considerados guardiões da Profecia são perseguidos e obrigados a procurar locais remotos e escondidos para perpetuar esse conhecimento. Não temos lá nenhuma Cidade do Saber, nem algo semelhante às Cavernas do Sal. Mas existe algo equivalente que, infelizmente, tem no conhecimento oculto o seu tema de estudo. Enquanto aqui em Hedhen temos as Cavernas do Sal e a Ilha dos Profetas, em Nod existe a Ordem Negra dos Magos de Abadom e as Sacerdotisas de Parthenos. Essas últimas, as quais eu prefiro me referir como feiticeiras vivem numa ilha-prisão e tentam converter seus prisioneiros em servos dos poderes ocultos. O que elas fazem para isso, eu desconheço.

Ele fez uma pausa antes de continuar.

- Esses magos são os maiores mestres dessa magia oculta, em Nod. Espanta-me o fato de terem se sujeitado ao comando de Jabim. Só posso pensar no fato de que talvez o rei-feiticeiro tenha descoberto algo de valor para Abadom. Algo que merecesse a presença de tais poderes aqui.

- Bastou um deles para enganar não apenas à nós, mas também Deborah e Jael – comentou Nathan. – Qual é o nível de seu poder?

- Aquele que nos enganou se chama Leukós. É conhecido como o Mestre da Ilusão. Ele pode criar imagens que não existem apenas para enganar. Não apenas imagens, mas o seu poder vai além da visão, chegando a percepção. Ele também pode nos fazer sentir o que não queremos. O seu poder é assustador, mas não é o único. Pyrrós, o seu braço direito, é o Senhor da Ira. Ele consegue criar à discórdia e fazer crescer o ódio, trazendo à tona as situações angustiantes escondidas em nossa mente. Thánatos é o Guardião do Sono. O seu toque adormece a mente e pode até apagá-la de vez, fazendo a pessoa sob o seu controle dormir o sono da morte – ele olhou para os adolescentes. – Não acredito que ele vá usar isso contra suas mães. Elas valem mais vivas do que mortas para eles. Por fim, há Mélas, o Sugador da Força. Ele retira toda a energia vital de uma pessoa apenas com sua presença.

- Como as correntes – disse Hulda.

Águila a olhou sem entender.

- Antes da ascensão dos Tronos, Babilos e Hazorah faziam experiências com o ferro negro – explicou Hulda. - Eles conseguiram criar correntes daquele material que conseguiam sugar a energia do corpo dos Luminares. Jael e Deborah se tornavam indefesas em sua presença, mas isso foi antes que elas tivessem recebido a luz dentro delas.

Águila sorriu tristemente.

- Mélas traz com ele o poder de Nod – ele explicou. – Como eu já falei, o que vem de Nod pode atingir as Luminas, pelo fato de que elas não possuem força naquela terra.

- Mas elas não estão em Nod, e sim em Hedhen! – contestou Davi. – O poder delas ainda está latente aqui.

- Davi, isso só faz com que os poderes tenham o mesmo peso – falou Águila. – Elas podem enfrentá-los em pé de igualdade, mas podem ser facilmente submetidas pelos quatro juntos. Seria um confronto desigual.

- Não seria se nós conseguíssemos unir nossas forças com elas – disse o rapaz. – Nossa força está ligada à Nod. Sei que podemos fazer isso.

- Poderíamos se soubéssemos o paradeiro delas – disse Eva. – Hadassa, você conseguiria rastrear no deserto?

- Sim – a resposta de Hadassa foi clara e precisa.

- Estaria disposta a isso, se eu lhe desse um grupo de apoio?

A rastreadora olhou para Tirza como se confirmasse uma decisão já tomada.

- Permita que Tirza me acompanhe. Ela possui o dom e a visão sacerdotal, como todas da Ordem. Além dela, prefiro levar cinco arqueiros queneus. Eles são bons batedores e sabem andar em lugares desertos.

Eva sorriu para a amiga.

- Tirza, o que me diz? A Ordem ficará em boas mãos, se você se ausentar? Sei que Maalá, Milca e Hogla estão na fronteira com meu pai.

- A Ordem cresceu muito, alteza. Há muitos nomes que posso indicar para liderar o exército na minha ausência.

- Então, Hadassa, você terá o seu grupo.

Hadassa e Tirza se ergueram e fizeram uma reverência.

- Podemos ir agora? O tempo é nosso inimigo, alteza – disse a rastreadora.

- Podem ir.

- Pode levar os arqueiros queneus que escolher – disse Davi. – Podem falar que as ordens foram minhas.

Ele estendeu um lenço azul para Hadassa.

- É meu selo de autoridade. Eles saberão obedecer a isso.

As duas se inclinaram e saíram da sala. Eva e Davi, em comum acordo, se voltaram para Nathan. O pequeno sacerdote franziu as sobrancelhas diante do olhar agudo dos dois jovens.

- Nathan, o que mais tinha naquele poço? – a pergunta da moça foi direta.

- Do que está falando?

- Eu consegui ver o interior da caverna – disse Davi. – Olhei para as águas do poço e elas estavam escuras e paradas. É assim que as águas de um poço ficam quando não são tocadas. Elas possuem uma aparência sólida, assemelhando-se a um espelho. Sei disso porque vi minha mãe usar o poço de Hazorah várias vezes. Depois de usado, as águas demoram um pouco para ficar quietas e com essa aparência sólida.

- Eles não usaram o poço, Nathan – insistiu Eva. – A minha pergunta é se isso tudo foi para atrair nossas mães para uma armadilha, ou havia algo mais de valor que pudesse interessar ao rei-feiticeiro?

Nathan levantou-se aturdido com a enxurrada de perguntas.

- Dou-lhes a minha palavra de sacerdote de que não sei nada sobre isso. Dediquei muito tempo de minha vida naquele lugar solitário, mas nunca me pareceu nada além do que é. Eu acredito que Jabim tenha interesse em estudar as águas originais, pois ele foi um grande estudioso do poço das visões.

Ele olhou desolado em volta.

- Lamento, mas realmente não tenho a resposta. Se eu a tivesse já teria compartilhado com vocês há muito tempo.

Todos ficaram em silêncio, até este ser quebrado por uma voz que surgiu de um dos cantos da sala.

- Ele não pode saber – disse a voz. – O que havia naquele poço era bem mais antigo do que ele, e foi preservado em segredo desde os dias antigos.

A figura do Ancião saiu das sombras e parou no meio da sala. Eva e Davi, automaticamente se ajoelharam diante dele. Os outros se limitaram a olhar com espanto e temor.

- Senhor, obrigado por vir – disse Davi. – Estamos perdidos. Por que isso aconteceu com nossas mães? O que podemos fazer?

O Ancião sorriu e pôs a mão na cabeça do rapaz.

- Acalme-se, filho, e levantem-se os dois!

Quando Davi e Eva voltaram a sentar, o Ancião olhou em volta.

- O que está acontecendo faz parte de um plano maior e não deixa de ter um propósito – ele olhou para os adolescentes. – Lembrem de nossa última conversa? O momento da decisão virá e uma escolha deverá ser feita por vocês. Estejam atentos a isso. Mas também é necessário que vocês descubram o poder que possuem juntos, antes que esse momento chegue.

Nathan, que havia voltado a sentar, estava trêmulo.

- Senhor, qual era o segredo que estava escondido naquele poço? Passei praticamente metade da minha vida lá e nunca soube de nada a respeito.

- Não havia necessidade de saber, meu bom sacerdote. Estava quieto,

seguro e bem guardado no melhor esconderijo que existe. A ignorância e o esquecimento.

- E do que se trata, Senhor? – a pergunta partiu de Hulda.

- Do registro de como foi invocada a Profecia pelos primeiros Luminares. Estava bem escondido, enterrado dentro das paredes de pedra daquele poço. O valor do Poço das Origens encobria qualquer outra coisa que pudesse haver ali, no mesmo lugar.

Todos na sala estavam lívidos. O Ancião, observando cada rosto, continuou o relato.

- O rei-feiticeiro soube de sua existência através dos Quatro. Nod possui um conhecimento muito grande sobre a Profecia e tudo o que lhe diz respeito, mas esse conhecimento é velado para o povo. Este o ignora completamente.

Nathan olhou para Áquila.

- Você sabia da existência desse registro?

- Sim, eu sabia, mas não fazia idéia de onde estivesse. Aliás, nem me passou pela cabeça que estaria sendo procurado.

Eva levantou-se.

- Senhor, perdoe minha ignorância, mas qual é o valor desse registro? Em que pode nos afetar?

O Ancião sorriu compreensivo.

- É sábia em admitir a própria ignorância, Pequena Oliveira. Esse registro é como um manual de instruções que conta passo a passo o que foi feito no momento em que a Profecia foi invocada. A pretensão do rei Jabim é muito clara. Ele pretende invocar uma nova Profecia. Fazendo isso, ele poderá alterar toda a ordem estabelecida e dar a si mesmo um poder ilimitado. Ele conseguiu o registro e deve ser detido o quanto antes.

Áquila se pôs de pé num salto.

- E qual o interesse dos Quatro nisso?

- A Profecia invocada afetará também a terra de Nod. Abadom quer o poder sobre as duas terras tanto quanto Jabim.

- Como ele fará isso? – murmurou Hulda com a mão na boca.

O Ancião ignorou a pergunta e virou-se para os jovens.

- Descubram o poder e poupe-o para ser usado no momento certo. Tudo o que eu podia dizer, eu disse. Agora, eu devo ir.

Davi levantou-se.

- Antes que se vá, Senhor, pode ao menos dizer onde nossas mães estão?

Ele apontou para o Cetro que descansava sobre um pedestal e brilhava como nunca.

- A luz delas ainda brilha com muita força. Tudo o que vou lhes dizer é que o rei Jabim precisa delas para o que intenta fazer – ele olhou em volta. – Entendam uma coisa. Deborah e Jael também cumprem um destino. Elas fizeram uma escolha e optaram por um caminho. Não posso interferir no que concerne a elas.

Ele caminhou para a sombra e sumiu na penumbra como se nunca tivesse estado ali.

De repente, Eva e Davi sentiram algo estranho. Um chamado. O rapaz fechou os olhos e segurou-se nos braços da cadeira.

- As águas na torre estão se mexendo – ele disse. – Alguém está chamando.

Eva não esperou para perguntar nada. Ela saiu correndo porta afora, em direção a torre que ficava apenas um lance de escada a cima. Davi abriu os olhos e a seguiu com a mesma urgência.

Na torre, a água do poço estava agitada. Eva respirou fundo e adiantou-se, estendendo a mão e a tocando. Ela irrompeu em lágrimas de alívio ao ver o rosto querido do pai. Barak sorriu ao ver a filha, mas sentia-se confuso com sua reação.

- “Eva, o que aconteceu?” – ele olhou em volta. – “Onde está sua mãe?”.

- Pai, eu preciso de você!

O rei franziu a testa e encarou os olhos azuis da filha. Eva, tentando controlar a voz trêmula, contou-lhe tudo, ao mesmo tempo em que lamentava estar vendo a angústia nos olhos do pai.

- “Filha, preste atenção... Chame Hulda ou Nathan. Eu preciso falar com eles. Tudo vai acabar bem, eu prometo”.

Eva não precisou sair, pois Davi entrou acompanhado pelos sacerdotes. Hulda aproximou-se do poço para que Barak pudesse vê-la.

- Barak! Graças ao Pai você conseguiu se comunicar conosco.

- “Héber, Sangar e Noa chegaram em Aroer com reforços e um pouco de água do poço das visões. Um pouco dessa água também foi levada para as Cavernas do Sal. Outros navios estão a caminho. Mas pelo que vejo, estamos perdendo tempo aqui. A situação na fronteira já está estabilizada, e um grande grupo de magos foi visto pelos navios, marchando em direção ao sul”.

- É no sul que o cenário está sendo montado, Barak – ela falou. – Prepare o maior exército que puder para esta batalha, pois o que está em jogo vai além dos nossos piores temores.

- “Hulda, onde está minha esposa? E onde está Jael?”

Hulda baixou a vista.

- Ninguém sabe. No entanto, o Ancião nos garantiu que elas estavam vivas.

Já enviamos uma equipe para tentar rastrear seus sinais.

Barak cobriu o rosto com as mãos.

- “Eu vou voltar!”.

- Sim, Barak, você vai voltar, mas não desse jeito.

O rei ergueu uma sobrancelha ao ouvir o tom autoritário da profetiza.

- “Minha filha precisa de mim, Hulda!” – ele falou com os dentes cerrados.

- Sua filha está administrando isso tudo muito bem. Você teria muito orgulho dela.

- “Muito bem, e o que eu devo fazer? Continuar aqui, esperando outro ataque relâmpago na fronteira, enquanto minha esposa está correndo perigo?”.

Hulda respirou fundo.

- Barak, você é o Rei, mas eu tenho o dever de cuidar de vocês. O campo de batalha está se formando em algum lugar do Deserto de Negger. Você deve reunir o exército, incluindo os sacerdotes que irão marchar na vanguarda. Quando tiver feito isso, marche para o deserto e esqueça a fronteira.

- “Conte-me direito essa história de invocação de uma nova Profecia. Confesso que não entendi o que Eva tentou me contar”.

- É compreensível. Não é algo fácil para nenhum de nós entender.

Hulda foi clara e precisa em sua narrativa. Quando terminou de falar, respeitou o silêncio de Barak.

- “A loucura tomou conta do rei-feiticeiro” – ele murmurou. – “Isso não pode acontecer”.

- Faça o que eu disse, Barak – a voz de Hulda adquirira um tom suave. – Convoque o maior exército que puder e ponha-se em marcha, pois nós aqui faremos o mesmo.

- “Acho que sei onde será o cenário da batalha, Hulda” – ele falou olhando em seus olhos, através da água.

- Sabe?

- “No Vale de Paran”.

Hulda sentiu um súbito frio na barriga.

- O Vale da Profecia – ela sussurrou. – O Monte da Lei fica no seu limite meridional.

- “Acredite em mim. É para lá que os magos estão indo, atendendo ao chamado de Jabim”.

- Barak, você acha que ele tentaria invocar a profecia no Monte da Lei?

- “Ao que me consta, ele poderia fazer isso em qualquer um dos lugares antigos de Hedhen. Mas foi naquele monte que a Profecia foi criada. Não me ocorre outro lugar”.

- Então, devemos começar a agir, meu rei.
 - “Confio minha filha a você, Hulda”.
- As águas voltaram a ficar imóveis.

Capítulo 36

A Fortaleza de Fogo

Thánatos fora deixado a vigiar as duas Luminares que continuavam a dormir profundamente. Os outros haviam saído para ver como estavam os preparativos de segurança da fortaleza. Leukós queria erguer uma barreira forte o suficiente para evitar contratempos. Estava cansado daquela terra. Queria que tudo terminasse logo para que voltasse a assumir o seu lugar de autoridade em Nod. E para isso acontecer, o plano do rei-feiticeiro tinha que ser bem sucedido. Abadom não iria gostar que eles voltassem de mãos vazias. Confiando no poder de Thánatos, eles foram cuidar das questões práticas. Enquanto elas estivessem sob o domínio do sono, podiam ser subjugadas. O mago cinzento tinha suficiente poder para isso.

Após algum tempo, depois que os três Juizes saíram da sala, o Guardião do Sono ainda não havia percebido que a luz a envolver fracamente o corpo de Deborah foi ficando gradualmente mais forte. Em decorrência disso, ele sentiu agitação em meio ao sono que provocava. “Impossível!”, ele pensou. A mulher forçava a mente contra o seu poder. Ele deu um passo à frente. Foi um passo vacilante, pois a luz agora era bem visível. Ele pensou em chegar à porta e pedir para chamar os outros, mas não teve tempo para isso. Deborah abriu os olhos e a luz explodiu de dentro dela. Uma luz branca e ofuscante. Thánatos gritou e se encolheu no canto da parede. A luz o cegava e queimava o seu corpo frio. O mago se contorcia em agonia. Não havia como fugir daquela luz que invadia tudo. Ele só tinha uma alternativa. Aplicar a si mesmo o seu poder do sono. Com a mão trêmula, ele tocou na própria cabeça e perdeu os sentidos. No mesmo momento, Jael, livre de seu domínio, acordou. A princípio, ela ficou atordoada com a luz. Mas Jael tinha um raciocínio rápido. Ela sabia que aquela luz vinha de Deborah. A irmã estava liberando o seu poder de Luminar. O poder que estava para fluir quando ela caiu inconsciente. Quando a luz de Deborah foi diminuindo, ela sentou-se na cama de pedra e pode olhar em volta. No canto da parede, um homem, todo coberto por um manto cinza jazia em sono profundo. Jael levantou-se e foi até ele. Chutou-o levemente, após observar o corpo inerte, e viu que não provocou reação alguma. Ela olhou em volta e constatou que não havia mais ninguém ali. Correu até a irmã, cuja luz ainda resplandecia na ponta de seus dedos e na íris dos olhos. Jael a sacudiu.

- Deborah, acorde! Precisamos sair daqui.

Deborah gemeu ainda enfraquecida pela descarga de energia. Levaria alguns minutos para se recuperar. Jael a forçou a sentar e passou o braço pela sua cintura. Deborah apoiou-se nela e conseguiu ficar de pé. Os olhos haviam voltado ao normal e ela perscrutou o ambiente em volta.

- Onde estamos?

- Eu sei tanto quanto você – respondeu Jael. – Por alguma razão, nos deixaram aqui sozinhas, com aquele sujeito estranho ali no canto.

Deborah viu o mago caído e se lembrou do encontro que tiveram no Poço das Origens.

- Eles devem confiar bastante em seus próprios poderes – ela falou enquanto apoiava-se na cama e firmava as pernas.

- Sente-se bem agora?

- Sim. Vamos procurar uma saída, Jael. Não podemos ficar aqui esperando que voltem.

Jael procurou pelo corpo do mago, mas não havia nenhum tipo de arma. Enquanto ela estava abaixada, Deborah viu algo em sua cintura.

- Você ainda tem o shofar de Héber! Eles não o tiraram de você.

Jael levantou-se com um sorriso.

- Acho que nem perceberam que estava comigo.

- Procure mantê-lo escondido, caso não possamos sair daqui.

Jael pôs a mão no braço da irmã.

- Vamos achar uma saída.

Elas estavam no que parecia ser um emaranhado de cavernas. Seguiram através de um corredor que não levava a lugar nenhum. Voltaram e tentaram o outro lado. Uma bifurcação deixava duas escolhas. Deborah empurrou Jael contra a parede da direita, pois ouviu o som de passos e vozes que vinham pela esquerda. As duas pressionaram os corpos contra a rocha e se esconderam nas sombras, longe do alcance das tochas que pendiam das paredes. Elas puderam ver o pano branco esvoaçante de Leukós ao passar no corredor. Inclinando a cabeça para fora, Deborah observou a passagem. Estava vazia. Ela puxou Jael para o caminho da esquerda.

- Eles vieram por aqui. Acho que não temos outra opção, Jael.

- Então, vamos. Eles vão chegar logo na sala em que nos deixaram, e ficarão loucos ao descobrir as duas camas vazias.

Elas se aventuraram pelo corredor da esquerda. Era um corredor comprido e largo o suficiente para que elas pudessem correr lado a lado. O eco de vozes alteradas chegou até elas. Estavam sendo perseguidas! Jael viu um buraco de

mais ou menos um metro de diâmetro na base da parede e puxou o braço de Deborah. A irmã olhou para a abertura com desconfiança.

- Isso deve levar a algum lugar – disse Jael. – Se continuarmos em linha reta, eles vão nos alcançar.

Deborah assentiu e seguiu Jael que já se metia pela abertura. As duas escorregaram sem encontrar apoio para as mãos, mas evitaram gritar durante a queda. O final da rampa natural as jogou dentro de um lago subterrâneo. Subindo para a superfície, elas nadaram até a margem. A água era morna e agradável, sinal de que estavam em algum lugar do deserto. Já em solo firme, elas olharam em volta.

- Eu não vejo nenhuma saída – falou Deborah.

Areia caiu sobre suas cabeças. Alguém estava examinando a abertura lá em cima. Ficaram em silêncio. Quando a areia parou de cair, Deborah abaixou-se e viu que a água não era totalmente parada. Rasgando um pedaço da túnica, ela soltou o tecido leve na água e o viu ser arrastado até ser sugado para o outro lado da parede.

- Deve haver uma passagem por baixo da água – ela sussurrou.

Jael olhou para cima preocupada. A areia continuava a cair novamente. Deborah pulou mais uma vez na água, e mergulhou, voltando após alguns segundos.

- Existe uma abertura estreita na base da parede. Venha!

Jael a seguiu no mergulho. A água era escura e não dava muita visibilidade. Jael teve que seguir a direção dos movimentos que faziam as pernas de Deborah para se orientar. Ao tocar a parede, ela apalpou até encontrar a abertura. Jael emergiu do outro lado quase sem fôlego. Deborah a ajudou a chegar até a margem.

- Tudo bem?

Jael fez que sim, tentando conter um acesso de tosse. Elas subiram para a margem e olharam em volta. Estavam em uma caverna muito grande. Uma das maiores que já viram. O local estava cercado por tochas presas em suportes. Elas podiam ver algum tipo de fosso no centro. Jael achou que o lugar lhe lembrava algo. Ela caminhou devagar até o centro e parou no que parecia um abismo. Lá embaixo, o reflexo alaranjado do rio de fogo podia ser visto fluindo livremente, tão real como o seu calor, que podia ser sentido. Do meio do vazio, subia uma plataforma circular.

- Esse lugar é uma réplica do salão oculto no Monte da Lei, onde peguei a Profecia Selada – disse Jael.

Deborah parou ao seu lado e respirou fundo. Estava cansada.

- Acho que pulamos da panela para o fogo – ela comentou. – Literalmente.
- O que quer dizer?
- Acredito que nós tenhamos encontrado uma entrada alternativa para um local exclusivo. Olhe em volta. Consegue ver alguma porta?

Jael girou lentamente o corpo, observando cada lado daquela imensa caverna.

- Não há portas – ela concluiu.
- Na verdade, elas existem. O problema é que não podemos vê-las enquanto não forem acionadas.

Jael olhou para a irmã. Tentando acompanhar o seu pensamento.

- Portas secretas?
- Jael, você disse que esse lugar é uma réplica do local em que se encontrava a Profecia Selada. Que motivos alguém teria para construir uma réplica daquele lugar? E o que a faz pensar que não é o mesmo lugar?
- Não tenho resposta para a primeira pergunta, mas quanto à segunda posso responder com muita certeza. Aqui não existe atmosfera divina. Não sinto nada capaz de tornar brancos os cabelos de uma pessoa jovem. A presença da Divindade está longe desse lugar. É apenas uma imitação.

Deborah sorriu. A resposta de Jael era a que esperava ouvir. Aquilo provava que seus sentidos de Luminares continuavam ativos, ainda que não soubessem em que lugar estavam.

- Foi o que imaginei que diria, minha irmã.
 - Deborah, o que eles poderiam querer com uma réplica daquele lugar?
- Deborah pensou nas histórias contadas por Nathan, Otoniel, Salum e por cada sacerdote que já conhecera. Histórias que envolviam os lugares antigos.
- Não sei exatamente o que eles podem querer, Jael. Muitas coisas aconteceram nos dias antigos. Assusta-me pensar nas possibilidades.

O barulho arrastado do atrito de rocha contra rocha as fez ficar em alerta. Se existia uma porta secreta, esta estava se abrindo naquele momento. Jael olhou em volta e não viu nenhum local para se esconder, além do lago. Ela puxou o braço de Deborah e ambas entraram de volta na água sem fazer barulho. Com cuidado, elas foram buscar o abrigo de um amontoado de pedras que ficava no lado direito do lago e que serviria de barreira entre elas e quem fosse entrar na sala. Elas procuraram ficar o mais quietas possível para evitar o movimento de ondas na água parada. Logo puderam ouvir passos e vozes.

- Isso não era para ter acontecido! – disse Leukós. – Elas teriam que ser acordadas nesta sala, a fim de que a experiência funcionasse.

Deborah e Jael se entreolharam com o cenho franzido. Experiência? Elas

estavam ali para servirem de cobaias para algum tipo de experiência dos magos?

- Como conseguiram escapar do poder de Thánatos? – perguntou Pyrrós. – Ele mesmo ainda dorme profundamente.

- Lembra-se do que eu disse para não subestimarmos o poder da luz? Essa é a prova de que eu estava certo. Thánatos não foi forte o suficiente para segurar o poder latente de uma Luminar. O poder cuja manifestação iria nos dar a resposta foi liberado por nossa negligência!

- O que faremos agora? O rei-feiticeiro enviou uma mensagem. Ele já saiu de Edonia e está a caminho da fortaleza.

- A única coisa que me ocorre, Pyrrós, é encontrá-las antes que Jabim ponha os pés aqui dentro. O que mais elas podem fazer, além de brincar de esconde-esconde pelo labirinto de cavernas que forma esse lugar? É impossível para qualquer uma delas ultrapassar o escudo de Nod que envolve o local. Não há saída.

- Muito bem, eu vou iniciar a busca. Para ser mais eficiente, usarei os Farejadores que trouxemos conosco. Eles serão atraídos pela energia da luz aonde quer que ela esteja.

- Não quero que causem danos a elas – Leukós ordenou.

- Não se preocupe. Eu os controlarei... Por enquanto.

Elas ouviram o som das pisadas de alguém que se afastava. Deborah percebeu que os passos do tal Pyrrós iam na direção contrária a que tinha entrado. Leukós, porém, continuava na sala com mais alguém.

- Eu poderia ir com Pyrrós – disse uma voz arrastada. – Ele pode não conter a própria violência e estragar tudo.

Leukós deu um suspiro.

- Sim, Mélas, vá com ele. Eu devo retornar e tentar libertar Thánatos de seu próprio poder. Quando elas forem encontradas deverão ser submetidas novamente ao sono.

Os dois se afastaram, ao que parecia um para cada lado e, logo em seguida, o arrastar da porta foi ouvido novamente. A imensa sala ficou em silêncio. Jael olhou para Deborah em busca de respostas. Respostas que a irmã não podia dar.

- Vamos voltar para o outro lado – disse Deborah. – Pelo menos, lá nós poderemos sentar e pensar no que fazer. Esse local não é seguro para nós.

Jael concordou e as duas mergulharam de volta para o pequeno esconderijo.

Elas ficaram na pequena caverna sentadas em silêncio, meditando em tudo o que ouviram.

- Acho que estamos mais presas do que antes – desabafou Jael. – Não podemos subir e a única saída está do outro lado. Na mesma sala que parece estar preparada para nós.

- É como você disse. A saída está naquela sala. Você notou que o tal Pyrrós caminhou numa direção diferente da que entrou e que, em seguida, Mélas o seguiu na mesma direção?

Jael pensou um pouco.

- Não houve nenhum barulho de paredes se abrindo. Apenas quando Leukós saiu.

- Isso mesmo. Há outra saída e esta não parece ser necessariamente uma parede falsa.

De repente, elas ouviram uma espécie de rosnado e ficaram em pé. Algum animal grunhia acima do buraco por onde haviam escorregado.

- Acha que são cães? – perguntou Jael.

- Eu não sei. O grunhido é muito rouco para ser de um cão. Lembra-me mais um gato.

Antes mesmo que Deborah terminasse de falar, uma forma desceu pelo buraco e caiu diretamente na água. Era um animal do tamanho e corpo de um lobo, cujo pêlo era branco como a neve, mas o rosto era o de um felino. Da água, o animal olhou para elas com a expressão feroz e arreganhou os dentes. Ele não parecia nada feliz por ter se molhado. Se ele estivesse em terra, com certeza teria partido para o ataque. Com patadas desesperadas, o estranho animal tentava sair da água, mas o esforço era inútil. Ele parou de lutar e afundou na água. Mais grunhidos vieram até elas. Os “farejadores” sentiam a sua presença e logo elas teriam que abandonar o lugar.

- Vamos ter que procurar aquela saída agora – disse Jael.

Não havia movimento algum na água. Elas mergulharam a fim de voltar para a grande caverna. Jael ia à frente dessa vez. Subitamente, uma forma branca surgiu diante dela. O animal ainda estava vivo e vinha na sua direção. Ela podia ver as presas chegando perto. Estirando o braço, ela o conteve pelo pescoço, enquanto as patas do animal tentavam atingi-la. Os dois se engalfinharam e Jael sentiu as unhas rasgarem sua túnica. De repente, ela se viu livre. Deborah havia pego o animal por trás. O lobo-felino já estava quase desfalecido e parecia ter usado suas últimas forças no ataque contra Jael. Deborah o soltou e ele afundou lentamente. Sem fôlego, ambas voltaram à superfície. Jael apoiou-se na margem estreita sem conter um acesso violento de tosse. Deborah respirou fundo o ar quando subiu. Ela foi até a irmã.

- Ele feriu você?

- Não posso dizer que não tentou – Jael falava com dificuldade.

De repente, para o espanto de Deborah, ela começou a rir. Jael ria a ponto de sacudir o corpo cuja metade ainda estava na água. A irmã a olhava atônita, sem saber o que fazer. Teria sido o efeito de algum arranhão provocado pelo animal que a estava fazendo rir feito louca?

- Pode me dizer por que está rindo? – Deborah perguntou com ansiedade e um pouco de irritação.

- Desculpe, minha irmã... – Jael procurou se controlar. – Sei que nossa situação não é boa, mas sabe há quanto tempo eu e você não temos uma aventura como essa?

Deborah suavizou o olhar e pensou.

- Acho que desde o dia em que Hulda nos tirou de Gades – ela respondeu com um sorriso.

- Pode parecer loucura o que vou dizer, mas estou gostando de estar nessa situação ao seu lado. Não gostaria que fosse de outra forma.

Deborah olhou ternamente para Jael.

- Então, acho que estamos quites agora.

Jael franziu o cenho.

- Do que está falando?

- Você me salvou de uma ursa enlouquecida, e agora eu acabei de salvar você de um “sei-lá-o-quê” histérico.

Jael voltou a rir, e dessa vez Deborah a acompanhou.

- Então, você não respondeu minha primeira pergunta. Está ferida?

- Nada que uma túnica nova não resolva. Ele só conseguiu fazer parte do tecido em pedaços.

- Ainda bem que os Queneus gostam de roupas grossas. Agora, vamos! Não duvido que nossas risadas tenham sido ouvidas lá de cima.

Elas voltaram a mergulhar. O caminho já começava a ficar familiar. Subiram a superfície com cautela, observando se havia algum movimento no ambiente. A grande caverna parecia silenciosa. Subiram para a margem e correram para o lado direito, onde supunham haver uma entrada. Ela estava ali. Uma porta de ferro pesada, semelhante a que fora encontrada anos antes nas forjas da Montanha de Ferro, em Hazorah. Jael olhou para Deborah.

- Essa fortaleza é de Jabim. Se ele usou o mesmo tipo de tranca nessa porta, talvez você possa abri-la. Lembra da Montanha de Ferro?

Deborah deu um passo à frente e tocou na porta. Ela se mexeu apesar das dobradiças enferrujadas. Era pesada, mas Deborah não a sentia assim. Ela cedia fácil ao seu toque.

- Foi fácil demais – ela comentou com desconfiança.
- Temos que arriscar seguir em frente, Deborah. Não há outro caminho.

Nesse momento, o som da parede se abrindo no outro lado da caverna, foi seguido do grunhido de quatro farejadores que corriam em sua direção. Jael empurrou Deborah para o outro lado da porta, ao mesmo tempo em que ela mesma pulava e tentava fechar a porta, cujo peso era esmagador.

- Me ajude aqui!

Deborah colocou-se ao lado dela e empurrou a porta com facilidade, imprensando a pata de um dos animais que soltou um grunhido desesperado de dor. Com a porta fechada, elas se lançaram pelo corredor que se abria diante delas. Ele apenas descia como uma rampa e ia de encontro ao ar mais quente. Jael olhava para os cantos das paredes, tentando encontrar uma abertura. O suor fazia com que suas roupas grudassem no corpo. Após um bom tempo de corrida, sempre para baixo, Deborah caiu de joelhos, sem ar.

- Não consigo dar nem mais um passo, Jael... Dói para respirar.

Jael deixou-se cair também.

- Eu sinto uma corrente de ar – ela disse ofegante. – Precisamos encontrá-la... O ar aqui parece ser nocivo para nós.

Apoiando-se uma na outra, elas caminharam até encontrar uma passagem lateral que oferecia uma leve subida. Quase se arrastando, foram por ela até que o ar frio bateu em seu rosto. Encontraram uma abertura e com ela a esperança da liberdade.

Em Aroer, Eunice e Sarah acompanharam Noa até as masmorras do palácio. Ao contrário do que se poderia imaginar, as prisões de Aroer não eram formadas por celas escuras com água pingando pelas paredes, ou ratos disputando os restos de comida deixados pelos prisioneiros. Eunice tinha uma lembrança ruim sobre masmorras. As únicas que havia conhecido eram as da antiga Salema e relutou muito a atender ao pedido de Noa. A ex-comandante da Ordem queria falar com o mago que se rendera e que, segundo Sarah, ainda estava apavorado demais e disposto a colaborar. As celas eram claras e limpas. No lugar de palha seca, um pequeno catre servia de cama. Peles de animais cobriam a armação de couro para proporcionar certo conforto para o cativo. As portas possuíam pequenas janelas quadradas que possibilitavam a comunicação com os carcereiros.

- O que exatamente você quer com esse mago, Noa? – perguntou Eunice. – Ele já nos disse tudo o que precisávamos saber.

- Isso não é verdade, Eunice. Esses magos estão recebendo ensinamentos profundos que estão permitindo a realização de magia antiga. Esse tipo de

conhecimento não é dado para qualquer mago. Está para se formar um exército que usa a magia como arma. Eu quero saber de qual fonte eles estão bebendo, e até que profundidades já mergulharam nela.

- Quanto a isso, eu entendo você. Prefiro enfrentar um exército normal, que use armas normais, a ter que lutar sem saber quando um raio pode cair sobre minha cabeça.

Sarah pôs a mão no ombro da amazona.

- Não precisa entrar conosco, Eunice. Apenas fique do lado de fora e venha se precisarmos de você.

A amazona olhou para as duas mulheres que já considerava suas melhores amigas e sorriu.

- Não gosto de magos, mas isso não quer dizer que eu tenha medo deles. Entrarei com vocês.

A única cela ocupada nas masmorras era aquela na qual o mago se encontrava. O carcereiro jogava dados com dois garotos, servos do palácio. Ele se levantou e inclinou-se respeitosamente diante delas.

- A rainha Tamar mandou ordens para que as recebesse e ajudasse no que fosse possível – ele falou de forma educada.

- Muito bem, então nos leve até o prisioneiro – pediu Sarah.

O homem as olhou com apreensão.

- Ele é um mago. Vocês ficarão bem?

Noa sorriu.

- Nós sabemos como lidar com magos.

Ele abriu a porta e as deixou passar. A cela era a última do corredor. Sarah parou diante da porta de ferro e puxou o grande ferrolho que a trancava por fora.

- Magos não são capazes de abrir simples ferrolhos como este? – havia certa ironia na voz de Eunice.

- Com certeza, mas não em Aroer – respondeu Sarah. – Essa é a Cidade-Guardiã. A magia que a cerca vem da Profecia, assim como acontece em todos os lugares antigos de Hedhen. Os magos de Jabim não podem usar sua força aqui. Seria inútil.

Eunice suspirou e revirou os olhos.

- Acho que vou ter que tomar algumas lições de vocês, antes de me aventurar nessa guerra.

Quando Sarah abriu a porta, Noa entrou na frente. O mago, quando a viu, levantou-se do catre com a ansiedade estampada no rosto. Ele era bastante jovem e talvez nunca tenha lutado contra o poder dos Tronos antes. Ele olhava

para as três mulheres com apreensão.

- Como você se chama? – perguntou Noa.

- Eu me chamo Mica, senhora.

- Mica, eu soube que você tem cooperado conosco por sua livre vontade.

Isso é verdade?

- Sim, mas eu tenho medo do que possa me acontecer – ele olhou para Sarah. – Você me garantiu proteção contra o rei-feiticeiro.

- Eu lhe dei minha palavra e a cumprirei, custe o que custar – respondeu Sarah.

- Se outros magos souberem que eu estou lhes passando informações, me matarão.

- Como? – quis saber Eunice. – Você está bem guardado dentro desses muros. Como alguém poderia lhe fazer mal?

O rapaz sentou-se e pôs as mãos na cabeça.

- Eles podem entrar sem ser vistos. Já ouviram falar do escudo da invisibilidade?

- Eu já ouvi falar sobre isso, mas desconheço qualquer um que tenha conseguido realizá-lo com pessoas – havia preocupação na voz de Noa.

- O rei Jabim sabe como. Ele enviou mestres para cada canto de Hedhen, a fim de preparar um exército invencível. Essa é apenas uma das magias ocultas que ele tem aprendido com os Quatro.

- Os Quatro? – Noa ergueu a sobrancelha. – Quem são eles?

- Magos poderosos que vieram do outro lado do mar para ajudar o rei-feiticeiro. Eles são os mestres da magia. Foi deles que saiu o conhecimento para acordar os filhos de Ogue e para criar o escudo da invisibilidade. Eles, pelo que sei, conhecem muito mais coisas. O rei os escuta.

- Você disse que eles vieram do outro lado do mar? – Eunice estava intrigada. – De onde exatamente?

O rapaz balançou a cabeça.

- Não sei dizer, mas ouvi outros magos comentando que é uma terra mágica, pois olhos comuns não a podem ver. Está escondida por um véu de neblina.

Noa deu um passo à frente.

- Mica, para onde o exército de magos está indo? Onde Jabim vai congrega suas tropas?

O rapaz a olhou indeciso.

- Para um lugar conhecido como o Vale da Profecia.

Sarah e Noa trocaram um olhar preocupado.

- Que vale é esse? – Eunice perguntou. – Não me lembro de nenhum vale com esse nome.

- Você conhece, Eunice – disse Noa. – É o vale de Paran.

- O vale das antigas minas de cobre do deserto? – a amazona parou como se lembrasse de algo. – A montanha! Aquela montanha que os sacerdotes chamam de “Monte da Lei” fica naquele vale, não é?

- Isso mesmo – Sarah encarou as amigas e falou num sussurro. – Para congregar um exército de magos diante do local mais sagrado de Hedhen, Jabim deve ter uma grande arma na mão. Algo que desconhecemos por completo.

- Barak precisa saber desses detalhes – Noa falou. – Vamos voltar.

O rapaz olhou para as três com a expressão desafiadora.

- Já falei tudo o que podia. Sou um mago e traí minha ordem, portanto não esperem mais nada de mim.

Noa o olhou com um misto de pena e desprezo.

- Você traiu sua ordem quando se aliou ao rei-feiticeiro. Se não aceita que errou ao fazer isso, vai morrer como o traidor que é. Se, porém, enxergar a verdade, talvez o Pai tenha piedade de sua alma, Mica. Não veja como traição o único bem que fez na vida.

Elas saíram deixando o rapaz refletindo naquelas palavras.

O caminho que se abria em direção à entrada de ar era estreito. Não podiam dizer que era uma passagem, mas algum tipo de duto de ventilação. O calor naquela área era quase insuportável e sem algum tipo de ar entrando, qualquer um seria asfixiado. Jael observou a passagem.

- É estreita, mas podemos passar. Eu vou na frente.

- Espere! – Deborah a segurou pelo ombro.

Jael percebeu que ela estava atenta a alguma coisa.

- Você não pode ouvir? – Deborah perguntou.

- Deborah, eu não ouço nada. O que foi? São os farejadores?

Deborah ergueu a mão e ela parou de perguntar. Quando Jael se aquietou, também conseguiu ouvir. Eram gritos, gemidos. Vinham de algum lugar naquele setor. Uma lembrança passou por sua mente. As forjas da Montanha de Ferro. Deborah, porém, tinha lembranças mais profundas. Ela descera mais fundo na montanha, e vira o que Jael desconhecia. Ela viu o que toda a maldade concentrada do rei Jabim podia proporcionar a um ser-humano. Ela virou-se em direção ao som e Jael a pegou pelo braço.

- O que vai fazer?

Deborah tinha um olhar de desafio.

- Não tente me impedir.

Jael a soltou e não teve alternativa a não ser segui-la. Ignorando o calor e o cheiro asfíxiante, elas correram por um corredor escuro e poeirento até chegar a uma porta de ferro semelhante a que ficara para trás. Deborah olhou para ela.

- Também fizeram uma réplica da Montanha de Ferro. A arquitetura é a mesma. Jael, se houver sobreviventes dentro dessa sala, eu vou libertá-los. Não me importo com o que possa acontecer. Não vou deixar que aquele quadro de terror se repita em Hedhen.

Jael olhou firme para ela.

- Estou com você.

Deborah sorriu e empurrou a porta. A fumaça e o calor quase as fizeram recuar. Pessoas gritavam enquanto eram erguidas em gaiolas. Um homem gemia sobre uma mesa em que seu corpo era esticado por cordas. Mulheres e crianças eram empurradas para dentro de celas escuras na base da parede, enquanto as grades eram forjadas em grandes fornos. Cuidando disso tudo, fora o ferreiro que cuidava da forja, quatro carcereiros se revejavam, aterrorizando os prisioneiros com longos chicotes. A fúria atingiu Jael, quando ela viu uma mulher ser derrubada e açoitada diante de duas crianças. Abaixando-se e pegando uma barra de ferro encostada a parede, ela investiu contra o homem que caiu desacordado. Tirando a espada curta que ele usava no cinturão, ela cortou as cordas que prendiam as mulheres e as crianças.

- Corram para fora! Há uma passagem estreita. Sigam a direção do ar.

A mulher que havia começado a ser açoitada sorriu agradecida e liderou o grupo que fugia. Do outro lado da sala, Deborah achou um machado e, desviando-se dos golpes que os carcereiros que cuidavam das gaiolas tentavam lhe infligir, ela cortou as correntes que sustentavam as gaiolas no ar. Estas caíram abrindo as portas. Os homens que haviam sido presos nelas eram jovens e fortes. Quando eles viram o que se passava, correram para ajudar. Largando o machado, Deborah pegou as duas espadas curtas dos carcereiros que os homens haviam dominado. O ferreiro, que era um prisioneiro como os outros, largou o forno e foi ajudar os cativos que foram atirados para as celas. Jael, em meio à confusão, correu até a mesa e soltou o homem que estava sendo torturado. Era um homem idoso. Um rapaz aproximou-se e o apoiou no ombro. Jael olhou para ele. Havia agradecimento e admiração nos olhos do rapaz.

- Saíam daqui – disse Jael. – Fujam enquanto podem. Do contrário, não sairão vivos dessa sala.

Ela lhe indicou o caminho. O ferreiro tomou o lugar de líder e impelia o povo a fugir pela abertura estreita. Na retaguarda, seguiam Deborah e Jael.

Outros guardas amalitas surgiram pelo corredor, mas não foram páreo para as duas Luminas armadas.

Quando, enfim, atingiram o final da passagem, elas desabaram no ar livre, longe da fumaça e da poeira. Elas puderam erguer os olhos e ver, pela primeira vez, o exterior de onde se encontravam. A fortaleza de Jabim abria-se para baixo em uma fossa natural. Esta ficava no meio de um grupo de montanhas, como uma clareira na floresta. Existiam caminhos através das montanhas e o povo corria para lá. Elas se apressaram em segui-los. Deborah ia à frente, logo atrás do ferreiro. De repente o seu corpo bateu em algo e foi atirado para trás, como aconteceu com Jael, em Babilos, ao ser repelida pela Pedra do Céu. Deborah caiu rolando aos seus pés, atordoada pelo choque. Jael se abaixou.

- Deborah, tudo bem?

- O escudo... Leukós falou sobre ele – balbuciou ela. – Não vamos poder passar por ele, Jael. É um escudo de Nod.

O ferreiro as olhava para lá da linha em que ficava o escudo. Ele aguardava que elas o seguissem. Jael assimilou a realidade de sua condição e já ouvia o som dos farejadores que se aproximavam. Ela gritou para o homem.

- Corram sem parar até a fronteira! Busquem o exército do Rei e diga a Barak onde estamos.

- Vocês são Luminas! – ele falou. – Não podem ficar para trás! Salvaram nossas vidas.

- Esse escudo nos impede de passar, Vocês são a nossa única esperança, amigo.

Ele leu a urgência nos olhos dela e com um assentimento de cabeça, ele virou as costas e correu para as montanhas. Quando Jael olhou para Deborah, lembrou-se de esconder o shofar em uma dobra interna de sua túnica, enquanto um bando de farejadores as rodeavam, aguardando os donos que vinham gritando atrás.

- Desculpe, Jael, mas eu não podia deixá-los para trás – Deborah sussurrou com o corpo ainda em choque.

- Não teria sido você se os tivesse ignorado – Jael sorriu. – Além do mais, jamais teríamos passado do escudo.

Os amalitas as cercaram, tentando conter os farejadores. Pyrrós abriu caminho até elas. Ao erguer as cabeças, elas viram um par de olhos tão vermelhos quanto a túnica que ele usava. A fúria que emanava daquele ser era quase contagiosa. Até os farejadores precisavam ser contidos com esforço na presença dele. Atrás dele vinha o mago negro de aspecto doentio. Este pousou a mão sobre o braço de Pyrrós e sussurrou.

- Sem violência. Eu posso muito bem cuidar disso agora.

Os dois magos se encararam e, por fim, Pyrrós afastou-se. Mélas deu um passo na direção delas ao mesmo tempo em que erguia as mãos. Jael sentiu o corpo desabar sem forças. Deborah gemia ao seu lado. Não havia apenas fraqueza, mas o corpo e a cabeça doíam como se uma febre violenta as houvesse dominado. O mago sorriu por trás do pano e falou para os homens.

- Tragam-nas para dentro.

Capítulo 37

O Coração da Árvore

Davi saiu do palácio com o pretexto de que ia falar com os queneus que estavam acampados nas proximidades. Entretanto, o seu objetivo era outro. Ele queria entender as palavras do Ancião. O que ele queria dizer com “ele flui através da vida das árvores”? O Ancião explicava sobre o amor que, segundo ele, é a força maior que une o seu sinal ao de Eva. Mas a frase dita por ele parecia-lhe um enigma. Mas, quando o assunto era árvores, ele só conseguia lembrar-se de uma pessoa. Talvez a única que poderia lhe dar alguma resposta. Afinal, era através dessa força que eles liberariam um grande poder. Que poder era esse? Como fariam isso? De que tipo de amor o Ancião estava falando? Ele queria respostas. Por isso estava indo para Shilloh. Se Simeão não as tivesse, ninguém, além do próprio Ancião, as teria.

O portão do santuário estava sempre aberto. Quando Nuvem entrou no pátio, assustou uma família que havia ido orar ao Pai, oferecendo algumas mudas como oferta de gratidão. O rapaz desceu do cavalo e o deixou livre para ir em direção à estrebaria. Simeão, que estava no jardim, o havia visto chegar e se aproximava com um sorriso e duas mãos cheias de terra.

- Davi! O que o traz aqui, príncipe de Hazorah? – Simeão olhou por sobre o ombro do rapaz. – Não vejo sua mãe e nem sua prima. Anda sozinho?

Davi quase esquecera o fato de que Simeão e Ana nada sabiam a respeito do desaparecimento das duas Luminares. Afinal, a chama do jardim, assim como o cetro, brilhava com toda a força.

- Eu vim pelas árvores, Simeão – ele falou ofegante. – Tenho perguntas a fazer.

O homem sorriu orgulhoso e passou o braço em volta dos ombros do rapaz.

- Então, venha. Se vamos conversar sobre elas, é bom que as possamos ver.

Simeão o levou até o pequeno cercado construído em volta das duas oliveiras. As árvores pareciam maiores e suas folhas mais verdes. Davi engoliu com um nó na garganta. O crescimento sobrenatural daquelas árvores era uma

prova palpável de quem ele era.

- Simeão, as árvores possuem vida?

O homem o olhou com visível confusão.

- É claro que as árvores possuem vida! Cada planta tem vida própria. Foi o Pai que as fez assim.

- Sim, eu sei disso. O que eu quero saber é... Como eu posso sentir essa vida?

Simeão o olhou por longo tempo antes de esticar o braço e colocar a grande mão sobre o peito do rapaz.

- Sinto o seu coração bater – ele disse. – Há vida em você.

Davi suspirou sentindo que o coração acelerava.

- Eu poderia sentir o coração da árvore?

Simeão sorriu com ternura.

- Por que não tenta?

Davi olhou para as oliveiras e, respirando fundo, passou pelo cercado. Imitando o gesto de Simeão, ele esticou o braço e tocou o tronco retorcido da jovem árvore. Nada sentiu além da aspereza natural da madeira.

- Sinta com o seu coração, rapaz.

Davi fechou os olhos e sentiu o fluir de algo que passava por dentro do tronco. Não eram batidas de coração, mas o bombear contínuo de algo vivo.

- O que você está sentindo é a seiva da árvore, o seu sangue, a sua vida, a sua essência.

Davi olhou para ele.

- Sangue? É como o sangue? E onde seria o coração?

Simeão entrou e parou ao lado dele.

- Ajoelhe-se aqui e sinta a raiz.

Davi obedeceu. Ele pousou a mão onde Simeão lhe indicara. Entre as duas oliveiras. O fluir da seiva naquele lugar era mais forte.

- Você e Eva, assim como essas árvores, estão ligados a terra. Por isso, cabe a vocês uni-las. Da terra vem a sua força. A capacidade de extrair a vida para dentro de vocês e direcioná-la por todo o corpo. É essa força que provê a resistência do tronco e o frescor das folhas e dos frutos.

- Sem essa força a árvore secaria e as folhas cairiam, não é?

- Isso mesmo.

Simeão pegou a mão do rapaz e a recolocou no meio das duas árvores.

- Agora eu quero que com o seu dom, você visualize a raiz. Não quero que a sinta, mas que a veja.

Davi fechou novamente os olhos e usou o seu dom para ver o que a terra

encobria. Ele espantou-se ao ver uma única raiz. Uma raiz forte, profunda, cujo emaranhamento por baixo da terra, em seu espaço central, formava a figura de um coração. Davi sentiu as lágrimas escorrerem por seus olhos.

- O coração da árvore – ele sussurrou. – As árvores estão unidas numa única raiz, como se fossem uma só.

Simeão pôs a mão sobre o ombro do rapaz.

- Suas vidas são uma só, Davi. O coração que bate em seu peito é o mesmo que bate no peito de Eva. Juntos, vocês podem extrair a força da terra para fortalecer seus dons.

Davi olhou nos olhos de Simeão.

- Simeão, é fácil entender isso ao pensar em árvores. Mas e quanto a nós? Como eu e Eva poderíamos encontrar essa força juntos?

- Vocês já a possuem. Seus corações estão unidos, qualquer um pode ver.

Davi ia falar, mas Simeão não deixou.

- Todos acreditam que o coração é o local em que as emoções são depositadas. Talvez exista algo em comum que fará com que seus corações batam na mesma sintonia, e consigam extrair o poder da terra para alimentar os seus dons.

Davi baixou os olhos.

- Eu sei o que nos une, mas não sei como fazer para que se manifeste como um tipo de poder.

Mais uma vez Simeão sorriu.

- Você encontrará um jeito, rapaz.

Jael sentia-se doente. Não tinha outra palavra para explicar o que sentia. Seu corpo estava fraco e as articulações doíam, assim como a cabeça. Calafrios a assaltavam de vez em quando, como se ardesse em febre. Ela teve apenas consciência de que os braços que a carregavam a depositavam agora em algum lugar. Alguma coisa foi usada para prendê-la. Ela abriu os olhos ardentes e virou a cabeça. Estavam de volta ao local em que haviam acordado. Deborah, assim como ela, havia sido deitada em uma cama de pedra com correntes finas por sobre o seu corpo. A irmã, ainda sob o efeito do choque que o escudo lhe causara, estava meio inconsciente. A pele dela, assim como a sua, transpirava por causa de uma febre repentina, enquanto ela gemia fracamente. Em volta delas, o mago negro dava voltas ao seu redor, cantarolando palavras estranhas. Então, esse era o efeito que ele causava. Ela sentia-se tão mal que chegou a preferir as antigas correntes de Hazorah.

- Ilusão... Sono... Doença... Ira – ela murmurou. – O que mais... vocês podem fazer?

O mago parou de cantarolar, mas manteve os braços estendidos.

- Não vai querer saber o que nós quatro juntos podemos fazer.

Ela fechou os olhos com um suspiro.

- Algo me diz que... logo saberemos.

- Você é boa observadora, Guardiã.

Ela o encarou com o cenho franzido.

- Por que me chama assim? Achei que para Nod, os Tronos de Hedhen não tinham valor.

Mélas aproximou-se dela, e um calafrio lhe percorreu o corpo. Ela conteve o impulso de lhe pedir para ficar longe.

- É verdade que para o povo ignorante de Nod, vocês não existem. Isso é o que faz com que seus dons não funcionem conosco. Para Nod, vocês nada são. Mas nós, os magos que ainda estudam com afinco os antigos textos, conhecemos a verdade. E é por esse motivo que lutamos para que o povo nunca venha a despertar para esse conhecimento ancestral.

- Não poderão controlar o povo... para sempre – Deborah falou despertando a atenção de Mélas.

- Vejo que a rainha despertou – havia um pouco de surpresa em sua voz. – Devo ter colocado meu foco de poder em apenas uma direção.

- Ou talvez não seja tão forte quanto imagina... – Deborah respondeu.

Diante do comentário de Deborah, o orgulhoso mago estendeu a mão para tocar em Jael.

- Vou mostrar-lhe o que posso fazer – ele cantou as palavras de uma maneira assustadora.

De repente, duas figuras surgiram na porta.

- O que pensa que está fazendo, Mélas? – era a voz de Leukós.

O mago negro recuou, deixando que a vista de ambas ficasse menos embaçada.

- Eu só ia responder a um insulto...

Leukós o olhou duramente.

- Ainda não é ora de brincar com seus dons. Será que vou ter que vigiar você também? Está quase impossível controlar Pyrrós com aquela ira sem controle! Não venha você também me causar problemas. O que viemos fazer aqui é muito sério.

Mélas olhou para a figura que estava atrás de Leukós. Thánatos deu um passo a frente.

- Thánatos está recuperado. Ele assumirá o seu posto agora. No entanto, você ficará aqui com ele.

Os olhos de Mélas brilharam no escuro.

- Ficarà distante delas, entendeu? Sabe muito bem que sua presença pode ser fatal, caso Thánatos esteja usando o poder do sono em alguém. Eu apenas não quero deixá-lo sozinho com elas novamente. Já vimos que o poder de um só mago não é o suficiente para contê-las.

Jael não pode deixar de sorrir ao ver o olhar furioso de Mélas.

- Vou aguardar a volta de Pyrrós. Ele foi tentar caçar os fugitivos nas montanhas. Infelizmente, os farejadores não são muito úteis como animais de caça, quando não se tem nada para farejar.

Leukós deu as costas e se foi. Thánatos olhou para Mélas e apontou para o canto mais distante da sala.

- Aquela é uma distância segura – ele chiou as palavras.

Mélas afastou-se em silêncio, enquanto Thánatos caminhava por entre as duas camas de pedra. Ele abriu os braços e tocou simultaneamente a fronte de ambas as mulheres.

- Durmam, minhas filhas. Reponham as energias que perderam. Elas serão úteis para nós quando chegar a hora.

O sono apoderou-se delas levando para longe a sensação de enfermidade. Elas procuraram manter um nível mental que lhes possibilitasse a comunicação pelo pensamento, mas a presença de um segundo mago na sala tirou-lhes a capacidade de lutar. Em poucos segundos haviam caído em um sono profundo sem imagens ou memórias.

As masmorras de Aroer, por constar de apenas um prisioneiro na atualidade, não mantinha um sistema de vigilância severo. Apenas dois guardas encontravam-se ali, e ambos logo seriam rendidos pelos outros dois que os substituiriam no turno da noite. Mica, o mago, refletia sobre as palavras de Noa. A mulher acreditava no que estava dizendo ao afirmar que a traição dele consistia exatamente em servir a Jabim. Ele olhava para a estreita janela na parede que permitia ver um pedaço do céu e algumas estrelas. Lembrou-se com tristeza de como havia sido facilmente envolvido pelas promessas de poder dos embaixadores de Jabim. Ele era um rapaz cujo sonho era visitar um dia a grande Babilos, e sua Escola do Saber. Queria tornar-se um sacerdote. Esse era o sonho de sua vida. Até o dia em que o mago que o visitou lhe contou sobre as maravilhas da Babilos antiga, e de como o poder da Pedra do Céu conferia aos sacerdotes daquela cidade um poder quase ilimitado. O rapaz ouviu maravilhado e deixou-se seduzir pelas promessas de poder. Um poder que voltaria para os magos, caso Jabim conseguisse a vitória sobre os Tronos de Hedhen.

Agora, porém, ele via o quanto havia sido tolo. Nenhum mago, nem mesmo o mais poderoso, seria capaz de produzir um poder cuja força se equiparasse ao do Luminar do Sol. O Rei tomou para si a luz do astro solar e a trouxe para a terra, a fim de iluminar a noite e derrotar seus inimigos. Aquele poder era exclusivo dos Tronos. A luz verdadeira estava com eles. O maior poder estava na atual Babilos e não na antiga, como o fizeram acreditar. Com um suspiro que vinha do fundo da alma, ele tomou uma decisão. Pediria para falar novamente com aquela mulher e lhe imploraria que intercedesse por ele junto ao Rei, pois estava disposto a seguir a serviço dos Tronos. A decisão lhe trouxe paz. Ele deitou-se e dormiu um sono tranqüilo que o impediu de ver as duas figuras que entraram em sua cela e lhe puseram um pano sobre a cabeça. Uma pancada seca em sua nuca o fez desmaiar e o mundo ao seu redor foi subitamente apagado.

Os dois homens vestidos de guardas do palácio atravessavam o pátio em direção a estrebaria. Eles levavam nos braços o corpo inconsciente de Mica. Ali, na escuridão, um mago aguardava. Ele os havia pagado muito bem para fazer aquele serviço. Eles o aceitaram de bom grado, pois não lhes causava nenhum conforto a presença de um mago do rei-feiticeiro dentro de seus muros. Uma flecha, porém, barrou-lhes o caminho.

- Posso perguntar para onde vão? – Sarah surgiu diante deles com o arco pronto na mão.

Os guardas se entreolharam e, lentamente soltaram o corpo do rapaz.

- Nossa intenção não era má, senhora – um dos homens falou. – Estávamos apenas nos livrando de uma presença que pode trazer o mal para a cidade.

Sarah olhou para o corpo do mago.

- Eu dei a minha palavra de que protegeria esse homem. O que pretendiam fazer com ele?

Um dos guardas olhou em direção da estrebaria. Sarah percebeu e franziu o cenho.

- Quem pagou vocês?

Não houve respostas. Ela ergueu o arco e um dos homens ajoelhou-se.

- Foi um mago, senhora!

- Um mago? E como um mago entrou no palácio?

O homem tremia, enquanto o outro continuava a fixar a escuridão. De repente um silvo cortou o ar e o corpo do guarda cambaleou, caindo para frente com um dardo nas costas. O que estava de joelhos arrastou-se para longe, quando outro dardo caiu aos seus pés. Sarah tentava identificar a direção de onde eles estavam sendo atirados. Ela olhou para cima e gritou para as

sentinelas:

- Acendam as tochas das muralhas! Existe um invasor no palácio!

Um dardo passou rente a sua orelha, fazendo-a pular para trás. Ela pegou os pés de Mica e olhou para o guarda amedrontado.

- Ajude-me a levá-lo para um lugar seguro.

O homem recuperou-se e a ajudou. Eles conseguiram chegar em segurança até a parede de um depósito, enquanto as tochas eram acesas. Sarah preparou o arco.

- Quem os esperava na estrebaria?

- O mago que nos pagou – ele falou envergonhado.

- Fique aqui e o proteja, caso queira se redimir do seu ato.

Sarah deu a volta e correu para a estrebaria. No caminho, encontrou Eunice e Hagai.

- Fugiram! – disse a amazona. – Vimos as sombras saírem da estrebaria e tentamos alcançá-los, mas sumiram no meio de uma nuvem.

- Odeio magos! – resmungou Hagai.

- Então, eram mais de um?

- Havia três sombras – respondeu Eunice.

- Como eles tiveram acesso ao palácio? Zoar criou uma proteção em volta da cidade. Eles não poderiam nem mesmo ter acesso ao centro urbano.

Hagai suspirou e pôs as mãos na cintura.

- Talvez eles já estivessem dentro.

Eunice e Sarah trocaram um olhar preocupado.

- Isso é muito ruim – disse Eunice. – Vou pedir uma reunião de urgência.

Davi passara o dia em Shiloh. Simeão ensinara-lhe tudo o que sabia sobre árvores e, especificamente sobre oliveiras. Uma das coisas que mais impressionaram o rapaz foi saber que esse tipo de árvore demora a crescer e, em decorrência disso, vive muito tempo. A oliveira é uma árvore forte e que cuida daqueles que a possuem. Ele estava ansioso para chegar ao palácio e contar tudo a Eva. Era imperativo que eles conhecessem o próprio poder antes de se lançar de cabeça em uma guerra. Ele sentiu uma dor no peito ao pensar em Jael. A mãe lhe fazia tanta falta quanto o ar que respirava. Foi ela que o ensinou a caçar e a montar. O pai sempre foi o seu grande companheiro, mas a mãe lhe passou os conhecimentos que ele hoje usava para viver. Uma lágrima escorreu pelo seu rosto e ele a enxugou justo quando transpunha os portões do palácio. Hulda estava sentada em um dos bancos que rodeavam a fonte. Ela sorriu ao ver o rapaz descer do cavalo.

- Você cheira a flores e terra molhada, menino – ela brincou. – Esteve em

Shilloh?

- Sim, eu estive. Queria muito falar com Simeão.

Hulda afastou-se um pouco para ele sentar.

- O que queria falar com Simeão?

- Eu precisava compreender as palavras do Ancião. E para isso, eu achei que precisava compreender as árvores. Fui lá para vê-las e conhecê-las.

- E conseguiu?

Davi suspirou e contou tudo a Hulda, até mesmo a maneira como a raiz estava disposta. A profetiza ouvia com atenção dobrada. Quando ele acabou, ela deu um longo suspiro e sorriu.

- Davi, você já tem a resposta para sua pergunta – ela afirmou.

- Tenho? Para qual delas? Eu tenho tantas!

- Segundo o que lhe disse o Ancião, a força de seu poder está no amor. Esse sentimento está ligado a um órgão específico do homem. O coração. Você descobriu onde ficava o coração da árvore, ou melhor dizendo, das árvores. Na raiz. Eu lhe farei uma pergunta, rapaz. De onde a raiz extrai o seu poder?

- Da terra – ele respondeu sem titubear.

- E a que terra as árvores estão ligadas?

Davi a olhou sem compreender. Hulda suspirou pacientemente.

- Vou perguntar de uma forma mais clara. A que terra as árvores, ou seja, vocês, estão ligadas pelo poder da Profecia?

Os olhos do rapaz se iluminaram.

- Nod! Estamos ligados a Nod pela Profecia.

Hulda pôs a mão sobre o ombro do rapaz.

- Vocês são as Árvores Sagradas de Nod, Davi. É dela, de Nod, que vocês extraem o seu poder.

- Isso quer dizer que, mesmo sem perceber, estávamos usando o poder de Nod para alimentar nossos dons? Mas, Hulda, como isso é possível?

- Nod começou a invadir Hedhen aos poucos, através do portal e dos conhecimentos do rei-feiticeiro. Esse poder foi gradualmente penetrando em nosso meio e aumentando os poderes que há em vocês. A presença de Áquila, um alto sacerdote daquela terra, ajudou-lhes a se fortalecer. Ele só errou em mantê-los separados por tanto tempo. Creio que ignorava que uma única raiz os ligasse. Se soubesse disso, com certeza teria feito o possível para mantê-los juntos enquanto cresciam.

- Eu amo Eva, Hulda – ele confessou de repente.

A profetiza sorriu.

- É compreensível. Vocês possuem um só coração. Nada, nem mesmo a

distância poderia separá-los.

Davi a olhou com receio.

- Eu ia beijá-la outro dia, mas o Ancião surgiu na hora e nos impediu. Por quê?

Hulda pensou um pouco.

- O amor entre um homem e uma mulher é um ato que espiritualmente os torna uma única pessoa. Vocês já possuem essa ligação de uma forma natural, através da Profecia. Um simples beijo poderia levá-los a algo mais profundo. E para isso, meu jovem, vocês ainda não estão maduros o suficiente.

Hulda levantou-se.

- Vou tentar descansar um pouco. Caso queira conversar com Eva, ela está na arena. Está treinando e refletindo. Por que não compartilha com ela o que me contou?

A profetiza o deixou e ele, após um momento, levantou-se e foi para a arena.

Davi entrou na arena e sentou-se quieto em um dos bancos que formavam a arquibancada. Eva treinava absorta em seus pensamentos. Ele percebeu que ela fazia movimentos com as espadas duplas de sua mãe. As lâminas prateadas brilhavam como se refletissem a lua. Eva fazia movimentos ágeis e graciosos para uma guerreira, mas que Davi sabia serem letais numa batalha. Após algum tempo, ela percebeu sua presença e tratou de aproximar-se dele com ansiedade. Ele desceu da arquibancada e foi ao seu encontro.

- Onde esteve? – ela perguntou com os olhos cheios de preocupação enquanto colocava as espadas em cima de um banco.

- Em Shilloh – ele segurou as mãos dela entre as suas. – Precisava conversar com Simeão.

- Sobre as árvores? Por que não me chamou? Não lhe passou pela cabeça que eu talvez quisesse ouvir o que ele tinha a dizer?

Davi suspirou.

- Não, Eva. Confesso que fui egoísta e só pensei em mim, em minhas dúvidas. Mas a verdade é que eu herdei a paciência de minha mãe. No entanto, eu consegui as respostas pelas quais você tem ansiado tanto quanto eu.

Eva continuou olhando para ele, estimulando com o olhar a continuação da história. Ele olhou para as espadas em cima do banco.

- Por que está treinando com as espadas de sua mãe?

Eva baixou a cabeça e sorriu.

- É uma maneira de senti-la perto de mim. Quando eu me sentia confusa com alguma coisa, sempre corria para ela e recebia uma palavra sábia – a moça

enxugou uma lágrima que quis cair e levantou o queixo. – Mas também é uma maneira de manter as espadas afiadas. Ela pode precisar delas.

Davi sorriu e a puxou para o banco. Ali, sem pressa, ele relatou a conversa com Simeão e a explicação que Hulda lhe dera.

- Uma só raiz? Um coração? Por que será que eu não estou surpresa?

Davi pôs a mão sobre o coração dela e ela sobre o dele.

- Eles batem juntos, Eva. Pode sentir isso?

Ele aproximou o seu rosto do dela.

- Eu quero beijar você – ele disse.

- Será que podemos?

- O Ancião disse que primeiro tínhamos que descobrir o nosso poder. Não foi o que fizemos?

Não havia dúvidas em seus corações. Era como se sentissem a aprovação do Pai. Ele pegou no rosto dela com as duas mãos e acariciou sua face com os polegares. Ela fechou os olhos e inclinou a cabeça na direção dele. Seus lábios se tocaram. O beijo, a princípio, foi tímido. No entanto, algo sobrenatural aconteceu. Eles podiam sentir o sangue correr pelo seu corpo como a seiva de uma árvore que revitalizava os frutos e as folhas. Era o sangue revitalizando seus dons. O bater do coração também era audível e sua linguagem compreensível. Suas motivações podiam ser sentidas. Eva conseguia olhar dentro de Davi e ele também olhava para dentro dela. Era assim que eles apoiariam um ao outro na longa jornada que fariam em breve. Foi difícil separar-se. Eva abriu os olhos e sorriu. Ele lhe beijou a ponta do nariz.

- Eu amo você e um dia nós vamos nos casar – ele falou como se dissesse uma profecia.

- Eu tenho certeza disso.

Zoar arrastara para o meio da sala de audiências os “sacerdotes” implantados pelos magos dentro da cidade de Aroer. Os homens já haviam lhe revelado tudo. Eles eram sacerdotes de aldeias próximas a Aroer. Foram procurados por magos e seduzidos pelas promessas de poder. Antes do cerco dos gigantes, eles haviam entrado na cidade junto com os refugiados das aldeias. Do templo de Aroer, eles ajudaram a quebrar o escudo de proteção, ajudando os magos de Jabim. Foram eles que abriram os portões para que outros magos entrassem a fim de matar o traidor Mica. Após repetir a história diante de todos, os sacerdotes permaneceram de cabeça baixa no centro da sala. Zoar olhou para a irmã que estava sentada no trono. Tamar avaliava os três homens com tristeza no olhar.

- Vocês tinham um dever para com o povo que juraram proteger – ela

falou. – Trocaram esse dever por promessas de grandeza. Por quê? O que lhes prometeu o rei-feiticeiro para conseguir corromper seus corações?

O mais velho dos três ergueu a cabeça e a olhou com desafio.

- Todos os sacerdotes almejam o conhecimento supremo. O sacerdote que negar esse fato é um mentiroso. O rei Jabim já fez mergulhos profundos e foi até onde almejávamos ir. A união com sua causa teria valido toda uma vida, apenas pela oportunidade de abraçar o conhecimento supremo.

Tamar o encarou com altivez.

- Em outras palavras, o poder de manipular as forças que nos cercam – ela comentou com acidez.

O sacerdote sorriu e baixou novamente a cabeça. Tamar olhou novamente para o irmão. Ela teria que tomar uma decisão drástica que não lhe agradava em nada. Barak a olhou com compreensão. Ele entendia o dilema em seu coração.

- Tamar, estamos em guerra – ele falou com firmeza. – Não pode pensar com o coração em certos momentos. Esse é um deles.

O sacerdote mais jovem deu uma risada desagradável.

- Ora, então a rainha de Aroer não pode tomar uma atitude sozinha? Precisa da autorização de outro rei?

A moça o olhou friamente sem ser perturbada pelo comentário sagaz.

- A decisão não poderia ser outra. Eu sou a rainha de Aroer e essa cidade possui uma lei. Não medirei esforços para tomá-la, ainda que não goste dela.

A rainha levantou-se e apontou o pequeno cetro real para os três homens.

- Vocês são acusados de traição e de sua própria boca confessaram-se culpados. Não há nada a fazer quanto a isso. Vocês serão executados ao nascer do sol. Morrerão como a lei exige. Uma flecha certa no coração. Essa é a decisão desse trono.

Quando os sacerdotes foram retirados da sala, o silêncio foi constrangedor. A rainha voltou a sentar e manteve o olhar parado na porta por onde eles saíram. Zoar subiu os dois degraus até o trono e pousou a mão sobre a da irmã.

- Você agiu certo, Tamar.

Ela olhou para Sarah.

- Como está Mica?

- Atordoado, mas vai se recuperar – respondeu a gadita.

- E quanto ao guarda que estava ajudando os magos?

- Ele fugiu durante a confusão – disse Eunice. – Era um covarde.

- Não, Eunice, ele era um traidor. Se for encontrado, a sentença deve ser aplicada a ele também.

Erguendo a cabeça e olhando em volta, ela pousou os olhos em Barak.

- Bem, acho que agora temos uma verdadeira guerra para planejar, não é? Qual será nosso próximo passo?

O tempo no deserto passava devagar. Dias longos e quentes, noites longas e frias. Hadassa já estava acostumada com as intempéries, mas Tirza havia nascido nas montanhas e sofria com o calor. Ela abriu os olhos e viu com certo desagrado que o céu começava a clarear. O sol logo estaria torrando o seu cérebro novamente. Os arqueiros queeneus estavam espalhados, dormindo em lugares estratégicos. Era sua maneira de guardar o acampamento. Tirza levantou-se apoiada nos cotovelos e procurou por Hadassa. A rastreadora estava sobre uma duna olhando atentamente o horizonte. Ela ficou naquela posição de alerta, até que o horizonte se fez mais claro. Subitamente, Hadassa deu um assobio chamando a atenção dos arqueiros. Tirza levantou-se num pulo e juntou-se a ela.

- O que foi?

- Movimento – Hadassa apontou para o horizonte ao norte. – Há pessoas caminhando na areia ou estou tendo visagens.

Tirza apurou a vista e os viu. Umas vinte pessoas caminhavam cambaleantes pela areia. Eles não vinham de forma ordenada. Alguns se apoiavam uns nos outros, enquanto os mais fortes pareciam carregar crianças nos lombos.

- Não são guerreiros – disse Hadassa. – Estão fugindo de algo.

Elas aguardaram que o grupo se aproximasse. O homem que vinha à frente tinha um menino nos lombos cuja magreza era notável através das costelas salientes. Era um homem alto e forte, mas de semblante dócil. Ele parou exausto e deu alguns passos para frente. Hadassa e Tirza estavam cercadas por um grupo de queeneus posicionados. O homem pôs o menino no chão e Hadassa aproximou-se.

- Quem são vocês? De onde estão vindo?

- Nós fugimos de uma prisão... As mulheres, as crianças, os velhos... Dê-lhes água, por favor.

Tirza apressou-se em ordenar aos arqueiros que ajudassem aquelas pessoas. Em seguida, ela foi ficar ao lado de Hadassa.

- Não conheço nenhuma prisão por esses lados – disse Hadassa. – Cresci nas fronteiras do deserto e sei do que falo.

- É uma fortaleza escondida, criada pelo rei-feiticeiro. O povo de Amal invadiu nossa aldeia e nos levou a todos como escravos. Iam nos obrigar a trabalhar nas forjas do rio de fogo, até que resolveram nos separar dos outros... – o homem parou e caiu de joelhos.

Tirza ajoelhou-se ao lado dele e levou-lhe um odre cheio de água aos lábios. Após beber avidamente, ele limpou a boca com as costas da mão e respirou com alívio.

- Por favor, continue sua história – pediu Tirza.

- Eles nos puseram em uma sala estranha, com aparelhos estranhos. Então, começaram a torturar homens e mulheres sem nenhum motivo aparente. Obrigaram-me a trabalhar de ferreiro e forjar barras de ferro para encarcerar as mulheres e as crianças.

Tirza olhou para Hadassa. Elas conheciam os relatos da prisão nas forjas da Montanha de Ferro, na antiga Hazorah. Tirza o segurou pelos ombros.

- Ouça-me! É muito importante que me diga onde fica essa prisão.

Ele apontou para o norte.

- Em meio ao segundo agrupamento de montanhas. Caminha-se um dia para chegar lá, a partir do primeiro agrupamento.

Hadassa calculou mentalmente.

- O primeiro agrupamento montanhoso é o local onde está localizado o Poço das Origens – ela comentou.

- Como vocês conseguiram fugir de lá? – Tirza tinha pressa.

Os olhos do homem piscaram rapidamente e seu semblante era o de um homem maravilhado.

- As Luminares. Elas nos ajudaram a fugir. Libertaram a todos nós, mas não puderam passar pelo escudo. Tiveram que ficar para trás. Não sei o que aconteceu com elas.

O homem agarrou os braços de Tirza e olhou em seus olhos.

- A de olhos da cor do mel olhou pra mim e me deu uma ordem. Ela disse que eu tinha que encontrar um exército e indicar o caminho para a fortaleza do rei. Mas... – ele olhou em volta. – Vocês não são nenhum exército.

Tirza sorriu.

- Não, meu bom homem, mas somos parte dele. Encontrou as pessoas certas.

Hadassa aproximou-se.

- Você disse que a de olhos da cor do mel falou com você. E quanto à outra? A de olhos negros como a noite.

O homem forçou a mente cansada.

- Ela havia se chocado contra o escudo. Estava fraca, no chão, mas estava viva.

Hadassa deu um suspiro de alívio.

- Tirza, quando essas pessoas descansarem, precisaremos voltar e levar as

notícias para a Cidade Dourada.

- Não há tempo, Hadassa. Volte e faça isso. Eu seguirei atrás com esse grupo. Eles estão cansados demais para agüentar uma marcha forçada.

Hadassa sorriu e correu para montar sua égua baia, Princesa. A égua arisca bufou impaciente com a aproximação dela.

- Pronto para correr, menina? Leve-me o mais rápido que puder.

Capítulo 38

Invasão em Shilloh

Uma pequena caravana cruzava o meio do deserto de Negger. Na imensidão de areia, a comitiva passava despercebida. Não era uma caravana de mercadores. Aqueles que a guardavam eram magos. Estes proporcionavam a segurança necessária para a ilustre figura que conduziam. De uma forma sutil, Jabim resolveu seguir para sua nova fortaleza. O rei, viajando sob a proteção da magia, assentaria seu novo trono em um lugar impenetrável. Ele ria sozinho com seus pensamentos.

Os Quatro Ihe haviam enviado a mensagem. Tudo seguia conforme o estabelecido. Ele olhou para as próprias mãos, cujas unhas sobressaíam em pontas, e lembrou-se de Atalia. Aquela tola rainha tivera o poder em suas mãos e não soube aproveitá-lo. Movida pelas emoções e sentimentos de vingança, deixou de ver a verdade escrita na Profecia. Agora ela jazia morta e esquecida. Ele, porém, jamais ignoraria uma Profecia. Era seu dever estudá-las com afinco. Assim como Atalia ele detinha o poder nas mãos. As Luminares gêmeas estavam em suas mãos e para que o seu plano fosse totalmente vitorioso, duas árvores precisavam ser cortadas antes que dessem frutos. Ele riu alto. Nesse exato momento, mensageiros seguiam para a região da antiga Salema, a fim de afiar seus machados e derrubar as árvores. Eles seriam tolos por acreditar que ele desconhecia a Profecia de Nod. Ele era o rei-feiticeiro, rei da magia, e futuro senhor da Profecia. Da nova Profecia.

Thánatos e Mélas revejavam seus poderes na guarda das duas Luminares. O mago negro achava humilhante o fato de não ter poder suficiente para contê-las. No entanto, ele se regozijava ao vê-las passar mal em sua presença quando era a sua vez de vigiá-las.

Deborah sentia que o tempo havia parado. Sua vida parecia consistir em dormir um sono sem sonhos, para em seguida acordar em um pesadelo delirante. A febre provocada por Mélas a fazia ter visões desfocadas e sem sentido. Ela lutava para abrir os olhos e recuperar a visão da realidade, mas seu

corpo não obedecia. Como esses magos podiam ser tão fortes? A luz estava dentro dela, mas o corpo enfraquecido não tinha forças para manifestá-la. Seria suicídio. Ela sentiu o toque de Mélas em sua cabeça. Foi como se um frio mortal se apoderasse de seu corpo, fazendo-a tremer de forma incontável. Ao seu lado, ela podia ouvir os gemidos de Jael, vítima dos mesmos sintomas. O mago negro deliciava-se nessa lenta tortura que parecia não ter mais fim.

- Que tal um pouco de dor de cabeça, agora? – Mélas falou de forma arrastada.

Jael soltou um gemido doloroso e apertou os punhos, enquanto Deborah, consciente do que ele fazia, tentava desesperadamente parar com aquilo. Ela concentrou-se na luz, antes que a dor a alcançasse. Foi o suficiente para que ela pudesse abrir os olhos e pousá-los no mago que a olhava surpreso. Com visível esforço, para que a voz soasse com firmeza, ela falou:

- Eu ordeno que você, Mélas, pare de nos torturar com o seu poder!

Mélas sorriu, mas em seguida, seu sorriso se desfez ao sentir que seu poder voltava lentamente para ele. Jael relaxou o corpo e respirou com alívio. O mago negro olhou para Deborah com os olhos saltados.

- O que você fez comigo?

- Você não pode desobedecer a uma ordem direta da rainha de Hedhen – as palavras de Deborah soaram claras e pausadas.

Mélas tentou pousar novamente as mãos sobre elas, mas algo o impedia.

- Você não tem poder sobre Nod! Como pode fazer isso?

- Não estamos em Nod, mago. Aqui, a minha palavra ainda é a lei. Uma vez dada a ordem, não pode ser desfeita.

Lentamente, o poder de Mélas enfraquecia e ele não teve escolha. Foi necessário chamar Thánatos para tomar o seu lugar. O mago pálido o olhou aborrecido, mas ao ver a expressão confusa de seu rosto, resolveu assumir o seu lugar. Mélas olhou para Deborah.

- Não vai detê-lo como fez comigo?

- Infelizmente, eu... não conseguiria falar... com tanta firmeza... novamente – Deborah respirou fundo, exausta. O que havia feito era um tipo de poder que lhe custara a energia que lhe restava. A voz de autoridade dos Tronos era uma prerrogativa dela e de Barak. Uma ordem dada por eles não poderia ser negada. No entanto, era uma arma a ser usada em momentos determinados, pois precisava vir da luz que os envolvia. Ela conseguira a quantidade de luz suficiente para que impedisse as investidas de Mélas, mas não poderia se recompor para impedir Thánatos. O que a tranquilizava era saber que debaixo daquela ordem, Mélas não as atormentaria mais.

- Saia daqui – disse Thánatos. – Eu cuidarei delas agora.
Quando ele as tocou, um abençoado sono as envolveu.

Leukós parou ao ver Mélas no corredor. O mago negro caminhava nervosamente de um lado para o outro.

- Mélas, não era você que deveria estar com elas?

Mélas agitou as mãos diante de Leukós.

- De que adiantaria? Meu poder não funciona mais sobre elas?

- O que você está dizendo?

Mélas virou-lhe as costas.

- Você só tinha que mantê-las fracas e indispostas. O que mais você fez?

O mago negro soltou um suspiro frustrado.

- Elas caçoaram de meu poder. Eu queria mostrar-lhes o que um mago de Nod é capaz de fazer. Em nossa terra, todos me olham com temor. Nunca, ninguém questionou meu poder.

Leukós o agarrou pela túnica e o fez voltar-se para ele. Os olhos do mago branco chispavam de raiva.

- Seu tolo orgulhoso! Você forçou a alguma delas a usar o poder da luz novamente? Será que não percebe a magnitude de nossa causa? O rei-feiticeiro está a caminho e quando ele chegar não vai querer esperar. O nosso trabalho é mantê-las quietas até que Jabim cruze as nossas portas. Elas precisam estar com plena energia quando ele chegar, você entende isso?

- Infelizmente eu não poderei mais ajudar – lamentou Mélas. – Ainda que seja o meu desejo fazer isso, a simples idéia de ir contra a ordem que me foi dada, impede-me de erguer as mãos contra elas. O meu poder volta-se contra mim.

Leukós o soltou sem nada dizer. A raiva explodia nele, mas ao contrário de Pyrrós, ele a podia controlar. Quando falou, sua voz era fria como o gelo.

- Um mensageiro chegou. O rei logo estará aqui e não temos muito tempo. Fique aqui enquanto eu chamo Thánatos. Elas devem acordar e repor a energia perdida.

Mélas olhou para ele incrédulo.

- Vai despertá-las? Acha que poderá segurá-las com o seu poder ilusório? Acha, por acaso, que é mais poderoso do que qualquer um de nós?

- Eu não pretendo segurá-las com meu poder ilusório. Criarei um escudo de Nod para impedi-las de sair. Esse recurso já demonstrou ser bem eficiente.

- Se é tão eficiente, por que não o criou antes?

Leukós, impaciente, virou-se e agarrou a garganta do mago negro.

- Me custa energia criar um escudo desses, seu idiota! É uma criação

somente minha e o rei-feiticeiro precisará muito de minhas ilusões para alcançar o que deseja. Se eu tivesse criado um escudo desde o início, não poderia ajudar a concretizar o nosso plano. Para fazer isso, eu terei que enfraquecer o escudo que rodeia a fortaleza e canalizar o meu poder para esta sala. Você está me entendendo?

Mélas balançou a cabeça, apavorado. Leukós o soltou.

- Enquanto eu faço o meu trabalho aqui, vá providenciar alimento para elas.

Mélas piscou os olhos.

- Agora, além de soltá-las, vai lhes dar comida?

- Elas acordarão, Mélas. Precisarão repor o que perderam. Durante o sono, elas não precisavam disso, mas agora é diferente. Agora vá, antes que eu perca de vez a minha paciência!

As correntes foram tiradas e Thánatos as deixou somente quando Leukós lhe deu o sinal de que podia fazer isso. O escudo havia sido criado com perfeição. Leukós aguardou que Thánatos saísse e ficou observando as duas Luminas.

Jael foi a primeira a abrir os olhos. Ela piscou e respirou fundo. Estava livre do poder dos magos, mas fisicamente sentia-se moída. Ela virou-se de lado e sem conseguir se controlar vomitou no chão de pedra. O líquido verde e amargo do seu estômago vazio foi tudo o que saiu de sua boca. Deborah continuava de olhos fechados, mas logo acordaria. Sua respiração já anunciava o despertar da consciência. Leukós sabia que essa demora era a consequência de ter usado o seu poder em Mélas. Ela precisaria de mais tempo do que Jael para se recuperar.

Jael virou-se para ele e limpou a boca com a manga da túnica.

- É a sua vez agora? O que vai fazer conosco?

- Você tem a língua afiada como sua espada, Guardiã. Está fraca, mas ainda assim me confronta.

Jael respirou fundo e sentou-se na cama de pedra. Ela viu as correntes no chão e estranhou.

- Por que nos soltou?

- Vocês não estão livres. Ficarão aqui e recuperarão as forças que perderam.

- Está preocupado com isso? Talvez não seja nossa vontade recuperar as forças para que vocês façam uso delas.

Leukós ergueu uma sobrancelha.

- É bastante observadora. No entanto, precisarão delas caso queiram tentar

fugir novamente, não é?

Jael não respondeu e ele riu.

- Conheço vocês o suficiente para saber que lutarão até o fim.

Ele lhe deu as costas e saiu pela porta. Uma luz alaranjada envolvia a abertura. Jael suspirou. Eles haviam plantado ali um escudo de Nod. Ela desceu da cama e foi até Deborah. A irmã abriu os olhos e, assim como ela, a primeira coisa que fez foi expelir a bÍlis do estômago. Depois disso, Deborah voltou a deitar com as mãos sobre o rosto.

- O mundo parece girar feito louco – ela gemeu.

- Sua pele está fria – Jael estranhou. – Usou algum poder?

- Eu tive que impedir Mélas de continuar nos atormentando.

- E o que fez?

Deborah olhou para ela e sorriu.

- Manifestei a Palavra de Autoridade. Nunca precisei fazer isso antes. É verdade que tive de usar a energia que me restava, mas foi muito bom ver a reação do mago.

Jael suspirou.

- Espero que ele não queira revidar o orgulho ferido.

Deborah tentou sentar, mas teve que segurar-se em Jael.

- Não poderia fazer isso, por mais que esta seja sua vontade. Enquanto os Tronos existirem em Hedhen, a ordem dada permanece. De momento, três magos são mais do que suficiente para nos causar danos.

Ela olhou para a porta e viu a luz alaranjada.

- Um escudo?

- Parece que encontraram uma nova maneira de nos manter encarceradas – Jael resmungou.

Deborah ficou em pé, sentindo-se menos tonta.

- O que acha que eles pretendem, Jael?

- Eles querem usar o nosso poder de luz para alguma coisa.

Deborah a encarou.

- Não podem nos forçar a isso.

- Será que não? Francamente, eu temo o que possa estar vindo em nossa direção. De qualquer forma, Leukós tinha razão.

Deborah ergueu uma sobrancelha.

- Leukós?

- Ele afirmou que lutaríamos até o fim. Não sei o que vão fazer, mas eu preciso repor o que perdi. Precisamos da luz para lutar contra eles, Deborah.

Deborah pôs a mão em seu ombro.

- Jael, a nossa luz não aceitará ser usada pelas trevas. O nosso poder não responderá a uma causa que não é a nossa. Eles poderão tentar, mas haverá uma reação contrária.

- Tem certeza disso?

- Sim, eu tenho – havia certeza na voz de Deborah. – O que nos foi dado não pode ser manipulado. Nosso poder tem regras que residem na luz.

- Acredito em você.

O vulto passou pela porta do jardim sem ser notado. A noite já ia alta e o Santuário de Shilloh se encontrava em silêncio. Aquela porta sempre ficava aberta para os viajantes e, apesar dos perigos que rondavam a terra de Hedhen, esse costume permanecia inalterado. Entrando silenciosamente, a sombra parou diante da coluna sobre a qual a Chama Sagrada queimava. Ajoelhou-se ali apenas o tempo suficiente para não despertar suspeitas. Ele não podia ver ninguém, mas poderia estar sendo observado. Era imprescindível que o tomassem por mais um visitante que, de passagem, adentrou no santuário para comungar com o Pai-Criador. Enquanto estava ajoelhado, ele pegou um saquinho de pano que estava amarrado ao seu cinto. Ele sorriu ao sentir o peso. Tinha o bastante para o que ele ia fazer.

Olhando em volta, viu o que procurava. O assunto era corrente em toda a cidade. Duas árvores cresceram no Santuário de Shilloh da noite para o dia. Um dia eram apenas duas mudas e antes que a semana terminasse já haviam se tornado árvores em potencial. Duas Oliveiras. Muitas línguas diziam que era o sinal de uma Profecia. A sombra sorriu. Ele sabia muito bem qual era essa Profecia. Ele estava ali numa missão. O rei-feiticeiro delegou-lhe pessoalmente sua tarefa. Agora ele estava ali, após uma cansativa viagem. Mas o coração lhe palpitava de satisfação pelo que ia fazer. Erguendo-se, ainda meio encurvado, numa suposta atitude de respeito pela Divindade, ele foi caminhando lentamente para o jardim. Ali, diante das duas árvores, ele parou. Abrindo o portão, ele entrou no meio do pequeno cercado e ajoelhou-se no meio das árvores. Abrindo o saquinho, ele derramou pó amarelo sobre o ponto onde ficava localizada a raiz. Ele sabia que era ali, pois podia sentir a vibração por baixo do solo. O pó penetraria na terra e logo começaria a fazer o seu trabalho. Ele precisava apenas observar e garantir o sucesso do plano. Não lhe agradava ter que usar o machado, caso o pó fracassasse.

Pela manhã, Hulda estranhou a ausência de Davi e Eva. Os dois geralmente acordavam primeiro do que todos os outros no palácio. Ela tomou o desjejum junto com os sacerdotes e em seguida foi até a arena. Eles não estavam ali. Na

estrebalaria, os cavalos comiam sua refeição despreocupadamente. Subitamente ela teve um medo repentino e correu para a escadaria. Nathan e Áquila encontravam-se na porta. Os sacerdotes olharam para ela com as caras assustadas.

- O que aconteceu, Hulda? – perguntou Nathan.

- Eu não sei! – ela estava ofegante. – Um pressentimento. Eva... Davi... Onde eles estão?

Áquila, ao ouvi-la dizer o nome dos jovens príncipes, deu meia volta e entrou correndo no palácio. Ele subiu as escadas em direção à ala dos quartos, seguido direto por Nathan e Hulda. Ao abrir a porta do quarto de Davi, eles viram o rapaz arfando como se não conseguisse respirar. As mãos agarravam o lençol da cama e o cabelo grudava-se em seu rosto devido ao suor que lhe escorria. Áquila correu para ele, mas não sabia o que fazer. Hulda, entretanto, já saía em direção ao quarto de Eva. A porta estava entreaberta e a moça caída de bruços no chão. Ela segurava o próprio peito com a mão direita e uma luz verde emanava dela. Eva estava consciente e Hulda a ajudou a virar.

- Leve-me até... Davi – ela pediu. – Ajude-me a... chegar até ele...

Hulda apoiou Eva e a arrastou até o quarto do rapaz. Os sacerdotes lhes deram passagem. Eva subiu na cama e tocou o peito de Davi com a outra mão, que começou a ficar luminosamente verde. O rapaz passou a respirar com mais facilidade. Ela estava provendo a cura para os dois, mantendo-os vivos. No entanto, Hulda percebeu que ela se esgotava aos poucos e lembrou-se da conversa que tivera com Davi.

- Áquila, eles precisam de proteção! Toque-os! Você traz a presença de Nod para este palácio. Eles precisam do seu toque.

- Do que está falando? – ele parecia atônito.

- Faça o que eu disse. Depois eu explico tudo.

Áquila tocou os dois jovens e Eva suspirou aliviada. Sentia-se mais fortalecida. Davi já conseguia falar e virou-se apavorado para a profetiza.

- As árvores, Hulda! Aconteceu algo com elas. Eu posso sentir.

Nathan pegou no braço de Hulda.

- O que temos que fazer? – perguntou o sacerdote.

- Precisamos ir para Shiloh sem demora – ela olhou para Áquila. – Não os deixe!

- Eu não os deixarei. Vão!

Quando eles chegaram à Shiloh, pararam os cavalos a meio caminho do portão.

- Fechado! – espantou-se Nathan. – Esse portão não fica assim desde a

ascensão dos Tronos.

- Isso prova que algo está muito errado, Nathan. Vamos!

Ela pôs velocidade no cavalo e ao chegar diante do portão, este empinou as pernas dianteiras e abriu o portão de madeira com violência. Nathan a seguia logo atrás com uma espada curta em suas mãos. Apesar de pequeno na estatura, Nathan era um guerreiro experiente. O santuário estava vazio. Apenas a Chama Sagrada permanecia brilhando. Ela desceu do cavalo com o bastão de bronze em sua mão. Nathan observou como Hulda parecia ter rejuvenescido diante do acontecido. Os dois caminharam em direção ao jardim. O seu objetivo era chegar ao cercado das árvores, mas temiam o que poderia ter acontecido com Simeão e Ana.

Eles pararam diante das árvores, mas seus olhares estavam voltados para um dos bancos do jardim. Simeão e Ana estavam sentados e amarrados de costas um para o outro. Hulda percebeu o hematoma sobre o olho de Simeão e quis se adiantar para tirá-lo de lá, mas Nathan puxou-lhe a manga da túnica. Por detrás das árvores surgiu a figura de um mago. Ele estava vestido de negro e mal se via o seu rosto. Ele tinha um machado de cabo comprido nas mãos e sorria maldosamente.

- Quem é você? – ela perguntou.

- Magos não deviam ter nomes – ele falou com uma voz engasgada. – Considero-me apenas um servo do rei-feiticeiro.

- E o que pretende com esse machado? Os magos de Jabim agora saem por aí cortando árvores? – Nathan nem queria pensar no que aquele machado poderia fazer.

O mago tocou no tronco de uma das oliveiras.

- O tronco ainda tem vida, quando já devia estar secando – ele ergueu o machado. – Isto é apenas por precaução.

Hulda podia ver, aos pés do mago, o pó amarelado que parecia forçar sua entrada para debaixo da terra. Ela sabia que a força que o empurrava para cima vinha do poder das Duas Oliveiras da Profecia, ou seja, Davi e Eva. Enquanto Eva conseguisse manter o seu poder de cura, o pó não venceria a luta. O mago, entretanto, parecia desconhecer esse fato. Ele, com certeza, não havia notado a grande quantidade de pó que a terra começava a expelir para cima. Ela só temia que, ao perceber isso, ele não hesitasse em usar o machado.

Como se adivinhasse seus pensamentos, o mago olhou para baixo e pareceu surpreso ao ver o produto de sua magia ser cuspidos da terra. Nathan aproveitou o momento em que o mago baixou os olhos, para enviar um escudo de proteção em volta das árvores. Era um escudo pequeno, mas com poder

suficiente para conter golpes de machado. O mago sentiu o poder do escudo em volta dele e ergueu a cabeça. Hulda o atingiu abaixo do queixo com o bastão, fazendo-o voar para o chão. O capuz caiu e uma cabeça completamente calva surgiu. Na queda o homem havia soltado o machado e Nathan, sem perder tempo, pulou sobre ele, apropriando-se da mortífera arma. O mago olhou para a profetiza que colocara o bastão apontado para sua garganta. Ele sorriu de maneira desagradável.

- A terra não expeliu todo o pó. É apenas uma questão de tempo para que a raiz seque e suas queridas árvores morram. Não há como reverter o processo.

Hulda, com raiva, atingiu o mago entre as pernas. Como qualquer homem, ele encolheu-se e após um doloroso estremecimento, perdeu a consciência.

- Isso foi o que eu chamo de um golpe baixo – murmurou Nathan.

Hulda olhou para ele apavorada.

- Ele tem razão quanto ao pó, Nathan. O que faremos?

Nathan manteve sua calma habitual e pensou.

- Lembra-se da história que Deborah nos contou sobre o envenenamento das águas naquela pequena aldeia das montanhas?

- Sim, é claro que eu me lembro!

- Ela conseguiu curar as águas com o poder da luz, Hulda.

Hulda suspirou impaciente.

- Eu me lembro disso, Nathan. O problema é que Deborah não está aqui.

- Mas você está.

Ela o olhou espantada, e piscou os olhos.

- Hulda, você é a Portadora da Luz. Esse título tem que significar algo grande. Talvez você possa prover a luz que não temos no momento.

Hulda largou o bastão e ajoelhou-se entre as duas oliveiras. Com as duas mãos voltadas para baixo, ela fechou os olhos.

- Grande Pai, se foi para isso que me deste esse poder que até pouco tempo era desconhecido para mim, permita-me curar essas árvores e dissolver esse pó das trevas com a tua luz. Eu creio que existe luz dentro de mim, do contrário eu não seria sua portadora. Manifeste o seu poder através de minhas mãos.

As mãos de Hulda não brilharam com nenhuma luz, mas foram envoltas pelas chamas. Era um fogo que não queimava. Ela sentiu o poder dentro dela e tocou a terra com as mãos. As chamas foram instantaneamente engolidas pela terra. Ela fechou os olhos e sentiu a chama correr por entre a raiz, queimando todo o resíduo de pó amarelo. Era como se a chama fosse uma extensão dela própria. Quando a raiz respirava livremente, as chamas retornaram para suas mãos e foram se apagando lentamente.

Nathan havia corrido até Simeão e Ana e cortado as cordas que os prendiam. Os três olhavam de boca aberta o feito que a Portadora da Luz acabara de realizar. Mais um mago fora derrotado e as duas oliveiras estavam salvas.

Davi respirou fundo. Ele sentia que tudo estava bem. As árvores haviam sido salvas. Seus olhos encontraram os de Eva.

- Está tudo bem, Eva – ele falou. – Não há mais nenhum perigo.

A moça assentiu e caiu desmaiada sobre ele quando a luz que envolvia suas mãos se extinguiu. Áquila também parecia cansado. O sacerdote sentou-se em uma cadeira com a cabeça apoiada nas mãos. Davi, delicadamente, tirou Eva de cima dele, deitando-a ao seu lado. Ela dormia um sono tranquilo. Áquila ergueu a cabeça e olhou para o rapaz.

- O que aconteceu aqui?

- As árvores do Santuário de Shilloh estão vinculadas a nós, Áquila. São como um espelho daquilo que representamos. Assim como as duas oliveiras extraem, através da raiz, a força da terra, eu e Eva extraímos de Nod a nossa força. A força que alimenta o nosso poder está na terra que se liga a nós pela Profecia. Hoje, você, mais do que qualquer outro, estava cheio dessa força que necessitávamos. A sua essência é de Nod.

- Nunca pensei que tal coisa fosse possível.

Davi sentou-se e sorriu.

- Ninguém pensou. Viver a Profecia é aprender algo novo a cada dia, sacerdote. Ela sempre nos surpreende.

O mago foi amarrado a uma das colunas do jardim, enquanto se encolhia com gemidos dolorosos. Nathan observava com um sorriso divertido nos lábios.

- O efeito do seu golpe está sendo bastante duradouro, minha cara Hulda!

- O efeito é um reflexo do desejo que nos invade na hora, Nathan. Devo confessar que estava com muita raiva.

Ana e Simeão se aproximaram deles.

- Eu enviei um servo até o templo – disse Simeão. – Pedi-lhe para solicitar a Salum um grupo da Ordem para escoltar o mago.

- Você agiu corretamente, Simeão. No entanto, eu creio que o mago não durará até a chegada da Ordem.

- Por que não, Nathan? – Ana olhou para o mago. – O golpe de Hulda foi assim tão grave?

A profetiza sorriu diante do comentário de Ana.

- Não, Ana. Nathan está se referindo ao fato de que os magos possuem o dom de morrer ao serem capturados. Não acontece com todos, é claro. Apenas com aqueles que entregaram totalmente a sua vida nas mãos de Jabim. Essa magia age como um pacto de fidelidade. Eles simplesmente desejam morrer e... morrem.

Simeão suspirou e virou o rosto para não ver o tom azulado da pele do mago. O processo começava a acontecer diante de seus olhos.

- Ainda que seja um mago, não quero ficar aqui vendo alguém morrer.

Ele caminhou para dentro de casa e os outros o seguiram.

- Se quiser, o tiraremos do santuário para que a morte não ocorra nesse lugar – falou Nathan.

- Não se preocupe com isso, Nathan – Simeão sentou-se. – Shilloh continuará sendo o que é. Isso não vai destruir o espírito desse lugar.

Ele olhou a sério para o sacerdote e para a profetiza. Ana deu um passo à frente e pegou nas mãos de Hulda.

- Era isso que você queria descobrir a seu respeito naquela ocasião, Hulda? Que a Chama de Shilloh achou morada em suas mãos?

- Ana, eu não sei se poderia concordar com sua afirmação. É cedo demais para isso. Eu não sabia o que podia fazer até esse momento. Mas fico feliz por tê-lo conseguido.

Nathan encarou Simeão.

- As árvores precisam de proteção, Simeão. Jabim sabe sobre elas e sobre a Profecia de Nod. Não podemos arriscar. Chegou o tempo de tratá-las não apenas como árvores, mas como espelhos de Eva e Davi. A vida deles depende disso. Não duvido que possam surgir novos ataques.

- Eu entendo, Nathan. Tem sido uma grande alegria para mim, cuidar dessas árvores, mas reconheço que a proteção que elas precisam, eu não posso dar.

Hulda olhou para Nathan.

- O que pretende fazer?

- Manter o escudo que criei em volta delas. Simeão não poderá tocá-las. Ninguém o fará. Elas já deram provas de que são auto-suficientes. O escudo as manterá em segurança e reagirá a qualquer aproximação. Faço isso para proteger a vida das Duas Oliveiras da Profecia. Nosso futuro depende disso.

Noa passou a manhã no templo de Aroer, ajudando Zoar a preparar os sacerdotes para a guerra que se acercava. A experiência dela como comandante da Ordem de Zelofeade nunca seria esquecida, mesmo tendo feito a escolha por uma vida mais simples. Enquanto ela observava o jovem príncipe dando

instruções para sacerdotes bem mais velhos que ele, ela se deixou elevar o pensamento para os filhos. Naquela mesma manhã, pelo poço das visões recém adquirido por Aroer, ela pôde se comunicar com Abinoão e falar com as crianças. Os pequenos gêmeos estavam eufóricos ajudando na reconstrução das aldeias. A ameaça de Jabim não pesava mais no norte, pelo menos não depois da derrota dos Filhos de Ogue. Zoar terminou com as instruções e liberou os sacerdotes. Ele aproximou-se de Noa com um sorriso que não disfarçava as olheiras.

- Está fazendo um bom trabalho, príncipe, mas não será de muita ajuda se não tirar um tempo para si mesmo. Acredito que irá querer marchar na frente de seu exército sacerdotal.

- É verdade. O meu lugar é com eles, Noa. Quanto a ir descansar, não sei se conseguiria pensar em outra coisa agora.

Enquanto conversavam, o velho Jethro aproximou-se deles. Zoar fez uma mesura com a cabeça em respeito ao velho mestre. Noa o imitou e sorriu com admiração.

- Posso ajudá-lo em alguma coisa, mestre Jethro? – o rapaz perguntou.

- Coloque-me em seu exército, meu príncipe.

Zoar quase engasgou com a proposta de Jethro.

- Eu não penso que...

O velho deu um passo resolutivo e firme para frente.

- Esta não é uma guerra na qual terei que levantar uma espada – a voz de Jethro era tão firme quanto a sua atitude. – O que precisarei erguer ainda está em pleno funcionamento. Meus dons sacerdotais ainda são fortes e podem ajudar os mais inexperientes e fracos.

Zoar olhou para Noa em busca de ajuda. Ela respirou fundo e sorriu para Jethro.

- Aroer terá um exército de peso com a presença de homens como você em seu meio.

Jethro sorriu para ela e inclinou a cabeça em agradecimento.

- Mas, Noa...

- Desculpe-me Zoar, mas a força de um sacerdote aumenta com os fios brancos de seus cabelos – ela disse. – Eu confiaria em um homem como Jethro lutando ao meu lado.

Zoar suspirou e passou a mão no rosto.

- Muito bem, mestre Jethro. Pode se unir aos outros sacerdotes. No entanto, ao começarmos a marchar, quero-o ao meu lado, entendeu?

Os olhos do velho brilharam.

- Marcharei com muito orgulho, meu príncipe.

Eles ficaram vendo o velho se afastar com passos firmes.

- Tem certeza de que fiz o certo? – ele perguntou.

- Zoar, um homem como Jethro pode ser uma peça de valor incalculável nessa guerra. Eu posso reconhecer o potencial de um sacerdote quando vejo um.

Ele a olhou com curiosidade.

- E como isso acontece? Quero dizer, como a Ordem se vincula aos sacerdotes?

Ela cruzou os braços e adotou uma expressão séria.

- Todos nós possuímos um corpo que nos liga à terra e um espírito que nos liga ao Pai. A alma que fica entre os dois, luta com ambas as naturezas. Todos nascem dotados de corpo, alma e espírito. Sacerdotes e não-sacerdotes. Quando desde cedo encontramos motivação para exercitar nossa alma no campo espiritual, este se torna mais forte. Isso ocorre, principalmente, se encontramos alguém que nos ajude a entender. Dessa forma surgiu a Ordem Branca. Os sacerdotes puros não possuem esse dilema, pois eles simplesmente já nascem com o espírito pronto para estar no controle da alma. Mas para aquelas pessoas que não têm a certeza, apenas o chamado, a Ordem está aberta. Nela nós aprendemos a tomar esse controle que, para vocês, sacerdotes natos, já é um fato natural.

- Então, além do fato de não nascerem naturalmente como sacerdotes, não há nada que os tornem diferentes de nós. Principalmente após aprenderem a dominar a alma. Você é uma sacerdotisa, Noa!

Ela riu.

- Existe uma diferença, Zoar. A ordem se propõe a fazer isso, a treinar o controle da alma no campo espiritual, mas também ensina a exercitar esses dons com armas. Os nossos dons jamais se comparariam aos de um sacerdote puro. Nós temos nas armas aquilo que nos completa.

- Sacerdotes guerreiros – ele murmurou.

- É isso o que somos – ela fez uma pausa e suspirou. – Ou melhor, o que eu já fui.

Ele pôs a mão no ombro dela.

- Você sempre será uma sacerdotisa guerreira, Noa. Mesmo que passe o resto de sua vida no meio da Floresta de Quedes, ainda será o que é.

Noa deixou o templo e encontrou Sangar sentado no degrau. O marido parecia abatido enquanto tentava acertar uma pedrinha na entrada de um formigueiro. Ela sentou-se ao seu lado e o envolveu com os braços.

- Aconteceu alguma coisa? Eu pensei que estivesse supervisionando a forjadura das espadas junto com Héber.

- Eu estava, mas de repente senti saudades – ele sorriu.

- Não me parece muito empolgado por me ver, apesar dessa saudade.

Ele a olhou nos olhos.

- Eu ouvi o que você dizia para Zoar... Sobre a Ordem.

Noa esperou que ele continuasse. Sangar voltou a olhar para baixo e suspirou.

- Eu comecei a me perguntar se fiz o certo ao levá-la comigo para Quedes. A floresta não é o lugar apropriado para uma sacerdotisa como você.

Havia um tom amargurado em sua voz. Noa pegou em seu queixo e o forçou a olhar para ele.

- Sangar, preste atenção ao que eu vou lhe dizer. Faz cinco anos que eu deixei a Ordem e fui viver com você em Quedes. Esses foram seguramente os anos mais felizes da minha vida. O que eu falei para Zoar é verdade e o que ele me disse também. Eu não deixarei de ser quem sou por estar vivendo em uma floresta. Mas isso não quer dizer nada. Você me deu uma vida nova. Você me deu filhos lindos. São coisas que eu jamais pensei em ter um dia. Aceitei essa vida com o coração aberto, meu querido. Você tem que me aceitar como sou e não ficar se questionando por isso a toda hora – ela tomou fôlego e continuou. – Estamos numa guerra. Assim como Sarah teve que assumir a sua condição de gadita quando já se considerava parte dos Queneus, talvez a minha posição na Ordem seja exigida nessa peleja. Eu também devo honrar o que sou, pois o Pai me fez assim. E depois, quando tudo isso acabar, nossa vida poderá ser escrita novamente entre as árvores da Floresta de Quedes, que é o meu lugar. Ao seu lado e ao lado de nossos filhos.

Ele sorriu e a beijou com paixão.

- Desculpe-me Noa. Sou um ignorante nesses assuntos e tenho muito medo de perder você.

- Você não é ignorante, Sangar. Você é o senhor de Quedes.

- Talvez você possa criar a Ordem da Floresta quando tudo isso acabar – brincou ele.

Ela riu.

- Vejo que seu senso de humor não foi tão longe.

Sangar levantou-se e estendeu-lhe a mão.

- Venha, minha esposa. Vamos dar uma volta e nos perder um pouco no meio daquelas pedras que cercam o palácio.

Noa deixou-se levar com um sorriso nos lábios.

Zoar encontrou Rebeca quando esta saia da armaria. As forjas trabalhavam rápido e caixotes cheios de espadas novas chegavam a todo momento. Ela e Rute ajudavam a distribuí-las para os guerreiros cujo nome já constava da lista de alistamentos. Não era um trabalho apreciável. Na realidade, era bastante cansativo. Ela sorriu ao vê-lo.

- Príncipe Zoar – ela o cumprimentou com uma reverência.

- Não me dê títulos que já não uso, por favor – ele disse sorridente. – Não passo de um sacerdote.

- Isso quer dizer que será um dos principais guerreiros nessa batalha.

- Nisso eu reconheço que está certa.

- Estava indo para a armaria?

Zoar suspirou.

- Isso é extremamente complicado para mim. Sacerdotes não foram ensinados a se ocupar com armas, no entanto, creio que Babilos forjou alguns bastões e cajados com o ferro negro da Pedra do Céu. Esse poder será usado em nosso favor nessa guerra.

Rebeca sorriu.

- O navio com a carga de Babilos aportou esta manhã. Eu estou indo até o ancoradouro me encontrar com Eunice.

- Posso acompanhar você? – ele lhe ofereceu o braço.

Rebeca hesitou em aceitar a oferta, mas ao ver a ansiedade quase infantil nos olhos do rapaz, não teve escolha.

- É claro... Zoar. Seria um prazer ter a sua companhia. Mas devo recusar o seu braço, pois sou uma guerreira e me encontro em serviço. Não ficaria bem chegarmos ao porto como se estivéssemos passeando.

Ele riu.

- Acabo de me arrepender por ter lhe pedido para esquecer meu título! Dessa forma eu poderia obrigá-la a aceitar minha oferta. Mas eu não sou um tirano e gosto da sua franqueza. Apreciaria a sua companhia de qualquer forma. Vamos?

Eles desceram juntos o caminho que levava ao ancoradouro.

- Posso lhe perguntar algo pessoal? – ele falou com certa timidez.

- Fique a vontade.

- Noa me falou sobre a Ordem e eu fiquei pensando... Você possui algum dom sacerdotal?

- Você está falando do chamado?

- Sim, eu acho que ela falou nessa palavra.

Rebeca respirou fundo e chutou uma pedra.

- O chamado não quer dizer necessariamente que você tem o dom sacerdotal. A vontade existe e a Ordem vai ajudar a aprimorar aquilo que você já possui.

- O lado espiritual?

- Isso mesmo. Às vezes, o mundo e sua futilidade não alimentam o seu coração. Você busca algo mais. A vontade de alçar um vôo mais longo pode ser tudo o que você precisa para adequar a sua alma com os assuntos do espírito.

- E onde exatamente você se encaixa? – ele a olhou com curiosidade.

- Eu diria que sou uma alma faminta.

Ambos riram.

- Sabe de uma coisa, Rebeca? Eu poderia lhe ensinar muitas coisas.

A moça sentiu o rosto ficar vermelho e baixou a cabeça. Zoar se deu por satisfeito e manteve-se calado até chegarem ao navio.

Capítulo 39

O Poder Roubado

Héber acompanhou Barak até o terraço da torre. De lá, a vista era impressionante. O rio, lá embaixo, parecia um córrego. Um navio se encontrava ancorado, pronto para liberar mais uma carga. O rei pousou as mãos na parede e manteve-se em silêncio. Héber aguardou que Barak lhe expusesse a razão de tê-lo chamado para uma conversa particular. Desde que Jael lhe passara a luz dos Luminares e ele seguia portando um sinal nas costas, sua intuição estava mais alerta do que nunca. Ele se colocou ao lado do rei.

- Barak, eu não sou um menino. Sou um homem, um guerreiro. Seja lá o que for que você tenha para me dizer, eu estou pronto para ouvir.

Barak balançou a cabeça sem levantar a vista.

- Eu temo que não, Héber. O que eu tenho para lhe dizer é algo que vai abalar você da mesma forma que abalou a mim, meu irmão.

Héber pôs a mão forte sobre o braço do rei.

- Davi? Aconteceu algo com ele? Jabim ousou atacar nossos filhos de alguma forma?

Barak o encarou com os olhos úmidos.

- Jabim ousou lançar um ataque, sim, mas não contra nossos filhos.

Héber sustentou o olhar de Barak com incredulidade.

- Jael?

Barak não respondeu de imediato e Héber o agarrou pelos ombros,

sacudindo-o e esquecendo que o homem a sua frente era o rei de Hedhen.

- Pelo Grande Pai, Barak, o que aquele rei pervertido fez?

- Jael e Deborah foram capturadas por magos vindos de Nod, a serviço de Jabim – a voz de Barak era forçosamente calma.

Com um grito de raiva Héber o soltou e virou-se para a vista que dava para o rio.

- Deborah também? Como ele conseguiu isso? O que ele pretende fazer com elas?

Barak pousou a mão no ombro de Héber.

- Eu me pergunto isso a cada minuto desde que recebi a notícia.

Héber o encarou com o olhar de um homem desesperado.

- O que vamos fazer, Barak? Eu não vou deixar Jael sofrer nas mãos de nenhum mago!

- Héber, precisamos ter calma e agir com sensatez. O inimigo é muito astuto.

O rei de Hazorah franziu as sobrancelhas.

- Você pensou em algo?

- Eu tenho um plano.

Quando eles desceram da torre um homem os esperava lá embaixo. Héber sorriu ao ver o sacerdote que os aguardava enquanto caminhava pelo pátio com as mãos nas costas.

- Otoniel! – Héber exclamou. – O que faz aqui?

Otoniel riu alegremente e o abraçou. Barak vinha logo atrás. O sacerdote fez uma reverência antes de abraçar o rei.

- Não o esperávamos aqui, Otoniel – disse Barak. – Mas é um grande alívio saber que teremos a presença de um dos alto-sacerdotes das Cavernas do Sal conosco.

- Eu agora sou um simples professor em Babilos, majestade – disse Otoniel com humildade.

Barak riu.

- Nunca deixará de ser um alto-sacerdote, mesmo que tenha aprendido a dormir em cima de livros.

- É realmente uma surpresa tê-lo aqui – falou Héber com sinceridade.

Otoniel perscrutou o rosto de ambos e sentiu o problema no ar.

- O navio de Babilos trouxe para vocês mais do que caixas de suprimentos e armas. Um grupo seletivo de sacerdotes, prontos para entrar na batalha, completou o carregamento. Viemos na frente de mais dois navios que deverão trazer os outros grupos.

Ele olhou para Héber e suspirou.

- Finéias insistiu em vir, Héber. Espero que não haja problemas.

O rapaz sorriu e balançou a cabeça.

- Acha que ainda estou aborrecido com ele, pelo fato de quase ter matado Jael? São águas passadas, Otoniel. Finéias percebeu o próprio erro há muito tempo e se dispôs a aprender mais. Para mim isso foi uma grande prova de humildade e arrependimento verdadeiros. Ele é um grande sacerdote e fará diferença nessa guerra.

Otoniel deixou a mão forte cair sobre o ombro de Héber.

- Isso me alegra e alivia ao mesmo tempo – o sacerdote, ainda com a mão no ombro de Héber, olhou para o rei. – E agora, me contem qual é o problema que aflige os seus corações? Sei que estão angustiados com alguma coisa além da guerra. Não podem esconder isso de um sacerdote, principalmente de mim, que os conheço já há muito tempo.

Barak assentiu e curvou os ombros, rendendo-se ao próprio fardo.

- Otoniel, foi o Pai que o enviou até nós. Eu lhe contarei tudo e espero que seus conhecimentos possam nos trazer alguma luz.

Os magos pareciam ocupados demais com alguma coisa. Quando perceberam que o escudo de Nod era suficiente para contê-las naquela sala sem que causassem problemas, designaram apenas dois ou três homens de Amal para estar de vigia. Deborah e Jael não tinham nenhuma noção do tempo decorrido naquela prisão. Aquilo as angustiava. Estavam na casa do inimigo e, a cada dia, os guardas faziam questão de lhes contar os preparativos que estavam sendo feitos para a guerra. Jabim não poupava nenhuma arma que tivesse em mãos. Os relatórios diários faziam parte da tortura psicológica a que estavam sendo submetidas. A calma de Deborah já havia se evaporado por diversas vezes e, se não fosse pelo escudo, aqueles guardas teriam sido cegos por sua luz. Jael, num momento de raiva, esquecera o escudo quando avançou para um dos homens. O impacto a lançou contra a parede, mas não acalmou a sua fúria. Entre as palavras ditas por eles, estavam ameaças a seus filhos e maridos, gestos obscenos e insinuações de como eles queriam que Jabim as tratasse. Naquele dia eles zombavam e riam, como era o seu costume. Jael encolheu-se e pôs as mãos nos ouvidos.

- Eu nunca pensei em fazer mal para ninguém, mas se sairmos desse lugar com nossos poderes, não me responsabilizo pelo que farei – ela sussurrou entre dentes. – E não tente me deter.

- Não tenho o direito de fazer isso – Deborah apoiou a cabeça nos joelhos. – Iria contra a minha própria vontade.

De repente eles pararam. As duas se entreolharam e ficaram de pé. Alguém se aproximava. Os guardas da cela, agora em respeitoso silêncio, afastaram-se para dar passagem ao mago vermelho. Um grupo de seis homens o seguia e Thánatos vinha logo atrás. Pyrrós entrou na sala com um gesto pomposo. O mago parou diante delas com as mãos na cintura e sorriu satisfeito.

- Parecem ter recuperado as forças. Isso é bom! O rei chega essa noite e não irá perder tempo, portanto dêem adeus a esse lugar.

- Para onde vai nos levar agora? – Jael perguntou.

Pyrrós estalou os dedos e o grupo de homens que o seguia avançou. O mago vermelho respondeu com a voz fria e cortante.

- Para um lugar bem menos agradável do que este. Um lugar em que, enfim, o meu poder não poderá ser contido.

Jael procurou o olhar de Deborah e percebeu que a irmã estava tão apreensiva quanto ela. As correntes de Nod foram colocadas em volta de seus pulsos. Elas viram Thánatos aguardando na porta e Pyrrós sorriu.

- Thánatos as porá para dormir quando houver necessidade, já que Mélas se encontra inutilizado – ele olhou para Deborah. – Ele mereceu a lição que recebeu, mas não pense que será tão fácil com os outros e comigo. Contenha o seu poder para quando ele for requerido.

Deborah o encarou.

- O meu poder pertence a mim. Ninguém vai me dizer o que fazer com ele.

Pyrrós a olhou de alto a baixo. Ele ia falar algo, mas ela foi mais rápida.

- Não foi apenas um mago que caiu diante de mim – a voz dela soou tão gélida quanto a dele.

Pyrrós olhou para Thánatos e o mago baixou a cabeça. Ele havia se humilhado ao utilizar o seu poder contra ele próprio, a fim de escapar da luz que emanava de Deborah.

- A história não se repetirá – resmungou Pyrrós. – Isso eu garanto.

O mago vermelho saiu na frente. Um homem puxava Deborah pela corrente e outros dois a ladeavam. A mesma formação foi usada com Jael. Thánatos fechava o cortejo. Ao passar pelos guardas, Jael ergueu a cabeça e olhou para cada um deles nos olhos. Ela queria lembrar daqueles rostos.

Elas foram levadas para o salão que era uma réplica do que havia no Monte da Lei. O poço negro que ficava no centro, assim como no Monte da Lei, possuía uma plataforma central com um pedestal. Sobre ela havia um estranho objeto. Era uma esfera brilhante de cor alaranjada. Parecia ter saído direto do fogo. Deborah foi levada até a borda do poço e a extremidade da corrente que a prendia foi presa a uma argola de ferro que saía do chão. Ela teve que se

ajoelhar, pois a corrente era curta. Jael foi levada para o outro lado do poço, de frente para ela e acorrentada da mesma forma. Elas podiam sentir o calor que subia através do poço, pois um rio de fogo passava lá embaixo. Pyrrós fez questão de verificar se as correntes estavam bem firmes. Quando se deu por satisfeito, ele caminhou até a borda do poço e olhou para baixo. O calor intenso o fez dar um passo para trás.

- Espero que apreciem o calor até a chegada do rei.

Ele virou-se e caminhou apressadamente para a porta. Thánatos ficou sentado em um banco de madeira, a certa distância de onde elas estavam. Os guardas permaneceram no local, espalhados e montando guarda. Pelo menos estes homens eram mais disciplinados que os outros e, durante a vigília, ficaram quietos observando a distância. Elas estavam relativamente longe uma da outra para conversarem, mas ainda havia o vínculo que as unia.

- “Você o irritou” – Jael falou em pensamento.

Deborah ergueu os olhos e a encarou.

- “Esses magos me ensinaram a como sair da razão. Ultimamente eu tenho agido sem pensar”.

Jael franziu a sobrancelha.

- “Isso não é bom. Eu contava com o seu bom senso para nos tirar daqui”.

Deborah não pôde deixar de rir.

- “E eu estava contando com sua impulsividade, minha irmã”.

- “As correntes de Nod nos limitam” – Jael pensou, erguendo os pulsos acorrentados.

Ela ajeitou o corpo e sentou-se. O suor escorria pelo pescoço e ela já sentia o ardor da sede na garganta.

- “O que mais ainda teremos que agüentar?” – ela pensou.

- “Jael, você lembra a ocasião em que Atalia tentou invadir sua mente e eu a protegi?”

- “Como eu poderia esquecer?”

Deborah olhou em volta. Thánatos olhava para elas de uma forma fixa, como se fosse uma estátua.

- “Talvez eles queiram nos forçar a usar o nosso poder, mas para isso terão que usar nossas mentes”.

- “Aonde você quer chegar?”.

- “Não podemos deixar isso acontecer. Vamos ter que proteger uma a outra, enquanto pudermos”.

- “E se o ataque for direcionado a ambas ao mesmo tempo?” – Jael perguntou sem muita esperança.

- “Então, a que estiver mais forte terá que lutar até os limites de sua força para se manter lúcida”.

Jael entendeu a lógica de Deborah, mas a estranha esfera alaranjada no pedestal lhe fazia perguntar a si mesma se seriam capazes.

O silêncio imperava no salão. Thánatos continuava plantado como uma estátua em seu banco e os guardas, entediados, pareciam temer irritar o mago com sua respiração. Jael virou-se para Thánatos.

- Não sei quais são suas ordens, mago, mas será que elas incluem nos matar de sede?

- Eu dou as ordens – a voz de Thánatos soava como um chiado saído do fundo da terra.

Apesar de ser o mais sinistro, Thánatos parecia ser, entre os magos, o mais controlado. Deborah, porém, sabia o que poderia estar escondido sob aquele manto de calma.

- Há muita água nesse poço – Jael continuou. – Poderia pedir a um dos homens para nos dar um pouco? Não temos como fugir.

O rosto do mago virou-se lentamente do seu estado letárgico e parou na direção de Deborah.

- Implore.

Deborah franziu as sobrancelhas e engoliu o último resquício de saliva que lhe restava. Jael olhou para ela em expectativa. Ela queria desesperadamente a água, mas preferia a sede do que ver a rainha de Hedhen implorar alguma coisa para aquele mago.

- “Não faça isso” – ela pediu.

Deborah olhou para ela visivelmente perturbada.

- “Onde acha que o orgulho vai nos levar? Não há necessidade de...”.

- “Não é questão de orgulho, Deborah. É humilhação. Eu posso implorar, mas você não”.

Antes que Deborah respondesse que não pretendia se render as exigências do mago, Jael se adiantou.

- Por favor, senhor, nos dê um pouco dessa água. Eu imploro por nós duas.

O mago continuou com os olhos fitos em Deborah.

- Você tem que implorar, rainha.

Deborah umedeceu os lábios secos.

- A sede pode enfraquecer tanto quanto a fome. Se o rei nos quer fortes ao chegar, eu sugiro que nos dê a água, pois o calor desse poço está sugando todo o líquido de nosso corpo. Você sabe a quem serve, mago. Por mim, eu não me importo de ficar sem condições de “ajudar” o seu rei.

O mago retesou os ombros e pareceu surpreso com a resposta dela. Jael agora não se importava com o resultado, pois sorria por dentro e sentia a alma lavada. Thánatos, lentamente, ergueu uma mão e chamou um dos homens. Ele ouviu as ordens do mago e encheu uma vasilha de barro no mesmo poço pelo qual elas haviam nadado e tentado fugir de sua prisão. O amalita aproximou-se de Jael e levou-lhe a vasilha aos lábios. Ela sorveu cada gole com avidez. Em seguida, ele foi até Deborah, mas antes de abaixar-se, virou para o mago como se pedisse confirmação. Deborah olhou para Thánatos com o olhar altivo. Ela ansiava desesperadamente por aquela água, mas não se dobraria. Ela devia isso a si mesma. Já passara pelas humilhações exigidas pela Profecia e não aceitaria outras, se as pudesse evitar.

- A força de apenas uma de vocês será o suficiente para o rei – disse o mago.

- Você sabe o que faz, mago – ela falou com firmeza. – Eu só não entendo por que estamos ambas aqui, se apenas uma é necessária.

O mago ficou em pé e Deborah notou que ele controlava a respiração. Com um gesto, ordenou que o homem lhe desse a água. Ela bebeu com prazer até estar saciada.

Quando o amalita se afastou, o silêncio voltou a reinar.

- “Me desculpe por pensar que se dobraria” – pensou Jael.

- “Faltou pouco. Por que você tinha que implorar?”.

- “Eu não queria que você o fizesse”.

Deborah fechou os olhos e escondeu o rosto entre os joelhos.

- “Tem que confiar mais em mim, Jael. Por favor, não faça isso de novo”.

Ele chegou acompanhado pelos três magos restantes e o que parecia ser um batalhão de edonitas. Thánatos e os homens que lá estavam se levantaram em sua presença, mantendo as cabeças levemente inclinadas. Jabim caminhou para frente, olhando para cima e analisando toda a grandiosidade daquele salão natural. Era a primeira vez que as duas Luminares viam aquele rei. Ele condizia com o seu título de rei-feiticeiro. Deborah achou que se um mago tivesse que seguir um modelo original, seria o daquele rei. Jael não conseguia desgrudar os olhos daquele homem que, por tanto tempo, fora o opressor do seu povo. O homem que matara o seu avô, não sem antes obrigá-lo a trabalhar para ele. O homem que se comprazia em torturar pessoas apenas como experiência.

- “Controle seus pensamentos, Jael. Posso sentir sua fúria”.

Com esforço, Jael afastou os olhos de Jabim e respirou fundo. Ela era uma Luminar. Não podia esquecer-se disso. Ela e Deborah precisavam manter a mente limpa a qualquer custo. Os olhos do rei finalmente pousaram sobre elas.

Nenhuma das duas o encarava. Havia perigo em olhar nos olhos de um mago e elas sabiam disso. Ele sorriu com orgulho.

- Há muita atmosfera de Nod aqui dentro – a voz dele era macia e levemente sedutora. – Edonitas e amalitas devem sair. Fiquem apenas os magos.

Quando os homens saíram, ele aproximou-se do poço e molhou a mão na água. O homem parecia ter um fascínio por águas paradas. Os magos puseram-se a distância, cada um para um lado específico. Jabim aproximou-se com passos lentos e parou entre elas, na borda do poço. As pernas abertas e arqueadas para trás e as mãos cruzadas nas costas. O seu olhar focava-se na esfera alaranjada.

- Por muito tempo, a terra de Hedhen julgou que o rei Jabim fosse um covarde – ele falou em um tom mortalmente tranqüilo. – Como não pensar? Um homem que fugiu de seu reino, abandonando seu exército em plena guerra e sumindo do cenário histórico.

Ele riu. Parecia refletir para si mesmo.

- Eu fiz o que qualquer um faria se estivesse prestes a afundar dentro de um barco furado. Busquei um navio forte, capaz de me levar para horizontes novos de conhecimento. Esse navio estava no deserto. Em Negger, eu visualizei a esperança do futuro – ele deu outra risada. – Não lamentei perder Hazorah. Não depois de ter tido a visão de sua própria ruína. O que eu lamentei foi ter perdido Haros e a Montanha de Ferro.

Ele caminhou até Jael e pôs a mão sobre sua cabeça. Ela tentou afastá-la, mas Jabim acariciou seus cabelos com um sorriso nos lábios.

- Os queneus me serviram bem. Eles eram perfeitos com a forja. Trabalhavam com o ferro negro com uma habilidade sem par. Se vocês não tivessem tornado esse ferro inútil para mim, eu teria ido em busca de seu povo e o obrigaria a continuar o trabalho que ficou pendente.

Jael lutava para conter a própria língua. Imagens do seu avô e de seu povo escravizado nas forjas inundavam sua mente. Ela respirou aliviada quando ele retirou a mão de sua cabeça.

- Por que demorou tanto tempo para se mostrar? – a pergunta de Deborah o surpreendeu. – Não teria sido mais fácil atacar enquanto todos estavam descansados, achando que a paz havia chegado?

Ele a olhou com interesse.

- Eu conheço as Profecias, Herdeira. A de Hedhen e a de Nod. Sou um amante do conhecimento. Ele me arrebatou. Atalia foi uma louca com desejos de grandeza que não conseguiu vencer pelo seu fanatismo religioso. Eu sou

cauteloso. Gosto de saber onde piso. Posso dizer que assisti à distância a derrota de Atalia. Eu já me encontrava em Edonia na época da queda de Salema. Enviei uma pequena quantidade de edonitas e amalitas para lhe suprirem o exército. É claro que ela nunca soube que eu estava por trás.

Ele agora caminhava até Deborah com o mesmo ar calmo e despreocupado.

- Aproveitei esse longo período de paz para me enterrar das Profecias. Para aprender mais, se é que me entende. Eu visitei muitas bibliotecas famosas. A Cidade do Saber, Aroer, A Ilha dos Profetas. Em Haros eu também mantive uma biblioteca, sabiam disso? Com a ajuda de mercadores ambiciosos, consegui transportá-la para este deserto. Agora, eu tenho tentado reconstruir o meu reino e tenho tido êxito.

- O que é esse lugar? – Jael perguntou. – O que quer de nós?

Ele soltou uma gargalhada.

- Não lhes parece óbvio? Eu quero a luz de vocês!

- Por quê? – a pergunta de Deborah foi feita de uma forma pausada.

Ele ergueu os braços em forma de cruz e indicou o local.

- Esse lugar é uma réplica idêntica de um lugar que você conhece, Guardiã.

- O Monte da Lei – ela falou.

- Exatamente. Foi o local escolhido pelos Primeiros Luminares para a criação da Profecia de Hedhen. Eles a criaram e, em seguida, com seu poder abriram um portal para separar Hedhen de Nod.

Ele caminhou novamente para a borda do poço a apontou para baixo.

- Por muito tempo eu tenho enviado meus servos em busca do Rio de Fogo. Eles, por fim, o encontraram. É este que corre lá embaixo e cujo calor vocês podem sentir. Qual é o seu valor? Ele liga as duas terras! Eu tenho em minhas mãos o poder de religar o que foi separado.

Deborah e Jael se entreolharam apavoradas.

- Por que você faria isso? – perguntou Deborah. – Se unir as duas terras estará cooperando para que a Profecia se realize. Afinal, qual é o seu propósito?

- Os Primeiros Luminares também criaram outra coisa naquele dia. Eles criaram uma espécie de guia para o caso de um dia o portal ter que ser invocado novamente. Esse guia foi escondido entre as paredes de pedra do Poço das Origens.

Jabim tirou de dentro do manto um papel amarelado.

- O que esse guia diz? – a pergunta de Jael foi feita partindo de uma voz insegura.

Ele a olhou nos olhos.

- Esse guia ensina os passos para se criar uma nova Profecia. Uma Profecia que anulará as anteriores e pronunciará um novo futuro para as duas terras. Nesse novo futuro, eu serei o detentor de todo o conhecimento.

Deborah estava tão chocada que não encontrava palavras.

- Você é tão louco quanto Atalia – ela conseguiu sussurrar.

Ele a alcançou em três passos, agarrou-a pelo cabelo e a obrigou a olhar para ele.

- Louco ou não, eu farei o que nenhum homem jamais fez. Com as luzes de vocês duas, que nasceram com os sinais, eu poderei invocar o portal após ter criado a Profecia das Duas Terras. Exatamente como os Primeiros Luminares fizeram.

- Os Luminares eram três – disse Jael. – Você só tem a nós duas. Como espera conseguir isso?

- Apenas duas Luminares criaram o portal naquele dia. As Gêmeas da Noite. O Luminar do Dia batalhava contra o exército que tentava evitar isso. Como eu sei disso, e vocês não? Minha biblioteca de Haros.

Ele soltou os cabelos de Deborah e ela respirou com alívio.

- Não vamos fazer isso – ela falou. – Não importa o que venha a fazer, não vai usar a nossa luz.

- Isso está além do seu querer, majestade. O cenário diante de vocês está preparado. Isso servirá apenas como um pequeno teste, é claro. Tenho aqui tudo o que preciso. A magia do Rio de Fogo – ele apontou para a esfera; a magia de Nod – ele indicou os magos; e a luz, que será tão intensa, a ponto de vocês não conseguirem segurar. Isso é uma promessa. Vamos começar?

Otoniel escutou com atenção tudo o que Barak tinha para contar. Ele relatou em detalhes a conversa que havia tido com Hulda através do Poço das Visões. Os três encontravam-se no jardim do palácio. Otoniel coçou o queixo com uma expressão preocupada e reflexiva no rosto. Héber fervia de vontade de ir à ação, mas se agisse guiado pela emoção poderia por tudo a perder. O melhor a fazer era confiar em Barak. Enquanto Otoniel pensava, ele saiu a caminhar pelo jardim incapaz de ficar parado.

- A ambição de Jabim é grande o suficiente para fazê-lo almejar pela criação de uma nova Profecia, na qual ele seria a figura central, é claro – Barak tentava analisar a questão. – Mas para que ele precisaria de Deborah e Jael para isso? O conhecimento delas a respeito da criação da Profecia vem de vocês, sacerdotes.

- Meu filho, eu não creio que seja o conhecimento delas aquilo que Jabim quer extrair.

Héber aproximou-se.

- Ele quer poder – ele falou. – Foi isso o que Jabim sempre quis. Talvez o poder dos Luminares tenha alguma influência na Profecia que ele quer invocar.

Subitamente, Barak ficou de pé.

- O portal! Ele quer criar um portal!

Otoniel e Héber ficaram olhando para ele atônitos.

- Será que não percebem, vocês dois? É tão óbvio! Ele quer recriar o mesmo ambiente no qual a Profecia de Nod foi formada. Ele precisa do poder da luz que há em Deborah e Jael para dar força ao portal.

- Pelo Grande Pai! – exclamou Otoniel. – É isso mesmo, meu rei! Você tem razão. Com uma nova Profecia em mãos, que declarasse Jabim como uma espécie de deus, ele poderia passar para Nod através do portal recém criado e mudar o rumo da história.

- Jabim brinca com coisas que não compreende – disse Héber. - A luz dos Luminares possui uma essência única. Jamais poderia ser utilizada para criar algo mal.

- Um portal não tem maldade em si mesmo, Héber – respondeu Barak. – A maldade está em Jabim.

- E não podemos esquecer de que o rei-feiticeiro é um homem instruído nos assuntos antigos, principalmente nos que envolvem magia – completou Otoniel. – Ele saberá como fazer o poder da luz se manifestar.

Héber olhou para Barak.

- Do que ele está falando? Sou relativamente novo nesse assunto. Nunca tive a oportunidade de manifestar essa luz desde que foi passada a mim. Não sabia que poderia ser provocada.

Barak suspirou.

- Infelizmente ela pode ser provocada sim, Héber. O poder da luz pode reagir diante de uma situação limite... Medo, desespero, raiva, dor. Qualquer uma dessas coisas pode nos fazer perder o controle. Com o tempo nós aprendemos a enfrentar esse tipo de situação sem manifestar a luz, mas não sei o que aconteceria se fosse provocado.

Antes que qualquer um deles falasse, o chamado foi unânime para todos. O poço das visões estava com suas águas agitadas. Eles correram para o templo de Aroer.

Hulda contou a Barak sobre o resgate dos fugitivos da fortaleza de Jabim. A Fortaleza do Rio de Fogo, como era conhecida.

- Então, é lá que elas estão? – Barak perguntou esperançoso.

- “Sim, não há a menor dúvida quanto a isso” – Hulda respondeu.

Barak pensou antes de voltar a falar.

- Prepare o exército, Hulda. Já é tempo de marchar. Vão para o Vale da Profecia, pois é lá que o exército de Jabim será congregado.

- “Tem plena certeza disso, majestade?”.

- Nunca tive tanta certeza de algo. As intenções de Jabim estão claras para mim.

- “E quanto a Fortaleza do Rio de Fogo? Não faremos nada a respeito?”.

- Você confia em mim, profetiza?

Hulda sorriu.

- “Você é o Luminar do Sol, Barak. Como eu poderia não confiar?”.

- Faça como eu disse. Enviarei nossas forças, somadas as de Aroer, para que se unam a vocês no Vale. Quanto a Fortaleza, eu não a esqueci. Não poderia esquecer, mesmo que quisesse, pois uma parte de mim está nela. Uma parte que eu pretendo recuperar.

- “Farei como disse, majestade”.

Quando a imagem de Hulda sumiu, surgiram Eva e Davi. Barak pediu a Héber que se aproximasse. Os pais e os filhos mal continham as lágrimas, pois elas teimavam em substituir as palavras.

- Eva, eu preciso que você seja forte – Barak disse com esforço. – Você é uma guerreira e deve tomar a frente de nosso exército durante a marcha. Mas, além de ser a princesa da Cidade Dourada, você é minha garotinha e eu temo pela sua segurança.

Eva sorriu.

- “Eu entendo, pai. No entanto, esse tempo serviu para o meu crescimento. Não se preocupe, pois eu sei exatamente o que fazer. Não estou com excesso de confiança, pois tenho bons conselheiros ao meu lado e procuro sempre escutar suas vozes sábias”.

- Isso me alivia um pouco, querida.

- “Eu sei o que você pretende fazer. Não preciso ter o dom de Davi para saber. Pretende ir buscar minha mãe, não é?”.

Barak suspirou resignado.

- Como eu poderia negar isso? Eu pretendo me unir a vocês com ela do meu lado.

- “Vocês terão grandes desafios pela frente – disse Davi. – Eu vejo isso, embora não reconheça o momento ou o local”.

- Filho, ouça bem – disse Héber. – Eu quero que você dê todo o apoio necessário para Eva. Seja seus olhos nessa batalha e não saia de perto dela.

- “Eu não pretendia fazer isso, pai. Sair de perto dela seria doloroso

demais”.

Só então, eles perceberam, através da água, que os jovens estavam de mãos dadas e entenderam tudo. Barak sorriu, mas Héber piscou aturdido.

- “Pai, eu gostaria muito de ver minha mãe ao seu lado na batalha, também”.

- Ela estará, filho. Eu prometo.

Jabim voltou a se posicionar na borda do poço entre as duas Luminares. Os magos, que antes mantinham uma distância segura, se aproximaram. Os que avançaram para mais perto foram Leukós e Pyrrós. Eles não portavam nenhum tipo de arma, apenas o seu poder. Mantinham-se como estátuas, de mãos cruzadas na frente e olhos fechados. O rei virou-se para Jael.

- Você matou Sísera, não foi?

Jael ergueu os olhos para ele e sentiu a tensão em cada músculo de seu corpo.

- Aquele rapaz era violentamente descontrolado, mas era meu filho também. Por mais que Atalia negasse, isso era um fato inquestionável.

- Abandonou o seu filho em uma guerra cujo final você já havia previsto? – ela perguntou.

Ele se aproximou.

- Exatamente como você.

Jael olhou para ele, confusa.

- Eu conheço, como já disse antes, a Profecia de Nod. Soube também do fato maravilhoso de duas árvores que nasceram em Shiloh e cresceram da noite para o dia. Você sabia, filha de Héber, que aquelas árvores são imagens espelhadas de seus filhos? Se uma delas cair, um deles cairá. Funciona de maneira bem simples.

Jael tinha vontade de pular no pescoço daquele homem e atirá-lo ao poço, mas as correntes eram muito firmes.

- Eu devo dizer que aproveitei a ausência de vocês para enviar um de meus servos magos em uma visita ao Santuário de Shiloh. Ele entrou com muita tranquilidade, igual a todos os visitantes. Então, ele fez o que eu lhe havia ordenado. Derramou o pó dourado sobre a raiz.

- Não... – Jael tentava conter o medo e o desespero, mas sentia uma vibração dentro de seu corpo. Era como se uma tormenta estivesse se formando dentro dela.

- Eu gostaria que você visse o resultado, afinal uma das árvores era o seu filho. O filho que você deixou para trás, abandonado nessa guerra. Um filho por outro.

De repente, a imagem de Davi se materializou no chão, entre ela e o rei. O rapaz arquejava, buscando o ar. Seus olhos estavam arroxeados, sua pele pálida. Ele virou o rosto para ela. Era tão real!

- Mãe, eu... preciso de você... Me ajuda!

Jael sentiu a raiva por estar impotente assistindo a morte do filho. Chispas prateadas percorriam seus olhos. O seu corpo já começava a brilhar.

- “Jael, é uma ilusão!” – disse Deborah. – “Leukós está usando o seu poder. Lute!”.

Pyrrós deu um passo para frente. Sua presença elevou a raiva de Jael e ela não conseguiu mais reprimir a própria luz, mesmo sabendo que as palavras de Deborah estavam certas.

- Nãaaao! – ela gritou.

Subitamente a luz explodiu. Chispas prateadas corriam pelo ar em redemoinho. Os magos e o rei estavam protegidos pelo escudo de Nod. A silhueta de Jael havia sumido em meio a tanta luz. Lentamente, essa luz a foi deixando e de uma forma ordenada, alojou-se no interior da esfera. A bola alaranjada mudou de cor. Era uma esfera prata que piscava no meio da plataforma. Jael tombou no chão, totalmente sem forças.

- Fascinante! – exclamou o rei.

Virando-se para Deborah, ele percebeu que a rainha não resistiria muito tempo, pois o seu poder começava a reagir à manifestação da luz estelar. Deborah olhava para o corpo de Jael e segurava com força a argola que prendia as correntes. Seus dedos estavam brancos de tanta força que ela fazia para se conter.

- Para que segurar sua dor, majestade? – disse o rei. – Uma das árvores secou, mas a outra está aqui. Eu sabia que a sua mente era mais forte e que uma simples ilusão não seria o suficiente.

Ele bateu palmas e dois homens entraram. Eles arrastavam Eva pelos braços. A moça gritava e esperneava, chamando pela mãe. Deborah ergueu a cabeça e viu uma cena tão real quanto à presença de qualquer um ali. Eva gritava, enquanto olhava para ela em meio a lágrimas. Deborah via o medo em seus olhos. Tentou dizer para si mesma que Leukós estava usando o mesmo truque que as atraiu para o interior do Poço das Origens, mas não adiantou. O anseio do coração de uma mãe é regido por emoções. Sem sentir, ela começou a emitir uma luz pulsante tão clara que obrigou até mesmo os magos a virarem os rostos. Por trás da luz ela viu quando jogaram Eva para dentro do poço. A cena não podia ser mais real. Ela deu um grito e a luz branca, muito superior a prateada, envolveu todo o lugar. Leukós caiu de joelhos, sentindo que ia ser

esmagado pelo próprio escudo que criara. Pyrrós jazia no chão, gemendo. Mélas e Thánatos encolhiam-se nos cantos mais afastados. Jabim observava à distância, fascinado. A luz lunar, assim como a estelar, foi se desvanecendo sendo atraída pela esfera. Deborah, a exemplo de Jael, deixou-se cair no chão. A luz, por alguma razão, não voltara para elas.

A esfera começou a girar loucamente brilhando numa luz que alternava do branco para a prata. De repente, ela pareceu crescer. Foi aumentando até ficar o dobro de seu tamanho normal. Ela parecia densa de pura luz, concentrando em si parte do poder das duas Luminas. Os corpos de Deborah e Jael jaziam no solo. Ambas estavam desfalecidas após perder uma parte do poder da luz.

Jabim sorriu.

- A experiência as fragilizou física e mentalmente. Não terão como resistir da próxima vez.

Leukós olhava fixamente para a esfera.

- O que aconteceu aqui? Que tipo de magia foi essa?

Jabim bateu palmas e quatro homens entraram no salão carregando um grande tablado de madeira. Eles o estenderam por sobre o poço até a plataforma como uma ponte. O rei atravessou e pegou a esfera nas mãos, fechando os olhos, extasiado, sentindo o poder que fluía do objeto.

- Isso, meu caro mago das ilusões, é uma parte da luz dos Luminas. As luzes noturnas. As mais poderosas. Com essa luz abriremos um portal para Nod.

Pyrrós olhou para as mulheres desmaiadas no chão.

- Então, não precisaremos mais delas? Podemos matá-las agora?

Jabim o olhou com frieza. Foi um olhar tão gélido que fez o mago vermelho se afastar.

- Não ouse tocar nelas! Ainda não terminaram de me servir. Elas ainda detêm parte da luz.

- Por que não lhes tomou logo tudo? – perguntou Leukós.

- Por que o portal deve ser aberto por uma força consciente. A esfera não possui consciência. Servir-me-ia apenas para manter o poder da luz guardado indefinidamente.

- Elas não vão querer cooperar da próxima vez – advertiu o mago branco. – Já conhecem os truques de ilusões.

Jabim riu e ergueu a esfera diante do próprio rosto.

- A luz atrai a luz. O que está aqui nesta esfera, ao ser colocado no seu verdadeiro lugar, provocará a manifestação da parte que lhe falta. Não teremos que fazer absolutamente nada para que isso aconteça. Isso estará além da

vontade delas.

Os dois magos compreenderam a genialidade do plano.

- Leve-as daqui e deixem que se recuperem mais uma vez – ordenou o rei.
– Enquanto isso, nós temos uma marcha para organizar. O exército de magos está chegando e precisará de instruções.

Capítulo 40

A Fuga Através do Escudo

Barak e Héber não queriam perder tempo. Concentraram-se durante os dois dias seguintes em organizar o exército para a marcha. Empenharam-se em não deixar nada passar sem a sua atenção. Eram vistos por todos como exemplos de valorosos líderes. Barak, ao cair do segundo dia, procurou Tamar e Zoar. O rei lhes contou o que planejava fazer e passou temporariamente o comando do exército para a rainha de Aroer. A moça não respondeu de imediato. Ela o olhou com preocupação.

- Não vou fazê-lo desistir desse plano, Barak, embora o ache arriscado. No entanto, a vida de duas Luminas está em risco. Se existe alguém que pode sobreviver a uma missão de resgate de tal envergadura, esse alguém deve levar em si um grande poder. Já vi o seu poder em ação e confio no fato de que terá êxito. Quanto ao exército, não se preocupe. Estarei pronta para marchar à frente dele até que você volte e assuma o lugar que lhe cabe.

Zoar deu um passo a frente e pôs a mão sobre o ombro de Barak.

- Eu estarei ao lado de minha irmã, zelando pela ala sacerdotal que vai à vanguarda. Eu lhe dou a bênção do Grande Pai. A você e a Héber.

Barak sorriu agradecido e foi encontrar-se com Héber nas estrebarias. A intenção deles era seguir naquela mesma noite, por dentro do deserto, até o Poço das Origens. De lá, seguiriam a rota indicada por Hulda, até chegar à Fortaleza do Rio de Fogo. Lá chegando, entregariam seus caminhos ao Pai e deixaria que ele lhes guiasse até Deborah e Jael. A missão poderia ser considerada suicida, se não estivesse para ser tentada por dois portadores do sinal da luz.

Quando ele viu Héber na porta da estrebaria parou, surpreso e um pouco aborrecido. Sangar e Noa também estavam lá, com cavalos selados e prontos. Sarah e Eunice aguardavam nas sombras, já montadas em seus cavalos. Héber fez uma cara de impotência diante do olhar que Barak lhe endereçou.

- Essa é uma missão muito particular – ele disse. – Eu e Héber devemos

partir sozinhos. Fiquem com o exército e dêem apoio a rainha. Ela vai precisar.

- O exército não precisa de nós para marchar, majestade – Eunice falou. – Nós estaremos com ele na batalha. Apenas tomaremos uma rota diferente.

Barak suspirou. Sangar deu um passo à frente.

- Estamos perdendo um tempo precioso, Barak. Você sabe que não vai conseguir nos convencer.

- Eu poderia usar minha Palavra de Autoridade sobre vocês, ordenando que fiquem e não me sigam – ameaçou Barak.

- Se fizer isso, sua ordem não poderá ser revogada e nós ficaremos inutilizados para você e para o exército, pois nada nos faria segui-lo até que nos ordenasse novamente – lembrou-lhe Noa.

Ele deu um longo suspiro.

- Vai ser uma missão arriscada.

- É por isso que não vamos deixar vocês dois irem sozinhos – falou Eunice.

– Já é suficiente termos perdido Deborah e Jael para o rei-feiticeiro. Não podemos perder mais Luminares nessa guerra.

Sarah sorriu de cima do cavalo.

- Vocês irão para assegurar a volta de suas rainhas, e nós para assegurar a volta de todos.

Enquanto Barak ainda ponderava, Héber montou decidido.

- Eu concordo com Sangar. Estamos perdendo um tempo precioso.

Barak se rendeu a vontade dos amigos, agradecido intimamente por ter aquela ajuda preciosa. Ele montou em Alvorada, que sapateava impaciente.

- Muito bem, o plano é o seguinte: cavalgaremos até o Poço das Origens e de lá tomaremos a direção que leva direto para o sul, no meio do deserto. É lá que se encontra o reduto de Jabim. Tiraremos Deborah e Jael de lá, tentando ser o mais sigilosos possível. Depois, todos juntos, marcharemos para o Vale da Profecia e aguardaremos a chegada do exército. Alguma pergunta?

- Estamos às suas ordens, majestade – disse Eunice.

- Então, vamos.

Ele partiu na frente. Em pouco tempo, a única coisa que se distinguia ao longe era a nuvem de poeira deixada pela passagem dos cavalos.

O rei Jabim observava com o cenho franzido as duas mulheres que ainda dormiam. Elas foram levadas de volta para a cela e deitadas nas camas de pedra. Apesar de Thánatos não se encontrar ali, elas dormiam profundamente. O Senhor do Sono fora chamado para explicar o motivo daquela reação inusitada. Thánatos, porém, desconhecia a razão daquilo que impedia as mulheres de acordarem.

- A minha capacidade consiste em estimular o sono e controlá-lo. Só tenho poder sobre aquilo que eu mesmo produzo.

Jabim fechou as mãos, tentando conter a raiva.

- Eu não lhes tomei toda a luz! Por que não despertam?

Thánatos deu de ombros.

- Talvez elas não queiram despertar, meu senhor.

O rei respirou fundo e deu meia volta.

- Tenho que voltar e dar instruções ao exército. Não fique aqui, pois a sua presença apenas as fará dormir mais. Mais tarde eu voltarei e de alguma forma pretendo despertá-las, nem que seja por magia.

Eles saíram, deixando-as com o escudo de Nod e quatro guardas amalitas na porta.

Elas já haviam estado naquele local antes. Há muito tempo atrás. Deborah e Jael estavam sentadas em um gramado verde e molhado. Uma leve neblina subia do solo. Na frente delas havia uma ponte. Uma ponte tão grande quanto a de Gades. Por muito tempo elas ficaram ali sentadas, apenas olhando para frente sem dizer nenhuma palavra. Em seus corações, porém, sentiam o vazio causado pela impotência. A luz que havia nelas fazia parte da vida dos Luminares. Sem uma parte dessa luz, elas estavam incompletas. Era como se fossem pessoas com a vida pela metade.

- Está pronta? – perguntou Deborah.

- Não vejo outra saída, irmã. Talvez essa tenha sido a escolha da qual o Ancião nos falou. Sem nós, Jabim não poderá concretizar seus planos.

Deborah levantou-se e Jael a imitou.

- Finalmente nós vamos cruzar a ponte juntas, como você sempre quis.

Jael sorriu.

- Faz tanto tempo...

Deborah lhe estendeu a mão e elas começaram a caminhar para a ponte, atravessando a neblina e se deixando invadir pela paz do silêncio. Elas andavam sem enxergar o final do caminho. De repente, viram que alguém se aproximava. Elas pararam visivelmente surpresas. Teriam ultrapassado o limite da vida? Quando a pessoa chegou mais perto, elas o reconheceram. O Ancião. Ele parou diante delas e tirou o capuz do rosto. Pela primeira vez elas puderam ver os seus olhos. Eram mais azuis do que o céu sem nuvens e brilhavam como se toda a luz se concentrasse dentro deles. Ele estendeu as mãos e barrou-lhes a passagem.

- Voltem, minhas filhas.

- Não podemos, senhor – disse Deborah. – Se voltarmos, ele vencerá.

- Estamos fazendo a nossa escolha – completou Jael.

O Ancião negou com a cabeça e falou num tom firme.

- Ainda não é o tempo da escolha. O momento ainda não chegou.

Elas estavam visivelmente confusas e, percebendo isso, ele sorriu.

- Lembrem-se de tudo o que eu lhes falei? Eu não lhes disse que a morte de vocês não ia ser exigida? Não haverá sacrifícios desse tipo, minhas filhas. Vocês devem voltar, pois a vitória dessa guerra também repousa em suas mãos. A escolha virá, e com ela a vitória final.

O Ancião foi encoberto por uma forte neblina e sumiu de suas vistas. Elas se entreolharam e numa decisão mútua, voltaram.

Nathan, Salum e Áquila organizaram o exército sacerdotal cujos membros vinham de várias partes de Hedhen. Hulda e Miriam exclamaram surpresas e felizes ao ver a multidão enviada pela Ilha dos Profetas. Segundo Esdras, que havia deixado a biblioteca em mãos seguras e aderido a causa da guerra, as ilhas que ficavam próximas da Ilha dos Profetas e que já constituíam suas próprias comunidades de profetas, compareceram em peso ao chamado. As Cavernas do Sal formava por si só um número impressionante. Somando esses dois exércitos com os sacerdotes da Cidade Dourada e com a Ordem Branca, o número não deixava a desejar. Sete mil cabeças marchariam juntas com a força sacerdotal, sem contar as três mil amazonas dispostas na cidade.

Eva estava no alto de uma colina com vistas para a saída da cidade, onde o exército estava sendo congregado. Ela observava da sela de Terra, com o arco branco nas costas e as duas espadas curtas pendentes em cada lado de seu cinto. As espadas foram presenteadas pelo pai, sendo douradas para combinar com seus cabelos, segundo Barak. Eva sorriu com a lembrança. Em uma bolsa de viagem presa à sela, ela guardou as duas espadas de prata polida que pertenciam a sua mãe. As devolveria na hora certa. Ela preparou-se da maneira que Deborah a ensinara. Botas resistentes de pele e couro, calças confortáveis para facilitar os movimentos, uma túnica de manga curta branca por baixo de outra túnica maior sem mangas. Esta era de couro grosso, traspassada por um cinto largo intercalado com metais para proteger os órgãos vitais. Nos pulsos, dois braceletes de couro completavam a vestimenta. Na cabeça, ela só trazia as próprias tranças douradas. Todos que a viam montada em sua égua avermelhada, assistindo impassível o movimento das tropas, admiravam-se de sua postura. Era sem dúvida uma filha de Luminares.

Davi tocou o shofar que pertencia a ele, enquanto príncipe dos Queneus. Ele fora se reunir com o resto da sua tribo que acabara de chegar de Hazorah. Uma parte estava com Héber, portanto ele só pôde dispor de dois mil arqueiros.

Eva sorriu ao ver a marcha dos Queneus, quando estes desceram a colina para ocupar sua posição. Davi estimulava o cavalo, Nuvem, a correr por entre os seus homens, encorajando-os e inspirando confiança. O rapaz, naquela manhã, vestia-se com a roupa azul anil completa dos guerreiros queneus. O turbante escondia os cabelos cacheados. Assim como Eva, ele trazia nas costas o arco de madeira marrom escura que o pai lhe dera e, na cintura, uma espada curta de ferro negro de Babilos, presente de Otoniel. Aquele ferro era um precioso aliado para o exército da luz, muito diferente do tempo em que fora seu algoz.

A ordem da marcha partira de Aroer. Hulda soube, através de Otoniel, o que Barak e Héber planejavam fazer e aceitou o comando temporário de Tamar, a rainha de Aroer. Se Barak confiou tal tarefa a alguém tão jovem quanto a rainha Tamar, é porque esta devia lhe inspirar confiança. Quedes, Gades, uma boa parte dos Queneus e das amazonas, além do exército de Aroer, formavam o grosso militar daquele exército que se formava paralelo ao da Cidade Dourada. A força sacerdotal de Aroer era forte por tradição e marchava junto com uma parte da Ordem Branca, os sacerdotes de Babilos, e alguns eremitas pertencentes às Cavernas do Sal. Hulda ficou imaginando se o número daquele exército ultrapassaria os dez mil. Se assim fosse, a luta seria uma das maiores já vistas em Hedhen.

Davi subiu a colina e se colocou ao lado de Eva.

- Pronta? – ela só conseguia ver os olhos do rapaz por baixo do turbante. Refletiam ao mel, como os de sua mãe.

- Toque o shofar, príncipe Davi – ela falou com um sorriso nervoso, mas decidido. – Está na hora de ir.

Ele tocou o shofar e ela ergueu uma das espadas douradas. A arma refletiu os raios de sol da manhã.

- Por Hedhen! Com a bênção do Grande Pai! – ela gritou numa voz que não soou infantil. O vento ajudou a propagá-la pelo ar.

Aos olhos de todos, Eva, a princesa da Cidade Dourada, tornara-se uma mulher.

Eles partiram do Poço das Origens em direção ao sul durante a noite. O sol do deserto central era causticante e, sabendo disso, Barak resolveu que descansariam durante o dia e viajariam a noite. Segundo as informações que recebera, a fortaleza de Jabim ficava a um dia de viagem. Ninguém falou durante a caminhada noturna. O último trecho do caminho aumentava a ansiedade, pois sabiam que qualquer erro poderia ser fatal. A essa altura ambos os exércitos já haviam iniciado a marcha para o Vale da Profecia. Se tudo desse certo, eles passariam a próxima noite no acampamento do exército tendo

Deborah e Jael entre eles.

Um pouco antes do amanhecer eles fizeram uma parada. Sangar e Noa avançaram a fim de reconhecer o local. Uma passagem estreita entre as montanhas de rocha era como uma grande brecha em uma enorme muralha. Noa, como rastreadora que era, foi na frente. Sangar a seguia quase pisando em seus calcanhares. Ele olhava para as fendas que surgiam ao longo do caminho e lembrou-se do seu tempo de mercenário. Havia muitos lugares propícios para se preparar uma armadilha para invasores. Quando finalmente chegaram ao final da trilha, eles puderam avistar a fortaleza em um vale que mais parecia uma cratera gigante.

- Agora sei por que chamam esse lugar de “fossa” – ele comentou.

A estrutura parecia estar enterrada no chão, mas a verdade era que seus verdadeiros níveis se estendiam para baixo, como uma fortaleza subterrânea. Ao seu redor, um cinturão de montanhas cheias de fendas como aquela na qual eles se encontravam, formavam uma barreira natural, ou melhor dizendo, uma muralha.

- Eu fico aqui enquanto você vai chamar os outros – ela disse. – Sei que está desconfiado, mas acho que não precisamos nos preocupar com nenhuma patrulha escondida entre as rochas.

- O que lhe dá essa certeza?

Ela apontou em direção à estrutura.

- Não consegue ver o escudo?

Sangar apurou a vista, mas nada viu. Noa o olhou sem compreender.

- Sangar, existe um escudo ali. Eu posso ver a luz ondulante como um lençol refletindo os primeiros raios do sol. É tão claro! Você não vê?

Ele tentou novamente, mas por mais que tentasse nada via.

- Talvez você esteja tendo algum tipo de miragem – ele arriscou.

Noa olhou-o de cara feia.

- A existência daquele escudo explica o fato do caminho não ser vigiado. Do contrário, com certeza já teríamos sido descobertos.

Sangar a pegou gentilmente pelos ombros e sorriu.

- Noa, se você diz que viu, eu não vou discutir com você. Não é o momento para isso. Eu vou buscar os outros e estaremos de volta o mais rápido possível. Fique aqui e não se arrisque. Se existir mesmo um escudo ali embaixo, nós constataremos isso quando formos entrar. Promete que não vai fazer nada de arriscado enquanto eu estiver longe?

Ela sorriu e o beijou ternamente.

- Eu prometo que vou ser obediente, meu marido.

Ele suspirou e voltou pela trilha. Noa olhou para baixo e balançou a cabeça confusa. O escudo continuava lá, brilhando com uma estranha luz alaranjada. Por que Sangar não o vira?

Quando eles voltaram, Sangar deu um suspiro de alívio ao ver que Noa se encontrava no mesmo lugar. Barak estudou o local e pareceu preocupado.

- Está quieto demais. Não há vigilantes sobre o muro, mesmo este sendo muito baixo. Talvez confiem em excesso naquele escudo.

Sangar e Noa trocaram um olhar. Ele de boca aberta, ela apenas constatando o óbvio.

- Acha que é um escudo de Nod? – perguntou Héber.

- Segundo Hulda, foi isso o que os fugitivos disseram. Foi isso que barrou a fuga delas, Héber.

- Se elas não puderam passar, como nós passaremos? – Héber estava ansioso.

Eunice esticou o pescoço e olhou para baixo, trocando um olhar com Sarah.

- Esperem aí... Do que exatamente vocês estão falando?

Sangar sorriu esperançoso.

- Então, não sou apenas eu que não vejo.

- Acho que apenas os Luminares o podem ver – disse Sarah.

Sangar olhou para a esposa.

- Noa também o viu.

Ela ficou constrangida com os olhares de surpresa.

- Como você... – Sarah começou.

- Não importa agora, Sarah. Eu também poderia perguntar por que vocês não o vêem. O importante agora é aproveitar a falta de vigilância e tentar passar.

Barak concordou.

- Noa está certa. Vamos descer.

O sol ainda não havia surgido em todo o seu esplendor. A muralha de rochas impedia que sua luz se espalhasse por todos os recantos. Isso lhes deu certa vantagem. Perto do escudo, Héber sentiu os pelos do braço se arrepiarem. Barak pôs cuidadosamente a mão perto da barreira alaranjada. Noa, no entanto, o impediu.

- Não faça isso. Se o escudo reagir a você, o mago que o criou pode sentir sua presença.

Barak a encarou.

- Como sabe disso?

Ela deu de ombros, enquanto tentava buscar uma resposta convincente para ela mesma.

- Eu apenas sei.

Noa olhou fixamente para a barreira ondulante e sentiu um comichão na palma da mão direita. Sem saber o porquê, ela ergueu o braço em direção ao escudo e mentalmente o ordenou que se abrisse. Héber deu um passo para trás ao ver que uma espécie de fenda começava a se abrir no meio do escudo. Abriu até se tornar larga o suficiente para uma pessoa passar.

- Rápido! – ela falou. – Não vou conseguir segurar por muito tempo. Aliás, eu nem mesmo sei como estou conseguindo.

Barak virou-se para Sangar e pegou-lhe o braço. O amigo se assustou, pois continuava sem entender o que estava se passando com Noa.

- Sangar, deixe as perguntas para depois. Precisamos ir.

Ele assentiu e cruzou a fenda, seguido por Eunice e Sarah. Héber e Barak a cruzaram sem problemas, assim como Noa. Do lado de dentro, ela baixou o braço e o escudo fechou-se novamente.

- Por que tivemos que passar pela brecha? – perguntou Eunice. – Se o escudo não nos atinge, poderíamos ter passado por ele.

- Como eu disse antes, Eunice, a simples passagem de alguém pode alertar o mago que o criou. Mesmo que essa pessoa não seja barrada pelo escudo.

Sangar deu um passo à frente.

- E eu posso saber onde você aprendeu tanto sobre escudos mágicos?

Noa não soube o que responder.

- Eu nunca vi ninguém, além dos sacerdotes, conseguir ver e manipular um escudo de proteção desse porte – falou Sarah. – O que você acabou de fazer não é comum, Noa.

Héber sorriu.

- Comum ou não, eu fico feliz por ter vindo conosco, Noa.

Os questionamentos ficaram para depois. O importante agora era encontrar uma porta de entrada para aquela imensa estrutura enterrada na areia. Eles ouviram vozes e passos seguindo em sua direção. Esconderam-se na sombra que fazia uma reentrância do muro. Quatro amalitas passaram por eles. Os homens riam e falavam alto. Seus trajes eram apropriados para o sol do deserto, pois nada, além dos olhos ficava de fora. Foi fácil para Sangar, Barak e Héber dominarem os guardas e arrastá-los para a sombra. Eles despiram os guardas e mediram as roupas. Barak jogou duas para Sarah e Eunice e mais duas para Sangar e Noa.

- Vistam isso e nos escoltem para dentro.

Ele e Héber tiraram os casacos e passaram areia no rosto, no pescoço e rasgaram parcialmente as próprias camisas que usavam.

- Ninguém vai reparar no transporte de dois fugitivos sujos e cansados – Barak pegou as correntes que os homens levavam.

Ele e Héber fingiram se atar com elas. Sangar sorriu para as mulheres.

- Já usamos esse truque antes.

- E deu certo? – Héber perguntou enquanto enrolava a corrente em volta dos pulsos.

- Foi isso que atrasou os planos de Jabim – respondeu Noa.

- Ótimo! Isso me faz acreditar que tudo dará certo – Héber ignorou o olhar de repreensão que Barak lhe deu.

- Se eu não acreditasse nisso, não estaria aqui – resmungou o rei.

Eles encontraram uma abertura semelhante a um túnel escuro que descia para o interior da fortaleza. Os guardas que estavam na porta apenas ergueram levemente a vista enfadada e, com um gesto de mão e um olhar de desprezo, deixaram o grupo passar com os dois “fugitivos imundos”.

A medida que seguiam em frente, iam cruzando com grupos de amalitas e alguns edonitas atarefados com os preparativos da guerra. Todos pareciam ter pressa e mal notavam o grupo que passava. Eles pararam ao atravessar uma porta e sair numa sacada circular de onde podiam avaliar a verdadeira forma do edifício. Dispostos em anel, vários andares em forma de sacada desciam de nível. Barak contou rapidamente o total de nove anéis. No nível mais profundo, tal qual serpentes vistas de uma grande altura, o rio de fogo corria por vários braços. Alguns muito largos e outros tão estreitos que mal se podiam ver.

- As prisões devem ficar em algum nível intermediário. O calor não deixaria ninguém sobreviver nos níveis mais baixos.

- Não acredito que elas estejam numa prisão comum – disse Héber. – Devem estar em um dos níveis próximos à superfície.

Eunice observou o movimento dos grupos que transitavam pelos corredores. Eles pareciam se apressar em uma única direção.

- Não vamos ganhar nada ficando aqui debatendo sobre que direção tomar – ela resmungou.

De repente uma mão forte desceu sobre o seu ombro e ela virou-se em alerta. Um edonita que, pelo uniforme que levava, devia estar no comando de algum grupo, apontou na direção contrária a que todos estavam indo.

- Vocês de Amal são muito vagarosos! Levem logo esses prisioneiros para a ala superior das prisões e retornem para se unir ao exército. Os Quatro Juízes

estão impacientes com sua lerdeza. O inimigo já iniciou a marcha e nós ainda estamos aqui.

Sangar respondeu por Eunice.

- Tivemos dificuldade para pegar esses dois, senhor. Trabalhamos nas forjas e não conhecemos as prisões desse nível.

O homem o analisou com uma expressão desconfiada, mas Sangar havia aprendido a ser experto.

- Sei que isso parece estranho, mas quando esses prisioneiros fugiram, os magos disponibilizaram todos os homens necessários para partir em sua captura. Segundo ele, o rei tem planos de fazer algumas experiências e esses dois – ele deu um murro nas costelas de Héber, que se encolheu com um gemido – são bastante fortes, como vê.

- Eu ouvi mesmo falar dos prisioneiros que fugiram de uma sala especial – o edonita coçava o queixo com ar pensativo. – Sigam o corredor e desçam dois níveis na próxima rampa. Há muitas celas vazias por lá.

Eles se apressaram a obedecer. Quando alcançaram o corredor que adentrava na rocha, Sangar respirou aliviado.

- Desculpe pelo murro, Héber. Não tive escolha.

- Está tudo bem, Sangar – ele passou a mão pelo local dolorido. - Você pensa rápido, e isso é bom. Se não tivesse se adiantado à Eunice, teríamos sido descobertos.

Eles desceram a rampa e à medida que avançavam podiam perceber que os corredores iam ficando vazios.

- Eles devem ter deixado apenas os vigias habituais das celas – observou Barak. – Todos os outros já foram tomar posições.

Barak tinha razão. A entrada da ala da prisão era uma abertura circular com duas tochas de cada lado. Ninguém a vigiava. Eles foram caminhando e vendo as celas vazias, pensando se não tinham entrado no local errado. Vozes no fim do corredor os fizeram avançar. Na última cela, postavam-se cinco guardas, fortemente armados. Pela abertura que havia atrás deles, Noa, Barak e Héber puderam ver o escudo.

- Encontramos! – disse Héber. – Tire logo essas correntes, Sangar!

Sangar fez o que ele mandou. Eunice retirou as correntes de Barak, enquanto se aproximavam. Os guardas, ao entender que eles não iam parar em nenhuma das celas, desembainharam as espadas, prontos para lutar. Héber avançou como um leão e, desviando o corpo para um lado, quebrou o braço do homem, fazendo-o largar a espada com um gemido. Barak derrubou um deles com um único soco que enterrou o nariz do oponente, levando-o a

inconsciência. Sarah, Eunice e Sangar ocuparam-se dos outros três. Noa, ignorando a luta que ocorria atrás de si, ergueu o braço e afastou o escudo como se fosse uma cortina.

- Barak! Héber! – ela alertou com um sussurro. – É melhor serem rápidos.

Os dois entraram na sala e, de início, nada viram além de duas mesas de pedra no centro do aposento. Elas, no entanto, estavam vazias! Ao dar um passo para frente, Barak foi arremessado no chão com um peso sobre suas costas. Héber, antes de se refazer da surpresa, levou uma rasteira e alguém se sentou sobre ele com a espada que ele carregava apontada para o próprio pescoço. Ele sorriu apesar da escuridão.

- Apenas uma pessoa poderia me derrubar desse jeito!

A espada se afastou.

- Héber? – Jael largou a espada e apalpou o rosto do marido, como se ele fosse uma ilusão. – Você é real?

Ela, então, virou-se para o lado a fim de avisar Deborah, mas se deteve ao ver que os reis da Cidade Dourada já haviam se reconhecido e trocavam beijos e abraços desesperados. Antes que ela dissesse qualquer coisa, sentiu os braços de Héber lhe envolverem. Deborah, então, lembrou-se de algo que vinha lhe corroendo o coração há dias.

- Eva...

Barak sorriu e ajudou-a a levantar.

- Ela está bem, e nesse momento conduz o exército para o Vale da Profecia, onde vai ficar aguardando por nós.

- Davi está com ela? Ele está bem? – Jael perguntou ao ouvir a resposta de Barak.

- Ele tem sido um grande apoio para Eva – Héber não cansava de beijar a esposa. - Marcha ao seu lado como um verdadeiro guerreiro queneu.

Noa começou a sentir a força do escudo. Alguém o havia acionado novamente e lutava contra ela.

- Precisam sair logo! – ela gritou. – Não posso segurar por muito tempo!

Barak e Héber surgiram puxando as esposas pelas mãos. Todos sorriram aliviados ao ver as duas Luminas. Noa soltou o escudo e cambaleou, amparada por Sangar.

- Eu estou bem – ela disse. – Mas temos que correr. Eu temo que o criador do escudo tenha sentido o que foi feito aqui.

As duas Luminas se olharam e disseram quase ao mesmo tempo o nome do mago:

- Leukós.

Deborah abaixou-se e pegou uma das espadas dos guardas desmaiados. Jael pegou outra e, enquanto o fazia, percebeu que aqueles guardas eram os mesmos que as torturavam com palavras obscenas e ameaças. Ela havia memorizado seus rostos e não pode deixar de sorrir, pois eles teriam o seu castigo por terem deixado que escapassem.

Correram pelo corredor lutando com quem aparecia à sua frente. A reação do mago foi imediata. Os corredores antes desertos, agora se enchiam de guardas e eles tinham que abrir caminho. O grupo foi deixando atrás de si os corpos caídos dos homens de Amal. Barak preocupou-se em evitar que um guarda atingisse Deborah por trás e se colocou na frente. A espada do homem bateu em algo invisível e caiu de sua mão. Assustado, ele saiu correndo na direção contrária. Barak e Deborah se viraram para Noa. A mulher estendia o braço em sua direção. Ela havia acabado de invocar um escudo para proteger Barak.

- A saída está perto – ela falou sem constrangimento. – Vamos!

Eles encontraram-se diante do túnel de entrada. Sarah e Eunice se colocaram na retaguarda, enquanto os outros avançavam. Por cima dos muros, já do lado de fora, eles puderam ver a figura do rei que observava de longe. Ao seu lado estavam os magos de Nod. Jael e Deborah sentiram-se vacilar quando ele, com um sorriso confiante, ergueu a mão com a esfera de luz. Elas queriam ir, fugir dali, mas a luz da esfera, que pertencia a elas, as impedia de prosseguir. Héber segurou firme na mão de Jael e conseguiu puxá-la sem resistência. Barak, que compreendia mais do que Héber o que estava acontecendo, pôs as duas mãos sobre os ombros da esposa e olhou em seus olhos.

- Vocês vão conseguir, Deborah! Nós não vamos deixá-las para trás.

Deborah meneou a cabeça com um gesto de que havia entendido e seguiu o marido sem olhar para trás. Noa, mais uma vez, rompeu o escudo. Visto pelo lado de dentro, sua película era muito tênue, quase invisível. Surpreendeu-se por não sentir nenhuma força contrária. Esperava que o mago criador do escudo fosse opor resistência, mas ele não o fez. Quando todos passaram, ela olhou para trás e viu que ninguém os seguia.

- Por que estão nos deixando fugir? – ela perguntou.

- Nós não podemos fugir – declarou Jael.

- O que quer dizer? – Héber perguntou visivelmente assustado.

Jael o encarou com uma tristeza no olhar que doeu em seu coração.

- Ele tem uma parte de nós, Héber. Ainda que estejamos longe, sua mão ainda será forte o suficiente para nos alcançar.

Héber olhou para Barak em busca de uma explicação. O rei respirou fundo

tentando manter o controle da situação.

- Eu explicarei quando estivermos longe daqui.

Ele olhou em direção a Noa e a mulher baixou a cabeça.

- Aliás, há muita coisa a ser esclarecida entre nós.

Jabim observava impassível, ainda com o sorriso no rosto, o grupo que fugia através do escudo e já sumia no interior das fendas rochosas.

- Chamem os homens de volta – ele ordenou a Pyrrós. – Não ordene nenhuma captura.

- Vai deixá-los fugir? – exclamou o mago vermelho.

Jabim suspirou e olhou para a esfera que brilhava em sua mão.

- Temos que nos preocupar com a preparação de nossas forças. A batalha está para começar.

- E quanto ao Monte da Lei? Os seus planos não poderão acontecer sem elas – lembrou-lhe Mélas.

- Elas me pertencem, mago – ele envolveu a esfera com as duas mãos. – Quando a esfera estiver no seu devido lugar, elas voltarão para minhas mãos. Não há pressa.

Leukós estava calado e pensativo. Ele pensava naquela mulher que havia rompido o seu escudo. Seria possível? As sacerdotisas foram eliminadas há muito tempo. Não deveria existir nenhuma mulher com o dom sacerdotal ainda viva, em nenhuma das terras. Como aquilo era possível, ele continuou se perguntando.

Capítulo 41

O Vale da Profecia

Deborah e Jael agarravam-se na garupa dos maridos enquanto eles cavalgavam para longe da fortaleza. Seguiam para o oeste, na direção do Vale da Profecia. Quando a tarde ia alta, Sarah olhou para trás e suspirou.

- Precisamos parar um pouco! Não há ninguém atrás de nós.

- Tem certeza disso? – Sangar perguntou.

Ela assentiu.

- Até onde meus olhos podem ver, há apenas areia sendo impelida pelo vento.

Barak concordou e apontou para algumas pedras mais na frente. As formações rochosas naquela região eram mais esparsas.

- Sarah está certa. Os cavalos estão cansados. Ali há sombra para todos e poderemos ficar descansados até a noite.

O acampamento foi montado. Os cavalos, levados para a sombra,

relincharam alegremente. Uma fogueira foi acesa para preparar alguma comida e eles sentaram-se em volta.

- Você disse que muita coisa iria ser esclarecida, Barak – disse Noa, com a voz hesitante. – Por acaso, sabe o que está acontecendo comigo?

Ele e Deborah trocaram um olhar como se estivessem decidindo quem falaria. Deborah tomou a frente.

- Você manipulou um escudo criado por outra pessoa, Noa. Em seguida, vimos você criar um escudo para proteger Barak. Esse tipo de manipulação de escudos só pertence a uma classe de pessoas. Os sacerdotes. E desde que nasci, nunca vi uma sacerdotisa viva.

- Atalia aproveitava-se dos serviços de uma sacerdotisa – Héber lembrou.

- Aquilo não era uma sacerdotisa – falou Eunice. – Era uma feiticeira que tinha ganas de poder e criou esse título para si mesma.

- E quanto às sacerdotisas das Cavernas do Sal? – insistiu Héber. – Há muitas delas lá. Jael, inclusive, ficou aos cuidados de uma, enquanto se recuperava dos ferimentos sofridos em Babilos.

- Elas são chamadas de sacerdotisas por falta de um nome melhor, Héber – explicou Jael. – São mulheres que perderam filhos e maridos, ou que se encontraram sem família, e buscaram a proteção das Cavernas em troca de suas habilidades. A maioria atua como curandeiras nas enfermarias, e outras como cozinheiras ou artesãs. Não são sacerdotisas de fato.

Noa encarou a rainha.

- Eu passei muito tempo na Ordem Branca, aprendi muito. Talvez...

- Isso não se aprende, Noa – Deborah falou com suavidade. – Você nasceu com isso.

Noa não tinha palavras.

- O que isso quer dizer, Deborah? – Sangar perguntou abraçando a esposa.

- Isso quer dizer que Noa é uma sacerdotisa, Sangar. Talvez a única ainda viva. Pelo menos, aqui em Hedhen.

Noa levantou-se de um pulo.

- Como eu poderia ter passado todos esses anos da minha vida sem ter conhecimento disso? Por que esse dom veio se manifestar agora?

- Noa, isso eu não sei – respondeu Deborah. – Os sacerdotes poderão ajudá-la mais do que eu.

Jael, que ouvia tudo com atenção, se interpôs.

- Há algo mais nisso tudo.

- O que mais poderia haver? – Sangar não sabia o que pensar.

- Noa teve poder sobre um escudo de Nod. Não conhecemos a história das

sacerdotisas, se é que elas existiram. Mas caso tenham existido, sua história deve ser bem antiga. O seu dom ultrapassa a divisão das terras, Noa. Áquila talvez tenha as respostas que você deseja.

Sangar levantou-se e abraçou a mulher.

- Conversaremos com ele, então.

- Não se deprimam por isso – pediu Barak. – O dom de Noa foi uma dádiva para nós. Sem ela, não teríamos conseguido resgatar Deborah e Jael – ele sorriu para ela. - Temos muito que lhe agradecer, Noa. Foi o Pai que não me deixou persistir na teimosia de seguir sozinho com Héber. Ele e eu poderíamos estar mortos agora.

Noa sorriu de volta e voltou a sentar, encostada ao marido que não parava de lhe fazer afagos.

- Agora, podemos falar sobre aquela esfera? – disse Héber. – O que ela significa e que história era aquela de que vocês não podem fugir? Por acaso, Jabim tem algum controle sobre vocês?

O silêncio reinou por alguns instantes.

- Jabim retirou parte de nossa luz e a pôs naquela esfera – falou Jael. – Isso dói. É como se houvesse um grande vazio dentro de nós. Não é uma dor física, mas uma dor na alma.

Héber olhou para Barak.

- Isso é possível?

- Quando recebemos em nós a vida dos Luminares, a luz passa a ser nossa fonte vital – Barak explicou. - Ela é tão preciosa quanto o sangue que corre em nossas veias.

- Então, é como... – Héber começou.

- Estar longe daquela luz que nos pertence, é como ter apenas a metade da vida – murmurou Jael. – Necessitamos dela.

- Vocês não poderiam sobreviver sem ela? – Sangar parecia confuso.

- Quando eu recebi a vida dos Luminares, não existia mais vida em mim, Sangar – explicou Deborah. – A luz é minha fonte vital.

Ele voltou-se para Jael, que já estava pronta para responder.

- Ainda havia vida no meu corpo quando fui transformada pela luz, mas minha mente já não existia mais.

Sangar assentiu, percebendo a gravidade do ato maléfico de Jabim.

- Como ele conseguiu fazer isso? – Sarah perguntou, afagando o braço da amiga.

Jael lhe sorriu e pegou sua mão.

- Será que nunca vou parar de lhe dar trabalho, Sarah?

A gadita sorriu.

- Agradeço ao Pai todos os dias pelo fato de você ter concordado em me levar de Gades. Encontrei entre os queneus a irmã que eu nunca tive.

- Você tem a Jafé – Jael lembrou-lhe.

- Ele não é uma “irmã”. Conversa mais com os cavalos do que comigo, e você sabe disso.

Jael apertou a mão de Sarah em agradecimento.

- Alguém pode responder a pergunta de Sarah? – Eunice se interpôs. – Como ele conseguiu fazer isso?

- Através de ilusões, ele provocou a manifestação de nosso poder – explicou Deborah. – Ele nos fez acreditar que nossos filhos tinham morrido diante de nossos olhos... – ela parou e enxugou as lágrimas. – As imagens ainda permanecem como se tivessem sido reais.

- Eles estão bem, Deborah – falou Barak com ternura. – Isso eu posso lhes garantir.

- Quando a luz explodiu, em vez de voltar para nós, foi atraída pela esfera – explicou Jael.

- Como a esfera atraiu a luz de vocês? – Noa perguntou.

- O material da esfera veio do céu, assim como a pedra de Babilos – falou Deborah. – Estávamos enfraquecidas e a luz foi atraída pela substância mais forte.

Ela olhou em volta.

- Enquanto ele tiver aquela esfera, terá certo controle sobre nós, pois sabe que não podemos viver sem a metade de nossa luz. Ele vai nos atrair para o Monte da Lei, e não vamos poder resistir.

- Mas dessa vez não estarão sozinhas – Barak pegou firmemente na mão dela.

O Vale da Profecia tinha a forma de uma imensa ferradura formada por montanhas rochosas. A entrada do vale lembrava os braços abertos desse objeto, com montanhas de cada lado formando uma linha paralela que iam se curvando até encontrarem-se diante de um ponto central. Este ponto, que simbolizaria a base da ferradura, abrigava a mais estranha montanha já vista por qualquer pessoa. O Monte da Lei. Acima dele, uma grande nuvem pairava de forma ameaçadora, soltando relâmpagos e raios. A superfície da montanha era escura e brilhante, embora as rochas que a constituíam tivessem a mesma forma que as outras rochas do deserto.

Eva e Davi pararam na entrada do vale e ficaram olhando boquiabertos para o Monte da Lei, que se erguia na distância com a nuvem por cima. O rapaz

mal respirava.

- Minha mãe nunca esqueceu a experiência de ter que subir naquela montanha. Ela disse que foi como estar de frente com a Divindade. Agora eu entendo o motivo dela ter pensado isso. É assombroso vê-la de longe.

- Parece que tem vida própria – Eva comentou. – Será uma testemunha dessa guerra que não deveria acontecer.

Hulda aproximou-se deles com o cavalo.

- Parece que o nosso exército foi o primeiro a chegar – ela falou apontando para o vale.

- O que nos aconselha fazer? – Eva perguntou.

Hulda analisou o cenário por um tempo.

- Vamos dar a volta por trás daqueles montes rochosos à nossa direita. Prepararemos lá o nosso acampamento principal. A muralha de rochas entre nós e o vale servirá de proteção. Nunca se sabe que abordagem um exército de magos irá usar.

Davi concordou.

- Muito bem, mas acho que seria bom mantermos vigias nos montes, pelo menos até a chegada das forças que estão com a rainha Tamar.

- E também para a chegada de nossos pais – completou Eva, apertando as rédeas de Terra. – Não vamos perder as esperanças.

Davi pôs Nuvem para andar.

- Eu escolherei os vigias entre os queneus. Eles saberão fazer esse trabalho melhor do que as amazonas.

- Ponha alguns da Ordem Branca junto com eles, Davi – pediu Eva. – Salum revestiu a todos com a armadura invisível e o uso do elmo lhes dá uma visão acurada. Será uma boa ajuda.

Davi assentiu e se afastou. Hulda sorriu orgulhosa para a moça que se mantinha firme em sua posição de liderança.

- Devo me ocupar dos sacerdotes? – Eva olhou para ela como se não tivesse entendido. – Eles vão querer ficar juntos antes da batalha para discutir as estratégias que vão usar.

Eva sorriu.

- É claro, Hulda. Você está certa. Há muitos profetas e profetisas também. Onde pretende colocá-los?

- Eles serão os olhos de nosso exército. Não ficarão expostos, pois os magos tentarão atingi-los em primeiro lugar – Hulda apontou para a parede de pedra. – As rochas possuem muitos lugares estratégicos.

- Ficarão entre eles? – Eva perguntou com a voz revelando ansiedade.

Hulda sorriu e pegou sua mão.

- Não, minha princesa. Eu ficarei ao seu lado, como sempre fiquei ao lado de sua mãe. Miriam cuidará dos profetas.

Eva respirou com alívio e voltou a olhar para frente.

- Então, vamos prosseguir. Há muito que fazer e quero que o inimigo nos encontre preparados para a batalha.

O exército continuou marchando até perder a vista do vale, colocando entre eles um cinturão de colinas rochosas.

Foi preciso um dia inteiro de marcha, até chegarem às colinas que demarcavam a área de maior largura do vale. Ali, Eva ordenou que levantassem acampamento. As tendas foram armadas, espalhadas pelo deserto, enquanto cercados eram preparados para acomodar os cavalos. Bruma e Solaris estavam entre eles, a espera de suas donas. Davi e Eva fizeram questão de levá-los e deixá-los prontos para a batalha.

Davi fez questão de ajudar Miriam com o acobertamento dos profetas, tarefa que ele considerava de suma importância para o desfecho daquela guerra mágica. Os queneus seguiram suas instruções e se espalharam pelas colinas, perscrutando o horizonte com os olhos agudos. Tanto o grupos de queneus, como o de profetas seriam rendidos a cada três horas a fim de propiciar o descanso merecido para cada um.

Eva, seguindo sem o sentir o costume de Deborah, caminhou por entre as tendas com o propósito de verificar o estado de ânimo de cada um. Nathan, Áquila e Salum estavam reunidos com o exército sacerdotal. Ela podia vê-los ao longe com os mantos cor de areia que se mesclava com a cor do deserto. Eram tantos! E outros ainda estavam para chegar. As tendas da Ordem Branca estavam todas juntas, bem ordenadas e estrategicamente colocadas próximas ao paredão de pedra. As amazonas dispensaram esse “luxo” e preferiram acampar ao ar livre. Suas armaduras negras, ironicamente, foram forjadas em Babilos e encomendadas por Nathan. O ferro negro as protegeria da magia, já que não possuíam o dom de usar uma armadura invisível.

Depois do passeio pelo acampamento, ela voltou para sua própria tenda e encontrou Davi parado na porta. Ele estava de braços cruzados, sem o turbante. O olhar sério virado para paredão. Ele só percebeu sua chegada quando ela se colocou ao seu lado.

- Onde esteve? – ele perguntou sorrindo.

- Eu queria ver se tudo estava bem – ela o enlaçou pela cintura. – Senti sua falta.

Ele a abraçou e lhe deu um beijo rápido e carinhoso.

- Eu já disse como você fica linda vestida para a guerra?
- Ninguém fica lindo se está vestido para entrar numa guerra, Davi.
Ele deu de ombros.
- Você fica.

Hulda surgiu com duas canecas fumegantes.

- Eu nunca pensei que as amazonas fossem boas em preparar comida, mas isso é realmente gostoso! – ela estendeu as canecas para os dois. – Sopa de ervilhas. Comam!

Não era um pedido, mas uma ordem que eles não ousaram desobedecer. Sentando-se na porta da tenda, eles começaram a saborear a sopa. Eva sentia as forças se renovarem quando o alimento quente bateu em seu estômago vazio. Faltou pouco para Davi lamber o fundo da caneca. Hulda sentou-se ao lado deles. Aquela noite não prometia uma batalha, mas talvez fosse a única capaz de propiciar algum descanso.

- Vocês têm feito um ótimo trabalho – a profetiza falou. – O povo confia em vocês e, creiam-me, eles não estão ligando para a sua inexperiência ou pouca idade. No entanto, a ansiedade está impedindo que seus corpos relaxem como é devido antes de uma batalha. Eu sugiro que durmam essa noite. Há muitos olhos para vigiar o ar noturno e, se algo acontecer, alguém os acordará.

Davi suspirou.

- Eu me escalei para um dos turnos de vigia.

Hulda o olhou com reprovação.

- Você é mesmo filho de Jael, meu rapaz. Sua mãe, entretanto, sempre obedeceu seus conselheiros.

Davi assentiu.

- Eu dormirei até que chegue o meu turno, Hulda. É tudo o que eu posso prometer.

- Não vai conseguir mais do que isso, Hulda – falou Eva.

Hulda a olhou com interesse.

- E quanto a você?

Eva olhou para a caneca que jazia entre seus pés.

- Eu gostaria de estar acordada quando eles voltarem – ela pensava nos pais.

Hulda sorriu e pôs a mão em seu ombro.

- Confie em mim, Eva. Eu não a deixarei perder esse momento. Deite-se e durma enquanto pode, filha.

A noite foi tranqüila. O horizonte não mostrava sinais de mudança. A lua clara ajudava a perceber os movimentos até certa distância. O que ficava mais

além, entretanto, era observado pelos olhos dos integrantes da Ordem Branca, cujos elmos invisíveis lhes permitiam ver além do que os olhos normais viam.

Davi acordou pontualmente para assumir o seu turno. Enrolando o turbante em volta do rosto, ele sentou-se sobre uma rocha plana no alto da colina e pôs o arco sobre as pernas. Seus olhos não tiravam de vista o horizonte. Quando a aurora começou a colorir o céu com os primeiros sinais da chegada do sol, ele se ergueu deixando o arco cair aos seus pés. Uma nuvem de poeira subia em um ponto do horizonte. Um grupo se aproximava, não um exército. Ele coçou os olhos cansados pela vigilância atenta, a fim de se certificar de que não era uma mera ilusão. De repente, lançando para longe toda a dúvida, um som cortou o ar. O shofar de Héber!

Ele pegou o arco e desceu correndo a colina até chegar embaixo. Chegando até seu cavalo que, junto com Terra, ficara próximo a tenda principal, ele montou e saiu em disparada ignorando os gritos de Hulda que o pediam para parar. Eva saiu da tenda na hora em que ele partia. Ela pensara que o toque do shofar fosse um sonho, mas ele continuava no ar. A profetiza, desesperada, dava ordens para que seguissem Davi. Quando dois queneus partiam a galope atrás do rapaz, Hulda virou-se para ela e imediatamente colocou-se na sua frente.

- Fique em sua tenda até que eu saiba o que está acontecendo!

- Hulda, eu estou no comando desse exército! Você não tem o direito de me colocar de castigo e me tratar como se fosse criança! Além do mais, não é o shofar de Héber que está sendo tocado?

Hulda estava irredutível.

- Eva, você é responsável por minha. Não consegui controlar meu primo, mas vou zelar pela sua segurança, entendeu? – ela apontou para a tenda. – Entre e aguarde, ou eu mandarei que lhe amarrem a uma estaca.

A moça olhou para a profetiza furiosa sem conseguir articular palavras.

- Não faço isso por achar que você é uma criança. Faço isso para lhe preservar a vida. Eu faria isso com sua mãe se ela me desse motivo.

Eva aquiesceu, pois de certa forma, sabia que Hulda era capaz de cumprir cada palavra. Emburrada, mas obediente, ela voltou a entrar na tenda debaixo da vigilância de dois guardas queneus.

À medida que avançava pelo deserto, Davi podia ver melhor o grupo que se aproximava, pois a luz do sol avançava com rapidez naquele lugar. Quando ele se aproximou o suficiente para reconhecer os rostos, viu que o grupo parava. Alguém descia e corria em sua direção. O rapaz sorriu com lágrimas nos olhos.

- Mãe... – ele sussurrou.

Davi desceu e correu em direção da mãe. Ao chegarem perto, eles pararam de frente um para o outro. Jael tinha lágrimas nos olhos, enquanto abarcava com as duas mãos o rosto do filho. Era como se ela quisesse se certificar de que ele era real. Suas mãos percorriam o rosto do rapaz como se tentasse reconhecer cada traço.

- O que está fazendo, mãe?

- A última vez que vi o seu rosto, você estava morrendo diante de mim... Pedia-me ajuda, mas eu não podia fazer nada, a não ser ver você morrer. Preciso ter a certeza de que é real, pois temo que ainda esteja sonhando.

Davi a apertou contra o peito.

- Mãe, eu não sei o que viu, mas foi uma mentira. Eu não morri, e você também não. Eu sou real e vou lhe provar isso.

De repente, ele a apertou e erguendo-a do chão a girou no ar enquanto soltava uma gargalhada.

Eva ouvia os sons agitados do acampamento e se ressentia de não poder sair. Hulda era uma mulher sábia e zelosa, mas também era uma mulher sangüínea e temperamental. Não admitia ter suas ordens descumpridas em hipótese alguma. A moça levantou-se e caminhou até o fundo da tenda, cogitando na possibilidade de conseguir fugir por baixo da armação. Ela estava nessa posição, de costas para a entrada da tenda, quando ouviu alguém entrar. Hulda talvez trouxesse notícias, mas Eva estava por demais ressentida para ser amável com a profetiza.

- O que é agora, Hulda? – ela perguntou sem se voltar. – Decidiu vir me acorrentar para que não fuja?

- Ela já tentou fazer isso comigo uma vez.

Aquela voz! Eva voltou-se com o coração aos pulos. Deborah não esperou que a filha fizesse o menor gesto, ela simplesmente a envolveu em seus braços e começou a chorar descontroladamente. Eva também chorava enquanto sentia o abraço da mãe. Quando Deborah finalmente falou, foi algo que surpreendeu Eva.

- Você está viva... Não é uma ilusão... Você está realmente viva!

- Do que está falando, mãe? Foi você quem sumiu. Todos os dias eu me perguntava se você ainda estaria viva.

Deborah olhou para ela e após encher o seu rosto de beijos, sorriu com alívio.

- Me fizeram acreditar em uma ilusão. Eu vi você ser jogada no fundo de

um abismo e, mesmo sabendo que era uma ilusão, a imagem tem o poder de se tornar real. Aquela cena ficava se repetindo várias vezes em minha mente até que eu cheguei a temer que fosse verdadeira.

Eva enxugou as lágrimas de Deborah com os dedos.

- O que fizeram com vocês, mãe?

Deborah balançou a cabeça e sorriu.

- Não vale a pena lembrar.

Ela, então, surpreendeu-se ao ver algo em cima de um banco. Eva seguiu o seu olhar e sorriu.

- Suas espadas. Eu tinha certeza de que papai ia conseguir cumprir a promessa de lhe trazer de volta, por isso eu as poli do jeito que você me ensinou. Estão brilhando como a mais pura prata.

Deborah pousou a mão sobre as espadas.

- Bruma também está aqui.

A mulher sorriu ao ouvir a notícia.

- Agora sei qual foi a força que nos tirou do domínio de Jabim. Foi a fé de vocês, Eva. Acho que sem ela não teríamos conseguido.

Um dos guerreiros queneus que se encontravam em cima da colina, avistou um ponto escuro no céu. Era um pássaro. Um falcão para ser mais exato. Ele juntou as mãos na boca e imitou um som que fez com que o animal parasse o vôo e descesse em linha reta até pousar em seu braço. Na perna, ele trazia um pequeno papel preso com um barbante. O guerreiro o retirou, abriu e leu. Logo em seguida, passou para os companheiros a notícia que de boca em boca foi chegando até o acampamento.

- Um pássaro de Midani trouxe a notícia. O exército comandado por Aroer está chegando!

Era um alívio para todos que os dois exércitos tenham conseguido se congregarem antes do inimigo marcar presença. Os Luminares unidos garantiam os ânimos e as esperanças da vitória. As forças dos dois exércitos, unidas, enchiam o deserto de tendas. Midanitas e Queneus armaram acampamento juntos, pois a semelhança de Amal, eles eram um povo que sabiam como lutar em lugares desertos e podiam armar estratégias juntos.

A Ordem Branca que estava na fronteira sob o comando de Maalá, uniu-se às tropas de Tirza. O grupo já havia sido preparado com a armadura invisível através de Otoniel que lhes dava o suporte espiritual que precisavam. O povo da Floresta de Quedes foi recepcionado por Sangar e Noa e, assim como as Amazonas, preferiam ficar ao ar livre. Gades foi recebido por Sarah que, rapidamente, lhes indicou os pontos mais altos do paredão de pedra. Seria o

lugar perfeito para os arqueiros perfeitos. Suas roupas claras seriam facilmente confundidas com as rochas, portanto a camuflagem estava naturalmente pronta. Aqueles que não ficariam nas colinas deveriam se unir ao exército da Ordem na vanguarda, pois eram os dois únicos grupos que contavam com proteção contra a magia. Gades era imune a ela, enquanto a Ordem era dotada de conhecimentos e do revestimento de uma armadura que ninguém via.

Zoar, ao lado da irmã, arregalou os olhos quando viu ao longe o exército formado pelos sacerdotes. Eram mais do que se podia contar. A força que Aroer trazia era menor em número, mas unindo os sacerdotes da cidade-guardiã com os sacerdotes de Babilos e alguns das Cavernas do Sal, o número de combatentes dotados do dom espiritual era mais do que satisfatório. Ele tratou logo de unir-se a eles, pois se mantinha com a cabeça cheia de idéias. Ele só esperava que os sacerdotes mais velhos não colocassem dificuldades por causa de sua idade. Jethro sorriu para ele.

- Você tem a mim para falar em seu favor, meu príncipe.

Tamar, enquanto o irmão se afastava, desceu do cavalo e aproximou-se de Barak. O rei estava com Deborah e Eva ao seu lado. A rainha de Aroer sorriu e fez uma reverência diante da família real.

- Fico feliz em vê-los reunidos, meus soberanos – ela apontou para trás. – Eis aqui o exército de Aroer ao seu dispor.

Atrás dela, um imenso exército formado por homens e mulheres de armaduras douradas por cima de vestes amarelas. Suas roupas brilhavam ao sol. Barak sorriu.

- Encontre um lugar para o seu exército, majestade. Vocês são mais que bem-vindos aqui entre nós. Espero que a viagem tenha sido tranquila.

- Mais do que imaginávamos. Os pássaros de Midani foram muito úteis. Aquele povo parece entender sua linguagem, pois praticamente enxergavam as trilhas seguras através deles.

Tamar sorriu para Deborah.

- Rainha Deborah, sua presença aqui é de uma imensa alegria para todos. Desde que o rei partiu em seu resgate, o pensamento de todo o exército estava voltado para o sucesso de sua missão.

- Mais uma vez eu percebo que a fé daqueles que amamos foi a força que nos trouxe de volta, a mim e a Jael.

Tamar sorriu.

- Não há perigo no horizonte. Essa noite não haverá guerra.

As duas mulheres se entenderam com um olhar e Tamar, após uma inclinação de cabeça, afastou-se com seu exército. Barak apertou a mão da

esposa. Ele também havia entendido.

- Ainda temos muita coisa para fazer até a noite chegar – ele falou. – Mas quando ela vier, não pretendo desperdiçá-la.

Deborah corou, pois eles estavam na presença da filha. Eva sorriu.

- No lugar de vocês, eu não desperdiçaria.

Ela saiu correndo ao ver Rute e Rebeca, deixando os pais de boca aberta e com cara de bobos.

Jael subiu uma colina e ficou contemplando o vale no qual a batalha aconteceria. Seus olhos percorreram o imenso campo vazio onde em breve muitos corpos iriam cair. Em seguida, seu olhar foi atraído pela montanha. Ela continuava com o mesmo aspecto assustador. A nuvem que a envolvia parecia ser tão eterna quanto a neve da Montanha Branca. Ela mal conseguia se lembrar de como havia cruzado aquele deserto e galgado aquela montanha. Lembrava-se de estar ferida, cansada e com medo. Com muito medo. Dois braços fortes a rodearam por trás. Ela sorriu e apoiou-se na força de Héber.

- Lembro de nós dois em cima de uma colina, observando uma montanha que também possuía uma nuvem como cobertura. A Montanha de Ferro.

- Eu lembro. Mas nenhuma montanha se compara com aquela. Nunca pensei que meus passos me trariam de volta para cá.

- Ela me parece ameaçadora, mas não de uma forma maligna.

- O Monte da Lei é um lugar sagrado, Héber. Ele não é mal. Além de tudo, precisamos defender o que ele é para Hedhen. Jabim quer destruir tudo o que é bom nessa terra.

Héber a apertou com mais força.

- Esqueça-o, Jael.

- Não posso. O confronto virá e será inevitável. E quando vier, será lá em cima.

Héber sentia arrepios na espinha só de ver a estranha nuvem tempestuosa que não parava de soltar trovões, relâmpagos e raios.

- Prefiro acreditar que tudo será resolvido aqui, neste vale.

Jael virou-se para ele e admirou o belo rosto do marido.

- Não quero pensar em guerra, Héber. Pelo menos, não enquanto ela não chegar até nós. Por favor, me leve para algum lugar onde possamos ficar a sós. Eu quero muito você.

Ele a beijou com paixão. Em seguida, saíram de mãos dadas e não foram vistos até o cair da noite.

Na tenda principal, Hulda ouvia de Barak e Deborah, o relato sobre o

resgate e também sobre Noa. A profetiza balançou a cabeça, intrigada e maravilhada.

- Se aconteceu como dizem, não há dúvidas a respeito. Ela possui o dom sacerdotal por nascimento.

- Por que as sacerdotisas foram extintas? – Barak perguntou.

- Isso nem eu mesma sei, Barak. Eu nunca vi uma antes. Elas, segundo me parece, existiram apenas na época dos Primeiros Tronos. Áquila tem um conhecimento profundo sobre essa época. Ele pode ajudar bem mais do que eu ou qualquer um dos sacerdotes de Hedhen.

Hulda levantou-se e caminhou pela tenda.

- Eu sempre achei que Noa estava destinada para algo especial. Ela sempre foi muito intuitiva. Naturalmente intuitiva, para dizer mais claramente.

- Que ela era especial, isso eu sempre senti – disse Deborah. - No entanto, o sacerdócio feminino era algo desconhecido para mim. Nunca cogitei tal possibilidade.

- Eu sempre achei que a existência de sacerdotisas era apenas uma lenda dos dias antigos – comentou Barak.

Hulda concordou.

- Até hoje eu pensava da mesma forma, Barak. No entanto, eu conheço a mulher sobre a qual estamos falando e sei que, se elas estão fadadas a existir, Noa tem em si todas as qualidades de uma.

A profetiza caminhou até a porta da tenda e voltou-se para eles com um sorriso no rosto.

- Essa notícia me trouxe alegria, Deborah. Sem contar que foi trazida junto com você e Jael. Você é mãe e sabe como me sinto nessa hora. Tenho minhas filhas de volta e sinto que uma vitória já foi conquistada. Agora, vou deixá-los a sós, pois sei que precisam conversar. Vou procurar Áquila e Nathan para contar-lhes sobre Noa.

- Prepare-a antes, Hulda – pediu Deborah. – Sei que vão submetê-la a um longo interrogatório.

Hulda ficou séria, ponderando o problema.

- Se ela for mesmo uma sacerdotisa, o seu valor para essa guerra será de imensa importância. É importante que saibamos logo a verdade.

- Por que é tão importante? – quis saber Barak.

- Segundo as histórias antigas, as sacerdotisas possuíam controle total sobre todos os dons e os possuíam integralmente.

Barak arqueou uma sobrancelha sentindo-se confuso. Hulda suspirou e tentou explicar.

- Os maiores sacerdotes que eu conheço, Barak, são aqueles que nos acompanham desde o início. Nathan, Salum e Otoniel. Águila vem de uma terra distante da qual sei pouca coisa, mas já pude averiguar que ele se encaixa entre os três que eu mencionei. Entretanto, nenhum deles possui controle total sobre seus dons. Eles aprendem aos poucos, através de estudos e meditação, a maneira certa de manifestá-los. Isso é uma qualidade rara que, segundo os mitos, estava associada às sacerdotisas.

- Para criar o escudo que protegeu o Poço das Origens foi necessária a intervenção dos altos-sacerdotes, unidos com um único pensamento – falou Barak, tentando acompanhar o raciocínio. – Na época da guerra de Salema, os sacerdotes também se uniram para criar um escudo sobre o exército. Noa pôde criar um escudo apenas com a própria vontade, em um momento que não dava tempo para meditações.

Hulda concordou.

- E isso, meu rei, eu nunca vi nenhum sacerdote fazer.

Depois que Hulda saiu, Barak envolveu Deborah com um braço e a atraiu para ele. Ela aninhou a cabeça em seu ombro e fechou os olhos.

- Eu a trouxe de volta, mas o meu coração está inquieto – ele falou. – Talvez seja pela aproximação dessa estranha guerra que veio abalar a nossa paz.

- Precisamos conversar, Barak.

- Eu não quero conversar, Deborah. Tenho medo do que vou ouvir.

Ela ergueu a cabeça e olhou para ele.

- Mesmo assim, precisamos conversar.

Ele deu um longo suspiro e se levantou.

- Eu me recuso a aceitar que Jabim possa ter o poder de colocar as mãos sobre vocês novamente. Lutarei contra isso até o fim. Ele não vai vencer.

- Não, ele não vai vencer, mas a vitória nunca vem da maneira que pensamos, não é?

Ele olhou para ela e os dois ficaram se encarando em silêncio. Ambos pensavam a mesma coisa. Para derrotar a força de Salema, Deborah teve que morrer, se sacrificar. Ele nunca conseguiu esquecer o impacto que lhe causou a imagem da esposa morta em cima de uma pedra de sacrifícios. O corpo machucado, sangrando. Não. A vitória teria que vir com alegria.

- Eu não vou perder você de novo – ele falou com os olhos rasos de lágrimas.

Deborah levantou-se e o abraçou.

- Barak, dessa vez a missão não é nossa. A vitória que vai ser alcançada aqui, não é a final. Jabim não vai prevalecer e destruir tudo o que construímos.

Eu não vou deixar. Jael não vai deixar.

Ele a apertou mais nos braços.

- Vocês podem vencê-lo, Deborah.

- Podemos, mas não fugindo dele. Nós iremos até ele quando a luz nos atrair, e ele sabe disso. Por isso nos deixou partir. O que vai acontecer nesse confronto é o que vai definir essa guerra. Tudo o que sei é que vai envolver uma escolha difícil.

Ela afastou-se e olhou para ele.

- O Ancião me disse que passaríamos um longo tempo separados. Eu temo que...

Ele a beijou para que ela não continuasse.

- Isso já aconteceu, Deborah. Nós já passamos um longo tempo separados. Não vai mais acontecer.

- Barak...

- Você e Jael não precisam enfrentá-lo. Você ainda tem sua luz, ela não foi tirada completamente.

Ela afastou-se.

- Pare, por favor! Não percebe o que está dizendo? A luz é parte de mim! Eu não posso viver sem ela. Além do mais, enquanto não enfrentar Jabim e derrotá-lo, o próprio mundo vai continuar parecendo irreal para mim. Por todo esse tempo, através dos magos, ele condicionou nossas mentes com o irreal. Sono, delírios e ilusões. Havia momentos em que não sabíamos mais o que era real ou não. Hoje, estou aqui ao seu lado e Jael está com Héber em algum lugar, mas em nossos corações há uma incerteza. Enquanto uma parte de nós estiver lá, não vamos poder sentir o mundo como uma realidade novamente. Precisamos recuperar o que é nosso, Barak.

Ele enxugou os olhos e a abraçou novamente.

- Eu não sabia que você se sentia dessa forma. Fui egoísta, meu amor. Eu deixei que o medo de perder você me dominasse a ponto de pensar apenas em mim. Não posso condená-la a viver pela metade.

- Eu só queria que você estivesse preparado para esse momento, porque as palavras do Ancião ainda não fizeram sentido para mim. Não sei como tudo pode acabar.

- Contanto que não seja com você novamente sobre uma pedra de sacrifício, acho que posso agüentar.

Ela sorriu ao olhar pra ele.

- Eu não vou morrer, Barak. Essa é a única certeza que eu tenho.

Ele a beijou com paixão.

- Essa tenda não é segura. Vamos procurar um lugar para ver a lua e o nascer do sol. Quero fazer você sentir que sou real, através do amor que eu tenho para lhe oferecer.

Capítulo 42

A Sacerdotisa de Hedhen

Héber e Jael desceram da colina quando já havia anoitecido e passaram por dentro do acampamento, aproveitando para observar os ânimos daqueles que sabiam que logo estariam lutando. Não havia medo em nenhum dos olhos, apenas determinação. Quando se aproximavam das tendas principais, armadas próximas as colinas, viram um Sangar irritado que caminhava de um lado para o outro, sem saber o que fazer.

- O que houve com Sangar? – perguntou Héber. – Ele parece exatamente comigo no dia em que Davi nasceu.

Jael sorriu com o comentário.

- Acha que ele vai desmaiar também?

Héber riu.

- Não saia dizendo isso por aí. Podem pensar que foi verdade.

- Mas foi verdade, não foi?

Ele, no lugar de responder, a puxou pela mão, aproximando-se do amigo. Sangar, ao vê-los, parou de caminhar.

- O que aconteceu, Sangar? – Héber perguntou.

O líder de Quedes apontou para uma grande tenda recém montada.

- Levaram Noa para dentro daquela tenda, há horas! Muitos sacerdotes têm entrado, mas ninguém sai.

- Sangar, precisa ter paciência – falou Jael. – Os sacerdotes precisam descobrir o que está acontecendo com Noa.

O homem passou a mão pelos cabelos num gesto impaciente.

- O que eles precisam saber, afinal? O que tem assim de tão grave em criar um escudo?

Héber suspirou.

- Do que você tem medo, Sangar?

O amigo olhou para ele, mas hesitou quanto ao que ia dizer. Héber percebeu que a presença de Jael o estava inibindo. Jael notou o gesto.

- Vou precisar deixar vocês dois. Preciso encontrar meu filho.

Héber sorriu agradecido para ela, e sentou-se com Sangar perto de uma fogueira enquanto ela se afastava. O rei dos Queneus deu um longo suspiro e jogou um graveto no fogo.

- Eu nunca pensei que me tornaria um conselheiro no que concerne a Profecia, mas verei o que posso fazer para lhe ajudar, meu amigo. Meus ouvidos são seus.

- Só o fato de resolver me escutar já é uma grande ajuda, Héber.

Jael encontrou Davi alimentando Nuvem. O cavalo cinza de crina e cauda negra devorava a cenoura que Davi segurava. O rapaz sorriu ao ver a mãe.

- Já alimentei Solaris, mãe. Ele está pronto para ser montado.

- Obrigada por ter lembrado de trazê-lo, Davi. Não me sentiria segura nos lombos de outro cavalo.

Ele, então, pareceu lembrar-se de algo.

- Eu tenho uma coisa pra você. Não saia daí.

Ela aguardou enquanto ele entrava em uma pequena barraca, talvez de suprimentos e acessórios. Quando ele voltou, trazia algo nas mãos. Jael sorriu ao ver o que era.

- Meu arco! Como o encontrou? Eu achei que Leukós havia mandado nossas armas para muito longe.

Jael pegou o arco na mão e sentiu a sua presença sólida. Aquilo lhe deu mais um pouco de segurança.

- Eu o achei quase enterrado na areia, fora do Poço das Origens. Eva também cuidou das espadas de minha tia. Sabíamos que voltariam para suas mãos.

Jael abraçou o filho, que já era bem maior do que ela.

- Eu amo você, meu Davi.

- Senti muito sua falta, mãe. Não faça isso de novo, por favor.

Jael queria prometer mas, ao mesmo tempo, sentia uma nuvem escura pairando no ar, como uma ameaça que se aproximava lentamente e não poderia ser evitada.

Hulda encaminhava-se para a tenda armada pelos sacerdotes. No caminho, esbarrou com Eva. A moça queria seguir em frente, mas Hulda voltou-se.

- Eva – ela chamou.

O rosto de Eva não demonstrava o que realmente sentia. Ela tinha um maravilhoso talento para aparentar tranquilidade quando estava fervendo por dentro. Hulda podia sentir a hostilidade.

- Será que você poderia me perdoar pela maneira como a tratei?

Eva a observou em silêncio, analisando o rosto da profetiza.

- Eu achei que você realmente me acorrentaria para que não fugisse. Minha mãe disse que já tentou fazer isso com ela. É verdade?

Hulda sorriu.

- Sim, é verdade. Foi na ocasião em que Jael foi capturada e levada para Babilos. Quando sua mãe soube, saiu correndo montando em Bruma e atravessando os portões de Hazorah. Eu só tive um pensamento. Ela vai até Babilos resgatar Jael! Convoquei a Ordem Branca e entreguei a Maalá uma das correntes feias com o ferro amaldiçoado de Jabim. Disse-lhe que Deborah poderia resistir e que, nesse caso, usasse as correntes, pois era a única forma de conseguir contê-la. O importante era arrastá-la de volta para o palácio.

- E Maalá fez isso? Ela usou as correntes na minha mãe?

A profetiza deu um suspiro de alívio.

- Não foi preciso. Sua mãe, diferente de mim, sabe controlar suas emoções quando se encontra em momentos críticos.

Eva sorriu.

- Hulda, já vi que você é capaz de virar uma leoa para proteger aqueles a quem ama. Apenas por isso, eu vou lhe perdoar.

Hulda arregalou os olhos surpresa.

- Obrigada, Eva. Estou surpresa com sua atitude.

Eva deu de ombros.

- Se você tentou fazer isso com minha mãe, que na época já reinava em Hazorah, o que não faria comigo? Em certos momentos, os títulos caem por terra e não valem muita coisa. O que importa é o amor que sentimos uns pelos outros e que nos faz tomar atitudes assim.

A moça virou-se e continuou o seu caminho. Hulda, satisfeita por ter ouvido a resposta sábia, retomou o rumo em direção a tenda dos sacerdotes.

Noa sentia a cabeça doer enquanto os sacerdotes discutiam entre si como se ela não estivesse presente. Ela permanecia sentada em um canto, fazendo o possível para ser ignorada, embora soubesse que era o assunto principal. De vez em quando olhares curiosos eram dirigidos para ela, mas nenhuma palavra lhe foi dita até então. Quando os principais sacerdotes entraram, o barulho cessou. Ela levantou-se, assim como todos os outros. Nathan, Otoniel, Salum e Áquila tomaram seus assentos. Hulda e Miriam se colocaram ao lado dela.

- Há quanto tempo está nesta tenda? – perguntou Miriam. – Você parece péssima.

- Ainda era dia claro quando me trouxeram – Noa estava cansada, mas falou com resignação.

Hulda pôs a mão em seu ombro e a forçou gentilmente a sentar.

- Relaxe, menina! Você está tensa.

- O que vai acontecer comigo, Hulda?

Hulda ia responder, quando Otoniel começou a falar.

- Noa, aproxime-se – ele pediu.

A mulher apertou o cabo da espada que pendia de sua cintura, apenas para sentir que se apoiava em alguma coisa. O que ela estava fazendo ali, no meio daqueles homens poderosos? Por que a sua presença suscitara uma reunião de sacerdotes na véspera de uma guerra? Respirando fundo, ela deu alguns passos para frente, colocando-se no centro da tenda.

- Fomos informados sobre os fatos que aconteceram durante o resgate de Deborah e Jael. Hulda nos relatou em detalhes, assim como lhe contaram.

- Por que eu estou aqui, senhor? – Noa não conseguiu se conter. – O que há de tão especial no que eu fiz?

Os sacerdotes a analisaram. Ela olhou em volta e viu Zoar parado na porta de braços cruzados. Ele lhe sorriu em um gesto de apoio. Noa, entretanto, não conseguiu sorrir de volta. O que ela havia feito para estar ali?

- Noa, você confia em mim? – perguntou Salum.

Ela molhou os lábios secos e balançou a cabeça. O sacerdote, além de ter sido seu companheiro em uma viagem difícil quando estavam em busca do Cetro de Luz, também foi seu mestre na Ordem Branca. Com Salum, Noa aprendeu muitas coisas.

- Eu aprendi a confiar, senhor.

- Então, eu lhe peço que não fique tão preocupada. Só queremos lhe fazer algumas perguntas, a fim de podermos solucionar algumas dúvidas.

Ela assentiu. Alguém lhe ofereceu água. Era Hulda. Noa agradeceu e tomou alguns goles, o que lhe ajudou a se recompor.

As perguntas foram feitas levando em conta toda a sua experiência enquanto comandante da Ordem Branca. Quando Nathan lhe fez uma pergunta sobre as regras da Ordem e sua fundação, Noa soube descrever cada uma em detalhes; uma pergunta simples formulada por Otoniel, que dizia respeito ao ritual de Lapidote, a levou a uma resposta simples. No entanto, aquilo gerou uma inquietação que ela não compreendeu. Salum pediu silêncio. Por fim, Nathan lhe pediu para contar sobre suas experiências com a armadura espiritual e com o escudo de Nod. Ela fez o possível para fazer um relato claro e preciso. Noa sentia-se exausta ao término da rodada de perguntas. Seus pés doíam, assim como a cabeça. Ela olhou para os sacerdotes, enquanto eles dialogavam entre si. Águila mal abria a boca e isso a inquietou.

- Noa – a voz de Otoniel chamou a sua atenção. – Você tem indiscutivelmente um dom muito raro. Você praticamente passou em todas as provas.

- Provas? Que provas?

- As perguntas que fizemos a você, foram perguntas escolhidas para servirem de teste para que pudéssemos medir sua capacitação.

Noa balançou a cabeça extremamente confusa.

- O que poderia servir de prova naquelas perguntas? Eu não percebi nada absurdo ou diferente.

Muitos risos discretos soaram em volta dela. Nathan voltou-se para ela.

- Essas perguntas, Noa, serviram para avaliar a sua relação com os dons sacerdotais. Nós, sacerdotes, não possuímos controle sobre todos os dons. Podemos aprender, com o tempo, a manipular alguns. Nascemos com o dom natural de conseguir fazer isso. Segundo o que até agora achávamos ser um mito, as sacerdotisas foram dotadas de uma forma diferente. Elas conseguem controlar sozinhas todos os dons.

Noa sorriu.

- Eu jamais conseguiria fazer isso. Por que dizem que eu passei no teste?

Nathan a encarou profundamente.

- Existem três níveis de dons. Os da voz, os da mente e os do espírito. Quanto aos primeiros, você demonstrou ter uma intuição inata que, com o tempo, poderá se tornar profética.

Ela olhou interrogativamente para Hulda. A profetiza escutava com atenção o diagnóstico de Nathan.

- Quando Otoniel lhe fez a pergunta sobre o ritual de Lapidote, ele a fez numa linguagem que apenas os sacerdotes conhecem. Você a compreendeu e respondeu, sem o sentir, na mesma linguagem.

Noa cambaleou sentindo o mundo rodar.

- Impossível... — ela sussurrou enquanto era amparada por Miriam e sentada em um banco.

- Quanto aos de segundo nível, você demonstrou sabedoria acima da média em suas respostas, além de um conhecimento profundo e detalhado sobre todas as regras da Ordem Branca. É quase como se você as tivesse gravado em sua mente.

Noa apenas ouvia as palavras de Nathan, sem querer acreditar naquilo. Estava em choque.

- Os de terceiro nível puderam ser comprovados por testemunhas. Você conseguiu utilizar a armadura espiritual não apenas como defesa, mas também como arma de ataque. Isso é muito raro. Sem falar na manipulação de escudos. Isso tudo a caracteriza como uma sacerdotisa, Noa. Uma sacerdotisa que nasceu com o dom.

- Isso não pode ser – ela balbuciou. – Há cinco anos eu troquei minha vida na Ordem e deixei o templo para trás, porque queria ter uma vida ao lado do homem que eu amava – ela deixou as lágrimas escorrerem pelo rosto. – Eu tenho dois filhos! Como posso ser uma sacerdotisa? Como posso deixar tudo o que eu amo para trás? Conheço a vida de quem tem o chamado por nascimento. Não vão me deixar ter uma vida normal. Eu não quero isso!

Ninguém falou por um longo tempo.

- Não devíamos estar aqui discutindo isso – Noa enxugou o rosto com as mãos. – Uma guerra está para acontecer e eu preciso tomar o meu lugar.

- Você precisa aceitar quem é, Noa – disse Salum. – O seu lugar nessa guerra pode garantir a nossa vitória contra os magos.

- O que quer dizer?

Salum virou-se para Áquila.

- Sacerdote, a partir daqui a palavra é sua. Mostre a Noa qual é o seu lugar.

Áquila aprumou-se em seu lugar.

- Noa, apesar da existência das sacerdotisas não passar de um mito em Hedhen, elas sempre foram um fato concreto em Nod. No início, quando as duas terras eram uma só e os Tronos reinavam, as sacerdotisas constituíam um grupo especial. Elas, por terem o controle total dos dons, eram consideradas mais fortes e sábias. A elas coube, portanto, a guarda de todos os segredos ligados ao sacerdócio e a profecia. Elas sempre existiram, mas nunca em um número tão extenso. Em Nod, há uma região no oriente chamada de Anatolya. Lá, foram construídas sete cidades para cada uma das sacerdotisas existentes na época. Elas deveriam manter os segredos em segurança e separados entre si. A cada uma coube a guarda de uma parte desse segredo. Nessas cidades foram construídos sete templos, cada um deles com uma chama semelhante a que queima em Shilloh. As Cidades das Chamas Sagradas, como ficaram conhecidas, era o vínculo que sustentava o poder da luz em Nod quando as terras foram separadas.

Noa escutava tudo com a respiração presa.

- O que eu tenho a ver com Nod, sacerdote? Por que eu?

- As sacerdotisas eram poucas e sucumbiram diante da investida de Abadom. Todos, homens e mulheres que possuíam o dom sacerdotal, eram presos e nunca mais voltavam a ser vistos. As chamas se apagaram e os templos foram profanados por ordens criadas por Abadom. Os sobreviventes tiveram que se esconder, mas entre eles não se encontrava nenhuma mulher. As sacerdotisas não existiam mais. Aquilo foi um motivo de muita tristeza, pois somente uma sacerdotisa poderia reacender as chamas e purificar os templos

trazendo de volta a força dos sacerdotes de Nod.

Hulda achou que Noa fosse desmaiar, mas em vez disso a mulher ficou em pé e aproximou-se do sacerdote com o olhar fixo nele.

- O que você está me dizendo, Áquila, é que eu tenho que ir para Nod e reascender aquelas chamas?

Áquila sorriu e balançou a cabeça.

- O Pai a escolheu, Noa. Você nasceu com o dom sacerdotal e tem uma missão em Nod.

- Por que eu nunca soube disso? Por que se manifestou agora?

- Ao profanar os templos de cada cidade e consolidar o seu domínio, Abadom criou uma ordem superior. Essa ordem era formada por magos e não por sacerdotes. Ficou conhecida como a Ordem Negra. Uma ordem criada especialmente para se opor ao sacerdócio. Ela era comandada por quatro homens chamados de Juízes. O título, quando um deles morria, passava diretamente para aquele que começava a manifestar o poder relacionado com seu nome. Eles ficaram conhecidos como Manipuladores da Mente. São os quatro magos que estão aqui auxiliando Jabim. Quando eles pisaram em Hedhen despertaram o dom que estava adormecido em você. Isso é tudo, Noa.

- Não, ainda não terminou – ela olhou para cada um dos principais sacerdotes. – Vocês ainda não me disseram qual é o meu papel nessa guerra.

- Você deve marchar entre nós, sacerdotes – disse Otoniel. – Você nos dará suporte através do controle dos dons, pois a sua força é superior a nossa.

Ela olhou espantada para Áquila.

- Em Nod, os sacerdotes eram submissos a sacerdotisa do templo. É assim que deve ser. Você comandará o exército sacerdotal.

- Vocês enlouqueceram? Eu ainda mal tive tempo de compreender tudo isso! Como esperam que eu tenha controle de tudo daqui até o início da batalha?

Nathan sorriu.

- Você já tem o reflexo natural, Noa. Basta seguir o seu instinto, comandante.

Héber e Sangar levantaram-se ao ver Noa sair da tenda. Sangar correu até ela, achando que nunca a vira com uma expressão tão perdida. Ela abraçou-se a ele como se aquele contato a pudesse proteger de algo.

- O que aconteceu, Noa? – ele perguntou enquanto lhe acariciava os cabelos. – O que fizeram a você?

- Eles me mostraram uma verdade para a qual eu nunca me preparei.

O marido a apertou com mais força.

- Conte-me tudo.

- Eu contarei, mas antes eu preciso comer alguma coisa e descansar um pouco. Se a guerra começar amanhã, eu preciso estar pronta – ela afastou-se e pôs as mãos na cabeça, apertando os olhos. – Minha cabeça parece ter um martelo!

Sangar olhou agradecido para Héber e levou a esposa para a tenda que compartilhavam. Jael ia chegando nesse momento.

- O que Noa disse? – ela perguntou vendo o casal se afastar.

- Por enquanto, nada. Os sacerdotes a deixaram exausta.

Ele viu o arco na mão da esposa e franziu o cenho.

- Esse é o seu arco? Como o conseguiu de volta?

Jael sorriu.

- Davi o encontrou e esperava a chance de me devolver – ela ergueu a mão e olhou para o arco de forma pensativa. – Sei que não podemos confiar apenas em nossas armas, mas isso me faz ter um pouco mais de coragem.

- Coragem? Você precisa de coragem, Jael? É a mulher mais corajosa que eu conheço! Como pode dizer isso?

Ela tentou sorrir, pois não queria que Héber percebesse o medo que se apoderava dela ao pensar no desfecho dessa guerra imprevisível.

- Esse é um sentimento que me acompanha sempre que olho para aquela montanha ancestral – ela não falou uma mentira, apenas mudou o foco de seu medo. – Na primeira vez que estive aqui, minhas pernas tremeram. O poder que existe no Monte da Lei excede qualquer entendimento, Héber.

Sarah aproximou-se dos dois. Ela parecia aflita.

- Os vigilantes gaditas viram movimento no horizonte.

- A que distância? – perguntou Héber.

- A mais ou menos um dia de viagem – ela respondeu diante do olhar perplexo dele.

- Vocês gaditas conseguem enxergar a uma distância tão grande?

Sarah riu como se Héber tivesse perguntado algo estúpido.

- O horizonte está aberto para nós aqui no deserto.

A resposta não exigia explicações. Sarah tratava esse talento natural como algo óbvio, e Héber respeitou isso.

- Eu vou avisar os sacerdotes – ele falou.

- Alguém viu Barak e Deborah? – Jael olhou em volta a procura.

Sarah sorriu e baixou a cabeça.

- Estão perdidos por aí, talvez no mesmo local em que você e Héber se perderam esta tarde.

Jael quis repreender a amiga, mas desistiu.

- Certifique-se de que a visão foi confirmada, Sarah. Caso tenha sido, mande que toquem o alerta. Tenho certeza de que os reis de Hedhen ouvirão, seja lá onde estiverem.

Eles ouviram o toque quando voltavam para o acampamento. Deborah sentiu a aproximação, mesmo sem ver nenhum sinal no horizonte. Ela alertou Barak e ambos decidiram voltar. Era o desejo deles passarem toda a noite ali até o nascer do sol, mas o tempo não o permitiu. Entretanto, puderam sentir um ao outro novamente e aplacar um pouco da ansiedade que sentiam devido ao tempo de separação. O movimento no acampamento era intenso e ordenado. Cada um buscava estar no lugar certo naquele momento. Eles pararam diante da tenda dos sacerdotes. Jael e Héber já estavam lá. Hulda e Nathan pareciam preocupados enquanto Salum e Otoniel se ocupavam em reunir o exército sacerdotal que marcharia na vanguarda.

- Onde está Davi? – Deborah perguntou a Jael.

- Lá em cima – ela apontou para a colina mais próxima. – Ele parece saber até o número do exército inimigo. Está atento na paisagem, tentando “ler” a mente do adversário.

Eva veio correndo com as espadas da mãe nas mãos.

- Acho que é hora de usar isto – a moça falou.

Deborah sorriu para a filha e colocou as espadas nas costas. Foi bom sentir-lhes o peso novamente. Sangar veio andando com uma expressão preocupada e Hulda o interpelou.

- Sangar, onde está Noa? Precisamos dela.

- Ela não está bem, Hulda. A cabeça lhe dói terrivelmente. Ela só consegue repetir que precisa se levantar. Ela ouviu o toque de alerta, mas mal conseguiu ficar de pé. O que está acontecendo?

- Ela não lhe contou, Sangar? – Hulda pareceu surpresa.

- Ela tinha essa intenção, mas não conseguiu falar mais nada antes de cair na cama.

Deborah pegou no braço de Hulda para lhe chamar a atenção.

- O que aconteceu com Noa? Por que ela está assim?

Subitamente os olhos de Hulda brilharam esperançosos.

- Você pode ajudá-la, Deborah! Cure sua dor de cabeça. Ela precisa marchar com o exército de sacerdotes.

- O quê? – a rainha perguntou com espanto.

Jael adiantou-se.

- Hulda, se Deborah usar seu poder de Luminar aqui, antes da batalha

começar, ela ficará inutilizada para o confronto com Jabim.

A profetiza olhou desconfiada para as duas mulheres.

- O que vocês estão escondendo de mim?

Nenhuma das duas falou. Eva deu um passo à frente.

- Eu posso curar a dor de Noa, Sangar. Me leve até ela.

Deborah seguiu a filha que já se dirigia para a tenda de Noa. Ela não queria ter que dar explicações a Hulda, por isso preferiu se concentrar em outras coisas. Sangar deu-lhes passagem. Ele não era nenhum idiota e já havia feito ligações entre o que acontecera durante o resgate, na conversa em torno da fogueira e no murmurar dos sacerdotes. Podia, então, fazer uma vaga idéia do que estava acontecendo com a esposa.

Noa gemia e agitava-se inquieta na cama. As mãos cobriam a cabeça e os olhos permaneciam fechados. Deborah sentou-se ao lado dela e conseguiu ver que Noa chorava. Ela olhou para a filha e pôs a mão no coração. Eva entendeu o sinal. Ela sabia que aquilo significava que a cura seria em um nível mais profundo. Noa havia sido abalada na alma também. Deborah retirou cuidadosamente as mãos da amiga e segurou-as firmemente entre as suas. Não houve muita resistência. As mãos de Noa suavam e sua pele estava oleosa por causa da transpiração, fazendo o seu rosto brilhar. Deborah se perguntou o que poderia ter acontecido para deixá-la naquele estado.

- Está tudo bem, Noa – ela falou baixinho. – Nós vamos ajudar você.

Eva ergueu as mãos diante do rosto e elas começaram a manifestar uma luz verde. A moça, então, colocou uma mão sobre a testa de Noa e a outra sobre o seu coração. Deborah observou como a intensidade da luz aumentava e parecia se espalhar pelo peito de Noa e envolver sua cabeça. A mulher foi se acalmando até que sua respiração normalizou e ela abriu os olhos. Noa, a princípio, pareceu desorientada, como alguém que desperta de um pesadelo, mas ao olhar em volta e se firmar na realidade, ela sentou-se com as mãos apertando as de Deborah.

- Quem são eles? – ela perguntou de repente.

- Eles quem? – Deborah achou que Noa estava fora de si.

Noa piscou e sacudiu a cabeça.

- Eu pude senti-los em minha mente, Deborah. Quem são eles?

- Os magos de Nod – Deborah sussurrou. – Você os sentiu através do seu dom, Noa. São eles que estão se aproximando.

Noa tentou levantar-se, mas Deborah a impediu.

- Precisa ir com calma.

- Eu estou bem. Não era uma dor de cabeça normal. A Ordem Negra foi

formada para combater as sacerdotisas. Eles sabem o que eu sou e estavam tentando me alcançar. Eu senti isso quando rompi o último escudo ao fugirmos, mesmo sem saber do que se tratava.

Noa olhou nos olhos de Deborah.

- Assim como você e Jael, eu também não posso fugir dessa guerra. Acabo de perceber isso.

Deborah a soltou e Noa ficou de pé. Sangar a observava com os olhos cheios de perguntas. Noa parou diante dele e o beijou.

- Quedes precisa de você, meu marido. Hoje, nossos caminhos serão diferentes, mas quando tudo isso acabar, não importa o que digam que eu sou, serei sempre sua esposa e mãe de seus filhos, e a floresta é o meu lugar. Isso não vai mudar.

Sangar sorriu e pegou a espada que se encontrava no chão, entregando-a para a ela.

- Então, lutemos pela vitória, Sacerdotisa de Hedhen. Que tudo isso acabe logo e Noa, a líder de Quedes, volte para os meus braços.

Noa o abraçou, colocou a espada na bainha e saiu da tenda.

Deborah e Eva ficaram a sós na tenda, depois que Sangar foi se unir ao povo de Quedes. A rainha olhou para a filha, esperando vê-la fraca e abatida por ter usado seu poder em um nível tão profundo. Eva, no entanto, estava de pé e em pleno vigor.

- Não se sente fraca?

- Durante esse tempo que estive fora, eu descobri algumas coisas sobre mim – Eva falou, encarando a mãe. – Uma delas foi que a força das “Árvores” aumenta com o poder que vem de Nod. O inimigo se aproxima e, ironicamente, isso me deixa mais forte, mãe.

Deborah sorriu.

- E o que mais você descobriu?

Eva apertou sua mão.

- Eu descobri por que os seus olhos brilham quando olham para o meu pai.

- Você costumava dizer isso quando era criança.

- Nunca deixei de me maravilhar com o amor de vocês. Agora eu sei o motivo, pois sinto o mesmo dentro de mim.

Deborah a abraçou.

- Vocês foram agraciados por poderem partir em uma missão juntos. Terão muito que compartilhar e, no final, estarão prontos para viver esse amor, minha filha. O Pai foi generoso com vocês.

Eva olhou para Deborah com a testa franzida.

- Mãe, o Ancião nos falou de uma decisão que teríamos de tomar nessa guerra. Ele falou que seria uma decisão importante, mas ainda não descobri do que se trata.

- Eu e Jael também estamos presas a uma escolha, segundo o Ancião. Talvez sejam momentos distintos, mas também podem estar interligados. Falo da nossa escolha e da decisão de vocês. O certo é que antes que tudo isso acabe, em algum momento dessa guerra, nós saberemos.

Leukós abriu os olhos. Ele estava parado com a vista voltada para as colinas que se aproximavam. Um dos braços da “ferradura”, segundo os homens de Amal. O Vale da Profecia ficava por detrás delas e o Monte da Lei erguia-se sobre tudo com sua presença dominante e antiga. Ele olhou para trás e os três outros magos se aproximaram. Ele sorriu ao ver a enorme massa de homens vestidos de vermelho e amarelo que compunham o exército de magos. Nenhum deles trazia o medo no olhar, apenas o orgulho e a confiança de quem detêm o poder do desconhecido nas mãos. Infelizmente esse orgulho podia ser a fraqueza dos magos.

- Por que paramos aqui? – perguntou Pyrrós. – O rei tem pressa em posicionar os magos na linha de frente. Com essa força concentrada, eles não terão a menor chance. Sacerdotes nunca foram páreo para magos. A batalha está praticamente ganha.

- Eles possuem uma sacerdotisa – a voz de Leukós foi clara e pausada.

Os três se entreolharam em silêncio e, então, Pyrrós começou a rir.

- As sacerdotisas não existem mais. Nós acabamos com todas elas, não se lembra?

- Existe uma em Hedhen. Esteve aqui esse tempo todo, protegida, escondida. Nós a despertamos.

- Então, ela despertou para morrer – grunhiu Pyrrós.

- Ela lutará com os sacerdotes, isso é certo. Tentei lhe sondar a mente, mas ela é muito forte. Mais do que qualquer uma que tenhamos conhecido.

Pyrrós apontou para o exército de magos.

- Olhe para eles! São invencíveis!

Leukós suspirou.

- Você deixou-se seduzir pelo seu próprio poder, Senhor da Ira. Um exército comandado por uma sacerdotisa que possui em si a força de todas as suas antecessoras, é um exército imbatível. Ela deve ser morta logo no início, caso contrário, eles vencerão.

- Como ela poderia sozinha ter tal poder? – perguntou Mélas.

- Porque ela é a única que existe. E o poder de uma sacerdotisa não morre

com ela. Ele fica adormecido até encontrar alguém que possa abrigá-lo. Esse poder adormecido a encontrou por nossa causa. Nós matamos as sacerdotisas de Nod e seu poder adormeceu em nossas mãos. Aqui, ele encontrou o seu lugar.

O movimento dentro do acampamento, durante a noite, foi intenso. Os Queneus deram seu lugar nas colinas para o povo de Gades, cuja visão noturna era melhor. Hadassa e Hagai haviam passado a noite procurando uma abertura nas colinas, para que o exército não tivesse que dar a volta pela “ponta da ferradura”. Um desfiladeiro largo se abria a meio caminho de distância de onde estava posicionado o acampamento. Ele poderia propiciar a passagem do exército e uma possível retirada estratégica. O que eles não sabiam é que o Vale da Profecia, antevendo uma possível guerra naquele local, foi modificado de modo que pudesse oferecer um aspecto simétrico em ambos os lados. Ou seja, no outro braço da “ferradura”, um desfiladeiro idêntico se erguia para dar passagem ao opositor.

Quando o dia começou a clarear, os gaditas não precisaram mais usar seus dons de visão noturna, pois a imagem era clara para qualquer um. O número do exército de magos que se aproximava era imenso! Eles marchavam em ordem de batalha e não pareciam ter a intenção de levantar nenhum acampamento. Sarah correu até a base da colina, procurando ver alguém pela tenda principal. Héber observava um mapa ao lado de Joakim. Ela correu até eles.

- Héber, eles chegaram e não vão parar! – ela falou de um só fôlego. – Estão em ordem de batalha. Os sacerdotes precisam se posicionar!

Héber enrolou o mapa e o entregou a Joakim.

- Vou avisar Jael. É hora de tocar o shofar de Héber.

Joakim ficou só ao lado de Sarah. Os dois tinham pressa, mas hesitavam em sair.

- Quando tudo isso acabar, você voltará a ser uma quenita?

Ela sorriu.

- Eu sou uma quenita, Joakim. Muitos líderes se levantarão nessa guerra e Gades será bem assistida. Não precisarão mais de mim.

Ele pegou a mão dela entre as suas.

- Que bom – ele falou com um nó na garganta. – Porque eu preciso de você... Muito.

Ela pensava em responder quando ele lhe surpreendeu com um beijo rápido, mas intenso, que revelava o que ele sentia.

- Amo você, Sarah, e não vou deixar que fique longe de mim novamente. Isso é uma promessa.

Ele saiu antes que ela pudesse dizer qualquer outra coisa.

Capítulo 43

A Batalha do Vale da Profecia

O som do shofar de Héber encheu o ar. Era o chamado da batalha. O toque de guerra dos Tronos, soado pela Guardiã. Não havia mais ninguém nas tendas, todos já ocupavam seus lugares. A ordem seria ditada conforme a necessidade. Aroer, Queneus e Midanitas dariam a volta pela “ponta da ferradura”, pois a batalha campal aconteceria logo, mesmo que o exército de Edonia e Amal ainda não tivessem sido vistos. Pelo menos, era o que aparentava. Davi sugeriu essa ordem de batalha, pois sabia que a magia dos magos, seguindo o exemplo da batalha do Poço das Origens, poderia muito bem lançar um escudo de invisibilidade sobre o exército de Jabim. Ele, Héber e Jael encontravam-se ao lado da rainha Tamar, cuja armadura brilhava ao sol, fazendo-a parecer uma deusa guerreira. Itai também estava entre eles com o falcão empoleirado em seu braço.

Na entrada do desfiladeiro, os sacerdotes preparavam-se para tomar posição no vale. Noa, montada em Tempestade, seu cavalo cinza com pintas e crina branca, avançava de um lado para o outro, incentivando os homens. Zoar a olhava com orgulho. Os sacerdotes mais antigos sentiam-se confiantes com a presença de uma lenda viva a liderá-los nessa batalha. Os mais jovens, que não entendiam completamente a importância dos mitos sobre as sacerdotisas, perguntavam-se por que uma mulher lhes dava ordens. No entanto, todos podiam sentir o poder que ela emanava. Se houvesse mais um trono de luz, ela certamente seria uma Luminar, pensavam alguns. Os olhos de Noa, de um castanho escuro, brilhavam, assim como a espada em sua mão. Maalá e todas as suas companheiras da Ordem Branca a observavam com admiração e escutavam atentamente suas palavras.

- O vale nos espera para uma guerra que nunca foi travada antes nessa terra. Uma guerra de magia. A magia que vem do mal deve ser aniquilada antes que destrua tudo o que foi construído em nosso mundo. Hedhen deve ser salva. A magia que nos cabe, e que vem do Pai-Criador, surgiu nesse local antigo. Devemos nos manter ligados aquela montanha, que sacode embaixo da nuvem, pois nela se concentra toda a essência da Profecia pela qual lutamos. O Pai levantou hoje uma sacerdotisa para lhes guiar nessa guerra, e se opor ao poder que a Ordem Negra traz. Só peço que acreditem em mim, pois isso me fará

mais forte para lutar por vocês.

Ela ergueu a espada.

- Vocês, homens poderosos de Hedhen, Altos-Sacerdotes, Mestres da Profecia, aceitam ser guiados por mim?

O brado foi unânime. O discurso contagiou até os mais jovens. Hulda e Miriam encontravam-se entre as profetisas que ocupavam uma ala do exército sacerdotal. Noa marchou na frente em seu cavalo e os sacerdotes a seguiram pelo desfiladeiro, a pé.

Na frente da Ordem Branca, estavam Deborah, Barak e Eva. Todos montavam cavalos e tinham suas armaduras espirituais prontas. Eunice e Febe vinham atrás com as amazonas de armaduras negras forjadas com a Pedra do Céu. Hadassa e Hagai auxiliavam Sangar junto ao povo da Floresta de Quedes. Eles formariam o apoio que marcharia pelo desfiladeiro. Gades permanecia nas colinas com seu olhar agudo e suas flechas certeiras, além da sua imunidade contra a magia. O cenário estava formado. A Grande Batalha do Vale da Profecia estava para começar.

Os dois exércitos avançaram para o vale na mesma hora, como se o tempo ditasse as ordens. De forma harmoniosa, eles foram se posicionando de frente um para o outro nas extremidades do vale. O ar estava parado, acentuando o silêncio que se formava antes da tensão explodir no ar. O número de magos que surgiam era levemente superior ao de sacerdotes, mas aquilo não parecia abalar os homens que viviam para honrar a Profecia. Quando a marcha parou, as duas forças se avaliaram. Os magos, vestidos de vermelho e amarelo, contrastavam com a areia do deserto. Os sacerdotes, ao contrário, mesclavam-se ao solo rochoso com a cor clara de suas roupas.

Com a visão aguçada que lhe era proporcionada pelo capacete espiritual, Noa observou que os magos não entraram no campo de batalha com a intenção de usar apenas magia. Muitas lanças e espadas, além de ameaçadores cajados, podiam ser vistos em suas mãos. A magia iria acontecer, enquanto a luta estivesse ocorrendo. Ela olhou para trás, preocupada pelos sacerdotes mais velhos. Em matéria de experiência e poder, eles eram valiosos e imbatíveis. Mas como seriam numa luta corpo a corpo? Deborah seguiu o seu olhar e percebeu o motivo de sua preocupação.

- Quando a ordem da batalha for dada, deixe que a Ordem Branca saia na frente – sugeriu ela.

- Não! – Salum se opôs ao ouvir as palavras de Deborah. – Nós podemos lutar, majestade. O nosso orgulho não está baseado em nosso poder espiritual,

mas naquele que nos concedeu esse poder. O Pai nos reuniu aqui com um propósito. Não vamos fugir dessa guerra.

Nathan, ao lado de Salum, apontou para o exército de magos.

- Eles confiam no próprio orgulho. Essa é a sua fraqueza.

As duas mulheres se entreolharam. Por fim, Deborah concordou e olhou séria para os dois sacerdotes.

- Vocês são guerreiros valorosos. Não ouse duvidar disso. Na realidade, desconheço a habilidade de luta que os sacerdotes possuem, pois nunca os vi em uma batalha campal antes. Mas assim como sempre confiei em vocês, e sei que não estaria aqui hoje sem a sua ajuda, aceitarei as suas palavras.

Nathan lhe sorriu agradecido. Em seguida ele virou-se para Noa com um novo respeito no olhar.

- Sacerdotisa, fortaleça a nossa armadura e deixe-nos fazer a nossa parte.

Noa sentiu o pendente com o selo da Ordem Branca que ficava pendurado ao seu pescoço brilhar e fechou os olhos por alguns segundos. Quando os abriu, sorriu para os dois sacerdotes.

- Está feito. Suas armaduras serão eficientes tanto no ataque quanto na defesa, exatamente igual a minha. O poder de utilizá-las, no entanto, cabe a vocês. Se quiserem, poderão tirar o máximo delas. Quando estiverem frente a alguém com um cajado nas mãos, concentrem-se primeiro no escudo e no capacete para defesa. Só depois, deverão partir para o ataque.

Não apenas Salum e Nathan balançaram a cabeça em concordância, mas todos os sacerdotes, incluindo a Ordem Branca. Deborah viu que as palavras de Noa podiam ser ouvidas por todos eles, sem que ela tivesse a necessidade de gritar. O espírito do sacerdócio era um só, e através da Sacerdotisa, ele estava em harmonia com todo o exército.

Um dos magos iniciou o ataque. Ele ergueu o cajado no ar e ao apontá-lo para frente, uma bola de fogo partiu em sua direção. Noa ergueu o braço e criou um escudo que protegeu o lado do exército que seria atingido pelo fogo.

- Não vamos esperar um novo ataque – ela disse. –Avancem!

Os dois exércitos, contrariando todas as expectativas, lançaram-se ao combate. Os sacerdotes mais jovens se lançaram em desabalada carreira, brandindo espadas que não podiam ser vistas, enquanto os mais velhos, que não tinham condições de correr, exerceram todos os dons que possuíam na defesa do exército. Noa seguia na frente com a espada invisível na mão, pronta para entrar no combate. Naquele momento era difícil dizer quem era a guerreira e quem era a sacerdotisa. Ao seu lado, um pouco distante, Deborah cavalgava à frente da Ordem Branca juntamente com Barak e Eva.

Quando os dois exércitos se encontraram, o choque foi brutal. Muitos magos usavam lanças e conseguiram derrubar vários membros da Ordem, deixando cavalos enlouquecidos, sem saber para onde correr no meio da batalha. Deborah agitava as duas espadas e derrubava quantos chegavam perto dela. Era guiada por puro instinto. Mesmo sem poder usar a luz dos Luminares, ela era imbatível com as espadas. Barak havia descido do cavalo e lutava como um leão feroz, girando com sua espada e derrubando um inimigo atrás do outro. Eva era uma soma de agilidade e instinto. As duas espadas dançavam em suas mãos, enquanto ela realizava manobras quase impossíveis com o próprio corpo. O arco em suas costas não atrapalhava os movimentos.

Noa, em muitos momentos teve que descer do cavalo. Ela observou com preocupação o movimento dos magos que usavam cajados. Eles não eram preparados para lutar, mas aguardavam o momento certo para atingir o inimigo com uma rajada de magia. Aproximando-se de dois desses magos, cujos cajados estavam prontos para soltar algum tipo de poder, ela chutou a mão de um deles. O cajado caiu e foi pisoteado por um dos cavalos. O mago, empalidecendo, buscou um lugar para correr. Noa saltou para o chão e teve que se agachar para não ser atingida pelo cajado do segundo mago. Ela ergueu-se e girou a espada cortando a arma do mago ao meio. O mesmo medo se apoderou do homem, que deu meia volta e sumiu para dentro da batalha. Noa voltou a montar.

- Destruam os cajados que encontrarem no caminho. Esqueçam os magos que os manipulam. É nos cajados que se encontra a força deles.

Todos os sacerdotes ouviram a ordem. Hulda e Nathan lutavam lado a lado. O pequeno sacerdote tirava o máximo proveito de seu tamanho, confundindo o inimigo. Hulda, concentrando-se na ordem de Noa, girava o seu bastão e destruíam não apenas cajados, mas também dedos e narizes. Nathan perguntava-se de onde a profetiza havia tirado tanta energia para lutar.

Na entrada do vale, onde os Queneus, Aroer e Midani aguardavam, Jael sentia a inquietação de Solaris. O cavalo bufava e resfolegava como se estivesse na eminência de uma grande ameaça. Tamar, que se encontrava ao lado dela, olhou em volta. Muitos tinham o mesmo problema para conter suas montarias.

- O seu cavalo não é o único que está inquieto – ela falou.

Jael virou-se para Davi.

- Você pode ver alguma coisa, meu filho? O exército de Jabim já deveria estar aqui.

Davi fechou os olhos e forçou a mente a vasculhar a planície do deserto,

passando por meio de pedras e rochedos. O que ele viu o fez abrir os olhos, assustado. Um exército numeroso de amalitas os observava quietos prontos para começar um ataque a qualquer momento. Ele olhou para Jael, suando e tremendo. Se não fizessem algo rápido, seriam eles os surpreendidos.

- Eles estão aqui, mãe! Usam um escudo de invisibilidade, por isso não os vimos chegar.

- Ou talvez já estivessem aqui antes de nós – murmurou Jael. – Não podemos lhes dar a entender que sabemos disso.

Ela trocou um olhar com Héber. Era um olhar desesperado.

- Não podemos lutar contra quem não vemos! – ela praguejou. – Droga!

Eles podiam ver que a batalha no meio do vale estava ocorrendo de uma maneira violenta, além daquilo que esperavam. Deborah estava lá, em algum lugar no meio dela, mas Jael teria que alcançá-la. Fechando os olhos, ela tentou a comunicação com a irmã. Só esperava que a perda de parte da luz não alterasse a sua capacidade de se comunicar.

- “Deborah, pode me ouvir, irmã?”.

A resposta veio sem demora.

- “Sim, Jael, eu posso. Tão claro como se estivesse ao meu lado”.

- “Os amalitas estão aqui, envoltos por um escudo de invisibilidade. Como podemos quebrar isso? Pode falar com Noa?”.

- “Tentarei chegar até ela o mais rápido possível”.

Do alto da colina rochosa, Sarah observava a batalha com atenção redobrada. As flechas gaditas esperavam para ser usadas na hora certa. Isso acontecia sempre que um espaço era aberto, o que proporcionava a queda de vários magos ao mesmo tempo. As flechas de Gades lhes eram mortais. Sarah caminhava pela colina, gritando ordens e administrando os ataques, quando ergueu os olhos e os viu. Eram apenas sombras sob o alto das colinas que formavam o outro “braço da ferradura”. Seus olhos aguçados, no entanto, podiam discernir os magos que estavam naquele lugar elevado. Eram magos diferentes dos outros. Vestiam-se completamente de preto e portavam cajados maiores do que aqueles que estavam sendo destruídos no meio da batalha. Estavam muito longe para o alcance de uma flecha, mas já erguiam no ar os seus cajados. Ela, sem ter como avisar a ninguém, ergueu a corneta dourada e soou o alarme de Gades.

Do meio da batalha, Deborah buscou Noa e a encontrou impelindo o cavalo sobre dois magos que cercavam um sacerdote de meia idade. O sacerdote usava, da melhor maneira que podia, o escudo espiritual. Mas sua

defesa estava enfraquecendo e Noa foi em seu socorro. Ela usou a espada e as patas do cavalo para derrubar os dois homens e livrar o sacerdote da armadilha. Deborah cavalgou até ela.

- Noa! – ela gritou.

A Sacerdotisa virou-se ao ouvir o grito de Deborah por cima do barulho.

- O exército de Jabim está sob um escudo de invisibilidade – ela apressou-se em explicar. – Jael quer saber como pode quebrar o efeito, caso contrário não haverá chance de vitória.

Noa ia responder quando elas ouviram a corneta de Gades. Imediatamente, as duas olharam para cima. Os gaditas apontavam para as colinas rochosas do lado inimigo. Elas sentiram o sangue gelar nas veias ao verem os magos que se enfileiravam com seus cajados em uma posição ameaçadora. Nessa hora, atordoados pelo toque da corneta, todos pareceram fazer uma pausa na batalha. Deborah trocou um olhar com Noa. Elas podiam sentir o que aqueles magos eram.

- A Ordem Negra – disse Deborah.

Antes que Noa tivesse a chance de responder, um dos magos apontou o cajado em sua direção. Ela era o alvo. Era para isso que a Ordem Negra havia sido enviada. Para destruir o poder da Sacerdotisa. O corpo de Noa foi arrancado do cavalo e arrastado pelo ar, como se houvesse sido arrebatado por um vento tempestuoso. Ela teria se arrebentado contra a parede de rochas, se Zoar, e mais quatro sacerdotes, não tivessem erguido um escudo para evitar o choque. Mesmo assim, o impacto devido à velocidade foi o suficiente para fraturar algumas costelas. Noa caiu no chão, de bruços e sem fôlego. Deborah vinha cavalgando em sua direção, mas o mago também se preparava para erguer novamente o cajado, reunindo novamente o seu poder oculto. Num esforço colossal, a Sacerdotisa pressionou as palmas das mãos contra o chão e fechou os olhos. Uma pequena vibração se fez sentir no solo, quando o pendente em seu pescoço brilhou. Deborah saltou do cavalo e correu até ela. Noa olhou para o mago e viu que não restava muito tempo.

- Deborah, o efeito do escudo... será quebrado quando o primeiro amalita... pisar dentro do vale... – ela falava em arquejos curtos. - Diga isso a Jael...

Outra rajada violenta de vento ergueu novamente o corpo de Noa, fazendo Deborah cair de costas no chão, sem conseguir ajudar. A rainha levantou-se, frustrada por estar impossibilitada de usar o poder que lhe restava. Zoar e o grupo que o ajudava tentavam evitar que o pior acontecesse. O corpo da mulher era sacudido e jogado de um lado para o outro, batendo em escudos protetores erguidos pelos sacerdotes, a fim de evitar sua morte entre as rochas. Noa sentia-

se uma boneca de pano sendo jogada pelo ar. O mundo girava a sua volta, e ela não conseguia controlar nada, nem mesmo a mente. Não era apenas um mago que a atacava agora.

Vendo a gravidade da situação em que se encontravam, Barak cavalgou para o centro do campo de batalha e ergueu as duas mãos voltadas para os magos nas colinas. O sinal em suas costas ardeu, enquanto o sol invadiu o campo. Aquilo fez com que os magos da Ordem Negra, pusessem as mãos nos olhos, num gesto de proteção contra a luz ofuscante. O corpo de Noa caiu com violência no chão, quando a magia que a sustentava no ar foi neutralizada. Por um momento, parecia que estava morta, mas de repente o peito subiu revelando uma respiração dolorosa. Ela olhou para o céu achando que ia morrer, pois sentia os ossos quebrados e em frangalhos, devido às pancadas recebidas. Os escudos de proteção podiam ser tão duros quanto paredes, principalmente se fossem atingidos numa velocidade incomum. Uma voz, porém, soou-lhe aos ouvidos. Era uma voz forte e ao mesmo tempo suave como uma brisa. Ela nunca havia experimentado ouvir a voz do Pai de uma forma tão clara antes.

- “O poder de uma sacerdotisa também está no discernimento do espírito do inimigo. Com a palavra certa, é possível neutralizá-lo para sempre. Concentre-se nos que estão acima de você”.

Ela tentou pensar, mas o medo e a dor não deixavam. Ela ficava contando os minutos para ter o corpo novamente arrastado para o ar.

- “O poder da Ordem Negra não é superior ao das sacerdotisas. Você tem o poder para vencê-los” – tornou a voz.

Ela sentiu que alguém a pegava por trás e a arrastava até uma sombra de rocha. Ela havia caído perto da base da colina. Era Eva.

- Meu pai os cegou com a luz solar, mas isso não é definitivo. Logo estarão prontos para atacar novamente. É bom que percam um pouco de tempo procurando você, quando puderem enxergar de novo.

Eva se colocou de joelhos ao lado de Noa e estendeu as mãos por cima dela. Com os olhos fechados, a moça buscava algo. Quando por fim encontrou o que procurava, pousou as mãos já envolvidas com a luz verde sobre as costelas da mulher. O calor envolveu a Sacerdotisa, que mal conseguia falar. Era a sensação de algo sendo colado dentro dela, fazendo pressão. A dor, entretanto, foi diminuindo gradualmente.

- Não está tão ruim quanto pensa, Noa. Infelizmente não terei tempo para curar todas as fraturas, mas as deixarei prontas para se regenerar por conta própria.

- Como fará... isso?

Eva sorriu.

- Derramarei da minha “seiva” em você, e ela operará a cura.

Noa sabia que podia confiar na habilidade de Eva.

- Deixe-me apenas em condições de ficar em pé – pediu Noa.

Quando Eva terminou, ajudou Noa a ficar em pé. A Sacerdotisa olhou para a colina e analisou as figuras negras. O discernimento veio com clareza à sua mente. Enquanto eles, já refeitos do efeito da luz, a buscavam em meio ao campo, ela fez o reconhecimento da fraqueza de cada um. Com as palavras certas para cada um, ela tocou no pendente e as recitou, uma atrás da outra. Aquela era a linguagem dos sacerdotes. A linguagem secreta. Os magos, um a um, foram soltando os cajados e caindo no chão com as mãos na cabeça. Seus gritos puderam ser ouvidos até que não restasse nenhum de pé.

- O que você fez? – maravilhou-se Eva.

- Os fiz encarar a si mesmos. Encarar os próprios medos pode ser muito assustador.

Noa virou-se para Eva e sorriu.

- É a segunda vez que precisa me curar de algo, Eva. Obrigada.

- Vamos fazer de tudo para que não haja uma terceira vez.

Com o ânimo redobrado, os sacerdotes se voltaram contra os magos aterrorizados que começavam a fraquejar.

Deborah, quando viu o que Barak ia fazer, pediu Eva para correr e ajudar Noa a se recuperar. Ela aproveitou esse tempo para se comunicar com Jael.

- “Jael, você precisa atraí-los para o vale. Noa disse que o escudo se romperá assim que o primeiro amalita tocar nesse chão”.

- “Isso vai atrair o exército para cima de vocês”.

- “Não há outro jeito, Jael”.

Dito isso, Deborah correu de volta para Bruma e o impeliu até a entrada do desfiladeiro. Sarah aguardava ordens de seu posto em cima da colina.

- Sarah, diga a Sangar e Eunice para marchar para o vale! Jael irá atrair os amalitas para cá e, com certeza, os edonitas estão aguardando o desfecho da primeira batalha para invadir o campo através do desfiladeiro oposto.

- É exatamente isso o que irão fazer – respondeu Sarah. – Já posso vê-los se encaminhar para o desfiladeiro, Deborah. São muito numerosos!

- Então, apresse-se!

Noa montou em Tempestade e tentou manter-se ereta. Agradecia o fato de Sangar não ter presenciado o que lhe havia acontecido. Aos poucos, as costelas pareciam colar-se sozinhas, apenas pelo poder latente de cura que Eva havia

derramado dentro dela. A dor já era suportável. Ela viu que a guerra agora não era relacionada a magia. Os magos foram derrotados e os sacerdotes venceram a primeira batalha.

- Os sacerdotes devem deixar o vale agora. Levem os feridos para a base da colina para mantê-los seguros. A guerra agora não cabe mais a vocês, meus corajosos amigos. Descansem e velem por nós, se tiverem forças.

Mais uma vez, a ordem dada em um tom de voz normal, foi ouvida por cada sacerdote. Zoar, Nathan e Hulda ajudaram a tirar os feridos do campo, mas voltaram para participar da luta que logo teria início. Deborah aproximou-se de Noa ao vê-la chegar ao lado de Eva.

- Como você está? – a preocupação de Deborah era visível.

Noa mostrou-lhe a espada e sorriu.

- A Sacerdotisa já cumpriu o seu dever, majestade. Eu, Noa, venho agora para cumprir o meu. Espero que me deixe lutar ao seu lado.

Deborah pôs a mão sobre o ombro da amiga.

- Será uma honra ter você lutando ao meu lado, Noa. Eu sei que a cura de Eva lhe tornou capaz de fazer isso. Mas eu devo dizer que a Sacerdotisa fez um ótimo trabalho.

Sangar e Eunice passaram pelo desfiladeiro com seus respectivos exércitos e se posicionaram ao lado da Ordem Branca, cujas baixas haviam sido irrisórias. Maalá gritava ordens, chamando a atenção daqueles que ainda se encontravam dispersos, ou tentavam recuperar seus cavalos. Rute e Rebecca conseguiram agilizar a recuperação das montarias.

O líder de Quedes procurava pela esposa e respirou aliviado ao vê-la mais à frente ao lado dos Luminares. Pelo menos ela havia sobrevivido à batalha da magia, e aquilo alegrava o seu coração. Ele virou-se e viu Hagai e Hadassa atentos ao seu lado. Os amigos haviam dado instruções para que o povo da floresta se posicionasse atrás das amazonas, preparados para aproveitar as aberturas que elas lhes dariam. Eunice conhecia a estratégia e concordou em usá-la. Quedes era bom com facas e machados e o elemento surpresa era bastante utilizado por eles durante as caçadas. Todos pareciam tensos com os olhos pregados no desfiladeiro oposto. Edonia logo iria chegar e não pararia para tomar posição. Eles já cavalgavam em ordem de ataque.

Jael pensava no que fazer, após ter recebido a mensagem de Deborah. Como poderiam atrair Amal para dentro do vale, sem ficar expostos? Ela cogitava sobre isso, quando uma flecha cruzou o ar e, ao mesmo tempo, ela se sentiu puxada para trás. Davi havia visto o momento em que um arqueiro

apontou o arco em direção a Jael. Ele puxou a mãe para trás, e a flecha passou raspando por cima de seu pescoço, atingindo uma parede de rocha. Jael, já recomposta, ergueu a espada.

- Para o vale! – ela gritou.

Os queneus debandaram na frente, seguidos por Aroer e Midani. Héber, ao lado de Jael, gritou-lhe.

- Por que estamos fugindo?

- Não estamos fugindo! Quando eu der o sinal, dêem meia-volta.

Ela fez um sinal para Tamar, que cavalgava a certa distância pelo lado direito. A rainha percebeu qual era a sua intenção e concordou com a cabeça. Ela fez o mesmo sinal para Itai, a sua esquerda, e o midanita entendeu qual era o plano. Ambos os líderes confiavam cegamente na intuição dos Luminares.

O exército amalita, achou que a flecha havia assustado o inimigo e que este se viu incapaz de lutar contra guerreiros invisíveis. Dessa forma, adquiriram tal nível de confiança que se puseram em sua perseguição certos da vitória. Quando o primeiro cavaleiro amalita entrou no vale, o escudo de invisibilidade foi rompido. Davi, lá na frente, havia sentido esse rompimento. Ele avisou a mãe.

- Eles já podem ser vistos!

Jael puxou o shofar de Héber e o tocou com todas as forças. Os Queneus pararam e deram meia-volta nos cavalos, à espera. Aroer deu a volta pela direita e Midani pela esquerda, colocando o exército de Amal no centro do semicírculo que formaram. As forças de Amal, surpreendidas e destituídas do elemento surpresa, tiveram que combater em uma posição vulnerável. Jael começou a disparar flechas que nunca erravam o alvo. Ela sabia que essa habilidade também se devia ao seu sangue gadita. Quando estas acabaram, ela partiu para o chão com a espada firmada na mão. Ao lado de Héber, Davi se igualava ao pai no manejo da espada, mas havia algo a mais. A intuição. A mesma que Deborah possuía e que lhe permitia enxergar a trajetória da espada do inimigo. Nenhum golpe ameaçava o rapaz, pois a todos ele previa e conseguia se esquivar a tempo.

A tribo de Midani era formada por guerreiros que possuíam uma intimidade especial com suas espadas curvas. Os pássaros ajudavam, lançando-se sobre o inimigo e tirando-lhe a concentração. Do outro lado, Tamar mostrou-se ser letal com a lança na mão. De um golpe, ela conseguia derrubar de cinco a seis homens. Além do fato de que o exército de Aroer possuía disciplina e estratégia dentro de campo, combinando vários ataques em grupo.

Edonia invadiu o vale pelo desfiladeiro como uma avalanche. O povo das

pedras atacava com fúria vingativa. Marchando junto com eles estavam muitos piratas do Litoral e mercenários. A luta foi difícil. Os cavalos mais atrapalhavam do que serviam, portanto, a batalha foi quase toda decidida no chão.

Os edonitas não eram diferentes de qualquer outro grupo tribal, apesar de terem construído cidades em vez de habitarem em tendas. O embate com esse povo, portanto, foi nivelado, mesmo com toda a fúria com a qual lutavam. Os mercenários e piratas, entretanto, foram para o campo, munidos de um arsenal constituído por um tipo de arma estranha. Essa arma consistia de uma besta em tamanho reduzido que, no lugar de atirar flechas, expeliam um fio de aço fino e cortante que se enroscava naquilo que tocava. Com essa arma, muitos membros da Ordem Branca, assim como das amazonas, que marchavam na frente, foram derrubados. A situação era caótica e de início podiam ver que não seria uma luta fácil.

Jabim seguia na frente, seguindo uma trilha que levava diretamente para o cume do Monte da Lei. Os Quatro o seguiam calados e carrancudos. Não lhes agradava iniciar uma guerra a qual não venceriam. Atrás deles, membros da Ordem Negra fechavam o cortejo. A medida que avançavam, a nuvem de tempestade ficava cada vez mais ameaçadora, mas nem mesmo a sua imponente presença era capaz de abalar o ânimo do rei.

O rei-feiticeiro seguia com a esfera na mão direita e o braço estendido. Ele buscava o portal que dava acesso a sala secreta da montanha. Este só se abriria diante da presença da luz de um Luminar, e isso era exatamente o que ele tinha nas mãos. Ignorando os ruídos da batalha que se desenrolava no vale, o sombrio grupo continuou a subir.

O desespero começava a tomar conta de algumas alas do exército. Mesmo a presença dos Tronos não era capaz de aquietar seus corações. Deborah lutava com todas as forças, mesmo sem sua luz. Barak temia usar o seu poder em meio a uma aglomeração tão grande, pois muitos, inclusive aqueles que estavam ao seu lado, poderiam morrer. Hagai lutava ao lado de Sangar, quando viu um novo ataque com a arma que cuspiam fios de aço. Em um segundo, pessoas que estavam montadas em seus cavalos eram atiradas ao chão e não mais voltavam. Ele olhou em volta e viu algo que o fez paralisar. Princesa, a égua arisca de Hadassa, corria pelo meio da batalha sozinha.

- Hadassa? – ele murmurou a pergunta, mas em seguida juntou todo o ar dos pulmões e gritou. – Hadassa!!!

Sangar o viu correr como um louco sobre o cavalo, abatendo o inimigo que

encontrava pela frente, à procura da esposa. Rute, ao ver o seu desespero, juntou-se a ele procurando pela amiga.

O ar encheu-se com o som do shofar de Héber. Jael chegava com os reforços. Os amalitas haviam sido facilmente derrotados, e agora os Queneus atiravam-se a batalha com vontade. A uma ordem de Itai, os pássaros de Midani caíram sobre os piratas e mercenários. O ânimo foi renovado no exército já cansado, ao ver chegar ajuda. Nas colinas, os sacerdotes já recuperados assumiram o lugar de atalaias e Sarah pôde enfim descer os gaditas para o campo.

Os capitães de Edonia sabiam que as duas Luminares haviam fugido das prisões do rei, portanto eles supunham que haveria uma recompensa para quem as capturasse. As ordens foram repassadas por todo o exército. Assim, no meio de todo aquele caos, Jael e Deborah eram caçadas sem o saber.

Barak cavalgou para o lado de Héber.

- Héber, você precisa usar o seu poder! – o rei gritou.

- Por que eu? Eu nunca fiz isso, Barak!

- Deborah e Jael não podem! O exército está exausto! Estamos perdendo gente! O meu poder é muito grande para ser usado nesse aperto. Se eu o liberasse, mataria também os nossos. O poder da estrela pode ser direcionado. Você pode fazer, Héber! Tente!

Em outro local, Jael lutava em cima de Solaris. Ela usava a espada, pois já se encontrava sem flechas. Todos os que se aproximavam dela, no entanto, eram colocados para fora do cavalo pelo movimento rápido de seus golpes. Ela ergueu o braço, pronta para abater um mercenário, quando sentiu algo enrolar em seu pulso. Jael olhou para o braço e viu um fio de aço enrolado fortemente em seu punho. Um novo fio enrolou-se no outro braço, na altura do cotovelo. Diante da surpresa, ela foi puxada para trás e caiu de costas, com os braços presos pelos fios. A mão, porém, não soltou a espada. Outro fio enrolou-se em sua perna direita e, logo em seguida, a outra perna também estava presa. Ela se debatia inutilmente tentando se soltar, mas os homens que seguravam as bestas que atiraram os fios sorriam com ar de vitória. Um deles, o que segurava o fio que prendia a mão da espada, parou de sorrir e caiu para frente com uma flecha nas costas. Vendo-se com a mão livre, ela virou-se e cortou o fio que lhe prendia o outro braço. Outra flecha derrubou o homem que lhe prendia a perna direita. A perna, mesmo com o fio, viu-se livre e ela conseguiu se apoiar e cortar o último fio, pondo-se em pé logo em seguida. A figura de Sarah surgiu com o arco nas mãos. A flecha acertou o último dos homens.

- Acho que cheguei na hora, minha amiga – disse a gadita.

Jael sorriu aliviada

- Você sempre chega na hora, Sarah!

Jael voltou a montar em Solaris.

Do alto da montanha, o rei Jabim observava a batalha que se travava lá embaixo. A inquestionável derrota dos magos e dos amalitas não parecia tê-lo abalado. As guerras, para ele, eram apenas distrações para se conseguir algo maior. Os magos, porém, não compartilhavam de sua tranquilidade. Leukós mantinha os olhos fixos no campo de batalha.

- Hedhen não é insignificante - falou o mago branco.

- Não, nunca foi – respondeu Jabim. – E logo essa força também pertencerá a Nod, pois estará aberta a conquista.

O rei sabia qual era o temor de Leukós.

- Quando tudo houver sido feito, vocês não terão que temer o poder de uma simples sacerdotisa. Todos os poderes de Hedhen cairão diante de nós. Agora, deixe-os lutar e vamos continuar subindo. A esfera clama por chegar ao seu lugar de repouso definitivo. E, desde já, eu posso dizer que não está tão longe.

Deborah lutava no chão ao lado de Nathan. Ela e o sacerdote já haviam derrubado mais mercenários e piratas do que podiam contar. O número dos inimigos começava a diminuir. O exército de Aroer era incansável e suas estratégias de grupo surpreendiam e confundiam os oponentes. Mas as terríveis bestas ainda faziam suas vítimas. Ao ver Deborah lutando contra dois edonitas, um pirata do Litoral, ávido pela recompensa prometida pelos capitães, lançou um fio de aço sobre ela.

- Cuidado, Deborah! – avisou Nathan.

Ela virou-se na hora em que o fio enrolou-se em suas pernas. Ela caiu para trás e foi arrastada pelo cavalo do pirata a uma velocidade que lhe queimava as costas. Tentava endireitar o corpo e alcançar as pernas com uma das espadas, mas era impossível. De repente, o corpo do homem tombou para trás, atingido pelo bastão de Hulda. A profetiza segurou as rédeas do cavalo e o fez parar. Ela apeou e correu até Deborah que respirava aliviada. Hulda cortou o fio com uma faca e lhe desenrolou as pernas.

- Você está bem, filha? – Hulda perguntou estendendo-lhe a mão.

- Sim, mãe, eu estou. Só um pouco tonta com o passeio forçado.

Deborah assobiou e Bruma imediatamente a encontrou. Montando novamente, ela voltou à batalha.

Héber tentou se concentrar e fechou os olhos. Ele havia saltado na base da

colina e subiu até a metade desta. Era dia claro, mas ele sabia que os astros noturnos nunca deixavam de brilhar. Fixou o seu pensamento nas estrelas, no seu brilho frio e prateado. Tentou substituir os sons dos gritos, pelo pulsar das próprias veias. O silêncio o invadiu, enquanto ele buscava a luz dentro de si. Sentiu o sinal arder e um formigamento na ponta dos dedos. Sentia o poder subindo pelo seu corpo e direcionou o seu pensamento para os inimigos. Edonitas, Piratas do Litoral e Mercenários. Quando o poder o invadiu por completo, ele abriu os olhos. Estavam totalmente prateados. Ele agora estava pronto para ordenar o fluir da luz estelar em direção do inimigo.

Davi correu ao ver que Eva era puxada do cavalo por uma das bestas. Os mercenários, aproveitando que a moça estava com os braços presos, colados ao corpo, lançaram-se para cima dela, com o propósito de levá-la com eles. Homens como eles não dispensavam carne fresca e jovem como a de Eva. Ela dava pontapés, tentando se desvencilhar, mas isso apenas aumentava o apetite dos homens. De repente, alguém saltou no meio deles e de um só golpe, derrubou a metade dos mercenários. Eva olhou para cima e viu Davi. O rapaz tinha a espada negra na mão e olhava os homens com um olhar frio e ameaçador. Um deles tentou lhe surpreender, mas caiu com um golpe que lhe rasgou o rosto. Antes de mais surpresas, o rapaz lançou-se sobre os outros com um grito de guerra. Ambos caíram diante de sua espada. Ele voltou-se para Eva e cortou os fios que a prendiam. Ela o abraçou.

- Está machucada, Eva? – ele perguntou com preocupação.

- Não, eu estou bem, graças a você – a voz dela estava um pouco trêmula, mas não chorosa.

De repente, um grito cortou o ar. Os inimigos, cegos de dor pela luz que invadia suas retinas, soltavam as armas e caíam gritando, enlouquecidos. Era o poder de Héber que entrava em ação.

Capítulo 44

O Portal de Nod

Jabim encontrou a porta. O cume da montanha era plano e no centro erguia-se uma parede íngreme de rocha que terminava embaixo da nuvem. Quando lá chegaram, a esfera começou a girar na sua mão. Na parede começou a se formar um portal de luz. Os magos não manifestaram sua surpresa, apesar de estarem impressionados com todo aquele poder. A nuvem, o portal. Aquilo era apenas uma pequena amostra do poder de Hedhen. O poder que logo seria de Nod.

O rei-feiticeiro atravessou o portal com a esfera girando em sua mão. Os

magos o seguiram, mas deixaram alguns magos da Ordem Negra do lado de fora, vigiando a entrada. Após seguirem por um corredor escuro, eles alcançaram a sala secreta. Uma sala bem maior do que a cópia tosca que haviam criado na fortaleza. Ali, o poder antigo era forte e latente em cada canto. O enorme abismo circular exalava uma fumaça tênue, e no seu centro erguia-se uma plataforma também circular. Jabim tinha o olhar duro e distante.

- Aquela plataforma abrigou por muitos anos, a Profecia Selada. A parte da Profecia que consolidou o poder definitivo dos Tronos. Hoje, outra Profecia será escrita. Uma que consolidará o nosso poder sobre essa incômoda luz.

Ele ergueu a mão no ar e a esfera saiu flutuando, como se fosse atraída até o lugar vazio no centro da plataforma. Os magos não o haviam percebido antes, mas estava lá. Um pequeno cálice cuja boca era larga o suficiente para conter a esfera, estava fixado ao chão. Ele tinha um brilho pulsante que alternava entre o branco, a prata e o dourado.

- O receptáculo da luz. – explicou Jabim. – O lugar de descanso da esfera.

A esfera atravessou o abismo e pousou suavemente sobre o cálice.

Jael sentiu o sinal arder e o poder tentar sair de dentro dela. Ela aferrou-se à crina de Solaris, gemendo na tentativa de empurrar para dentro a luz que tentava se libertar. Sarah, ao seu lado, fez menção de tocá-la. Jael balançou a cabeça.

- Não me toque, Sarah! O meu poder está tentando fluir.

Jael parou para tomar fôlego. O esforço era imenso.

- Eu não posso ficar aqui... É perigoso para todos vocês...

- Jael, vocês não podem ir para o Monte da Lei! Jabim vai pegá-las!

- É a única maneira de tentar impedi-lo...

Jael olhou para a amiga e Sarah pôde ver os lampejos de luz prateada que passavam pelos seus olhos.

- Eu preciso ir... Diga a Héber e a Davi que eu precisei ir...

- Eu vou dizer a eles – Sarah prometeu.

Jael impeliu Solaris para frente. Ela precisava encontrar a irmã. Como Deborah estava conseguindo controlar o seu poder?

Deborah não conseguiu se manter no cavalo. Quando o sinal começou a arder e a luz lunar começou a subir por dentro dela, ela achou que todo o seu corpo fosse explodir, mas aquela força tinha que ser contida. Ela foi da sela ao chão e lá ficou, deitada de bruços com as mãos pressionando a areia. Hulda e Nathan sabiam o que estava acontecendo, por isso não tentaram tocá-la. Ao seu redor, os inimigos caíam sob o poder de Héber e não eram mais ameaça. Deborah suava para conter toda aquela luz cuja força, ainda que houvesse

apenas metade dela, era esmagadora. A luz branca pulsava em seus olhos. Quando ela conseguiu controlar o poder, foi levantando-se devagar e cambaleante.

- Hulda, Nathan... Avisem Barak! Não terei tempo de vê-lo... Preciso ir.

Antes que eles tivessem a chance de falar, ela voltou a montar em Bruma e galopou em direção ao Monte da Lei. Ela e Jael encontraram-se no caminho e pararam lado a lado. Encararam-se por um momento, mas não havia necessidade de palavras. Decididas, elas atenderam ao chamado da luz e foram para a montanha.

Hulda encontrou Barak ajudando a cuidar dos feridos. O rei, aliviado por terem conseguido dar fim aquele combate, esqueceu da ameaça que residia no Monte da Lei. A profetiza saltou do cavalo e parou diante dele.

- Barak! Deborah e Jael foram para a montanha!

Ele piscou atordoado ao ouvi-la dizer aquelas palavras.

- Isso é impossível, Hulda! Deborah não faria isso sozinha! Eu disse que iríamos resolver isso juntos.

- Filho, ela não teve escolha. O poder lutava para sair dela e isso poderia matar a todos nós. Ela sabe que a única coisa a fazer é acabar com a esfera.

Barak respirou fundo e viu Héber se aproximando com Sarah. O rei de Hazorah caminhava apressado em sua direção, o que fez Barak ter a certeza de que ele já sabia. Os olhos de Héber ainda faiscavam de poder.

- Barak, elas se foram. Precisamos nos apressar. Não vou permitir que Jael caia de novo nas mãos de Jabim.

O rei, como única resposta possível, montou em Alvorada.

- Onde está seu cavalo, meu irmão? Acredito que ainda seja possível alcançá-las.

Héber deu meia volta e soltou um assobio comprido. Dançarino surgiu galopando por entre os sobreviventes da guerra. Quando o cavalo parou diante dele, alguém segurou a sua mão antes que chegasse a montar. Era Davi. Eva estava ao lado dele.

- Pai, nós ouvimos tudo – o rapaz falou. – Vocês não podem nos deixar de fora.

Barak olhou severamente para a filha, na esperança de que sua cara feia a intimidasse de seus propósitos. Eva, porém, o encarou.

- O que vai me dizer, papai? Que eu devo ficar aqui em segurança, enquanto minha mãe precisa de mim? Faria isso, mesmo depois de termos combatido numa guerra lado a lado?

O rei não tinha respostas a dar, pois sabia que a filha estava certa.

- Não podemos perder tempo – ele finalmente falou. – Montem e sigam atrás de nós.

Ele virou-se e, juntamente com Héber e Sarah, saiu a galope em direção ao Monte da Lei. Davi foi correndo pegar os cavalos. Quando ele voltou encontrou Hulda discutindo com Noa. A profetiza já se encontrava em cima do cavalo.

- Vocês podem precisar de mim, Hulda! – argumentou a Sacerdotisa.

- Noa, você precisa ficar! As mãos de uma sacerdotisa também possuem o dom de curar. Deborah e Eva não estarão aqui para fazer isso. Apenas você pode aliviar o sofrimento desse povo. Fique, por favor.

Noa ficou observando os cavalos que iam sumindo na distância. Ela sentia o desejo de ir e ajudar, mas também compreendia as palavras de Hulda. Muitas pessoas sofriam ao fim daquela batalha e os sacerdotes precisariam de ajuda. Alguém a tocou no ombro e ela se virou. Era Sangar. Ela sorriu ao ver o marido, mas a expressão no rosto dele a fez vacilar.

- O que aconteceu?

Ele a tomou pela mão e falou com a voz entrecortada.

- Precisa vir comigo, Noa.

Ela conhecia o marido muito bem para saber que algo sério havia acontecido. Sem questionar, ela o seguiu por entre os feridos que já recebiam os cuidados necessários pelas mãos de sacerdotes curadores. Na entrada do desfiladeiro uma tenda havia sido armada. Algumas pessoas se aglomeravam na porta. Rute e Rebecca mantinham-se sentadas e caladas. O rastro das lágrimas era visível no rosto empoeirado de Rute. O senso de urgência apoderou-se de Noa e ela, passando na frente de Sangar, afastou a cortina da tenda e entrou.

O que viu a fez cair de joelhos no chão com as mãos na boca para conter um grito.

Hagai, ajoelhado, enroscava-se no corpo ensangüentado de Hadassa. O estado da moça era terrível de se ver. Nas pernas e nos braços podiam-se ver fraturas expostas. Os hematomas tomavam todo o corpo e o rosto tinha sangue coagulado saindo do ouvido, do nariz e do alto da cabeça. Diante desse quadro, Noa se pôs a chorar pela amiga. Hagai, com os olhos inflamados e vermelhos, ergueu o rosto e olhou para a sacerdotisa. Ele sofria por cada ferimento de Hadassa.

- Ainda há vida nela, Noa – ele falou sem forças. – Ajude-a, por favor...

Ela arrastou-se até a moça e pegou-lhe a mão fria. Lembrou-se do dia em que a vira pela primeira vez com a armadura negra das amazonas, e de como Deborah a colocou sob sua responsabilidade. Depois vieram as lembranças da

jornada que fizeram juntas ao lado de Barak. Viu Hadassa crescer, se apaixonar, tornar-se independente. E agora ela estava ali naquele chão, depois que o mal havia sido contido de vez. Não era justo. Sangar a tocou suavemente no ombro. Ela não havia percebido que ele também tinha entrado.

- O que aconteceu com ela? – Noa perguntou com esforço.

- Foi arrancada do cavalo por uma daquelas malditas armas – disse Sangar. – Arrastaram-na no solo rochoso, batendo o seu corpo contra as pedras. Hagai encontrou a égua de Hadassa vagando sozinha pelo campo de batalha e passou a maior parte do tempo procurando-a como louco. Foi Rute quem a encontrou. Ela e Rebecca a trouxeram para cá numa maca improvisada e decidimos erguer essa tenda para lhe dar mais conforto... Se é que isso é possível.

Noa respirou fundo e tentou se concentrar no seu dom de cura. Seria um trabalho árduo e lento.

- Diga aos sacerdotes que eu preciso ficar aqui. Salum e Otoniel podem cuidar dos casos mais graves.

Ela olhou para os dois homens em pé diante dela.

- Me deixem sozinha com ela. Eu preciso de tranquilidade para me concentrar.

Sangar pegou no braço do amigo e o levou até a porta.

- Hagai – Noa chamou.

O rapaz a olhou com ar cansado.

- Eu não sou Deborah ou Eva. Não sei se posso lhe prometer um milagre, mas farei o possível, acredite em mim.

- Eu sei, Noa – ele sorriu e saiu da tenda.

Noa estirou a mão e retirou de Hadassa uma mecha de cabelo que grudara sobre um ferimento da testa. O peito de Hadassa mal se mexia e sua pele estava pálida e fria. A sacerdotisa respirou fundo e assumiu com seriedade o que ia fazer.

- Não vou deixar que uma batalha inútil como essa leve a sua vida, minha amiga. Quando isso acontecer, será de uma forma honrosa.

Ela, então, ergueu as mãos e deixou-as pairar sobre o corpo de Hadassa, sentindo-lhe os sinais de vida que ainda insistiam em permanecer. A rastreadora lutava para viver. Noa, então, iniciou o processo de cura.

As duas Luminas aproximavam-se do Monte da Lei. Jael deu a volta por um aglomerado de rochas e Deborah a seguiu. A Guardiã conhecia o caminho. Este havia ficado gravado como um selo em sua mente. Sem necessidade de palavras, elas desmontaram e começaram a subir. Dessa vez elas não estavam dispostas a perder as armas. Jael trazia na aljava novas flechas que lhes foram

dadas por Sarah. Ela apertava o arco, preparada para disparar no primeiro mago que lhe cruzasse o caminho. Deborah também não estava disposta a soltar as espadas. Jabim as estava atraindo, exatamente como planejava, mas isso não queria dizer que elas se submeteriam à vontade dele.

Lá em cima, Jabim aguardava com expectativa. O olhar fixo na esfera de luz à sua frente. Os quatro magos, posicionados ao redor do círculo do abismo, mantinham uma distância segura. O papel deles ali seria apenas o de assegurar o funcionamento do plano. Abadom esperava isso, e eles não poderiam esquecer quem era o seu verdadeiro amo, embora a genialidade do rei-feiticeiro houvesse gerado neles um respeito reverente. Mas esse respeito nada era diante do terror gerado por Lord Abadom. Leukós mandou que os outros se afastassem, cobrindo todo o círculo, para que seus poderes unidos pudessem se espalhar pelo recinto com mais facilidade.

Os magos que guardavam o cume da montanha tinham ordens para deixar as Luminares passarem. Eles deveriam guardar o caminho daqueles que poderiam atrapalhar de alguma forma. Deborah e Jael, no entanto, sabendo que seus maridos fariam de tudo para alcançá-las, não estavam dispostas a deixar os guardas incólumes. Ao avistar a primeira dupla de magos vestidos de negro, Jael não fez questão de pensar antes de usar o arco. A primeira flecha atravessou o peito de um dos homens, enquanto a espada de Deborah silenciou o outro. Elas continuaram a subir. O quase fluir da luz dentro delas operava um acuramento de seus sentidos. Elas podiam sentir a presença dos inimigos antes que estes surgissem. Dessa forma, chegaram ao cume sem serem descobertas. A nuvem já não assustava Jael, cuja determinação de derrotar Jabim sobrepujava a qualquer outra sensação. Deborah, porém, não pode deixar de se intimidar diante dela. Era a primeira vez que a via e que, de certa forma, a sentia, pois a nuvem parecia falar. Havia tristeza e dor pela violação. As trevas haviam penetrado em um lugar sagrado, separado desde a antiguidade para tudo o que era bom. Ela baixou a cabeça e viu como na parede lisa da rocha se formava uma porta de pura luz. Jael olhou para ela, as mãos apertando o arco, no esforço de conter o próprio poder.

- O portal reage à luz estelar, pois esse lugar foi designado para guardar a Profecia Selada e apenas eu, a Guardiã, a Luminar da Estrela, poderia entrar – ela explicou. – Jabim o fez porque parte da minha luz está na esfera que ele carrega.

Ela tirou o shofar de Héber da faixa que lhe envolvia a cintura.

- Héber também tem essa luz, agora. A porta se abrirá para ele.

Dito isso, ela soprou o shofar. O som abalou o silêncio, pois a nuvem havia parado de trovejar desde que a esfera fora colocada sobre o pedestal. Quando ela terminou, voltou a guardar o objeto, símbolo de autoridade entre os Queneus. Deborah se pôs ao lado dela.

- A nossa escolha está lá dentro. Sente-se pronta?

- Se a escolha que tivermos que tomar significar o fim de Jabim, eu estou pronta.

Deborah passou na frente e Jael a seguiu. O portal voltou a fechar-se e a parede se fez lisa novamente.

Héber foi o primeiro a escutar o som. Era um som que significava mais para ele do que apenas um sinal, um chamado. Ele significava a presença de Jael. Estava entranhado em seu sangue. Eles já haviam alcançado o Monte da Lei e subiam pela trilha que Nathan lhes indicou. O sacerdote havia juntado-se a eles no caminho.

- Elas sabem que estamos aqui – disse Barak.

Eles subiram com mais rapidez. Nathan ia à frente, seguido por Héber e Barak. Hulda vinha logo atrás, seguida por Eva e Davi. Sarah fechava o cortejo. De vez em quando a gadita subia em alguma rocha por fora da trilha e perscrutava o caminho com seu olhar agudo.

- Há corpos lá na frente – ela avisou quando estavam prestes a fazer uma curva.

- Corpos? – Hulda perguntou com estranheza.

- Parecem dois magos.

Nathan sorriu.

- Elas não apenas sabem que estamos aqui, mas também se preocuparam em limpar o caminho para nós. Vamos continuar!

Elas avançavam pelo corredor escuro com uma fria determinação. Quando a luz surgiu na extremidade indicando que o corredor chegava ao fim, elas pararam. Jael preparou uma flecha no arco, enquanto Deborah seguia na frente já retirando as espadas de suas bainhas.

- Não erre o alvo, irmã – ela disse. – Precisamos ganhar tempo.

Deborah surgiu na porta já desferindo dois golpes sobre os magos da Ordem Negra que se postavam como vigias. Ela abaixou-se para que Jael tivesse uma vista clara do pedestal. A flecha da Guardiã atravessou o ar e atingiu a esfera, que caiu do seu suporte e rolou quase até a borda do abismo.

- Não! – Jabim gritou.

Os magos da Ordem Negra tentavam contê-las, mas era-lhes impossível.

Elas se aproveitavam do fato de que suas percepções e seus reflexos ficavam mais rápidos diante do poder latente. Os quatro magos não se mexeram. Eles sabiam que enquanto Jabim não recuperasse o domínio sobre elas, o poder da luz era capaz de derrotá-los. E a luz brilhava de dentro delas. O rei-feiticeiro, de joelhos diante do abismo, suava tentando rolar de volta a esfera para o seu lugar. Ele usava palavras mágicas ao mesmo tempo em que se concentrava no objeto. De repente, a esfera começou a rodar de volta, obedecendo a ordem do rei.

Deborah acertou um chute no rosto de um mago e olhou preocupada em direção à plataforma.

- Jael! – ela gritou.

A irmã, já livre de seus atacantes, preparou uma nova flecha e mirou a esfera. Leukós, vendo a oportunidade se estender diante dele, ergueu os braços. Jael soltou o arco que caiu aos seus pés. Um escudo alaranjado a envolvia, mal deixando espaço para esticar um braço. Deborah também viu-se envolvida por um escudo semelhante. Ela lançou-se de ombros sobre a superfície do invólucro, mas recebeu o choque característico por tentar rompê-lo. Ambas observavam com terror a esfera ser guiada para o seu pedestal. Jael caiu de joelhos e Deborah escorregou até cair sentada. Ambas sentiam a atração exercida pela força contida na esfera. Não poderiam segurar por muito tempo.

Enquanto isso, Jabim ergueu as mãos para o ar e com um grito triunfante, exclamou:

- Chegou a hora de invocar a Profecia da Escuridão!

Eles chegaram ao cume. A nuvem voltou a soltar raios e trovões, abalada pela força que se desenrolava dentro da montanha. Barak olhava em volta, desesperado por um sinal.

- Não há nada aqui! Onde está o portal?

Nathan virou-se para Héber.

- Concentre-se, meu rapaz! Você tem a luz estelar. O portal se abrirá para você.

Héber ainda sentia o poder da luz envolvendo o seu corpo, por isso não teve dificuldades em enxergar o portal em um simples fechar de olhos. Quando os reabriu, caminhou até um determinado ponto da parede de rocha e tocou sua superfície com a mão. Lentamente o portal foi se formando. Quando ficou do tamanho de uma porta normal, Todos se atiraram para dentro.

Jabim falava numa linguagem estranha. Na medida em que falava, o rolo que tinha nas mãos sem nada escrito, ia se enchendo de símbolos e caracteres

que formavam uma língua desconhecida. Era a Profecia tomando forma. A luz saía do corpo das duas mulheres prostradas dentro dos escudos e era absorvida pela esfera que começava a girar e aumentar de tamanho.

Deborah só sentiu aquela sensação uma vez. Foi quando Atalia lhe queimou o sinal da lua com o ferro negro em brasas, destruindo sua essência de Luminar. Era como um esvaziamento da alma. Jael trincava os dentes para não gritar. Não era dor o que sentia, mas um imenso vazio.

A esfera perdera sua forma e convertera-se em pura luz. O portal criado espalhou-se pela face do abismo. Para atravessá-lo seria preciso pular sobre ele. Leukós olhava fascinado para dentro do abismo. O plano do rei-feiticeiro dera certo e isso parecia muito bom. Ele gritou para os companheiros.

- Pyrrós! Mélas! Saltem e sigam para Nod. Preparem nossas forças para receber o Grande Jabim e dêem as boas notícias a Lord Abadom.

Os magos, com excesso de confiança, caminharam até a borda do abismo e se atiraram para dentro dele. Eles sabiam como aquilo funcionava e o fato de pairar sobre o vazio não queria dizer nada. Jabim caminhou até as Luminares com um sorriso vitorioso no rosto. Ele mostrou-lhes a Profecia criada.

- A sua luz fez isso – ele falou. – Foram vocês que destruíram seu amado mundo organizado. Infelizmente, seus poderes acabam aqui. Não me servem mais.

Ele virou-se para o mago sinistro.

- Thánatos! Elas pertencem a você agora. Use o seu sono da morte e acabe logo com isso.

Antes que Thánatos pudesse dar três passos na direção delas, uma flecha o atingiu no ombro e o mago urrou de dor e surpresa. A flecha de Eva foi tão rápida quanto a ordem do rei. Jabim correu para perto do portal ao ver os inimigos invadirem o recinto. A Ordem Negra havia sido derrotada por Deborah e Jael. Só restavam, portanto, Leukós e Thánatos, mas este se encontrava ferido. Jabim deu um passo em direção ao abismo.

- Aproximem-se mais um pouco e eu pulo o portal com a Profecia que criei em minhas mãos.

- Você não fará isso, Jabim – falou Barak. – A Profecia que criou também diz respeito a Hedhen. Se abandonar essa terra e deixar que o portal se feche, nunca terá o domínio que tanto sonhou.

A expressão do rei-feiticeiro vacilou. As palavras diziam a verdade. Ele precisava da esfera de luz para controlar o portal entre os mundos. Não era sua intenção ultrapassá-lo ali, mas sim extrair a esfera do pedestal com toda a energia das Luminares. Dessa forma, poderia acompanhar Leukós e Thánatos

na viagem de volta para Nod, onde Pyrrós e Mélas tratariam de organizar as boas-vindas.

- Você não sabe o que diz, rei de Hedhen.

- O que é isso, Jabim? Está mesmo querendo nos fazer acreditar que entregaria o poder de Hedhen em nossas mãos após tanto trabalho? – provocou Héber.

O rosto do rei ficou rubro.

- Eu não perdi!

Enquanto os pais debatiam com o rei enlouquecido e tentavam ganhar tempo, Eva comunicou-se com sua mãe. Ela podia atravessar o escudo de Nod com seu pensamento.

- “Mãe, o que podemos fazer para ajudar? Se perderem toda a luz, vocês morrerão”.

O portal havia adquirido luz suficiente para ser criado, mas ainda havia energia sendo sugada dos corpos das Luminares.

- “Eva, você se lembra das palavras do Ancião? Ele lhes falou de uma decisão importante. Você se lembra disso?”.

- “Como poderia esquecer? Ele também falou de uma escolha para vocês...”

- “Filha, eu e Jael já fizemos essa escolha. A única maneira de impedir que Jabim pule e leve a Profecia que criou com ele, é fechar o portal. Ele só está aberto pelo poder da nossa luz”.

Eva balançou a cabeça. Ela entendeu aonde a mãe queria chegar.

- “Mãe, eu não posso fazer isso!”.

- “Eva, só existe um lugar aonde nós poderíamos sobreviver sem a nossa luz. Precisa fazer isso, antes que seja tarde”.

Eva enxugou uma lágrima.

- “Preciso falar com Davi. Ele também tem que tomar essa decisão”.

Davi ouviu o que Eva tinha para lhe dizer e teve vontade de gritar. Então, era essa a decisão final? Era isso o que significava ser parte de uma Profecia? Jael não conseguia ultrapassar o escudo de Nod com sua mente para alcançá-lo. Ele sentiu-se angustiado por não conseguir falar com a mãe, mas através do seu dom, ouviu a voz da tia em sua mente.

- “Davi, eu sei o que está sentindo. Eu posso fazer com que vocês se falem, mas não por muito tempo”.

Através da mente de Deborah, Jael e Davi puderam se comunicar.

- “Eu não quero fazer isso, mãe. Eu não quero te perder de novo”.

- “Tem que ser forte, meu Davi. Voltaremos a nos ver de novo em breve, eu prometo”.

- “Se fizermos isso, o que acontecerá com vocês?”.

- “Eu realmente não sei, mas Hedhen será salva e Jabim derrotado. Essa é a escolha que eu e Deborah fizemos. Muitos morreram hoje naquela batalha, Davi. Isso não deve acontecer nunca mais. Não nessa terra”.

A comunicação foi cortada. Deborah começava a enfraquecer.

- “Eva, tem que ser agora!”

- “Eu amo você, mamãe” – a moça sussurrou entre lágrimas.

- “Também te amo, filha. Agora, haja com coragem. Como uma filha da Profecia”.

Todos tinham sua atenção voltada para os passos do rei. Héber e Barak seguiam provocando e argumentando, mexendo com o orgulho do rei-feiticeiro. Nathan e Hulda encaravam os magos e eram encarados por eles. Todos, exceto Sarah, haviam esquecido a presença das Duas Oliveiras. Ela viu, com os olhos arregalados, Eva erguer o arco e atirar uma flecha em Leukós. O mago branco rodopiou e caiu no chão, imóvel. Aquilo foi o suficiente para que os escudos de Nod, que ele controlava, se desfizessem. Deborah e Jael, livres daquilo que as prendia, correram em direção ao abismo sob o olhar aterrorizado de Jabim. Os olhares delas também cruzaram com os dos maridos. Eles as olhavam, perplexos e incrédulos. Não havia necessidade de palavras para expressar o amor que sentiam. Numa fração de segundos, elas se entreolharam e certas da escolha que fizeram, pularam no portal.

- Não podem fazer isso! – gritou Jabim, em puro desespero.

A luz, sem a fonte que a gerava, começou a diluir, sendo novamente absorvida pela esfera. Enlouquecido e sem se dar conta de que o portal se fora, Jabim pulou, segurando a Profecia recém invocada, na esperança de alcançar Nod e manter pelo menos parte do seu plano intacto. No entanto, tudo o que ele encontrou foi um grande vazio. O abismo abriu-se aos seus pés e seus gritos perderam-se no silêncio.

Barak piscou saindo de seu atordoamento bem a tempo de se atirar sobre Héber e impedi-lo de cometer o mesmo erro que Jabim. O rei dos Queneus possuía a força de um Luminar entregue ao desespero. Barak teve que usar toda a sua força para segurá-lo no chão.

- Me solte! – gritava Héber. – Eu preciso ir buscá-la!

- Não adianta, Héber! Elas se foram! – Barak sentiu os olhos arderem após dizer aquelas terríveis palavras.

Como resposta, Héber lhe deu uma cotovelada no estômago e correu em direção ao abismo.

- Não, pai! – gritou Davi, colocando-se na sua frente.

Héber parou atordoado e, com a respiração acelerada, ele observou o rosto de cada um. Por fim, encarando os olhos do filho, ele caiu de joelhos. Davi o abraçou e os dois ficaram se consolando mutuamente em silêncio.

Eva correu para o pai. Barak levantava-se devagar com a mão pressionando o estômago. Ele a olhou nos olhos, lutando contra as próprias lágrimas.

- Por que fez aquilo? Por que as libertou do escudo?

- Foi uma escolha delas, pai. Uma maneira de se manterem vivas para nós.

Barak fechou os olhos e respirou fundo, puxando Eva para si e lhe beijando o alto da cabeça.

- Você tem razão, querida. Foi uma decisão difícil, mas acertada. Elas teriam morrido e Jabim vencido.

Hulda olhou em volta e não viu os outros magos. Aquilo a preocupou.

- Eles fugiram – disse Sarah. – O mago branco não estava morto. Ele deve ter usado um escudo de invisibilidade sobre os dois, enquanto nossa atenção estava no portal.

Nathan concordou.

- Ele usará suas ilusões para chegar ao seu destino. Voltará para Nod, pois a sua força em Hedhen se foi. Deborah e Jael não estão aqui, mas há uma Sacerdotisa.

Hulda suspirou e olhou de volta para o abismo.

- Para onde elas foram, Nathan?

- Jabim abriu o portal para chegar a Nod. Presumo que seja lá que elas estejam agora.

- Vivas? – Sarah sentiu um nó na garganta ao perguntar.

- Segundo Áquila, em Nod elas poderiam sobreviver sem sua luz. Sim, Sarah, acredito que estejam vivas.

Hulda deu alguns passos em direção ao abismo, de olhos fixos na esfera que voltava a ter seu tamanho normal, mas o brilho parecia estar duplamente mais intenso. Nela se concentrava a luz da Lua e da Estrela. Lentamente, para o espanto de todos, ela se elevou no ar e pairou sobre o vazio, atravessando lentamente o fosso profundo e pousando suavemente nas mãos da profetiza. Hulda não teve medo de segurá-la, pois a sentia muito próxima de si. Uma parte de suas meninas estava nela.

- A Portadora da Luz! – disse Nathan sorrindo. – Parece que assim como

você as carregou em segurança quando eram jovens, terá que carregar sua luz agora.

Hulda olhou com carinho para a pequena esfera cujo brilho esquentava suas mãos de maneira consoladora. Ela sentiu lágrimas escorrerem e sorriu.

- Então, isso é o que significa ser a Portadora da Luz? Pois então, eu aceito o título e o levarei com gosto. A luz clama por chegar aquelas a quem pertence.

Eles deixaram aquele lugar antigo e sagrado para trás. A nuvem voltou a trovejar e relampejar atrás deles, como se estivesse purgada de todo o mal.

Descendo pelo outro lado da trilha, Leukós e Thánatos caminhavam envoltos em um manto de invisibilidade. Ambos encontravam-se feridos e cambaleantes.

- O que faremos agora? – sibilou Thánatos. – Lord Abadom não irá gostar das notícias.

- Por enquanto, temos outras coisas mais urgentes para nos preocuparmos. Uma delas é chegarmos vivos ao navio que nos trouxe. O escudo de invisibilidade não durará muito tempo, pois está consumindo minha energia.

- Então, sugiro que evitemos as pessoas.

- Posso usar meu poder de ilusão para modificar nossas roupas diante dos olhos de outras pessoas. Pareceremos simples mercadores.

- Isso não gastaria seu poder?

- Não se eu retirar o escudo agora. Fazer uma ilusão, para mim, é algo primário.

Eles haviam chegado à base da montanha. Leukós operou uma transformação permanente que só iria ser desfeita quando chegassem ao navio.

- Como espera aplacar a fúria de nosso mestre? – Thánatos sentiu um calafrio ao pensar no que poderia lhes acontecer.

- Ainda possuímos um trunfo nas mãos. Sem as Luminares, as Duas Oliveiras não podem cumprir a Profecia.

- Mas elas estão em Nod!

Leukós sorriu.

- Totalmente desamparadas. Sem qualquer um dos dons ou poderes que possuíam aqui, perdidas numa terra estranha. Quanto tempo acha que sobreviverão?

- Elas ainda possuem suas vidas, e são espertas.

O mago branco fechou a cara.

- Elas irão morrer, Thánatos. Se isso não acontecer, Lord Abadom requererá nossas vidas em troca. É a única coisa que podemos fazer, depois do fracasso de Jabim.

As duas figuras continuaram caminhando em direção ao Litoral. Quem os avistasse de longe veria apenas dois viajantes cansados.

Quando eles retornaram ao acampamento, Héber foi saudado como herói. Ele, no entanto, via as pessoas a sua volta sem reconhecê-las totalmente. Sua mente estava toldada com a imagem do último olhar de Jael. Barak o acompanhou até a tenda que fora armada para eles. Héber parou no meio dela.

- O Ancião as preparou, Barak. Ele preparou também os nossos filhos. Por que não a nós?

O rei, tomado pela dor, deixou-se cair sobre um cobertor e cobriu o rosto com as mãos.

- Talvez porque o nosso instinto protetor tirasse o nosso foco da batalha. Alguém tinha que estar atento a isso. Você salvou a todos, Héber.

Héber sentou-se e cruzou as pernas. Ele observou o amigo, sabendo que sofria tanto quanto ele.

- Elas estão em Nod, não é? – ele perguntou.

- Era para lá que o portal estava aberto – Barak respondeu olhando em sua direção.

- Pois então é para lá que eu vou – o tom de voz de Héber não merecia contestação. Podia-se ver a decisão no olhar claro e direto.

Barak sentou-se.

- Héber, eu quero fazer o mesmo que você, mas não podemos interferir na missão de nossos filhos!

Héber deu um meio sorriso.

- Quem disse que vou interferir? Vai ser uma missão imposta por mim.

Barak ia abrir a boca para contestar, mas ao olhar para o lado viu que havia mais alguém na tenda. Os dois homens se levantaram ao ver o Ancião. Por mais revoltado que estivesse Héber foi incapaz de ser agressivo com aquele ser estranho.

- Rei de Hedhen, o seu amigo está certo, não o conteste.

- O que o senhor quer dizer? – Barak perguntou.

- Vocês irão para Nod. Lá existe uma missão específica para vocês, mas infelizmente ela não diz respeito a procurar esposas perdidas.

Héber abriu a boca, mas o Ancião o fez parar.

- Sua missão terá uma dupla finalidade. Ela abrirá caminho para os seus filhos, assim como servirá para acender a luz que guiará os passos de Deborah e Jael até vocês. Até estarem juntos novamente, vocês devem pensar apenas nisso.

Héber respirou fundo.

- Muito bem, senhor. E que missão é essa? O que devemos fazer?

O Ancião retirou um rolo de dentro do manto. O rolo converteu-se num mapa. Ele o passou para Barak. O rei o examinou com cuidado e uma ruga no meio da testa. O mapa mostrava uma terra estranha que era cortada por um braço de mar. A terra ao oriente chamava-se Anatolya, e a do ocidente trazia o nome de Helladan. Havia ainda uma ponte de terra ligando as duas metades. Essa ponte estava assinalada com o nome de Ponte Bogaz, e ao norte uma cadeia de altas montanhas tomava um vasto cenário. Eram as Montanhas de Arath. Ao sul, estendia-se o Grande Mar, salpicado de pequenas ilhas. Barak ergueu a vista e encarou o Ancião.

- Estou olhando para Nod, não é?

O Ancião sorriu e apontou para as terras do oriente.

- Este é o seu caminho. Restaurem o que Anatolya perdeu, limpem sua sujeira e tragam de volta a força que foi aprisionada.

Héber e Barak trocaram um olhar cheio de confusão.

- Não entendemos suas palavras – questionou Héber.

- O sacerdote de Nod saberá do que falo. Ele ajudará vocês. E há também a Sacerdotisa. Embora Noa ainda não saiba, ela herdou a sabedoria das sacerdotisas que vieram antes dela. Não se preocupem com Hedhen. Não há mais ameaças. O poder dos magos morreu com Jabim. Nenhum deles jamais se levantará novamente. A paz voltou a reinar nessa terra.

Antes de ir embora, ele voltou-se e sorriu.

- Uma última coisa. As Duas Oliveiras devem mergulhar no Lago Sagrado. É chegado o momento.

O homem deu meia volta e caminhou para as sombras, o seu reflexo sumindo na penumbra.

Capítulo 45

O Último Conselho

Eva entrou na tenda que lhe indicaram. Apesar de ainda estar abalada pelo que aconteceu com sua mãe, a notícia sobre Hadassa a angustiou de tal forma que ela não se conteve. Davi insistiu para que ela descansasse, mas foi em vão. Ela e a rastreadora tornaram-se boas amigas, e Hadassa era uma pessoa que ela respeitava e admirava.

Ao entrar, ela viu que Noa dormia ao lado de Hadassa. A Sacerdotisa estava esgotada por ter passado tanto tempo tentando operar o milagre da cura sobre o corpo da moça. Eva abaixou-se com cuidado e, respirando fundo, iniciou o derramar da seiva curadora. Esta iria sarar o corpo de Hadassa de dentro para fora, consertando o que estivesse quebrado e dando-lhe um sangue

forte para agüentar o processo que poderia ser doloroso. Ela podia ver que Noa fizera muita coisa ao restaurar veias e órgãos, empurrando o sangue para o local certo. Quando ela terminou, saiu da tenda e quase caiu no chão, acometida por uma súbita fraqueza. Davi a segurou nos braços.

- Precisa dormir um pouco, Eva. Os poderes de Nod foram derrotados e não podemos mais extrair nossa força deles. Você está novamente sujeita ao cansaço e ao esgotamento. Venha comigo. Eu a levarei para sua tenda.

Ela acompanhou o rapaz sentindo o peso do próprio corpo. Desmaiou e não viu que ao chegar à tenda, ele a carregava nos braços.

Quando Noa despertou e lembrou-se de onde estava, sentou-se abruptamente. Ela olhou para Hadassa e viu que a moça respirava com mais facilidade, além do fato de que a pele havia adquirido um pouco mais de cor. Noa sorriu com lágrimas de alívio e pôs suavemente a sua mão sobre a de Hadassa. Em resposta, a moça mexeu os dedos e abriu os olhos. Ela fitou o teto da tenda, como se ainda estivesse no mundo da inconsciência, sem se ater completamente a realidade. Noa sabia que era um reflexo que revelava a sua melhora. A moça piscou e voltou a dormir.

- Você vai conseguir, minha amiga. Eu não tenho dúvidas quanto a isso.

Quando Noa saiu, encontrou Hagai e Sangar ainda acordados diante da fogueira. Já era noite. Hagai levantou-se angustiado ao vê-la.

- Eu lutei contra a vontade de entrar, Noa, mas não estou mais agüentando. Como ela está?

- Ela vai sobreviver, Hagai. Digo isso porque conheço o amor dela pela vida e por você. Agora você pode entrar e cuidar de sua esposa. Mas antes eu preciso que me digam algo. Eva esteve aqui? Eu dormi após ministrar a cura e não vi mais nada até esse momento. Tudo o que sei é que algo mais, além do que eu fiz, ocasionou uma maior restauração em seu corpo.

Sangar levantou-se e respondeu pegando Noa pelas mãos.

- Sim, ela esteve aqui. Agora, venha e sente-se. Você precisa comer alguma coisa.

Hagai entrou e os deixou a sós, enquanto Noa seguia o marido até a fogueira.

- Nesse caso, tudo foi bem no Monte da Lei, não foi? Eles conseguiram derrotar Jabim e os magos?

Sangar suspirou, tentando encontrar palavras, enquanto enchia uma tigela de sopa. Noa pousou a mão em seu braço.

- O que aconteceu, Sangar? O que você está achando difícil me contar?

Sangar a encarou. Ele jamais conseguiria esconder nada dela. Não porque

fosse a Sacerdotisa e o discernimento fosse um de seus dons, mas porque era Noa, a mulher que o amava e o conhecia melhor do que ele próprio.

- Jabim está morto. Ele caiu no abismo antes que conseguisse realizar o seu intento. Os magos de Nod, segundo Nathan, fugiram usando magia apesar de estarem feridos. Não constituem mais nenhuma ameaça para nós, pois o poder dos magos de Hedhen morreu com Jabim.

- E quanto à Deborah e Jael? Elas conseguiram recuperar a esfera? Onde elas estão?

Sangar apertou as mãos de Noa.

- Noa, elas não conseguiram sua luz de volta, mas tiveram que fazer uma escolha. A única que poderia ser feita para impedir que Jabim vencesse... Entenda uma coisa... Ele já havia invocado a nova Profecia, já havia aberto o portal para Nod utilizando os poderes de luz de Deborah e Jael. Só lhe restava ultrapassá-lo e sair vitorioso, tanto aqui como em Nod.

- O que elas fizeram, Sangar? Que escolha elas tomaram?

- Elas pularam no portal, fechando-o para Jabim. Quando ele tentou pular atrás delas, o seu corpo só encontrou o vazio do abismo.

Noa levantou-se.

- Isso não é possível, Sangar! Mais uma vez, vidas tiveram que ser dadas em troca da vitória? Não posso compreender e nem aceitar isso!

- Noa, acalme-se! Elas não morreram. Em Nod, elas podem sobreviver sem a luz dos Luminares. Foi uma escolha que poupou suas vidas e nos trouxe a vitória final.

Noa parecia tão desolada que Sangar não pôde deixar de abraçá-la. Ela aninhou-se nos braços seguros do marido, sentindo toda a fragilidade que a envolvia naquele momento.

- Sei o que está pensando, pois a conheço tanto quanto você conhece a mim. Não se culpe. O seu poder de Sacerdotisa foi requerido aqui. Sem você, Hadassa estaria morta.

- Abrace-me, Sangar – ela sussurrou. – Me deixe sentir que preciso ser consolada. Ultimamente todos têm exigido demais de mim, e isso me faz seguir o mesmo caminho. Não sou uma Luminar, mas de repente todos parecem achar que sou tão importante quanto uma.

Sangar beijou-lhe o alto da cabeça.

- Coma alguma coisa e venha deitar. Arrumei um canto para nós. Amanhã haverá um conselho para decidir o futuro e não acho que deve se sobrecarregar com mais nada.

Ela obedeceu as ordens do marido. O amanhã traria revelações que iriam

traçar o futuro de todos eles. Mas ela decidiu pensar apenas no presente. Ao deitar-se aconchegada ao corpo de Sangar, ela conseguiu esquecer os problemas e dormir profundamente ouvindo-o cantar uma das canções de Quedes. A lembrança de duas pequenas cabeleiras ruivas correndo por entre as árvores encheu o seu coração de saudade e alegria. Dessa forma, ela não teve que se preocupar com pesadelos.

Logo de manhã uma grande tenda foi armada, visando a reunião que decidiria o futuro de muitos. Dentre os sacerdotes, estavam Otoniel, Salum, Nathan, Áquila e Zoar. Ao lado deles estavam as duas profetisas, Hulda e Miriam. Apesar da insistência para que Noa sentasse junto a eles, ela preferiu ficar ao lado do marido, na posição de líder de Quedes. Os sacerdotes respeitaram o seu desejo, mas não sem antes lembrá-la de que ela era bem mais do que uma mulher da floresta. Representando a realeza de Hedhen, estavam sentados lado a lado, Barak, Héber e Tamar. Em volta, concentravam-se os principais líderes dos povos que participaram daquela guerra. Itai, por Midani; Sarah, por Gades; Maalá, pela Ordem Branca; Eunice, pelas amazonas; Joakim, pelos Queneus, já que Héber representava a coroa de Hazorah. E, por fim, representando a Profecia, Davi e Eva. Hagai fora chamado, mas pediu desculpas por não conseguir se afastar da esposa.

Otoniel ergueu a mão e todos calaram os murmúrios. Ele olhou para Barak e lhe fez um sinal para começar. O rei tinha o olhar cansado e triste, além de um par de olheiras profundas.

- Eu suponho que, a esta altura, todos já sabem o que aconteceu no Monte da Lei. O portal foi fechado e o rei Jabim está morto, assim como a Profecia que tentou criar. A isso devemos agradecer as duas rainhas que, no momento, se encontram ausentes. Foi pela escolha que elas fizeram que essa vitória foi possível. A guerra, que tantas vidas levou, não passou de uma distração imposta pelo rei-feiticeiro a fim de não chamar nossa atenção para a montanha sagrada. Lá, ele planejava usurpar um poder que foi dado unicamente aos Tronos. E eu lhes asseguro, meus amigos, que ele esteve muito perto de conseguir.

Barak respirou fundo e coçou os olhos com os dedos.

- Eu peço que me perdoem pelo meu cansaço, mas eu farei o possível para ser bem específico no que vou relatar agora.

Ele fez uma descrição pormenorizada do que havia acontecido no Monte da Lei, tentando ser tão objetivo quanto um rei seria dando o seu relatório. No entanto, ele não era apenas isso. Quando sua voz falhou, Héber o socorreu. Contou sobre a fuga dos magos de Nod e sobre o posterior encontro com o

Ancião, já no acampamento. Aquilo atiçou a curiosidade dos sacerdotes e Barak retomou a narrativa, percorrendo sobre cada palavra dita naquele encontro.

- “Restaurem o que Anatolya perdeu, limpem sua sujeira e tragam de volta a força que foi aprisionada” – repetiu Áquila.

- Você sabe o que isso significa, Áquila? – Otoniel perguntou.

Áquila, em resposta, olhou para o rei.

- O mapa que o Ancião lhes mostrou...

Héber retirou o rolo de papel que estava bem guardado em sua túnica.

- Está aqui.

Ele o abriram e o estenderam no chão para que todos pudessem ver. Áquila o estudou por alguns momentos, antes de erguer a cabeça e olhar em volta.

- Vocês, sacerdotes e profetisas, me ouviram falar de Anatolya, quando nos reunimos com Noa, antes da batalha ter início.

- A região das sete cidades que eram administradas por sacerdotisas – Noa falou. – Eu me lembro.

Áquila lhe sorriu.

- Acredito que a ordem do Ancião diz respeito a restauração do sacerdócio.

- Como assim? – Barak sentia-se confuso.

- Como a maioria aqui já sabe, Nod não possui uma força sacerdotal como Hedhen. Lá, as trevas sempre estiveram em maior número. Os sacerdotes são proscritos e perseguidos pelos magos da Ordem Negra. Não possuem força para se impor. Isso tudo porque o poder das sacerdotisas foi derrubado e as chamas que queimavam em cada santuário foram apagadas.

Héber coçou o queixo, pensativo.

- Ele quer que restauremos o poder dos sacerdotes, não é isso?

- Não apenas isso – continuou Áquila. – Anatolya deve ser reconquistada para que isso aconteça. As forças que se apoderaram de suas cidades devem ser derrotadas, e para que os santuários fiquem limpos - ele olhou para Noa – uma sacerdotisa precisa reascender as chamas secretas.

Ela sentiu Sangar apertar sua mão com força, mas nada disse.

- Áquila, o que isso tem a ver com a nossa missão? – perguntou Davi. – Pensei que Nod fosse nossa responsabilidade, não de nossos pais.

O sacerdote olhou muito sério para o rapaz.

- Vocês vão precisar do poder ativo dos sacerdotes em sua caminhada, assim como suas mães precisaram. Não poderão fazer isso, sozinhos. Por isso o Ancião está nos indicando o caminho. Duas rotas. Duas missões distintas.

- Duas rotas? – Hulda balançou a cabeça com incredulidade. – O que quer

dizer?

- Os reis devem marchar, assim como a Sacerdotisa, para cumprir essa missão em Anatolya. Enquanto isso, as Oliveiras deverão seguir um caminho diferente pelo centro daquela terra – ele traçou com o dedo uma rota imaginária até uma enorme cadeia de altas montanhas. – Para as Montanhas de Arath.

Eva observou o contorno das montanhas no papel.

- E o que tem lá? – ela perguntou.

Áquila suspirou com os olhos úmidos.

- Foi de lá que eu vim, crianças. É o reduto dos sábios. O lugar onde os sacerdotes remanescentes, que não tiveram seus poderes aprisionados, encontraram segurança. Eles zelam pela Profecia e aguardam a chegada de vocês. Eles irão instruir vocês nos primeiros passos que deverão dar. Há muitas coisas com relação ao que vocês devem fazer que não são do meu conhecimento. A minha função será levá-los até lá em segurança.

Héber levantou-se.

- E quanto a Deborah e Jael? Como vamos saber onde se encontram?

Áquila deu um longo suspiro, buscando as palavras certas.

- Elas não estarão em seu caminho, disso estou certo. Elas entraram no portal criado por Jabim, que tinha o propósito de unir-se a Abadom. O lógico, penso eu, é que elas tenham vindo para cá – ele apontou para a terra que ficava ao ocidente do mapa. - Helladan. O reino de Abadom, propriamente dito. Uma terra hostil e perigosa para qualquer um que seja um seguidor da luz.

Barak levantou-se e ficou de frente para Héber.

- Héber, meu irmão, não pense que está sofrendo sozinho com isso tudo. Mas devemos confiar nas palavras do Ancião e procurar realizar nossa missão. Eu também quero encontrá-las mais do que tudo, no entanto, prometemos fazer o possível para que a missão de nossos filhos fosse cumprida como diz a Profecia. Eu falo isso porque sei o que Deborah diria se estivesse aqui.

Héber suspirou e baixou a cabeça.

- Jael faria o mesmo. Você tem razão, Barak.

Eles voltaram a sentar.

- Então, se já sabemos qual é a rota a seguir, devemos decidir quem vai – falou Barak.

Ele olhou para Tamar ao seu lado.

- Eu e Héber estaremos nessa missão e você, rainha Tamar, será a única a portar uma coroa e com capacidade de governar essa terra em nossa ausência. O Pai a dotou com a sabedoria dos antigos. E já que Aroer é a Cidade-Guardiã, eu lhe peço que guarde o Cetro da Luz até a nossa volta.

Tamar, apesar de surpresa pela responsabilidade que Barak lhe estava impondo, negou-lhe o último pedido.

- Não, rei Barak. O Cetro da Luz não deve sair da Cidade Dourada. É a única coisa que vai atestar a presença dos Tronos em Hedhen durante esse período. Mas, eu falarei com o meu conselho e se não for inconveniente para nenhum dos que aqui estão, eu aceitarei ser sua regente na Cidade Dourada, até que o rei e a rainha estejam de volta.

Barak sorriu e olhou em volta sondando a reação dos que ali estavam. Salum foi o primeiro a se posicionar.

- O trono da Cidade Dourada ficará muito bem assistido, disso eu tenho certeza. A rainha Tamar terá todo o apoio do templo.

- A Ordem Branca também estará a seu dispor, majestade – pronunciou-se Maalá.

- Assim como as amazonas – completou Eunice.

- Midani não fará objeção em acampar nas proximidades da Cidade Dourada – disse Itai. – Além disso, nossos pássaros serão úteis para observar a linha do Litoral e a estrada das caravanas.

Tamar fez uma leve inclinação de cabeça em agradecimento pela confiança depositada nela. Seu olhar, porém, demorou mais do que o necessário nos olhos negros e profundos de Itai. O rapaz lhe sorriu como se percebesse o que ela sentia.

- Bem, já que o problema do trono foi resolvido, eu sugiro que passemos a decidir os grupos que irão partir – falou Nathan. – Barak e Héber, a missão foi dada a vocês diretamente pelo Ancião. É óbvio também, pelo teor da tarefa que os aguarda, que Noa deve ir, na qualidade de Sacerdotisa de Hedhen, pronta a restaurar as chamas dos santuários profanados. Apenas ela pode fazer isso. Quem irá com vocês? Acredito que um sacerdote a mais será de extrema importância...

Héber sorriu.

- Está se candidatando, Nathan? Se estiver, será muito bem-vindo.

Nathan estufou o peito com orgulho.

- Nada me daria mais prazer, meu rapaz!

Barak olhou em volta e seus olhos se detiveram em Sangar.

- Não precisa me perguntar nada, Barak, Onde minha esposa for, eu irei. Além do mais, eu tenho certeza de que serei útil para lutar ao lado de vocês.

- A sua decisão me agrada muito, meu amigo – disse o rei.

Héber olhou para Sarah.

- Jael confia em você, Sarah. Eu também confio. Desde que assumiu a

liderança de Gades, você tem mostrado que possui todas as qualidades desse povo antigo. Gostaria que viesse conosco.

- Será uma honra, rei Héber – ela disse inclinando a cabeça.

Barak pousou o olhar nas duas comandantes de seu exército.

- Maalá, Eunice, eu tenho certeza de que vocês podem dispor de pessoas capacitadas para liderar o exército na sua ausência.

Eunice assentiu como se já esperasse a convocação.

- Mais uma vez estou pronta a segui-lo, meu rei.

Maalá, porém, ficou sem fala. Barak aguardava a sua resposta.

- Deseja mesmo que eu vá, senhor? Quero dizer...

- Sim, Maalá, eu quero que você venha conosco. Você demonstrou sua capacidade de liderança e seu fôlego imbatível, inúmeras vezes, enquanto guerreávamos na fronteira. Eu sei que Hogla, Milca e Tirza podem cuidar de tudo e dar o apoio que você prometeu à rainha Tamar.

- Se esse é o seu desejo, meu rei, eu irei!

Noa sorriu para a velha amiga com orgulho e satisfação. E pensar que um dia ela quis desistir...

- Joakim não está aqui, mas eu já o convoquei para integrar o grupo – falou Héber. - Ele será muito útil em combate, e já provou o seu valor.

Sarah tentou disfarçar a alegria que a notícia lhe causou. Áquila suspirou e virou-se para Davi e Eva.

- Acho que agora é a vez de vocês.

Todos os olhares se voltaram para os dois adolescentes que traziam no semblante o cansaço e o trauma de sua primeira batalha.

- Vocês terão a minha companhia, não apenas como guia, mas como preceptor – disse Áquila. – Pretendo continuar a instruí-los no caminho para as Montanhas de Arath.

- Eu também devo seguir vocês – pronunciou-se Hulda. – O título de “Portadora da Luz” aparece na Profecia unido à figura das duas Árvores. Então, isso me leva a crer que é ao lado de vocês que devo ficar.

Barak sentiu-se aliviado por saber que Hulda seguiria com eles.

- Já pensaram em quem vão levar? – ele perguntou. - Precisarão de um grupo de apoio, assim como nós.

Eva olhou para o pai com seriedade.

- Eu quero que Hagai e Hadassa venham conosco. Eu sei que ela não está em condições, no momento, de se pronunciar, mas eu sei que ficaria feliz em ser escolhida. Além disso, a seiva curadora fará o seu efeito e ela estará recuperada até o dia da viagem.

Áquila franziu o cenho.

- Como tem tanta certeza de que a viagem não será amanhã?

Ela olhou para Davi e o rapaz se pronunciou.

- Temos um assunto inacabado em Gades. Não poderemos partir antes de concluí-lo.

Áquila olhou para Barak, mas o rei lhe fez um sinal para esperar.

- Além de Hagai e Hadassa, quem mais fará parte desse grupo? – Héber perguntou.

- Pai, eu gostaria de levar Zacarias conosco – disse Davi. – Ele é um bom batedor e é meu amigo. Acho que vou precisar de um amigo no caminho.

Héber sorriu com aprovação.

- Rute e Rebeca também irão, pelo mesmo motivo de Zacarias – explicou Eva. – São boas guerreiras e velhas amigas. Precisamos confiar nas pessoas que nos acompanham.

- Eu gostaria de ir! – disse uma voz vinda do lado dos sacerdotes.

Era Zoar. O rapaz ergueu o braço e quase se pôs de pé.

- Há poucos sacerdotes na comitiva – ele justificou. – Áquila é de Nod e Hulda é uma profetiza. Eu, porém, apesar de jovem, tenho experiência com escudos e consigo compreender línguas estranhas. Acho que isso será útil.

- E quanto a sua irmã? – perguntou Otoniel. – Vai deixá-la sozinha? Aroer precisa de alguém no trono.

- Desculpe-me, senhor, mas eu não nasci para ocupar trono nenhum. Sou um sacerdote e exercer meus dons é tudo o que sei fazer.

Tamar pegou na mão do irmão. Ela sabia que havia outro motivo forte para tirar Zoar de sua vida confortável. A guerreira loura que arrebatara seu coração iria viajar ao seu lado. Mas ela também sabia que há muito tempo ele ansiava por uma oportunidade desse tipo. A exploração de novas culturas e o conhecimento esquecido dos sacerdotes do passado. Em Nod ele poderia ter os dois.

- Você pode ir, meu irmão. Tenho pessoas de confiança que podem cuidar do trono de Aroer. E quanto a ser assistida por um sacerdote, acredito que Salum e Otoniel, além da profetiza Miriam, me bastarão.

Zoar deu um beijo no rosto da irmã e olhou apreensivo para os príncipes.

- Será bem-vindo entre nós, Zoar – disse Davi.

Ficou, portanto, decidido que o grupo que seguiria para Anatolya seria composto por Barak, Héber, Nathan, Noa, Sangar, Sarah, Eunice, Maalá e Joakim. Nove pessoas ao todo. O grupo que seguiria para as Montanhas de Arath seria formado por Davi, Eva, Áquila, Hulda, Zoar, Zacarias, Rute,

Rebeca, Hagai e Hadassa. Dez pessoas no total.

Otoniel e Salum tomaram para si a função de escribas e registraram todas as decisões tomadas naquele conselho. Por fim, Barak olhou em volta e sorriu.

- Muitas pessoas morreram nessa guerra, Deborah e Jael não estão conosco, mas apesar disso, a paz retornou a Hedhen. Isso foi atestado pelo Ancião. Nossa terra pode prosperar novamente e recomeçar a partir dos estragos causados por Jabim. Isso alivia o coração de quem tem que partir para uma nova seqüência de lutas. Eu, pessoalmente, quero me empenhar para levar a Nod a mesma paz que foi plantada aqui.

Todos concordaram com o rei e fizeram um minuto de silêncio pelas vítimas daquela guerra. Áquila, após essa homenagem silenciosa, virou-se para Davi e Eva.

- Agora me expliquem o motivo de desejarem ir à Gades. O caminho de vocês é para o Litoral!

O rapaz tomou a palavra.

- Gades vem primeiro, Áquila. Um dia, quando ainda éramos pequenos, o Ancião nos encontrou naquela terra, de frente para o Lago Sagrado. Ele nos atraiu durante a noite e nos fez saber que deveríamos retornar, antes de partir para Nod. Suas palavras foram exatamente assim: *“Guardem o que vou lhes dizer dentro do coração. Vocês aprenderão com seus pais. Eles são sábios e serão seus mestres enquanto crescem. Durante esse tempo de preparação, a terra não sofrerá ameaças profundas, mas isso não quer dizer que elas não chegarão. O mal tentará dominar Hedhen novamente e batalhas eclodirão de muitas partes diferentes, no norte e no sul. Vocês experimentarão a guerra e enfrentarão seus medos. Quando isso acontecer, vocês estarão prontos para voltar aqui e mergulhar nessas águas. Será o sinal de que estão maduros e de que suas folhas estão tenras para a grande viagem que empreenderão”*. Lembro de cada palavra, como se ele as tivesse pronunciado ontem.

Eva olhou em volta.

- Alguém aqui acha que não estamos prontos?

Ninguém tomou uma atitude contrária. A moça sorriu e apertou a mão de Davi.

- Então, só nos resta ir à Gades tomar um banho.

Rute havia encontrado Zacarias quando os dois auxiliavam na busca pelos sobreviventes. O rapaz mancava de uma perna e ostentava um curativo mal feito, o que a fez arrastá-lo até um dos sacerdotes curadores. Enquanto eles estavam ali sentados, Rebeca lhes trouxe a notícia da convocação. Zacarias tentou levantar, mas Rute o impediu.

- Rebeca, você está nos dizendo que vamos para Nod?

- E com uma grande responsabilidade – respondeu a amiga. – Será nosso dever zelar pela segurança das Duas Oliveiras. Seremos sua guarda pessoal.

- Como se eles precisassem! – gracejou o rapaz.

Rute deu-lhe um safanão na cabeça.

- O que mais você soube, Rebeca?

O semblante da moça se agravou.

- Deborah e Jael estão perdidas em algum lugar de Nod. Ninguém sabe onde, e nenhuma das missões poderá fazer desvios para encontrá-las.

Dessa vez, Rute não conseguiu evitar que Zacarias se levantasse.

- Minha rainha Jael está perdida? E a rainha de Hedhen também? Isso não é o que eu consideraria uma vitória.

Rute nada respondeu de imediato, mas seu pensamento voltou-se para o passado. Lembrou-se de Deborah e de tudo o que aprendeu com ela. Ela e Jael jamais tomariam um caminho errado.

- Talvez Nod precise delas, assim como Hedhen precisou – ela disse. – O caminho delas pode ser diferente do nosso, porque talvez o Pai tenha reservado uma missão especial para elas também.

Ela olhou para os dois amigos e sorriu.

- E dessa vez, se nós pudermos fazer alguma coisa para restaurar a luz que foi perdida, nós o faremos. Estou pronta para ir para Nod, e quanto a vocês?

Rebeca pôs a mão no ombro da amiga.

- Concordo com cada palavra que disse, Rute. Eu e Zacarias, com certeza estamos prontos. No entanto, você pode contar com nosso apoio na difícil tarefa que tem pela frente.

Rute franziu as sobrancelhas em total confusão.

- Do que está falando?

- Você terá que escolher palavras tão bonitas assim, para convencer sua mãe.

Capítulo 46

O Caminho de Volta

Eles deixaram o Vale da Profecia para trás, após purificarem o seu solo retirando os corpos e queimando-os do lado de fora da “ferradura”. Seguiram para o norte e ultrapassaram a fronteira no caminho que vai para Aroer. Antes de seguir em frente atravessando o rio, eles fizeram, a pedido dos sacerdotes, uma homenagem aos homens e mulheres que caíram em batalha e que não voltariam a cruzar aquele rio.

Os reis e líderes, entre sacerdotes e guerreiros, acompanharam a rainha Tamar e seu séquito até Aroer. Lá, naquela cidade antiga e poderosa, houve uma reunião com o Conselho a respeito da temporária troca de poderes, enquanto a rainha fosse ocupar, como regente, o trono da Cidade Dourada. Jethro, o mais antigo e destacado membro do Conselho, lembrou a todos a importância que deveria ser dada a uma Profecia verdadeira, como vinha a ser a de Nod. Os conselheiros apoiaram a atitude da rainha e decidiram por unanimidade que a ajudariam, quando fosse chegada a hora da troca de poder.

A tentativa mal-sucedida de Jabim deixou muitos corações temerosos de que a força dos Tronos pudesse vacilar. Barak temia a reação do povo diante da falta de Deborah e ansiava pela volta. Salum, percebendo isso, interpelou o rei enquanto este caminhava pelas muralhas de Aroer. Barak seguia de cabeça baixa e mãos nas costas. Ele percebeu a proximidade do sacerdote e parou.

- Salum, deseja falar comigo? – ele perguntou sem se voltar.

- Gostaria de ter o poder de aliviar o fardo que carrega, meu filho.

Barak voltou-se com as sobrancelhas arqueadas. Salum nunca lhe chamara de “filho” antes, muito embora ele conhecesse a afeição que o sacerdote tinha por ele.

- Acho que sofro antecipadamente. Deborah sempre tinha uma palavra para fazer a ansiedade sumir. Eu simplesmente não sei o que fazer quando voltar a Cidade Dourada. O povo irá perceber a falta dela e eu... não saberei o que dizer.

- Não tem que se preocupar com isso agora. O seu caminho é seguir em frente, direto para Gades. Deixe o povo comigo. Passarei por Shilloh e pedirei o apoio profético de Ana e Simeão. Miriam também estará ao meu lado, não se preocupe.

Barak encarou o amigo.

- O que pretende dizer ao povo, Salum?

- A verdade. Hedhen está totalmente livre do mal, mas uma Profecia exige a libertação de Nod. Falarei sobre isso e exporei a verdade sobre essa terra que ninguém conhecia. Deborah e Jael seguiram para lá, com o firme propósito de cumprir uma ordem que lhes foi dada pelo Ancião.

Barak sorriu.

- Isso não seria mentir?

- Não estou mentindo! Elas cumpriram as palavras do Ancião, ao escolherem o próprio caminho, não foi? Isso deixará o povo preparado para a ausência da rainha, e para a breve partida do rei. Quando voltarem de Gades, você poderá lhes contar sobre a troca de poder com a rainha Tamar. Eles estarão prontos para ouvir, eu lhe garanto.

Barak abraçou o sacerdote.

- O que eu faria sem você, Salum?

- Eu só quero que essa viagem seja boa para você, rapaz. Sua esposa sempre soube retirar o melhor de Gades. Talvez você deva aproveitar para fazer o mesmo.

Salum se retirou, deixando-o sozinho novamente. Era fim de tarde. O pôr-do-sol era um espetáculo visto daqueles muros dourados. Ele encostou-se ao parapeito e, então percebeu que havia alguém ao seu lado. Era Eva. Ele observou que a filha estava mais alta.

- Não percebi sua chegada – ele falou sorrindo.

- O sol prende sua atenção – ela respondeu. – Quando eu era pequena, achava que ele brilhava através de seus olhos.

- Ainda acha isso?

Ela passou a mão pelo rosto do pai.

- A tristeza não apagou a chama do sol que existe dentro de você, pai. Não vai apagar nunca.

Eles se abraçaram. Barak apertou a filha com força entre seus braços.

- Eu gostaria que nossos caminhos em Nod fossem os mesmos – ele falou.

- Acho que devo trilhar meu próprio caminho, pai. Foi assim com minha mãe, e foi assim com você. Mas estaremos todos juntos em Nod. Eu, você... e ela! Confio no Grande Pai e sei que no devido tempo, ele unirá nossos caminhos em um só novamente.

- Você está certa, Eva. Há uma Profecia a ser cumprida, e muito trabalho a ser feito. Confiar no Pai nunca nos levou para o lugar errado.

Eles deram-se as mãos enquanto o sol espalhava seus raios poentes entre as pedras de Aroer. Barak emocionou-se.

- A luz voltou para Hedhen. Nossa terra está salva e, se depender de nós, essa mesma luz atravessará o oceano.

Eva apertou sua mão em concordância.

A partida de Aroer se deu no dia seguinte. Tamar e Zoar aguardariam na Cidade-Guardiã, até receber notícias da volta de Barak para a Cidade Dourada. Eles prosseguiram em linha reta, passando por aldeias que os saudavam com flores e gritos de júbilo. Ao chegarem a uma bifurcação da estrada, Salum, a Ordem e as amazonas, tomaram o caminho da Cidade Dourada. Aqueles que tinham vindo da Ilha dos Profetas, também tomaram o mesmo caminho, pois o seu destino para o oeste os levaria direto ao Litoral.

O grupo ficava menor, na medida em que avançavam. Os sacerdotes das Cavernas do Sal e aqueles que deveriam tomar o caminho para Babilos,

incluindo Otoniel, foram os seguintes a se separar. Hagai acompanhou um grupo de sacerdotes curadores que levavam cuidadosamente Hadassa deitada em uma carroça. Nas Cavernas do Sal, ela estaria nas mãos de homens experimentados na arte da cura. Jael fora curada naquele mesmo lugar de um veneno mortal. Nathan insistiu em acompanhar o rei e seu séquito até Gades, portanto coube a Otoniel colocar em ordem a Cidade do Saber. Midani despediu-se um pouco mais na frente. Itai, porém, garantiu a Barak que mudaria o seu povo para as proximidades da Cidade Dourada quando chegasse a hora. A rainha Tamar ficaria bem assistida, se dependesse dele.

As altas árvores que anunciavam a aproximação da Floresta de Quedes, já podiam ser vistas no horizonte. Sangar e Noa trocaram um olhar cheio de emoção. Estavam voltando para casa. Ela evitava o olhar de Áquila, pois o sacerdote fazia questão de lembrá-la que o seu dever como Sacerdotisa devia vir em primeiro lugar. A sua estada em Quedes, portanto, não seria longa. Ela, porém, não queria prender-se a esse pensamento. Ela e Sangar aproveitariam o tempo que tivessem, junto ao seu povo.

Héber parou o cavalo ao lado de Joakim. O rapaz cavalgava ao lado de Sarah e, pelo olhar do casal, o rei de Hazorah soube que algo havia acontecido. “Finalmente!”, ele pensou com um sorriso.

- Joakim, eu gostaria que você voltasse para Hazorah junto com os Queneus. Verifique junto a Naor quais são as necessidades do povo. Não é meu desejo negligenciá-los, mas devo prosseguir até Gades.

- Eu entendo, majestade. Deseja colocar a casa em ordem antes de partir para Nod, não é?

Héber sorriu e balançou a cabeça.

- É isso mesmo. Agora, meu amigo, eu devo lhe fazer um pedido. Chame-me de Héber. Seremos companheiros nessa viagem e não quero ser o portador de nenhum título.

Joakim concordou com um aceno. Antes de se afastar para cumprir as ordens, ele aproximou o seu cavalo do cavalo de Sarah. Os dois trocaram um beijo suave e intenso. Ele sorriu para ela.

- Contarei os dias para vê-la de novo – ele falou.

- Estaremos tão próximos que você enjoará de mim! – ela brincou.

Sob a liderança de Joakim, os Queneus tomaram o rumo de Hazorah. A comitiva continuou em frente, direto para a floresta escura que aumentava de tamanho a cada quilômetro que avançavam.

Em Quedes, aqueles que ficaram os saudaram como heróis. Sangar e Noa

desmontaram no centro da aldeia recém-construída. Ela sentiu os olhos se encherem de lágrimas ao ver duas cabeleiras ruivas correndo em sua direção. Ela ajoelhou-se para receber os abraços dos filhos. O menino, Caio, apertava seu pescoço sem dar espaço para a irmã, Cloé. Noa teve que envolver a filha com um dos braços e aproximá-la de si. Sangar deixou que ela desfrutasse do conforto desse encontro o máximo que pudesse, pois sabia o combate interior que ela enfrentava. A divisão entre a Noa-mãe-esposa-líder do povo da floresta, e o dever da Noa-sacerdotisa, que logo tomaria o controle de sua vida. Só depois de muitos beijos e choros, ele aproximou-se para ter o seu momento com os filhos.

Eva sorriu com lágrimas nos olhos ao ver a cena. Ela teve inveja daquelas crianças, por elas estarem tendo a chance de abraçar e de sentir a presença de sua querida mãe. Ela sentiu a mão de Davi apertar a sua. Ao olhar para ele, ela percebeu que o rapaz também chorava.

- Logo estaremos sentindo a mesma alegria dessas crianças, Eva.

- Eu sei, Davi. Eu só me pergunto o quanto vai demorar?

Barak, que se encontrava um pouco atrás, ao lado de Héber, ergueu a cabeça e viu o velho que se aproximava apoiado em um bastão. Ele soltou as rédeas e correu até Abinoão.

- Meu pai! – ele sussurrou com um sorriso.

O velho tateou o rosto do rei com as mãos trêmulas.

- Meu filho! – ele exclamou.

Os dois se abraçaram por um longo tempo. Héber baixou a cabeça, desolado. Parece que Quedes era um lugar reservado para os reencontros, afinal. De repente, ele viu uma grande sombra passar por entre as árvores e parar na entrada da clareira. Os outros também viram e se assustaram. Davi foi o único a dar um passo a frente com um ar perplexo no rosto. Um gigante o fitava com admiração.

- Golan? É mesmo você?

O gigante sorriu desajeitadamente. Sangar virou-se para Abinoão, e o velho pigarreou.

- Depois que vocês partiram e nós começamos os trabalhos de restauração das aldeias, alguns gigantes surgiram do Grande Deserto. Eles queriam se desculpar pela atitude má que tomaram e pediram para ajudar na reconstrução. Segundo Golan, quando o poder das pedras-monumento perdeu o seu efeito sobre eles, a razão voltou as suas mentes. Eles perceberam o quanto foram enganados pelo rei-feiticeiro e juraram lealdade aos Tronos.

Em resposta as palavras de Abinoão, Golan ajoelhou-se e curvou a cabeça

diante de Barak, cuja boca permanecia aberta de espanto.

- Os Filhos de Ogue desejam ser leais aos Tronos e lutar para manter a paz dessa terra, meu senhor – disse o gigante.

- Como posso acreditar que fala a verdade? Os gigantes sempre foram seres belicosos, ávidos por derramar sangue.

Golan fez um gesto abrangendo toda a clareira.

- Pergunte a qualquer um deles, meu senhor. Caso não seja o suficiente, o homem, de barba branca e capuz, nos mandou dizer que testemunha a nosso favor.

Barak trocou um rápido olhar com Héber. O Ancião!

- Os Tronos aceitam sua lealdade, Golan. Seja bem-vindo ao nosso meio, você e o seu povo.

O gigante sorriu satisfeito e levantou-se. Davi chegou mais perto.

- Eu não tive tempo de lhe agradecer como devia, Golan. Salvou a minha vida naquela arena.

Golan curvou a cabeça.

- É um grande guerreiro que vejo diante de mim. Sinto-me honrado de ter perdido a luta para alguém de coração tão nobre.

- Eu gostaria de conversar mais com você, amigo – Davi estava entusiasmado.

- Preciso consertar uma ponte. Se quiser, pode me seguir.

Davi e Eva seguiram Golan para dentro da floresta.

Naquela noite, em Quedes, houve festa. Uma grande fogueira foi acesa no meio da clareira que abrigava o centro da aldeia principal. A carne, trazida pelos caçadores, assava e enchia o ar com um aroma que fazia as bocas salivarem. Sangar mantinha Caio sentado em sua perna, enquanto Cloé aninhava-se sonolenta no colo de Noa. Eva e Davi tentavam acompanhar as danças engraçadas que os caçadores inventavam na hora. Barak observava tudo com os braços cruzados, encostado a uma árvore. Héber aproximou-se.

- Eles estão certos – ele falou apontando para os adolescentes.

- Sobre o quê? – Barak perguntou um tanto quanto distraído.

- Eles sentem o que nós sentimos, mas não permitem que a tristeza os esmague. Apenas seguem em frente, esperançosos pelo futuro. Acho que é isso que devemos fazer.

Barak o encarou.

- Reconheço que não tenho feito muitas tentativas.

Héber sorriu.

- Nem eu.

Após um momento ele voltou a falar.

- Sabe o que eu sempre admirei em Jael? A sua capacidade de perseguir seus objetivos, sem se importar com o que pudesse acontecer. Eu sei que, seja lá onde ela estiver agora, não estará parada, chorando. Ela é uma guerreira, e lutará com tudo o que tem para cumprir a promessa que fez de ajudar Davi em sua missão.

Barak o olhava com interesse.

- Eu também conheço Deborah o suficiente para saber que ela faria o mesmo. Estou certo?

- Sim, você está – respondeu Barak. – Mas, aonde exatamente você quer chegar?

- Em breve, todos nós estaremos reunidos no mesmo lugar, rumando para direções opostas. Elas estarão lá, exatamente onde estariam se não tivessem sido tragadas por aquele portal antes da hora.

- Está me dizendo que...

- Barak, eu tenho pensado nisso durante toda essa viagem. Se elas não tivessem ido para Nod através do portal, estariam partindo conosco na direção de Anatolya. Isso quer dizer que, mais cedo ou mais tarde, nossos caminhos irão se cruzar. Elas darão um jeito de nos encontrar.

- Como elas saberão para onde devem ir?

Héber voltou a sorrir.

- Como sempre souberam de tudo antes de nós.

- Elas não possuem seus poderes de Luminas – lembrou-lhe Barak.

- Mas não perderam a intuição e a inteligência. Isso faz parte do que elas são como pessoas, independente de qualquer Profecia.

Barak sorriu e pousou a mão no ombro do amigo.

- Héber, eu começo a sentir que há esperança. Suas palavras me renovaram. Você tem razão, meu irmão. Elas irão nos encontrar.

- Agora que eu consegui fazer você sorrir, venha comigo e vamos atacar um belo pedaço de carne. Esse cheiro está me pondo louco!

Noa depositou a filha adormecida sobre a cama. A nova casa havia sido construída com mais conforto que a anterior. As casas de Quedes eram feitas com madeira bruta, trabalhada apenas o suficiente para formar um padrão adequado para uma parede. Entre uma madeira e outra, grandes brechas se abriam para permitir o ar entrar. Além do ar, havia também o som da água corrente. O rio corria a poucos metros daquela clareira. Noa cobriu a menina e deu-lhe um beijo no rosto. Cloé era uma cópia fiel da mãe. A diferença estava apenas no tom do cabelo. O da menina lembrava o fogo, enquanto que o da

mulher lembrava a terra. Sangar entrou logo em seguida, trazendo o pequeno Caio nos braços.

- Ele caiu em sono profundo – ele sussurrou com um sorriso.

Noa afastou-se.

- Ponha-o aqui. Ele gosta de ouvir o som do rio.

Sangar o depositou ao lado de Cloé. Em seguida, deu um beijo na testa do filho e se ergueu, abraçando a esposa.

- Eu gostaria que pudéssemos levar água do poço das visões para Nod. Não queria que nossos filhos crescessem sem a nossa presença.

Noa sorriu.

- Não demoraremos tanto assim.

- Como pode ter certeza disso?

- Eu sinto. Não sei se faz parte do dom de sacerdotisa ou se é apenas intuição de mãe, mas é um sentimento muito forte. Eles não terão tempo de nos esquecer, Sangar.

- Acredito em você – ele a beijou com suavidade. – Agora, venha comigo. Há algo que precisamos falar com Barak e Héber. Eles desejam partir para Gades amanhã.

- Por que tão cedo?

- Eles têm os seus motivos para ter pressa.

Noa baixou a cabeça e suspirou.

- Sim, você tem razão, Sangar. Vamos falar com eles.

Antes de sair, ele a beijou mais uma vez, dessa vez com paixão, deixando-a sem fôlego.

- Ainda essa noite, eu a tomarei em meus braços, Noa. E não quero me apressar.

Ela sorriu com um brilho no olhar.

- Que bom, meu querido, porque eu não tenho a menor intenção de apressar o tempo.

Lá fora, Barak, Héber e Hulda mantinham-se aquecidos diante da fogueira. Sangar e Noa se aproximaram.

- Sangar me contou que a partida para Gades será amanhã, é verdade?

Barak levantou-se.

- Sim, Noa, é verdade. Não há porque esperar mais tempo. Davi e Eva estão ansiosos por chegar. Eles parecem estar escutando algum tipo de chamado.

- Não duvido que estejam – comentou Hulda. – O Pai lhes fala ao coração desde o início. Não acho certo questioná-los.

Noa concordou.

- Se eles sentem a urgência, então é hora de partir. A que horas devemos estar prontos?

Barak e Héber se entreolharam com um sorriso. O rei olhou ternamente para o casal de amigos e sorriu.

- Nós partiremos cedo, Noa. Vocês devem ficar. Olhem em volta! Estão em casa e precisam aproveitar isso ao máximo. Fiquem e deixem a sua casa preparada para o dia em que o chamado da Cidade Dourada chegar. Nesse dia, vocês deverão ir, porque será chegada a hora de Nod.

Ele pôs a mão sobre o ombro de Sangar.

- Ame sua esposa e passe o maior tempo possível com seus filhos. Esqueçam a guerra e descansem ao abrigo dessa floresta, que durante tantos anos foi também o meu lar. Lembra-se de como me chamou no dia em que nos encontramos, Sangar?

- Eu o chamei de “Filho da Floresta de Quedes” – Sangar respondeu com a voz embargada.

- Esse título agora é seu.

Ele virou-se para Noa.

- E quanto a você, Noa, eu lhe asseguro que terá muito tempo, no futuro, para ser uma sacerdotisa. No momento, entretanto, o que eu lhe peço é que seja apenas Noa, e não se preocupe com mais nada.

Ela o abraçou com os olhos úmidos.

- Obrigada – foi tudo o que conseguiu dizer.

O rei se recompôs e olhou em volta.

- Eu agora vou procurar o meu pai. Ainda não matei a saudade daquela velha rocha. Sei que precisarei de seus conselhos. Se me derem licença...

Ele se afastou em direção ao rio. Sangar tomou a mão da esposa e ela entendeu o apelo em seu olhar. Com uma despedida, eles se voltaram para a casa que os aguardava... Sem pressa.

Epílogo

De Volta ao Lago Sagrado

O navio afastava-se lentamente do porto solitário, antigamente conhecido como um cemitério de navios. Após a descoberta do abrigo dos piratas mercenários, as tropas de Jopim haviam limpado aquela área, mas também a haviam esquecido, certos de que a ameaça de pirataria não pairava mais sobre eles. Foi lá, diante do velho farol, que o navio que trouxera os quatro magos de Nod aportara, após cruzar o portal. O mesmo navio que agora tomava o rumo

do alto-mar.

Leukós e Thánatos, já recuperados de seus ferimentos, observavam os contornos da terra abençoada de Hedhen. Sim, ela continuava sendo uma terra abençoada. Foi infrutífera a tentativa de derrubar o poder dos Tronos. E agora, aquela luz ameaçadora, após ter demonstrado o seu poder, estava pronta para conquistar Nod. Os dois magos sabiam que deveriam de início, enfrentar a ira de seu senhor. Abadom era terrível em sua ira gelada. A única coisa que poderia manter os Quatro Juízes vivos, era a esperança de arrebatrar uma parte do poder de Hedhen, eliminando as duas Luminasres que se encontravam perdidas em suas terras. No momento, elas estavam sem o poder de sua luz, mas segundo a Profecia, este poder seria recuperado. Antes que isso acontecesse, elas deveriam ser encontradas. A Profecia de Nod não poderia se cumprir sem elas.

- O que você sabe sobre a Profecia de Nod, Leukós? – perguntou Thánatos.

- Ela prediz que a luz será derramada sobre a nossa terra, partindo de uma terra distante. Uma terra de bem-aventurança.

Ele indicou com um gesto de cabeça a terra que se afastava. No rosto ele ostentava um sorriso amargo.

- E como essa luz irá chegar?

Leukós suspirou.

- A Profecia é um assunto complexo. Ela pode chegar a Nod por vários meios, mas um deles será letal para nós. Se este meio for usado, será difícil conter sua proliferação.

- E qual será? Algum exército composto de luz? Imagino que o rei solar daquela terra queira empunhar seu cetro contra nós.

- Um exército de luz seria algo no mínimo assombroso de se ver, mas de nada adiantaria aos olhos de um povo que não o compreendesse.

Thánatos estava confuso.

- Então, como...

- O povo precisaria acreditar que a luz existe, para que esse exército do qual falou tivesse alguma força.

Como Thánatos permanecia em silêncio, Leukós deu um suspiro e continuou.

- Esse será o meio letal da luz ser propagada. Uma vez acordando o povo adormecido, será difícil conter a disseminação do poder da luz.

- Você acha que Deborah e Jael encontrarão esse caminho?

Leukós apertou os próprios punhos.

- Não. Os instrumentos dessa propagação serão outros. No entanto,

devemos impedir que elas se encontrem no meio do povo, quando isso acontecer. Já pensou no que o povo iria pensar, após ouvir a mensagem e ver a luz manifesta entre eles?

- Eles acreditariam!

- E a luz venceria.

Eles se calaram e continuaram observando até que a costa de Hedhen tornou-se um fino risco no horizonte.

Gades continuava uma terra de sonhos. Batalhas iam e vinham, mas aquela terra continuava de pé, intocada. O exército comandado por Sarah foi saudado pelo Conselho e em seguida dispersado para suas casas. Gades era assim. O valor que davam a vida era maior do que qualquer outra coisa. A maior homenagem que tais guerreiros podiam almejar era o reencontro com suas famílias.

Seth recebeu Barak, Héber, Davi, Eva, Hulda, Nathan e Áquila em um conselho particular. Lá, ele recebeu as notícias da guerra, da vitória e do desfecho de tudo. O velho conselheiro, com uma lágrima a escorrer pela face, lamentou o que tinha acontecido com Deborah e Jael.

- Eu admiro o zelo que aquelas duas possuem por tudo o que é bom – ele falou tremulamente. – Um dia, eu tive o prazer de conhecer esse zelo, enquanto cresciam. Apesar dos erros cometidos na infância e na adolescência, elas queriam sempre aprender mais e mais, se superando a cada erro. Deborah frustrava-se fácil, por não se sentir capaz do título que ostentava. Ela não conseguia se ver como herdeira de nada. Muitos de nossos instrutores concordavam com ela.

- Minha mãe era assim? – Eva não conteve a curiosidade. – Eu sempre achei que a sabedoria a acompanhasse desde o berço. Não consigo imaginá-la cometendo erros.

Seth sorriu.

- A sabedoria estava com ela, minha criança. Foi essa sabedoria que a tornou uma pessoa humilde para errar e aprender com os erros. E também para superá-los.

- E quanto a minha mãe, senhor? – Davi estava ansioso. – Poderia falar sobre como ela era?

O velho olhou para o rapaz com os olhos ternos.

- Você tem sangue de Gades em suas veias, meu filho. Sabia disso?

Davi assentiu com um gesto de cabeça.

- Jael deu muito trabalho a nossos instrutores, mas diferente de Deborah. Ela tinha um espírito livre demais! Gostava de fugir das obrigações e sair pela

natureza, caçando, explorando bosques e colinas. Muitas vezes ela convencia Deborah a ir junto. Os castigos não adiantavam muito.

- Castigos? – Davi arregalou os olhos. – Que tipo de castigos?

Seth ergueu as mãos.

- Não do tipo que está pensando, posso garantir. Nós não admitimos castigos corporais em Gades. Ela simplesmente tinha que passar a semana ajudando na cozinha, ou na escola, ensinando as crianças a serem obedientes.

- Pareciam castigos justos – Héber falou. – Por que não adiantavam?

- Porque com Jael era preciso ter paciência!

Hulda e Nathan não contiveram os sorrisos.

- Ela precisou de tempo para perceber que a obediência era algo importante no aprendizado de uma criança. O respeito que os pequenos passaram a ter por ela na escola refletiu em seu caráter. Ela não poderia ser menos do que eles eram.

Davi sorriu agradecido. Ele gostou de ter ouvido sobre o tempo em que a mãe era como ele. Após a reunião com Seth, eles ficaram livres para caminhar pelas colinas verdes e pelos vales cheios de cachoeiras. Barak e Héber continuaram com Seth. Ambos haviam aprendido a respeitar as palavras dos sábios, e Seth era exatamente isso, um sábio.

Áquila mal continha o fôlego ao observar as maravilhas daquela terra. De cima de um monte, ele, Nathan e Hulda, admiravam o pôr-do-sol lançando um colorido avermelhado no céu, em contraste com o verde intenso dos vales. Era um verde que fazia o deleite dos olhos. Ele, enquanto sacerdote, e mesmo em suas andanças pela imensidão da terra de Nod, jamais havia visto algo tão belo.

- Existe um escudo que protege esse lugar – ele comentou. – Eu tenho certeza. Gades permanece como uma terra intocada pelo mal, se é que isso é possível.

- Às vezes, meu amigo, o esquecimento age como um escudo – disse Nathan. – Foi assim também com Shilloh. Quando o bem não se ergue contra o mal, ele se torna inútil, enquanto ameaça. Quando isso acontece, o esquecimento é o caminho.

Hulda sentiu o calor que emanava de sua bolsa de viagem. Ela não se desvencilhava daquele artigo desde que pusera a esfera de luz em seu interior. Com uma das mãos, ela retirou o objeto. A esfera diminuía de tamanho, mas sua luz ficava cada vez mais intensa.

- O que estará acontecendo? – ela perguntou com preocupação. – Por que está diminuindo?

Os três observaram a esfera encolher até ficar do tamanho de uma pérola.

Hulda podia sentir-lhe o peso sólido e o calor que emanava. Áquila sorriu.

- Talvez a esfera tenha encontrado uma forma prática de ser carregada. Se você chegar a Nod sem tirar essa bolsa de viagem nem para dormir, acabará chamando muita atenção para si.

Nathan sorriu em concordância. Ele meteu a mão dentro da túnica e esvaziou o conteúdo que trazia dentro de um pequeno saquinho de couro.

- São apenas velhas sementes que servem para mastigar no caminho – ele se viu obrigado a explicar diante dos olhares curiosos. - Uma maneira de enganar a fome. Posso consegui-las em qualquer lugar de Hedhen, inclusive aqui.

Passando um cordão através das duas pequenas argolas que pendiam da boca do saquinho, ele o estendeu para Hulda.

- Acho que caberá a pérola de luz – ele disse. – E será mais discreto para carregar.

A profetiza sorriu e aceitou o presente, colocando a pérola em seu interior, após depositar um beijo em sua superfície quente e pulsante de luz. Em seguida, ela atou o cordão ao pescoço, escondendo o pendente por dentro da túnica.

- Será um bom lugar para carregá-las – para Hulda, as luzes que estavam na pérola, eram uma parcela da vida de Deborah e Jael, e significavam sua presença, mesmo que de forma indireta. - Ao lado do coração.

Davi e Eva aguardaram o sol descer no horizonte. Quando a noite chegasse, eles sabiam para onde teriam que ir. Não precisavam aguardar nenhum chamado, pois este encontro já havia sido marcado. Ele estaria lá, esperando por eles.

Quando a noite chegou, eles saíram da aldeia em silêncio. Héber os viu partir e quis segui-los, mas Barak o impediu.

- Esse é um momento deles, meu irmão.

- Olhe em volta, Barak – ele pediu. – Ninguém parece ter notado a saída deles, a não ser nós dois. Quando isso aconteceu com Deborah e Jael, Hulda foi chamada para ser uma testemunha. Não sente o impulso de ir?

Barak sentia, mas havia tentado ignorar, pois achava que não passasse de um simples desejo de estar perto da filha. No entanto, seus pés pareciam estar sendo atraídos pelo mesmo caminho. Ele trocou um olhar com Héber e num silencioso acordo, eles se puseram a caminho.

Era uma longa caminhada até o Lago Sagrado. Davi seguia, puxando Eva pela mão, muito embora “puxar” não fosse o termo adequado. Ela caminhava

ao seu lado com a mesma energia que ele. O que mantinha a mão dela na sua era o prazer de sentir o seu toque, percebendo o fluir da seiva em suas veias. Quando eles chegaram ao topo do monte que se abria para o vale do Lago Sagrado, ele parou e virou-se para ela. No céu, uma meia lua arrebatadoramente brilhante era seguida de perto por uma estrela de brilho intenso. Suas luzes se refletiam sobre as águas do lago. Eva ergueu a cabeça e olhou para Davi. Seus corações batiam rápido. Ela tocou em seu peito e sentiu o ritmo alucinante. Ele fez o mesmo. Um só coração. Ambos aproximaram seus rostos ao mesmo tempo, seus lábios se tocando com suavidade. A suavidade do início deu lugar ao desejo de um beijo mais intenso. Davi a enlaçou em seus braços e se deixou perder naquele momento mágico. Eva mantinha as duas mãos segurando o rosto dele de encontro ao seu. Quando se separaram, Davi a abraçou forte.

- Um dia você será minha esposa, Eva. Eu não apenas sinto isso, mas posso ver com uma nitidez que não consigo explicar.

Ela sorriu.

- Não preciso ter o seu dom para saber que o que disse vai se realizar.

- Vai ser difícil esperar tudo isso acabar, mas pelo menos estaremos juntos em cada passo do caminho.

- Eu já disse o quanto amo você, Davi?

Ele sorriu e a beijou novamente.

- O meu coração sente o seu – ele sussurrou. – Isso é mais forte que as palavras. No entanto, eu gosto de ouvi-las. Por isso, Eva, eu digo que também amo você.

Os dois se viraram para o lago e viram a silhueta do Ancião aguardando por eles. O homem ergueu a mão e os chamou. Em silêncio, eles desceram para se encontrar com ele.

Héber e Barak chegaram no alto do monte e encontraram Hulda. A profetiza mantinha uma pequena pérola nas mãos, cuja luz brilhava com intensidade. Ela sorriu ao vê-los.

- Então, vocês também foram atraídos para cá?

Barak observou a pequena pérola com curiosidade.

- Esta é...

- Esta *era* a esfera – ela falou. – Apesar do tamanho, a luz continua com a mesma intensidade.

Eles olharam para baixo e viram Davi e Eva conversando com o Ancião. Ele parecia estar lhes dando instruções, preparando-os para o caminho que iriam tomar. Héber olhou para o céu e sorriu ao ver a lua e a estrela.

- Somos testemunhas de nossos filhos – ele comentou.
- Exatamente como deveria ser desde o início – confirmou Barak.
- Eu já tive a oportunidade de ser testemunha de um momento parecido com este – disse Hulda. – Agora, como Portadora da Luz, minha função é outra. Os Tronos, todos eles, devem presenciar esse momento.

Ela se colocou entre os dois e ergueu a mão com a pérola de luz. Esta brilhou oscilando entre a luz branca e a prateada. Barak e Héber puseram ambas as mãos sobre os ombros da profetiza.

Lá embaixo, os adolescentes ajoelharam-se e o Ancião pôs as mãos sobre suas cabeças. Eles se ergueram e, de mãos dadas, começaram a entrar no Lago Sagrado. Quando a água chegou-lhes a cintura, eles pararam e mergulharam. Quando se ergueram, um milagre aconteceu. Na margem do lago, de frente para eles, duas mudas de oliveira surgiram e foram crescendo diante de seus olhos maravilhados, entrelaçando os troncos, fundindo-se em uma única árvore. As folhas brilhavam sob a luz prateada dos astros noturnos. Era as maiores oliveiras que qualquer um deles já vira. Seus galhos retorcidos avançaram por sobre o lago, detendo-se sobre eles. De suas folhas caíram pingos de azeite sobre a cabeça de cada um.

Davi e Eva fecharam os olhos e deixaram-se preencher com aquele azeite puro. Os dedos entrelaçados como os troncos das árvores, uniam os dois numa mesma visão. A visão de Nod se fez real para eles. As Árvores Sagradas de Nod, as Duas Oliveiras da Profecia acabavam de receber a unção sagrada. Estavam prontos para partir.

FIM

